

**GILSON SOUTO MAIOR**

**HISTÓRIA  
DA IMPRENSA  
NA PARAÍBA**

JORNAIS E REVISTAS





## **Universidade Estadual da Paraíba**

Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz (*Reitora*)

Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca (*Vice-Reitora*)



## **Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (*UEPB*)

Alberto Soares de Melo (*UEPB*)

Antonio Roberto Faustino da Costa (*UEPB*)

José Etham de Lucena Barbosa (*UEPB*)

José Luciano Albino Barbosa (*UEPB*)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (*UEPB*)

Patrícia Cristina de Aragão (*UEPB*)

### **Expediente EDUEPB**

Erick Ferreira Cabral (*Design Gráfico e Editoração*)

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes (*Design Gráfico e Editoração*)

Leonardo Ramos Araujo (*Design Gráfico e Editoração*)

Elizete Amaral de Medeiros (*Revisão Linguística*)

Antonio de Brito Freire (*Revisão Linguística*)

Danielle Correia Gomes (*Divulgação*)

Efigênio Moura (*Comunicação*)

Thaise Cabral Arruda (*Assessoria Técnica*)

Walter Vasconcelos (*Assessoria Técnica*)



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Editora filiada a ABEU**

## **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

**Gilson Souto Maior**

# **História da Imprensa na Paraíba**

Livros e Revistas



Campina Grande-PB | 2023



João Azevêdo Lins Filho | *Governador*  
Lucas Ribeiro | *Vice-governador*  
Nonato Bandeira | *Secretário de Comunicação Institucional*



Naná Garcez | *Diretora Presidente*  
William Costa | *Diretor de Mídia Impressa*  
Rui Leitão | *Diretor de Rádio e TV*  
Amanda Lacerda | *Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas*



Alexandre Macedo | *Gerente Executivo da Editora*  
Bevenuta Sales | *Revisão*  
Joana Araújo | *Normalização*

#### **GRÁFICA A UNIÃO**

Nilton Tavares | *Gerente Executivo de Produção Gráfica*  
Marcio Oza | *Gerente Operacional de Artes Gráficas*  
Gráfica A União | *Impressão*

M227h    **Maior, Gilson Souto.**  
**História da imprensa na Paraíba : livros e revistas / Gilson Souto Maior. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.**  
**506 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 6,4 MB.**

ISBN: 978-85-7879-698-3 (E-book)  
ISBN: 978-85-7879-697-6 (Impresso)

1. História da imprensa – Paraíba. 2. Imprensa da Paraíba. 3. Jornalismo paraibano. I. Maior, Gilson Souto. II. Título.

21. ed. CDD 070

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © **EDUEPB**

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*



# Prefácio



Prof. Francelino Soares (\*)

Quando indiquei o grande amigo Gilson Souto Maior para fazer parte da incipiente Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL –, eu já sabia dos seus dons e de sua vinculação a três aspectos que sempre estiveram presentes na sua e na minha trajetória: ele é um jornalista/radialista/professor dedicado à sua missão desde muito tempo; é um pesquisador sobre as coisas que nos parecem relevantes e, por fim, é um amante das terras paraibanas, como também eu o sou.

Em Cajazeiras, meu tão amado e decantado berço natal, Gilson ratificou o seu nome na radiofonia levado que foi pelo nosso amigo comum José Adegildes Bastos, cuja Cadeira de no. 25 da ACAL ele hoje ocupa.

Advindo da sua Rainha da Borborema, a que ele também tanto se devota, firmou-se na sua missão de professor, homem de mídia, jornalista experiente e exemplar e, buscando novos rumos, veio parar na Capital, onde a proximidade vivencial estreitou a nossa respeitosa amizade.

Somente isso já seria o bastante para dizer da seriedade de suas ações, mormente na sua mais recente atividade de pesquisador e escritor dedicado a perpetuar os caminhos da imprensa em nosso Estado, com as ramificações que se fazem necessárias.

Assim é que já nos legou algumas obras em que ele faz sobressair-se suas mais recentes pesquisas: Rádio – História e Radiojornalismo (A União Editora, 2015) e História da Televisão na Paraíba (A União, Editora, 2017). Agora, Gilson nos presenteia, a nós que buscamos cultivar a memória midiática, este seu “Jornalismo Impresso na Paraíba – Jornais e Revistas” que, esperamos, sirva de fonte para, de forma didática, levar aos estudiosos fatos e eventos vinculados com a nossa imprensa escrita.

Alegra-me gozar da amizade e da confiança do autor, embora isso não me sirva de motivação para enaltecer este seu trabalho. É que, sendo um aficionado pelo universo da imprensa, lendo os originais do presente trabalho, empolguei-me na descoberta e no resgate de nomes que fizeram, fazem e farão a história midiática paraibana.

Que venham – e eu sei que virão – outros trabalhos de tamanha largueza de pesquisa. E tenho a convicção do que foi exposto porque, no momento, estamos trabalhando, a quatro mãos, em um novo projeto que trará, para os interessados, novas e interessantes histórias e descobertas no mundo da radiofonia impressa e falada do nosso Estado, com enfoque direcionado às nossas respectivas cidades-mães.

Quem viver verá e, certamente, também lerá. Portanto, aguardem-nos.

---

(\*) Professor aposentado pela UFPB / CCHLA / DLCV, com concentração em Letras Vernáculas e Língua Latina, com passagem pela docência nos cursos de Jornalismo e com atividades vinculadas à criação das emissoras Difusora Rádio Cajazeiras e Rádio Alto Piranhas. Foi o criador da Coluna “O que se diz por aí” (CBN) e exerce o jornalismo do jornal Gazeta do Alto Piranhas e de A União.

# Agradecimentos

Agradeço a Deus pelos bons momentos que tem me proporcionado, dando-me condições de, ao longo do tempo, ter procurado agir de forma a mais correta possível dentro da profissão que abracei. A ética é e será sempre o meu caminho, pois jornalismo sem ética não é o verdadeiro jornalismo. Obrigado meu Deus!

Agradecimento especial dedico à minha esposa Roberia, minha companheira inseparável e incentivadora nesses 50 anos de união comemorados, justamente, quando o lanço este trabalho. Dela sempre recebi o incentivo para desenvolver as minhas pesquisas e editar os meus livros.

Obrigado aos meus filhos Gilson Júnior, Sheila e Gilber, presentes que me foram dados pelo Pai Celestial. Estendo agradecimentos ao meu genro Fabiano, às noras Shirlei e Silvana, e, por extensão aos meus maravilhosos netos Larissa, Lucas, Júlia, Natan, Kaleb, Eli e Sophia, inspirações permanentes deste avô.

Agradecimentos ao amigo e professor Francelino, que prefacia e revisa este trabalho e um grande incentivador desta obra. Obrigado também aos amigos jornalistas, que fizeram e fazem parte dessa história e da minha vida profissional.

Do autor





## Sobre o Autor



Gilson Souto Maior

Naturalidade - Campina Grande e filho adotivo de Cajazeiras. Jornalista/Radialista e Professor Aposentado da UEPB

### Formação

Contabilista (grau médio) pela Escola Técnica e Comércio, em Campina Grande; graduado e pós-graduado (*latu-sensu*), pela Universidade Regional do Nordeste/UEPB, em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo; professor URNe/UEPB concursado (1978), aposentado em outubro de 2016.

Foi subchefe e chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Regional do Nordeste – URNe, num período de quatro anos, durante os reitorados dos professores José Cavalcanti de Figueiredo e Antônio Vital do Rêgo no período de 1979/1982.

Coordenador do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo (janeiro a outubro de 2016), quando solicitou aposentadoria.

Aclamado em Assembleia-Geral Extraordinária, em 17.01.2019 é **Acadêmico efetivo fundador** da **ACAL – Academia Cajazeirense de Artes e Letras**, onde ocupa a **Cadeira nº 25**, cujo **Patrono é José Adegildes Bastos**.

## **Atividades profissionais**

### **Rádio Caturité (1965 – 1972)**

**Funções** - redator, radioator, repórter, noticiarista, locutor apresentador, locutor-chefe, comentarista e locutor esportivo

### **Diários Associados (72 – 82)**

#### **TV Borborema, Rádios Borborema e Cariri e Diário da Borborema (1972-82) – Campina Grande**

**Funções** – Âncora e editor (TV Borborema), gerente de programação, locutor-chefe, radiador, locutor esportivo, noticiarista e comentarista (Rádios Borborema e Cariri), redator/colunista (Diário da Borborema).

### **Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP**

Assessor de Comunicação Social do Sistema FIEP/SESI SENAI (1979/1981), paralelamente às atividades desenvolvidas nos Diários Associados da Paraíba e Universidade Regional do Nordeste.

### **Mídia Televisiva em João Pessoa**

Em João Pessoa, integrou a equipe de fundação e foi o primeiro apresentador (âncora) do telejornal da TV O NORTE (1987/1988), ex-TV Clube, pertencente aos Diários Associados, e, hoje, TV Manaíra – Sistema Opinião de Comunicação.

Integrou a equipe fundadora da TV Assembleia (15 de dezembro de 2003 – fase experimental), e, 06.04.2004 (inauguração oficial), da qual foi seu coordenador e editor-chefe de jornalismo. Integrou os quadros da emissora, por quatorze anos (até março-2016).

### **Mídia Radiofônica em João Pessoa/ Cajazeiras**

Presidiu a Rádio Tabajara da Paraíba, emissora oficial do governo do Estado (1987/1989), durante o Governo Burity II.

**Obs:** Para atender solicitação dos dirigentes do Sistema Correio de Comunicação, atuou num pequeno período (1975), desenvolvendo um trabalho de reformulação da programação da emissora pessoense. Atuou ainda, nesse período, como redator do Jornal Correio da Paraíba. Atua como colaborador da Difusora Rádio Cajazeiras desde 1968.

Residiu por seis meses em Cajazeiras e, até hoje, presta apoio à programação da emissora, quando solicitado. Esta sua amizade com os que fazem a emissora **pioneira** e com “**a cidade que ensinou a Paraíba a ler**” foi plantada a partir de um encontro com o amigo José Adegildes Bastos (*in memoriam*), no final dos anos 60.

É cidadão cajazeirense, graças a amizade que o fez um amigo e filho adotivo da cidade, através de título que lhe foi outorgado pela Câmara Municipal, numa propositura do então vereador CHAGAS AMARO, também professor e jornalista.

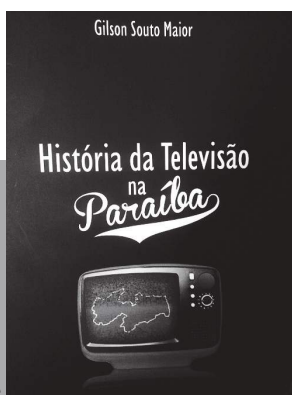
### **Assessorias em João Pessoa**

Foi Assessor de Comunicação Social da TELPA, Telecomunicações da Paraíba S/A, Empresa do SISTEMA TELEBRÁS (1982/1999).

No ano de 2003, assumiu, por duas legislaturas, o então Departamento de Comunicação Social da Assembleia Legislativa, na administração do presidente da Casa de Epitácio Pessoa, deputado Rômulo Gouveia.

### **Livros lançados**

Rádio - História e Radiojornalismo, (2015), edição esgotada, Editora A UNIÃO; História da Televisão na Paraíba, (2017), Editora A UNIÃO; História do Jornalismo Impresso na Paraíba -Jornais e Revistas - Editora A UNIÃO – João Pessoa-PB.







# Apresentação



Evandro Dantas da Nóbrega

## **A Sempre crescente ascensão do compenetrado rapaz que estudava inglês ouvindo música**

Já entre fins da década de 1980, eu silenciosamente previa, de mim para mim mesmo, que daria certo, mais que certo, o promissor evolver profissional do jornalista, radialista e homem de TV Gilson Souto Maior. Como Editor-Geral do jornal O NORTE, reunia-me quase todas as noites, com ele, na Redação desse órgão de Imprensa dos Diários e Emissoras Associados na Paraíba. E essas reuniões noturnas tinham um propósito: trocarmos informações sobre o que se passava na cidade, no Estado, na Região, no país e no mundo — sendo o jovem Gilson locutor, noticiarista e apresentador de programas na TV também “associada” e que funcionava anexa ao matutino fundado pelos irmãos Oscar e Órris Eugênio Soares em maio de 1908.

Como antes e depois desses anos de 1980, o radialista-locutor-apresentador de TV Gilson Souto Maior e este escriba que vos tecla trabalhavam duro para manter de pé, na parte que lhes cabia, o duradouro império jornalístico de Chateaubriand. Sempre mui compenetrado e bem sério em todas as fases de seu trabalho na TV O NORTE, Gilson cultivava outro sadio hábito: ao terminar seu expediente na televisão anexa ao jornal, pegava suas revistas de letras de músicas em língua

inglesa para estudar, em profundidade, justamente o idioma de Chaucer & Shakespeare, Bob Dylan & John Lennon. Acho até que, nisto, entre nós, foi sem dúvida um precursor de uma prática que se transformaria, nos dias de hoje, num método correntio do ensino & aprendizado do inglês. Isto mesmo, o “inglês por música”.

Para que nosso colega Gilson Souto Maior chegasse ao volume que o leitor tem em mãos, de mais de 500 páginas, foi necessário (imprescindível até) que seu autor palmilhasse um longo caminho de vivência e aprendizagem. Sempre lutando com denodo e determinação, o jovem Gilson iniciou-se tirando, no Grau Médio, o diploma de Contabilista, pela Escola Técnica e Comércio, em Campina Grande. Depois, graduou-se e se pós-graduou (lato sensu) pela antiga FURNe (Fundação Universidade Regional do Nordeste), célula-máter da futura UEPB (Universidade Estadual de Campina Grande).

Veio então o tempo de se formar em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo), pela mesma URNe/UEPB, onde se tornou professor concursado em 1978, aposentando-se legalmente em 2016, após 38 anos de docência. Ainda nessa fase de atuação no Ensino Superior, exerceu os cargos e funções de subchefe e chefe do Departamento de Comunicação Social da Universidade Regional do Nordeste (URNe), pelo período de quatro anos, durante os Reitorados José Cavalcanti de Figueiredo e Antônio Vital do Rego [1979 a 1982].

Atuou igualmente como Coordenador do Curso de Comunicação Social (ainda na Habilitação de Jornalismo), de janeiro a outubro de 2016, ano em que solicitou a aposentadoria. Aclamado em Assembleia-Geral Extraordinária realizada a 17 de janeiro de 2019, é acadêmico efetivo fundador da ACAL (Academia Cajazeirense de Artes e Letras), onde ocupa a Cadeira de número 25, cujo Patrono é José Adegildes Bastos.

No capítulo de suas atividades profissionais, não se pode deixar de assinalar as seguintes passagens de maior relevo:

\* de 1965 a 1972: funcionário e locutor da Rádio Caturité de Campina Grande, aí exercendo as funções adicionais de redator, radioator, repórter, jornalista, apresentador, locutor-chefe, comentarista e locutor esportivo;

\* de 1972 a 1982: atividades desenvolvidas nos Diários e Emissoras Associados da Paraíba, especialmente na TV Borborema, nas Rádios Borborema e Cariri e no jornal *Diário da Borborema*, em Campina Grande; foi o tempo em que atuou nas múltiplas funções de âncora e editor (TV Borborema); gerente de programação, locutor-chefe, radioator, locutor esportivo, noticiarista e comentarista (Rádios Borborema e Cariri), redator/colunista (*Diário da Borborema*);

\* 1979-1981: assessor de Comunicação Social da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, com atuação em todo o Sistema FIEP/SESI/SENAI, paralelamente às atividades desenvolvidas nos Diários Associados da Paraíba e junto à Universidade Regional do Nordeste, bem como na mídia televisiva de João Pessoa;

\* 1987-1988: ainda na capital paraibana, integrou a equipe de fundação e foi o primeiro apresentador (âncora) do telejornal da TV O NORTE, ex-TV Clube, pertencente aos Diários e Emissoras Associados, e, hoje, a TV Manaíra, do Sistema Opinião de Comunicação;

\* 2003: em 15 de dezembro desse ano de 2003, integrou a equipe fundadora da TV Assembleia, em sua fase experimental;

\* 2004: a 6 de abril desse ano de 2004, participou ativamente das cerimônias de inauguração oficial da mesma TV Assembleia, passando logo depois a ser o seu Coordenador e Editor-Chefe de Jornalismo; integraria os quadros dessa emissora de TV por nada menos que 14 anos, até o mês de março de 2016;

\* 1975: atendendo a solicitação dos dirigentes do Sistema Correio de Comunicação, atuou, em curto período, desenvolvendo um trabalho de reformulação dos programas da emissora pessoense; atuou, ainda, nesse período, como redator do jornal *Correio da Paraíba*.

\* 1987-1989, no Governo Burity II, integrou a Mídia Radiofônica em João Pessoa/Cajazeiras e presidiu a Rádio Tabajara da Paraíba, emissora oficial do Governo do Estado;

\* 1968: desde esse ano de 1968, atua como colaborador da Difusora Rádio Cajazeiras; aliás, tendo residido por seis meses nessa progressista cidade do Alto Sertão paraibano, até hoje presta apoio à programação da referida emissora, quando solicitado.

Esta é apenas uma versão *light* desta Apresentação, cuja íntegra ou versão completa, expandida, está *online*, na Internet, mais exatamente na minha, na sua, na nossa imperdível ENCYCLOPÆDIA PARAHYBENSIS, “que não chega propriamente a ser uma ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, mas sempre traz algo para inglês ver!”

---

Evandro Dantas da Nóbrega nasceu em 15 de janeiro de 1946, no município de São Mamede, Paraíba. Aos dezessete anos de idade, em 1963, ingressou como Redator no jornal O Norte, em João Pessoa, dando início à sua dinâmica trajetória jornalística. Nos jornais O Norte e A União, na UFPB, nos Poderes Executivo e Legislativo, e em outros órgãos da imprensa estaduais, trabalhou com honestidade e competência na difícil profissão de jornalista.

Escritor, pesquisador, tradutor de mais de uma dezena de idiomas, editor técnico e literário, foi membro do Conselho Estadual de Cultura e Assessor Especial de Comunicação da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China e Diretor de Comunicação da Sociedade Paraibana de Usuários de Produtos para Computador e Telecomunicações. Ocupa a cadeira nº 5 do IHGP, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que tem como Patrono Elpídio de Almeida.



# Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>19</b>
<b>A Paraíba e os seus jornais.....</b>	<b>37</b>
<b>O Norte nas duas versões.....</b>	<b>193</b>
<b>Correio da Paraíba.....</b>	<b>229</b>
<b>O Momento.....</b>	<b>261</b>
<b>O Combate.....</b>	<b>269</b>
<b>A Tribuna.....</b>	<b>277</b>
<b>Jornal Contraponto.....</b>	<b>281</b>
<b>Campina Grande e os seus jornais.....</b>	<b>285</b>
<b>Jornal da Paraíba.....</b>	<b>385</b>
<b>Cajazeiras e o seu jornalismo.....</b>	<b>417</b>
<b>O jornalismo impresso em Patos.....</b>	<b>434</b>
<b>Sousa- “A Cidade Sorriso e o jornalismo impresso” .....</b>	<b>435</b>
<b>O jornalismo impresso em outras cidades.....</b>	<b>438</b>
<b>As Revistas.....</b>	<b>471</b>
<b>Referências Bibliográfica.....</b>	<b>503</b>



## Introdução



O **Acta Diurna** foi o primeiro jornal de que se tem notícia no mundo. Ele surgiu, em 59 a.C, em Roma. O periódico nasceu de um desejo de Júlio César, com o objetivo de informar aos cidadãos os acontecimentos sociais e políticos, além de divulgar eventos das cidades próximas, integrantes do Estado.

O jornal apresentava as informações ao conhecimento do público, por meio de grandes placas expostas em locais bem frequentados pela população. As *Acta* – verdadeiras atas – levavam ao conhecimento da população os acontecimentos no âmbito governamental, informações das campanhas militares e, ainda, julgamentos e execuções.

Foi durante aquela época que a população recebeu informações, por meio de boletins, e, na maioria das vezes, de forma sensacionalista, muito utilizada por parte de alguns veículos de comunicação, uma forma, atualmente, muito criticada pela população.

Os boletins informativos tinham como alvo, mais precisamente, a classe média da época. As publicações periódicas, somente começaram a aparecer na primeira metade do século XVII.



Júlio César

Acta é um conceito que procede da língua latina, podendo-se utilizar com referência aos mais diversos tipos/ modelos de documentos.

É um registo escrito daquilo que se tratou ou foi aprovado, durante um encontro numa assembleia, reunião ou outro tipo de evento. UMA ATA.

Mas, na era do jornal moderno, o que conhecemos hoje como jornal impresso, somente começaria a ser e acontecer a partir do ano de 1447.

Isto somente aconteceu por conta do surgimento da prensa criada pelo alemão natural de Mainz, Johann Gutenberg.

A partir dessas mudanças no campo da informação, com a chegada desse instrumento colocado ao dispor da comunicação, aconteceu um verdadeiro e livre intercâmbio no campo da cultural e das ideias, disseminando o conhecimento.



Gazette de France de 1765



No início da década de 1450, Gutenberg iniciou a impressão da célebre Bíblia, de 42 linhas em duas colunas. Cada letra era feita à mão, e cada página era montada juntando-se as letras.

Depois de prensada e seca, era feita a impressão no verso da página. Gutenberg teria imprimido trezentas folhas por dia, utilizando seis impressoras.

Johannes Gutenberg, cidadão alemão, foi um inventor, gravador e gráfico do Sacro Império Romano-Germânico. Nasceu em Mogúncia (Mainz), Alemanha, no ano de 1395. O seu falecimento deu-se em 3 de fevereiro de 1468, em sua cidade natal.

Seu nome completo: Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg. Formação: Universidade de Erfurt.

Johannes Gutenberg - é considerado o criador do processo de impressão com tipos móveis, a tipografia.

Ressalte-se que os primeiros jornais tiveram como berços os países da Europa Ocidental, entre os quais, Bélgica, França, Alemanha e Inglaterra, ensejando a briga entre os países já estampadas nas páginas impressas: os ingleses, dando destaque às derrotas sofridas pela França, enquanto os franceses, enfatizando os escândalos da família real da Inglaterra. Eram poucas as informações advindas de outros continentes.

A prioridade com as notícias mais próximas, os fatos e assuntos locais somente passaram a acontecer na segunda metade do século XVII e, assim mesmo, com muito controle, para que os jornais evitassem abordar temas que pudessem provocar ou incentivar o povo a tomar atitudes de oposição aos governos.

Mas, mesmo diante dessa fiscalização, alguns periódicos conseguiram noticiar a decapitação de Charles I, no final da Guerra Civil Inglesa, entre o ano de 1642 a 1646. Foi naquele momento, na véspera da execução, que Oliver Cromwell, militar e líder político inglês, tentou apreender os jornais.

Em 1766, antes da Revolução Americana e da Revolução Francesa, respectivamente, dez e vinte três anos antes, surgiu a primeira lei de liberdade do jornalismo.

A Suécia, berço da liberdade, foi responsável pelo estabelecimento da liberdade de imprensa e do ombudsman. Seus jornalistas foram os primeiros a criar um conselho de autorregulamentação ética. Até hoje, esse comitê analisa, sem interferência governamental, as queixas dos leitores contra os periódicos do país. O cargo de ombudsman da Justiça (Justitieombudsman) foi criado em 1809, na Suécia.



Prensa de vinho serviu de molde para uma para impressora (1877)



Prelo metálico



Impressora inotipo



Prensa de madeira

Muitos anos se passaram, após a invenção de Gutenberg, e a impressão conheceu poucos aperfeiçoamentos.

A Revolução Industrial foi que proporcionou mudanças na história da imprensa, mecanizando o processo da impressão. E veio o prelo, uma forma de impressão gráfica, considerada pioneira na reprodução de livros, comparado ao que se tinha na época. A invenção, que ocorreu em 1450, é do alemão Johann Gutenberg.



Já o telégrafo, sistema concebido para transmitir mensagens de um ponto para outro em grandes distâncias, em 1844, transformou a imprensa escrita, permitindo que as informações fossem passadas rapidamente, dando a elas mais rapidez e possibilitando relatos mais novos. A partir daí, os jornais surgiram no mundo inteiro.

### O telégrafo de Morse

Beneficiado com a invenção do telégrafo, o jornal proporcionou aos leitores, nos primeiros anos, uma maior carga informativa, com a informação não respeitando a distância. A soberania do trabalho jornalístico passou a acontecer nos periódicos, numa luta para conquistar o público, um esforço que continua até os nossos dias.

O termo imprensa deriva da prensa móvel, processo gráfico aperfeiçoado por Johannes Gutenberg (século XV) e que, a partir do século XVIII, foi utilizado para imprimir jornais, os únicos veículos jornalísticos então existentes. Do século XX em diante, os jornais passaram a ser editados através de outros formatos: radiodifundidos e teledifundidos, ou seja (RÁDIO/TV) radiojornalismo e telejornalismo).



### Rádio valvulado, ano 1955

Rádio valvulado, ano 1955 Com a chegada da *World Wide Web*, hoje convivemos, também, com os jornais **online**, ou **ciberjornais**, ou **webjornais**. O termo “imprensa”, contudo, continua vigente

## Imprensa no Brasil

No Brasil, no ano de 1706, uma Carta Régia, recebida pelo governador da Capitania de Pernambuco, Francisco de Castro Menezes, autorizava sequestrar as letras impressas e notificar os seus proprietários. Não era permitindo, portanto, imprimir livros e papéis avulsos. Não se tem informação do proprietário da gráfica, localizada em Recife.

Ressalte-se que, bem antes, houve uma tentativa dos colonizadores holandeses no sentido de implantar-se em Pernambuco uma tipografia.

Isto aconteceu em 1640. A falta de mão de obra especializada impediu a concretização desse acontecimento. A Holanda era, naquela época, o país mais desenvolvido nas artes gráficas.

O primeiro prelo a funcionar no país, em 1746, pertencia ao tipógrafo português Antônio Isidoro da Fonseca. Foi naquele ano que ocorreu a primeira tentativa de implantação de uma oficina gráfica na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio do então Governador Gomes Freire.

O responsável por esse grande momento foi o senhor Antônio Isidoro, que se transferira de Lisboa para o Rio de Janeiro. Ele, então, se encarregou de imprimir alguns trabalhos, como a “Relação de Entrada do Bispo Antônio do Desterro Malheyro”<sup>1</sup> redigido por Luiz Antônio Rosado da Cunha.



Um modelo das primeiras prensas que chegaram ao Brasil

---

1. Bispo Antônio do Desterro Malheyro, transferido para o Brasil em 15.12.1745, após seis anos como Bispo do Reino de Angola. Foi o sexto bispo católico do Rio de Janeiro. Seu mandato estendeu-se até o ano de 1773.

No dia 10 de maio de 1747, a oficina tipográfica de Antônio Isidoro da Fonseca foi confiscada. Todo o material que compunha a gráfica e seu acervo foram enviados para Portugal. O nome de Antônio Isidoro da Fonseca, porém, faz parte da história como impressor do primeiro folheto no Brasil.

Mas, no dia 13 de maio de 1808, era assinado um decreto, oficializando a tipografia no Brasil, quando foi então criada a “Impressão Régia”.

É preciso esclarecer que o jornal *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa<sup>2</sup> foi o primeiro jornal a circular no país, no entanto era impresso fora do Brasil, sendo por isso tido como um periódico estrangeiro com publicação em terras brasileiras.



Jornalista Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça

Até hoje se discute qual foi o precursor do jornalismo impresso em nosso país.

São levadas em consideração as datas e os locais de circulação desses jornais, além dos responsáveis por editá-los.

Como observado, os anos que antecederam o Brasil no século XIX mostraram que o nosso país não contava com tipografia e jornais.

Observa-se, portanto, um nascimento demorado da imprensa em nosso país, tendo, por exemplos, a própria independência política, o ensino universitário e outros segmentos, até a economia nacional. Na verdade, o início da imprensa brasileira é marcado por duas datas: uma foi o lançamento, na Inglaterra, mais exatamente em Londres, no dia 1º de junho de 1808, do *Correio Braziliense*; o outro, em 10 de setembro do mesmo ano, com a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que foi o primeiro jornal impresso, com publicação em terras brasileiras.

---

<sup>2</sup> Hipólito da Costa, ou Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, foi um jornalista, maçom e diplomata brasileiro, patrono da Cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras. Nas páginas a seguir, os fac-símiles dos dois primeiros jornais brasileiros.



## Jornais brasileiros da 1ª década do século XIX

Abaixo, a primeira página do Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808. Foi o primeiro jornal impresso no Brasil, nas máquinas da Impressão Régia, na então Capital do país.

### GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

*Dolores sed non prostravit Italiam,  
Resistit cultus artemq; salubrem.*

MORAV. Ode III. Lb. IV.

*London 12 de Junho de 1808.*

*Noticias vindas por via de Franca.*

*Amsterdão 10 de Abril.*

**O**s dois Navios Americanos, que ultimamente arribaram ao Texel, não podem descrever as suas mercadorias, e devem immediatamente fazer-se á vela sob pena de confiscação. Isto tem referido muito nos preços de varios generos, sobre tudo por se terem horroros vendidos cartas de Franca, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos seriao desidos logo que chegarem a qualquer porto da Franca.

*Noticias vindas por Hamburgo.*

Chegámo-nos esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona ad 17 do corrente. Estas últimas annunciao que os Janitores em Constantinopla se declararam contra a Franca, e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto se tinha apaziguado. — Hamburgo está tão exaurido pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já humha côlza de pão, nem humha carne. Quasi todo o Hannover se acha nesta deploravel situação. — 50000 homens de tropas Francesas, que estão em Italia, tiveram ordem de marchar para Hespanha.

*London a 16 de Junho.*

*Extrato de humha Carta escrita á bordo do Sirois.*

Segundo o que nos diz o Official Hespanhol, que levámos a Lond Tambor, o Povo Hespanhol faz todo o possível para sacudir o jugo Francês. As Provincias de Amuriz, Leão, e outras adjacentes acobardio Bracco hemera, em cujo numero se comprehendem varias mil de Tropas regulares armadas de pé, como de cavallo. A Coruña declarou-se contra os Francêes; e o Fensal se teria igualmente sublevado a não ser hum Governador do partido Francês. Os Andaluzes, na vizinhança de Cadix, tem pegado em armas, e deses ha já 60000, que são pela maior parte Tropas de Linha, e communitadas por hum habil General. Toda esta impetude se originou de Bonaparte ter declarado a Nação Regente de Hespanha o capitulo de resistência chegado a Castiagera, e não devido que em pouco tempo se al por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon, que tem pouca legua distante de Oviedo, com humha sufficiente quantidade de pólvora, deo. poi do successo de Hespanha dep. a sorte de Fontenil. A noticia ha tão goal, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francêes tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Concelhos libertados.

Em seguida, foi impresso O Patriota, publicado entre 1813 e 1814. A Imprensa Régia, que é a atual Imprensa Nacional, foi a primeira editora brasileira, fundada por decreto no dia 13 de maio de 1808, na cidade do Rio de Janeiro. A Imprensa Régia brasileira foi uma filial da editora existente em Lisboa, capital de Portugal. Seu lançamento marca o início da imprensa no país.

Na imagem, o primeiro exemplar do Correio Braziliense, que circulou em terras brasileira, três meses antes do Gazeta do Rio de Janeiro, em junho de 1808. O Correio Braziliense ou Armazém Literário foi um mensário publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, impresso em Londres. Por isso, o jornal Gazeta do Rio de Janeiro é considerado o primeiro jornal do país.

## CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos são,  
E se mais mundo houvera la chegara.

CAMÕES, C. VII. C. 14.

### *Introdução.*

O PRIMEIRO dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tiram das trevas, ou da illuzão, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, representam os factos do momento, as reflexões sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Nação Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesboeck, em 1769, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da aclamação de D. João o Quarto. Neste folheto se viam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante e valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da aclamação com tanta censura, e acertada critica, como fez.

Na edição edição abaixo, de julho de 1817, o Correio Braziliense publica que foi impedido de circular, no Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, em atendimento a uma observância de sua Ordem Real, de 17 de setembro de 1811. Fac-símile<sup>3</sup>, apenas de parte do texto impresso na primeira página. E note-se: o jornal publicou a portaria, a qual trata como sendo uma PORCARIA DOS GOVERNADORES DE PORTUGAL, PROHIBINDO O CORREIO BRAZILIENSE.

## CORREIO BRAZILIENSE, DE JULHO, 1817.

---

Na quarta parte nova os campos ára  
E se mais mundo houverá la chegára.

CAMÕES, C. VII. e. 14.

---

### POLÍTICA.

---

REINO UNIDO DE PORTUGAL BRAZIL E ALGARVES.

---

*Portaria dos Governadores de Portugal, prohibindo  
o Correio Braziliense.*

**M**ANDA EL Rey Nosso Senhor excitar a exacta observancia da sua Real Ordem de 17 de Setembro 1811 participada á Meza do Dezembargo do Paço, em 22 de Março de 1812, e que prohibio nestes Reynos a entrada e publicação do periodico intitulado *Correio Braziliense*, e de todos os escriptos de seu furioso e malvado Author. E por que ainda são mais sediciosas e incendiarias, se he possível, as terriveis maximas do outro periodico intitulado o *Portuguez*, que tambem se dirige a concitar tumultos e revoluções nos povos, para perturbar a harmonia estabelecida, em todas as ordens do Estado, e introduzir a anarchia, fazendo odiosos os deus supremos poderes, que Deus ordenou para governar os homens, com o

A 2

---

<sup>3</sup>.Fac-símile é expressão advinda latina, que significa “faz igual”, ou seja, é toda cópia ou reprodução de letra, gravura, desenho, composição tipográfica.

**DIARIO DE PERNAMBUCO**

**HOJE SEGUNDA FEIRA 7 DE NOVEMBRO E 311 DIAS DO ANNO DE 1825**

S. FLORENCIO, B,

---

**INTRODUÇÃO**

Faltando nesta cidade assaz copulosa um Diario de Annuncios, por meio do qual se facilitassem as transações, e se communicassem ao publico noticias, que a cada um em particular podem interessar, o administrador da Typographia de Miranda e Companhia se propoz a publicar todos os dias da semana excepto os Domingos e o presente Diario, no qual debaixo dos titulos de Compras-Vendas-Leilões-Alugueis--Arrendamentos--Alforamento--Roubos--Perdas--Achatos--Fugidas e Apprehensões de escravos--Viagens--Afretamentos--Amas de leite etc., tudo quanto disser respeito a taes artigos; para o que tem convalidado a todas as pessoas, que houverem de fazer estes ou outros quaesquer annuncios, nos evarem a mesma Typographia, que lhez serão impressos gratis, levando ir assignados.

Tambem se publicarão todos os dias as entradas e sahidas das embarcações do dia antecedente, portos de onde vierão, dias de viagem, passageiros, cargas, e noticias, que trouxeão. Além disto todas as sema-

nas se darão os preços correntes dos generos de importação e exportação com um attestado de dois negociantes desta praça.

E porque para muitas pessoas seria incommodo dirigir-se a Typographia, para entregarem os seus annuncios, se tem prevenido este inconveniente reservando se no Recife no Botaliquim da Praça, em S. Antonio na Loja da Gazeta rua de Rosario, e na Boa Vista na Baiea de João Ferreira da Cunha no largo da Matriz taes annuncios em cujas casas se recebem igualmente assignaturas e se vende este Diario pelo preço de 10 rs. cada folha.

**COMPRAS**

1. Quem tiver alguma casa terrea nesta Cidade, que não seja de alto preço, dirija-se a rua dos Martinhos casa n. 21 onde achará quem pretende comprar huma tal propriedade

**VENDAS**

2. Vende-se, ou afreta-se o Brigue Escuna Americano Abbis de 133 toneladas, em muito bom estado, e prompto de todo o necessario e muito veleiro quem o quizer comprar ou afre-

O dia 7 de novembro de 1825 marcou o lançamento do Diário de Pernambuco, um dos mais antigos noticiosos em circulação não só nos países de língua portuguesa, mas também na América Latina. Seu fundador foi Antonino José de Miranda Falcão, pernambucano natural da cidade do Recife, nascido em 10 de maio de 1798. No ano de 1931, o jornal passou a pertencer à Sociedade Anônima Diário de Pernambuco, federada aos Diários Associados, que tinham como superintendente o paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo.



Mas, os primeiros passos do jornalismo impresso no vizinho Pernambuco, conforme detalham os historiadores<sup>4</sup>, datam de 27 de maio de 1821, quando circulou em Recife o jornal AURORA PERNAMBUCANA, que teve como editor o escritor Rodrigo Francisco de Magalhães. O referido jornal foi o primeiro a ser editado em Pernambuco e o terceiro publicado no Brasil, em formato de 25 x 17cm, com quatro páginas, em papel de linho e impresso na Oficina do Trem Nacional de Pernambuco, no Recife. Antes dele, surgiram a Gazeta do Rio de Janeiro, em setembro de 1808, e a Idade do Ouro no Brasil, publicado na Bahia, no dia 14 de maio de 1811.



4. SANTANA, Jorge José B. Jornais e Jornalistas – Imprensa Pernambucana, Recife – PE, 2012.

Um dos primeiros jornais brasileiros foi o JORNAL DO COMMERCIO. Abaixo esse fac-símile comemorativo ao SEXTO ANO DA INDEPENDÊNCIA, mês de outubro de 1827.

N. 1. (Vol. I.) 1827

SEGUNDA FEIRA DE OUTUBRO. SEXTO ANNO DA INDEPENDENCIA.



**JORNAL DO COMMERCIO.**

---

De hoje por diante continuará-se a publicação do JORNAL DO COMMERCIO.

Esta folha exclusiva é dedicada aos senhores Navegantes com o diário das viagens e que de tempo em tempo, tanto em Anunciação, como em Procura servem exactos de Importação e Exportação, entrada e saída de Embarcações, etc., etc.

Os Proprietarios tem ao facto de todos os volumes levantada desta Capital em pagaria sem despesa dos leitores para manter esta empresa digna da seriedade publica, e regida para melhor despendio das suas despezas a protecção e assistência do honrado Corpo da Junta.

Os Anunciantes se fazem na Rua d'Alfândega, N.º 47, onde igualmente se recebem, cartas do exterior, todas as Anunciacoes mercantis, que devem ser feitas no diário segundo. O preço da Anunciação he de 40 reis por linha paga adelantada.

---

**NOTICIAS MARITIMAS.**

**PARA SANTA CATHARINA.**  
O Bergantim Nacional ALLIANÇA, Capitão MARTINHO JORN CILLADO. — Sahe no proximo Domingo Cachaib. Quem quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA MONTEVIDEO.**  
O Brigue Espanhol Nacional FIDELANTE, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo dos Marinheiros N.º 21.

**PARA SANTA CATHARINA.**  
O Bergantim Nacional BOM SUCESSO, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo dos Fuzileiros N.º 4.

**PARA ANGOLA.**  
O Bergantim Nacional COMMERCIANTE, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA SANTA CATHARINA.**  
A Sloop N.º JORN TRIUNFO, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA PONTO ALTO.**  
O Bergantim Nacional CONCEIÇÃO IMPERIAL. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA BENGUELLA.**  
O Bergantim Nacional VILLANTE, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA ANGOLA.**  
O Brigue com toda a bordo de Bergantim Porto de nome FERREIRO TRIUNFO, Capitão J. DE ALMEIDA LIMA. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se ao Commandante João Baptista Soares e Trindade na Rua Direita N.º 53.

**PARA A PAZ.**  
O Bergantim Nacional TRES ANJOS, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA SANTOS.**  
A Sloop veloz Espanhol Nacional TRINDADE, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA GIBRALTA.**  
O Bergantim Nacional ANJOS, Capitão J. DE ALMEIDA LIMA. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se ao Commandante João Baptista Soares e Trindade na Rua Direita N.º 53.

**PARA LIVERPOOL.**  
A Sloop Ingles UNDAINE, Capitão CHARLES HENDERSON. — Sahe com toda a bordo de Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA LONDRES.**  
Para Passagem a vapor. O Superior Bergantim Ingles GEORGE & WILLIAM, Capitão GEORGE NICKLSON. Fozado e pródigo de veloz. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se ao Commandante George Nicklson e C. na casa Commandante de Navios Hudson e Wagonella na Rua Direita N.º 156.

**PARA PENDES.**  
A Sloop Nacional HARMONIA, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA PENDES.**  
A Sloop Nacional CONCEIÇÃO, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

**PARA O PORTO.**  
O Bergantim Portuguez FLOR DE SEIXAS, sob o commando do primeiro Cabo. Quem no mesmo tempo quiser carregar, diga-se a bordo do dito Bergantim que se acha ancorado de frente a Ilha, ou procurem em casa de S. Pedro Estilham José Martins loja de Ferrarias, Costa de S. Pedro.

“A partir de 1826, quando se fundou o primeiro jornal do nosso Estado – **GAZETTA DO GOVERNO DA PARAIBA DO NORTE** – registrou-se na Paraíba uma história bonita de periódicos ecléticos e ideológicos, quase sempre fundados com garra e idealismo”. A afirmação é da jornalista e escritora, Fátima Araújo, no seu livro **PARAÍBA, IMPRENSA E VIDA**.

Segundo ela, o dia 29 de agosto de 1826 foi a data de fundação do primeiro jornal paraibano, dezessete anos após circular o primeiro jornal impresso no Brasil, **GAZETA DO RIO DE JANEIRO**.

“Entre a Monarquia e República – Ideia e Lutas de Irineo Joffily” é outro trabalho que enriquece sobremaneira esta pesquisa. Através dessa obra de José Joffily, neto de Irineo, descobri informações valiosas sobre nosso jornalismo impresso, com participações de nomes que fizeram a nossa história, como, por exemplo, Francisco Soares da Silva Retumba. A amizade de Irineo com este último redundou no projeto de instalação da primeira oficina gráfica de Campina Grande, em 1887. No ano seguinte (1888), no mês de setembro, juntos, Irineo e Retumba, lançaram a Gazeta do Sertão.

Porém, antes mesmo do Gazeta do Sertão, editado em Campina Grande, tivemos, em solo paraibano, outros periódicos, como o Imparcial, em 1860; o Despertador, de 1858; o ESTADO DA PARAHYBA; o **GAZETA DA PARAHYBA**, de 1887, e, no mesmo ano, um jornal do Partido Liberal, **A OPINIÃO**.

O jornal **CAMPINENSE** circulou em Campina Grande, mas, depois da circulação do **GAZETA DO SERTÃO**, no ano 1892. O senhor José Martins foi seu diretor. Ele pertencia ao Partido Republicano. A circulação deste impresso era semanal. A redação e tipografia ficavam na Rua Conde d’Eu, nº4.

Mas, a grande curiosidade da história do jornalismo paraibano, aconteceu no ano de 1894. Em janeiro daquele ano, surgiu no Estado um jornal editado em inglês. Foi o jornal **THE PARAHYBA TIMES**, folhetim que tinha, como editor, o senhor Joaquim Garcia de Castro Júnior; como secretário, Symphronio M. da Silveira e, como tesoureiro, o inglês, Leonard C. Foster.

São poucas as informações sobre esse impresso de apenas quatro páginas. Desse jornal, **The Parahyba Times**, somente uma versão existe,

datada do ano de 1894, e que está disponível no sítio da Hemeroteca Nacional, segundo Janine Aires, integrante do Observatório da Mídia Paraibana.

Janine, em correspondência que nos foi enviada, atendendo aos nossos pedidos de informações, disse-nos que o **The Time** paraibano tinha escritório localizado na Rua Maciel Pinheiro, 28, em nossa Capital.

“Alguns historiadores apontam que seria um jornal ligado aos funcionários da ferrovia, em implantação no Estado e região pela *Great Western Brazil Railway*. Mas não temos como confirmar esses dados” – afirma Janine.



Para nós, a afirmação confirma a nossa pesquisa, que levou em consideração a necessidade de comunicação dos executores da implantação das linhas férreas na Paraíba, os ingleses. O jornal/folhetim foi ainda a forma encontrada para que eles pudessem registrar negociações, falar e encaminhar notícias para o seu país sobre os seus trabalhos desenvolvidos no Brasil. Além disso, o jornal seria um canal para apresentar artigos de interesse e para a boa leitura dos britânicos aqui residentes.

Os trabalhos das linhas férreas, como se sabe, foram executados em nosso país, pela empresa inglesa, *The Great Western of Brazil Railway Company Limited*. A empresa foi ainda responsável pela administração desse meio de transporte durante quase cem anos.





A locomotiva da imagem está exposta no pátio da primeira estação ferroviária de Campina Grande



No sobrado acima da plataforma da velha estação, a sigla da GWBR – Great Western do Brasil

A Locomotiva a vapor da imagem é da antiga ferrovia *Great Western Brazil Railway*. O trem chegou à cidade de Campina Grande, no dia 2 de outubro de 1907.

A antiga estação construída pela *Great Western* abriga hoje o Museu do Algodão da importante cidade nordestina.

A estação ferroviária da foto situa-se na cidade de Campina Grande. De 1873 até 1950, a empresa britânica *Great Western of Brazil Railway Company Limited* abriu e administrou estradas de ferro em quatro Estados do Nordeste.

Em 1951, encerrou suas atividades no Brasil, sendo sucedida pela Rede Ferroviária do Nordeste, antecessora da Rede Ferroviária Federal S.A - RFFSA. Foi nacionalizada, após quase cem anos de atividades. Depois de nacionalizada, as estradas de ferro, praticamente sumiram no Brasil.

Para o jornalista, imortal da Academia Paraibana de Letra – APL, Gonzaga Rodrigues, com quem conversamos, não se pode também descartar outro motivo para circulação do *The Parahyba Times*. “As negociações para compra do algodão paraibano” – afirma.

Na opinião dele, Campina Grande, a partir do final do século XIX para a primeira década do século XX, passou a destacar-se internacionalmente como uma das maiores exportadoras de algodão (a segunda) no mercado mundial, somente perdendo para Liverpool, na Inglaterra.

A cidade ficou sendo então chamada de **Liverpool brasileira**. Os comerciantes ingleses aportavam na Paraíba para negociar o nosso algodão, chamado pelos brasileiros de **ouro branco**. O Porto do Capim, na então Parahyba, no estuário do Sanhauá, era o local de chegada dos comerciantes ingleses ao nosso Estado. O jornal *The Parahyba Times*, deve ter servido durante vários anos, como meio de comunicação para informações sobre o comércio entre os dois países.



Porto do Capim, no estuário do Sanhauá



Imagens navios no cais da Alfândega no porto do Capim

As duas imagens mostram o nosso Porto do Capim, na cidade baixa. Elas destacam os navios de passageiros no cais da Alfândega no porto da então capital da Parahyba.

Isto ocorreu, através das empresas e comerciantes sediados na Paraíba, especialmente, na cidade de Campina Grande. A terra do algodão, do OURO BRANCO, tornou-se a maior exportadora brasileira durante muitos anos, responsável pelo seu progresso, colocando-a entre as mais importantes da região Nordeste.

A nossa João Pessoa, antes cidade da Parahyba do Norte, como outros centros em nosso país, conheceu muitos jornais. Os primeiros, na maioria de curto período de existência, viveram os seus momentos em defesa de alguma causa, sempre com o intuito de informar, de defender ideais e valores de segmentos diversos da sociedade, principalmente do período monárquico até a República.

Quando me dispus a entregar ao mundo acadêmico e aos meus amigos de jornalismo esse trabalho de pesquisa, não poderia deixar de citar nomes que me inspiraram para o desenvolvimento desse livro.

Para concretizá-lo busquei diversas fontes, entre elas, o escritor, professor e historiador José Octávio de Arruda Melo e a jornalista, historiadora e professora, Fátima Araújo. Nos seus trabalhos de pesquisa, descobri muitas informações. Inspirei-me nos trabalhos desses escritores e, portanto, me aprofundi nas pesquisas. Com os seus livros pude obter mais conhecimentos e levantamentos históricos.

Sobre Fátima e Zé Octávio, faço questão de citar um pouco de suas trajetórias, além suas participações marcantes, não apenas como profissionais, mas, ainda, como pesquisadores e defensores da perpetuação histórica da nossa comunicação. Eles foram fontes de inspiração para este trabalho.

Fátima Araújo é um brilhante nome do jornalismo paraibano, tendo atuado na imprensa estadual em todos os seus jornais. Historiadora, pesquisadora, tem vários livros publicados: HISTÓRIA E IDEOLOGIA DA IMPRENSA NA PARAÍBA, 1983; HISTÓRIA DA API, 1985; PARAÍBA, IMPRENSA E VIDA, (ensaio que foi premiado no IV Centenário da Paraíba), 1986; PARAHYBA 400 ANOS, “1985; Santa Roza – um teatro



**Fátima Araújo** - Graduada em Letras e Comunicação Social pela UFPB; Especialização em Comunicação Educacional (URNe - Campina Grande; cursos de extensão universitária sobre Literatura Brasileira; curso de francês pela Aliança Francesa; cursos sobre Problemas do Desenvolvimento Brasileiro; Curso de Psicologia da Personalidade (Fundação Padre Ibiapina) e Noções de Biblioteconomia, pela UFPB.

Centenário”, 1989; Antônio Mariz – A Trajetória de um Idealista, 1996; e HUMBERTO LUCENA – O Verbo e a Liderança, 1999.

José Octávio de Arruda Mello nasceu em 28 de março de 1940, em João Pessoa. É um brilhante nome do jornalismo paraibano, tendo atuado na imprensa estadual em todos os seus jornais. É casado com Amável Maria Targino da Rocha Mello e tem um filho, Victor Raul. Professor, jornalista, escritor e, também, historiador.

Ainda sobre o professor, historiador e jornalista José Octávio de Arruda Mello, ressalto que tenho recebido dele incentivo e orientação para continuar pesquisando e buscando, tenazmente, proporcionar às gerações futuras o surgimento de mais bibliografias sobre a nossa imprensa, como um todo: rádio, televisão e jornal.



**José Octávio** - bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Graduouse em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPB. Possui cursos de Especialização em Técnicas e Métodos de Pesquisa Histórica, pelo Instituto de Filosofia e Ciências do Homem, na Universidade Federal de Pernambuco, fazendo, nesta mesma universidade, Mestrado em História. Concluiu o título de doutor, em São Paulo. No magistério, lecionou na Universidade Federal da Paraíba, Universidade Autônoma de João Pessoa (hoje UNIPÊ) e na Fundação Francisco Mascarenhas, em Patos.

E é isso que pretendo continuar fazendo, muito embora tenha que corroborar com as afirmativas de vários amigos historiadores. Eles sempre enfatizam a dificuldade de escrever, pesquisar e fazer livros e, o pior, vendê-los. Não os vender para ganhar dinheiro, mas pagar os custos das obras. Prefiro esquecer essas dificuldades, que vêm de muitos anos, num país cujo povo, historicamente, não gosta da leitura.

Poder continuar produzindo história, ao lado de outros amigos que também trabalham arduamente em pesquisa, é para mim uma missão prazerosa, a qual, confiando em Deus, pretendo continuar por muito tempo.

No Sertão, encontro Clemildo Brunet, um nome que orgulha a cidade de Pombal, profundo conhecedor da história da mídia eletrônica (rádio), na região.

Ainda nas terras sertanejas, não poderia deixar de lembrar o professor e historiador cajazeirense, José Antônio de Albuquerque, diretor presidente do Sistema Alto Piranhas - jornal Gazeta do Alto Piranhas, e Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras - meu confrade da Academia de Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL - de quem, há muito, tenho recebido integral apoio aos meus trabalhos.

Interessante é que, nessas minhas buscas por informações, conheci outro amigo da “terra que ensinou a Paraíba a ler” – Cajazeiras –, o radialista José Pereira de Souza Filho, que integrou a Rádio Nacional de Brasília por muitos anos. Aposentou-se em 2019. Com ele, descobri que o seu pai, o conhecido José Pereira, professor e Agente Fiscal da Coletoria Estadual de Cajazeiras, nos anos 50, foi responsável pela circulação de um jornal, “O Observador”, sobre o qual falaremos no capítulo dedicado ao importante município sertanejo.

Não posso esquecer os amigos. Na minha terra, tenho encontrado muito apoio. São os amigos do **Blog Retalhos Históricos de Campina Grande**, da **UEPB**, além de amigos que trabalharam no **Diário da Borborema e Gazeta do Sertão** (fora de circulação), **Jornal da Paraíba** (hoje *on-line*), historiadores da cidade, e, ainda, de livreiros, como o prezado Ronaldo Andrade, da Livraria **Cata Livros, na Praça Clementino Procópio e Av. Getúlio Vargas, 86, em Campina Grande**. Também, não posso esquecer o amigo Heriberto Coelho, do **Sebo Cultural, em João Pessoa, na Av. Tabajaras**. Todos me tiraram dúvidas e me passaram informações importantes, ajudando-me na produção dos meus projetos, até hoje.

Espero assim, com essa pesquisa, ser útil aos historiadores e estudiosos da comunicação, como também estudantes, principalmente da área jornalística, que precisam conhecer o ontem do nosso jornalismo, seus jornalistas e suas empresas. Na verdade, precisamos conhecer melhor a história bonita do jornalismo impresso paraibano.

**Gilson Souto Maior**

Jornalista/Historiador/Professor

## A Paraíba e os seus jornais

**A Gazetta do Governo da Paraíba do Norte**, fundado em fevereiro de 1826, foi o primeiro jornal impresso na Paraíba. Esse meio de comunicação circulou na então cidade da Parahyba, hoje a nossa João Pessoa, com os leitores da época tendo, na primeira edição, dezenove páginas à sua disposição.

Como o próprio nome oferece um indício, tratava-se de um veículo de comunicação governista, cuja administração comandava a Parahyba do Norte na época da monarquia. Era um periódico oficial, a exemplo do nosso hoje querido **A União**.

O jornal **A GAZETTA DO GOVERNO** foi impresso pela **Tipografia Nacional da Paraíba**, na cidade e estado do mesmo nome.

Nas pesquisas realizadas, algumas informações dão conta de que **A GAZETTA** circulou apenas durante um ano. O jornal tinha a seguinte descrição: medias 32,5 X 20,2 centímetros. Uma curiosidade é que o primeiro administrador do jornal foi o *inglês Walter Boardman*.

Quando da fundação do jornal, no período do Governo Imperial, o presidente da província da Parahyba era Alexandre Machado, do Partido Democrático, que ficou no mandato entre 21 de julho de 1824 a 02 de março de 1827.

Foram muitos os jornais que circularam nas terras paraibanas, notadamente nas maiores cidades, João Pessoa e Campina Grande.

Na lista que apresentamos a seguir, os leitores terão a oportunidade de tomar conhecimento de nomes até engraçados, muitos deles, jornais de festa e de clubes carnavalescos, editados em nossa Capital.

A grande maioria teve vida curta. Alguns com periodicidade anual, notadamente os impressos durante as festas de final de ano e nos eventos das padroeiras das cidades paraibanas.

OBS. Por que não GAZETTA DO GOVERNO DA PARAHYBA DO NORTE na grafia da época (1826)? Apesar das pesquisas feitas (e foram muitas), não encontramos resposta. O nome escrito, naquele ano, numa grafia atual (GAZETTA DO GOVERNO DA PARAIBA DO NORTE), não deixa de ser um fato curioso.

# GAZETA DO GOVERNO

DA PARAIBA DO NORTE.

Nº 27

1826.



PARAIBA.

DE AGOSTO.

*Sans le succès, point de loi permanent. Sans les applaudis de la  
publicité et point de mot durable. — I. HENRY.*

— Era pensa de uma hora, torna-se a Cidade no  
mais pacifico estado.

## PARAIBA.

## REFLEXÕES.

Em 13 de Agosto de 1826, ás 10 horas da tarde, em virtude do Batalhão 19 unido a mais duas ou três Companhias Solteiras do mesmo Corpo, lançou fogo de seu belledgo instrumento, e atraxo toda a Cidade com uma chuva de canhões. O silencio da noite, e o espirito da morada, por esse tempo, e visto os pacificos habitantes de todas as ruas ao lado foi surtido o toque, e em consequencia todos os seus Corpos entraram nos seus Quartéis. N'um momento ficou toda a Cidade em armas, sem se saber de que parte surgiria o inimigo: appareceu logo o Sr. Commandante das Armas acompanhados de seus Officiaes, e dirigidos-se ao Quartel do dito Batalhão 19; ja o acharem formado: appareceu no mesmo lugar Sr. Ex. o Sr. Presidente acompanhado pelo Corpo da Policia, e appareceram logo todos os Commandantes dos Corpos, que trataram de examinar o caso não encontrando motivo em causa, mais de que a alusão de algumas Soldados a fim de tumultuariamente requisitarem certas coisas de que necessitavam: prenderam-se logo os autores de

Os Soldados que tiveram lugar em a noite do dia 13 de Agosto, pareceu ter sido um objecto a manter muita gente em justos temores. Procedendo-se a mais exacta e diligente indagação, achou-se, por motivo era, segundo a propria confissão dos Soldados proprios, o fizeram uma representação a fim de lhe darem o pão que venclad á dona em tres mezes passadas. A standante respeito dizenos com frequencia os seus sentimentos em duas palavras.

Não ha nada mais justo, que a medida, pela qual se deve distribuir o pão, seja uma só em toda a parte, e seja que avarizasse a respeito da medida do pão das Tropas, designar-se-ous, que se realisa-se geral e uniformemente em todo o Imperio; por em consequencia, que a occasião não foi das mais opportunas para fazer-se esta repentina mudança: com a qual o Soldado não está, e muito mais se reflecte-ous, que elle está privado effectivamente dos seus recursos por falta de superação. Fora do porem, as Reas rigorosamente exigidas por amaldiçoada, depois de se ter procedido em certo, e em todos as formas



## PARAHYBA DO NORTE/ JOÃO PESSOA

### - Os seus jornais -

São os seguintes os jornais, desde o **século XIX** até hoje, que fizeram e fazem parte da história do jornalismo impresso da nossa Capital, cidade da **Parahyba / João Pessoa**: **Gazeta do Governo da Paraíba do Norte** (1826); **O Reformista** (1849); **O Parahybano** (1855); **Imprensa** (1858-1859-1912-1914-1916-1917-1932-1942); **Imparcial** (1860); **A Borboleta** (1860); **O Livro Negro** (1861); **Jornal da Parahyba** (1863-1864-1873-1876-1879-1883-1884-1886/1889); **O Solícito** (1867); **A Esperança** (1867-1869); **Conservador** (1876-1879-1884/85-1887); **O Porvir** (1873); **O Bossuet da Jacoca** (1875); **O TYPOGRAPHO** (1876); **Echo Escolástico** (1877); **Opinião** (1877); **O LIBERAL** (1877) **Despertador** (1861-1889); **O Ensaio Literário** (1879-1880); **A União Liberal** (1878); **Observador** (1879); **O Liberal Parahybano** (1879); **Parahyba** (1880-1881-1883); **O NORTE** (1882); **Correio Oficial** (1882-1892-1903-1906-1910/1911); **Mercantil** (1883); **O Commercio** (1883-1900-1906/1907); **Diário da Parahyba** (1884-1885); **O Estudante** (1885) **O Sorriso** (1887); **Arauto Parahybano** (1888); **A Verdade** (1888); **Emancipador** (1888); **Diário da Parahyba** (1884-1885); **MONITOR** (1885); **Gazeta da Parahyba** (1888-1890); **O Livro** (1890-Anno I); **Pelicano** (1890); **O Estado da Parahyba/ Estado do Parahyba**; (1890/1894-1908-1911/1914); **A PINÇA** (1892); **O Estímulo** (1892 – Ano I); **The Parahyba Times** (1894); **Gazeta do Commercio** (1895/1897); **Parahybano** (1895); **Monoculo** (1902); **Combate** (1902-1904-1924-1928-1988-1994); **Folha** (1906); **Instructor** (1906/1907); **Gutenberg** (1909); **Echo** (1909); **Correio da Tarde** (1909-1910); **Novenal** (1911); **Lucta** (1912); **Chique** (1914); **Nota** (1914-1916-1920); **Noticia** (1914); **Diário do Estado** (1915 -1919); **Parahyba** (1915); **Novenar** (1915-1916-1919); **Diário do Estado** (1915-1919); **Noite** (1915); **Novenário** (1916-1918); **Jornal das Neves** (1916); **Correio da Manhã** (1916/1918-1930/1932); **Gazeta da Festa** (1917); **Novenar Antigo** (1917/1918); **Educador** (1921-1922); **Alvorada** (1933); **MERCÚRIO** (1946); **Jornal do Povo** (1947); **Estado** (1952/1954); **Árcade** (1958); **Jornal ASPEP** (1959/1966/1980); **A Tribuna** (1987-1988); **O Momento** (1973-1991).

Primeiro exemplar de A UNIÃO – 02.02.1893

# A UNIÃO

Orgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba

ANO I CAPITAL, QUINZA-PARÁ e 28 DE FEVEREIRO DE 1893

### Artigo

**PARTE DO PROBLEMA QUE DESEMPENHA O GOVERNO**  
O problema do governo é sempre o mesmo, quer se trate de um governo republicano ou de um governo monárquico. O problema do governo é sempre o mesmo, quer se trate de um governo republicano ou de um governo monárquico.

### A UNIÃO

Este é o primeiro artigo publicado no jornal A UNIÃO. O artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

### TELEGRAMAS

1893	1000
1894	1000
1895	1000
1896	1000
1897	1000
1898	1000
1899	1000
1900	1000
1901	1000
1902	1000
1903	1000
1904	1000
1905	1000
1906	1000
1907	1000
1908	1000
1909	1000
1910	1000
1911	1000
1912	1000
1913	1000
1914	1000
1915	1000
1916	1000
1917	1000
1918	1000
1919	1000
1920	1000

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.

Este artigo discute o papel do governo e os desafios da administração pública no contexto da República. O autor analisa a estrutura do Estado e a responsabilidade dos governantes.



Quatro anos após o surgimento de A UNIÃO, apareceu na cidade da Parahyba um jornal que não pode deixar de ser citado: o jornal da Diocese, com o nome de A IMPRENSA, fundado, em 27 de maio de 1897, por D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, 1º Bispo e 1º Arcebispo do nosso Estado. Seu primeiro redator-chefe foi o padre José Tomaz, que tinha um colaborador importante, o religioso Manoel Paiva.

Como destaca, em um dos seus trabalhos, a jornalista e historiadora Fátima Araújo, “Era um jornal corajoso com bons editoriais, matérias opinativas e reportagens interpretativas Ele marcou época, com grande aceitação popular”

Mas, existiu também, com o mesmo nome, a Imprensa, que circulou nos seguintes períodos: 1858-1859-1900-1901-1902-1903-1912-1914-1916-1917 e 1932-1942. Mas, não era o periódico católico, que fora criado por D. Adauto.

A IMPRENSA – SEXTA-FEIRA- 14.05.1858 -ANNO I – Nº 97



A IMPRENSA – Domingo - 06.11.1898 - ANO II – Nº 79

NOTA: SURGE ET AMBULA – (ERGUE-TE E ANDA, traduzindo do Latim para o Português), ou LEVANTA-TE E ANDA

BRASIL DOMINGO, 6 DE NOVEMBRO DE 1898 PERNAMBUCO

# A IMPRENSA

ORGÃO SEMANAL DOBRO DOUTRINARIO E NOTICIOSO

ANO II	<b>Surge et Ambula</b>	ASSOCIADOS ANOS DA CAPITAL 1898	N. 79
L. A. T. A. V. O. F. H. V. G.		ASSOCIADOS ANOS DA CAPITAL 1898	

## CARTA ENCICLICA

DO SUMMO PONTIFICE E DO CATHOLICO  
LEO XIII. PAPA

As que se referem a Igreja e a Igreja Brasileira, quando depois de ter sido fundada da mão de Deus, e depois de ter sido fundada da mão de Deus, e depois de ter sido fundada da mão de Deus...

As que se referem a Igreja e a Igreja Brasileira, quando depois de ter sido fundada da mão de Deus, e depois de ter sido fundada da mão de Deus, e depois de ter sido fundada da mão de Deus...

## A IMPRENSA

DO SR. DR. GILBERTO DE O. CAL-

Transcende da surge de religião... governo da Igreja... a imprensa...

**CARTA PASTORAL**

EM. REV. P. ALBERTO A. DOMINIANI REVERENDISSIMO

DEUS A CORDIS... DEUS A CORDIS... DEUS A CORDIS...

Para que a imprensa... a imprensa... a imprensa...

Alguns... a imprensa... a imprensa...

BRASIL DOMINGO, 6 DE NOVEMBRO DE 1898 PERNAMBUCO

# A IMPRENSA

ORGÃO SEMANAL DOBRO DOUTRINARIO E NOTICIOSO

ANO II	<b>Surge et Ambula</b>	ASSOCIADOS ANOS DA CAPITAL 1898	N. 79
L. A. T. A. V. O. F. H. V. G.		ASSOCIADOS ANOS DA CAPITAL 1898	

A REGENERAÇÃO – Jornal Político, Literário, Noticioso e Commercial foi editado a partir de 1861, circulando duas vezes por semana. Abaixo um fac-símile com a capa de edição 65 (04.01.1862), O jornal era impresso na TIPOGRAPHYA PARAHYBANA, situada na Rua da Baixa.

**A REGENERAÇÃO.**

**JORNAL POLITICO, LITTERARIO, NOTICIOSO E COMMERCIAL.**

IMPRIME-SE E SOBREVEZ-SE NA TIPOGRAPHYA PARAHYBANA, RUA DA BAIXA N. 45

ASSIGNATURAS: ANNUAL ... 12\$000, SEMANAL ... 1\$000, POR ... 200\$00

ASSIGNATURAS: ANNUAL ... 12\$000, SEMANAL ... 1\$000, POR ... 200\$00

Publicações regulares duas vezes por semana. As assignaturas serão pagas adiantado, e os corretores não recebem senão depois de verem os seus artigos. Não se responde por artigos que não forem enviados no prazo de tempo. A responsabilidade de cada artigo é do autor.

Anno II. Parahyba, Sabbado 4 de Janeiro de 1862. N. 65

**PARTE OFFICIAL.**

**GOVERNO DA PROVINCIA.**

Provincia do Rio de Janeiro, 1862.

**Expediente do governo.**

**Dia 30.**

**Officio do Sr. presidente do Conselho.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...

**Expediente do governo.** — Ao Sr. presidente do Conselho do Rio de Janeiro, para que se proceda a nomeação do Sr. ...



ANNO I

# O TYPOGRAPHO.

NUM. 19.

PERIODOICO CRITICO E NOTICIASOR.

Assigna-se no typ. do "Publicador".  
A redacção aceita qualquer trabalho que se lhe offereça

1876.  
Quarta-feira 15 de Novembro  
Parahyba do Norte.

Preço das assignaturas  
Por mez ... 500 rs.  
Não se vende numero avulso.

## NOTICIARIO

PARAHYBA 15 DE NOVEMBRO DE 1876

**Fallecimento.**—No dia 6 do corrente, na povoação do Cabedello, morreu o Sr. João Francisco de Lima Junior.

Durante o periodo de sua vida social, tanto n'esta capital como na povoação do Cabedello, onde residia, ganhou a estima e consideração de todos que com elle tinham relações, como tambem para aquelles que os conheciam.

O fregate era politico dos Vapores das duas Comarcas.

Como pratico de longa data exercitados nos trabalhos maritimos era o astro brilhante de aquella classe.

E como particular, de caracter firme e moedas delicadas.

Deposittamos em sua tumulo uma grinalda de scamillos, e dadas as suas honradas paiz, os nossos sinceros pozimentos.

**Reunião Popular.**—Tevo lugar no dia 5 do corrente, no palha da matriz, a reunião que estava annunciada para aquelle dia, para o fim de tratar-se da continuação de aquella obra.

As 5 horas da tarde, depois que a musica do corpo policial havia executado algumas peças, e já estar alli reunida maior parte da população desta capital, rompeu o silencio o Sr. Francisco José do Rozario, pronunciando um bello elaborado discurso em seguida a Sr. Domingos José Rodrigues, e logo depois o nosso amigo o Sr. Tenente Manoel Evangelista de Vasconcellos concluiu seu discurso com a leitura das nomeações das comi-

issões para agenciar emelas por todas as ruas d'esta cidade e nos pontos mais vizinhos.

Eis as nomeações.

Comissão encarregada de agenciar emelas para o bairro de obras de Matias de N. S. das Neves.

De assigna sua casa do Largo de S. Francisco ao becco do Misericordia, encaminha a rua de Matias, e beccos do Corrao e companhia.

Os Srs. Tenente Aníbal Flaminio Vary, Tenente Manoel Evangelista de Vasconcellos.

Rua Direita à partir da casa da Tenente Domingiano Lucas de Santa Helena, ao largo do Paço da Presidencia.

Os Srs. Francisco d'Assis Carneiro, Francisco José do Rozario, Benedito Luis Castanhola.

Trincheiras à partir do largo do Paço da Presidencia ao sitio do final Camisoleiro.

Os Srs. José da Silva Neves Filho, Carlos Augusto d'Almeida e Albuquerque.

Antigas ruas da Cadeia, Mercês, Boial, e partir da casa do Major Felinto aos dois Camisoleiros.

Os Srs. Roberto Augusto Cesar, Jacintho José da Cruz.

Rua d'Alagoa da frente de dentro, Xibiduro, Minguete, Lagarda, Instituto e Largo de Ribeiro.

Capitão Antonio Carlos d'Almeida e Albuquerque, Francisco Primo Cavalcanti d'Albuquerque.

Rua da Theozara, S. Elias S. José e S. Antonio.

Capitão Carlos Antonio Monteiro da França, Manoel José Alves Branco.

Rua do Tamboá, à partir da casa de José da Silva Coelho ao Sítio Cruz do Paço inclusive a rua Formosa, Quinta Carlos.

Tenente Floripes Constantino Augusto Rozas, Alfeu Antonio Soares de Paiva.

Também é o Sr.:

O Sr. João de Matta Rago Moura, Sítio Branco Cruz, Agua-feia nº 6 e Barra do Gramame.

Capitão Ernesto Mata de Silva Coelho, Ladeira das pedras, antiga rua d'Antes e Zumbi.

Os Srs. Major Luiz da Rocha e Melo, Cap.º Babiano José Meira.

Antes era das Governadas, à partir da loja dos Vinagros, até desdobrou na rua do Paço.

Os Srs. Tenente Carneiro Francisco Antonio Arranha Chizena, Soares & Castro, José Varandas de Carvalho, Estrada de Garra, Virg. de, Alegria e becco do Tanque.

Os Srs. Feliciano de Lencina Gize, Antonio Miservino de Cruz.

Rua do Fogu, Quentes, Pádua Mazzilha becco do Imperio e outras.

Os Srs. Alfeu Henrique da Silva Antunes, Ginol Manoel Gomes de Carvalho.

Bla vista, Flores, Rajoca, Beza e Irasessas respectivas.

Os Srs. João Lucas Veloso, João de Mattos Bonifazi.

Rua da Gambeira

Os Srs. Cap.º Matias Desolado da Rocha Leite, José da Silva Coelho Filho.

Rua de Matias, Sadama, Capoteiro e suas immedições.

Os Srs. Antonio Theopompio da Silva, Frederico Francisco Xavier.

Barrozas

O Sr. Francisco d'Almeida Ben. S. Rita, e Cruz do Espirito Santo

Os Srs. Antonio Ferreira Balthar, Eustachio do Rego Barros.

Theozara

O Sr. Francisco d'Assis Carneiro.

Capitulado-se a reunião com a sua passividade, que percorreu todas as ruas da cidade.

Edição nº4, dia 05 de maio de 1883, do jornal O EMANCIPADOR, apresenta em sua primeira página, a posição abolicionista. A luta em defesa da comunidade negra já se fazia sentir em diversos periódicos brasileiros, no período do império. Uma luta vencida com a promulgação da Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3 353 de 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão em nosso país.

Parahyba do Norte, 5 de Maio de 1883. NÚMERO 4.



# O EMANCIPADOR.

ORÇÃO DA EMANCIPADORA PARAHYBANA.

Publicação semanal. Condições de assinatura: Pagamento trimestral.	<b>Sub lege libertas</b>	Por trimestre . . . 1\$000 « semestre . . . 2\$000 « anno . . . 6\$000
--	--------------------------	--

## O EMANCIPADOR

PARAHYBA, 5 DE MAIO DE 1883

É de grande interesse de todos nós, leitores, que se venha a estabelecer uma revista de propaganda da nossa causa abolicionista, que nos dê a conhecer os problemas sociais e políticos que se debatem em nome da liberdade humana e que nos dê a conhecer os progressos da nossa causa abolicionista, que nos dê a conhecer os progressos da nossa causa abolicionista, que nos dê a conhecer os progressos da nossa causa abolicionista.

Em um tempo de paz, que se dá, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

Quando se trata de liberdade, não se pode deixar de considerar os abolicionistas de todos os países, que são os defensores da liberdade para que todos os homens possam gozar dos direitos que a natureza lhes dá, e que não sejam considerados como propriedade de outros homens, mas como seres humanos, que devem ser tratados como tais.

O CYSNE foi um jornal lançado com o seu primeiro exemplar circulando na Parahyba do Norte, no dia 03.11.1889 (hoje João Pessoa), com escritório e redação situados na Rua Nova da Lagoa, nº 20. Foi um jornal de publicação semanal.

ANNO I

PARAHYBA DO NORTE, 3 DE NOVEMBRO DE 1889

NUMERO I

# O CYSNE

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

Assinaturas	ESCRITÓRIO E REDACÇÃO	Publicação
Por 60 dias . . . . . 2500 Annuo avante . . . . . 2100	Rua Nova d'Alagoa n. 20	Publica-se semanalmente.

**Expediente**

Nenhum escripto se acceptará sem que esteja assignado e competentemente responsabilizado.

Os autographos publicados ou não, não serão restituídos.

Terá direito a uma assignatura, quem a pedir por este jornal.

As publicações solicitadas ou não, serão feitas sob ajuste.

Toda pagamento será feito adiantadamente.

Todo o qualquer negocio referente ao Cysne, trata-se no nosso escriptorio, a Rua Nova d'Alagoa n. 20.

**AVIZO**

Consideramos como assignantes do nosso jornal todos aquellas pessoas que, recebendo o primeiro numero, não se desviam nem ao prazo de cinco dias a contar do dia do seu apparecimento.



PARAHYBA, 3 DE NOVEMBRO DE 1889

Sem nenhuma recommendação valiosa, o « Cysne », que representa uma parte da sociedade que morre e muito prez o cultivo do es-

pirito, apresenta-se hoje, quasi que tactando no mundo do jornalismo, por onde há de peregrinar por longo espaço de tempo, se a luz sublima da imprensa não lhe espantar a treva que lhe vai a alma!

Aviões de letras e instrução, nós, arrastando, subrancielos, os furros perlicozos de uma ventania que é rigida, e, em aterradora tempestade declarada, affrontamos os duros embates das ondas enraivecidas de um mar que é turvo e que, revoltin, ameaça derrota.

Seja ou não longa a tempestade, seja embora inevitavel um naufragio pavoroso, sopraem todos os ventos de uma só vez, e, em grossas bagas, caindo uma chuva longa que molhe as nossas vestes ja humidas, que não farão resfriar no coração dos intrépidos nautas a esperança de irem aburdar no portin salutar da Litteratura; ahí será a nossa nova patria.

O nosso caminho por estes paragens desconhecidas, por estes extensos campos de ar agradável e atraente, mas que a trilha é de abrochos, e em busca d'essa manancial divino que fortalece o ser que pensa e o faz reconhecer da razão e de seus direitos constitucionaes.

Em já tempo de a mocidade parahybana tomar

assento no banquete do jornaalismo.

A imprensa, essa deusa carinhosa que maternalmente abraça os filhos orphãos, que jamais tiveram o doce effeito de uma mãe estremeada, apertará com o mesmo carinho o « Cysne », impiume ainda, e a esquecerá em seu collo amigo, balfejando-o com o seu halito santo, dando-lhe, assim, forças para se apresentar aos renhidos combates da vida, cujas palmas, se as obtiver, submissa, depois, cheio de contentamento, no seu alvo regaço jospado.

Nunca falta a sacha é boamente que é cuidadosamente regada de boas arvãhãs.

Se a terra é fértil e o lavrador não adormece, colher-se fructos sazonados, de sabore excellentes sem abundancia maior; se, porém, o lavrador é descuidoso, nos menores raios de um verão do-nublado, entristece-se a planta, dobram-se quasi sem vida as suas hastes, e os seus fructos serão caírrados ainda em flor.

Nós, porém que permanecemos de vigilia, em longa insomnia, não deixaremos nunca de trabalhar com todas as nossas forças para conseguirmos colher o gomo ambeccionado da instrução e reparti-lo com aquelles que

## ESTADO DA PARAHYBA X ESTADO DO PARAHYBA

Na história do jornalismo impresso do nosso Estado, observamos, ao longo dos anos, especialmente no período compreendido entre o século XIX e começo do século XX, algumas mudanças na grafia nos nomes dos nossos jornais, além do uso do adjetivo gentílico (**O GOVERNISTA PARAHBANO - 1851, PARAHYBANO - 1855, ACADÊMICO PARAHYBANO – de 1866**), no complemento dos seus nomes. No próprio nome do Estado, hoje, Paraíba (sem H e Y).

Este fato é conhecido de nossos principais historiadores, afirma num dos seus artigos, o jornalista e historiador Evandro Dantas da Nóbrega. Segundo ele, o primeiro governador republicano (que então se dizia presidente estadual), Venâncio Neiva, resolveu adotar essa designação de “Estado do Parahyba do Norte” em referência ao rio - o rio Parahyba do Norte.

“Enfim, era como se aludisse (referência), ao Estado do rio Parahyba do Norte, pois, existia e existe, um rio Parahyba e um município (hoje Paraíba) do Sul” destaca Evandro.



Venâncio Neiva

Foi esse **Dr. Venâncio Augusto de Magalhães Neiva**, destacado magistrado que, antes de chegar à mais alta magistratura e à governança do Estado, foi ainda juiz municipal, quanto juiz imperial, juiz de Direito e juiz federal, responsável por outras mudanças nas terminologias e de nomes até de jornais da Parahyba.

Paraibanos do século XIX conheceram um jornal denominado “O Estado da Parahyba”, que circulou nos anos 1890/1894/1908/1911/1914, e folhearam, no governo republicano de Venâncio Neiva, o ESTADO DO PARAHYBA, na Província, do agora Estado, com o nome de “Estado do Parahyba”, numa referência ao rio do mesmo nome. “Era como se dissesse: o Estado do rio Parahyba ou o Estado com o rio Parahyba” – reforça o escritor, tradutor e historiador, Evandro da Nóbrega.





O jornal ESTADO DO PARAHYBA (imagem de 17.09.1891- ANNO II), começou a circular em 1890



O jornal ESTADO DO PARAHYBA (imagem de 17.09.1891 - ANNO II), começou a circular em 1890

O mesmo jornal nasceu em 1890, como o ESTADO DA PARAHYBA (imagem ao lado), diferentemente DO PARAHYBA da época Venâncio Neiva, mas com os mesmos ideais, um como ORGÃO REPUBLICANO, e o outro ORGAN REPUBLICANO.

Só houve a mudança de grafia. Como primeiro governador da Paraíba depois da queda do Império, o Dr. Venâncio foi também responsável pela instalação oficial do Superior Tribunal de Justiça do **Estado do Parahyba do Norte**, que assim se chamou, em seus primórdios, o atual TJPB (Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba).



# Jornais que circularam em nossa capital

ANO I PARAHYBA DO NORTE - NOVEMBRO - 1922 NÚMERO 2

# O PELICANO

PARAHYBA DO NORTE - ANO I - NÚMERO 2

PROPRIEDADE DE JAYME SEIXAS & C.

## O PELICANO

PARAHYBA DO NORTE - ANO I - NÚMERO 2  
+ 100 exemplares por semana  
Distribuição gratuita  
D. Seixas & C.

A imprensa é uma das forças mais poderosas existentes na sociedade humana e que influencia profundamente a vida social.

É através da imprensa que se divulgam as ideias e os sentimentos da sociedade e que se cria a opinião pública.

É através da imprensa que se informa o povo e que se cria a consciência social.

É através da imprensa que se luta pela liberdade e pela justiça e que se cria a vontade nacional.

É através da imprensa que se educa o povo e que se cria a cultura nacional.

É através da imprensa que se organiza a sociedade e que se cria a ordem pública.

É através da imprensa que se luta pela paz e que se cria a fraternidade humana.

É através da imprensa que se luta pela liberdade e pela justiça e que se cria a vontade nacional.

É através da imprensa que se educa o povo e que se cria a cultura nacional.

É através da imprensa que se organiza a sociedade e que se cria a ordem pública.

É através da imprensa que se luta pela paz e que se cria a fraternidade humana.

É através da imprensa que se luta pela liberdade e pela justiça e que se cria a vontade nacional.

É através da imprensa que se educa o povo e que se cria a cultura nacional.

É através da imprensa que se organiza a sociedade e que se cria a ordem pública.

inculcando os princípios, seja a lei: Apres da Nominada foi celebrado o contrato de compra e venda e o contrato de arrendamento de terreno, sendo o contrato de compra e venda assinado por Sr. Manoel de Souza e o contrato de arrendamento assinado por Sr. Manoel de Souza e Sr. Manoel de Souza.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

inculcando os princípios, seja a lei: Apres da Nominada foi celebrado o contrato de compra e venda e o contrato de arrendamento de terreno, sendo o contrato de compra e venda assinado por Sr. Manoel de Souza e o contrato de arrendamento assinado por Sr. Manoel de Souza e Sr. Manoel de Souza.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

Para mais pormenores consulte o Edital de Arrendamento de Terreno publicado no Diário da Manhã de 15 de Novembro de 1922.

### Impreciação Direta.

Uma das faltas mais graves que se comete em relação ao comércio exterior é a falta de informação sobre as condições de mercado dos países estrangeiros.

A Companhia Inglesa que se dedica ao comércio exterior tem um sistema de investigação directa sobre o mercado de alguns dos países mais importantes do mundo.

Este sistema consiste em enviar agentes para os países estrangeiros para obter informações sobre as condições de mercado e sobre as necessidades dos consumidores.

Este sistema é muito importante para a Companhia Inglesa porque lhe permite obter informações sobre as condições de mercado e sobre as necessidades dos consumidores antes de tomar qualquer decisão.

Este sistema é muito importante para a Companhia Inglesa porque lhe permite obter informações sobre as condições de mercado e sobre as necessidades dos consumidores antes de tomar qualquer decisão.

### Falset Water

Assim denominado, o Falset Water é um perfume muito apreciado nos círculos sociais de Londres, de Paris e de Berlim.

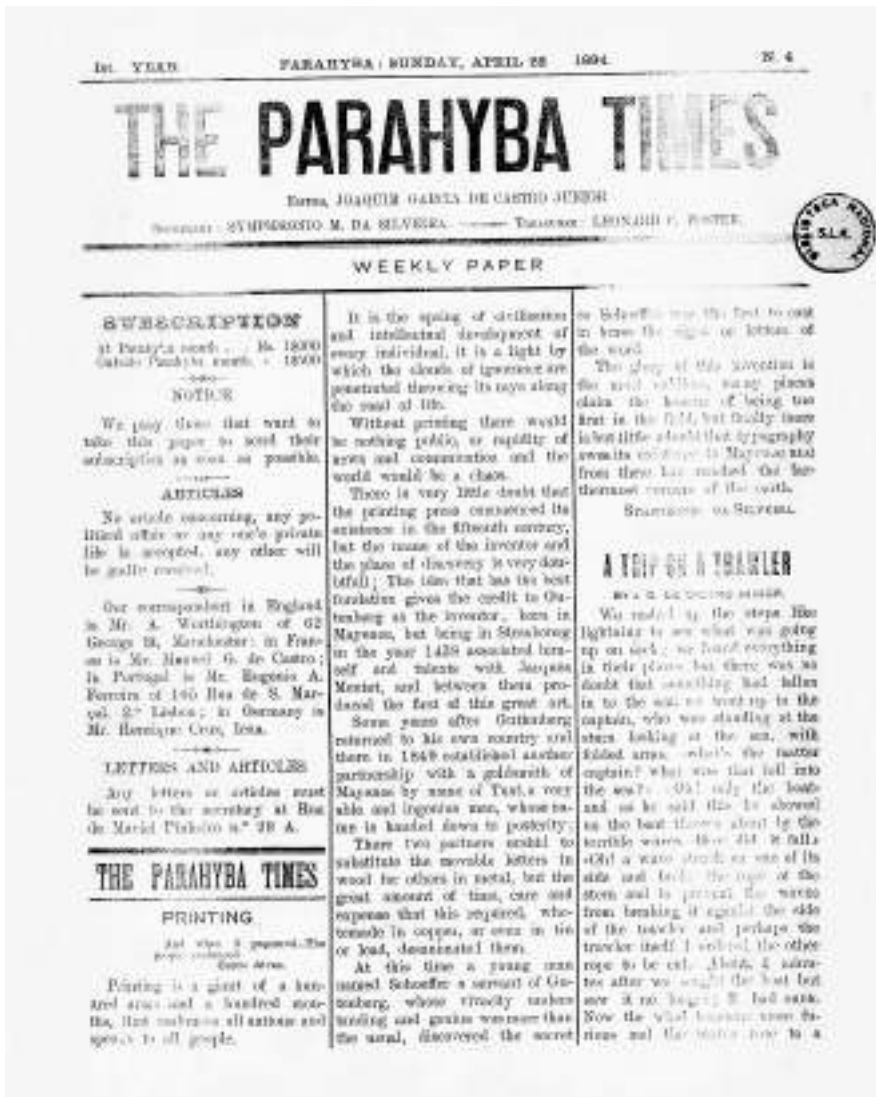
Alcivora que deseja possuir esta essência que tem a propriedade inimitável de alisar a pele e de deixar um perfume oriental das antigas, não hesite em comprar o Falset Water.

Alcivora que deseja possuir esta essência que tem a propriedade inimitável de alisar a pele e de deixar um perfume oriental das antigas, não hesite em comprar o Falset Water.

Alcivora que deseja possuir esta essência que tem a propriedade inimitável de alisar a pele e de deixar um perfume oriental das antigas, não hesite em comprar o Falset Water.

Alcivora que deseja possuir esta essência que tem a propriedade inimitável de alisar a pele e de deixar um perfume oriental das antigas, não hesite em comprar o Falset Water.

Alcivora que deseja possuir esta essência que tem a propriedade inimitável de alisar a pele e de deixar um perfume oriental das antigas, não hesite em comprar o Falset Water.



Na imagem a seguir a tradução para o português da primeira página, do The Parahyba Times, artigos: Symphronio da Silveira, (secretário do jornal) e de Joaquim Garcia de Castro Junior, seu editor. Por inteiro, apenas o primeiro artigo, pois parte do segundo é concluído na página número dois. Bem interessante! (Agradecimentos ao amigo Nonato Nunes pelos trabalhos de criação e diagramação dos textos por nós traduzidos, oferecendo ao leitor o que seria um THE PARAHYBA TIMES em nosso idioma).

# THE PARAHYBA TIMES

Editor, JOAQUIM GARCIA DE CASTRO JUNIOR

Secretary: STYMBRÔNIO M. DA SILVAIRA ———— Treasurer: LEONARD C. FOSTER.

WEEKLY PAPER

## ASSUBERIGÃO

No mês da Parahyba, Rs. 1 \$ 000

Fora do mês Parahyba, "1 \$ 500

## PERCEBER

Responda a todos os que desejam pegar este artigo que criem seus subscreitos mais breve possível.

## ARTIGOS

Nenhum artigo relativo a qualquer assunto político ou à vida privada de alguém é aceita, qualquer outro será recebido de maneira indifferença.

## CARTAS E ARTIGOS

Qualquer carta ou artigo deve ser enviado à secretaria da Rua Maciel Pabre.

## THE PARAHYBA TIMES

### IMPRESSÃO

Esquadril impressora ... O pino se abrange

Castro Alves

El quadril ... As pressoras se abrange

Castro Alves

Impressão é um gigante de sete braços e seis bocas, que abraça todas as nações e fala e lê as pessoas.

É a primavera da civilização e do desenvolvimento intelectual de cada indivíduo, é uma luz de luz na qual as nuvens da ignorância são penetradas, lançando seus raios ao longo da estrada da vida. Sem a impressão, não haveria nada público, ou rapidez de notícias e comunicação, e o mundo seria um caos.

Há muita dúvida de que a imprensa começou sua existência no século XV, mas o nome do inventor e o local da descoberta são muito duvidosos; A idéia que tem a melhor fundição dá o crédito a Gutenberg retornando como inventor, nascido em Mayence, mas estando em Estrassburgo no ano de 1438 associou seus talentos a Jacques Mentet, e entre eles produziram a primeira desta grande arte.

Alguns anos depois que Gutenberg retornou a este país e, em 1848, estabeleceu outra parceria com um cirurgião de Mayence, com o nome de Tust, um homem muito capaz e engenhoso, cujo nome é atribuído à posteridade. Dois parceiros pediram para substituir as letras móveis em madeira por outras em metal, oferecendo a grande quantidade de tempo necessário para cuidar e guardar isso, feitas em cobre, ou mesmo em estanho ou chumbo, desanimando-os.

Naquela época, um jovem chamado Shoeffler, servo de Gutenberg, cuja vivacidade e genialidade eram mais do que o habitual, descobriu o segredo, de modo que Shoeffler foi o primeiro a lançar em bronze os sinais ou letras do mundo.

A glória desta invenção é a mais sublime, muitos lugares reivindicam a honra de ser a primeira no campo, mas finalmente há apenas um ponto de dúvida de que a tipografia deve sua existência a Mayence e de lá chegou aos cantos mais longínquos da terra.

REMEMBRO DA SILVEIRA

## UMA VIAGEM EM UMA TRINEIRA

POR J. DE CASTRO JUNIOR

Entramos naquela noite como um rato para ver o que estava ali dentro com profundidade; encontramos tudo em sua lugares, mas não havia dúvida de que algo havia sido no mar, embora até o espírito que estava parado na popa alçando para o mar, de braços cruzados, qual é o problema, espírito? O que há uma coisa? Oh! apenas o barco e, ao dizer isso, nos aproximamos o barco socedido pelas ondas terríveis. Como caiu. Oh! uma onda atingiu um de seus lados e quebrou a curva na popa e, para evitar que as ondas a quebrassem, foi contra o lado da trineira e tocou a própria trineira. Eu ordenei que o pedale fosse encerrado. Com o 4 minutos após o término. Não havia afundado.

Agarre o vento ficou mais furioso e as ondas subiram para um ...



# O GOVERNISTA PARAHYBANO.

FOLHA OFFICIAL, POLITICA, E LITTERARIA.

O GOVERNISTA PARAHYBANO sahirá regularmente toda os Sábados. — Subscrovese para o mesmo na Typographia. Preço da assignatura 1:000 rs. por um trimestre. Anos 50 rs. As correspondencias, ou recommendações de que trata o Prospecto, n.º 1, hão de ser entregues na Typographia, e publicadas gratuitamente.

## PARTE OFFICIAL.

### GOVERNO DA PROVINCIA.

*Conducta do expediente do dia 17 de Janeiro de 1851.*

— Ao Inspector da respectiva mandado pagar ao major Gonsalves Severo de Moraes a despeza com o contrato e despeza do movimento em respeito de 24 de Junho de 1849 conforme a conta presta.

— Ao examinar a lei da pensão de 1000 que o Sr. João de Sá, declarado em offício de Auditor de a pagar ao major Luiz Soares de Albuquerque, em virtude do soldado Antonio Filipe Dias de Sá, morto em um campo de batalha, e para lhe foi pagado em offício de 15 de Janeiro, e autor que satisfizesse esta exigencia para poder a Presidência deliberar a que se pagasse ao soldado; e que o p.º João Antonio de Oliveira de que trata o offício de Sá, antes de ser exigido voluntario para o serviço da guerra da extincção de Sá.

— Ao possessor de latim de 1000 de Souza, autorizar a recepção do seu offício de 2 de Janeiro passado, e para pagar do mesmo, que se pagasse a sua mãe no mesmo passado e que se a extincção de Sá, deve-se-lhe o correspondente ao a Presidência por intermédio do Director geral da instrução.

— Ao administrador do cemitério da capital deparando que apresenta em estado, que se deve tomar com offício a segunda e terceira o.º, e a quarta se os offícios de Sá.

— Ao Inspector da thesauraria de fazenda em res-

posta a Presidência a respeito do Governo Imperial a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.

— Ao Inspector da thesauraria em respeito a esta extincção de Sá, e quanto a este offício de 15 de Janeiro.



JORNAL DO POVO, do deputado comunista João Santa Cruz. Esse jornal paraibano, que circulou por dois anos, era uma espécie brasileira do PRAVDA (o jornal da União Soviética, ainda existente).



A BORBOLETA, edição nº 10, de 09.12.1860 – jornal RECREATIVO, JOVIAL E POÉTICO, publicado apenas aos domingos.

# A BORBOLETA.

JORNAL RECREATIVO, JOVIAL E POÉTICO.

**1860. Domingo 9 de Dezembro N. 10.**

A BORBOLETA publica-se todos os domingos, e suscreve-se na Typographia da rua Helder-ros. A sua assinatura custa de 800 rs. mensaes, e o seu Annuo é de 8 do distribuir-se pelas Jo-urnas e os sinavel. bellóres.

## A BORBOLETA.

### OITO DE DESEMEMO.

*Tota pulchra es Maria*

Em todos os tempos desde o sacrificio do agnelho, quando o sangue do Cordeiro immalado regou a terra para libertar as Nações o horrivel captivoiro a que ficaram sujeitos em consequencia da crueldade dos nossos antepassados para a Virgem de Nazareth tua filha forada como Mãe de Deos e dos homens, como Auxilio dos christãos, Rainha dos Anjos e dos Santos.

Nem era possivel que Aquella, que foi destinada para receber em seu seio o Filho de Deo, cuja missão foi salvar o genero humano, não recebesse dos povos esse culto cheio de amor, de alegria e consolação.

Nenhum christão verdadeiro ha que não appetir o mellhor e sancto nome de — MARIA VIRGEN — não sinta enlevar-se o coração por um doce arroubo que parece eleva-lo o mundo para o collocar junto dos Anjos que á cercani, e no lado de Jesus de quem amhem ella é Mãe!

Oh! quanto é lindo, quanto é doce o nome de Maria! Elle consola os afflicto, cura os enfermos, a todos alegra!

Ainda hoje nos possos seções o dia 8 de Dezembro é festejado com tão sumto enthusiasmo que os povos parecem como que enleados de amor e veneração por Aquella a quem com ternura elles chamam — Mãe, ANTÍSSIMA. —

Alli o pobre e o rico, o escravo e o senhor, todos repetem segundo a sua linguagem vulgar, mas com devoção fervorosa, e quasi que em delirio — *Tota pu chra es, Maria.*

E' este o remate da festa.

Muito conviria que as nossas cidades apresentassem este exemplo balsamico, de fonte de gratas consolações, que nos offerecem hoje, em cujo seio ainda não chegam os

... e a gente da cidade...  
... vem o contrario...  
... e feito nos nossos...  
... passa entre nós...  
... Misericordia da humani-  
... dada!

D'elles se compo leza o Filho de Maria, e a nos enherda que nosramos na crenga que bebemos no herço.

## Maria!...

Como é doce, como é bello  
Este nome de **MARIA!**  
E' o nome d'uma joven  
A quem voto sympathia.

E' o nome q'os meus sonhos  
Traz prazer e alegria,  
E' o nome que mais amo  
Este nome de **MARIA.**

Quando no velo é o nome  
Que me vem a fantasia.  
Quando durmo levo em sonhos  
Este nome de **MARIA**

Assim dormindo ou velando  
Sempre sinto alegria,  
Quando ouço murmurar  
Este nome de **MARIA.**

Alem desta jamais outro  
Inspirou-me sympathia,  
Não m'alagra outro nome,  
Que não seja o de **MARIA.**

Como é bello, como é doce,  
Como cauza alegria  
A quem ouve decantar  
Este nome de **MARIA!**

JORNAL POLÍTICO, LITERÁRIO e NOTICIADOR é como se apresenta o jornal O DESPERTADOR em sua primeira página, no fac-símile acima, datado de 22 de dezembro, uma sexta-feira do ano de 1876. O ano é o décimo oitavo de sua existência, número 1.111. Sua fundação, portanto, ocorreu no ano de 1862. Sua redação funcionava na Rua Marquês do Herval (antiga Rua Nova), nº33.







# O LIVRO NEGRO.

JORNAL CRITICO, CORRECCIONAL, E DE VARIEDADES.

Serie I. Segunda-feira 25 de Setembro de 1861.

N. 2.

## TRIBUNAL SECRETO.

### POLICIA CORRECCIONAL.

■

Acc: o *Dr. Opinião Publica.*

Promotor: o *Dr. Verdade.*

Escrivão: o *Probidulo.*

#### EXPEDIENTE.

Ilm. Sr. Juiz.

Diz o mestre José Periquito, professor de grammatica bestiológica, patrão-mór do chavero *Aloz* e proprietario dos presos de pão q<sup>o</sup>, escamoteou ao partido christão, que elle se acha preso nos carceres da policia correccional para responder n'este juizo por culpas vulvas e mortas, que contra elle produziu o *Dr. Verdade*; mas sendo o supplicante um dos *bravos* que assistem o coronel Caldeira, na qualidade de periquito, e cuja denominação ainda hoje se honra, deve gosar do foro militar, e por isso em vez de um processo civil, quer ser julgado por conselho de guerra; e por tanto

Pede a V. S. se digne mandar relachar o processo d'este para o foro militar.

E. R. M.

Indeferido. Se o foro militar estivera mais garantido o réo supplicante estaria hoje arcabesado. O foro militar é para os militares leigos e disciplinados, que um dia tiveram a desgraça de claudicar, e não para um guerrilha como é o réo. Continue portanto o seu processo n'este foro.

Deserto 22 de Thr.<sup>o</sup> de 1861.

A *Opinião Publica.*

Ilm. Sr. Juiz.

Diz D. José das Nabças, barão da Gulliza, condecorado com a grã cruz da ordem lagartixa, que elle se acha preso nos carceres da policia correccional para responder por varios crimes, que contra elle promove o promotor da justiça do povo; mas sendo o supplicante nobre pelos quatro costados, e pertencendo ao corpo diplomatico, como prova pela missão reservada e extraordinaria, em que se acha n'esta illa dos casos raros, vem supplicar a V. S. se digne declinar o seu processo para o foro privativo dos diplomatas; e por tanto:

P. a V. S.<sup>a</sup> assim lha dell'ry.

E. R. M.

Indeferido. A nobreza de peixe frito não é reconhecida n'este tribunal; e a diplomacia galega não está reconhecida no país. Hade portanto ser julgado como qualquer galego de pão e corda.

Deserto 22 de Thr.<sup>o</sup> de 1861.

A *Opinião Publica.*

Ilm. Sr. Juiz.

Diz o *Dr. Verdade*, promotor da justiça da opinião publica, que servindo n'este tribunal como escrivão o Manoel Pendica, por antonomasia o Botija, vem representar a V. S. que este individuo por seus antigas e inveteradas manhas de escamoteador, e tranqueletista de custas e outras couzas mais, não está no caso de servir n'um tribunal, em que V. S. é juiz e em que se tem de corrigir com o desprezo publico aquellos cavalheiros de industria

# ECHO ESCOLASTICO.

PERIODICO SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO.

*De Deo e mundi non separatio,  
Nas oras da instrução ao céu subitas.  
(SHAKSPEARE.)*

Publica-se em 12 tomos por ano a taxa de \$200 por trimestre. Encargo da redacção 5 em Duque de  
Caxias n.º 15. Todo o qualquer pagamento será sempre allantado. Numero avulso 200 reis.

ANNO 4

PARAIBA DO NORTE, 19 DE SEPTEMBRO DE 1877.

NUMERO 8

## ECHO ESCOLASTICO.

Paraíba 19 de Setembro de 1877.



O DIA 7 DE SETEMBRO

Independência! Eis o que o dia 7 da venturosa  
septiembre nos faz lembrar: eis a pátria que reza  
o sentimento as libris do brasileiro; eis o brado  
que sempre soa alegre de um peito ardente de pa-  
triotismo! Eis a grande lida do *Vice-rei*, o po-  
tência já mais esportada, o celebre martyr pela cau-  
sa santa da liberdade.

Independência é o elle que, sem mais dize ao  
invito do povo hoje estorrecido em sua patria, ou-  
tra soffocada innocente do arvoreto da liberdade  
do estrangeiro ambicioso.

A demasia, quasi inextinguível, de injustiças que ap-  
primam os direitos do nobres patrios irmãos, estor-  
recem-se de encontro as proprias imposições de  
aquele governo que procurava vedar a luz da razão  
para nas trevas do analfabetismo escrever nos  
com fereza à seu talente offeso.

Estudava-se melos de effusar no emburramento  
do mundo a grandezza e sublimidade dos genios

brasileiros, para ser mais bello o rocio de cubrosas  
lencas.

O ultrage, o habilito e o doeste que a força da  
inveja o egoismo portuguez não cessava de afflar  
ao fundador do Brasil sentia-se um dia como  
sempre se extinguem as ameaças e improperios del-  
lamantes que Deus proffibe e que Deus castiga.

Somos independentes da nação, cujos filhos  
purdoras e longos annos estorrecido com estu-  
pido e nojento vil perdia nossos patrios: impo-  
ndo ordens, sem attenção as leis de um deuce ra-  
valheras e sem respeito as conveniencias de hu-  
manidade, como o esobar mais fera o crucl não  
prelimia com o escravo mais vil e inoprotolo-  
so L...

Deus é justo! o clamor das soffrimentos foi pô-  
der justica a sua superioridade infinita, e visse o  
evito grandioso da imprealidade das Gões.

Casa a feudo nãva e livre d'aquelles infamón-  
tes mazelarias virde os ceasos ascendentes o povo  
já desolado aos abanos e alcovotas clamorosa  
moritar e pô do desespero, estorrecido de  
raiva mortificalora, ao ver, enfurecida de indigna-  
ção sem valimento, está de todas as peitas bras-  
leiros a fustoso—Viva a Independência do Bra-  
sil!

Em este abajamento festerrecidas à nossa li-  
cenciada redoltração-se as convenções do assuho  
inimigo ao repañhor que o era patria fã o pre-  
pito a levantar o grit fã Independência os Mor-  
ta.

Mas era a justigados Gões que mandava sus-  
pender o martyrio do povo escravidado.

Sua; não era o desejo voluntario de Pedro I  
quem fã estorrec nas margens do Ypiranga enthu-  
siasticos: viva a patria — já brilhante e emboril;

A PINÇA foi um jornal que apareceu no final do século XIX. Sem muitas pretensões, dedicou-se mais aos interesses dos operários das oficinas tipográficas (o seu editorial deixa isso bem claro), sem esquecer, porém, o bem-estar da comunidade. A capa acima é do exemplar de nº, de 13.03.1892.



**A PINÇA**

ÓRGÃO TIPOGRÁFICO

DO

---

PARAHYBA DO NORTE

ANO I N. 1

DOMINGO 13 DE MARÇO DE 1892.

---

**IMPEDIENTE**  
Publicação semanal

ASSIGNATURAS

Para a capital

Por mês ..... 400 rs.  
 Por trimestre ..... 1000 rs.  
 Por semestre ..... 2000 rs.  
 Número avulso ..... 100 rs.

Para o interior

Por mês ..... 500 rs.  
 Por trimestre ..... 1200 rs.  
 Por semestre ..... 2400 rs.

A redacção se responde por seus artigos  
104.

Toda e qualquer notícia concernente a esta folha é tratada na sua Viscondia de Pelotas nº 50.

Os pagamentos serão todos voluntários.

---

**AVISO**

Toda a pessoa que receber esta folha e não devolvê-la no prazo de tres dias, será considerado pessoa assagante.

---

**A PINÇA**

---

**NOSSO PROGRAMMA**

Não se propõe a «Pinça» a esporear pelo caminho da politica, sendo pelo da politica da arte.

Órgão da classe typographica, haverá a valentezante pelo bem estar desses operários da progress. que fazem da ca-

cheta e do tipo uma religião, esforçando-se por meio da propaganda da imprensa, para que elles obtenham a maior somma de conhecimentos que não é doção typographica desconhecêr, para o bom desempenho de sua profissão.

Não nos será tambem indifferente o bom estar d'esta cidade, calhando-nos deusiquientemente a apreciação dos actos emanados do poder publico, no intuito de beneficiar-n'este particular premeas mór cuidado com a hygiene, que directamente entende com o desenvolvimento das artes e industrias, assegurando-nos as condições existenciaes.

Outro-sim, jogaremos esgôr e n'este sentido honraremos em consideração tudo quanto servir a for. ex. publico, de baixo do ponto de vista da ~~cidade~~.

Que, ali está o nosso programma, em cuja execução não transgirem com qualquer dos nossos collegas da imprensa.

Esperamos que o nosso apparecimento tenha as honras de um successo, monopolizando es sympathias de todos os parhybenses e particularmente de todos quantos sabem manusear a «Pinça», a escova e todo mais quanto da respeito ao exercicio da nossa nobilissima profissão.

---

**O NOSSO FIM**

Apresenta-se ao jornalismo e ao illustrado publico da Parahyba do Norte, «A Pinça».

Não é preciso dizer, d'onde vem. O seu nome indica a sua origem. Para onde vai e qual o seu desideratum e que precisa explicitar.

Caminha para a luz e a sua intenção é combater o mal, criticando com brandura, sem a malevolencia de Zolto, sem egoismo e sem preconceito da classe.

Na ideia republicana, no desejo de contri-



DIÁRIO DA PARAHYBA, fac-símile da sua primeira capa, primeiro exemplar, datado do 01.02.1881







O século XIX marcou a existência, em nosso Estado, de um JORNAL DA PARAHYBA (com HY). A nossa capital João Pessoa era denominada Parahyba. Data do ano de 1861 o surgimento do referido jornal. Em sua primeira etapa, o JP dos tempos do Império circulou por apenas um ano.

Vieram outros períodos desse jornal, que a exemplo de muitos da época, existiram sem regularidade em suas periodicidades.

O Jornal da Parahyba, órgão do Partido Conservador, dos tempos do Império alternou sua passagem na vida da então cidade da Parahyba – hoje João Pessoa, também entre os períodos 1863-1864; 1872-1876; 1879-1883; e 1884-1886/1889. O exemplar acima é o 2.776 do ano de 1889.





# O ESTUDANTE

PERIÓDICO LITERÁRIO, NOTICIOSO E CRÍTICO



O Estudante - era um periódico literário, noticioso e crítico. Circulou no século XIX na cidade Pharayba. Exemplar de nº 01 da década de 1880.

Um jornal - VOZ DA MOCIDADE - da Mocidade Catholica, com publicação nas segundas, quartas e sextas, começou a ser impresso no ano de 1904 e tinha como redactor-Reponsável (respeitada a grafia da época) Theodoro de Souza. No fac-símile acima, a primeira página do jornal, edição do dia 28.07.1905. Escritório e redação – Rua General Osório, nº 45 – Centro.

# VOZ DA MOCIDADE

Ano. 1.º - Nº. 1.º - 1905. - 1.ª Edição. - 1.ª Edição. - 1.ª Edição.



"Guerra aos tyrannos...Defesa aos Opprimidos"! Este foi o ideário do jornal "A VERDADE", que circulou na Parahyba do Norte (a nossa João Pessoa). Este fac-símile é do Ano I, nº 2, do domingo, dia 2 de março de 1884.

**PARAHYBA DO NORTE**

*GUERRA AOS TYRANNOS*      *DEFESA AOS OPPRIMIDOS*

# A VERDADE

PERIODICO CRITICO, NOTICIOSO E POSITIVO

**N. 2**

DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 1884.

---

**ANNO I.**      **SERIE 1ª.**

Assinatura por seis meses de cinco ramos 15000      De Sr. assinantes não pagaria por sua publicação.  
Pagamento adiantado.      Subscriva-se a esta typographia.

**AVISOS**

**A**s pessoas que se dignarem honrar-nos com suas assignaturas, que residirem no interior da espiha, poderão enviar as immoventes dos seus mas pela correia.

Outro sim, as correspondências deverão ser depositas, convenientemente subscritas, em escriptura, desta typographia, rum fluzpe de Caxias n. 85, que felicemente serão entregues a esta

*Redacção.*

**Proximamos nos nossos assignantes, que do dia 1 da corrente em diante mandaremnos proceder a cobrança das assignaturas da "A Verdade" e relativos a primeira serie, que está sendo publicada**

**Noticiario.**

**Franchadas.**—Na noite de 21 do mez passado, de oito para nove horas, um pobre velho alerjado, de nome Ignacia,

que, segundo nos conta, mora em Cabedello, que em Ponta de morto, foi espancado por um soldado que se achava de sentinella na frente do thesouro provincial, por ter o pobre velho sentado-se em o degrau do soalho do edificio para descansar um pouco.

O tal soldado depois de sujar a pobre, brades as armas, como se aquella miseravel creature o estivesse atacando cujo brado, soube a correspondência pela sentinella do quartel, correo toda a noite de nessuno e mais alguns soldados, em grande alarido a procura da sentinella apodada!

O Sr. subdelegado de 2.º districto observou, não se registar, pois inexistente, por ter chegado depois, mas o gharma e o velho queixam-se da mesma.

Quem dá em um miseravel como o velho Ignacia expozicaria Jesus Cristo, se o visse!

Que tempo, meu Deus!...

**Mercado publico.**—Conta-nos que os peixes vindos para o mercado, em lugar do serem postos em retalho por aquellas pessoas que os compram nas praia, e assim seriam vendidos por um preço razoavel, são a maior parte d'ellos

atracados por certos negociantes que, protegidos por quem quer que seja, abusa das posturas municipais e de accordo, uns com os outros, os vendem por um preço exorbitante, resignados a esperar até que a succedoria esteja arruinada, como já se tem observado.

Não affirmamos ser inteiramente exacto o que acabamos de dizer; mas o que é certo é que um Vieira, Vicente, Manoel Manguma e outros não vão em praças, nem daltão o callio aos hombros, e entretanto são elles os principaes interessados do peixe que se encontra no mercado.

Nó se elles toem creacho da raça humana.

Isso é escandalo. A illustrissima deve passar uma fiscalização em seus fiscois. Não acheto?

**Apulcho do Castro.**—Hoje transcrevemos em nossos collunas, na seção competente, conforme promettemos em o numero passado, o artigo que o collega do o Rebato e publicou em seu n. 2 de 10 de Janeiro do corrente anno, accusando a S. A. o Sr. Conde d'Eu de principal autor do assassinato do infelix Apulcho.

E' de crer que S. A. já tenha



O MONITOR foi fundado em 1885. O exemplar acima é o de nº. 25, do dia 16.06.1887. Era um órgão conservador, entre os muitos que existiram no século XIX, na então Cidade da Parahyba do Norte.

ANNO III. PARAHYBA DO NORTE 16 DE JUNHO DE 1887. NUMERO 25.

# O MONITOR

ORÇÃO CONSERVADOR

A redacção se responde por escriptos seus

<b>EXPERIENTE</b>	debe tencionar na sua superioridade para...	Espira nos dias que se vão...	que o tempo, pelo facto que...	Deveriam que se usasse...
<b>Estabelecimento de impressão</b>	... de um principio democratico...	... as opiniões ligadas e...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Escreitura</b>	... que se possam effeitar a...	... de um, podendo ser...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Em linha de credito</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Typographia</b>	... que, sendo de um...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Em linha de credito</b>	... que, sendo de um...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Assinatura</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Por ann</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Por semest</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Por trimestre</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Por mês</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Publicações</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Por folha</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Pagamentos adiantados</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Em autographia, impressa</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Administradores</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Redactor F. Loureiro de Aze.</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>MONITOR.</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Governo Provincial</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...
<b>Ar hiaz lizo tem sempre...</b>	... de um modo que...	... de que se possam...	... a liberdade e a...	... a liberdade e a...

## COLLABORAÇÃO

Posto Parahybense.

Quero retribuir a vossa... de um modo que...

Meu da liza S. E. e...

Deveriam e deveriam...

Quero mais uma...

Ar grande copia...

Por liza esta...

Ar grande copia...

Ar grande copia...

Ar grande copia...

## NOTICIAS

TELEGRAMMAS - De...

Ar de Junho de 1887.

A redacção.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.

Ar de Junho de 1887.



Uma capa do jornal O COMBATE, no Ano I, nº 2, do dia 11 de setembro de 1902.

Este fac-símile é referente ao exemplar do jornal O COMBATE, em 25.09.1902, Ano I, número 4.





ANNO II.

# ESPERANÇA

NUM. 77.

Jornal Preventivo e Noticioso.

Imprensa Typographica Liberal. A Redacção aceita qualquer trabalho que se lhe offereça.	<b>1867.</b> Domingo 30 de Junho. PARANHANA.	Preço da subscrição. De seis De 12, sendo sempre anua.
---	--	--

## ESPERANÇA.

**Aniversario de S. Pedro.**

É a festa do anniversario de S. Pedro, um das mais importantes actos da Igreja Christã, aquelle que commemora a primeira autoridade, instituida pelo proprio Messias, e chefe da nova Igreja, o príncipe do Christianismo.

O Apostolo S. Pedro foi tanto tempo companheiro de S. Paulo. Em o anno de 66 se achavão em Roma, no reinado de Nero, que os mandou lançar em prisão, até que no dia 29 de junho de 66 ferão ambos d'ella tirados, sendo S. Pedro crucificado, mas por se considerar indigno de se assemelhar ao seu divino Mestre, preferio ser supliciado com a cabeça para baixo: e S. Paulo degolado, por ser cidadão romano.

Para o corrente anno se preparavão na cidade eterna magnificas festas na celebração do anniversario secular do martyrio d'esse Santo, as quaes deverão principiar do dia de hontem com grande funcção em sua Bazilia na capital do imperio Christão.

Espera-se que os Bispos de todo o mundo catholico, designados no concilio pontificio dirigido ao episcopado, sem exceptuar os prelados italianos, assistissem a esta importante e solenne cerimonia.

**Rio do prado.**

O vapor *Santa Cruz*, que fôrta em nesso porto no dia 25 do corrente trouxe-nos mais amadoras noticias a respeito de nossos irmãos, que no sul pugão pela honra nacional.

Essas noticias abraça até 30 de maio.

O chibora desappareceu inteiramente d'entre as trevas finitas.

No dia 24 d'aquelle mez foi festejado com grandes solenidades o anniversario da brillante

victoria, de que os leitores estarão lembrados, debruçada em igual dia.

No dia 30 a esquadra aproveitando a escuridade, entrou na lagôa Piriz e logo começou um forte bombardeamento sobre Curupaity, o acampamento paraguayo, que não ousou responder.

Não é ainda o ataque geral prometido, mas espera-se que este pouco tardará.

Tambem alguns são de opinião que não será preciso muito para que todo o exercito de Lopez tenha a sorte do sua celebre expedição à Uruguayana.

Entretanto porém affirmão outros que depois da conferencia do Sr. Marquez de Caxias com o Sr. Barão do Herval, proxima está a junção do 3.º com o 1.º e 2.º corpos do exercito, que no fim deste mez principiarão as operações retrogradicas, e que no principio de julho proximo se dará infallivelmente a batalla decisiva, ha tanto tempo annunciada.

Esperemos portanto.

## NOTICIARIO.

As noticias do sul trazidas pelo ultimo vapor, além do que se refere à guerra, são, em resumo e sobre o que mais nos interessa, as que se seguem.

Todas as provincias ficaram em paz.

A camera dos deputados continuava a funcionar sob a presidencia da Exm. vigario capitular desta diocese, por se achar doente o Exm. Sr. conselheiro Silveira Lobo, seu presidente.

O projecto de resposta à filha do thronozera discutido caheresanamente, tendo já tomado parte nella os Srs. ministros da fazenda e da jus-

O CONSERVADOR teve como redator e proprietário o Dr. Caetano Filgueira (hoje, nome de rua em João Pessoa). Seu primeiro exemplar foi colocado à disposição dos leitores, no dia 01.09.1875. Um PERIÓDICO POLYMATHICO (POLIMÁTICO), que trata de assuntos, temas e ciências diversos. (fac-símile obtido junto à Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco).

ANNO I. - Paraíba, 01 de Setembro de 1875. - NUMERO 4. O CONSERVADOR. PERIÓDICO POLYMATHICO. Redactor e Proprietario: Dr. Caetano Filgueira.

Publica-se quinzenalmente, o preço de 100 rs. anua, e 50 rs. para os estrangeiros. Não se responde por artigos publicados sem a assignatura do autor. Não se responde por artigos publicados sem a assignatura do autor. Não se responde por artigos publicados sem a assignatura do autor.

SUMARIO.

Do 1.º e 2.º artigos do projecto de lei... Do 3.º e 4.º artigos do projecto de lei... Do 5.º e 6.º artigos do projecto de lei...

Do 7.º e 8.º artigos do projecto de lei... Do 9.º e 10.º artigos do projecto de lei... Do 11.º e 12.º artigos do projecto de lei...

Do 13.º e 14.º artigos do projecto de lei... Do 15.º e 16.º artigos do projecto de lei... Do 17.º e 18.º artigos do projecto de lei...

PARTE OFFICIAL.

CONSTITUICAO POLITICA

LEI DO TIPO

Art. 1.º. O Poder Publico comprehende o Poder Legislativo, o Poder Executivo, o Poder Judiciario e o Poder Federal.

O CONSERVADOR.

AVISO GERAL

Seu Director e Proprietario... Seu Director e Proprietario... Seu Director e Proprietario...

FOLHETIM DO CONSERVADOR.

Pirapora.

Consta sempre de... Consta sempre de... Consta sempre de... Consta sempre de...

Do 1.º e 2.º artigos do projecto de lei... Do 3.º e 4.º artigos do projecto de lei... Do 5.º e 6.º artigos do projecto de lei...

Do 7.º e 8.º artigos do projecto de lei... Do 9.º e 10.º artigos do projecto de lei... Do 11.º e 12.º artigos do projecto de lei...

Do 13.º e 14.º artigos do projecto de lei... Do 15.º e 16.º artigos do projecto de lei... Do 17.º e 18.º artigos do projecto de lei...

Do 19.º e 20.º artigos do projecto de lei... Do 21.º e 22.º artigos do projecto de lei... Do 23.º e 24.º artigos do projecto de lei...

O LIBERAL - primeira página do nº. I - 03/12/1877, tendo como editor o senhor João Joaquim da Silva Braga. Sua impressão era feita na Rua Conde D'Eu, 146 - Centro. Um jornal do Partido Liberal, dirigido pelo diretório do partido.









**A FOLHA** foi um dos primeiros novos jornais a circular no começo do século XX - 14/05/1906. Chegou depois de **O COMBATE**, fundado 1902, e antes de **O NORTE**, dos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares, em 07.05 1908. Por não apresentar uma boa qualidade gráfica de sua página, apresentamos a parte inicial da primeira página, cujo primeiro exemplar foi impresso no dia 14 de maio de 1906. Mas, a seguir, o fac-símile da capa do exemplar nº 3, com uma qualidade razoavelmente boa.

A notícia da chegada à Parahyba do presidente república, Dr. Affonso Penna, foi destaque na primeira edição do jornal. Antes de tomar posse nos destinos da Nação, ele desejou visitar os Estados, a fim de certificar-se das imprescindíveis necessidades do país.

A primeira edição d'**A FOLHA**, no dia **14.05.1906**, deu destaque à matéria sobre Pedro Américo, com o título de UM TÚMUILO, destacando a ideia de criação de um monumento ao ilustre paraibano, nascido em Areia. Num das passagens dessa matéria do ano de 1906, conseguimos extrair o seguinte trecho:

**Pedro Américo** foi uma consagração da arte, foi a estrella que mais brilhou no horizonte bem-dicto dos nossos dias. O seu nome representa no mundo científico um patrimônio e este nos pertence. Um monumento a Pedro Américo, onde fiquem depositados os seus preciosos restos, como umas relíquia de alto valor, onde os filhos desta terra possam reverentemente ajoelhados ante o seu altar, fazer preces ao mérito e ao talento, será para nós o objecto das nossas preocupações. Prestar reverência aos grandes vultos, denota adiantamento de espírito e elevação de sentimento (**A FOLHA – 14.05.1906**).





Primeira página do jornal O NORTE, impresso no século XIX fundado em 1882. Não confundir com O NORTE periódico que circulou a partir do dia 7 de maio de 1908, fundado pelos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares. Adquirido por Assis Chateaubriand em 1954, a integrou os Diários Associados com circulação até 1º de fevereiro de 2012.

ANUNCIÁRIOS  
O NORTE  
REPUBLICANA DO BRASIL  
SUA ALIANÇA COM O PAÍS  
PERIÓDICO LITTERARIO, RECREATIVO, COMMERCIAL E NOTICIOSO  
ORGÃO DO CLUBE LITTERARIO E RECREATIVO

ANO 1. PARAIIBA DO NORTE, 23 DE SETEMBRO DE 1882. NÚMERO 3

**ARTICULO**  
**As Cotas e Eas do Regio Litoral da Bahia.**  
De Honrao Lho, Sr. De Antonio do Cruz Cordeiro Lho.  
As Cotas e Eas do Regio Litoral da Bahia.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

**O NORTE**

ANUNCIÁRIOS  
O NORTE  
REPUBLICANA DO BRASIL  
SUA ALIANÇA COM O PAÍS  
PERIÓDICO LITTERARIO, RECREATIVO, COMMERCIAL E NOTICIOSO  
ORGÃO DO CLUBE LITTERARIO E RECREATIVO

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

Quando se trata de cotas e eas, o primeiro ponto a considerar é o da natureza das cotas e eas. As cotas e eas podem ser de duas naturezas: as cotas e eas de natureza fiscal, e as cotas e eas de natureza administrativa.

As cotas e eas de natureza fiscal são as cotas e eas que são pagas ao Estado, e as cotas e eas de natureza administrativa são as cotas e eas que são pagas ao Município.

Uma das coisas mais interessantes do Brasil de hoje são as cotas e as eas litoraes. E por isso mesmo, vamos aqui fazer um estudo sobre ellas, não só por ser um estudo de interesse geral, mas porque, sendo a Bahia um dos pontos mais importantes do Brasil, e a Bahia litoral um dos pontos mais importantes da Bahia, é natural que se faça um estudo sobre ellas.

ESTADO DA PARAHYBA, Órgão Republicano (publicação diária – primeira página - Ano I - 22.11.1890 – nº103 – Escritório e Typographia, Rua da Misericórdia, nº 9.

ANO I
SEXTA-FEIRA DE 22 NOVEMBRO DE 1890
711336 103

# ESTADO DA PARAHYBA

**ORGÃO REPUBLICANO**

**PUBLICAÇÃO DIÁRIA**

DE MARCO DE 1889, SOB A MODALIDADE Nº 3

**PUBLICADA POR MARCO**

**de indubitável nota of**

Indubitável Nota

---

**EXPEDITIVO**

REDAÇÃO: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

ANUNCIATÓRIAS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

ANUNCIOS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

REDAÇÃO: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

ANUNCIATÓRIAS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

ANUNCIOS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.

**PARTE OFFICIAL**

**REDAÇÃO: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

**ANUNCIATÓRIAS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

**ANUNCIOS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

**REDAÇÃO: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

**ANUNCIATÓRIAS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

**ANUNCIOS: Rua da Misericórdia, nº 9, Recife, Pernambuco.**

O jornal MERCÚRIO circulou pela primeira vez em maio de 1946. Foi um porta-voz dos estudantes da ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO EPITÁCIO PESSOA. (Acervo do pesquisador Sonaldo Vital).



# MERCÚRIO

O Porta-Voz do Estudante da Escola Técnica de Comércio Epitácio Pessoa

ANO II      Júlio Pessoa — Paraíba — Junho de 1947      NÚMERO 12

**SEGUNDO DECLAROU O DR. CLOVIS LIMA, A DIRETORIA ENVIARÁ AO GOVERNO DO ESTADO UM MEMORIAL REQUERENDO A DESAPROPRIAÇÃO DOS TRÊS PRÉDIOS QUE ESTÃO LIGADOS A NOSSA ESCOLA, NA ILHA DAS TRINCEIRAS. A FIM DE SER EFETUADA UMA MAIOR E MELHOR AMPLIAÇÃO, VISANDO NÃO SOMENTE CRIAR O CURSO DE FINANÇAS COMO TAMBÉM UM CAMPO DE ESPORTE. ESPERAMOS QUE O DR. OSWALDO TRIGUEIRO ENFITE O NOBRE GESTO DO DR. SÍLION DE LUCENA.**

**ESTÁ FUNCIONANDO SATISFATORIAMENTE O REC.**

Alunos de Estudos de Contabilidade, recentemente criados e dirigidos pelo seu colega, Celso de Faria, não apresentam a mais vivacidade após um período de estudos de outros colegas. Foi a mais bela iniciativa de todos que, após, já se criaram, geram, não mais dúvida, e nos dias a seguir, beneficiando aqueles que se interessam por tal curso também, o aprendizes.



O novo instituto apresenta de alguns outros colegas e aprendizes que têm boa disposição e possuem a possibilidade de serem alunos. São eles os alunos de estudos de contabilidade e todos são bem considerados. Queremos, por conseguinte, parabenizar o colega e, em particular, o seu colega Celso de Faria.

insatisfação de alguns alunos e outros colegas, sobretudo aqueles que não conseguem adaptar-se a esse ensino e a sua vida, para os que não estão ligados a ele para o estudo. Mas, como que não há mais o que falar, já se criou o curso de contabilidade, o qual, como já se viu, está funcionando.

**ESTÁ FUNCIONANDO SATISFATORIAMENTE O REC.**

O Aluno de Estudos de Contabilidade, recentemente criado e dirigido pelo seu colega, Celso de Faria, não apresenta a mais vivacidade após um período de estudos de outros colegas. Foi a mais bela iniciativa de todos que, após, já se criaram, geram, não mais dúvida, e nos dias a seguir, beneficiando aqueles que se interessam por tal curso também, o aprendizes.

**AQUEL FALA "MERCÚRIO"**

Foi a nossa finalidade o sistema de distribuição em circulação para nos dar uma ideia do estado em que se encontra o nosso país, não somente publicando o seu conteúdo, mas também a sua distribuição. É a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal, e a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal, e a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal.

Tudo isso que "MERCÚRIO" diz e o que se vê, não deve ser considerado como uma crítica, mas sim como uma sugestão para que o país seja melhorado.

de acordo com o plano da empresa, a distribuição do jornal será feita em todas as partes do país, para que todos possam ter acesso ao mesmo. É a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal, e a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal.

Foi a nossa finalidade o sistema de distribuição em circulação para nos dar uma ideia do estado em que se encontra o nosso país, não somente publicando o seu conteúdo, mas também a sua distribuição. É a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal, e a que devemos ao Dr. Sílion de Lucena, por ter sido o primeiro a publicar o jornal.

**SIFTON DECLARA**

A IMPRENSA deve ser considerada um instrumento de trabalho, e não um fim em si mesma.

O jornal "O PARAHYBANO" ANNO 1, de uma terça-feira, 12.01.1892. Tinha circulação mensal. (Imagem obtida no site Biblioteca Nacional). O jornalista Arthur Achilles dos Santos, um dos mais importantes nomes do jornalismo paraibano, atuou nesse periódico e no Gazeta da Parahyba, fundado em 1888.

# O PARAHYBANO

## ORÇÃO DO POVO

ANNO 1	Atividade CAPITAL	PARAHYBA DO NORTE	Atividade	N. 1
	Parahyba do Norte, 12 de Janeiro de 1892			

...Nestes dias de eleições, a imprensa local tem estado muito ativa e os jornais de Pernambuco e de outros Estados do Brasil, estão publicando notícias e artigos sobre a situação política do Brasil...

### GOVERNO DO ESTADO

...O Sr. Governador, Sr. ...

### PARAHYBA

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

### O PARAHYBANO

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...

...O Sr. ...





Jornalista Arthur Achilles

### Sobre Arthur Achilles

**Artur Achilles dos Santos** foi um dos mais destacados nomes do jornalismo paraibano. Nascido no município de Pedras de Fogo, em 20.06.1864, faleceu no dia 29.11.1916, na cidade de Recife, Pernambuco.

Foi jornalista, político e filósofo. Como a maioria dos jovens de sua época, estudou no Liceu Paraibano, onde concluiu o Curso de Humanidades. Sua dedicação ao jornalismo contou com o apoio do pai. Antônio Bernardino dos Santos, iniciou no jornalismo como redator do jornal “**A Paraíba, ou “A Parahyba”**”, conforme a grafia da época (século XIX).

Quando atuou no gabinete do governo Gama Rosa, trabalhou paralelamente nos jornais O Commercio e em Voz do Povo. Nesses periódicos, desenvolveu um bom trabalho, durante sua longa e reconhecida atuação jornalística. Arthur Achilles também trabalhou nos jornais O Paraibano, Gazeta da Manhã, Gazeta da Paraíba e Liberal Paraibano. Achilles foi um crítico do poder, segundo historiadores, durante os governos de Venâncio Neiva e Álvaro Machado.







Aliás, nos primeiros anos da década do século XX, o ano de 1904, foi marcado pela invasão aos jornais pelas forças repressoras do poder da época. Elas invadiram os jornais O Combate e O Comércio, destruindo os seus patrimônios. Somente dois anos após esse fato, esses periódicos voltaram a circular, utilizando-se de uma tipografia no Estado de Pernambuco.

Uma enfermidade adquirida quando Arthur dirigia o Arquivo Público o levou à morte. Antes de falecer, segundo Oscar de Castro, ele fez um testamento poético, narrando seus valores e condutas em vida. Nele, o ressentimento pela ingratidão dos seus conterrâneos. Durante sua vida, foi um homem de moral ilibada, sempre um ardoroso defensor das camadas sociais inferiores, cujos atos, durante sua atuação na vida pública, foram marcados pelo desejo de ser útil ao próximo e ao seu Estado.

Arthur Achilles dos Santos, um dos expressivos nomes do jornalismo, é Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Paraibana de Letras, atualmente ocupada pelo escritor e ex-deputado estadual, Severino Ramalho Leite.

A Gazeta da Manhã foi um órgão do Partido Republicano, de publicação diária, que iniciou suas atividades no dia 1º de fevereiro de 1898. O fac-símile abaixo é da primeira página do segundo dia de circulação do jornal, numa quarta-feira, dia 02 de fevereiro daquele ano. O periódico foi um dos jornais em que atuou Arthur Achilles dos Santos, considerado um dos mais importantes nomes do jornalismo paraibano em todos os tempos.







**IMPORTANTE! O Publicador** foi o primeiro jornal com circulação diária na Paraíba no século XIX. Circulou de 1862 a 1886. Seu primeiro editor foi o padre Lindolfo Corrêa. Sua impressão era feita na tipografia do português José Rodrigues da Costa, localizada no Beco da Misericórdia.

O jornal era diagramado em quatro páginas, três colunas, com anúncios na última página, com a assinatura mensal por 1\$000 (Hum mil réis) e os avulsos por \$160 réis. Por não existir um órgão oficial, durante muitos anos **O Publicador** fazia as publicações dos atos oficiais do governo. As publicidades no jornal eram de responsabilidade dos assinantes e anunciantes

Muitas mudanças ocorreram na redação do periódico, principalmente a partir do momento em ele passou a ter uma linha editorial voltada para o Partido Liberal. Assim, a partir da dissolução da Câmara em 1868, quando era deputado-geral Lindolfo Corrêa, à frente de **O Publicador**, fez surgir uma imprensa independente, destacando os crimes e as atrocidades cometidas pelos conservadores nesse período da história política do Brasil. Com a morte de Lindolfo Correa em 1884, o jornal se manteve em circulação, porém de forma irregular, somente normalizada em 1887, com a chegada do novo editor, o Doutor Eugênio Toscano de Brito.

Afastando-se da direção do jornal, no final da última década do século XIX, o Doutor Eugênio adquiriu **A Gazeta da Parahyba**, passando a ser não apenas o seu proprietário, mas também editor. Interessante é que essas mudanças fizeram com que **O Publicador** passasse a ser um jornal oposicionista.



**Eugênio Toscano de Brito** nasceu na Cidade da Paraíba do Norte, depois chamada João Pessoa, no dia 10 de outubro de 1850 e faleceu no dia 31 de janeiro de 1903. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1879. Ainda durante o Império foi eleito deputado provincial na legenda do Partido Liberal para a legislatura de 1880 a 1881. Em 1888 na Gazeta da Paraíba participou da vida desse periódico ao lado de Geminiano da Franca, Rodolfo Galvão, Cordeiro Júnior e Artur Aquiles.



Dos muitos jornais que circularam na Paraíba, no Século XIX, o periódico **A ORDEM** foi um dos que circularam em dois momentos. O primeiro, em 1849, com o exemplar N° 1 foi distribuído, numa segunda-feira de agosto daquele ano. Publicado, inicialmente, uma vez por semana, o valor da assinatura era 400 Réis, por quatro números pagos adiantados. A venda, avulsa, era feita na Cidade alta, Rua Direita (na cidade da Parahyba), na loja do Sr. Antônio Fernandes Lima. Também poderia ser adquirido no Varadouro, na Botica do Sr. Antônio Thomas Carneiro da Cunha, por 100 Réis, por cada número. Era um jornal político, literário e crítico. Não temos informações sobre quantos exemplares foram impressos.



As facetas das expressões linguísticas no século XIX eram bem interessantes. A palavra **COESTADANOS** era muito usada, quando, hoje, o comum é utilizar-se a expressão **COESTADUANOS**. Isso observamos em vários jornais. **A ORDEM**, por exemplo, assim fez no comentário de 1ª página, exemplar n° 1, no dia 15 de maio de 1894.

Um outro jornal, com o mesmo título (**A ORDEM**), mas com linha editorial diferente, circularia na Cidade da Parahyba.

Diferentemente do seu homônimo da década de 40, do século XIX, este, cujo primeiro exemplar lançou o seu n° 1, no dia 15 de maio de 1894, circulou como uma folha periódica, que tinha um proprietário, o Bacharel Manoel Flor C. da Cunha, e, como gerente, F. J. Rabello Filho. “Surge, hoje, na arena jornalística desta capital, mais um campeão, cheio de patriotismo apresenta-se às vistas dos nossos coestadanos” - diz no seu expediente.



No fac-símile ao, apresentamos o **CORREIO OFFICIAL DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE**, do dia 09 de novembro de 1892, ano I, nº 25. Quem tivesse interesse em assinar o **CORREIO OFFICIAL, na Capital**, pagava 8\$000 (oito mil Réis/ano), 4\$000 (semestre) e 2 mil Réis por trimestres; no interior, 10\$000, 5\$000 e 2\$500 Réis, respectivamente, por ano, semestre e trimestre.

Vale ressaltar, que existiu, na época do Império, na Parahyba, um Correio Oficial, que circulou pela primeira vez em 25 de junho de 1849.

Isto aconteceu no governo do presidente da província da Paraíba, **João Antônio de Vasconcelos**. Ele foi nomeado por carta imperial de 20.05.1848, cujo mandato se estendeu até 23.01.1850.



**João Antônio de Vasconcelos**, magistrado brasileiro – era natural de Valença, Rio de Janeiro, onde nasceu em 1802, e faleceu no dia 21 de novembro de 1880. Formado pela Faculdade de Direito de Olinda, em 1832, foi nomeado juiz da comarca do Brejo, em 1833. Transferido para Valença, em 1834, também atuou em 1842 em Caravelas e Salvador, em 1843. Dois após deixar a presidência da província da Paraíba foi nomeado desembargador na Bahia, em 1852. Presidiu o tribunal a partir de 1864, quando foi nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça, em 1875, onde chegou à presidência em 1880, ano do seu falecimento.

Antes do surgimento do jornal **A União**, que chegou às bancas no dia 02 de fevereiro de 1893, o Governo do Estado da Parahyba do Norte, no mandato de Álvaro Lopes Machado (18.02.1892 – 22.10.1896), durante a República Velha, ou Primeira República, teve como órgão impresso para publicações dos atos governamentais, o **CORREIO OFFICIAL**.

Como não dispunha de oficinas impressoras próprias, a fim de imprimir o periódico, o governo se utilizou da gráfica de propriedade do senhor **Manoel Henriques de Sá**, localizada na Rua Maciel Pinheiro, nº 37, que dispunha, na época, de modernas máquinas a vapor – linotipo. O jornal circulou no ano de 1892, primeiro ano de governo de Álvaro Lopes. O veículo de comunicação em questão foi o que é hoje o **DOE – Diário Oficial do Estado**, que passou a ser impresso quando da fundação do jornal **A UNIÃO**, sobre o qual falaremos nas próximas páginas.

---

MANOEL HENRIQUE DE SÁ - Foi na residência do senhor Manoel Henrique de Sá, no ano de 1905, que foi instalada a primeira linha telefônica, em João Pessoa. Esse primeiro sistema (uma linha de telefone moedor) ligava a residência do senhor Henrique Sá, na Rua Duque de Caxias, à do seu filho, na mesma artéria central de nossa Capital. Sobre esse assunto, fizemos uma interessante matéria, numa das edições do House Organ TELPA NOTÍCIAS, em 1982, quando iniciamos nossa trajetória na empresa, onde atuamos por vinte anos. A TELPA era integrante do Sistema TELEBRÁS.

# A UNIÃO e sua história

## O mais antigo jornal do estado em circulação na Paraíba



Fac-símile da primeira página da edição nº 1 do Jornal A União, que circulou numa quinta-feira, 02.02.1893



Marechal Floriano Vieira Peixoto foi o segundo presidente do Brasil, de 23.11.1891 – 15.11.1894, Faleceu em 29.07. 1895, aos 56 anos

O golpe de Estado do Marechal Floriano Peixoto proporcionou a substituição do governador paraibano, determinando a vinda do major do Exército **Álvaro Lopes Machado** ao Estado

Além de ficar à frente dos destinos da Paraíba, ele teve uma missão das mais importantes: implantar a ordem republicana nas terras tabajarinas.

Álvaro Machado, um paraibano natural de Areia, não encontrou dificuldade para desenvolver sua missão, recebendo substancial apoio das forças políticas locais.

No seu artigo, o **‘Decano do Periodismo’**, o jornalista José Leal (*in memoriam*) destaca que o governo de Álvaro, mesmo não encontrando problemas maiores para efetuar o seu trabalho, sentiu a necessidade de contar com um jornal.

**Machado** pretendia contar com um veículo para divulgar suas ideias programáticas e sua defesa. Essa posição chegou a merecer críticas de jornalistas da época, entre os quais um nome famoso do jornalismo paraibano naquele momento, **Arthur Achilles dos Santos**.

O jornalista **Arthur Achilles**, por sinal, foi um opositor do poder, notadamente, dos governos Venâncio Neiva e Álvaro Machado, através de **O Comércio**, do qual foi editor, e de **A Voz do Povo**, jornais que foram suas tribunas de novembro de 1889 até o primeiro decênio do século XX. Através desses periódicos, ele fez denúncias das corrupções administrativas da época.

No livro sobre a história de **A União** e sua evolução gráfica, José Leal destaca que dessa necessidade imperiosa surgiu esse jornal, cujo lançamento ficou decidido numa reunião realizada na sede do Governo, na



qual também se procedeu a coleta de contribuições para a aquisição de uma máquina impressora e despesas iniciais para sua implantação.

Fundado pelo primeiro presidente constitucional do Estado da Paraíba, Dr. Álvaro Machado, o jornal **A União**, órgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba, funcionou com escritório e “typographia” nas dependências do prédio situado na Rua Viscondes de Pelotas, nº 49, centro da cidade.

A **União** circulou pela primeira vez no dia 2 de fevereiro de 1893, com apenas quatro páginas. Os preços de assinaturas eram os seguintes: para a Capital, 12\$000 (doze mil réis, o ano), semestre: 6\$000, trimestre 3\$000 (três mil réis); para outras cidades, o ano, 15\$000, o semestre 7\$800 e o trimestre 3\$900.

Álvaro Lopes Machado nasceu na cidade Areia, em 5 de março de 1857 e faleceu no Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1912. Governou a Paraíba nos períodos de 1892 a 1896 e de 1904 a 1908, durante a República Velha (ou Primeira República).

Durante os mandatos renunciou (nos anos de 1897 e 1906) para assumir o cargo de Senador da República. A República Velha foi um período marcado pela concentração de poder nas mãos de elites de cada Estado. Álvaro Machado ficou célebre por encabeçar a oligarquia paraibana durante os primeiros anos da República do Brasil. O fenômeno ficou conhecido como alvarismo.

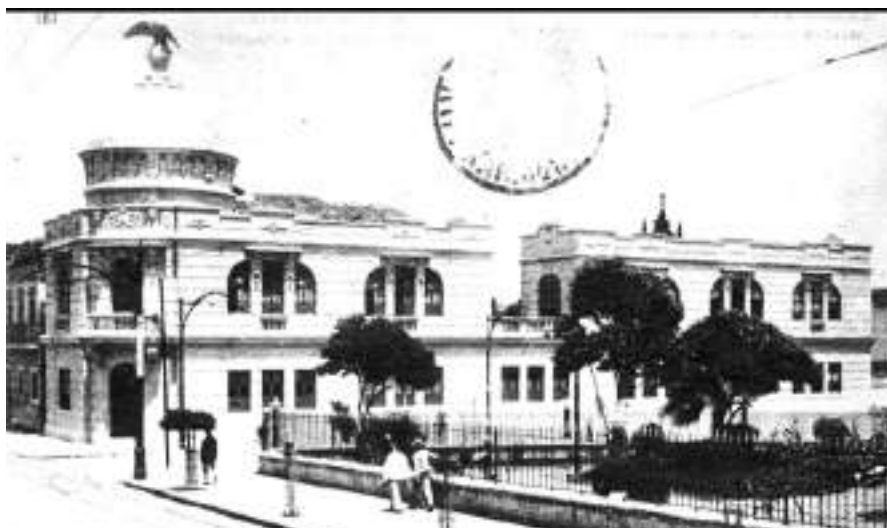


Tito Henrique da Silva – primeiro administrador de A UNIÃO



Álvaro Machado fundou A UNIÃO

Para cuidar da negociação e montagem do jornal **A UNIÃO**, o tipógrafo, Tito Henriques da Silva, conterrâneo do Presidente, é trazido da Gazeta do Sertão, o jornal de Irineo Joffily, gerenciado por Tito em Campina Grande, para cuidar da negociação e montagem do jornal do Partido Republicano, recém-criado. Os seus primeiros redatores foram Diogo Sobrinho, Antônio Balthar, João Machado da Silva, Joaquim Moreira Lima, Antônio da Gama e Mello, Ivo Magno Borges da Fonseca, José Ferreira de Novais Sênior, João Leopoldo Loureiro e Dias Pinto. Eles não tinham remuneração pelo trabalho jornalístico.



Antiga sede de A União, na Praça João Pessoa. Bela edificação da João Pessoa de ontem, que jamais será esquecida. Nesse local, encontra-se, atualmente, o prédio da Assembleia Legislativa. Como mostra a foto, a Praça João Pessoa, circundada por grades, era bem mais bonita do que atualmente.

Na tipografia, os primeiros nomes foram os de José Ulysses de Noronha, Cassiano Hypólito Ribeiro dos Santos, que comandava o setor, Francisco Aranha de Farias, João Cândia da Silva (hoje nome de rua, no bairro de Manaíra) e Francisco Rodrigues Godinho, entre outros.

Os primeiros colaboradores de A União foram Cunha Pedrosa, Abel Silva, Castro Pinto, Manoel Tavares Cavalcanti, Elias Ramos, Heráclito Cavalcanti, Silva Mariz, João Francisco Moura, Francisco Coutinho de Lima, Coelho Lisboa, José Peregrino, além de Gama e Mello, que geralmente escrevia o editorial.



### **SOBRE JOSÉ LEAL**

José Leal Ramos nasceu 16 de julho de 1891, um ano e sete meses antes da fundação de **A União**, na fazenda Ponta da Serra, no município de São João do Cariri. Era filho de Antônio Claudino dos Santos Leal e de Inácia Leal Ramos, e tinha dois irmãos: Ana e Antônio Leal Ramos.



O jovem jornalista José Leal, aos 27 anos

Aprendeu a ler sozinho e, estando por si só já alfabetizado, frequentou o curso primário. Seu primeiro emprego foi como auxiliar de serviços da arrecadação de impostos na Mesa de Rendas da cidade de Alagoa Grande.

Ainda adolescente, editou jornais. Seu primeiro trabalho na imprensa da Capital foi em 1915, uma crítica ao prefeito de Alagoa Grande. Por conta da boa recepção da matéria, surgiram os convites para escrever para outros jornais. No ano de 1927, já atuava como correspondente, em Alagoa Nova, dos jornais *A União*, de João Pessoa, e *A Noite*, do Rio de Janeiro.

Atuou, em 1930, nos jornais **O Liberal** e o **Jornal do Norte**, sob a direção de Café Filho, ainda em Alagoa Nova, oportunidade em que fundou o semanário **O Momento**.

Mudou-se para João Pessoa, passou a integrar a equipe de **A União** e, rapidamente, passou do cargo de redator ao posto de secretário.

Depois, em 1932, substituiu Samuel Duarte na direção do jornal. Dirigiu a equipe do jornal **O Norte**, em 1934, periódico que não conseguiu resistir à chagada do Estado Novo. Nesse período foi responsável pela fundação do quinzenário 'Ilustração', da 'Revista Gong' e do 'Gazeta do Povo'.

No *Gazeta*, contou com a parceria do escritor Ascendino Leite. Todos esses impressos tiveram curto tempo de circulação. A sua colaboração foi extraordinária ao nosso jornalismo impresso paraibano, colaborando com todos os jornais do Estado, como um excelente redator, articulista e editorialista.

José Leal marcou positivamente sua atuação jornalística na Paraíba. Mas escreveu para outros jornais brasileiros, entre esses periódicos de destaque nacional jornais como, o *Correio da Manhã*, *A Imprensa* e *Tribuna do Povo*.

Foi reconhecido pelos poderes legislativos, recebendo os títulos honoríficos de Cidadão Benemérito de João Pessoa, concedido pela Câmara Municipal, e de Cidadão Benemérito da Paraíba, concedido pela Assembleia Legislativa. O jornalista, José Leal Ramos foi ainda escritor, historiador e genealogista. Faleceu em 25 de outubro de 1976, em João Pessoa.

## A UNIÃO, segundo Gonzaga Rodrigues

O jornalista e escritor **Gonzaga Rodrigues**, num dos seus muitos artigos, destaca que o jornal **A UNIÃO** nasceu como instrumento de conciliação política de suas lideranças após o golpe militar, sob a bandeira da República, que determinou o fim do Império. “Destronado, com o embarque melancólico de uma das presenças mais veneráveis da história brasileira, o sr. D. Pedro de Alcântara” – diz Gonzaga.

No seu artigo ‘Surgimento de **A UNIÃO**’, o consagrado jornalista ressalta que a fundação do jornal teve como pretensão, “harmonizar as diversas correntes que disputavam, historicamente, a concentração da riqueza e do poder e cujos atores mudavam, a partir daí, de barões para coronéis.” Ainda segundo Gonzaga Rodrigues, davam-se à imprensa poderes para tal. “Para o bem ou para o mal, era a única tribuna para onde confluíam todas as informações e opiniões. Fora da imprensa, era o boato ou o púlpito, este um privilégio da Igreja.”

“**A UNIÃO** surgiu na tentativa de viabilizar a convivência entre as ambições políticas deflagradas com a mudança de regime e atizadas com a sucessão de golpes iniciados a partir de 15 de novembro. Golpe no regime monárquico, golpe no Congresso recém-instalado, golpe de Floriano sobre o golpe de Deodoro. E golpes locais a cada composição de governo de que se cogitasse ou que se conseguia formar” – diz em seu artigo o jornalista.



Palestra de Gonzaga Rodrigues – 90 anos do jornal A União, em 02.02.1983

O jornalista **Luiz Gonzaga Rodrigues** começou no jornalismo em **A UNIÃO**, em 1951, no qual foi revisor, repórter, redator, secretário-geral e diretor técnico.

Ingressou no jornal **O Norte**, levado pelo jornalista José Leal, como revisor, passando a redator e, em seguida, a editor.

Essas mesmas funções ele exerceu no jornal **A União**, chegando a Diretor Técnico. Colaborou como cronista nos jornais **O Norte**, **A União** e no **Correio da Paraíba**.



Jornalista Luiz Gonzaga Rodrigues é Doutor *Honoris Causa*, uma das mais justas homenagens prestadas pela Universidade Federal da Paraíba. Foi o reconhecimento ao belo trabalho jornalístico do conceituado homem de imprensa, grande defensor da cultura do nosso Estado.

Gonzaga Rodrigues foi Secretário de Comunicação Social do Estado; Presidente da Associação Paraibana de Imprensa; coordenou, com o escritor José Octávio de Arruda Mello, o livro “Capítulos de História da Paraíba”, e é citado em verbete no Dicionário de Literatura Brasileira, editado pelo MEC.

Assumiu a Cadeira da APL, em 27 de agosto de 1993, onde ocupa a Cadeira número 7, que tem como Patrono **Allyrio Meira Wanderley**. Dentre suas publicações, destacam-se **Notas do meu lugar** (crônicas 1979); **Um sítio que anda comigo** (crônicas 1983); **Filipéia e outras saudades**; **Parahyba, a cidade, o rio e o mar** (álbum); **José Maria dos Santos** (ensaio biográfico – Coleção Nomes do século, A União, 2000). Recebeu, em 2009, a maior comenda da UFPB, título de Doutor *Honoris Causa* da instituição.



Na CBN, Gonzaga ao lado do radialista Bruno Filho, jornalista e radialista, radicado na Paraíba há anos. Natural de São Paulo Bruno atua na CBN-João Pessoa, como âncora de programas jornalísticos e esportivos.

Mesmo após os oitenta anos, o nosso querido jornalista Gonzaga, chegou ainda a comentar no rádio, precisamente na CBN.

Durante um bom tempo, ele foi uma presença marcante no programa Cotidiano, da CBN João Pessoa, quando este era comandado pelo radialista Bruno Filho, um paulista que aportou por aqui, gostou da Paraíba e aqui ficou. O programa passou a ser ancorado pela jornalista Carla Visani, em 2018 e, posteriormente, em 2019, por Carla Arantes. Bruno Filho, polivalente profissional, passou a trabalhar no departamento esportivo da emissora.



No surgimento do jornal oficial, Eduardo Martins, no seu trabalho 'História de A UNIÃO', diz não se poder omitir que esse importante periódico se formou através do espólio da velha tipografia de José Rodrigues da Costa, editora de 'O Publicador', jornal que circulou na década de 60 do século XIX, mais exatamente em 1864. No livro "A UNIÃO – Escola do Jornalismo", página 28 (A UNIÃO Editora – 2018), que teve como organizador o jornalista Josélio Carneiro, o jornalista Gonzaga Rodrigues, afirma: "Foi O Rebate, em Campina Grande, esfumado na distância do tempo, que me deu a primeira injeção sedutora da coca jornalística".

Gonzaga, muito jovem, quando ainda residia na Rainha da Borborema, conheceu o jornal campinense do professor Luiz Gil. Isto aconteceu durante uma visita à oficina do periódico, no começo dos anos 50, acompanhado pelo colega de ginásio Wallace Figueiredo, filho do professor Gil. Saiu no jornal O Rebate o seu primeiro artigo, segundo Gonzaga, motivado pela conclusão do calçamento da rua principal de sua cidade, Alagoa Nova, que tinha como prefeito o senhor Rogério Martins.

### Equipe escolhida

"Ingressavam nas redações, no caso de A UNIÃO, por indicação e convidados pelo Governo, advogados, professores, médicos, magistrados, bastando que escrevessem ou falassem bem e, do governo, fossem simpatizados ou simpatizantes".

(A UNIÃO – Jornal e História da Paraíba – Evolução Gráfica e Editorial, EDUARDO MARTINS – A UNIÃO Cia. Editora, João Pessoa, maio de 1977).

Por isso mesmo, ao longo dos anos, até hoje, por essa preocupação em sempre recrutar pessoas com bom nível intelectual e cultural para os seus quadros, não é por menos que o mais antigo jornal em circulação no Estado é chamado de "**escola do jornalismo paraibano**".



Abelardo Jurema



João Café Filho



Walfredo Leal

Abelardo de Araújo Jurema, pai do jornalista Abelardo Jurema Filho, Osvaldo Pessoa Jurema, Maria Evanise Jurema, Nara e Maria Amália Pessoa Jurema. Foi Ministro da Justiça (1963), um político, jornalista (Diário de Pernambuco, Diário da Tarde, Jornal do Comércio e A UNIÃO) e advogado.

Os nomes a seguir jamais poderiam ser esquecidos. Foram nomes escolhidos com muito critério e que, por este motivo, deram ao jornal oficial uma qualidade até agora reconhecida por todos que conhecem a história do jornalismo. Para compor os quadros de **A UNIÃO**, os jornalistas eram selecionados para as redações pela qualidade dos seus discursos, fossem da tribuna ou através do texto. Nomes e imagens de alguns integrantes dessa escola que fizeram jornalismo na Paraíba.

Castro Pinto, Álvaro Pereira de Carvalho, Samuel Ribeiro, Cunha Pedrosa, Elias Ramos, Francisco Coutinho de Lima e Moura, Samuel Duarte, Sá Leitão Filho, Juarez Macedo, José Barbosa de Souza Lima, Wilson Madruga, Francisco de Assis Chateaubriand, Raul Machado, Matias Freire, Perilo de Oliveira, Alcides Bezerra, Antônio Botto de Menezes, Ademar Vidal, Nelson Lustosa Cabral, Sebastião Viana, Ribeiro Dantas, Paulo de Magalhães, Carlos Dias Fernandes, Aloísio de Magalhães, Eudes Barros, Orris Barbosa, Café Filho, Samuel Duarte, Antônio Guedes, Osias Gomes, Abelardo Jurema, José Lins do Rêgo, Antenor Navarro, Severino Cândido, Américo Falcão, Silvino Olavo, Rocha Barreto, José Américo de Almeida, Agripino Nóbrega, João Lelis, Severino Alves Ayres, Aderbal Piragibe, Celso Mariz, Juarez Batista, José Leal, Ascendino Leite, Otacílio Queiroz, Sinésio Guimarães, José Cerqueira Rocha e Ernani Batista.

Interessante: muitos desses antigos nomes que trabalharam em A União têm hoje seus nomes lembrados nas placas de diversas, praças e ruas de João Pessoa e de outras cidades.



Assis Chateaubriand



Silvino Olavo



Álvaro Carvalho



Juarez da Gama



José Lins do Rego



Venâncio Neiva



Carlos D. Fernandes



Castro Pinto

**Castro Pinto** é nome de aeroporto e rua, como também Walfredo Leal, Venâncio Neiva, Antenor Navarro, Américo Falcão e José Américo de Almeida, em ruas e avenidas, por todo o Estado e até de praça esportiva, como por exemplo, Estádio José Américo de Almeida – Almeidão, em João Pessoa.



Carlos, quando jovem

**Carlos Dias Fernandes** foi o primeiro Diretor-Geral de 'A UNIÃO' e Imprensa Oficial. Grande poeta, escritor, ensaísta e advogado. Nasceu na cidade Mamanguape, no dia 20 de setembro ano 1874. Foi um destacado poeta paraibano da época. Escreveu romances, contos, biografias, dentre outros trabalhos, destacando-se por sua vanguarda sociológica e filosófica. Nelas discutiu sobre temas, como pedagogia, política, feminismo e direitos dos animais.

Iniciou sua carreira jornalística em São Paulo, no Diário Popular, em 1892. Ao transferir-se para o Rio de Janeiro, em 1893, atuou em diversos periódicos, entre eles o Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde, O Debate e a Imprensa, sendo que, neste último, foi secretário de Rui Barbosa.

Na cidade do Recife, onde estudou Direito, curso concluído em 1913, trabalhou no Diário de Pernambuco e no Jornal do Recife.

Era um cidadão além da sua época. Publicou mais 40 livros de diversos gêneros. Faleceu no dia 09 de dezembro de 1942, aos 68 anos de idade, no Rio de Janeiro. Deixou mais de 450 artigos publicados em jornais e revistas do país.

Abaixo, apresentamos um soneto de Carlos Dias Fernandes, de 1901, dentre os muitos que tivemos oportunidade de encontrar durante as pesquisas para a execução desse trabalho.

#### A VOZ DAS ORIGENS

Todo ser, que nos círculos da vida  
Girando em convulsões e ânsias palpita,  
Aspira à placidez indefinida  
Da celeste mansão que o sonho habita.

Toda a alma que os anima foi proscripta  
D'essa eterna região desconhecida,  
De cuja natureza, em vão cogita  
O esforço da razão sempre vencida.

Da ave que voa ao verme que rasteja,  
Em todo ser, por ínfimo que seja,  
Há um secreto desejo de ascendência.

Há um vago desejo que os embala,  
Uma voz inefável que lhes fala  
De um outro modo de ser n'outra existência.

Ele foi talvez o diretor que mais tempo passou no comando de **A União** e da Imprensa Oficial. Foram quinze anos, compreendendo o período de 1913/1928, durante os governos de Castro Pinto, Camilo de Holanda, Sólton de Lucena e João Suassuna. Muito culto, sempre procurou trabalhar com pessoas inteligentes. Com ele, os quadros de A União contaram com intelectuais de vários segmentos da sociedade. Foram nomes como Adhemar Vidal, Osias Gomes, José Gobat, Augusto dos Anjos, Raul Machado, Américo Falcão, Alcides Bezerra, Alpheu Rosas, Luís Pinto, Meira de Menezes, Rodrigues de Carvalho, Joaquim Ribeiro Dantas, José Américo de Almeida, Mathias Freire, Leonardo Smith, Celso Mariz.



Américo Falcão



Rodrigues de Carvalho



Celso Mariz



Alcides Bezerra

**Rodrigues de Carvalho** foi professor poeta, jurista e jornalista. Nasceu no dia 18.12.1867, no povoado de Tauá, pertencente ao município de Alagoinha, no antigo território de Guarabira e faleceu no dia 20.01.1935, em Recife. José Rodrigues de Carvalho estudou no Liceu Paraibano e, depois, bacharelou-se na Faculdade de Direito (1906), no Ceará. Lá residiu por muitos anos, tendo trabalhado no magistério. Carvalho projetou-se neste gênero poético, a partir da publicação do poema Seios (1901) e mais tarde, com a publicação do livro O Cancioneiro do Norte (topografia minerva, 1903). Escreveu em jornais, tais como A União, Gazeta do Comércio, A Comarca, O Paraibano, O Comércio da Paraíba, Diário do Estado, República (Recife), Jornal Pequeno (Recife), Estado da Paraíba, Jornal do Comércio (Rio de Janeiro) e Revista de Bento de Faria (Rio de Janeiro). Trabalhou como redator da Revista Acadêmica (1903-1908), Revista Ceará (1905), Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (1909-1912) e a Revista Era Nova (1921).

**Américo Falcão** formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, turma de 1908. Foi diretor da Biblioteca Pública, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Patrono da Cadeira 12 da Academia Paraibana de Poesia, Patrono da Cadeira 38 na Academia Paraibana de Letras. O poeta faleceu no dia 09 de abril de 1942, vitimado por problemas cardíacos. Publicou os livros “Auras Parahybanas”, “Praias”, “Náufragos”, “A Rosa de Alençon” e “Soluções de Realejos”.

**Alcides Bezerra** (João Alcides Bezerra Cavalcanti) nasceu na Capital da Paraíba, no dia 24 de outubro de 1891 e faleceu em 29 de maio de 1938. Ingressou na magistratura logo cedo, quando foi nomeado como Procurador da República, em 1913. Assumiu a Secretaria da Imprensa Oficial, em 1919, no governo Camilo de Holanda e, em 1920, já no governo Sólon de Lucena, para atender o presidente, assumiu a Diretoria- Geral da Instrução Pública,



cargo equivalente ao atual Secretário de Educação e Cultura, mesmo tendo sido eleito deputado estadual para a nona legislatura (1920-1923).

**Nelson Lustosa Cabral** nasceu na cidade Patos-PB, em 1900 e faleceu em 19.07.1981, no Rio de Janeiro. Colaborou nos jornais O Norte e A União e foi diretor interino do jornal governista, entre os de 1929-1930, período em que respondeu com editor do Almanaque da Paraíba. Ao deixar A União, seguiu para o Rio de Janeiro, passando a colaborar na imprensa carioca.

Assumiu a sua Cadeira na Academia Paraibana de Letras, em 09 de dezembro de 1967, sendo recepcionado pelo acadêmico Luís Pinto. Publicou alguns livros entre os quais, “Paisagens do Nordeste”, em 1962; “Garganta do Esqueleto”, em 1965 e, em 1966, “Uma Cruz para Kennedy”.



A UNIÃO - Anno XXXVIII – Parahyba, quarta-feira – 15 de janeiro de 1930 Director Interino: Dr. Nelson Lustosa – Gerente: Mardoqueo Nacre



**José Américo de Almeida** foi um romancista, ensaísta, poeta, cronista, político, advogado, professor universitário, folclorista e sociólogo brasileiro. Nasceu no dia 10 de janeiro de 1887, na cidade de Areia, na Paraíba e faleceu em 10 de março de 1980, aos 93 anos, em João Pessoa.

Apoiou a Revolução de 1930 e era conhecido como eminência civil da Revolução no Nordeste. Destacou-se, ainda, como um grande escritor, com belos trabalhos, como “Reflexões de uma Cabra”, 1922; “A Paraíba e seus problemas”, 1923; “A Bagaceira”, 1928; “O Boqueirão”, 1935; “Coiteiros”, 1935; “Ocasos de Sangue”, 1954; “Discursos de seu tempo”, 1964; “A palavra e o Tempo”, 1965; “O Ano do Nego”, 1968; “Eu e Eles”, 1970; “Quarto Minguante”, 1975; “Antes que me esqueça”, 1976; “Sem me rir, sem chorar”, em 1984.

A história de A União, a escola do jornalismo paraibano, é contada com outros nomes expressivos, que jamais poderiam deixar de fazer parte deste trabalho.



Imagem do jovem Linduarte Noronha, um brilhante jornalista e cineasta

O jornalista e cineasta **Linduarte Noronha**, nascido em Ferreiros, Pernambuco, em 1930 e que faleceu em 30 de janeiro de 2012, em João Pessoa, foi um desses nomes importantes do jornalismo impresso paraibano.

Com ele, destacaram-se nomes, como Antônio Barreto Neto, Expedito Cavalcanti, Marconi Altamirando, (irmão do famoso narrador esportivo Marcus Aurélio), José Juvêncio, Virgínius da Gama e Melo, José Coelho, Carlos Romero, Gonzaga Rodrigues, Adalberto Barreto, Maviael de Oliveira, Linduarte Noronha, Germana Vidal, Waldemar Duarte, Padre Batista Medeiros, José Barbosa. Isto foi em 1965, quando o diretor da redação de A União era Antônio Brayner.



Uma das últimas fotos do prédio do jornal A União, na Praça João Pessoa, antes da demolição



**Virgínius Figueiredo da Gama e Melo** integrou A União. Nasceu 19.10.1923 e faleceu em 10. de agosto de 1975, aos 52 anos. Ele nasceu na Rua Nova, nº 171, hoje Av. General Osório, em João Pessoa.

Um escritor renomado e aplaudido. Um cronista como poucos. Homem das letras e um paraibano que era apreciado por esse Brasil afora. Era filho único de Pedro Celso da Gama e Melo e Severina Figueiredo da Gama e Melo.

Segundo o professor e historiador Josemir Camilo de Melo, da Academia de Letras de Campina Grande, Virgínius era descendente de políticos do final do império, os Gama e Melo. Ele ficou órfão muito cedo, passando a morar com o ramo de parentes, os Figueiredo, em Campina Grande.

Virgínius formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, começando sua trajetória como crítico literário nas terras pernambucas. As suas incursões pelo mundo literário começaram no vizinho Estado, onde viveu por certo tempo. Veio definitivamente morar em João Pessoa, o seu lugar, onde ficou até o final da vida.

Enriqueceu com sua presença, os quadros de A União, sendo, sem dúvidas, um dos professores da escola do jornalismo na Paraíba. Recebeu da Academia Paraibana de Letras, quando presidida por Joacil de Britto Pereira, no dia 9 de outubro de 2000, o título de Acadêmico Post Mortem, como prova de reconhecimento da Paraíba e do Brasil pela sua obra cultural. Isso ocorreu no mesmo dia da solenidade de posse na APL do dramaturgo Ariano Suassuna, falecido em 2014.



Antônio Barreto



Wladimir Carvalho



Eduardo Martins

O jornalista **Antônio Barreto Neto** foi outro profissional da imprensa que dirigiu o jornal **A União** em diversas oportunidades.

Sempre se destacou como um dos mais brilhantes nomes do jornalismo paraibano. Mas, Antônio Barreto Neto, não atuou apenas em jornal. Presidiu a Empresa Rádio Tabajara de Paraíba S.A., no período 1979 a 1983.

Antônio Barreto Neto morreu em março do ano de 2000, aos 61 anos.

Sua passagem exitosa por onde atuou o fez ser reconhecido como um dos mais destacados valores do jornalismo paraibano.

Para muitos ele foi um dos melhores críticos de cinema do Estado, trabalho por ele iniciado nos anos 60, numa atividade que já contava com nomes importantes e expressivos da crônica cinematográfica, como, Linduarte Noronha e Wladimir Carvalho.

Foram significativos os anos 1915/20 para a história do jornal **A União**.

“Eles foram marcados por um capítulo especial sob o ângulo de qualquer pesquisa política, social ou cultural” – destaca **Eduardo Martins**, no seu trabalho “A UNIÃO – Jornal e História da Paraíba”.

Segundo ele, num só espaço e num mesmo momento, um encontro de nomes que projetaram o Estado, para sempre: projeção na política, nas letras, na cultura. “Já que na economia essa projeção foi rápida e episódica, anotada nos primeiros anos da colonização” – afirma Eduardo em seu trabalho, tudo confirmado, conforme Celso Mariz, em 1939. No campo cultural, mereceu o louvor de um pernambucano, Barbosa Lima Sobrinho, sobre quem disse ser “uma concessão nem sempre fácil ao orgulho pernambucano” – ressalta Eduardo Martins.



1982 - Antigo prédio do jornal A União, na Av. General Osório, onde funcionou a antiga Biblioteca Pública do Estado.

Outros nomes engrandeceram o trabalho jornalístico de A União em diferentes momentos. São jornalistas, muitos deles ainda no batente, alguns até em outras mídias, rádio, TV e Internet, e outros que marcaram época por suas qualidades profissionais. Como é bom evocar esses amigos: Fernando Moura, Martinho Moreira Franco (in memoriam) e Severino Ramos, (que faleceu em 28.07.2018), Natanael Alves, Carlos César Muniz, Tarcísio Cartaxo (sucursal Campina Grande), Walter Santos, Carlos Roberto, Eduardo Carneiro, Marcos Alfredo, Sílvio Osias, Bastos Farias, Ruy Leitão.



**Nathanael Alves** foi um dos maiores jornalistas paraibanos de todos os tempos. Era “um jornalista com estilo de escritor”, como afirmou José Américo de Almeida (“Um Terraço para Nathan”, do jornalista José Nunes).

O livro de Nunes, é um belo trabalho e justa homenagem ao querido jornalista Nathanael, nascido no dia 11 de setembro de 1943, no Sítio Areial, em Arara. Faleceu no 27 de abril de 1981.

Na comunicação paraibana, Nathanael passou pela Rádio Tabajara, em 1961, onde escreveu belas crônicas, lidas por Paulo Rosendo, sempre às seis horas da manhã. Passou pelo jornal Correio da Paraíba, inovando a linguagem jornalística. Conviveu com ouros grandes profissionais, como Jurandy Moura, Martinho Moreira Franco, João Manoel de Carvalho, Evandro da Nóbrega, Teócrita Leal, Petrônio Souto e Luiz Augusto Crispim.

Do Correio da Paraíba foi para O Norte, ali atuando até 1979, quando deixou os Diários Associados a fim de assumir a presidência de A União - Companhia Editora, tendo como companheiros de diretoria, Gonzaga Rodrigues, na diretoria técnica e Agnaldo Almeida, na editoria-geral.



Segundo o jornalista José Nunes, no livro em homenagem ao jornalista Nathanael Alves, ele foi responsável por proporcionar uma linguagem nova ao jornal oficial do governo. Além disso, foi, também, através dele, a execução de um belo trabalho que redundou na formação de bons jornalistas oriundos do curso de jornalismo da Universidade Federal da Paraíba UFPB.



O jornalista **José Nunes** é natural de Serraria, tendo iniciado a sua vida jornalística no jornal O Norte, em 1977. Em 1979, foi para o jornal A União onde ocupou diversas funções, destacando-se como editor dos suplementos 'Jornal da Terra' e 'A União Agrícola', além de vivenciar importante participação no suplemento cultural 'Correio das Artes'. Como escritor, já publicou "Lira dos 40 Anos" (poesia); "Serraria – A Princesa do Brejo"; "O Bispo da Solidariedade" e "Entrego-me" (trabalhos sobre Dom Marcelo Carvalheira); as plaquetes "Padre Zé Coutinho" e "Ariano Suassuna"; "Recados do meu Sítio" (crônicas); e "Um Terraço para Nathan".

Por oportuno, apresentamos uma homenagem do jornalista José Nunes ao grande Nathanael Alves.

A crônica abaixo foi publicada no jornal A União, no dia 22.04.2021.

Obs.: O dia 27 de abril, do mesmo ano, marcou os quarenta anos da morte de Nathanael Alves.

## REENCONTRAR NATHANAEL

**José Nunes**

Sempre cruzei o portão da casa de Nathanael Alves como num retorno ao lar paterno. Naquela oportunidade a cadeira onde se recostava estava vazia. O terraço desfalcado dos pontuais companheiros de afinidades.

Próximo da sua partida, ocorrida há 40 anos, nossos encontros foram mais frequentes. Ausência somente quando viajava à nossa terra. De lá trazia as lembranças que Arara consentia recolher.

Certa vez, numa tarde, não o encontrei na cadeira, mas à cama descasava. Minutos depois saímos a andar ali perto, acompanhando-o a passos lentos. Era uma tarde morna, o sol se estendia por entre os jardins nas casas vizinhas. Retornamos depois de andar algumas braças.

- Viver é muito difícil -, são as palavras dele que retardo esquecer, pois as guardo desde aquela tarde quando sentamos na calçada junto às flores do jardim de sua casa. Os retornos ao hospital eram mais constantes. A crise renal espalhava dores como se fosse uma ferina lesão.

Sem reclamar, tornava fácil o que a vida lhe reservara. Aprendi com ele a não reclamar da dor, porque nas noites, por mais escuras que sejam, existem estrelas a brilhar. Apiedava-se de si mesmo. Com os olhos catava no horizonte as respostas ao que impetrava seu corpo, como a pedir um instante de sedação. A família e amigos com possíveis consolos, mas a dor vinha de mais longe, tinha raízes no horizonte da infância, composto de esperanças tardias.

O viver difícil talvez viesse dos caminhos pedregosos de Arara, da ausência do pai que morreu antes dos quarenta anos. O andar lento e solitário mostrava que sempre buscava um lugar para chegar e suas mãos estendidas respondiam ao apelo do coração.

Uma vez ele disse para Gonzaga, confidente de suas dores, quando a meizinha e as longas sucessões de internamentos não mais surtiam efeito:

- Nada mais me acende...

Em momentos de dormência e inquietações da alma, e diante das incertezas do seu tempo com muitas mazelas, fortes restrições às expressões culturais, buscava o modelo franciscano para prover de vitalidade a existência.

Nas horas temas em que viveu dando guarida às lucubrações poéticas, Nathanael abria as asas da imaginação para expor o sentimento da alma. Sem nunca publicar, deixou-nos poemas de rara beleza, apontando as afastadas sombras da alma. Também produziu crônicas e contos que ocupariam qualquer antologia nacional. Outras vezes nos encontramos depois daquela tarde silenciosa, mas pouco eu sabia confortá-lo.

Um dia ficamos no recanto da casa, onde estava o birô, a máquina de escrever em cima, os livros postos na estante e uma velha fotografia da casa onde nasceu.

- Desculpa-me alguma coisa...

Despedindo-se de mim à porta, como sempre fazia, saí sem olhar para trás, pois não queria que ele percebesse meus olhos murchos. Quem deve pedir desculpas sou eu porque nunca soube dizer-lhe palavras de conforto, a não ser recordar as dores de Arara. Afinal, sempre fui mais ouvinte e menos conversador.

Retornando à sua casa, quatro décadas depois da passagem dele para a vida eterna, percorri os lugares onde conversávamos. O terraço, o jardim e a biblioteca onde acompanhava ele escrever suas crônicas, enquanto folheava livros, muitos dos quais no mesmo lugar. Recordo as imagens daquela época, preservadas como prêmio à amizade e à admiração.

É chegada a hora de reencontrar Nathanael Alves nas crônicas, contos e poemas guardados na gaveta e adormecidos em páginas de jornais, para revelar sonhos e afinidades dele com a vida, mesmo que a vida e esses sonhos tenham sido dolorosos de viver.

Os que conviveram com ele, seja nas redações de jornais ou no espaço do terraço de casa, guardam paisagens construídas por gestos profundamente humanos. Ele me fez merecedor de conviver na intimidade do terraço de sua casa e de recolher gestos que me fizerem menos rude.

## Suplementos literários d'A UNIÃO

Os suplementos literários de A União sempre marcaram de forma positiva a presença do jornal no cenário cultural da Paraíba, propiciando o surgimento de novos nomes, movimentando sobremaneira a elite cultural de então. Despontaram, naquele momento, nomes como José Américo de Almeida, Américo Falcão e Carlos Dias Fernandes. Com a responsabilidade de Antenor Navarro e Mário Pedrosa, precisamente no dia 21 de fevereiro de 1926, A União passou a circular, aos domingos, com 'Suplemento de Arte e Literatura.' Além da colaboração de Carlos Dias Fernandes, Silvino Olavo e Paulo de Magalhães, o suplemento contava ainda, com o grande poeta Augusto dos Anjos.

No mês de dezembro, o suplemento que chegava aos leitores quinzenalmente, parou por alguns meses, retornando em julho de 1927, apenas com o título de 'Arte e Literatura', com os trabalhos jornalísticos de Pereira da Silva, Eudes Barros e Coriolano de Medeiros. O 'Arte e Literatura', que não tinha data determinada para publicação, deixou de circular sem que fosse dada nenhuma explicação.

No dia 27 de março de 1949, surgia o 'Correio das Artes' suplemento que teve a orientação inicial do jornalista e poeta Edson Régis, além de contar com a participações de Eduardo Martins, Celso Novais e Carlos Romero, como secretário, direção e orientação, respectivamente. Colaboraram com a apresentação gráfica, o desenho do logotipo, ilustrações e desenhos ornamentais, Tomaz Santa Rosa e José Semeão Leal.

Mas, os suplementos literários continuaram, não com um determinado título. As informações sobre literatura vinham nas edições dominicais, no segundo caderno, em quatro páginas. Isto aconteceu a partir de 13 de fevereiro de 1944. Nesse trabalho, muitos eram os colaboradores ligados ao movimento cultural do Estado e do Brasil, entre os quais



Correio das Artes edição nº 1 - 1949

se destacavam nomes como José Leal, Izidro Álvarez, Alzir Pimentel, Antônio Brayner, Péricles Leal, Félix Araújo, Carmelo dos Santos Coelho, Graziela de Luca Jenner, José Tinete, Severino Uchoa, Ascendino Leite, Mário Dalva, Miguel Falcão e o jornalista Eduardo Martins, autor do belo trabalho “A União – Jornal e História da Paraíba”.

Foram responsáveis pela publicação, a partir de 5 janeiro de 1947, em edições dominicais, do ‘Literatura & Arte’, em duas páginas, cada um a seu tempo, os intelectuais, Luiz Delgado, Raul Machado, Monteiro Lobato, João de Veiga Cabral, Hamilton Pequeno, Osório Paes, Mário Gomes, Dilermando Luna, Carmelo dos Santos Coelho, Hilton Marinho, Roger Bastide, Juarez Batista e Carlos Romero. O título passava a ser a inversão do suplemento de 1927, que era ‘Arte e Literatura.’



Edson Régis

**Edson Régis**, foi responsável pelos números de 35 a 43; na primeira fase do projeto (1949-1951); foi Eduardo, do 44 ao 58; Celso Otávio Mariz (1956), na segunda fase, no período de março a novembro; e também Eduardo Martins (22.11.1964-06.12.1964), na direção, tendo o jornalista Carlos Romero na orientação. Uma fase importante do Correio das Artes foi de 1980/1986, do número 127 a 247, que teve como editor o poeta Sérgio de Castro Pinto.

Escritores famosos escreveram ao longo desses anos para o Correio das Artes. Poetas e críticos nacionais podem, também, ser destacados, como, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e José Lins do Rêgo, entre outros.



José Lins do Rêgo

‘Letras, Artes & Ideias Gerais’, que tinha a direção do jornalista Otacílio Nóbrega de Queiroz; ‘A União nas Letras e nas Artes’, fundado por Josué da Silveira, e com supervisão de Adalberto Barreto e Gonzaga Rodrigues, foram suplementos de A União, que circularam, semanalmente, em 1958 e 1959; e, ainda em 1959, ‘União das Letras’, que teve a direção de Emerson Moreira, José Coelho e Péricles Peixoto.

O primeiro suplemento contou com dezoito números publicados; o segundo, dezessete, e, do terceiro suplemento, não se tem um número exato de publicações. Para a publicação desses suplementos literários, seus diretores foram, Antônio Brayner, Vanildo Brito, João Ramiro Mello e Arael Costa.

O 'Correio das Artes' voltou a circular no dia 21 de setembro de 1975, quando da instalação de A União Cia. Editora, com a orientação dos conhecidos jornalistas Jurandy Moura e Antônio Barreto Neto.

A criação de 'A União Companhia Editora, como sociedade de economia mista, ocorreu através de uma mensagem assinada pelo então governador Ernany Sátiro, no Palácio da Redenção, no dia 24 de agosto de 1972. Seu capital inicial foi de quatro milhões de cruzeiros.

Jornalista, cronista e escritor, Carlos Augusto Romero figura entre os grandes nomes da literatura paraibana, com atuação importante em órgãos e equipamentos culturais do Estado. Sempre se destacou como um cronista da melhor qualidade, com os seus artigos, em qualquer jornal, sempre merecedores da atenção dos leitores paraibanos.

Carlos escreveu dezenas de artigos, crônicas e livros. Seu primeiro livro publicado foi "A Dança do Tempo". Foi diretor da Rádio Tabajara, editor do Correio das Artes, integrante do Conselho de Cultura do Estado, um dos fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba e membro da Academia Paraibana de Letras.



**Carlos Romero** nasceu no dia 10.06.1924, em Alagoa Grande, Paraíba. Foi trazido para a Capital aos quatro anos de idade. Seu primeiro endereço foi na Rua General Osório e o segundo, próximo ao Parque Sólon de Lucena, na Lagoa dos Irerês. Estudou na Escola Normal, hoje prédio do Tribunal de Justiça e no

Lyceu Paraibano. Gradou-se em Direito, em Alagoas e especializou-se na UFPB, tendo desempenhado o cargo de juiz em Santa Rita. Após servir ao Exército, Carlos Romero obteve o seu primeiro emprego. E foi no jornal A União, em 1945, que tinha como diretor o jornalista João Lelis, também escritor. Foi revisor, depois repórter, redator e tradutor de mensagens telegráficas. Faleceu no dia 7 de janeiro de 2019.



## Correio das Artes: Sérgio de Castro Pinto uma presença importante



Escritor e poeta Sérgio de Castro Pinto, expressivo nome da nossa cultura

Sérgio nasceu em João Pessoa. É um dos expoentes do nosso jornalismo, com passagem pelo jornal A União. Um dos seus períodos importantes no jornalismo, foi entre 10 de agosto de 1980 e março de 1986, quando ocupou a editoria do Correio das Artes, a partir do número 127 até o número 247.

Ele substituiu o também jornalista Jurandy Moura, destacando-se pelo estímulo à expressão literária paraibana. Foi nesse período, entre os números 127 e 203, que o Correio das Artes contou com um Conselho Consultivo, com nomes expressivos do jornalismo paraibano, como Gonzaga Rodrigues, Arlindo Almeida, Walter Galvão, Vilson Brunel Meller, Antônio Barreto Neto, Carlos Aranha, João Batista B. de Brito, Hildeberto Barbosa Filho e o próprio Sérgio.

Além de jornalista e poeta, é professor universitário aposentado, com mestrado e doutorado pela Universidade Federal, onde se graduou também, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito.

Como escritor, Sérgio tem apresentado uma bela produção com trabalhos consagrados, entre eles, “Gestos Lúcidos” (1967); “A Ilha na Ostra” (1970); “Domicílio em trânsito e outros poemas” (1983); “O Cerco da Memória” (1993); “A quatro mãos: poemas” (1996); “Longe daqui, aqui mesmo - a poética de Mario Quintana” (2000); “Zoo Imaginário (2005); “O cristal dos Verões: poemas escolhidos: - 40 anos de poesia” (1967-2007) (2007); “A flor do Gol” (2014); O leitor que eu sou” (2015) e “Folha corrida” (2017).

## Correio das Artes: Linaldo Guedes e outros nomes



Linaldo Guedes, jornalista escritor e poeta

o excelente suplemento do jornal A União, que passou a sair em formato standard, revista.

Dentre os muitos nomes que estiveram à frente do Correio das Artes, não poderíamos deixar de destacar o nome de um dos integrantes da família Guedes de Aquino, que nos presenteou através dos tempos com nomes importantes para o jornalismo paraibano. Um desses nomes é Linaldo Guedes, que foi editor do Correio das Artes no período de 2003 a 2009, período em que transformou



**Editar o Correio das Artes por seis anos consecutivos foi uma das minhas maiores conquistas profissionais. Ao tempo em que editamos o suplemento, implantamos algumas modificações, como transformá-lo em revista e valorizar os autores contemporâneos, sem esquecer dos ícones da nossa literatura” – destaca Linaldo.**

---

A passagem de Linaldo foi merecedora de muitos elogios de amigos e leitores. O crítico Hildeberto Barbosa Filho foi um desses admiradores do trabalho do jornalista cajazeirense, ao afirmar que numa perspectiva editorial aberta, porém seletiva, Linaldo Guedes soube aproveitar os elementos icônicos dos modernos instrumentos tipográficos e visuais permitidos pelas novas tecnologias, fazendo do Correio das Artes um suplemento que agrada aos olhos, aos sentidos, ao corpo; uma espécie de caderno estético, objectual, persuasivo em sua plástica, mas também um caderno que não merece à qualidade das matérias veiculadas.

Nesses periódicos, como um jornalista polivalente, atuou em diversas funções: repórter de cidades, de política, de cultura; editor adjunto, editor de cultura, editor de política e chefe de reportagem.

Sua atuação ainda mereceu destaque na radiodifusão. No rádio, atuou na Tabajara FM, onde comandou os programas “Onda Literária” e “Mesa de Redação”, este último em parceria com o jornalista Sérgio Botelho.

Outras emissoras contaram com os seus trabalhos profissionais, como a Rádio Cultura de Guarabira, a 100.5 de Santa Rita e Correio 98 FM, e, na TV. Trabalhou ainda na TV Tambaú. Nas redes sociais foi editor do site Reporterpb.

Linaldo Guedes começou sua vida no jornalismo em 1991, no jornal O Momento. Integrou quase todos os órgãos da imprensa escrita da Paraíba. Correio da Paraíba, O Norte, Jornal da Paraíba, Contraponto e A União foram, também, órgãos da imprensa por onde passou.

Foi coordenador e diretor de Jornalismo da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado e editor do site da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Atualmente é repórter de A União e assessor de imprensa da Secretaria de Cultura de Cajazeiras. É um dos sócios da Arribaçã Editora, sediada em Cajazeiras, onde reside.

Linaldo tem uma intensa atividade literária, com diversos livros publicados e textos inseridos em cerca de três dezenas de obras de outros autores. Entre os livros de autoria dele estão: “Os zumbis também escutam blues e outros poemas” (1998), “Intervalo Lírico” (2005), “Metáforas para um duelo no sertão” (2012), “Receitas de como se tornar um bom escritor” (2015), “Tara e outros otimismo” (2016), “Padre Rolim em quadrinhos” (2018), “O Nirvana do Eu: os diálogos entre a poesia de Augusto dos Anjos e a doutrina budista” (2018), entre outros. É formado em Letras e tem mestrado em Ciências da Religião, pela Universidade Federal da Paraíba. Também integra a Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL, ocupando a Cadeira nº 32, que tem como Patrono Dom Moisés Sizenando Coelho

Por fim, uma outra colocação se pode fazer sobre a atuação do jornalista Linaldo Guedes como editor do Correio das Artes: é que essa publicação, a despeito de circular encartado no jornal oficial, nunca cedeu a possíveis pressões políticas. Manteve coerência e critério na publicação de seus textos. Também nunca cedeu a pressões de igreja literárias. Manteve o espaço aberto a todos, independentemente de tendência literária do autor ou autora.

Linaldo Guedes de Aquino é natural de Cajazeiras, onde nasceu em 1968. Residiu em João Pessoa por 38 anos, tendo retornado à sua terra

em dezembro de 2017. Integra uma família de grandes nomes da comunicação paraibana, como os irmãos, dois grandes nomes, os renomados jornalistas, Nonato Guedes e Lenilson Guedes. Na luta por uma cultura viva na Paraíba, ele e o poeta escritor Lenilson Oliveira lançaram a Editora Arribaçã, que hoje é responsável pela publicação de livros dos autores paraibanos e de outros Estados.

O Correio das Artes contou com nomes realmente expressivos da nossa cultura e do nosso jornalismo. Falar sobre todos num só trabalho seria impossível, mas esquecê-los, nunca. Portanto, não podemos deixar de destacar o advogado, jornalista, escritor, poeta e professor João Trindade, que foi um dos editores do suplemento literário Correio Artes.



**João Trindade**, que também foi colunista do Correio da Paraíba, é uma referência como um grande jornalista e radialista. Mas, como professor, tem sido, através dos anos, um formador da juventude nos cursos e universidades. Um poeta e escritor que orgulha a Paraíba.

Celso Novais, Pontes da Silva, Wellington Pereira, Marcos Tavares, Carlos Aranha. Aldo Lopes de Araújo, Cláudio Limeira, Antônio Mariano, jornalistas, poetas, pesquisadores e escritores são nomes que passaram, como editores, pelo Correio das Artes e engradeceram o suplemento literário e a história da Escola do Jornalismo, o nosso querido jornal A União. Nos mais de cem anos desse jornal (o único jornal diário em circulação no Estado), falar sobre o Correio das Artes é lembrar outros excelentes colaboradores, alguns queridos amigos que já se foram e, outros tantos, que continuam entre nós.

Adalberto Barreto, Ademar Ribeiro, Arlindo Almeida, Anco Márcio, Carlos Romero, Eduardo Martins, Geny Candido, José Leite Guerra, José Octávio de Arruda Mello, José Rafael de Menezes, Luis Augusto Crispim, Maria José Limeira, Roberto Peixoto de Mello, W. J. Solha, Wilton Veloso, Waldemar Duarte, Vanildo Brito, Violeta Formiga, Cláudio Limeira, Expedito Ferraz, Milton Marques, Amador Ribeiro Neto, Carlos Newton Júnior, Milton Marques Júnior. Eles fizeram e fazem o Correio das Artes.



**Waldemar José Solha** (Sorocaba 1941) é um escritor, cordelista, ator e artista plástico brasileiro. Solha é tio da famosa atriz brasileira Eliane Giardini. Os dois trabalharam juntos no filme “O Salário da Morte”, dirigido pelo cineasta paraibano Linduarte Noronha. Outros filmes de que participou: Fogo Morto, Soledade, Canga, Lua Cambará – Nas Escadarias do Palácio, O Som ao Redor, Era Uma Vez Eu, Verônica, foram entre outros filmes, sua participação no cinema.



O terceiro nome é do inesquecível pintor, **Hermano José**, um dos primeiros ilustradores do Correio das Artes. Suas participações no suplemento começaram no final dos anos 40, com merecidos elogios dos editores. Natural de Serraria ele faleceu aos 92 anos, em João Pessoa, onde veio morar em 1930.

Artista Plástico, Hermano José,  
(19.07.1922 - 1.05.2015)

Nesta homenagem, não poderíamos deixar de lembrar, três nomes importantes na história de A União e do Correio das Artes: os ilustradores Tônio e Domingos Sávio, há mais de quarenta anos integrando a equipe desse suplemento. Sávio começou ilustrando em A União e seus suplementos, quando tinha apenas dezessete anos.

Foto: Edson Matos



Tônio-Antônio Gonçalves

Foto: arquivo pessoal



Domingos Sávio

Foto: Ortilo Antônio



Paulo Sérgio Azevedo



Antônio Gonçalves de Sá – Tônio, natural de Santa Rita, também chegou cedo ao jornal oficial. Aos 22 anos (hoje tem 66), ele chegou ao jornal, atendendo a um convite do jornalista Marcos Tenório (*in memoriam*). Anos depois, trabalhou com um grande profissional, Milton Nóbrega, que faleceu em 2015, sobre quem Tônio afirma: “Aprendi muito, pois o homem é um dos mais importantes profissionais do que hoje chamamos design gráfico”.

Paulo Sérgio Azevedo é outro valor do Correio das Artes. Começou no setor gráfico em 1973, no extinto jornal O Norte, justamente no ano de implantação do seu sistema offset. Desde 2011, Paulo atua na supervisão e diagramação do suplemento.

Os suplementos literários têm sido uma presença gratificante para os leitores de A União, desde o Arte e Literatura, em 1926, tendo como responsáveis Antenor Navarro e Mário Pedrosa. Os textos tinham a expressiva e inteligente participação de intelectuais da época, como Paulo Magalhães, Silvino Olavo, Augusto dos Anjos e Carlos Dias Fernandes.

A equipe também contava com outros nomes expressivos, como Eudes Barros, Coriolano de Medeiros e A. J. Pereira da Silva. O suplemento terminou saindo inesperadamente de circulação.

Somente em 1943, as edições dominicais passaram a contar com um caderno cultural e, com ele, surgiram nomes de destaque das letras na região, entre outros, Mário Mendes Campos, Izidro Álvarez, José Leal, Mathias Freire, Alzir Pimentel, Péricles, Leal, Rubens Filgueiras, Carmelo dos Santos, Mardokêo Nacre, Ascendino Leite, Miguel Falcão, Antonio Brayner, Iracema Feijó, Ofélia Lucena, Graziela de Luca Jenner, Silvino Lopes e Eduardo Martins.

Mas, como já ressaltamos anteriormente, foi a partir 1949 que surgiu O Correio das Artes, um suplemento cultural com circulação semanal, tendo como seu primeiro editor o jornalista e poeta pernambucano, Edson Régis.



**Silvino Lopes** foi escritor, poeta, cronista, teatrólogo e jornalista. Nasceu na cidade Itambé-PE (12.09.1892-16.03.1952), mas grande parte de sua vida viveu na Paraíba, em Campina Grande e João Pessoa. Durante o tempo em viveu em nosso Estado, ele escreveu para os jornais locais, principalmente para A União. Foi homenageado com o nome de uma rua, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa.

## Colaboradores

O jornal A União sempre abriu espaços para colaboradores. E muitos foram os escritores e cronistas que usaram e usam as páginas desse jornal, principalmente os paraibanos radicados fora do Estado. O engenheiro, poeta popular e radialista Aderson Machado, natural de Areia, foi um desses colaboradores que teve essa oportunidade. Ele reside no vizinho Pernambuco, na cidade de Salgueiro, para onde foi na década de 1970.



**Aderson Machado** nasceu no município de Areia. Na fria cidade brejeira, ouvia rádio e fazia a leitura dos jornais paraibanos.

“Aprendi a gostar do jornalismo logo cedo. De início o rádio e, depois, veio a paixão pelo impresso” – afirma o engenheiro Aderson, que também é bacharel em Letras, com especialização em Inglês e Português.

Concluiu o curso de engenharia em João Pessoa, na UFPB. Aprovado no 1978, em concurso para o então DNER – hoje DNIT, deixou a Paraíba e foi residir em Pernambuco, inicialmente em Floresta e, depois, em Salgueiro. Nas duas cidades passou a experimentar nas folgas do trabalho o ambiente radiofônico.

A primeira experiência foi na Rádio Paraíso, em Floresta, emissora “pirata”, como se diz na gíria radiofônica e, em Salgueiro, numa emissora verdadeiramente profissional, a Rádio Asa Branca. Durante dois anos (1993/95), atuou como noticiarista. Colaborou no jornalismo esportivo. “Foi uma ótima oportunidade de fazer o que eu ainda gosto, o jornalismo, mesmo sendo um engenheiro” – destaca Aderson.

Entre os anos de 2013/2015, Aderson Machado, através do chefe de redação, jornalista William Costa, teve a oportunidade de colaborar, com o jornal A União, escrevendo um artigo mensal no 2º Caderno, denominado Vivência.



**Um motivo de orgulho para mim poder escrever artigos no mais antigo jornal em circulação da minha terra, mesmo não residindo na minha querida Paraíba, desde de 1978” – afirma.**

---



Moacir Machado

Ele diz da felicidade sua e da família, ao destacar que o irmão, **Moacir Machado**, também colaborou com jornais de João Pessoa, entre os quais A União. E mais feliz ainda, por ter uma filha jornalista, Anete Machado, que atua na TV Educativa de Alagoas. “Uma família que sempre gostou do jornalismo” – destaca o engenheiro Aderson.

O engenheiro Aderson Machado hoje morando em Salgueiro-Pernambuco, mata a saudade da Paraíba lendo, diariamente A União, através da Internet. Como um bom paraibano, ele tem sido nos últimos anos um grande anfitrião dos jornalistas da Paraíba que comparecem a Salgueiro para transmissões esportivas.

Abaixo, um artigo de Aderson Machado, publicado no 2º Caderno do jornal A União – Vivências – 05.12.2013 – uma quinta-feira. Também alguns versos do nosso jornalista e poeta.

### Versos de Aderson Machado

EU ADORO A NATUREZA  
Sou defensor do verde  
E das flores, a beleza,  
Eu fui criado no campo,  
Era feliz, sem tristeza,  
Desde os tempos de criança,  
Afirmo, com confiança,  
Que adoro a natureza

EM TEMPO DE PANDEMIA  
Nunca pensei em um dia  
Enfrentar tanta aflição  
É triste a situação  
Por conta da pandemia  
É uma pura agonia  
Pra quem passou dos 60  
A morte se apresenta  
Batendo na nossa porta  
Mas se for pro ataúde  
É porque nossa saúde  
Para muitos não importa!

GANHEI NA LOTERIA  
Depois de muito tentar  
Eu ganhei na loteria  
Não lembro o mês nem o dia  
Por isso não vou citar  
Porém eu devo frisar  
Para vocês meus senhores  
Fui pro rol dos sofrendores  
Por eu não ter enricado





**Luiz Augusto Paiva da Mata** – professor Paiva – natural de Campos do Jordão – SP. Deixou sua terra e veio para a Paraíba. Bacharel em Matemática, após lecionar em São Paulo, na Capital e importantes cidades do interior, resolveu fixar residência na terra Tabajara.

Foram duas oportunidades para ficar em definitivo na Paraíba. De 1987 a 1997, foi professor e diretor do colégio Objetivo, na Capital, lecionando também em Campina Grande. Retornou à São Paulo e passou um período lá e, em Natal, retornando em 2009, como Professor do Colégio Motiva e Curso Via Medicina em João Pessoa.

Voltou para ficar, passando também a ser colaborador do jornal A União, onde escreve uma coluna semanal, desde 2016, além de ser colaborador da revista Correio das Artes, com publicações de ensaios, crônicas e contos.

Presidente da União Brasileira de Escritores, sessão Paraíba, o professor Luiz Augusto Paiva da Mata é autor de vários livros, entre eles, “A saudade e outras Manias do Coração” - contos - Editora All Print - São Paulo -2014 e “O chapéu do meu avô” - crônicas - Editora Mídia - João Pessoa – 2017. Editou, em 2017, a revista “Tamarindo”, que deve voltar a circular em 2020.



Poeta Eudes Barros ao lado Emani Sátiro

**Eudes Barros** nasceu na cidade de Alagoa Nova – na época vila – no dia 10 de janeiro de 1905. Seus estudos, ele os fez na Capital do Estado. Poeta e prosador, engajou-se logo cedo no jornalismo e na vida intelectual da Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro. No Rio, além de ativa atuação na imprensa carioca, foi ainda redator da Agência Nacional.

Foi um dos mais importantes colaboradores de A União. Pela imprensa oficial do governo da Paraíba, com apenas quinze anos, em 1920, lançou o seu primeiro trabalho, um livro de poesias. Em nosso Estado, também foi colaborador do jornal O Norte.

“Cânticos da Terra Jovem”, também lançado com o apoio de A União, em 1928, foi o seu segundo trabalho. O jornalista, poeta e escritor

paraibano, Eudes Barros, ainda publicou, em 1937, o romance histórico “Dezessete”, que depois passou a se denominar, “Eles sonharam com a Liberdade”, lançado no Rio de Janeiro pela Editora dos irmãos Pongetti. Escreveu ainda um importante ensaio sobre Augusto dos Anjos. No Rio de Janeiro, onde residiu, foi por muito tempo colaborador do Jornal Brasil.

Eudes ainda colaborou com o jornal A União, sendo diretor da Revista de Letras, Arte e Mundanidades, publicada duas vezes mês, na década de 30. O gerente da mesma era N.Nacre e o repórter fotográfico Ariel de Farias,

Eudes Barros teve importante participação no jornalismo da Paraíba, destacando-se como diretor do jornal O Norte, entre os anos de 1933 e 1936, quando enfrentou enorme perseguição do então capitão João Costa, por conta de matéria publicada a respeito do mesmo. Ao deixar a direção do jornal, em 1936, Eudes passou o comando de O Norte ao jornalista José Leal. (No capítulo O Norte, destacamos um pouco mais sobre esse grande jornalista).



Engenheiro Carlos Pereira, grande nome do jornalismo paraibano

**Carlos Pereira de Carvalho**, há anos, é um colaborador e participante da história da comunicação paraibana.

Colaborador no rádio, viveu a história da radiodifusão, como um dos mais consagrados comentaristas esportivos.

Ainda hoje mantém uma crônica diária na rádio Tabajara. Escreve fácil e comunica mais fácil ainda. No jornalismo impresso, também tem história, escrevendo belas crônicas, destacando-se como um memorialista, comentando sobre a João Pessoa de ontem. Faz isso, não apenas aos microfones da primeira emissora da Paraíba, a velha Taba. Escreve também para o jornal A União, faz um bom tempo.

Secretário de Estado em diversas oportunidades e, ainda, como competente engenheiro que é, dirigiu por diversas vezes o DER – Departamento Estadual de Estradas e Rodagens. Nunca, porém, deixou de ser destaque nos meios de comunicação, como um excelente comentarista de esportes em geral. além de cronista/colunista no jornalismo impresso paraibano.



## A União e seus Dirigentes

A UNIÃO foi administrada nos primeiros anos de sua fundação, entre 1893 até 1904, por apenas um administrador, Tito Enrique da Silva – Tito Silva – tendo como redator-chefe, Antônio Alfredo da Gama e Melo.



**Antônio Alfredo da Gama e Melo**, político, filósofo e escritor, nasceu em João Pessoa no dia 1º. de outubro de 1849 e faleceu, também em João Pessoa, no dia 12 de abril de 1908. Foi o primeiro redator-chefe, do jornal A UNIÃO, cargo que exerceu de 02.02.1893 até 12.10.1904. É patrono da Cadeira no. 17 da Academia Paraibana de Letras, que tem como fundador Antônio de Aguiar Bôtto de Menezes.

Em sua segunda fase, de 1904 até 1913, A UNIÃO, com sede na Rua Direita, no. 2, continuou tendo Tito Silva como administrador, mas passando a contar com três redatores-chefes.

A 'Imprensa Oficial', em sua primeira fase, de 1894 a 1905, teve, como administradores, Tito Enrique da Silva, João Casado de Almeida Nobre, José Lucas de Souza Rangel, Francisco Coutinho de Lima e Moura, Anastácio Peregrino Leite de Araújo e Mateus Augusto de Oliveira.

No período de 1905 até 1913, A UNIÃO teve, como administradores, Tito Enrique da Silva e Barnabé Antônio Gondim.



**Tito Silva**, industrial e jornalista, que viveu os primeiros momentos do jornal GAZETA DO SERTÃO, em Campina Grande (1888), era natural de Areia e foi convidado para administrar A UNIÃO.

Escritor e jornalista, Osias Gomes iniciou, ainda muito jovem, as suas atividades profissionais. Em 1918, ingressou no jornal A UNIÃO, como pegador de provas; passou a redator, foi secretário até chegar à direção do órgão, o que ocorreu de fevereiro a outubro de 1930. Além de diretor de A UNIÃO, Osias Gomes exerceu outros importantes cargos públicos: advogado da Great Western, Promotor Público do município de Santa Rita, membro do Conselho Administrativo do Estado e Secretário do Interior e Justiça, na intervenção do Dr. José Gomes da Silva.

Ainda ocupou a mesma secretaria no Governo de José Américo de Almeida; foi professor-fundador da Faculdade de Direito de João Pessoa, da qual também foi diretor; Procurador-Geral do Estado, desembargador



Osias Gomes, dirigiu o jornal A União, em 1930



Osias Gomes - anos 80, durante visita ao jornal A União



José Caitano de Oliveira, natural de Cajazeiras é advogado, escritor e historiador

do Tribunal de Justiça; Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba; Presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba.

Numa obra lançada em 2017 - “O Diário Secreto de Osias Gomes – A Morte Anunciada de João Pessoa” - o historiador escritor e advogado cajazeirense, José Caitano de Oliveira relata momentos da vida de Osias Gomes, que, em sua velhice, trata os acontecimentos da época do assassinato do político, João Pessoa, que era o vice na chapa de Getúlio Vargas, concorrendo à presidência da República em 1930.

A morte do Presidente da Paraíba, naquele mesmo ano, desencadeou a chamada Revolução de 1930. Na época, Osias, diretor de A União, foi acusado de publicar no jornal a agenda a ser cumprida por João Pessoa em Recife.

Para alguns analistas e estudiosos, tal informação foi apontada como um elemento facilitador para que João Dantas localizasse João Pessoa, que estava na capital pernambucana, cidade onde o presidente acabou sendo assassinado. O livro de Caitano explica em detalhes o fato.

Como jornalista, em 1924, com Botto de Menezes, Osias fez ressurgir o jornal O Combate, periódico político que somente circulou durante quatro anos (1924-28 – 2ª fase).

Osias Nacre Gomes: Nasceu no dia 07 de março de 1903, em João Pessoa, na Rua da Ponte, 55, atual Rua da República. Faleceu, também, nesta capital, no dia 20 de junho de 1994.

## Sobre a Imprensa Oficial



Solenidade de inauguração das modernas instalações no Distrito Industrial de João Pessoa, (17. 06. 1983), pelo então governador \*Wilson Braga, visto ao centro, ao lado da primeira dama\*Lúcia Braga.

O endereço da Imprensa Oficial, a exemplo do jornal A União, até 1913, foi a Rua Direita, no.2; mudou-se para a Rua Duque de Caxias onde permaneceu de 1913 a 1928; na Praça João Pessoa, ficou de 1928 a 1973, e, no Distrito Industrial, BR 101 – Redação, Administração e Oficinas, de 10.11.1973 a 03.04.1975.

No ano 1975, permaneceu com escritório no edifício João Medeiros, no centro da Capital, e continuou funcionando com redação, administração e oficina, na BR-101, onde permanece até hoje, só que, com modernas instalações, com todas as suas áreas, inclusive restaurante, inauguradas no dia 17 de junho de 1983, quando era governador Wilson Leite Braga.

Wilson Leite Braga - (Conceição, 18 de julho de 1931 — João Pessoa, 17 de maio de 2020) foi um advogado, empresário e político brasileiro.

Antônia Lúcia Navarro Braga - (João Pessoa, 13 de dezembro de 1934 - João Pessoa, 8 de maio de 2020) foi uma assistente social e política brasileira.

## Diretores de A UNIÃO e a imprensa oficial

Os diretores de A União e Imprensa Oficial, entre os anos de 1928 e 1973, e de A União Cia. Editora, de 1973 até 2022, foram os seguintes:

**Celso Mariz**, 1928-1929; **Nelson Lustosa Cabral**, 1929-1930; **Osias Gomes**, 02.1930-10.1930; **Raphael Corrêa de Oliveira**, - 10.1930-14.1930; **Antônio Galdino Guedes**, (10.1930-01.03.1931; **Samuel Duarte**, (20.03.1931-27.12.1934; **José Leal**, 27.12.1934-28.03.1935; 27.12.1934-28.03.1935; **Orris Barbosa**, 28.03.1935-30.07.1940; **Abelardo Jurema**, 31.07.1940-02.08.1940; **José Leal**, 18.08.1940-12.08.1941; **Ascendino Leite**, 15.08.1941-20.02.1943; **Otacílio Nóbrega de Queiroz**, 23.02.1943-27.04.1944; **Severino Alves Ayres**, 28.04.1944-24.03.1945; 25.03.1945-04.11.1945; **Sabiniano Maia**, 09.11.1945-13.02.1946; **José de Cerqueira Rocha**, 20.02.1946-20.10.1946; **F. de A. Vidal Filho**, 20.10.1946 -20.02.1947; **Wilson Madruga**, 01.03.1947-10.03.1947; **Synésio Guimarães**, **10.03.1947-13.02.1949**; **Silvio Porto**, **13.02.1949-14.07.1950**; **Hilton Marinho**, 14.07.1950-09.12.1950; **Dulcídio Moreira**, 09.12.1950-30.01.1951; **Juarez Batista**, 01.02.1951-01.02.1956; **Sabiniano Maia**, 02.02.1956-21.08.1957; **José Barboza de Souza**, 27.08.1957-14.01.1958; **Otacílio Queiroz de Nóbrega**, 15.01.1958-30.07.1958; **Hilton Marinho**, 31.07.1958-20.07.1959; **Hercílio Farias Brito**, 21.07.1959-01.08.1959; **José Barboza de Souza**, 02.08.1959-18.03.1960; **João Bernardo de Albuquerque**, 09.04.1960-20.01.1961; **Antônio Feitosa**, 25.01.1961-31.01.1961; **Hélio Zenaide**, 06.02.1961-30.07.1962; **Antônio Brayner**, 02.08.1962-31.01.1966; **José Moraes de Souto**, 02.03.1966-21.03.1971; **Severino Ramos**, 23.03.1971-19.09.1971; **Antônio Barreto Neto**, 21.09.1971-26.01.1973; **Luiz Augusto Crispim**, 27.01.1973-21.06.1973; **Luiz Ferreira da Silva**, 26.03.1973-09.11.1973; **na primeira fase de A União Cia. Editora, no Distrito Industrial** - Presidente - **Carlos Vieira da Silva**, 10.11.1973-03.04.1975, tendo como outros diretores **Carlos Alberto de Vasconcelos Araújo** e **Luiz Ferreira da Silva**, **diretores administrativo e técnico**, respectivamente; **na segunda fase, no Distrito Industrial**, - 04.04.1975-02.02.1977, a diretoria teve como presidente, **José Moraes de Souto**, **Maurílio Maurício de Sena** – diretor administrativo, **Antônio Barreto Neto** – diretor técnico e **Afrânio Athayde Bezerra Cavalcanti** – diretor comercial.



Otacílio Nóbrega de Queiroz, dirigiu A União no período de 1943/1944 .

Retornando a João Pessoa, passou a atuar como redator do Jornal “A União”, assumindo a direção do jornal e da Imprensa Oficial, no período entre 23 de fevereiro de 1943 e 27 de abril de 1944. Ele ainda colaborou, escrevendo para os jornais Correio da Paraíba, o Norte, o Estado, além do Jornal do Comércio, do Recife e Jornal da Manhã, do Rio de Janeiro. Elegeu-se deputado estadual constituinte, no pleito realizado em 19 de janeiro de 1947, quando obteve com 2.368 votos. Não tendo êxito nas eleições realizadas em 1954, retornou ao jornal A União, assinando a coluna “De Hoje & Ontem”, abordando assuntos diversos. Retornou ao quadro diretivo do jornal, no período de 15 de janeiro a 30 de julho de 1958.

**Otacílio Queiroz**, nasceu aos 21 de agosto de 1913. No início da década de 30, o nome em destaque fixou residência em João Pessoa, ingressando no Lyceu Parahybano, onde concluiu o curso secundário, tendo entre os seus contemporâneos nomes como Aníbal Benevides, Cláudio Santa Cruz e Celso Furtado.

Sua vocação para com o jornalismo foi demonstrada quando ele criou o Jornal “Reflexo”, órgão de comunicação estudantil, aliando a isso o seu trabalho com um dos colaboradores da Revista “Luta”.

Foi residir em Recife, nos últimos anos da década de 30, onde estudou o pré-jurídico no Ginásio Pernambucano e, em 1943, concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito.

Naquele período, desenvolveu paralelamente as atividades acadêmicas, a função redator do “Diário de Pernambuco”, entre os anos de 1936 a 1940.

Maurílio Maurício de Sena, como diretor administrativo, e Antônio Barreto Neto, como diretor técnico, ambos integraram a direção d’A União, entre



1975/77, ao lado de José Moraes Souto e Afrânio Bezerra, este, um importante nome da política estadual.



Afrânio Bezerra

Como deputado, Afrânio, hoje dedicado à vida empresarial, foi durante muitos anos um representante destacado da região do Brejo paraibano,



**Nathanael Alves** dirigiu A União de abril de 1979 a 07 de abril de 1981; **Petrônio Souto**, 07. 04.1981–26.05.1982; **Etinênio Campos**, 26.05.1982–01.12.1984; **Aluísio Moura**, 1984, 02.12.1984–03.12.1985; **Deoclécio Moura**, 12.1984–07.12.1986; **Raimundo Nonato Batista**, 1985–1986; **Renato Mesquita**, 03.07.1986 –19.08.1986; **Jório Machado**, 1986–1987; **Biu Ramos**, 1971, 1988 a 1990; **Nonato Guedes**, 04.11.1993 – 14.11.1995; **Itamar Cândido**, 1991/1993 e 2003/03.2009; **Eraldo Nóbrega**, 05.11.1995 /1997; **Zélio Marques**, 04.04.1997–05.04.2000; **Rui César Leitão**, 06.04.2000 – 04.04.2002; **Nelson Coelho**, 05.04.2002 – 31.12.2002 e 2009-2010; **Ramalho Leite**, 02.01.2011–04.04.2012; **Fernando Moura**, 05.04.2012 – 04.12.2013.



Nathanael Alves



Raimundo Nonato Batista



Deoclécio Moura

Outro diretor de A União foi o jornalista e escritor Nelson Coelho, que faleceu no dia 9 de agosto de 2018, aos 76 anos. Ele era natural da cidade sertaneja de Santa Luzia. Sua carreira no serviço público começou na administração do governador Pedro Moreno Gondim. Foi superintendente de A União nos períodos de 05.04.2002 a 31.12.2002 e 2009-2010.

Político e escritor, Celso Mariz nasceu no Sítio Escadinha, município de Sousa-PB, em 17 de dezembro de 1885. Faleceu no dia 03 de novembro de 1982. Mas, no seu dia a dia, destacou-se como diretor de órgãos públicos, secretário e político. Publicou vários livros, entre os quais “Através do Sertão” (1910); “Apanhados Históricos da Paraíba” (1922); “Evolução Econômica da Paraíba” (1939). Foi ainda conhecido pelas obras “Ibiapina, um apóstolo do Nordeste” (1942); “Cidades e homens” (1945); “Areia e Rebelião de 1848” (1946); “Memória da Assembleia Legislativa” (1946), “Notícia Histórica de Catolé do Rocha” (1956) e “Figuras e Fatos” (1976).



Ano de 1982 - o jovem jornalista Petrônio Souto, então diretor Superintendente de A União, numa reunião de trabalho com o Governador Tarcísio Burity e o jornalista Gonzaga Rodrigues



O jornalista e escritor Nelson Coelho faleceu no dia 9 de agosto de 2018, aos 76 anos. Ele era natural da cidade sertaneja de Santa Luzia. Sua carreira no serviço público começou na administração do governador Pedro Moreno Gondim. Foi superintendente de A União nos períodos 05.04.2002 – 31.12.2002 e 2009-2010.



**Celso Mariz** começou sua carreira jornalística como redator de O Comércio, ao lado de Arthur Achilles e como colaborador do jornal A União. Viajou até o norte do país, tendo passado pouco tempo em Belém e Manaus. Voltou à Paraíba em 1907, passando a integrar o recém-fundado jornal O Norte, dos irmãos Orris e Oscar Soares, assumindo por algum tempo a gerência desse órgão.

Celso foi responsável pela fundação, em 1915, do jornal A NOTÍCIA, que expressava as ideias dos chamados “jovens turcos”, grupo de políticos, alguns já bem iniciados nas lides partidárias, orientados por Epitácio Pessoa.

Integrou a equipe da Assembleia Legislativa, como Diretor da Secretaria, cargo que exerceu até 1930. Durante o governo de João Suassuna, foi deputado de 1924 a 1927 e, posteriormente, quando João Pessoa assumiu o governo, foi nomeado diretor do jornal “A UNIÃO”, cargo em que permaneceu por pouco tempo, voltando às suas funções na direção da Secretaria da Assembleia Legislativa.

Iniciou a carreira como jornalista na redação de assuntos parlamentares. Dirigiu e chefiou a redação de vários jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em João Pessoa, atuou também nos jornais O Norte e Correio da Paraíba. Dirigiu o jornal do governo da Paraíba, A UNIÃO, no período de 15 de julho de 1941 a 20 de fevereiro de 1943.



**Ascendino Leite Nasceu** na cidade Conceição do Piancó, em 21 de junho de 1915. Integrou a Academia Paraibana de Letras desde a fundação, tendo sido sócio fundador da Associação Paraibana de Imprensa, API; é considerado um dos maiores escritores do Brasil. Faleceu, em plena atividade, em 13 de junho de 2010.

Sabiniano Maia foi outro paraibano que dirigiu o jornal oficial do governo, em duas oportunidades – nos períodos de 09 novembro de 1945 a 13 de fevereiro de 1946 e de 02 de fevereiro 1956 a 21 de julho de 1957.

No primeiro período à frente de A União, integraram sua equipe nomes como, Mardoqueu Nacre (gerente), José Cerqueira Rocha (secretaria) e, na redação, Durwalo de Albuquerque, Ernani Batista e Wilson Madruga.

Essa equipe tinha como chefe Silvino Lopes, com o apoio de Valdomiro Souto, Jáder Lessa Feitosa, Péricles Leal e Carlos Romero. Os colunistas eram José Leal, Matias Freire e Aluysio Rodrigues, e os Colaboradores eram Sandoval Oliveira, Eduardo Martins, Leomax Falcão, Dulcídio Moreira, Luiz Clerot, Waldemar Duarte, Osório Paes e Joaquim Cavalcanti.

Alguns desses nomes figuraram na equipe de Sabiniano Maia, em 1956, como, por exemplo, Wilson Madruga e Jáder Lessa Feitosa. Mas outros merecem ser lembrados: Jurandy Barroso, Dorgival Terceiro Neto, Eurípedes Gadelha, José Barbosa de Souza Lima, Linduarte Noronha, Normando Filgueiras, Rafael Mororó, Antônio Feitosa, Hudson Azevedo, Aurélio Albuquerque e Celso Otávio Novais.



**Sabiniano Alves do Rêgo Maia** nasceu em 7 de junho de 1903, na fazenda “Olho d’Água”, município de Itatuba, Paraíba. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas do Recife, em 1928.

Destacou-se na imprensa paraibana como cronista e diretor do jornal A União. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e da Associação Paraibana de Imprensa. Foi Secretário do Interior e Justiça, da Educação e da Saúde; presidiu o Diretório Regional da Aliança Renovadora

Nacional (ARENA). Apesar de ter exercido esses cargos, foi como escritor e historiador que Sabiniano Maia se destacou na Paraíba, com a publicação de livros de crônicas e comentários.

Na política, respondeu como Interventor na administração da cidade de Mamanguape, nomeado como Prefeito em 22 de setembro de 1932, cargo que ocupou até 22 de setembro de 1934. Foi ainda Prefeito de Campina Grande, de 14.03.1947 a 30.10.1947, tendo como sucessor Elpídio Josué de Almeida. No início da década de 1950, foi interventor nos municípios de Guarabira e Sapé.



**Hélio Nóbrega Zenaide**, jornalista e historiador, nasceu no dia 26 de outubro de 1926, no Engenho Barra Nova, na cidade de Alagoa Grande. Era filho de Heretiano Zenaide Nóbrega de Albuquerque e Maria Elvídia Nóbrega Zenaide. Casou com D. Ada Tavares Zenaide, união da qual nasceram quatro filhos: Maria Valéria, Maria de Nazaré, Eugênio Pacelli e Marina.

Como servidor público, começou sua carreira em 29 de julho de 1949, nomeado como taquígrafo da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba. Foi diretor do Departamento de Educação do Estado, nomeado pelo Governador Flávio Ribeiro Coutinho, que o designou para responder pelo cargo de Secretário da Educação da Paraíba. No governo Pedro Moreno Gondim, foi Assessor da Imprensa. Assumiu a direção do jornal A União, entre 1961 e 1962. Ainda, no mesmo governo, foi Diretor do Tesouro do Estado na gestão do Secretário Edson Ramalho.

Na administração estadual, respondeu também pelos seguintes cargos: Secretário de Finanças do Estado, no governo de João Agripino Filho; Chefe de Gabinete da Secretaria das Finanças, na gestão do Secretário Otacílio Silva de Oliveira, no Governo João Agripino Filho e na gestão do Secretário Milton Gomes Vieira, no Governo Ernani Sátiro; Diretor do Departamento Central da Divulgação, no Governo Ivan Bichara Sobreira; Subsecretário da Indústria e Comércio; Superintendente de Comunicação Social e Consultor Técnico do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (IPEP), entre outros importantes cargos.

Hélio Zenaide, no entanto, tornou-se mais conhecido por sua atuação no jornalismo paraibano, onde se destacou nos jornais locais e fora do Estado: trabalhou na agência de notícias Meridional, nos Diários Associados, e foi correspondente do jornal O Estado de São Paulo.



Os jovens jornalistas Gonzaga Rodrigues (esquerda), Hélio Zenaide (centro) – diretor d'A União 1961-62 – e, o também jovem (direita), Ariano Suassuna.

Começou no jornalismo em 1950, no jornal O Norte, justamente no período da campanha de José Américo de Almeida, ao governo do Estado. Foi comentarista de política no Correio da Paraíba e redator n'A Tribuna do Povo; editor da Revista do Fisco e do Boletim Fiscal da Secretaria das Finanças e do jornal Tribuna Espírita. Nos anos 70, no Jornal de Agá, assinou a coluna "Ronda dos Arquivos.

Integrou o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, a partir de 22.03.1980, ocupando a Cadeira n°. 38, cujo Patrono é o tenente-coronel Francisco Coutinho de Lima e Moura. Hélio Zenaide faleceu no dia 18.09.2017, vítima de um acidente vascular cerebral. O jornalista estava com noventa anos.



Carlos Romero, cronista e contista, e Hélio Zenaide foram nomes importantes do jornalismo impresso paraibano.





Juarez da Gama Batista

**Juarez da Gama Batista** nasceu em João Pessoa, no dia 04 de fevereiro de 1927 e faleceu no dia 05 de fevereiro de 1981. Concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de Recife, em 1951. Foi professor titular de Literatura Brasileira no Instituto Central de Letras da Universidade Federal da Paraíba, no período de 1961 a 1981.

Membro do Conselho Superior de Ensino e Chefe do Departamento de Linguística e Literatura Luso-Brasileira do Instituto, ainda ocupou o cargo de Diretor do Departamento Cultural da UFPB, entre agosto 1967 a fevereiro de 1970. Nasceu em João Pessoa, no dia 04 de fevereiro de 1927 e faleceu no dia 05 de fevereiro de 1981. Concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de Recife, em 1951.

Foi professor titular de Literatura Brasileira no Instituto Central de Letras da Universidade Federal da Paraíba, no período de 1961 a 1981. Membro do Conselho Superior de Ensino e Chefe do Departamento de Linguística e Literatura Luso-Brasileira do Instituto, ainda ocupou o cargo de Diretor do Departamento Cultural da UFPB, entre agosto 1967 a fevereiro de 1970.

Na imprensa, marcou importante passagem, como diretor dos jornais “A União”, no Governo de José Américo (1951-1956); “Correio da Paraíba” (1957-1958) e Diretor-proprietário do Jornal “A Notícia” (1960). Também foi membro da Academia Paraibana de Letras, que teve por patrono o ilustre escritor José Lins do Rego.

### **Período de 1970 a 2018**

Através de décadas, nomes consagrados fizeram o jornalismo de A UNIÃO. Nos anos 70, o jornal contava com jornalistas de peso no periodismo da região, quando o integravam os jornalistas Luiz Augusto Crispim, Abmael Moraes, Sebastião Barbosa, Werneck Barreto, Sérgio de Castro Pinto, Agnaldo Almeida, Tião Lucena, Josinaldo Malaquias, Edmilson Lucena, Cardoso Filho, Wellington Farias, Petrônio Souto, Carlos Vieira, Land Seixas, Geraldo Varela, Antônio David, José Carlos dos Anjos Wallach, Tônio, Naudmilson Ricarte, Júlio Cesar, Carlos Roberto, Ortilio Antônio, Maradona, Antônio Moraes, José Ramos e Carmélio Reynaldo.



**Luiz Augusto da Franca Crispim**, advogado e jornalista paraibano, nasceu em João Pessoa, no dia 23 de agosto de 1945 e faleceu em 6 de dezembro de 2008. Foi apaixonado pelas letras e pelas manifestações culturais de sua terra. Foi reconhecido, regional e nacionalmente, pelos seus escritos e por suas belas crônicas.

Graduou-se em Direito pela UFPB e era mestre em Ciências Jurídicas e Sociais. Foi editor e redator de vários periódicos paraibanos. Escreveu para o jornal Correio da Paraíba

Entre os cargos públicos, foi Diretor Presidente da PBTUR, Secretário de Comunicação, Procurador-Geral do Estado, Procurador-Geral do Município de João Pessoa, Professor Titular no Curso de Direito da Universidade Federal da Paraíba, além de Chefe da Casa Civil do Governador da Paraíba.

A redação do jornal A União leva o seu nome. Luiz Augusto Crispim foi um dos diretores d'A União, nos anos 70.



Nesta imagem em que podem ser vistos funcionários d'A União, em 20 de setembro de 1983, os amigos Luiz Augusto Crispim (falecido) e Nonato Guedes, quando do lançamento do Jornal da Terra, suplemento do jornal oficial do governo. Luiz Augusto Crispim, foi diretor do jornal A UNIÃO de 01.1973 a 21.06.1973.



**Cardoso Filho** começou no jornal A União, no ano de 1976. Dos mais de quarenta anos de sua atuação no jornalismo, dedicou pelo menos trinta anos de sua atuação como repórter policial. Ele acompanhou diversos casos policiais de repercussão no Estado, como, por exemplo, o assassinato da poetisa Violeta Formiga e o rumoroso Caso Abiaí, que envolveu policiais civis, entre delegados e agentes.



**Antônio David**, natural de Taperoá, com passagem pelo extinto jornal O Norte, em 1975, chegou ao jornal A UNIÃO no ano de 1977, quando o periódico do governo tinha a direção de José Souto. O editor geral era Agnaldo Almeida, e Frutuoso Chaves, o chefe de reportagem. Antônio David é um dos mais competentes repórteres fotográficos que já passaram pelos jornais paraibanos. Suas fotos, nas páginas de A UNIÃO, ilustraram muitos momentos importantes da vida do nosso Estado.



**Carlos Vieira** é um dos bons valores do jornalismo impresso em nosso Estado. Num depoimento concedido ao amigo Josélio Carneiro (A UNIÃO – ESCOLA DE JORNALISMO – 2018), ele afirma ter passado por outros órgãos do jornalismo impresso – O Momento e O NORTE –, porém foi no jornal A UNIÃO que ele plantou raízes e criou a sua história. Graduado em Comunicação Social pela UFPB, Vieira chegou ao jornal em 1978. Logo que chegou, foi trabalhar com nomes de destaque da vida jornalística paraibana, como Agnaldo Almeida, então editor-geral; Josemar Pontes, secretário de redação; Frutuoso Chaves, chefe de reportagem; Tarcísio Neves, editor de esportes; Fernando Melo, editor de política; além de Werneck Barreto, Antônio Barreto Neto, Marcondes Brito; Antônio Hilberto, entre outros. Carlos Vieira ressalta que acompanhou momentos difíceis enfrentados pelo jornal, até com ameaça de fechamento. Hoje, sente-se alegre ao ver o centenário jornal revitalizado e vivendo um bom momento.



**Abmael Moraes** foi um dos grandes jornalistas que passaram pelo jornal A UNIÃO. Também reconhecido em sua terra, o Rio Grande do Norte, tem nome de rua, no bairro da Candelária, em Natal – Rua Abmael Moraes (CEP 59066855). Trata-se de uma demonstração do carinho dos norte-rio-grandenses a esse importante e querido filho.

Nascido na pequena cidade de Ouro Branco, onde se destacou no mundo cultural, ali viveu pouco tempo. Suas andanças, com passagens na mídia potiguar, aconteceram, mais precisamente, na cidade “do” Natal, (assim dizem os natalenses). Destacou-se também como comentarista de futebol, atuando por um certo tempo na Rádio Cabugi AM, ao lado de expressivos nomes da crônica, como Roberto Machado, Hélio Câmara e Assis de Paula. Na Paraíba, também atuou no rádio, como comentarista da equipe esportiva de dois importantes nomes da crônica esportiva nordestina, Audi Dudman e Jorge Audi, na rádio Correio AM.

Era um camarada engraçado. Para o jornalista Tião Lucena, num dos seus comentários, no Blog do Tião (não lembro quando), Abmael foi “um dos mais inspirados jornalistas”, que já passaram por aqui. Fez muitos amigos e viveu a vida do jeito que desejava, fazendo jornalismo, escrevendo livros, amigo de governadores, mas também capaz de dizer o que queria. Era, segundo Tião, um “ANARQUISTA”, num sentido suave, nada que fosse feito com o objetivo de prejudicar alguém. “Na verdade, um brincalhão exagerado” ressalta o não menos brincalhão Tião Lucena.

Não media as palavras. Chegou a “peitar” o Governador Tarcísio Burity e, é claro, perdeu o emprego. O fato é que, reivindicando aumento de salário, disse isso em um artigo do próprio jornal do governo. Dirigiu-se ao governador e falou o que não devia, nas páginas d’A UNIÃO e, sem cerimônias. Quem pesquisar o Blog do Tião, na Internet, vai encontrar histórias engraçadíssimas desse cidadão de Ouro Branco-RN. Deixou-nos repentinamente, ainda moço, talvez até, pelo exagero da bebida, de noites mal dormidas e do não ter o mínimo de cuidado com a saúde. Gostava de ser assim. Mas, quem o conheceu sabe que ele foi um grande jornalista e uma grande pessoa. Era uma presença marcante no jornal do governo.



**Sebastião Barbosa**, natural de Alagoa Grande, foi um dos mais consagrados jornalistas paraibanos. Iniciou trajetória profissional aos 22 anos. Seu início na comunicação aconteceu no rádio. A Rádio Tabajara foi sua primeira casa, em 1958, integrando a equipe de radioatores da emissora do governo. Nomeado redator, no governo de Pedro Gondim, Barbosinha, como era carinhosamente chamado, deixou a Tabajara em 1973.

Buscou outros desafios.

Nos novos caminhos, mesmo usando o microfone, como mestre de cerimônias ou programas jornalísticos no rádio, sua paixão passou a ser o jornalismo impresso e as assessorias. E esses caminhos revelaram um Sebastião Barbosa como um eficiente jornalista/comentarista político dos mais lidos, nos anos 80/90 do século passado.

Atuou com destaque nos jornais Correio da Paraíba, O Norte e A União, durante muitas oportunidades e foi diretor de Comunicação da Prefeitura de João Pessoa e assessor de imprensa da Câmara Municipal de João Pessoa. Muitos anos marcaram sua presença como diretor do Comitê de Imprensa da Assembleia Legislativa, um local onde Barbosinha contava com o carinho dos amigos jornalistas.

No jornal A União, Sebastião Barbosa ocupou a editoria geral e também a chefia de reportagem. O querido Barbosinha faleceu no dia 03 de janeiro de 2020, na cidade Santiago, no Chile, onde residiu por dez anos, com a esposa Luana e um dos seus filhos. Barbosinha foi autor de três livros: “O Cotidiano de um repórter – a história que vivi”, “A Mão Armada do Latifúndio” e “Brasil – o país da impunidade”.



**Geraldo Varela** é um dos mais antigos jornalistas esportivos em atuação na Paraíba. O jornal A UNIÃO é o seu lar antigo, onde chegou em 1979, com o objetivo de ajudar no fechamento da página internacional. Para chegar ao jornal oficial, ele não esquece o amigo Evandro da Nóbrega de quem recebeu muito apoio. A sua primeira passagem durou pouco mais de um ano, sendo afastado por meio de uma demissão que lhe causou surpresa. Isto foi nos primeiros meses de 1980.



Mas, cinco meses depois, no mesmo ano, retornou ao jornal. Voltou para fazer o de que mais gostava – o caderno esportivo –, convidado pelo amigo Tarcísio Neves, com o apoio de Petrônio Souto, o mesmo que o havia demitido, meses antes. “São mais de quarenta anos em A UNIÃO, a minha segunda casa” – afirma Geraldo Varela.



**Tarcísio Neves** é jornalista profissional, além de publicitário, radialista, apresentador, escritor e palestrante. Atuou por muitos anos em A União. Foi, durante muito tempo, um dos mais destacados colunistas esportivos e responsável pela página diária de esportes do jornal. Trabalhou e escreveu para grandes jornais brasileiros, como O Globo, Jornal do Brasil, Última Hora, Correio Braziliense e Jornal de Brasília, entre outros.



**Agnaldo Almeida** nasceu em Campina Grande. Seus primeiros passos na comunicação foram no rádio. Chegou a brilhar também na televisão, em revistas e jornais. Começou mesmo, no impresso, no início dos anos 70, aprovado num concurso no Diário da Borborema. “Recordo bem do programa ‘Sétima Arte’, produzido por Aldo Porto, na Rádio Caturité, às vezes sendo apresentado pela turma do Cine Clube de Campina

Grande”. E lá estava Agnaldo!” (Gilson Souto Maior)

Com ele, na metade dos anos 60, também nascendo para a comunicação, estavam o irmão Arlindo Almeida e amigos maravilhosos e de valor: José Nêumanne Pinto, Luiz Custódio, Rômulo e Romero Azevedo, Bráulio e Clotilde Tavares.

Agnaldo Almeida é o mesmo que brilhou na televisão paraibana, durante quatorze anos, como comentarista político da TV Tambaú, em João Pessoa. Em 1988, foi Diretor de Redação do jornal dos Diários Associados, O Norte, tendo ainda passado pelo Correio da Paraíba, no ano de 1971.

Em 1975, assumiu a editoria geral de A UNIÃO. Integrou a equipe da revista “Edificar” – construção, arquitetura e negócios – como supervisor editorial, projeto que contou com as participações do filho Victor Castro Dória de Almeida e da esposa Naná Garcez de Castro Dória. A revista foi editada até agosto de 2019.

## A UNIÃO 1980

Nos anos 80, outros nomes de destaque despontaram no jornalismo. Na época, um nome já era uma referência para os que estavam chegando. Essa referência era Severino Ramos, o nosso querido e inesquecível Biu Ramos.

Nessa década, outros nomes estavam chegando e pedindo espaço. Nomes, como José Nunes, Naná Garcez (que brilharia anos após no vídeo da TV Cabo Branco), Cleane Costa, Napoleão Ângelo, Gisa Veiga (que também brilharia no primeiro time da TV Cabo Branco, a primeira TV de João Pessoa, inaugurada em 1986), Guilherme Cabral, Silvana Sorrentino, Fernando Moura, Antônio Costa, Ana Lustosa, Nonato Guedes, Marcos Pereira, José Euflávio, Clélia Toscano, Tamara Duarte, William Costa, Alexandre Nunes (*in memoriam*), Eloise Elane, Cristiano Machado, Valter Nogueira, Satva Costa, Joanildo Mendes, Francisco José (mais conhecido como Chico José, que atuou na sucursal de Campina Grande e em João Pessoa) e Maria Helena Rangel (que se destacou nos primeiros momentos da TV Cabo Branco), Walter Santos, Giovanni Meireles, Juvinete de Lourdes, Domingo Sávio, João Lobo, Nathanael Alves e Jacinto Barbosa.



Alexandre Nunes



Eloise Elane



Marcos Pereira



Napoleão Ângelo



Juvinete de Lourdes



Ana Lustosa



José Euflávio



Maria Helena Rangel



Silvana Sorrentino ao lado do esposo, o também jornalista Fernando Moura



Martha Rocha e a jovem Silvana

**Silvana Sorrentino** começou no jornalismo no ano de 1982. O jornal A UNIÃO foi sua primeira casa.

Essa vontade de ser jornalista começou verdadeiramente no ano de 1978, quando iniciou o curso de Comunicação na Universidade Federal da Paraíba.

Para Silvana, a redação de A UNIÃO foi para ela uma grande escola, mas destaca, também, importância de poder trabalhar ao lado de nomes tão expressivos do jornalismo paraibano.

Na foto de 1987 (ao lado), a jovem repórter Silvana, entrevistando a bela Martha Rocha, que representou o Brasil no concurso de Miss Universo nos anos de 1950.

Silvana, em depoimento feito ao jornalista Josélio Carneiro para o livro “A UNIÃO - Escola do Jornalismo”, ressalta a impor-

tância de ter atuado ao lado de grandes nomes do jornalismo paraibano.

Ela faz questão de citar nomes, como Gonzaga Rodrigues, Walter Galvão, Cleane Costa, Petrônio Souto, Nonato Guedes, José Carlos dos Anjos, Jacinto Barbosa, Gisa Veiga, Carlos Aranha, Thamara Duarte, Fernando Moura, Anete Leal, Wellington Farias, entre outros grande colegas e profissionais. “Um êxtase” – define Silvana.

**Francisco José** (Chico José), assim também conhecido, é um nome importante do jornalismo na Paraíba. A União foi sua porta de entrada no jornalismo impresso do nosso Estado. Natural de Crato no Ceará, Francisco José destaca-se no jornalismo paraibano, desde a sua passagem nos Diário Associados, quando aqui chegou.



Tudo começou, quando veio para a Rainha da Borborema, no dia 09 de março de 1980, para cursar Jornalismo no Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Nordeste (URNE), hoje Universidade Estadual da Paraíba. Seus primeiros passos

na comunicação foram dados na Rádio Araripe do Crato (ZYH-20 – 1440 KHz), a pioneira na radiodifusão no interior do Ceará, inaugurada, em 28 de agosto de 1951, por Assis Chateaubriand.

Até recentemente, era um dos poucos remanescentes dos anos 80, do século passado, em plena atividade na Rainha da Borborema. Ainda assinava reportagens no jornal A União e na Rádio Correio FM 98.1. “Campina Grande foi o começo de tudo, na sucursal do centenário jornal estatal, que tinha como gerente o irrequieto jornalista Tarcísio Cartaxo, um sertanejo natural de São José da Lagoa Tapada, que infelizmente já nos deixou” – destacou Chico José.

“Ingressei em A União como repórter, em junho de 1980. Minha carteira de trabalho foi assinada em 02 de agosto do mesmo ano”, lembra. Na sucursal do veículo estatal, atuou em todas as áreas, inclusive na de política, sendo repórter credenciado pelo jornal para cobrir as atividades da Câmara Municipal de Campina Grande. A sucursal da equipe de Tarcísio Cartaxo, era composta por Olga Barros, Jânio Costa Rego, Deusarina Vidal e Aluísio Alves (fotógrafo).

No jornal A União, esse bom cearense foi responsável por excelentes reportagens. Isto aconteceu a partir de 1982 quando Chico José recebeu orientação do jornalista Agnaldo Almeida, então editor geral de A União, para realizar produção de matérias especiais.

A primeira, segundo Chico José, foi “As Obras, as Curas e o Avanço do Mar”, quando entrevistou o capitão Aldano, um mineiro de Itajubá, que se dizia vidente e dirigia um hospital homeopata vegetariano, em Campina Grande. Aldano era um dos líderes do Centro Espírita Varões do Senhor.

Outras importantes matérias assinalaram a passagem de Chico José no jornal A União: o assassinato da líder sindical Margarida Maria Alves, em 1983, na cidade de Alagoa Grande; a campanha para Presidente da República em 1984.

Ele cobriu a visita de um dos candidatos, o então Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, ao município de Serra Branca, no Cariri paraibano; um acidente com um ônibus do Expresso Real, na BR-230, sentido Campina Grande – João Pessoa, que colidiu com um caminhão carregado de cana-de-açúcar, quando morreram quinze passageiros. Esse acontecimento acendeu o debate sobre a duplicação da rodovia federal no trecho entre Campina e a Capital do Estado; a cobertura do suicídio do advogado Raymundo Asfora, ex-deputado federal, em março de 1987, também foi marcante na vida desse jornalista. (Faltavam nove dias para sua posse como vice-governador da Paraíba).



Raymundo Asfora

Sobre esse lamentável evento, Chico José narra: “Cheguei à Granja Uirapuru, onde Asfora morava, no bairro de Bodocongó e me deparei com o corpo do político debruçado sobre a mesa da sala de jantar. Jamais esquecerei esse momento” – destaca. E acrescenta: “Trabalhei em três oportunidades no JP, na condição de repórter de política e de repórter geral. A última experiência, no segundo jornal de Campina Grande, foi no cargo de Chefe de Reportagem em 2001”.

Passada a experiência no Jornal da Paraíba, sob as editorias de Armando Lira, Machado Bitencourt, Maciel Gonzaga e Geovaldo Carvalho, Chico José também atuou como repórter no histórico Diário da Borborema, primeiro jornal diário de Campina Grande, pertencente aos Diários Associados. Como repórter, o jornalista trabalhou no referido DB entre 1986 e 1988, sempre acumulando as atividades no veículo “Associado” com as de A União, do Governo do Estado.

Deixou os Associados e ingressou nos quadros do jornal Correio da Paraíba, integrante do Sistema Correio de Comunicação. Seu ingresso no CP aconteceu em 1991, como repórter da sucursal de Campina Grande, a convite do então chefe de reportagem Carlos César Muniz.

Francisco José permaneceu no Correio até junho de 1995, quando, a convite do editor Cícero Dias Pereira, retornou como chefe de reportagem ao Diário da Borborema, cargo em que permaneceu por quase seis anos. Retornou, como repórter, à sucursal campinense do Correio da Paraíba, em junho de 2001.

Permanece, até o fim de sua existência, no Sistema e também voltou à reportagem d’A União. Na sua segunda fase no Correio, trabalhou entre 2003 e 2007, como repórter, produtor e apresentador do Grande Jornal Correio da Rádio Correio FM 98.1 de Campina Grande. Em 2008, voltou à redação da sucursal, permanecendo no cargo até agosto de 2017, quando foi remanejado para a Rádio Correio. Atuava como produtor e repórter. Ele dizia que a volta ao radiojornalismo o remetia ao início de sua trajetória profissional no Ceará, no distante 1974, após ser aprovado no primeiro teste para redator.

Paralelamente às atividades no jornal e rádio, integrou as assessorias de imprensa da Câmara de Dirigentes Lojistas e da Universidade Estadual da Paraíba.





Os anos 80 também marcaram a passagem no jornal oficial do excelente jornalista **Walter Nogueira**, que começou no batente jornalístico em 1985, como repórter de O Momento. Em 1986, atuou como revisor repórter no jornal Correio. Em 1987, atuou como repórter em O Norte, de onde saiu para o jornal A UNIÃO, onde ocupou as funções de repórter e chefe de reportagem.

No ano de 1990, retornou ao jornal O NORTE, onde permaneceria até 1994, inicialmente como repórter e depois como subeditor de política.

Integrou, ainda, em 2004, o Jornal de Brasília. No rádio, atuou na Correio FM, Rede Litorânea e Tabajara, entre 2005 e 2012.

Na área de assessoria, Valter Nogueira também passou por excelentes experiências profissionais, como Secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Santa Rita (1997 a 2005); assessor de imprensa da Prefeitura de Pedras de Fogo, além da gerência de comunicação do Tribunal de Justiça da Paraíba, no período 2015/2019.

### **Outros nomes**

Ao longo dos anos, muitos foram os nomes que passaram pelo jornal A UNIÃO. Alguns “continuam no batente”, trabalhando no querido jornal. Outros buscaram novos espaços ou nem estão mais conosco. Citá-los neste trabalho, para mim, é muito importante.

Eles engradeceram e engrandecem o jornalismo e dignificam nossa categoria. Trabalhei com alguns deles, com os quais muito aprendi. É ótimo apresentar esses nomes. Além de enriquecer nossa pesquisa, a satisfação é enorme poder registrá-los nessas páginas para conhecimento das gerações futuras. Vejam quantos nomes importantes.

Fernando Moura, Nonato Guedes, Gilvan de Brito, Hilton Gouvea, Ramalho Leite, William Costa, Joanildo Mendes, Sílvio Osias, Carlos Vieira, Flávio Tavares, Carlos Aranha, Marcos Tavares, Guilherme Cabral, Josinaldo Malaquias, Joana Belarmino, Naná Garcez, Gisa Veiga, Linaldo Guedes, Astier Basílio, José Carlos dos Anjos Wallach, Giovanni Meireles, Jaquilane Medeiros, José Euflávio, Felipe Gesteira, João Bosco Gaspar, Maria José Limeira, Luiz Carlos Nascimento, Wellington Farias, Marcos Alfredo, Walter Santos, Walter Galvão, Wilma Wanda, Thamara Duarte, Dinalva Ferreira, Beth Torres, Fernando Patriota, Sebastião Lucena,



Thamara Duarte



Wellington Farias



Joana Belarmino



Jaquilane Medeiros



Flávio Tavares



João Bosco Gaspar



Lena Guimarães



José C. A. Wallach



Sílvio Osias



Josinaldo Malaquias



Marcos Alfredo



Dinalva Araújo



Giovanni Meireles



João Evangelista



Antônio Costa



Wilma Wanda

José Octávio de Arruda Mello, João Evangelista, José Nunes, Antônio Costa, Biu Ramos, Lena Guimaraes, Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Agnaldo Almeida, Geovaldo Carvalho, Frutuoso Chaves, Werneck Barreto, entre outros.

O jornalista Bosco Gaspar, também atuou no jornal A União. Entrou pela primeira vez para redação de um jornal quando ainda iria completar quatorze anos de idade, em 1961. A afirmação é de Quesa Pinto, no seu livro *Misericórdia/ Itaporanga* – publicado em 2002. E esse começo foi através do querido Hélio Zenaide, atendendo uma solicitação do amigo José Arnaud Sobrinho. No jornal do Governo, João Bosco Gaspar ficou até 1963, quando foi para o Correio da Paraíba, convidado pelo seu conterrâneo José Soares Madrugá. Sobre a passagem de Bosco pelo Correio, mais detalhes surgirão nas páginas dedicadas ao jornal fundado por Teotônio Neto.



**Carlos Antônio Aranha de Macêdo** é dotado de uma formação cultural, que, ao longo da vida, fez dele um excelente e competente profissional.

Sempre teve a vocação para as artes e para a militância cultural, como um todo. Tudo isso o fez se tornar uma das maiores referências entre os intelectuais da Paraíba.

Não chegou a concluir os cursos de Direito e Psicologia, na UFPB. Formou-se pela universidade da vida. Uma militância cultural em diversos segmentos, como a música e o teatro, entre outros, fez também desse paraibano de João Pessoa, um dos grandes jornalistas da Paraíba, através de muitos anos de atuação em diversos veículos de comunicação, especialmente do impresso.

Presidiu a Associação Paraibana de Imprensa (API) e foi editor de cultura dos jornais O Momento, O Norte, Correio da Paraíba e A União, tendo sido, neste último, editor do suplemento Correio das Artes.

Desde 2009, Carlos Aranha é um dos imortais da Academia Paraibana de Letras, ocupando a Cadeira nº 29, cujo patrono é Rodrigues de Carvalho. É ainda integrante da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba e da Academia Paraibana de Cinema.

## Colunismo Social



Ivonaldo Corrêa

Importantes nomes do colunismo social passaram pelo jornal A União. Muitos deixaram saudades. Suas colunas eram bem lidas e apreciadas pelos leitores do jornal oficial. Lembra-se de **Ivonaldo Corrêa**? Ele passou pelo O NORTE, mas teve uma passagem bonita no jornal do governo. Era muito respeitado e admirado por toda a sociedade paraibana.

Outro nome que marcou presença positiva no colunismo social de A União foi o de **Sônia lost**. Ela nasceu em São Paulo, mas aprendeu a amar João Pessoa, especialmente após casar com uma figura extraordinária da vida pessoense, o querido jornalista Heitor Falcão. Sônia viveu intensamente o dia a dia da sociedade, num dos mais importantes momentos da história da imprensa paraibana e recebeu da sociedade muito carinho e respeito.

Em um texto, Abelardo Jurema Filho, falando sobre Sônia, afirma que “ela foi uma apresentadora da moderna história social, que ultrapassou os limites dos salões de festa para criar fonte de informação permanente de todos os segmentos da sociedade”.

Sônia lost diz ainda que, quando chegou à Paraíba, aprendeu rapidamente os segredos da profissão e, de colaboradora, passou a ser titular durante muitos anos de sua própria coluna no jornal A União. Mulher de forte personalidade, ela atuou por muitos anos com o marido Heitor e, por sua educação e ética profissional, soube conquistar muitos amigos. Foi um nome expressivo no jornalismo paraibano. Como jornalista de muita experiência, praticamente atuou em todos os impressos de João Pessoa.



Sônia lost



Goretti Zenaide

**Goretti Zenaide**, no jornal A União, assinou sua coluna social “Diversidade – Goretti Zenaide”, uma das páginas procuradas e lidas pelos leitores, pelos assuntos e comentários diversificados. O seu inteligente trabalho também foi prestigiado



Astrid Bakke



Hélia Botelho



Regina Von Söhsten

nas colunas assinadas em outros dois importantes periódicos, o jornal Correio da Paraíba e O Norte. Formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, integrou a equipe fundadora da M&G – Propaganda (em outubro de 1981), agência de publicidade que marcou época em toda Paraíba.

Já em 1986, a empresa, que tinha Goretti como diretora administrativa e o publicitário Guy Joseph como diretor de criação, venceu a concorrência para organizar o evento comemorativo do Quarto Centenário da Paraíba.

A empresa comandada por Goretti Zenaide e Guy, juntamente com o jornalista Juca Pontes, também foi responsável pelo lançamento da revista EM DIA, que circulou por quatro anos.

Dirigiu o jornal O Momento e a revista Em Dia antes de se tornar uma das mais conceituadas colunistas nas áreas de turismo, moda e sociedade. Antes de falecer, fato ocorrido no dia 01.07.2017, Goretti Zenaide – natural de Alagoa Grande – com uma visão social sempre voltadas para os mais necessitados, estava respondendo pela direção da Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância (Amem).

Com atuação em outros conceituados jornais, também integraram a equipe do jornal A União nomes consagrados no jornalismo, como Hélia Botelho, Regina Von Söhsten e Astride Bakke. Durante muitos anos, cobriram os acontecimentos sociais da Capital paraibana, sendo nomes a serem lembrados, sempre, pela sociedade paraibana.

Dessas queridas colunistas, apenas duas continuam em atividade, após muitos anos de atuação no jornalismo impresso da Paraíba: Hélia que se destacou no jornal estatal A União e ainda no Contraponto, seguindo o caminho de muitos amigos da comunicação, tem hoje as redes sociais como caminhos para continuar o seu trabalho em prol da sociedade pessoense. São mais de 20 anos de colunismo social; o mesmo acontece com a Astrid Bakke, que segue o mesmo caminho, as redes sociais, mas, também a televisão, onde comanda o “Estilo A”, na TV Master, programa



de boa aceitação dos telespectadores de João Pessoa. No período da TV O Norte, hoje TV Manaíra, ela se destacou na apresentação de um programa voltado para a sociedade, com assuntos variados.

**Josinaldo Malaquias** é outro nome com passagem pela equipe de A União. Foi um dos melhores repórteres fotográficos da história do jornalismo paraibano. “Trabalhei com grandes profissionais no jornal A UNIÃO, mesmo não tendo iniciado minha trajetória nesse veículo” – destaca Josinaldo.

Para ele, foram poucos os anos em A UNIÃO, mas muito gratificantes profissionalmente, pois dividiu suas tarefas na fotografia ao lado de quem sempre considerou um dos mais perfeitos profissionais da área, Antônio David, sem esquecer, ainda o capacitado Antônio Ortilo. “Foi bom viver um tempo nessa escola do jornalismo” – finaliza Josinaldo. (Mais informações sobre Josinaldo no capítulo jornal O NORTE).



**Gisa Veiga** iniciou no jornalismo da Paraíba nos anos 80. O começo foi como repórter de A União, veículo em que, logo cedo, mostrou muita competência.

Era o começo de uma carreira brilhante que não ficaria restrita ao jornal impresso. Ela, seguindo o caminho de outras amigas da época, foi para o jornalismo televisivo. Gisa apareceu, e apareceu bem, na telinha, como repórter, em 1987, integrando a primeira equipe da TV Cabo Branco, que tinha nomes como Naná Garcez e Ruth Avelino. Fez programas na TV MASTER, e, continua no jornalismo, agora, nas redes sociais.



**Gilvan de Brito** jornalista e escritor numa imagem como radialista, pela Rádio Tabajara, entrevistando o ‘Rei do Futebol’, na foto, em 1967, na Ilha do Retiro, em Recife. Gilvan também integrou a equipe do jornal A União.

Gilvan de Brito! Ainda jovem, mostrava sua polivalência no jornalismo. Sua boa atuação não se limitava ao campo do jornalismo esportivo, como o fez, por um bom tempo, diante dos microfones da Rádio Tabajara.



Gilvan de Brito

No impresso sempre apareceu com excelentes trabalhos. O jornalismo político foi uma área de atuação das mais positivas desse importante nome do



Na foto o jovem Gilvan de Brito e o então político Paraibano José Américo de Almeida

periodismo paraibano, entrevistando e produzindo belas matérias com destacados nomes da nossa política. A experiência adquirida o levou à Capital federal, onde atuou com destaque durante vários anos.

Atuou na Assessoria de Imprensa do Governo do Estado da Paraíba. Teve passagem brilhante nos jornais Correio da Paraíba, A União e, no rádio, integrou a equipe da Rádio Tabajara, nos anos 60/70. Trabalhou, ainda, durante muitos anos na Câmara dos Deputados, em Brasília.

Além de jornalista, Gilvan de Brito é advogado e escritor, sendo considerado um dos mais importantes nomes do jornalismo e segmento cultural paraibano. Ele passou pela escola do jornalismo do Estado, A UNIÃO.



**Hílton Gouvêa**, nasceu na cidade de Patos, no dia 13 de dezembro de 1948, precisamente na fazenda Serrote, pertencente ao seu avô Ebenézer Eulâmpio da Cruz Gouvêa. Segundo ele, hoje, nas imediações, está o Santuário Cruz da Menina.

Com décadas dedicadas ao jornalismo (2020), o jornalista Hílton Gouvêa é um dos mais antigos e competentes integrantes da equipe do jornal A União, onde iniciou suas atividades em 1983. É formado em Jornalismo, turma 78.2 da Universidade Federal da Paraíba. Começou no jornalismo, em 13 de maio de 1974, no jornal O Norte, onde trabalhou até 1997.

Hílton, também teve passagem das mais brilhantes nos jornais 'O MOMENTO' e "Correio da Paraíba", nas décadas 70, 80 e 2000, paralelamente às suas atividades no jornal A União. "No jornal O MOMENTO – lembra – atuei ao lado de uma boa equipe, que tinha como editor o jornalista Walter Santos, do hoje WSCOM. Na época, o jornal que marcou presença noutros períodos da vida jornalística paraibana, tinha circulação diária."

No Sistema Correio, além do jornal, Hilton Gouvêa foi presença das mais destacadas, na TV e Rádio Correio, como um vibrante e destemido repórter. Ainda hoje é duro na queda. “Atuei na Rádio Correio, numa das fases mais importantes da emissora, ao lado de Luiz Otávio Amorim, um dos primeiros radialistas a utilizar o horário do almoço, para o debate de assuntos de interesse geral da comunidade” – afirma Hilton.

O fato mais importante de sua atuação jornalística, ele diz ter sido o famoso ‘Caso Abiaí’, que envolveu quatro caçadores mortos na Fazenda dos Lundgren, no litoral Sul da Paraíba. “Os corpos foram encontrados por mim e o amigo repórter Joel de Brito, possibilitando, assim, a conclusão do inquérito pela justiça, que teve o juiz Antônio de Santana Lins como responsável processo judiciário, em 1996.” O rumoroso caso, passou anos para ser concluído, porque os corpos não eram encontrados, envolveu dezesseis integrantes da polícia civil e cinco delegados. “Mas graças ao jornalismo investigativo que realizamos, a justiça foi feita” – finaliza Hilton.

Durante vários anos, Hilton Gouvêa, um dos mais destacados nomes do nosso jornalismo, foi responsável pela gerência das sucursais dos jornais A União e Correio da Paraíba, na região de Guarabira e Bananeiras.



Giovanni, numa imagem nos tempos da PAN

**Giovanni Meireles** é aquele profissional completo na área jornalística. Um comentarista político de primeira linha.

Ocupou cargos de assessoria no setor público e tem experiência em jornalismo, no rádio, TV e impresso. Neste, com muita competência, em A União.

Quando a Jovem Pan e CBN, emissoras de rádio com notícia 24 horas, chegaram por essas bandas, o Giovanni, ao lado da competente jornalista Beth Menezes, sua esposa, foi uma presença brilhante no Sistema Correio. Ele lembra que a designação foi feita pelo então superintendente Jório Machado (*in memoriam*). Ali ficou por um ano.

Foi destaque nas manhãs do rádio em João Pessoa, na PAN/CORREIO. No rádio também, foi presença marcante no horário do almoço, na Rede Arapuan de Comunicação.

Teve uma participação muito boa num projeto realizado na TV Assembleia, também ao lado de Beth Menezes, sua companheira inseparável.

No impresso, começou em A União, em 1987, como correspondente do jornal do governo estadual na cidade de Sapé, sua terra natal.

Em 1988, por decisão do governador Burity, ao lado de outros companheiros, passou a integrar o quadro especial da SECOM, como servidor permanente do Estado. Foi chefe de reportagem d'A União, em 1991, designado pelo superintendente naquele ano, jornalista Itamar Cândido.

O dia 15 de dezembro de 1995 foi, sem dúvida, uma data importante na vida profissional do jornalista Giovanni Meireles. Nomeado pelo governador José Targino Maranhão, assumiu a Coordenadoria de Comunicação do Gabinete Civil do Palácio da Redenção, com *status* de Secretário de Estado. Ele destaca com satisfação a presença de sua colega jornalista Baby Neves, como adjunta.

Meireles lembra sua passagem no jornal, como repórter de cidades e notícias gerais, fazendo questão de destacar nomes de grandes amigos do batente jornalístico: Wellington Farias (que foi seu pauteiro), Emmanuel Nazareno de Noronha, Dinalva Araújo, Eloise Elane, José Eugênio, Lílian Moraes, Antônio David, Jaquilane Medeiros; Maria Helena, Mike Deodato (hoje um desenhista de fama internacional), Arlindo Almeida, Anco Márcio, Marconi Formiga, Luiz Ferreira, Paulo Santos, Anna Ponzzi, Germana Vidal, João Evangelista, Hilton Gouvêa, Thamara Duarte, Antônio Costa, Fernando Melo, Ricardo Anísio, Ademílson José, Abelardo Oliveira, Walter Rafael e Silvana Sorrentino, entre outros.

**Mike Deodato**, paraibano natural de Campina Grande é um dos principais desenhistas das histórias em quadrinhos da Marvel. Ele é filho de Deodato Borges (*in memoriam*), que foi um destacado nome do rádio, televisão e jornalismo impresso paraibano, além de um dos maiores desenhistas/chargistas da Paraíba.



Na foto Nonato Guedes, em 1985, com amigos, numa festa no jornal A União.

**Nonato Guedes** começou no rádio, em Cajazeiras. Muito jovem, meninão mesmo. Um redator de mão cheia, descoberto pelo irrequieto e saudoso José Adegildes Bastos, um dos maiores dirigentes do rádio cajazeirense.

Foi redator dos informativos da Rádio Difusora de Cajazeiras, incluindo o famoso noticiário de curta duração da emissora, Rádio Repórter Carvatra, patrocinado pela empresa Carvalho Dutra & Cia. Ltda., cujo titular detinha o maior percentual acionário da estação. Mas, Nonato buscou novos ares. João Pessoa foi a cidade escolhida.

Na TV Cabo Branco, em seus primeiros anos, no final dos anos 80, ele fez o Bom-dia, Paraíba e o Paraíba Meio-dia, destacando-se como um excelente mediador dos debates eleitorais.

Sempre se notabilizou pelo equilíbrio, isenção e ética, numa editoria das mais difíceis, a política. Com a experiência do rádio, Nonato não encontrou dificuldades na TV e também no jornal impresso. Uniu todos os conhecimentos adquiridos nos dois veículos, e o resultado foi maravilhoso. Ganhamos um jornalista completo, como todos o conhecemos. Ao longo de sua trajetória, Nonato, por seu equilíbrio e sobriedade, conquistou a credibilidade de ouvintes, leitores e telespectadores, além da classe política estadual. Ainda hoje é consultado e respeitado. É um analista político como poucos.

No centenário jornal A União, Nonato Guedes notabilizou-se pelo excelente trabalho à frente de sua superintendência, no período de 04 de novembro de 1993 a 14 de novembro de 1995, e, ainda, como editor e colunista do periódico oficial do governo estadual.





**Sílvio Osias** - A União foi a primeira empresa de Sílvio Osias, um reconhecido nome do jornalismo paraibano. Na redação do periódico do governo, ele começou a fazer jornalismo.



**Foi minha primeira escola de jornalismo, onde trabalhei em quatro oportunidades” – diz Sílvio.**

---

Sua primeira oportunidade no jornal oficial foi entre 1975/76. Depois atuou de 1979 a 1982. Também passou por lá em 1985 e em 2009.

Sílvio destaca ter trabalhado com grandes nomes do jornalismo, entre os quais Gonzaga Rodrigues, Antônio Barreto Neto, que foram seus diretores técnicos, e Agnaldo Almeida, que respondia pela editoria do jornal. “Com eles aprendi muito” – afirma Sílvio.

De uma das passagens no centenário jornal, ele tem algumas boas lembranças: uma delas a repercussão nacional de uma entrevista sobre cinema, feita com o grande nome da música brasileira, o compositor e /cantor Caetano Veloso; a outra, um livro por ele lançado, como organizador, das críticas de Antônio Barreto Neto. O lançamento foi feito na Fundação Casa José Américo, às 19h, no dia 14.06.2010.

Sílvio adora contar histórias do seu viver jornalístico. Numa das muitas de sua brilhante carreira, ele nos contou: tornou-se jornalista cultural graças ao dia em que Barreto Neto lhe deu atenção.

Osias queria ser crítico de cinema e, ainda adolescente, escrevendo em murais de colégio (Sílvio era o blogueiro de décadas atrás), procurou Barreto. O crítico de A União, na época (1964 a 1981), prontamente o atendeu, presenteando o garoto com livros sobre cinema. Foi assim que começou a vida jornalística de Osias que, pouco depois, se tornou estagiário do jornal. (Podcast Diversitá – junho de 2010).

Sílvio integrou a primeira equipe da TV Cabo Branco e atuou como editor da TV Clube (antiga O Norte, hoje TV Manaíra). Também marcou presença no jornal O Norte. Viveu os bons tempos do jornalismo impresso paraibano. Hoje, o jornalismo continua no dia a dia de Sílvio. Assina uma coluna, no Jornal da Paraíba, agora na versão on-line, além de uma participação todas as sextas-feiras, das 14 às 15 horas, no rádio. Nas ondas hertzianas, comenta sobre música, no “CBN Cotidiano”, sob o comando da jornalista Carla Arantes.

**Guilherme Cabral** - Nos anos 80, o jornal A União passou a contar com um bom número de jovens jornalistas, oriundos do curso de comunicação – habilitação jornalismo – implantado na UFPB, na metade dos anos 70. Ao concluir o curso de jornalismo nessa instituição de nível superior, Guilherme Cabral foi um deles. Ele conta que, primeiro, começou sua história no jornalismo como estagiário da FUNESC - Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em 1982.



Nesta imagem de 1982, vemos Guilherme Cabral entrevistando, como repórter estagiário da assessoria de comunicação social da FUNESC, o famoso cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré. Na ocasião, Vandré visitava o Espaço Cultural. “Foi minha primeira atividade, depois de formado” – disse o hoje experiente jornalista. Guilherme Cabral.

Sua estreia nos quadros d’A União, somente ocorreu em 1983, como repórter, na condição de serviço prestado, tendo sua carteira assinada somente a partir de 1984.



**Fernando Moura** - O jornalista, escritor e compositor Fernando Moura foi editor e repórter dos principais periódicos do Estado, além de repórter do jornal O Norte, tendo se iniciado na vida jornalística em 1979.

Por dois mandatos, presidiu a Associação Centro Histórico Vivo, Ong que lutou pelo processo de revitalização do Centro da capital.

Paulista de nascimento, filhos de paraibanos, seu Humberto de Lima e Maria Lourdes Moura de Lima, naturais de Guarabira e Alagoinha, respectivamente, é um pessoense através de outorga de título de cidadania, proposto pelo vereador Flávio Eduardo – Fuba, entregue pela vereadora Sandra Marrocos, no dia 10.02.2010.

Dentre os seus inúmeros trabalhos, Fernando é responsável, em parceria com o também jornalista Antônio Vicente, pela primeira biografia do cantor e compositor Jackson do Pandeiro, uma das maiores referências da cultura musical nordestina. Esse trabalho foi pela Editora 34, de São Paulo.

Criador e editor executivo da Textoarte Editora, foi responsável pelo lançamento de mais de cem títulos de autores do nosso Estado, entre ficcionistas, poetas e ensaístas. Fernando é casado com a também jornalista Silvana Sorrentino.



**Martinho Moreira Franco** foi um dos maiores destaques do jornalismo paraibano, em todos os tempos. Nos anos 60, muito jovem, começou no jornalismo comentando sobre cinema no jornal Correio da Paraíba. Passou pelo jornal O Norte, onde também foi redator e *copydesk*. Fez rádio também. Falou sobre cinema, na Arapuan, e integrou a equipe de produção e apresentação do “Diário Íntimo de uma Cidade”, na Rádio Correio. Foi correspondente de O Globo, da Veja, da Realidade e de outros impressos da Editora Abril. Mas, sempre foi no jornalismo impresso com que mais se identificou. Passou pelo jornal A União, onde foi editor-geral, e pela revista A Carta, do saudoso Josélio Gondim. Sempre escreveu maravilhosamente bem. Seus escritos, suas crônicas, sempre chamaram atenção, pelo domínio dos temas abordados.

Por sua inteligência, lealdade e comportamento, Martinho Moreira Franco sempre foi requisitado por vários governos. Ele pertencia ao partido dos homens de bem, dos bons jornalistas.

Na Secretaria de Divulgação e Turismo, no governo de João Agripino, integrou a equipe do sempre lembrado Noaldo Dantas.

Aposentou-se e continuou escrevendo em jornais e empresas publicitárias. Foi um profissional inteligente, mas, modesto e simples, como os verdadeiros grandes homens. Faleceu no dia 06.02.2021, aos 74 anos.

## Noaldo Dantas - um paraibano que brilhou em Alagoas



A história do jornalista e advogado **Noaldo Dantas** é bem interessante. Ainda na juventude, foi vereador e vice-prefeito em Campina Grande. Foi um fundador de jornais. Em sua vida, já foram sete, dos quais três em Alagoas, inclusive da revista ÚLTIMA PALAVRA. Chegou no dia 13.08.1975 para atuar como diretor do “Jornal de Alagoas”.

Fundou, quando morou no Rio de Janeiro, ainda jovem, o “GE”, impresso dos funcionários da General Eletric, onde trabalhou. Era um jornalista corajoso. Quem o conheceu em Campina Grande sabe o que ele enfrentou de ameaças, no “Jornal de Campina”, quando até os exemplares para distribuição eram passados por cima do muro da casa vizinha, como prevenção contra possíveis ações dos mandatários da política da cidade. (Revista Última Palavra – 31.03.1989 – Maceió – AL).

Quando Secretário de Comunicação do governo Ernani Sátiro foi demitido por conta de um erro estampado em uma notícia de A União. Ele não teve nada a ver diretamente com o erro, cometido pelo redator de plantão, que trocou o nome de ERNESTO GEISEL, o novo presidente (em manchete de primeira página), por ORLANDO GEISEL, com foto e tudo.

Em Alagoas, outra história para contar. Desta feita, em virtude de uma matéria em que criticava o Gal. Golbery do Couto e Silva, no Jornal de Alagoas, do qual era diretor, foi “DESCONVOCADO” de uma lista de possível secretário do governador eleito e que ainda não havia tomado posse, Guilherme Palmeira, como possível Secretário do Trabalho de Alagoas. Foi demitido, também, da direção do jornal associado em Maceió. O senador João Calmon, presidente do Condomínio Associado, aproveitou o pretexto para, com a demissão Noaldo, se reaproximar do todo-poderoso Golbery.

Numa entrevista concedida à revista Última Palavra, de Alagoas, indagado sobre qual a comparação que ele faria entre o jornalismo na Paraíba e em Alagoas, Noaldo foi incisivo, afirmando: “A imprensa paraibana é mais buliçosa e atuante. Aqui em Alagoas, a censura é bem maior. A Paraíba é um Estado mais politizado, onde se respira política”.

Noaldo Dantas, jornalista e advogado, foi vereador e vice-prefeito de Campina Grande, em eleição indireta, em 15.06.1964, que teve como prefeito eleito na Câmara de Vereadores, o também vereador João Jerônimo. Ele obteve onze votos, contra três concedidos ao vereador Pedro Cordeiro. (Ata da Câmara dos Vereadores, 15/junho 1964). No Governo Ernani Sátiro, foi Secretário de Turismo do Estado. Candidatou-se a deputado estadual, obtendo pouco mais de que quatro mil votos e não conseguindo ser eleito.

Como jornalista, dirigiu o “Jornal de Campina”, responsável pela cobertura em primeira página da matéria sobre a morte de Félix Araújo. Foi correspondente do jornal Correio da Paraíba, em Campina Grande, e integrou o quadro diretivo do jornal O Norte, em João Pessoa. Ainda exerceu atividade como funcionário do Banco do Brasil (por onde se aposentou). Atuou no jornalismo alagoano como superintendente do Jornal de Alagoas, diretor da Gazeta de Alagoas, Tribuna de Alagoas, tendo sido fundador deste último que circulou por oito anos. Ainda exerceu atividade junto à revista Última Palavra.



**Francisco Pinto Neto – CHICO PINTO**

nasceu em Itaporanga, mas, passou um bom tempo na cidade de Sousa, a querida “Cidade Sorriso”. Somente após um certo tempo, resolveu morar em João Pessoa. O filho do conhecido sargento da PM, Duca Pinto e de Dona Naninha Pinto Cavalcanti, queria trabalhar e estudar. Não podia ser diferente, para o menino filho de um sertanejo de Boa Ventura e de uma mulher de fibra, natural de Jatobá, hoje, a cidade de São José de Piranhas.

“Em 1973 eu já estava aqui, na Capital e, com muita sorte, consegui uma vaga no Lyceu Paraibano, onde comecei a cursar o 1º Ano Clássico” – afirma Francisco Pinto Neto que, tempos depois, passaria a ser mais conhecido no mundo do jornalismo como Chico Pinto.

Com a ajuda de alguns contemporâneos de Sousa, entre eles Paulo Marques de Sousa, Paulo de Zuca Gordo, o Chico de sargento Duca, como era conhecido, consegue, numa “república” situada no Edifício Mateus Zaccara, na Rua Duque de Caxias, uma vaguinha para armar sua rede e ficar morando de “graça”. “Mas, por isso mesmo, precisava



trabalhar” – diz ele. “E a vaga surgiu!” Foi trabalhar de *office-boy* na antiga fábrica Polynor, situada no Distrito Industrial, por pouco tempo, pois não conseguia conciliar o horário de trabalho com os estudos.

Com a dormida certa, precisava do trabalho para se alimentar. Decidido em lutar pelos seus objetivos, procurou na Assembleia Legislativa o amigo Eilzo Matos, na época deputado estadual, representante de Sousa. Vivendo naquele momento uma polêmica com o governador, o deputado afirmou não ter nenhuma opção para ajudar o menino de Itaporanga.

Porém, ao folhear as páginas do jornal A União, o deputado ao ver um edital, convocando interessados numa vaga de repórter, disse: “Chico, não sei se você topa, mas tem uma vaga no jornal, você se interessa?” E ali começa a surgir um novo jornalista na Paraíba.

Francisco Pinto Neto foi e conversou com o pessoal do jornal. Com uma pauta elaborada pelo jovem jornalista Frutuoso Chaves, chefe de reportagem, cabia ao menino de Itaporanga cumprir o solicitado – uma reportagem de quarenta linhas, com 72 toque cada, redigir uma matéria sobre as condições de abate de animais no matadouro da Capital.

A aprovação do candidato (apenas uma vaga) seria a publicação da matéria no dia seguinte, nas páginas do jornal. Às 5:00 h da manhã, lá estava Francisco Pinto, no Ponto de Cem Réis, com cara de sono, em busca de A União. “Para minha surpresa – ressalta Chico - o meu material tinha sido aproveitado e publicado com chamada na primeira página feita pelo ícone da nossa imprensa Barretinho Neto”.

Naquele momento, a Paraíba tinha um desempregado a menos e ganhava um jornalista a mais. Contratado pela A União, aquele “foca” logo ganharia espaços no jornalismo paraibano. Nos seus mais quarenta anos de ofício no periodismo, ele passou pelas salas de redação dos jornais A UNIÃO, O NORTE e pela Rádio Tabajara, como repórter, redator e editor de colunas e páginas políticas. Como companheiros de trabalho, ele lembra com carinho nomes como Pedro Moreira, Juarez Félix e Zé de Souza, no jornal Associado, além de amigos do jornal do governo e SECOM estadual.

Foi uma caminhada longa nos meios de comunicação, incluindo a Empresa Brasileira de Notícias – EBN –, além das assessorias da Secretaria de Justiça, Delegacia do MEC, Assembleia Legislativa, vice-governadoria do Estado e diretoria do Sindicato dos Jornalistas (diretor de base junto à FENAJ) e Associação Paraibana de Imprensa - API (vários mandatos).

Francisco Pinto também é formado em Direito, sendo hoje um empresário na cidade de João Pessoa,

Naná Garcez, Gisa Veiga, Ramalho Leite, William Costa, Joanildo Mendes, Sílvio Osias, Gilvan de Brito, Carlos Vieira, Flávio Tavares, Sérgio de Castro Pinto, Lena Guimaraes, Linaldo Guedes, Astier Basílio, Jamarri Nogueira, José Carlos Wallach, Giovanni Meireles, José Euflávio, entre outros já citados, são nomes que passaram brilhantemente pelo jornal oficial do Estado da Paraíba. Alguns continuam dando sua contribuição ao nosso jornalismo.



**Naná Garcez** é um expressivo e prestigiado nome do nosso jornalismo. Uma sergipana que veio para a Paraíba e por aqui ficou. Plantou raízes. Casou com o jornalista Agnaldo Almeida e, juntos, formaram uma bela família. Passou pelo jornal impresso e integrou a primeira equipe da Televisão Cabo Branco, a mais antiga de João Pessoa. Foi uma excelente repórter.

Na revista Edificar, muito prestigiada e lida pelos empresários e leitores da Paraíba, ela mostrou o seu grande valor como jornalista. Trabalhou como editora, ao lado do filho Victor de Castro Dória de Almeida, que atuou como diretor executivo da publicação. O esposo Agnaldo Almeida foi responsável pela supervisão editorial da revista, que teve o seu último número editado no mês de agosto de 2019. Uma família de jornalistas.



**Jacinto Barbosa**, natural de Esperança, foi importante nome do jornalismo paraibano. Faleceu aos 52 anos, em 17 de março de 2009. Era graduado em jornalismo pela URNe. Ocupou a chefia de redação dos jornais A União e Paraíba e a editoria da revista A Semana.

Na imagem, Jacinto, José Nunes e Francisco (Chico) Pinto, conhecidos nomes do jornalismo e que integraram A União.

Durante dez anos, atuou também em televisão, como editor de jornalismo da TV Tambaú. Na sua vida profissional, vivenciou a experiência de ainda ser assessor de comunicação da cidade de Esperança.

Integrou a equipe de A União muito jovem, fato que se constituiu para ele uma grande escola na solidificação dos conhecimentos adquiridos nos bancos da universidade.

Nessa bonita história do jornal A União, como não lembrar entre tantos companheiros, os queridos Jacinto Barbosa e Clélia Toscano, casados e bem casados. Um casal maravilhosamente unido que somente foi separado pela inesperada morte de Jacinto, que levou nosso amigo ainda tão jovem.

“Conheci Jacinto Barbosa no Curso de Comunicação da URNe, em Campina Grande, onde fui seu professor.” (Gilson Souto Maior)

A jornalista Clélia Toscano lembra os seus tempos de A União, quando ainda era estagiária. A União funcionava então na Rua João Amorim, em Jaguaribe, bem próximo do Supermercado Bompreço.

E ela recorda a mudança para a Rua Gal. Osório, época em que ela estava grávida. “Aos três meses de gravidez, o pai da criança e meu chefe de reportagem, deu-me a pauta do dia (sorriso): cobrir a rebelião na Penitenciária Modelo Desembargador Flósculo da Nóbrega, o conhecido Presídio do Roger”.

Para Clélia, como não poderia deixar de ser, a presença de uma jornalista grávida num ambiente de presos rebelados fez com que os policiais ficassem perplexos e até tentassem impedir a aproximação da repórter. “Não adiantou, a pauta foi cumprida” - afirmou Célia.



**No dia seguinte, a matéria estava estampada na primeira página do jornal do governo, competindo com os demais periódicos da cidade, dentre os quais muitos não mais existem, como O Norte e O Momento” – destaca Clélia Toscano.**

---

## ANOS 90



Nonato Nunes



Ademilson José



Paulo de Pádua



Franco Ferreira



Janildes Andrade



Evandro Dantas da Nóbrega

Os anos 90 também foram marcantes para com a história de A União, pois, com o passar dos anos, novos nomes surgiam na história dessa escola memorável do jornalismo paraibano: Ademilson José, João Evangelista, Costa Filho, Geovaldo Carvalho, Linaldo Guedes, Dalmo Oliveira, Janildes Andrade, José Alves, Augusto Magalhães, Fernando Patriota, Evandro da Nóbrega, Nonato Nunes, Heraldo Nóbrega, Rogério Almeida, Rui Leitão, Franco Ferreira, Paulo Pádua e Paulo Sérgio Carvalho.

Observam-se, a cada década, por ser A UNIÃO um jornal estatal, mudanças consideráveis de nomes e dirigentes. Por um lado, conta-se com a vantagem para o surgimento de novos talentos, um processo de renovação interessante, mas, motivado, na maioria das vezes, pelas mudanças oriundas das urnas, com a chegada de novos governantes. Verificaram-se até algumas injustiças com o afastamento de um ou outro colega, fato corriqueiro durante todas as mudanças de administrações não somente na Paraíba, mas em todo o Brasil.

**Evandro da Nóbrega**, jornalista pesquisador, escritor e tradutor, é um dos mais destacados nomes do jornalismo paraibano. Mesmo tendo passado pelo jornal A União, sem dúvidas a maior parte de sua brilhante atuação jornalística foi no jornal associado O Norte, em cujo capítulo destacaremos o nome dele.

Evandro Dantas da Nóbrega é natural de São Mamede. Coursou primário e ginasial no Colégio Diocesano de Patos e concluiu o colegial no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Foi na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), da UFPB, atual Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), onde estudou Letras Vernáculas, Linguística e Língua italiana. Evandro ocupa a Cadeira nº 5 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que tem como Patrono Elpídio de Almeida.



Geovaldo Carvalho, entrevistando Antônio Mariz

**Geovaldo Vieira de Carvalho** pode ser considerado um dos mais inteligentes jornalistas em nosso Estado. Mas, o seu valor não pode ser aquilatado apenas no jornalismo impresso, pois também fez rádio e TV.

Quando chegou à Paraíba, vindo de Pernambuco, para ficar de vez, ele atuou na Rádio Borborema e no Diário da Borborema, atuando neste de abril de 1979 até 1981. Desta data, ao ano de 1984, trabalhou no Gazeta do Sertão, quando retornou ao Diário. Foi redator e destacado colunista no \*Diário da Borborema, assinando a coluna 'Baby Vieira', que conquistou os leitores campinenses.

Assumiu destacadas posições no jornal associado, entre as quais editoria e superintendência, cujo cargo deixou no início do ano de 1991, para assumir a Diretoria Técnica do jornal A União, a convite do então governador Ronaldo Cunha Lima.

Na União, ficou até 1993. Com a saída de \*Itamar Cândido da Superintendência e a conseqüente entrada de Nonato Guedes, pediu para sair. Mesmo sendo amigo do novo diretor-geral, achou melhor deixá-lo compor a própria equipe. A pedido do novo superintendente, no entanto, permaneceu por mais dois meses, resolvendo pendências do jornal.





Geovaldo Carvalho, nos tempos de A União, ladeado por importantes nomes da imprensa paraibana e da boa equipe do jornal do governo, Martinho Moreira Franco, Alarico Correia e Agnaldo Almeida. Nos capítulos Diário da Borborema e Gazeta do Sertão, abordaremos mais detalhadamente a atuação de Geovaldo Carvalho, no jornalismo campinense.

Em 2003, retornou à União, reassumindo o mesmo cargo, tendo nele permanecido até 2009. Foram nove anos como diretor técnico de uma escola de jornalismo como a União. “Acho que ninguém bate esse recorde no cargo” – diz Geovaldo Carvalho, que voltaria ao jornal do governo em 2014 como colunista. Em 2015, foi convidado para gerenciar o jornalismo da Prefeitura de Campina Grande, durante a administração de Romero Rodrigues. Natural de Escada, Pernambuco, Geovaldo trabalhou em praticamente em quase todos os jornais da Paraíba, na maioria das vezes, ocupando cargo de direção. Sobre o início de sua trajetória, deixamos maiores detalhes para o capítulo Diário da Borborema.



**Itamar da Rocha Cândido** nasceu na cidade de Cuité, no Curimataú paraibano. Começou sua atividade jornalística como repórter do Diário da Borborema, dos Diários Associados, em Campina Grande.

Por sua atuação destacada no Diário da Borborema, recebeu como prêmio a incumbência de ser seu superintendente do jornal. Pelo seu desempenho à frente do DB, adquiriu não apenas o carinho dos amigos, mas o respeito e confiança dos dirigentes associados.

Também se destacou no jornalismo em nível estadual, dirigindo, como superintendente, por duas vezes, o jornal A União. Foi diretor da Rádio Tabajara, no governo Ronaldo Cunha Lima, no período 1993-1995. Faleceu aos 58 anos, no dia 08 de fevereiro de 2011, em João Pessoa, vítima de pancreatite hemorrágica.



**Heraldo Dantas da Nóbrega** dirigiu o jornal A União por dois anos, de 1995 a 1997. Um período pequeno, mas o suficiente para mostrar o valor desse sertanejo, não somente como jornalista de primeira linha.

Foi também um bom dirigente, responsável por um marco importante na trajetória do jornal do governo estadual: sua informatização.

O nome de Heraldo foi escolhido numa lista de dez nomes, pelo então governador José Maranhão, para substituir o jornalista Itamar da Rocha Cândido. Seu nome foi respaldado pelo então secretário do Planejamento, Mário Silveira, que tinha como favorito por parte do governador José Maranhão, o jornalista Nonato Guedes.

Muito ético e alegando que já teria ocupado essa função, Nonato não aceitou o convite e reforçou o motivo, contando uma história muito curiosa ao governador.

No livro “A UNIÃO – 120 anos” (2013), organizado pelos jornalistas Alarico Correia Neto e Juca Pontes, essa história muito engraçada é contada pelos colegas.

Nonato Guedes não teria aceitado o convite, atendendo a um pedido de sua mãe, que tinha tido um sonho no qual ele se daria muito mal à frente da direção do jornal. Nonato atendeu a mamãe, e Heraldo foi o escolhido, mas, antes, Zé Maranhão o indagou em tom de brincadeira: “VOCÊ COSTUMA SONHAR?”

Heraldo da Nóbrega foi um nome de destaque no jornalismo político paraibano. Apresentou, durante vários anos, o programa de entrevistas Tribuna da Mídia, na TV Master, em João Pessoa. Teve uma carreira brilhante na comunicação da Paraíba.

Ocupou a editoria do jornal Correio da Paraíba, a superintendência do jornal A União, editoria-geral do extinto jornal O Norte (Diários Associados) e assessoria do Ministério Público estadual.

Foi um dos jornalistas pioneiros nos meios digitais, sendo responsável pelo lançamento da primeira coluna eletrônica do Estado.

Heraldo Dantas, nome jornalístico (na verdade o nome de registro Eraldo Dantas da Nóbrega, sem H), nasceu na cidade Patos. Veio residir na capital muito jovem, destacando-se rapidamente nos meios de comunicação. Faleceu no dia 29.11.2019, em João Pessoa, deixando muito triste o ambiente no jornalismo da Paraíba.



**Rui Leitão** ocupou a posição de superintendente do jornal A UNIÃO entre 1998 e 2001, num momento em que ele respondia pela superintendência da Rádio Tabajara da Paraíba. Sua chegada à direção do jornal foi para substituir o então diretor Zélio Marques, em atendimento ao pedido do governador José Maranhão.

A passagem de Rui à frente dos destinos de A UNIÃO foi das mais positivas, com ações que ficaram marcadas na história do centenário jornal paraibano. Ele destaca o processo de democratização entre os funcionários, que ensejou a escolha do editor-geral pelos jornalistas que integravam o corpo redacional de A UNIÃO. “Foi um momento diferente vivido pelos integrantes jornal e que me deixou muito feliz” – diz Rui Leitão. Para ele, a circulação vespertina de A UNIÃO, sugerida por ele, também foi um momento marcante para o jornal, para os leitores paraibanos e para ele como administrador. “O jornal foi bem aceito e chegou, na primeira semana, a ser mais vendido do que durante os seis meses anteriores”. Segundo ele “Era uma novidade, uma boa novidade”.

O fato aconteceu no período da Copa do Mundo, cujos jogos eram realizados pela manhã. Assim, todas as tardes, A UNIÃO era o único jornal paraibano a destacar tudo, em caderno especial, o que o tinha ocorrido na manhã do mesmo dia.

Aliás, também outros importantes acontecimentos, que somente seriam destacados pelos concorrentes 24 horas depois, foram antecipados nessas edições de A UNIÃO.

Atualmente, num momento em que a Internet possibilita maior rapidez aos fatos, bem que o jornal do governo estadual poderia ter dado continuidade às suas edições vespertinas.

**Ramalho Leite** (Severino Ramalho Leite) foi superintendente d’A União no período entre 2 de janeiro 2011 a 4 de abril de 2012. Não ficou muito tempo à frente do jornal do governo, mas permaneceu o suficiente para que deixasse a sua marca na história do mais antigo periódico paraibano em circulação.

Quando assumiu a direção do jornal, Ramalho o encontrou com alguns problemas, entre eles o seu pequeno formato, tabloide, com dimensões de 280 x 430 mm (11,0 pol. x 16,9 pol.), que não agradava o leitor e,

até mesmo, os jornalistas que integravam A União. Ramalho, com rapidez, uma característica sua, resolveu mudar, voltar ao formato antigo, tamanho \*standard, com dimensões de 600 x 750 mm (23,5 pol. x 29,5 pol.).

Ramalho Leite foi, na opinião de diversos jornalistas, um bom administrador do centenário jornal e revela sua satisfação em ter sido um dos seus dirigentes: “É uma satisfação para qualquer um administrar um veículo com o nome e a história desse jornal, que sempre foi uma escola do jornalismo em nosso Estado e região”.

Nasceu em Bananeiras (PB), no dia 6 de outubro de 1943, filho de Arlindo Rodrigues Ramalho e de Maria Eurídice Leite Ramalho. Jornalista e advogado, formado em 1967 pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. Ingressou na política em 1965 e, em outubro do mesmo ano, elegeu-se vereador em Borborema região do Brejo.



**Ramalho Leite** – Foi deputado estadual em várias legislaturas e deputado federal, como suplente, assumindo o cargo em 7 de novembro de 1991, em uma vaga aberta com a licença médica do deputado Ivan Burity, até março de 1992. Voltou à Câmara Federal em 1993, exercendo o mandato até agosto no mesmo ano. O também historiador e cronista Ramalho Leite foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, sendo atualmente presidente da Academia Paraibana de Letras (2022-2023). Ele ocupa a Cadeira nº 7, que tem como Patrono Arthur Achilles dos Santos.



**Joanildo Mendes** é natural de João Pessoa. É graduado em Jornalismo pela UFPB. É um jornalista com larga experiência.

Integrou várias empresas jornalísticas em nosso Estado, entre as quais o jornal A União (1994), como editor.

Atuou no periódico O Momento, entre 1985/89, como repórter, redator e editor adjunto; Veja 28 Graus (1989); O Norte, como chefe de redação (1995/99) e ainda O Norte e Diário da Borborema (1999/2003); editor da revista A Semana e redator na Rádio Arapuan FM.

Profissional polivalente, Joanildo Mendes viveu também o jornalismo televisivo. Atuou nos primeiros momentos da TV Cabo Branco (1986/90). Foi repórter, redator e editor setorial.

Em 1990, transferiu-se para a TV Potengi, onde trabalhou como editor, e retornou à Paraíba em 1991, passando a atuar como editor da TV Tambaú. No seu currículo, consta uma passagem pela assessoria do INCRA-Nordeste, entre 1999/2003. A partir daí, dedicou-se ao Portal Fatos PB.

## Renovação

As mudanças, observadas durante o passar das décadas no nosso jornal estatal, como enfatizei anteriormente, também serviram para que outros nomes surgissem no cenário jornalístico, nos anos 2000.

A União, nessa década, dentro do seu já conhecido processo de renovação nos presenteou com outros excelentes profissionais, entre os quais, Jorge Rezende, Clóvis Gaião, Adriana Crisanto, Grygena Targino, Eduardo Carneiro, Clóvis Roberto, Fábria Carolino, Gledjane Maciel, Astier Basílio, Marcos Alfredo, Augusto Pessoa, Jamarri Nogueira, Cícero Félix, Josélio Carneiro, fotógrafos Marcos Russo, Evandro Pereira, Edson Matos, Alberi Pontes, Antônio Ortilo e Arnóbio Costa (in memoriam).

Desse período, como não lembrar o importante trabalho desenvolvido pelos repórteres fotográficos que passaram e ainda atuam no nosso querido A União.

Alguns destaques: Marcos Russo, em 2018, quando iniciei a elaboração deste trabalho, estava há 35 anos como servidor do Estado e quase duas décadas no jornal estatal; Evandro Pereira (2018, com quase dez anos no jornal e há 33 servindo ao Governo Estadual); Edson Matos,

profissional desde os anos 80 e, no jornal, de desde 2014, tendo atuado no periódico por dois anos, mas num momento importante: integrou a equipe de montagem do sistema de imagens digitais do querido e velho jornal.



Marcos Russo



Evandro Pereira



Edson Matos



Alberi Pontes



Joséllo Carneiro



Adriana Crisanto



Cesta Filho

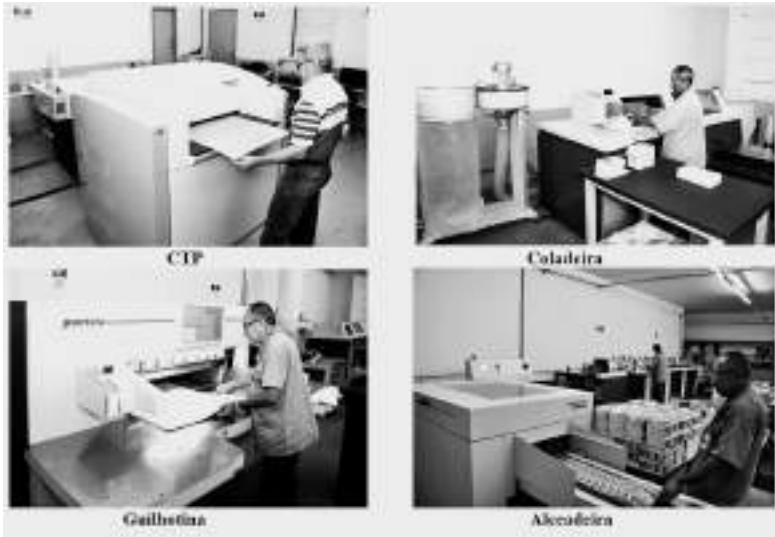


Arnóbio Costa

**Adriana Crisanto Monteiro** é graduada em Relações Públicas e Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialização em Jornalismo Cultural pela FIP/FAP. Concluiu o mestrado em Serviços Públicos na Faculdade de Sociologia e Comunicação da Universidade de Salamanca (Espanha) e Pós-graduação em Serviço Social pela UFPB.

Atuou como repórter na editoria de cultura do jornal A União. Foi repórter de cultura e subeditora de cultura no jornal O Norte (Diários Associados Paraíba) por dez anos. É professora do curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau e Chefe da Assessoria de Comunicação da Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes.





## Artes gráficas e imagens

As páginas de A União, além das boas e atualizadas matérias para leitura, apresentam imagens e uma diagramação, que são referências de qualidade gráfica desse mais antigo jornal paraibano em circulação.

Tudo isso se deve ao excelente time de profissionais do importante periódico paraibano e brasileiro. Uma qualidade indiscutível que faz jus a nomes de grandes profissionais que completam o bom elenco do jornal. Além dos profissionais da área fotográfica citados linhas atrás, como Marcos Russo, Evandro Pereira, Edson Matos, Ernane Gomes, Alberi Pontes e Antônio Ortilo, outros nomes precisam ser lembrados. Eles integram, desde a década de 70, o jornal estatal.

São estes que embelezam o jornal: Maradona, um mestre na diagramação; Antônio Moraes da Silva, na revisão; Naudimilson Ricarte dos Santos, designer gráfico; Carlos Roberto Freire, desenhista; Júlio César Falcão de Freitas, também nas artes gráficas; Jacinto Júnior, gerente da gráfica; José Carlos Pereira, operador de impressora; Napoleão do Carmo, encadernador; e, José Luiz Fernando das Chagas, responsável pelo corte das páginas, milimétricos cortes. Com aproximadamente quarenta anos de batente, a experiência de cada um desses homens da comunicação jornalística é incontestável. Esses profissionais são destaque na equipe d'A UNIÃO.



Nesta imagem, o aposentado Antônio Ferreira, um dos mais competentes linotipistas que integraram a equipe jornal oficial do Estado, fez questão de se posicionar diante do seu antigo equipamento de trabalho.



Nelson Bezerra, antigo linotipista, aposentado em 1997, visitando o antigo local de trabalho.



1997 – Modernas impressoras Heidelberg (offset).

## Parque Gráfico

Nesta imagem, o aposentado Antônio Ferreira, um dos mais competentes linotipistas que integraram a equipe jornal oficial do Estado, fez questão de se posicionar diante do seu antigo equipamento de trabalho.

Nelson Bezerra, antigo linotipista, aposentado em 1997, visitando o antigo local de trabalho.

1997 – Modernas impressoras Heidelberg (offset).

As velhas impressoras linotipo (primeira e segunda imagens) d'A UNIÃO foram substituídas posteriormente pelo sistema offset, a partir de 1997, conforme imagem número três. O centenário jornal acompanhou as transformações do tempo e, hoje, é um periódico que acompanha os avanços da tecnologia, oferecendo aos leitores uma excelente qualidade gráfica, nas edições diárias de A UNIÃO, DOE e trabalhos gráficos de sua editora (livros e revistas).

## O Arquivo - A história de A UNIÃO

José Ramos Borges da Silva é o chefe do arquivo, comandando uma capacitada equipe.

Essa área é responsável pela guarda da história do centenário e mais antigo periódico do Estado, único em circulação diária. Maria Aparecida R. Lima, João Pereira e Ana Cristina Flor respondem por esse importante setor.

Marcone Araújo, Fátima Santos, Fátima Ideão, Roberto do Santos, Dominginhos, Jota Filho, Maurício e Salismar Fernandes compõem a equipe do DOE.

O Diário Oficial do Estado – DOE – é o responsável pelas publicações legais/oficiais, do governo, empresas públicas e privadas e do público (quando exigidas por Lei).

Exige um cuidado todo especial e acompanhamento diário na publicação do que é exigido por Lei, como, por exemplo, cumprimento das datas de publicação e número de vezes. Tudo isso é recebido, programado, acompanhado e impresso todos os dias na Gráfica de A UNIÃO.

Fotos: Roberto Guedes



Ana Flôr



João Pereira



Marcone Araújo

**Jorge Rezende** é mineiro de Três Corações, onde nasceu em 19 de agosto de 1966. Começou no jornalismo paraibano em 1989. Atuou nos jornais Correio da Paraíba, O Combate, O Norte e A União, além de haver vivenciado uma importante participação como editor da revista A Semana. No rádio, passou pela Sanhauá AM.



Na carreira profissional de Jorge Rezende, destaque, também, por suas atuações como Secretário de Comunicação da Prefeitura de João Pessoa (SECOM-JP), Secretário de Comunicação da Câmara Municipal da Capital e coordenador da Assessoria de Imprensa do Ministério Público da Paraíba.

Ele ainda integrou a equipe de Comunicação Social da Assembleia Legislativa (ALPB), durante a administração do então presidente Rômulo Gouveia, quando também fez parte da primeira equipe da televisão do Poder Legislativo Estadual e da Assessoria de Comunicação da Casa de Epitácio Pessoa.



Astier Basílio



Jamarri Nogueira



Dalmo Oliveira

**Jamarri Nogueira, Astier Basílio e Dalmo Oliveira** são presenças de muita importância na história de A União.

Astier nasceu na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Além de jornalista e dramaturgo, é de uma família de poetas.

Tem publicações nos gêneros poesia, conto e teatro. Venceu o prêmio Funarte de Dramaturgia, em 2014, e foi finalista do prêmio Sesc de literatura na categoria romance, em 2017. Quando elaborávamos este trabalho (2019) Astier residia em Moscou, onde fazia mestrado em literatura Russa.

Dalmo Oliveira, com graduação e mestrado em Comunicação Social, é um jornalista vibrante, que sempre se destacou pelo seu destemor em defender aquilo em que sempre acreditou e acredita. Mesmo sendo funcionário público da EMBRAPA, marcou e marca sua atuação com uma forte visão no campo social. Além de jornalista atuante, com cidadão filiado ao Partido dos Trabalhadores, procurou abrir espaços na política, candidatando-se, em duas eleições, a vereador e deputado federal por João Pessoa.

Não alcançou o sucesso desejado, mas marcou sua presença nos pleitos de que participou, obtendo um significativo número de votos. Como para muitos companheiros do batente jornalístico, A UNIÃO foi para ele uma grande escola.

Jamarri Nogueira começou no jornalismo em 1995. É graduado pela UFPB, com pós-graduação em Jornalismo Cultural. Foi professor do curso de Jornalismo na FFM. Já trabalhou, também, nos jornais A União e O Norte, no Portal Tambaú 247, além das rádios Cabo Branco FM, Jovem Pan AM e CBN, e, como freelancer, nos jornais O Globo e Estado de São Paulo.

Suas participações no rádio paraibano também merecem destaque. Foi da primeira equipe da Rádio Cidade Verde AM, que depois passou a ser chamada de Rádio Paraíba e ainda Rádio CBN-AM e FM. Comenta sobre cinema e cultura em geral, na programação da emissora da Rede Paraíba de Comunicação.



Raquel Almeida



Leonardo Andrade



Iluska Cavalcante



Dani Fachine



Anézia Nunes



Adrizzia Silva



Lidiane Gonçalves



Denise Vilar



Walter Galvão

Entre os anos 2011/2018, a redação d'A União deu oportunidade a estagiários que hoje são presenças de destaque no jornalismo paraibano. Alguns desses ainda estão no jornal do governo, em outros periódicos e em outras emissoras de rádio e televisão. Dentre esses, podemos destacar Dani Fachine, Iluska Cavalcante, Adrizzia Silva, Anézia Nunes, Leonardo Andrade, Raquel Almeida e Lucas Campos

Esses estagiários estiveram nesses anos, ao lado de nomes já experientes no jornalismo, entre os quais, Walter Galvão, Beth Torres, Lidiane Gonçalves, César Nitão, Rafaela Gambarra, Alexandre Macedo Felipe Gesteira, Ricco Farias, Denise Vilar, Joana Belarmino, Carlos Pereira, Rodrigo Caldas e Dandara Souza Costa.





**Beth Torres** desenvolveu um bonito trabalho à frente da TV Assembleia Legislativa do Estado, com uma programação bem elaborada e variada, afora sua principal missão, cobrir convenientemente as ações do poder legislativo, como uma competente coordenadora de comunicação. No jornal UNIÃO, também atuou com destaque, a exemplo do que fez por onde passou. Beth também atuou com destaque como Assessora e Coordenadora da Comunicação Social da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba e da Televisão do Poder Legislativo. Sua atuação na Casa de Epitácio Pessoa ocorreu a partir de 19 de junho de 2012, com o seu nome anunciado pelo então presidente Ricardo Marcelo.

Em 2015, Beth Torres resolveu, ao lado da também jornalista Marly Lúcio, criar a própria empresa. Assim, ela e a amiga colocaram à disposição mercado a Múltipla Comunicação Integrada, especializada no oferecimento de soluções em Comunicação, como planejamento estratégico, marketing e relacionamento com a mídia.

**Walter Santos** foi um dos primeiros jornalistas a fazer jornalismo na Paraíba utilizando as ferramentas da Internet. A criação do WSCOM demonstrou não apenas coragem desse jornalista paraibano, mas sua visão do futuro do jornalismo, hoje concretizado e solidificado através das redes sociais. O experiente Walter soube perfeitamente enfrentar a incredulidade por parte de muitos, com relação ao seu sonho. E venceu, conseguindo mostrar a importância da comunicação com a utilização de outras ferramentas, hoje oferecidas pelas redes sociais. Uma realidade, atualmente, muito clara com jornais e revistas no formato on-line.

Jornalista de larga experiência com passagens por outros jornais da Capital, atualmente é vitorioso empresário, apesar das dificuldades do setor, Walter faz questão de ressaltar a importância do que representou o jornal A União em sua vida como profissional da informação.



Walter Santos, também foi aluno da escola de jornalismo, A União. Hoje, um jornalista, multimídia e executivo dos mais respeitados na área de comunicação, como Diretor do WSCOM. É responsável, já por alguns anos, pela Revista Nordeste, que circula, em quase uma dezena de capitais brasileiras, e, também, no formato online. Walter Santos é publisher da Revista NORDESTE e do Portal WSCOM



O dia 07.07.2021 foi uma data triste para o jornalismo da Paraíba. A morte do jornalista **Walter Galvão**, aos 64 anos, deixou o meio jornalístico do Estado mais pobre.

Em vida, Walter ocupou cargos importantes: Secretário de Comunicação, no município do Conde; Educação e Transparência, na Prefeitura de João Pessoa, e presidência da Fundação Espaço Cultural.

O nome de Walter Galvão, na história do jornalismo paraibano nas últimas quatro décadas, é de muito destaque.

Destacou-se nas redações de jornais impressos, como A União, O Norte e Correio da Paraíba. Atuou como repórter, colunista, editor-geral e editor setorial, passando, ainda, na TV Correio, como assessor da área política.

Era um profissional muito versátil. Além de jornalista e poeta, foi destaque na área musical, como compositor e crooner. Soltou sua voz em muitos bailes, na época de sua juventude, integrando bandas jovens, nas décadas de 1960 e 1970, em João Pessoa.

Como escritor, publicou belos trabalhos. Inicialmente, “O Som do Sim” e “Rap Ópera”. Entre suas publicações, pode-se destacar, também: “45 Poses da Palavra” e “Máximas de Marx - Introdução ao multiverso do pensar crítico” que foi lançado no ano de (0000) pela Editora Ideia. Walter Galvão, que nasceu em João Pessoa, em 03.10.1956, será sempre lembrado como um dos mais expressivos nomes da intelectualidade paraibana.



**Lidiane Gonçalves** é formada em Comunicação Social, em 2004, com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Os primeiros passos na profissão foram dados no Portal PS On-line, como editora, em 2005, quando ainda não havia concluído o curso. No mesmo ano, ingressou para o jornal Correio da Paraíba.

Pela experiência adquirida nas redes sociais, teve oportunidade de desenvolver um bom trabalho. Foi repórter e colaborou com todos os cadernos especiais do jornal, incluindo o caderno Cidades. Permaneceu no Correio até 2009. Mas, o trabalho jornalístico em assessorias tem marcado a vida dessa excelente profissional.

O ano de 2009 foi sua primeira oportunidade nessa área, quando ocupou a Coordenadoria de Comunicação da Secretaria de Saúde de João Pessoa, cargo em que permaneceu até 2011, deixando-o, para assumir

a Assessoria de Comunicação da Secretaria de Planejamento de João Pessoa. Já com um bom domínio desse segmento da comunicação, veio a chance de ocupar o cargo de Assessora da Secretaria de Comunicação da prefeitura da Capital.

Mas, 2011 seria a vez de atuar no mais antigo jornal em circulação no Estado, A União, onde permaneceu até 2014. Paralelamente, nesse período, em 2013 colaborou como repórter na Revista Artestúdio, especializada em arquitetura, na qual permanece ainda como colaboradora.

Retornou, em 2014, à redação do Jornal Correio da Paraíba, sua primeira casa, onde permaneceu até 2016. Desde 2014, passou a integrar a equipe de Comunicação da Unimed João Pessoa.

**Frutuoso Chaves** é hoje um jornalista de assessoria, como ele bem afirma: “Após ter deixado o jornalismo diário, marco o meu dia a dia na assessoria do Tribunal de Contas, com passagens por assessoramento noutros tribunais”.

As portas se abriram para Frutuoso, quando, muito jovem, se viu ao lado, numa convivência diária, com nomes de destaque do periodismo estadual e nacional, como Biu Ramos, Gonzaga Rodrigues, Barreto Neto, Marcone Cabral, entre outros. E vieram as oportunidades: a chance de ser tradutor de telegramas na redação, que tinha o comando do conceituado jornalista José Souto e, em 1966, o aprendizado dos sinais de revisão.

Sua atuação no jornalismo é marcada por importantes momentos, desde início do seu primeiro emprego, no jornal A UNIÃO, onde e quando começou como office-boy. Foram passagens por etapas que marcaram a determinação de um jovem que tinha um objetivo: ser jornalista.

Dar forma jornalística aos despachos que chegavam em linguagem telegráfica, das agências de notícias, era o trabalho desenvolvido pelo jovem Frutuoso, bem mais prazeroso para quem se transformaria, tempos depois, num dos mais destacados nomes do jornalismo estadual.



Uma  
imagem  
do jovem  
Frutuoso  
Chaves



Frutuoso  
Chaves hoje  
responde pela  
Assessoria do  
Tribunal de  
Contas do  
Estado da  
Paraíba

Com o apoio e paciência do mesmo José Souto e dos amigos de redação, entre eles Marcos Tenório, a partir do aprendizado das técnicas de codificação do jornalismo, o velho jornal do governo da Paraíba ganhou um jovem editorialista. Depois, foram passagens pelo jornal O Norte, onde foi editor e ocupou a chefia da Sucursal do Jornal do Comércio, em João Pessoa, e foi repórter de O Globo, por dez anos.



**José Alves**, o nosso querido Zé Alves - ele assim gosta de ser chamado - é o sempre sorridente e amigo de todos no jornalismo paraibano, em cuja profissão começou nos anos 80.

José Alves: “Minha vida no jornalismo sempre foi calcada na profissão repórter. Já nos anos 80, como aluno do curso de jornalismo na UFPB, fiz meus primeiros estágios e, logo, passei a ser repórter da SECOM” – diz o nosso sempre alegre ZÉ ALVES. Ele afirma ter trabalhado no jornal O Norte por um certo tempo, mas terminou sendo demitido, por ter participado de uma única grande greve de jornalista.

“Mas, a demissão deu-me a oportunidade de trabalhar no Correio da Paraíba, atendendo a um convite do jornalista Nonato Guedes, então editor do jornal. E lá passei vinte anos. E, nesse período, também já estava no jornal A União, que sempre foi a minha principal casa, até hoje” – afirma.

Atualmente, apenas em A União, ele não esconde o seu carinho para com o jornal do governo, que foi por onde começou no jornalismo. Apesar do aprendizado com outros grandes profissionais no jornal Correio, ele teve que optar por apenas por um lugar para trabalhar, por motivos que ele explica.

**“ Não valia a pena o corre-corre. É que, de tanto correr de um jornal para o outro, tive um indesejável pico de pressão alta, quando recebi o conselho do cardiologista, de que deveria mudar o meu ritmo de vida. Mudei e sigo a profissão que escolhi, apenas por onde comecei, A União.”**

---



Os jornalistas **Sebastião Lucena**, Edmilson e Miguel Lucena, são sertanejos de Princesa Isabel. Dois deles, Sebastião e Miguel, também cursaram Direito. Tião Lucena é irmão mais velho. Saiu de sua cidade e veio estudar em João Pessoa em 1974. Quando ainda estudante, iniciou sua trajetória no jornalismo, em 1975, como repórter do jornal A União. Atuou, com destaque, nos jornais Correio da Paraíba e em O Norte, além de haver emprestado seus serviços nas emissoras Rádios Correio e Arapuan. Trabalhou na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de João Pessoa e na administração do governador Ricardo Coutinho (até 2018), como Secretário Executivo da Comunicação do Estado da Paraíba.



**Edmilson Lucena** foi o único da família a somente se dedicar integralmente ao jornalismo. Saiu de Princesa para estudar em São Paulo, onde começou a carreira, estagiando na Folha de São Paulo. Em 1976, voltou à Paraíba e veio trabalhar no jornal A União. Seis anos depois, aceitou um convite e foi ser editor de política do jornal O Norte. Em 1982, iniciou sua atividade no serviço público como Assessor de Imprensa da Câmara Municipal de João Pessoa. Foi Superintendente de Comunicação do Estado em várias oportunidades, Assessor de Imprensa do Paraiban e assessor de relações públicas da Assembleia Legislativa da Paraíba. Voltou à CMJP como Coordenador de Comunicação função que exerceu durante oito anos. Hoje, ele atua como apresentador da TV Câmara.



Para **Werneck Barreto**, o jornalismo começou no mês de outubro 1971. O convite partiu do irmão, jornalista e crítico de cinema, Antônio Barreto Neto. O jornal A União foi o começo de tudo, como ele mesmo afirma: “Confesso que fiquei meio temeroso, afinal eu nunca havia passado nem em frente ao prédio de um jornal. Mas, como já gostava de enfrentar desafios, topei a parada. Me apresentei e descobri logo que era mesmo um cara de sorte”. Werneck começou a trabalhar ao lado de jornalistas de renome no meio, como Antônio Barreto Neto, Gonzaga Rodrigues, Luiz Augusto Crispim, Martinho Moreira Franco, Biu Ramos, Frutuoso Chaves, Nathanael Alves, Carlos Aranha, que, para ele, foram seus professores.

E Werneck faz questão de contar: “Tremi nas bases, quando Martinho me chamou e me deu a primeira pauta. O evento era no quartel do 15 Regimento de Infantaria Motorizado, em Cruz das Armas. ‘Vai lá e pega tudo’, e a recomendação para que eu levasse depois para a redação as informações sobre o que se passou por lá”. E assim fez Werneck: pegou tudo, realmente. Segundo ele, ninguém podia abrir a boca e dizer alguma coisa que ele anotava: “Quando cheguei à redação. Martinho disse: ‘jornalista (e ficou me chamando sempre assim), senta ali na máquina e escreva a matéria’. Escrevi mais de uma lauda e entreguei. No outro dia, a primeira coisa que fiz, quando cheguei à redação, foi pegar um jornal e procurar a matéria que tinha escrito. Encontrei a matéria num canto de página e tive então a minha primeira decepção; das mais de trinta linhas que havia escrito, a matéria foi reduzida para não mais que cinco”. E o nosso Werneck achou que o jornalismo não era para ele. Pensou imediatamente em desistir. Foi convencido a continuar. Valeu a insistência, e a Paraíba ganhou um grande jornalista.

Foi uma carreira exitosa: repórter, redator e, depois, editor da página policial e até secretário de redação, convidado pelo então superintendente de A União, Petrônio Souto. Na ocasião, o jornal havia passado à Companhia Editora (empresa de economia mista). Na hierarquia do jornal, o novo cargo estava abaixo apenas do de editor e do de diretores. Para quem, no início de carreira, queria desistir, uma surpresa. “Aceitei o posto de imediato, com honra e muita alegria. Daí em diante, só cresci, graças a Deus e à mão que Petrônio me deu” – destaca Werneck Barreto, que chegou a ser editor do jornal e, ainda, chefe da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Divulgação e Turismo do Estado, que tinha à frente o jornalista Gonzaga Rodrigues.

A trajetória dele em A União e na Secretaria de Divulgação e Turismo foi interrompida durante o governo Collor de Melo. Nesse período, ele também era funcionário da Universidade Federal da Paraíba, sendo obrigado a fazer opção entre o Estado e a UFPB, onde havia ingressado em 1978. Optou pelo emprego federal, onde começou com datilógrafo. Logo foi enquadrado como jornalista, chegando a chefiar a assessoria de imprensa.

Respondeu pela assessoria da Reitoria e editoria-geral da TV Universitária e coordenou o jornalismo da Fundação Virgínius da Gama e Melo, responsável pela administração da Rádio Universitária.

Mas a vida profissional de Werneck não se resumiu ao jornal A União e à UFPB. Com o benefício da lei que garante ao jornalista cinco



horas de trabalho, ele assumiu outros postos em empresas privadas de comunicação.

Mostrou o seu valor nas TVs Cabo Branco (1986), Tambaú (1991) e Correio da Paraíba. Atuou no extinto jornal O Momento, na época dirigido pelo jornalista Walter Santos. Integrou produtoras de vídeo, durante campanhas eleitorais, sob a batuta do jornalista e empresário Carlos Roberto de Oliveira.

Também atuou em revistas, na Assessoria de Imprensa da Unimed, então chefiada pelo jornalista Walter Dantas, e na Chefia da Assessoria de Imprensa da Assembleia Legislativa do Estado, gestão do então presidente e deputado Inaldo Leitão.

Nas emissoras de televisão, Werneck ressalta a satisfação em ter atuado ao lado de nomes de destaque: jornalistas Edilene Araújo, Sílvio Osias, Luiz Carlos Souza, Erialdo Pereira, Joanildo Mendes e Jacinto Barbosa. No Sistema Correio de Comunicação, atuou de 1990 a 2010, em períodos distintos, ao lado de nomes como Rubens Nóbrega e Lena Guimarães.

Foi editor da página de esportes, secretário de redação e subeditor do portal correio. Já aposentado pela UFPB, em 2010, Sebastião Werneck Barreto da Silva Filho (seu nome completo) resolveu também encerrar a sua carreira jornalística.



A jornalista **Albiege Lea Fernandes** foi a primeira mulher a assumir a superintendência na longa história do jornal e Editora A União.

A presença de Bia n'A UNIÃO começou no dia 05 de janeiro de 2015, nomeada pelo então governador Ricardo Coutinho. Ao lado de Albiege, nesse primeiro momento de administração do jornal, foram também nomeados os seguintes diretores, com os respectivos cargos: Albiege Lea Fernandes - Superintendente; Murillo Padilha Câmara Neto - Diretor Administrativo; Gilson Renato de Oliveira - Diretor de Operações;

Ana Otília Meira - Coordenadoria Técnica; Marcelo Trigueiro / Josy Porto - Assessoria Técnica; Felipe Gesteira – Editor-geral.

Albiege ficou à frente do jornal como superintendente até os primeiros dias de janeiro de 2019, quando foi criada a Empresa Paraibana de Comunicação – EPC. A nova empresa ficou responsável pela gestão de todo conteúdo informativo do governo, compreendendo A União/DOE

e Rádios Tabajara AM e FM, tendo como presidente a jornalista Naná Garcez.

Completam a diretoria da EPC, a partir do segundo mandato do Governo João Azevêdo, os seguintes Integrantes: Amanda Mendes Lacerda - Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas; Willam Costa - Diretor de Mídia Impressa e Rui Leitão - Diretor de Rádio e TV.

Gisa Veiga passou a responder pela Gerência Executiva de Mídia Impressa, enquanto Renata Ferreira continua sendo a Gerente Operacional de Reportagem. André Cananéia passou em 2023, a integrar a Gerência da Rádio Paraíba FM (antiga Tabajara AM), ao lado de Belim Carvalho (Gerente de Programação), Marcos Thomaz (Gerente de Jornalismo).

IMAGENS X TEMPO

Primeira página do exemplar nº 1 ANNO I de A União – 02.02.1893

A UNIÃO
Orgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba

ANO I CAPITAL - QUINTA FEIRA 2 DE FEVEREIRO DE 1893 11

Aviso

Publicação do presente que se encontra em publicação...

A UNIÃO

Resposta a uma pergunta que se fez sobre a natureza da União...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

De um caso de lamento recebido logo após a morte de um cidadão...

Abaixo, trecho de publicação na primeira página e primeiro exemplar de A União, no dia 02 de fevereiro de 1893, uma quinta-feira. Observem a grafia da época. A ausência de acentuação de algumas palavras, etc.

### A UNIÃO

Digamos o nosso programa em uma palavra, e sem nenhuma observação preliminar: é uma folha política, um jornal de partido que apresentamos hoje ao publico.

É o órgão do partido republicano que se formou com os elementos conservadores da sociedade, para garantir a ordem pública, apoiar a administração, e fundar pelo systema federativo o império da lei n'este Estado.

Continua o artigo... Em um anno de laboriosa existência legitimou os títulos de sua origem, e ampliou seus meios externos de acção, sabe que progride, e mesmo ao longe, a altivez de sua dignidade nunca alfinetada, e o cumprimento desassombrado do dever o leva a presentir seus triunfos.

### PRESIDENTE JOÃO PESSÔA

#### O assassinato hontem, em Recife, do eminente e bravo parahybano

Por mais que consideremos a situação de **arnachia** e desmandos que infelizmente se **creara** com os últimos acontecimentos políticos, por mais que nos sentíssemos asfixiados pela guerra incansável dos Estados vizinhos, nunca poderíamos prever, que esse ódio, urdido nos **\*conciliábulo**s dos nossos inimigos, **\*collminasse** no assassinato do presidente **João Pessoa**.

Mas, infelizmente, a degradação do regime, concorreu para que, esgotados todos meios de perseguição, descessem os adversários ferrenhos ao assassinato frio do grande presidente. O presidente João Pessoa foi assassinado covarde e perversamente por um braço que armaram em Recife, braço de **\*sicário** e de **\*farado**, quando despreocupado e **tranquillo** o chefe de Estado entrava na Confeitaria Gloria da vizinha capital do sul.

A essa hora a **Parahyba** vê-se **orfanada** daquele que a quis **antonoma** e liberta do servilismo que acorrenta outros Estados ao carro do Catete.

E não é a perda que hoje deploramos a desgraça somente da nossa terra, mas representa um claro impreenchível para a nação desolada. Mal podemos \***sopitar** na brutalidade do golpe, a dor que fere a alma **parahybana** por esse transe horrível que acabamos de passar. E essa desgraça é tão grande, tamanha é a rudez do facto, que as palavras de um **necrologio** já não **tém** a cor precisa para dar-lhe a impressão real.



### Significado de algumas palavras utilizadas no texto

**Collminasse** - forma antiga de escrever a palavra culminasse;

**Conciliábulo.** Assembleia secreta com objetivos malévolos; conversação reservada entre duas ou mais pessoas, concílio;

**Sicário** - assassino pago, malfeitor, facínora;

**Farado** - buscar, encontrar ou apanhar, tentar encontrar alguém através do faro;

**Sopitar**, ou fazer dormir; adormecer, acalmar, debilitar, alquebrar.

No dia 26 de julho de 1930, João Pessoa, então presidente da Paraíba, foi assassinado por João Duarte Dantas em Recife.

### A União - mais de um século

Ao longo dos seus mais de cem anos de existência, o jornal A UNIÃO publicou momentos importantes da vida da Paraíba e do Brasil. Foram tantos esses momentos que, em apenas um trabalho, seria impossível recordar tudo dessa brilhante presença desse periódico.

Viveu os primeiros momentos da República. Registrou os horrores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a chegada do \*Rádio no Brasil, no Centenário da Independência. Acompanhou e inseriu em suas páginas muitos fatos que marcaram a presença do paraibano Epitácio Pessoa à frente dos destinos do país.



Epitácio Pessoa

**Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa** nasceu na cidade Umbuzeiro, em 23 de maio de 1865, e faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1942. Marcou sua trajetória na vida brasileira como político, magistrado, diplomata, professor universitário e jurista, além de ter ocupado o maior cargo da nação: foi Presidente do Brasil entre 1919 e 1922.

A UNIÃO publicou, também, os acontecimentos da **Revolução de 1930**, movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Detalhou, através de reportagens bem preparadas, esse momento importante, que culminou com o golpe de Estado e que depôs o Presidente da República, Washington Luís, em 24 de outubro de 1930.

Destacou em suas páginas tudo isso e os motivos que impediram a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha.

Inseriu em suas páginas todos os detalhes desse acontecimento, que resultou no golpe de estado do dia 3 de outubro de 1930. Júlio Prestes foi o único político eleito pelo voto popular Presidente da República do Brasil impedido de tomar posse.

**Júlio Prestes de Albuquerque, poeta, advogado e político brasileiro**, nasceu em Itapetininga, São Paulo, no dia 15.03.1882 e faleceu em 09.02. 1946.

Nas páginas de A UNIÃO, o registro das eleições para Presidente da República, realizadas em 1º. de março de 1930. O resultado deu a vitória ao candidato governista que, por sinal, era o presidente do Estado de São Paulo, Júlio Prestes. Quem assumiu os destinos do Brasil, naquele mesmo ano foi Getúlio Vargas. Ficou à frente de um “Governo Provisório”, que se iniciou no dia 03 de novembro de 1930.



Washington Luiz



Júlio Prestes (1930)

Foi **Getúlio Vargas** que, num momento importante para as mulheres do nosso Brasil, sancionou, no dia 26 de fevereiro de 1932 (foto assinando **decreto**), a alteração do código eleitoral





Imagem da Segunda Grande Guerra

do nosso país. A partir daquele momento, elas passaram a ter o direito de votar. A UNIÃO publicou esse momento. Mas, o primeiro voto feminino e a primeira eleição de uma mulher no país ocorreram cinco anos antes da decisão de Vargas. Aconteceu em 1928, no vizinho Rio Grande Norte. Ele foi o primeiro Estado brasileiro a regulamentar o sistema eleitoral, ao qual se acrescentou um artigo que definia o sufrágio sem distinção de sexo.

Os leitores de A UNIÃO folhearam suas páginas e ficaram sabendo dessa importante decisão, bem como acompanhou toda a chamada “era Vargas”.

Como não citar nesta pesquisa a Revolução de Princesa, que mereceu o registro de A UNIÃO? Foi um acontecimento histórico. “A República de Princesa”, iniciada em 15 de março, só foi dominada pelo governo da Paraíba em agosto de 1930.

José Américo de Almeida liderou essa reação, encerrada quando as tropas de José Pereira entregaram suas armas ao Exército Brasileiro em 19 de agosto de 1930. A UNIÃO, o nosso mais antigo jornal em circulação no Estado, cobriu todo esse acontecimento, uma revolução de caráter estadual, que teve como líder o coronel sertanejo José Pereira Lima, desafeto do então líder político João Pessoa, e aconteceu na cidade de Princesa Isabel.

Os anos passaram, e outros momentos da história foram registrados pelo jornal mais antigo e único em circulação na Paraíba, como a chegada do RÁDIO ao Brasil; a Segunda Guerra Mundial; a inauguração da primeira televisão no país, em São Paulo, graças aos esforços e coragem do paraibano de Umbuzeiro, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. E o jornal continuou. Acompanhou o período militar que comandou os destinos do país por alguns anos, a partir de 1964, e registrou também a redemocratização do Brasil e o retorno dos brasileiros às urnas.

A UNIÃO prosseguiu com o registro da história, além de proporcionar a cobertura do futebol e outros esportes em nosso Estado, imprimindo, em suas páginas, comentários e fotos de grandes conquistas da seleção brasileira de futebol; registrou, em seus cadernos de esportes, a conquista do primeiro campeonato mundial, na Suécia, em 1958, além dos demais títulos, até a conquista do pentacampeonato; cobriu a Copa de 2014 no Brasil e o humilhante 7 x 1 contra a Alemanha, no Mineirão, em 8 de julho de 2014.



O Rádio  
nos seus  
primeiros  
momentos  
– 1922 .

A TV chegou  
em 1950 – TV  
TUPI – São  
Paulo



No dia 07 de setembro de 1922, quando do Centenário da Independência do Brasil, o presidente Epitácio Pessoa (paraibano, também de Umbuzeiro) falou aos microfones de uma emissora de rádio que ele mandou instalar no Morro do Castelo, Rio de Janeiro. Era O RÁDIO chegando ao Brasil. A TV chegou em 18 de setembro de 1950. A UNIÃO publicou tudo isso em suas páginas.

A UNIÃO continuou no registro da história. Além da cobertura do futebol e outros esportes em nosso Estado e imprimiu em suas páginas, comentários e fotos de grandes conquistas da seleção brasileira de futebol.

Registrou em seus cadernos de esportes a conquista do primeiro campeonato mundial, na Suécia, em 1958, além dos demais títulos, até a conquista do pentacampeonato. Cobriu a Copa de 2014 no Brasil e o humilhante 7X1 contra a Alemanha, no Mineirão, em 8 de julho de 2014.



Seleção Brasileira de 1958 – Campeã do Mundo

**Brasil de 1958 (pela ordem):** Em pé, da esquerda para a direita: Djalma Santos, Zito, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar; agachados, na mesma ordem: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagalo e o massagista Mário Américo. (O treinador foi Vicente Feola, que não aparece na foto).



Seleção Brasileira de 2002 – Campeã do Mundo

**Time base em 2002 (na foto):** Lúcio, Edmílson, Roque Júnior, Marcos e Cafu; Gilberto Silva, Ronaldo, Kléberson, Roberto Carlos, Rivaldo e Edilson. Técnico Luiz Felipe Scolari.



Nossos treinadores: Vicente Feola 1958 e Felipe Scolari -2002





Da esquerda para direita: José Leal, Carlos Roberto de Oliveira e o radialista Arthur Dionísio, que atuou nas rádios Arapuan de João Pessoa, Espinharas de Patos e Caturité de Campina Grande

José Leal (E), um dos mais importantes nomes do jornalismo da Paraíba, num dos seus momentos na bancada de imprensa da Assembleia Legislativa da Paraíba. Na imagem, ele está ao lado dos jovens da época, o jornalista e publicitário Carlos Roberto de Oliveira e do famoso radialista Arthur Dionísio.

Acima, alguns colegas de rádios e jornais, não identificados, em visita ao Comitê.



Imagem de uma solenidade dos noventa anos de A União, no dia 02 de fevereiro de 1983, vendo-se, em primeiro plano, dois importantes nomes da política paraibana: o ex-deputado estadual e governador Clóvis Bezerra e o ex-governador Ivan Bichara Sobreira.



A União e a Publicidade do Século 20 – Anos 30/40/50

4
A ÚNIO

---

### Annuncios

**THEATRO SANTA ROSA**  
**ESQUINA FARIAS**  
 30

**Arreio-Guano**  
 Sábado, 4 de Fevereiro de 1922.  
 Hoje dá a sua abertura, e tem  
 como seu primeiro de 17. A noite de  
 abertura desta noite, haverá o vira-  
 lidade e com a sua música, com  
 dança e etc. e sua Orquestra.

Manha, ás 10 horas. Noite ás 8  
 horas. Noite ás 10 horas da noite de  
 1922.

**PREÇOS:**  
 Cassetes 2. 2. 2. 2. 2. 2. 2. 2.  
 Cadeiras 2. 2. 2. 2. 2. 2. 2. 2.  
 Piquete de 3 horas de 10. 10.  
 e 15. 15. 15.

—GUSTAVO GOMES—



**O Vinho de Cavallo**  
**DO DR. AYER.**

Este vinho é o mais saudável e nutritivo que se conhece. É muito apreciado por todos os povos, e especialmente por aqueles que sofrem de debilidade, anemia, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Peitoral de Coruja**  
**DO DR. AYER.**

Este peitoral é o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do pulmão, especialmente da tuberculose, bronquite, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**REMEDIO DO DR. AYER**  
**CONTRA**  
**AS SECRETS DO MALTITAS.**

Este remédio é o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**EMULSÃO DE SCOTT**  
**DE ÓLEO PURO**  
**DE BACALHAO**  
**COM**  
**HYPOPHOSPHITOS**  
**DE CÁLCIO E SÓDIO.**

Este emulsão é o mais saudável e nutritivo que se conhece. É muito apreciado por todos os povos, e especialmente por aqueles que sofrem de debilidade, anemia, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Salsaparrilha**  
**DO DR. AYER.**

Este salsaparrilha é o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**REMEDIO**  
**DO DR. AYER**

Este remédio é o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Pilulas Catharticas**  
**DO DR. AYER.**

Estas pilulas são o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Pilulas DO DR. AYER**

Estas pilulas são o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Pilulas DO DR. AYER**

Estas pilulas são o mais eficaz e seguro para o tratamento das doenças do estômago, especialmente da indigestão, náusea, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**Oleo de**  
**São Jacob**

Este óleo é o mais saudável e nutritivo que se conhece. É muito apreciado por todos os povos, e especialmente por aqueles que sofrem de debilidade, anemia, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



**TONICO POR EXCELLENCIA**  
**VINHO DE EXTRACTO DE FIGADO**  
**DE BACALHAO DE A. CHEVREZ**

Este vinho é o mais saudável e nutritivo que se conhece. É muito apreciado por todos os povos, e especialmente por aqueles que sofrem de debilidade, anemia, e outras doenças que resultam da má nutrição e da falta de exercício.

É vendido em garrafas de 1/2 e 1 litro.

**DR. J. C. AYER & CO., LOWELL, MASS., U.S.A.**  
 Distribuidores em Portugal: Dr. Ayer, Lda., Rua de S. Francisco, 10, Lisboa.



O exemplar de N° 454 de A União, no ANNO III - 08.02.1895 - ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO DO ESTADO DA PARAHYBA

(BRAZIL)      Sexta-feira, 8 de Fevereiro de 1895      (PARAHYBA)

# A UNIÃO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO DO ESTADO DA PARAHYBA

<p style="text-align: center;"><b>ASSIMETTIVA</b></p> <p>ANNO III      N. 454</p> <p>Publicação Diária</p>	<p style="text-align: center;"><b>ASSIMETTIVA</b></p> <p>ANNO III      N. 454</p> <p>Publicação Diária</p>	<p style="text-align: center;"><b>ASSIMETTIVA</b></p> <p>ANNO III      N. 454</p> <p>Publicação Diária</p>
--	--	--

Para quem a publicação de A União é dirigida em 1895, paga-se 10 de Março de 1895.

Logo depois, depois de 1895, o custo de envio de cartas de crédito de cobrança da publicação.

Adiantos da publicação de A União são de 1000, Capital Social, 1000, e 10 de dezembro de 1895.

Apesar de não haver mais nenhuma publicação, a publicação de A União é dirigida em 1895, paga-se 10 de Março de 1895.

Logo depois, depois de 1895, o custo de envio de cartas de crédito de cobrança da publicação.

Adiantos da publicação de A União são de 1000, Capital Social, 1000, e 10 de dezembro de 1895.

Apesar de não haver mais nenhuma publicação, a publicação de A União é dirigida em 1895, paga-se 10 de Março de 1895.

Para quem a publicação de A União é dirigida em 1895, paga-se 10 de Março de 1895.

Logo depois, depois de 1895, o custo de envio de cartas de crédito de cobrança da publicação.

Adiantos da publicação de A União são de 1000, Capital Social, 1000, e 10 de dezembro de 1895.

Apesar de não haver mais nenhuma publicação, a publicação de A União é dirigida em 1895, paga-se 10 de Março de 1895.

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

## ASSIMETTIVA

ANNO III      N. 454

Publicação Diária

Sedes do jornal 'A UNIÃO'



Prédio de A UNIÃO, na João da Mata, nº. 100. Foi uma rápida passagem, que antecedeu a mudança para a atual sede no Distrito Industrial (imagem abaixo), inaugurada, em 17 de junho de 1983, pelo então governador Wilson Leite Braga.



Esta imagem é do ano de 1942



Prédio d'A UNIÃO, nº. 452, da Rua Oswaldo Pessoa, em Jaguaribe, nos anos que antecederam a mudança para o Distrito Industrial. Na foto, o jornalista Severino Ramos com o Cel. Hamilton Cordeiro e o advogado Geraldo Beltrão.



Imagem do ano de 1984, no prédio da Biblioteca Pública, foi outro endereço do jornal.



Prédio de A UNIÃO, na João da Mata, nº 100. Foi uma rápida passagem, que antecedeu a mudança para a atual sede no Distrito Industrial (imagem abaixo), inaugurada em 17 de junho de 1983, pelo então governador Wilson Leite Braga



Imagens do atual prédio de A UNIÃO, localizado no Distrito Industrial de João Pessoa



# O Norte nas duas versões

Nos tempos do Império

ANNUARIO

1880

1881

1882

O NORTE.

PERIODICO LITTERARIO, RECREATIVO, COMMERCIAL, E NOTICIOSO

ORGÃO DO CLUBE LITTERARIO E RECREATIVO

1880
PAROQUIA DO NORTE, 21 DE SETEMBRO DE 1882
NUMERO 9

**PROPOSICAO:**

Se Gledes e D. Sr. Miguel Lourenço de Silva Braga.

Se Pedro de Alca. Sr. Sr. Antonio de Gledes Lourenço.

Se Francisco de Alca. Sr. Sr. João Lourenço de Moraes.

Se Sr. Grande do Sul e Alca. Sr. Ruy de Alca. Lourenço.

Em 18 de Setembro de 1882.

o E' sobre que a Igreja de São João de Alca. de Alca. Lourenço, tem por presidente um sacerdote de São João de Alca. de Alca. Lourenço.

o E' sobre que a Igreja de São João de Alca. de Alca. Lourenço, tem por presidente um sacerdote de São João de Alca. de Alca. Lourenço.

o E' sobre que a Igreja de São João de Alca. de Alca. Lourenço, tem por presidente um sacerdote de São João de Alca. de Alca. Lourenço.

**O NOME**

Em 18 de Setembro de 1882.

o E' sobre que a Igreja de São João de Alca. de Alca. Lourenço, tem por presidente um sacerdote de São João de Alca. de Alca. Lourenço.

Em 18 de Setembro de 1882.

o E' sobre que a Igreja de São João de Alca. de Alca. Lourenço, tem por presidente um sacerdote de São João de Alca. de Alca. Lourenço.

O fac-símile acima é do jornal O NORTE, não de O NORTE dos irmãos Oscar e Orris Soares, fundado na primeira década do século XX, sobre o qual falaremos a seguir. Foi uma curiosidade encontrada pesquisas realizadas. Um jornal O NORTE, no século XIX!

Ele foi fundado na então cidade da PARAHYBA DO NORTE, em 1882. Pertencia ao Clube Literário e Recreativo da cidade e, como tal, era um órgão literário, recreativo, mas comercial e noticioso.

Essa primeira página que apresentamos aos leitores e amantes da história é a capa do nº. 9, Ano I de O NORTE, de 21 de setembro de 1882, nos tempos do Império. Ele foi fundado e circulou, pela primeira vez, em janeiro do mesmo ano.

Seu escritório e redação funcionaram na Rua Barão da Passagem, nº. 120, no centro da cidade e contava com agentes e distribuidores nos mais importantes centros do país. Tinha representações na Corte (Rio de Janeiro), o senhor Miguel Antônio da Silva Braga; na Bahia, Antônio da Cruz Cordeiro Júnior; em Pernambuco, João Gonçalves de Medeiros e, no Rio Grande do Sul, Egydio das Neves Lacroin.

Nas páginas a seguir, um pouco da história de O NORTE, do século XX, dos irmãos Soares e de Assis Chateaubriand, um jornal que foi considerado um dos mais importantes periódicos da Paraíba.

Por ele passaram grandes nomes do jornalismo, além de ter sido uma escola formadora de importantes nomes da imprensa. Nele atuaram e, também, em outros periódicos e na radiodifusão do Estado e de outros centros mais adiantados do Brasil.



## O Norte dos irmãos Soares e dos Diário Associados

Fac-símile do jornal O NORTE (abaixo), fundado pelos irmãos Soares. Edição - 1034, ANNO V, do dia 03.01.1912. Na época tinha um telefone de número 106, com a Caixa do Correio nº 43. Redação e gerência, Rua Visconde de Inhauma, nº 9 – endereço telegraphico – NORTE.





## O NORTE

Foi precisamente no dia 7 de maio de 1908 que a cidade da Parahyba do Norte, hoje João Pessoa, ganharia o jornal político e noticioso, O NORTE, que, com duração de 104 anos, se constituiria um dos mais importantes periódicos da Paraíba. Ele circulou nas bancas de jornais e revistas do Estado até 1º de fevereiro de 2012.

Esse importante veículo de comunicação paraibano foi fundado pelos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares, (tios do humorista José Eugênio Soares, o Jô Soares, que também foram responsáveis pela formação de inúmeros profissionais que brilhariam no jornalismo estadual. Seu endereço inicial, com redação e gerência, foi na Rua Visconde de Inhaúma, nº 9 – Endereço Telegraphico – NORTE – Telephone: 106, com a caixa do Correio nº 43.

O NORTE surgiu num momento em que o jornal A UNIÃO, fundado quinze anos antes (1893), na última década do século XIX, seria o seu grande concorrente. Modernamente equipado, ele começou a circular com quatro páginas e diagramado em sete colunas. O jornal dos irmãos Soares travaria, a partir daquele instante, uma enorme disputa com o periódico republicano pertencente ao Governo. Nos primeiros anos do século XX, a capital do Estado viveria um dos mais importantes momentos da história, pois o novo veículo de comunicação, com excelente qualidade gráfica e textual, passaria a revolucionar a imprensa local.

Um fato interessante que marcou o lançamento do jornal O NORTE foi o destaque dado pelo seu concorrente direto, o jornal A UNIÃO, ainda hoje em circulação. O jornal do governo soube reconhecer, em matéria de primeira página, a importância do surgimento do seu concorrente, fato que, sem dúvida, merece ser citado.

Nos primeiros anos, o jornal de Oscar e Orris Eugênio Soares foi responsável por um bom trabalho de reportagens, editoriais e colunismo social. Circulou como um periódico independente de vínculos políticos. Essa independência mudaria a partir 1915, por conta de dificuldades financeiras, algo bem parecido com o que ocorre hoje. O dinheiro do governo sempre marcou a existência das nossas mídias.



No dia 20 de julho de 1919, ele assumiria os destinos do Brasil. Por conta dessa ligação, entre 1915/1919, o jornal O Norte foi considerado o “órgão oficial” do epitacismo. **Epitácio Pessoa** foi o 11º. presidente do brasileiro. Na luta política, em defesa de Epitácio, já não seria A União o órgão de imprensa a concorrer com O Norte, pois, naquele instante, os dois defendiam a mesma causa.

A rivalidade passou a ser por parte do “Diário do Estado”, periódico favorável a Walfredo Leal e contra a candidatura do futuro presidente.

Na década de 1920, O NORTE é fechado. Voltaria a circular ainda na mesma década, mas fecharia novamente, exatamente no ano de 1930. E vejam que, naquele momento, apenas uma década depois, por oposição à família Pessoa, através de uma linha editorial em defesa do Presidente da República, Washington Luís, adversário de João Pessoa, que seria assassinado naquele mesmo ano.



Tendo à frente, como chefe de redação, **Eudes Barros**, o jornal O NORTE voltou a circular em 1935, com uma linha totalmente diferenciada, dando maior ênfase às notícias de interesse do povo e um pouco distante das querelas políticas, responsáveis por altos e baixos na administração do jornal.

Eudes viveu intensamente a vida do jornal O NORTE, entre 1933 1936. Deixou o posto num momento não muito agradável, após a publicação de uma contundente matéria contra o capitão João Costa. Segundo alguns historiadores, o jornalista foi perseguido pelas ruas de João Pessoa, pelo militar, numa tentativa de agredi-lo. Eudes teve uma vida jornalística intensa. Colaborou com jornais da Paraíba, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, onde residiu e atuou no Jornal do Brasil e Agência Nacional.

Eudes Barros foi um nome de destaque nos meios intelectuais do Estado. Os movimentos culturais marcaram sua presença, enquanto aqui viveu. O capítulo A União também destaca sua atuação no periodismo paraibano.

Em 1936, Eudes deixou a direção do jornal O NORTE, que passou a ter como dirigente o jornalista José Leal.

O trabalho de Leal, como diretor do jornal fundado pelos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares, prolongou-se até o ano de 1954, quando

passou o comando ao jornalista Júlio Guedes C. Gondim, que dirigiu O NORTE por pouco tempo.

José Leal Ramos foi um dos mais importantes nomes do jornalismo paraibano do século passado. Também foi escritor, historiador e genealogista. Atuou nos jornais A União e O Norte. Fundou o quinzenário Ilustração e a Gazeta do Povo (este em parceria com o escritor Ascendino Leite) além da Revista Gong. Todos circularam por pouco tempo. Ainda escreveu para o Correio da Manhã, para A Imprensa e Tribuna do Povo.

No mesmo ano (1954), O Norte foi incorporado aos Diários e Emissoras Associados, sob o comando do paraibano de Umbuzeiro, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello.



**Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira** de Mello, conhecido também como Chatô, nasceu em Umbuzeiro-PB, no dia 4 de outubro de 1892, e faleceu em São Paulo, em 4 de abril de 1968. Jornalista, escritor, advogado, professor de Direito, empresário e político, foi um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960.

Chateaubriand foi membro da Academia Brasileira de Letras e comandou por muito anos a maior rede de comunicação do país – emissoras de rádio e televisão, jornais e revistas e agências de publicidade.

## **Eles fizeram O Norte**

Oscar Soares e Orris Eugênio Soares, José Leal Ramos, Júlio Guedes C. Gondim, Ascendino Leite, Eudes Barros, Gonzaga Rodrigues, Teócrita Leal, João Manoel de Carvalho, Josélio Gondim, Ivan Trevas, Carlos Roberto de Oliveira, João Batista Simões, Juarez Félix, Cecílio Batista, Jáder Lessa Feitosa, Nathanael Alves, Jurandir Moura, Evandro Nóbrega, Ivonaldo Corrêa, Hélio Zenaide, Jório Machado. Como não destacar, também, Edmilson Silva, Jarbas Barbosa, Pedro Moreira, Dásio Sousa, Marcônio Edson, Martins Neto, Nonato Guedes, Antônio Hilberto, Genésio de Sousa, Martinho Moreira Franco, Barreto Neto, Luiz Augusto Crispim, Aluísio Moura,

Carlos Aranha, Marcondes Brito, Agnaldo Almeida, Rubens Nóbrega, Márden Góes, Erialdo Pereira, Evandro D. da Nóbrega, Luciano Piquet, José Cabral, Hildeberto Barbosa, Abelardo Jurema Filho, Marcone Ferreira, Marcos Nicolau, Ricardo Anísio, Fernando Wallach, Luzardo



Gonzaga Rodrigues iniciou no jornalismo em 1951, nos quadros de A União. Começou como revisor e cegou a ser Diretor Técnico. Ingressou em O Norte, também na década de 50, onde foi redator e editor

Alves, Marcos Tavares, Josinaldo Malaquias, Antônio David, Humberto Lira, José Alves, Francisco Roberto, Rita Rilva, Sandra Moura, Genésio de Sousa Neto, Fátima Farias, Miguel Lucena, Tarcísio Cartaxo, Jaquilane Medeiros, Wills Leal e Alex Santos, também fizeram O Norte.

Não se pode deixar de lembrar nomes com a qualificação profissional de Célia Leal, Izaíra Jacó, Lúcia Figueiredo, Ana Ponzzi, Nara Valuska, Fátima Sousa, Conceição Coutinho, Baby Neves, Marcela Sitônio, Lílian Moraes, Astrid Bakke, Goretti Zenaide, Sheila Raposo, Cecília Noronha, Carol Torres e Adel Bezerra.



Abelardo J. Filho



Erialdo Pereira



Marcos Nicolau



Genésio de Sousa



Marcela Sitônio



Ricardo Anísio



Fátima Faias



Goretti Zenaide



Adel Bezerra



Martins Neto, entre Otinaldo e Jarbas Barbosa





**Hélio Zenaide** teve uma intensa atividade no serviço público, mas é muito conhecido por sua atuação no periodismo paraibano. Iniciou sua carreira como servidor público em 29 de julho de 1949, quando foi nomeado taquígrafo da Assembleia Legislativa do Estado.

Sua passagem no impresso do Estado é por todos conhecida. Passou pelos principais de João Pessoa além de ter sido correspondente de jornais nacionais como O Estado de São Paulo, além da Agência de Notícias Meridional e Diários Associados. Foi comentarista político do jornal O Norte e foi nele que iniciou sua trajetória no jornalismo, em 1950, justamente na Campanha de José Américo de Almeida. Passou pelo Correio da Paraíba, também como comentarista político. Atuou como redator de A Tribuna do Povo, além de redator e diretor do jornal A União. Na “Velha Senhora”, como é carinhosamente conhecido o jornal do governo, manteve uma coluna diária sobre Espiritismo. Já em sua atuação jornalística como editor, foi responsável pela publicação da Revista do Fisco, Boletim Fiscal da Secretaria das Finanças e do jornal Tribuna Espírita. No Jornal de Agá, nos anos 70, Hélio foi responsável por uma coluna de pesquisa história com o título RONDA DOS ARQUIVOS.

Jornalista, escritor e historiador foi merecedor de muitas homenagens, em vida. Nesta imagem, ele é homenageado pela Assembleia Legislativa, pelo então presidente Ricardo Marcelo, com a Medalha do Mérito Jornalístico. Na AL, ele começou como funcionário público.



A era **Marconi Góes Albuquerque** à frente dos Diários Associados na Paraíba começou em 1969, quando ele chegou de Vitória do Espírito Santo. Naquele ano, veio para Campina Grande, sede dos Associados na Paraíba. Durante o período 1970/1980, ele se destacou como o mais respeitado executivo da mídia paraibana. Foi responsável por diversas mudanças nos órgãos Associados,

como, por exemplo, pela mudança dos sistemas de impressão dos jornais Diário e O NORTE, da linotipo para offset.

Adquiriu um moderno sistema que proporcionou uma grande melhoria de impressão aos veículos impressos de João Pessoa e Campina



Grande, praticamente no início de sua administração. Fez investimentos consideráveis na melhoria da Televisão Borborema e das emissoras Borborema e Cariri, que lideravam as pesquisas em Campina Grande. Foi responsável pelo surgimento da segunda emissora de televisão da Capital, TV O NORTE, em primeiro de janeiro de 1986, cinco meses após a TV Cabo Branco, e, ainda, pela instalação da rádio NORTE FM.

Com ele, os Diários Associados passaram por significativas modificações que deram ao conglomerado, na Paraíba, um crescimento nunca experimentado. O jornal O NORTE, Rádio e TV O NORTE (hoje TV Manaíra), em João Pessoa, Rádios Cariri e Borborema e TV Borborema e do Diário da Borborema, em Campina Grande, passaram a liderar suas áreas de atuação, lideranças confirmadas pelas pesquisas. Até 1986, sob o comando de Marconi Góies, esses veículos foram os principais e mais importantes veículos de comunicação do Estado.

Marconi Góies foi, nas décadas 70/80, o executivo respeitadíssimo dos veículos de comunicação da Paraíba, comandando os Associados no Estado. Nesse período, até 1986, dirigiu os órgãos dos DA, na época forças tão expressivas da comunicação, capazes de, com uma simples manchete nas páginas de O NORTE e Diário da Borborema e/ou emissoras de rádio e televisão do grupo, mudar uma campanha política e os resultados das eleições. O apoio dos veículos comandado por Marconi Góies representava o caminho da vitória para qualquer candidato. Muitos leitores viveram esse tempo.

Os mais próximos de Marconi Góies chegavam a afirmar que ele complicava até a vida de governadores. Ele não chegou a ter essa força toda, mas, junto aos governantes, foi uma palavra capaz de mudanças nas administrações estadual e municipal. Alguns secretários da administração estadual certamente que sofreram muitas pressões. Marconi Góies Albuquerque faleceu em 20.09. 2016, aos 80 anos.



**Teócrita Leal** foi um dos mais destacados valores dos Diários Associados, começou sua vida no jornal O Norte em 1959. E, como sempre ocorria com os que chegavam naquele tempo aos jornais, tinha que mostrar serviço.

Destacou-se em várias áreas do jornalismo impresso. Foi revisor, redator, secretário e editor. Chegou primeiro do que

Marconi, que somente apareceria por aqui no final dos anos 60. Dele recebeu muito apoio e integrou durante vários anos o primeiro time do DA na Paraíba. Natural da cidade de Alagoa Nova, logo cedo veio para João Pessoa, tendo aqui concluído o curso científico no Lyceu Paraibano.

Na verdade, um dos sonhos de Teócrita Leal foi ser jornalista. Tanto foi assim que, após ingressar n'O Norte na década de 60, ele fez jornalismo, curso concluído em 1964. Ele lembra os amigos do jornal, na época, entre os quais, Ivan Trevas, Carlos Roberto de Oliveira, além de João Batista Simões (Telê), hoje médico, seu amigo revisor no início da carreira jornalística.

Sobrinho do grande e saudoso jornalista José Leal, Teócrita Leal faz questão de afirmar ter entrado no jornalismo por influência do tio.

Em uma entrevista ao jornalista Rubens Nóbrega, no programa COBRA CRIADA – Memórias da Imprensa Paraibana, na TV Câmara de João Pessoa, em 2018, Teócrita confirmou que “foi através do meu tio José Leal, seu ingresso no jornal O Norte”.

Atuou na redação de O Norte ao lado de nomes destacados da história do jornalismo paraibano. Foi subchefe e chefe de redação, tendo trabalhado com Gonzaga Rodrigues, Nathanael Alves, Jurandir Moura, Evandro Nóbrega, Edmilson Silva, Jarbas Barbosa, Dásio Sousa (Gogoia – hoje, Dr. João Gomes Damásio), Martins Neto, Martinho Moreira Franco, Luiz Augusto Crispim, Pedro Moreira, João Manoel de Carvalho, João Batista Simões, (hoje médico oncologista), que chegou a ser Diretor do Hospital Napoleão Lauareano, e Jáder Lessa Feitosa, entre outros amigos.

Assumiu a editoria do jornal em sua sede na Av. Duque de Caxias, em 1970, que tinha na superintendência Aluísio Moura. Na época, os Diários Associados contavam com Marconi Góes na direção-geral dos Diários Associados na Paraíba. Ele havia chegado ao Estado em 1969.

A força do jornal O Norte junto ao poder público é também destacada pelo jornalista Teócrita Leal, ao contar um pouco de sua história. Para demonstrar essa força, num momento em que o jornal inaugurava o seu novo sistema de impressão offset, em agosto de 1973, importante era mostrar a velocidade da informação, a imagem de um novo jornal, a começa pela rapidez que, a partir daquele instante, era oferecido aos leitores. “Foi feita a fotografia do governador Ernani Sátyro e esposa, convidados para a inauguração. Encaminhamos para a composição/impressão. Estava tudo pronto! Fizemos uma surpresa ao governador. Ao chegar para acionar o novo sistema do jornal, a primeira coisa que ele viu na nova máquina, foi a sua imagem na primeira página. O governador

só acreditou porquê viu” – destaca. Teócrita Leal é um nome que sempre será lembrado, pois viveu um momento importante da vida do jornalismo impresso paraibano, além de ter sido responsável por revelar grandes nomes para o periodismo e a comunicação da Paraíba.



**Evandro Dantas da Nóbrega** nasceu no município de São Mamede, na Paraíba. Aos dezessete anos de idade, ingressou no jornal O Norte, em João Pessoa, como redator, iniciando uma brilhante trajetória jornalística no período de 1963 a 2005.

Nos Diários Associados, foi um jornalista polivalente atuando em diversos setores do periódico pessoense.

Foi redator, repórter, secretário de redação, editor-geral, redator especial, editor dos cadernos especiais, editor de Informática e Internet. Evandro também se destacou pelo importante trabalho de informatização do jornal O Norte, dando-lhe um visual diferente, com uma diagramação moderna e um tratamento visual de qualidade nas imagens (fotos) e mensagens comerciais.



Evandro da Nóbrega ressalta a importante participação de um dos mais destacados nomes dessa área, **Luciano Piquet** que depois alcançaria destaque, como um dos mais competentes empresários do segmento da informática no Estado, dirigindo a empresa Parai Informática. “Ele também chegou a ser gerente dessa área no jornal O Norte” – diz Evandro.

Com características jornalísticas e literárias, não ficando vedado apenas num estilo, ora nos jornais O Norte e A União, ora na UFPB, nos Poderes Executivo e Legislativo, e em uma infinidade de órgãos estaduais, Evandro da Nóbrega exerceu com seriedade e competência sua profissão de jornalista.

Ocupou várias funções, tornando-se Assessor e Diretor da Imprensa Universitária (1970/72), quando criou a Revista Universitária CAMPUS. Na UFPB, foi responsável pela criação da Sala de Imprensa, a qual dirigiu até o ano de 1979, quando foi contratado como Técnico de Nível Superior em Comunicação Social da Prefeitura do Campus. Evandro é escritor, pesquisador, tradutor, em vários idiomas, editor técnico e literário.

Atuou como membro do Conselho Estadual de Cultura e como Assessor Especial de Comunicação da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China, tendo ainda um destacado desempenho como Diretor de Comunicação da Sociedade Paraibana de Usuários de Produtos para Computador e Telecomunicações.

Trabalhos de sua autoria: Os Incríveis Arquivos do Dr. Humberto Nóbrega, 1981; A Glândula Pineal do Urubu, 1994; Monsenhor Manuel Vieira, na Coleção “Nomes do Século”, A União, 2000; Traduzindo Li Bay & Du Fu – Século VIII – Dinastia Tang (em chinês e português), 2001; Aprenda Árabe Clássico com Letras Ocidentais, em português e árabe, em coautoria com Rida Abdul Nabi Mourtada, 2002; Chinês de Emergência para Viagens, 2004. Como historiador, ocupa a Cadeira nº 5 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP, que tem como patrono Elpídio de Almeida.



**Hildeberto Barbosa Filho** é natural de Aroeiras, Estado da Paraíba, onde nasceu em 09 de outubro de 1954. Professor universitário aposentado pela Universidade Federal da Paraíba, Hildeberto é crítico literário, jornalista, cronista, memorialista, escritor e poeta. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), licenciou-se em Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB), fez Especialização em Direito Penal, pela Universidade de São Paulo (USP), além de Mestrado e Doutorado em Literatura Brasileira, pela UFPB.

Durante muitos anos, Hildeberto Barbosa, manteve uma coluna no jornal O Norte, escrevendo sobre literatura. Uma participação brilhante, que deixou saudades, com o fechamento desse importante periódico paraibano.

Além do jornal dos Diários Associados, com atuação durante vinte anos, seus artigos enriqueceram os espaços de leitura do Correio da Paraíba, de A União (continua como colaborador), do Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco, da Revista Cultura Vozes do Rio de Janeiro, Suplemento Literário de Minas Gerais e outras publicações do Ceará e Rio Grande do Norte.

Hildeberto colaborou com outros jornais e revistas da Paraíba e do Brasil, sempre marcando positivamente sua presença pela inteligência de seus escritos. É um expressivo nome cultura e literatura brasileira e

contemporânea. Até agora ele lançou 55 livros entre os de poesia, críticas e crônicas.

Os últimos livros lançados por Hildeberto Barbosa foram, em 2019, “VALEU A PENA”, um livro de crônicas e “DOZE CANTIGAS DE AMIGO”, de poemas, ambos através da Editora Ideia.

No jornal oficial do Estado, destacou-se pela sua coluna “Letra Lúdica” e pelas constantes colaborações na revista literária Correio das Artes, com a coluna “Convivência Crítica”, mesmo título que era utilizado em sua coluna no jornal Contraponto, pertencente ao jornalista João Manoel de Carvalho.

Hildeberto integra a Academia Paraibana de Letras - APL, ocupando a Cadeira nº 6, que tem como Patrono Aristides Lobo, como também integra a Academia Paraibana de Filosofia –APF- e o Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano - IHGCPB.



Jornalista, poeta, escritor, **Marcos Tavares** teve uma passagem brilhante no jornalismo do nosso Estado, com passagens em vários veículos de comunicação. Em A União, foi colunista e redator, além de ter atuado paralelamente na Rádio Tabajara, no mesmo período, durante o Governo Burity II. Também trabalhou no jornal Correio da Paraíba, ao lado de importantes nomes do jornalismo.

Mas, vale a pena falar um pouco mais sobre de Marcos Tavares, jornalista, um nome que começou muito jovem na literatura. Com apenas quinze anos lançou o livro “Fuzuê e Finados” (1964), e, em 1979, com primo o artista plástico Flávio Tavares, o seu segundo livro “Agora o Pavão sem Mistérios”.

Em 1980, publicou “Notícias de Jornal”, “Algumas Histórias e outros poemas”, em 2000. No ano de 2005, um trabalho dedicado a história de Lampião, intitulado “Lavoura de Ossos”.

Destacou-se nos Diários Associados, onde foi editor dos jornais Diário da Borborema e O Norte, iniciando sua atividade na imprensa escrita. No Jornal da Paraíba, também teve uma boa passagem, onde assinou por muito tempo a coluna “Pão e Circo”.

Marcos Tavares (Severino Marcos de Miranda Tavares), faleceu aos 72 anos, no dia 22 de junho de 2020.

Marcos Tavares era primo do artista plástico, escritor e jornalista Flávio Tavares, ocupante da Cadeira 14, da Academia Paraibana de Letras, e irmão do jornalista Anco Márcio (in memoriam), que foi também um dos mais importantes nomes no nosso jornalismo.



**Marccone Ferreira**, com formação superior em Jornalismo e Direito, nasceu em João Pessoa, é jornalista desde muito jovem. Começou no impresso em 1974. Dedicou boa parte de sua trajetória, inicialmente, somente aos jornais associados O Norte e Diário da Borborema. Neles, atuou durante 48 anos, simultaneamente, desempenhando as funções de repórter, chefe de reportagem e subeditor de política. Ainda passou por um período de quatro anos no Jornal da Paraíba, também na reportagem política. É hoje um dos mais respeitados profissionais dessa área, atuando num dos mais acessados blogs do Estado, por ele assinado, [MARCONE FERREIRA.com](http://MARCONE FERREIRA.com).

É um jornalista dos mais polivalentes da comunicação paraibana, um verdadeiro multimídia do jornalismo, tendo atuado por muitos anos no Sistema ARAPUAN no rádio e televisão.



**Josinaldo Malaquias**, hoje homem do Direito com atuação em nossa Capital, começou no jornalismo em 1972. “Iniciei como fotógrafo através do saudoso colunista social Ivonaldo Correa, no jornal O NORTE. Era uma verdadeira “época de ouro” do jornalismo paraibano. No entanto, para mim, era apenas uma oportunidade de desenvolver a profissão dos meus sonhos”.

Afirmou que o seu ingresso no jornalismo não foi fácil. Vindo do interior, pobre (arrimo de família), tímido, bronco, cheio de temores, supersticiosos e sem nenhuma estima, iniciou sua peregrinação nas redações em 1970.

Segundo Josinaldo, ele era um jovem desengonçado, arredio, cerimonioso e que chamava todo mundo de “Senhor”. “Eu era tão frágil, que ninguém ousava fazer gozações comigo. Cumpria à risca todas as funções designadas e tinha senso de iniciativa” - destaca. Mas, esse



jovem tinha algo importante para um jornalista e repórter fotográfico de verdade: coragem e ousadia no exercício do trabalho. Duvidam? Ele mesmo conta:

“Tal ousadia me custou uma prisão com torturas, no dia 31 de agosto de 1975, no Estádio Almeida. Era uma partida normal entre o Botafogo e o Auto Esporte. Numa confusão entre torcedores, a polícia, de forma covarde e desumana, passou a torturar um jovem de dezesseis anos. Não hesitei e fotografei o fato. Os demais colegas não tiveram coragem”- disse.

“Por conta desse episódio, fui preso, torturado e levado ao I Batalhão de Polícia Militar. Eram ‘apenas’ vinte policiais me batendo impiedosamente. Fiquei dezessete dias internado. O fato ganhou repercussão internacional”- diz. Tudo foi minuciosamente descrito na edição de O Norte de 02 de setembro de 1975.

Sem exceção, os colegas de todos os órgãos de imprensa foram solidários com o amigo que, mesmo sendo, naquele momento, um profissional com pouco tempo de atuação, demonstrou senso de responsabilidade, coragem e amor ao jornalismo.

Um outro feito, como um repórter fotográfico, foi um flagrante ocorrido na Assembleia Legislativa: uma briga entre Afrânio Bezerra e Marcus Odilon (in memoriam - 24.02.2020).

Entre mordidas e tiro, correu jornalista e repórter fotográfico para todo lado, mas Josinaldo, com faro de um grande repórter, foi o único a fotografar tudo e registrar esse episódio que ficou para a história do mundo político e da nossa Casa de Epitácio Pessoa.

Nessa trajetória do jornalismo, ele não esquece os amigos: a saudosa Maria José Limeira, esquecida pelas feministas, a quem substituiu, várias vezes, na editoria de O Momento, e Ivonaldo Correa (in memoriam) e Abelardo Jurema Filho, amigos que primeiro acreditaram nele, dando-lhe chances para, além de fotografar, também escrever,

No jornalismo, Josinaldo Malaquias viveu na chamada “época de ouro”, ao lado de grandes nomes. Foi editor da Rádio Universitária FM; passou pelos jornais O Momento, O NORTE e A UNIÃO; fez o de que realmente gostava no jornalismo, sempre buscando a qualidade, como repórter fotográfico e redator, mas não esqueceu de buscar outros horizontes, através dos estudos.

É graduado em Comunicação Social – UFPB; Direito, com Especialização em Direito Civil e Penal, pelo UNIPÊ; especialização em Filosofia, Mestre em Ciências da Informação e Doutor em Sociologia,

pela UFPB e Pós-Doutor em Direito, pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Josinaldo tem dois livros publicados e esgotados: “Poder e Socialidade” – O contexto penitenciário paraibano – São Paulo – EDUSC (2008) e “Sucursal do Inferno - Informação e violação da cidadania na Penitenciária e Presídio do Roger” – João Pessoa – PPGCI/UFPB (1999).



Rubens: no impresso e redes sociais

O ano de 1974 marcou o início de carreira jornalística de **Rubens Nóbrega**, que brilharia anos depois nos jornais Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba.

O NORTE foi o começo no impresso, onde ele fez de tudo: editor de polícia, por exemplo, foi um aprendizado e tanto, afora outras substituições que lhe confiaram.

Com o passar dos anos, fez até rádio, comentando sobre temas diversos, nas Rádios Correio AM e FM 98 e CBN - João Pessoa.

Afastado do jornalismo impresso, atualmente é apresentador na TV Câmara de João Pessoa e tem o seu blog, O BLOG DO RUBÃO.



... também fez rádio...

“Tornei-me um coringa de redação, ‘jogando nas onze’, inclusive encarando missões difíceis, como a de suprir as ausências de Juarez Félix, editor de polícia, ou de Fernando Wallach, que à noite fechava e editava a primeira página do Diário da Borborema” – afirma Rubens Nóbrega em uma crônica no seu blog. (Blog do Rubão novembro/2019)



...e faz TV, comandando o ‘COBRA CRIADA’

Na opinião de \*Rubens Nóbrega, o jornal O Norte era uma verdadeira academia de jornalismo. Ele cita outros nomes de destaque da época, como o então editor Teócrita Leal e o coordenador Evandro Dantas da Nóbrega, além de Nathanael Alves, Luiz Augusto Crispim, Martinho Moreira Franco e Gonzaga Rodrigues.

“Gonzaga foi chefe de redação do jornal, quando em funcionamento na Duque de Caxias, no centro da cidade. Crispim (in memoriam) e Gonzaga eram os mais aplaudidos cronistas da época” – diz Rubens.



Juarez Félix

Gonzaga Rodrigues, também outro grande cronista. Aliás, continua sendo. Sobre ele, falamos no capítulo A União.

Para Rubens, Martinho Moreira Franco, por sua vez, encantava os leitores com os seus bonitos e irretocáveis textos, qualquer que fosse o tema comentado. Na opinião dele, Martinho era ótimo! O texto poderia ser publicitário ou jornalístico puro, uma crônica ou um comentário sobre a sétima arte – ele dava conta do recado em qualquer segmento da comunicação.



**Fernando Wallach**, hoje aposentado, foi um dos mais eficientes jornalistas com atuação na Paraíba. Trabalhou nos veículos dos Diários Associados, Diário da Borborema, em Campina Grande e no jornal O NORTE, em João Pessoa. No periódico da Capital, iniciou sua trajetória a partir de 1977.

Viveu a época do sistema linotipo com O NORTE, na Rua Duque de Caxias, e os primeiros momentos do jornal na Av. Pedro II. Além de repórter político do jornal, acompanhando o dia a dia da Assembleia Legislativa da Paraíba, Wallach foi responsável pela edição de cadernos da política nacional e internacional e da página responsável sobre as notícias do interior.

Como um jornalista polivalente que era, Fernando Wallach, até como colunista social, mostrou sua competência no jornal impresso. O interessante é que ele, ao utilizar um pseudônimo de Mariano Estima, deve ter sido (e foi), o único colunista social que o leitor de O Norte nunca conheceu. Wallach foi até editor de esporte no jornal associado.

Fatos curiosos marcaram a atuação desse querido jornalista. Em matéria publicada no jornal associados, Fernando Wallach destaca uma sobre um ladrão conhecido na cidade como Pedro Corredor. “A população criou um mito em torno desse personagem: dizia-se que ele tinha uma capa preta a qual o tornava invisível da polícia, tal era a grande dificuldade de prendê-lo” – diz Fernando. O Pedro Corredor foi manchete em diversas edições do jornal nos anos 70, segundo o jornalista.

Outro fato fantasioso criado pela população, segundo ele, foi o da mulher que aparecia na Lagoa. “Era um fantasma. A informação das pessoas é que ela aparecia e, misteriosamente, desaparecia” – afirma Fernando, ressaltando que o editor de polícia era Juarez Félix e o responsável por cobrir esses fatos no noticiário geral, era Cecílio Batista (*in memoriam*).

Fernando Wallach destaca a preocupação dos Diários Associados em fazer um bom jornalismo, ressaltando a importância da chegada do Curso de Comunicação, com as suas habilitações. Para ele, o curso conseguiu, ao longo dos anos, trazer um perfil mais profissional à categoria.

Os anos 70 marcaram de forma positiva a imagem do jornal O Norte, com o cartunista e chargista **Luzardo Alves**. O nosso Wallach diz que Luzardo introduziu o pioneirismo no jornal que, todas as segundas-feiras, apresentava o hilário “PAU DE SEBO”. Nele, personagens que faziam referência aos clubes desfilavam nas páginas de O NORTE, retratados pelo famoso chargista.

O saudoso e querido Luzardo criou personagens que representavam cada clube, como também desenhava outros já existentes. O “Cachorrinho Botinha”, com traje de xerife e a estrela do Botafogo; e a imagem de um macaco, que passou a se chamar de “Macaco Altino”, representando o Auto Esporte.

“A escolha do Macaco Altino – destaca Fernando Wallach – não foi bem recebida pelos torcedores do clube, que entenderam como menos-prezo para com o time alvirrubro, fundado por motoristas e, como tal, conhecido como o ‘time dos motoristas’”. “A torcida conhecida, até então, apenas como torcida motorista, sentiu-se ultrajada com os desenhos impressos todas as segundas-feiras, no caderno de esportes de O NORTE” - finaliza.

### **Luzardo Alves, grande cartunista e chargista paraibano**



Luzardo Alves da Costa nasceu no ano de 1932, em João Pessoa, no bairro de Jaguaribe. Logo aos oito anos descobriu a vocação para o desenho. Segundo seus familiares, usando carvão e tijolo, ele brincava de desenhar nas calçadas da rua onde morava. Faleceu no dia 17 de dezembro em 2016. Trabalhou como chargista em diversos periódicos da Paraíba e do Rio de Janeiro, onde residiu na década de 1960. Nesse período, trabalhou na revista O Cruzeiro, a mais importante do país.



**Antônio David** - Um outro fotógrafo de expressão, no jornalismo da Paraíba, foi Antônio David Diniz, nascido em Taperoá, filho de seu Gregório Diniz e Dona Maria Ilza. Seu Gregório foi um dos melhores fotógrafos do Cariri. Não podia ser diferente: o David seguiu a carreira do pai.

“Com ele, aprendi o gosto pela fotografia; com ele, aprendi a usar corretamente uma máquina fotográfica. Sou um apaixonado pela profissão que escolhi, tendo, inclusive, mesmo já sendo jornalista atuante, concluído o curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo, na UFPB, em 1988”.

Antônio David estudou inicialmente em Campina Grande. Depois veio para João Pessoa. Sua primeira experiência foi em O NORTE, em 1975. Ficou por lá até 1976. Mas, já em 1977, começou sua trajetória em A UNIÃO, onde permaceu até 1994. “Nesse período, encontrei um tempinho, entre 1985/86 e colaborei com o jornal O Momento” – diz David.

Teve outras experiências na área fotográfica. Foi professor substituto na disciplina Fotojornalismo, no Curso de Comunicação da UFPB; coordenador de fotografia da Secretaria de Comunicação Insitucional do Governo do Estado, entre 1995/2006, além de gerente executivo de fotografia, na mesma Secretaria em 2009/2010. Em 2007, lanou o livro “Antonio David – 30 Anos de Fotojornalismo”.

Como excelente profissional da área, ganhou vários prêmios, entre outros, o ‘Lambe-Lambe de Fotografia’ (2002), promovido pela Agência Ensaio, do Núcleo de Arte Contemporânea, em João Pessoa; prêmio nacional no quesito ‘Cor’, do 8º Concurso Leica (Revista Fotografe Melhor, 2011); prêmio Aquisição de Artes Visuais (SESC-PB/2013), oportunidade em que lança o livro ‘O Ser e o Mar’, durante a FECOMÉRCIO/SESC-PB.

Entra as muitas exposições em que apresentou trabalhos, podemos destacar algumas: 1990 - II Arte Atual Paraibana (João Pessoa); 1991- Além do Olho Nu - Galeria Metropolitana de Arte (Recife); 1993 - Mezzanino Galeria Archidy Picado – FUNESCO; Na Mira da Objetiva - Galeria Gamela - João Pessoa; (RE)TRATOS, no Sesc (João Pessoa) e, 15 anos da Galeria Gamela, no Sebrae (João Pessoa); 1995 - Salão Paraibano Brasil de Arte Fotográfica, NAC-PB; 1998 Imagens da Terra

- Alliance Française (João Pessoa); 2007 A Cidade Vista do Edifício 18 Andares; 2010 Novo Olhar - Área de Lazer do Sesc - PB, no centro de João Pessoa; 2012 Olhar Tátil - Casa das Artes Visuais -João Pessoa; 1999 Intercâmbio Fotográfico Minas/Sergipe/Paraíba; 2011 Setembro Fotográfico - Exposição de Artistas Selecionados - Estação Cabo Branco - João Pessoa; e 2011 Além do Olhar - Estação Cabo Branco - Ciências, Cultura e Artes - João Pessoa.

Na verdade, são mais de trinta participações em exposições, afora palestras e encontros sobre a arte fotográfica, por parte deste jornalista fotográfico, que muito já fez pelo jornalismo paraibano.



O jornalista **Humberto Lira** (in memoriam) nasceu na cidade de Umbuzeiro-PB. Mudou-se para Campina Grande-PB e lá estudou em diversos educandários, inclusive em um seminário da cidade. Iniciou-se no jornalismo na Rainha da Borborema, onde atuou por nove anos, no Diário da Borborema, TV e rádios Borborema e Cariri.

Tudo começou em 1971 e, sobre sua atuação em Campina Grande, falaremos melhor no capítulo Diário da Borborema.

Humberto Lira veio residir em João Pessoa, transferido para o jornal O NORTE, onde trabalhou do dia 1º de setembro de 1979 até o ano de 1983. Jornalista experimentado, especialmente na área policial, chamou a atenção do pessoal do Correio da Paraíba, que o contratou, em 1984, justamente quando das mudanças ocorridas, com a aquisição do controle acionário do jornal que pertencia ao senhor Teotônio Neto, para o grupo comandado por Roberto Cavalcanti, José Fernandes e Paulo Brandão.

Foram quatro anos vividos pelo jornalista Humberto Lira em O NORTE, totalizando quase quinze anos de atuação nos Diários Associados na Paraíba. Certa vez, ao falar sobre sua passagem do DB para O NORTE, ele disse que, como repórter policial, viveu num momento complicado em Campina Grande. Foi, justamente, na época do MÃO BRANCA, que aterrorizava a região. Não era fácil ser repórter desse segmento jornalístico. Jurado de morte, ele teve que sair da cidade. Humberto morreu no dia 31.08.2020, aos 77 anos, vítima de Covid-19.





Ricardo Anísio sempre se destacou como um grande defensor da cultura paraibana.

**Ricardo Anísio**, poeta, escritor, jornalista, crítico e produtor musical. Foi uma presença importante no dia a dia do jornal O Norte e, como um jornalista, muito respeitado pelos leitores.

Desde muito jovem se dedicou ao movimento musical paraibano e regional, como produtor para destacados nomes, como a compositora e cantora paraibana Cátia de França, Quinteto da Paraíba, Geraldo Vandré e Xangai, um importante nome da música baiana.

Como jornalista e crítico musical, Ricardo Anísio atuou em diversos jornais e revistas. O começo de sua vida jornalística aconteceu em 1978, quando passou a escrever sobre artes no jornal Correio da Paraíba.

Também passou por outros meios de comunicação, entre os quais as rádios FM O Norte, FM Tambaú, Tabajara AM, FM Correio e Classe A, além da revista A Semana, jornais O Norte e Contraponto.

Sua obra como escritor é extensa: “Canção do Caos” e “Simulacro”, livros de poemas e poesias; “MPB de A a Z”, coletânea de textos seus; e “Crônicas Musicais”, sobre canções nacionais e internacionais, são trabalhos que mostram o valor desse jornalista, poeta e estudioso da música.

Outros trabalhos mostram a ativa vida cultural do jornalista Ricardo Anísio. São destaques no seu trabalho “Canção do Caos”, que foi seu quarto livro de poemas; “Canção do Fogo” são 67 poesias.; “Canção do Abismo”, publicado pela Editora Autor Associado, foi o primeiro livro da trilogia poética das canções, reunindo cem poemas; o “Florilégio”, publicado em 2011 pela Editora IDEIA, reúne 130 poemas.

“Forró de Cabo a Rabo” é outro bonito trabalho de Ricardo, em que ele reúne dezenas de importantes nomes da música nordestina: são estampas de discos, registros biográficos, notas sobre parceiros e análises sobre esses mestres do repertório regional. Através de uma minuciosa

pesquisa, começando por Luiz Gonzaga, Ricardo Anísio mostra o seu conhecimento sobre a nossa música popular nordestina, destacando, outros gênios, a exemplo de Sivuca, Dominguinhos, Jackson do Pandeiro, Zé Calixto e a grande Marinês.

Ricardo Anísio é, pois, um desses nomes que engrandecem a cultura e o jornalismo paraibano.



**Francisco Gomes Roberto** (ou Francisco Roberto, como é mais conhecido) chegou ao jornal O NORTE no ano de 1981, vindo do Correio da Paraíba. Iniciou sua trajetória do periódico Associado como diagramador, convidado pelo jornalista Antônio Costa.

Com o passar do tempo, tornou-se o principal diagramador do jornal O NORTE, passando depois por outras funções como, repórter esportivo, editoria da Página dos Municípios e repórter e editor de uma das páginas do Diário da Borborema em João Pessoa e editor-geral.

Muitos anos se passaram, e o amigo Antônio Costa, após passar um tempo noutra empresa, retornou ao jornal o NORTE, desta feita como editor-adjunto de Roberto, que ocupava a função de editor-geral na época.

Ocupou a chefia de reportagem do jornal O NORTE e foi editor adjunto, além de haver ocupado a editoria-geral e tornar-se superintendente, sua última função nos Diários Associados da Paraíba. Foram quinze anos, galgando todas as funções no principal veículo de comunicação do Estado, na época.

No período em que esteve no jornal o Norte, exerceu também a função de Assessor de Imprensa na Associação dos Hospitais da Paraíba e da OAB-PB, na gestão do advogado Arlindo Delgado e Afrânio Melo. Após deixar jornal O Norte, Francisco Roberto passou por diversos órgãos de imprensa falada e escrita. Foi responsável pela criação do Jornal do Brejo, periódico semana que circulou por um bom tempo na cidade de Guarabira.



**Dr. João Gomes Damásio – Dásio Sousa -**  
São muitas histórias para contar sobre a equipe de O NORTE, através dos anos de sua presença nas bancas de jornais e revista. Um nome muito conhecido nos meios esportivos radiofônicos que também fez história no jornalismo impresso paraibano foi Dásio Sousa - Dr. João Gomes Damásio, conceituado médico em João Pessoa.

Muito conhecido em nossa Capital, ele diz sentir orgulho em ter integrado uma das melhores equipes do respeitado jornal dos Diários Associados.

“Foi jogador de futebol, tendo atuado pelo Ibis de João Pessoa, pelo qual foi vice-campeão paraibano, em 1958. Era como Gogoia” – afirma Eudes Moacir Toscano, um dos maiores narradores do futebol paraibano (Tirando de Letra – Toscano Eudes Moacir – Editora A UNIAO – 2016 – João Pessoa- PB.

Abandonou o futebol em 1969. Mas, foi em 1967, que Dr. Damásio chegaria ao rádio - a Rádio Tabajara – encaminhado pelo inesquecível Paulo Rosendo. Na Pioneira, a PRI - 4, deixou de ser Gogoia e o João Gomes Damásio, para ser Dásio Sousa, nome criado pelo saudoso Ivan Tomaz. Nascia naquele momento um dos maiores repórteres esportivos do rádio.

Fez história ao lado de grandes radialista, como Geraldo Cavalcanti, Eudes Toscano, Hitler Cantalice, Ernany Norat, Marcondes Brito, Marcus Aurélio, João de Sousa e Ivan Bezerra, entre outros. No mesmo ano, foi trabalhar no jornal O NORTE, onde foi editor de cadernos importantes, responsável pelas páginas de cultura e esportes. Com ele, no caderno esportivo, figuravam nomes de peso, como o querido Martins Neto (Quati), e Antônio Hilberto, que faleceu em 2013.

Dásio integrou o jornal na época de outros nomes de destaque do jornalismo da Capital: Teócrita Leal, Barreto Neto, Erialdo Pereira, Jório Machado, Nathanael Alves, Jarbas Barbosa, Hélio Zenaide, o inteligente Juarez Félix - o homem da página policial -, Wills Leal, José Cabral e Fernando Wallach, que eram responsáveis pelo fechamento da primeira página do Diário da Borborema que era impresso e finalizado em João Pessoa. São nomes que aparecem como seus amigos de batente. Dr. Dásio Sousa, um bom jornalista!

Dividiu, inteligentemente e com muito esforço, o seu dia a dia no jornalismo para se dedicar aos estudos. Deixou o microfone em 1982 e a redação de O NORTE em 1998, quando concluiu o curso de medicina. A partir daí, passou a chamar-se, Dr. João Gomes Damásio, hoje aposentado como Clínico-Geral.



**Wills Leal** - Contemporâneo de grandes nomes do jornalismo paraibano, a exemplo do irmão Teócrito Leal, Nathanael Alves, Juarez Félix, Barreto Neto, entre outros, Wills começou nos meios de comunicação no final dos anos 50, mais precisamente no jornal impresso, pelas mãos do tio José Leal, importante nome da imprensa, com atuação nos jornais A União e O Norte, nas décadas de 30/40/50.

Fundador da Academia Paraibana de Cinema e também o criador da “Roliude Nordestina”, na cidade de Cabaceiras, foi também contemporâneo de nomes de destaque no cenário nacional da sétima arte, como, Vladimir de Carvalho e Ipojuca Pontes.

Nos encontros universitários de sua época, no Rio de Janeiro e Brasília, fez amizades importantes com gente desse segmento, como Alex Vianny e Jean-Claude Bernardet.

Integrou, também, a Academia Paraíba de Letras e a ABRAJET–PB Associação Brasileira de Turismo, tendo se destacado com um dos grandes incentivadores do turismo na Paraíba. Jornalista, crítico de cinema e escritor, Wills Leal, além de sua passagem pelo jornal O Norte, ainda trabalhou no Diário da Borborema, como colunista e ombudsman.

Formado em Filosofia e estudiosos de línguas, durante sua carreira assinou mais de quarenta obras, entre filmes e livros, tendo como parceiros grandes nomes como Jomard Muniz de Brito e Virgínius da Gama e Melo. Wills Leal, natural de Alagoa Nova, faleceu no dia 07 de maio de 2020, em João Pessoa, aos 83 anos, vítima por parada cardiorrespiratória.



**Miguel (Miguelzinho) Lucena** é o novo da família de Sebastião e Edmilson Lucena, dois nomes de destaque no jornalismo da Paraíba. Veio residir em João Pessoa no final dos anos 90. Trabalhou no jornal o Norte, como repórter e, ao mesmo tempo, estudava Direito.

Ao mudar-se para a Bahia, Miguel Lucena atuou nos jornais Correio e Tribuna daquele Estado. Mas, resolveu tomar outros rumos. Aprovado em concurso para delegado, mudou-se desta feita para Brasília.

Lá chegou a ser presidente da Companhia de Planejamento do Distrito Federal e Secretário de Comunicação da Polícia Militar da Capital da República. Um jornalista inteligente, com uma passagem rápida nos jornais paraibanos, mas, bem visto e respeitado.

## Pedro Moreira



O jornalista Pedro Moreira, numa entrevista que lhe foi concedida pelo Arcebispo Dom Helder Moura, nos anos 70 (Foto Antônio David)

Foi com o jornalista Hilton Gouvêa, que colhemos informações sobre Pedro Moreira. Ele foi, na opinião de muitos amigos da imprensa, um dos mais destacados e corajosos valores do jornalismo impresso.

## A vida de Pedro Moreira Saraiva

Pedro Moreira Saraiva começou a vida aos dezesseis anos, como telegrafista, em Russas (CE), onde nasceu, em 2 de janeiro de 1949. Ajudava seu pai a enviar e receber mensagens telegráficas para outras cidades, através do telégrafo da agência local do Correio. Foi tentar a vida em Fortaleza, mas, naquela época, o telégrafo já era peça de museu e resolveu optar pelo jornalismo.

Experimentado e dono de um invejável texto, veio trabalhar no jornal O Norte, onde iniciou como copidesque, e, após, atuou como chefe de reportagem. No seu tempo as manchetes denunciavam, em plena ditadura, a corrupção política em prefeituras do interior.

Na época, também, houve uma incidência da esquistossomose no Brejo paraibano, o que provocou a vinda do então Ministro da Saúde, Paulo Almeida Machado, a fim de sanar o problema e, ainda, o escancaramento da vida promíscua em que viviam os doentes mentais indigentes do Pavilhão Ulisses Pernambucano, no sanatório Juliano Moreira, em João Pessoa.

## A história

Para este momento difícil do hospital, um plano urdido por Pedro Moreira deu certo: ele arranhou máscaras cirúrgicas, um tensiômetro, um estetoscópio e uma mala. Chamou o repórter Hilton Gouvêa e o fotógrafo Arion Carneiro e disse: “Arranjei dois empregos para vocês na área de saúde”.

E esclareceu que Hilton e Arion iriam entrar no Juliano Moreira vestidos de médico, para documentar o problema. Depois, entregou uma bata branca a cada um e mandou que “se virassem.”

As imagens captadas eram dantescas: um doente com tuberculose galopante, comia uma sopa suja, dentro de um recipiente, que parecia um urinol; e uma moça totalmente nua, com parte do corpo retalhada e uma cobertura pubiana que ia até quase os joelhos, por falta de cuidados higiênicos, entre outras imagens, que deixaram chocados os leitores de O Norte, Diário da Borborema e Diário de Pernambuco

Essa cobertura teve apoio, segundo Hilton Gouvêa, de algumas alunas estagiárias de enfermagem. “Um detalhe: a máquina fotográfica de Arion estava camuflada no tensiômetro, enquanto meu bloco de anotações era um receituário, com capa do estabelecimento” – diz Hilton, ressaltando, que ele e seu colega já iam saindo do Juliano Moreira, quando cruzaram com o advogado Pedro Adelson, procurador da Secretaria de Saúde, que o indagou: “Hilton, além de jornalista você também faz medicina?” “Respondi com um “É” desconcertado e tratei de sair de cena com Arion. Quase que o plano não dava certo. Mas Pedro Adelson não notou nada”.

Pedro Moreira ainda trabalhou em A União e no Correio da Paraíba, em João Pessoa. No jornal do Estado foi primeiro como editor e, no segundo, na função de redator.

Pedro, na narrativa de Hilton Gouvêa, era um moreno tipo mameluco (mistura racial de índio com branco), com aproximadamente 1,85m de altura, cabelos lisos e olhos orientalizados. “Falava como se estivesse com a boca cheia de arroz. Tinha o riso fácil. Quando enraivado, quase não conseguia articular nenhuma palavra. Como todo bom cearense, sempre repetia os termos ‘pai d’égua’, ‘baitola e o verbo ‘ver’ assim: Visse, Visse? Um jornalista engraçado e inteligente” – acentua.

Pedro Moreira Saraiva foi casado com a advogada Maria Wilma Moreira e com ela morou em João Pessoa por mais de dez anos. Wilma era filha do médico e político sertanejo Zuca Moreira.

Ele morreu em 1984, com 35 anos, na BR-101 Norte, ao fazer uma curva fechada na altura de Goiana (PE) e bater na carroceria de um treminhão (caminhão transportador de cana de açúcar). Pedro Moreira Saraiva é nome de rua, no bairro de Mandacaru, em João Pessoa.





**Sandra Moura**, hoje, tem uma trajetória das mais bonitas no jornalismo paraibano: passou pela redação e atuou como repórter do jornal O NORTE. Sua atuação na universidade é motivo de elogios, por amigos de ensino, alunos, ex-alunos, muitos deles, já atuando como profissionais nos meios de comunicação.

Jornalista formada pela UFPB - é mestra em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi a primeira professora titular do Departamento de Jornalismo da UFPB.

Destacou-se, ainda, como colunista no jornal A União, no semanário Combate, além de participação na Revista Em Dia, editada pela M&G Propaganda ao lado de muita gente boa, entre as quais, Guy Joseph, Juca Pontes e Maria Goretti Zenaide.

Nessa sua vitoriosa carreira, dirigiu o Polo Multimídia da UFPB, coordenou o Mestrado Profissional em Jornalismo e foi vice-presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API).

Destacou-se por suas participações como autora, coautora e organizadora dos livros “Caco Barcellos: o repórter e o método”, “I Fórum Paraibano de TVs Públicas na Era Digital: contribuições da sociedade para a construção de uma televisão interativa e de qualidade”, além do interessante trabalho sobre, “O lugar do crime no Jornal da Paraíba”, quando do periódico na versão impressa, e o livro “Magistrados & Arte Musical – Perfis”, uma obra que conta a história de dezessete juízes do Poder Judiciário Paraibano e suas relações com arte musical.



Formada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, pela UFPB, a jornalista **Carol Torres**, natural de Recife, Pernambuco, atuou com muito destaque na Paraíba. Em João Pessoa, passou pelas redações da TV Cabo Branco, do jornal oficial A União e, como editora, no jornal O Norte.

No início da década de 1990, trabalhou num dos mais famosos jornais do país, por sinal um dos primeiros do Brasil, o Correio Braziliense. Também prestou os seus serviços jornalísticos ao Jornal de Brasília - onde se aposentou.

Vítima de um infarto, a querida jornalista, que teve uma intensa atuação em nosso Estado e aqui fez muitos amigos, faleceu aos 66 anos, no dia 27.03.2019.

Por sinal, foi um ano difícil para o jornalismo paraibano, com o falecimento, também, dos jornalistas Lena Guimarães (Correio da Paraíba) e William Monteiro, que passou pelos jornais Diário da Borborema e Gazeta do Sertão, de Campina Grande, e de Eraldo da Nóbrega, que se destacou em A União, Correio da Paraíba e TV Master.



**Roelof Sousa e Sá**, verdadeiro nome de um dos maiores jornalistas que aportaram na Paraíba. Um homem de comunicação, responsável por um belo trabalho nos periódicos por onde passou, em nosso Estado, dando-lhes novos layouts e maior consistência editorial.

Sua chegada ao nosso Estado aconteceu em 1990, vindo do jornal dos Diários Associados, Correio Braziliense. Veio atuar no jornal O Norte, com a incumbência de fazer mudanças no jornal paraibano.

E as mudanças aconteceram, como destaca o jornalista Hilton Gouvêa, numa reportagem inserida no jornal A União (27.09.2020), quando relata brilhantemente a trajetória desse jornalista.

Roelof de Sousa, nascido em 16 de setembro de 1959, morreu no Hospital Antônio Campos Camargo, em São Paulo, em 16 de abril de 2006, aos 47 anos de idade.

Formou-se pela Universidade Católica de Pernambuco. A causa de sua morte, segundo o boletim médico do órgão, foi câncer pleural.

Muitos jornalistas dão depoimentos marcantes sobre ele. A jornalista Edileide Vilaça foi uma profissional bem próxima de Roelof. Atuou com o jornalista no início da TV Correio, como produtora.

Ela afirma, que “se falássemos numa pessoa insubstituível no jornalismo ou numa assessoria de comunicação parlamentar, por exemplo, esta pessoa seria Roelof Sá.” Para a jornalista, Gláucia Araújo, que trabalhou na TV Correio nos seus primeiros momentos, Roelof tinha com maior legado a ética. Procurava sempre trabalhar com a verdade “Na dúvida, ele não publicava a matéria” – afirma Gláucia.

Ao destacar a melhoria na operacionalidade dos jornais por onde passou, Roelof é ainda lembrado pelo jornalista Jorge Rezende, quando, sobre sua importância no jornalismo impresso paraibano, afirma: “Ele foi

quem implantou na imprensa paraibana a editoria de fotografia. Foi um linha dura na redação de O Norte, logo quando chegou, mas melhorou com o passar dos dias, o jeito natural de quem chega e não conhece a equipe. na verdade, um brincalhão” – destaca.

Roelof Sá foi editor do caderno Nacional do Correio Braziliense; ocupou, em 1990, a editoria-geral da TV Manchete, no Recife (PE). Na Paraíba, trabalhou como editor-geral do jornal O Norte, logo que chegou ao Estado, e no Jornal da Paraíba.

Outro legado deixado por Roelof, quando editor-geral, foi ser o responsável pelo novo layout do Jornal da Paraíba, implementando uma nova identidade visual e conceitual do impresso. Organizou a redação do JP em João Pessoa, lançando capa e conteúdos diferenciados na Capital e em Campina Grande.

Na empresa Correio, foi diretor-geral da emissora de televisão do Sistema, filiada à Rede Record. Em sua passagem por João Pessoa, onde terminou se radicando, fundou ainda a agência de consultoria e assessoria de comunicação Extremoriental, por meio da qual implantou o projeto gráfico do jornal Correio da Paraíba.



Para a **Paula Gentil**, que foi casada com o jornalista, o seu marido tinha muito orgulho desse projeto que em muito mudou o jornalismo impresso na Paraíba. Por onde passou – ressalta –, “Roe foi exemplo de capacidade profissional, utilizando-se dos seus conhecimentos para fazer o melhor pelo jornalismo”.

Paula, experiente profissional na área comercial, é uma das mais antigas integrantes desse setor no Sistema Correio. “Amigo, ético e dedicado ao trabalho, ele se foi muito cedo e, certamente, será lembrado com carinho pelos amigos” – diz Paula, ainda hoje integrando o quadro diretivo do Sistema Correio.

**Marcondes Brito** encerrou seu ciclo nos Diários Associados em 2009 e, a partir daí, foram voos extraordinários que mostraram o seu valor. Vejamos! Atendendo a um convite do então vice-presidente Frederico Nogueira, aceitou o desafio de assumir a Diretoria Executiva de Rede do Grupo Bandeirantes de Comunicação. E assumiu. “Eu cuidava das mais de cem emissoras Band fora de São Paulo” – afirma.



A carreira jornalística de Marcondes Brito, nos Diários Associados, foi das mais exitosas. Aquele jovem que começou com repórter, demonstrou ao longo dos anos que é através do trabalho sério e dedicado que se alcançam grandes vitórias e os objetivos desejados. Ele é um vencedor.

Para ele, foi uma experiência riquíssima e repletas de desafios que durou até 2016. Hoje, esse grande valor do jornalismo paraibano, que foi, no início de carreira, repórter no jornalismo impresso e nas emissoras de rádio de João Pessoa, dirige a sucursal de São Paulo Rede Brasil Amazônia (RBA), o maior grupo de comunicação do Norte do País.

São momentos como esses, desse querido jornalista Marcondes Brito, que poderão ser contados em outros capítulos de futuros trabalhos.

O jornal O Norte e os Diários Associados passaram, sem dúvida, a fazer parte de sua vida. “Aprendi tudo na velha redação da avenida Pedro II, com profissionais do gabarito de Frutuoso Chaves, Evandro da Nóbrega, Barreto Neto, Erialdo Pereira, Genésio de Souza e tantos outros” – diz Marcondes.



### E ele nos conta...

“Estamos cansados de ouvir falar que ‘nada acontece por acaso’. Algo parece nos mostrar cotidianamente que existe um ‘grande plano’ e, dentro dele, um número incontável de pequenos grandes planos. Comigo aconteceu mais ou menos isso. Na segunda metade da década de 1970, eu era repórter da editoria de esportes do jornal O Norte quando decidi me casar. Tive a ideia de elaborar o convite do meu casamento com Lúcia - até hoje a minha fiel, amada e inseparável companheira -, reproduzindo uma “Edição Extra” de O Norte. Algo, no mínimo, inusitado”. Marcondes ressalta que “definitivamente, aquilo não foi obra do acaso. Mas, depois tive a ousadia de buscar espaço em mercados maiores e mudei-me para Brasília em 1985”.



O reencontro de Marcondes com Aginaldo Almeida

### Diretor dos Associados

Depois de uma maravilhosa experiência na redação do Correio Braziliense, Marcondes foi mandado de volta para a Paraíba pelo presidente do grupo, Dr. Paulo

Cabral de Araújo. E veio para ser diretor-superintendente dos Diários Associados-PB.

Para ele, foi muita sorte de reencontrar uma mão de obra qualificadíssima para montar a nova redação de O Norte, sob o comando do competente jornalista Agnaldo Almeida. Do Diário da Borborema, ele afirma gostar de contar uma história que diz muito sobre o que pensa sobre o jornalismo.



**“A vida é um assunto local.**

Esta é uma das frases mais marcantes na minha trajetória jornalística, e eu posso explicar: em 2001, o DB publicou uma capa tão espetacular sobre atentado de 11 de setembro contra as Torres Gêmeas de NY, que fomos aconselhados a concorrer ao Prêmio Esso. Chegamos à disputa final emparelhados com a Folha de São Paulo e O Globo (todos falando sobre o mesmo tema), e, para a surpresa geral, o bravo matutino de Campina Grande ficou em 1º lugar”.

O jornalista Ricardo Noblat, que fazia parte do júri, confidenciou depois ao dirigente Marcondes Brito, que o Diário da Borborema só ganhou por causa de um pequeno detalhe. A submanchete dava destaque a uma outra

tragédia, bem mais cotidiana e um assunto local: “Vigilante crava faca na testa de criança”.

Para Brito, apesar de o mundo inteiro tratar do atentado de 11 de setembro como o grande assunto daquele momento, o nosso DB mostrou que, no fundo, no fundo, a vida é um assunto local. O jornalismo vale muito pela proximidade do fato.

“O Prêmio Esso do Diário da Borborema foi uma conquista de Cícero Felix, um artista gráfico fenomenal de Campina Grande, mas comemoro e festejo o fato de ter acontecido na minha gestão” – afirma o sempre entusiasmado jornalista Marcondes Brito.



### E por falar em PRÊMIO ESSO...

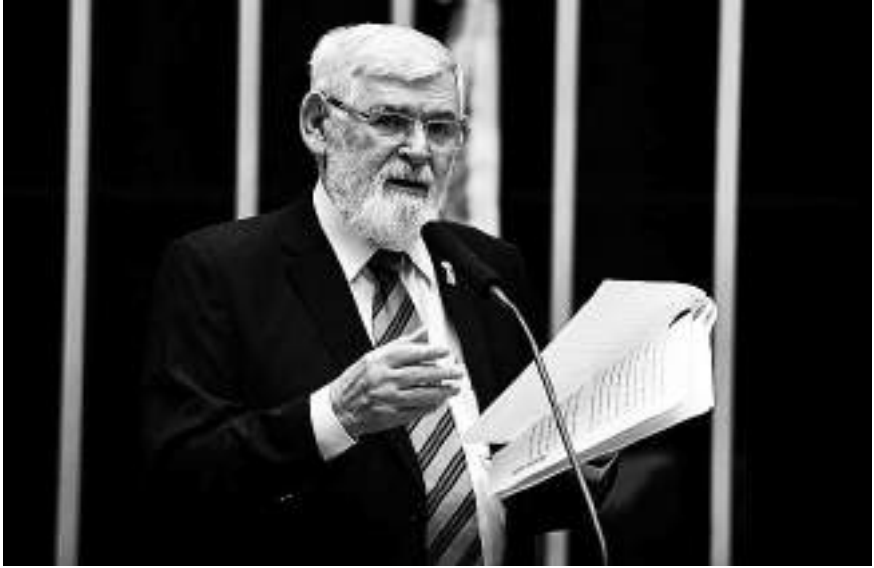
Nós estamos falando do maior e mais importante prêmio do jornalismo brasileiro, e Marcondes, nessa trajetória nos Diários Associados, se diz feliz de tê-lo conquistado em 2008, na ocasião como Diretor de Projetos Especiais do Diário de Pernambuco.

“Foi, de fato, uma conquista pessoal. Fiz jus ao Prêmio Esso como a Melhor Contribuição à Imprensa pela edição do jornal em braile. O Diário de Pernambuco foi o único jornal do mundo a ter, durante determinado período, as suas edições diárias impressas também em braile” – acentua o grande jornalista paraibano.

Para a comissão julgadora, a vitória do Diário de Pernambuco nesta categoria se deveu ao extraordinário alcance social da iniciativa, ao permitir que milhares de deficientes visuais de Pernambuco passassem a dispor das mesmas informações diárias impressas oferecidas aos demais leitores.

A edição em braile do Diário foi uma ação inédita na imprensa brasileira. Inédito também o prêmio recebido: até então, nunca um veículo nordestino chegou a conquistar a “Melhor Contribuição à Imprensa”. Foi outra vitória do nosso Marcondes Brito.





## **Fechamento dos Jornais O Norte e Diário da Borborema**

O fechamento dos jornais associados, O Norte e Diário da Borborema, foi motivo de tristeza para os diversos segmentos da vida paraibana. O mundo político, por exemplo, mostrou sua tristeza, através de um discurso do então deputado Luiz Couto (PT-PB), durante sessão plenária da Câmara Federal.

Isto ocorreu no dia 06 de fevereiro de 2012, cinco dias após o encerramento das atividades dos dois periódicos, quando o deputado paraibano contou pouco da história dos dois veículos de comunicação. Ele disse o seguinte:

### **(texto do discurso)**

Senhor Presidente, Senhoras Deputadas e Senhores Deputados. Hoje venho a essa tribuna para registrar que a Paraíba perdeu uma parte de sua história. Tivemos a triste notícia do fechamento dos jornais O NORTE e DIÁRIO DA BORBOREMA, jornais centenários do nosso Estado. Cerca de quinhentos profissionais da imprensa, entre repórteres, editores e diagramadores, foram demitidos.

De acordo com o chefe de reportagem, demitido do jornal O NORTE, Wagner Lima, pelo *Twitter*, a decisão foi de cunho empresarial, já que os periódicos eram deficitários e se mantinha com recursos enviados por Brasília e Minas Gerais.

Depoimento da jornalista Célia Marques, no *Facebook*, fala do processo de falência de O NORTE que, em 2004, já era evidente, quando naquele ano foram demitidas 150 pessoas, entre jornalistas e pessoal da administração. Desde então, o jornal passou por muitas dificuldades, tendo inclusive o seu tamanho diminuído e demitido gradativamente muitos profissionais.

O jornal O Norte foi fundado pelos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares em João Pessoa, no dia 7 de maio de 1908. Na época, a Capital paraibana se chamava Parahyba. Foi criado dentro de padrões jornalísticos modernos para aquele período, com ótima qualidade gráfica e textual, revolucionando a imprensa da Paraíba naquele ano.

O jornal foi fechado temporariamente nas décadas de 1920 e em 1930. Em 1935, o jornal volta a circular nas ruas da cidade de João Pessoa. No ano de 1954, O Norte foi comprado por Assis Chateaubriand e desde então passou a integrar os Diários Associados.

Já o Diário da Borborema foi fundado em Campina Grande, no dia 2 de outubro de 1957, por Assis Chateaubriand que, natural da cidade de Umbuzeiro-PB, viveu boa parte da sua juventude naquela cidade. O jornal chegou a ganhar o Prêmio Esso de Jornalismo em 2001.

Senhor presidente, quero que registre a minha solidariedade aos profissionais de imprensa demitidos do jornal O NORTE e do Diário da Borborema, desejando que em breve todos voltem a ter oportunidade de trabalho.

Era o que tinha a dizer.

(Sala das Sessões, 06 de fevereiro de 2012)

Em 1º.02.2012 circulou o último número do jornal O NORTE, na época já pertencendo aos Diários Associados da Paraíba.

Em 01.02.2012 circulou o último número do jornal O NORTE, na época já pertencendo aos Diários Associados da Paraíba.

**BRASIL ELIMINADO** Seleção Brasileira de basquete perdeu para a Argentina por 12 a 20 e se afundou no Mundial que está sendo realizado no Turquia. **R\$ 1,00**

**QUARTA-FEIRA**  
João Pessoa, 8 de fevereiro de 2012  
ano 128 número 342

**O NORTE**  
www.jornalnordeste.com.br

**ADOLESCENTE CONFESSA TER MATADO LUTADOR**  
Garoto de 17 anos apreendido pela polícia revelou que professor de jiu-jitsu, Eduardo Queiroga, foi morto porque reagiu a assalto, na noite de sábado.

**DESFILE CÍVICO**  
Prêmios comemorativos serão entregues ao melhor do voluntariado, ao melhor trabalho cívico e juvenil. Regras do Concurso foram apresentadas.

**TRAGÉDIA NA BR-230**  
ACIDENTE EM JOÃO PESSOA DEIXA TRÊS PESSOAS MORTAS E UMA FERIDA

**LOTADA**  
PRAIAS CHEIAS NO FERIADO

**RIO DO CABELLO AMEAÇADO**  
Espécies ameaçadas nas águas do Rio do Cabeço perdem com o desmatamento.

**LISTA DE APROVADOS DEVE SAIR HOJE**  
Secretaria Estadual de Educação e Administração Previdenciária (Secap) divulga hoje os nomes dos 300 aprovados no concurso para agente previdenciário.

**DE OLHO NO DIA DAS CRIANÇAS**  
COMÉRCIO DA CAPITAL PREVÊ CRESCIMENTO ENTRE 10 E 12% NAS VENDAS ATÉ A DATA





## Correio da Paraíba



A máquina linotipo em frente ao prédio do Sistema Correio de Comunicação

Linotipo ou linótipo é uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler em 1884, na Alemanha. Fundia em bloco cada linha de caracteres tipográficos, com um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização.

Composição, fundição e teclado, três partes distintas — são unidas numa mesma máquina. Sua capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora. Suas matrizes (superfícies impressoras) são em baixo relevo, justapostas em um componedor (utensílio no qual o tipógrafo vai juntando a mão, um a um, os caracteres que irão formar as linhas de composição). O próprio operador despacha para a fundição, a 270 graus Celsius.

Com a quase extinção desse sistema de impressão e com a chegada do offset, em cidades pelo interior muitas gráficas ainda usam a linotipia e até com o processo de impressão de tipos móveis onde cada letra tem que ser escolhida e montada uma a uma.



Escritor Ascendino Leite  
(21.06.1915 - 13.06.2010)

Foi na piscina de um hotel situado nas proximidades de Petrópolis, no Rio de Janeiro, que nasceu da ideia de se produzir um novo jornal para os paraibanos. Os parentes de Teotônio Neto e Afonso Pereira tinham uma ótima amizade e, por isso, reforçariam ainda mais essa ideia.

Para elaborar o Correio da Paraíba, um dos primeiros nomes contatados por Teotônio Neto foi o escritor **Ascendino Leite**. Ele abraçou a ideia, após certa hesitação, mas, diante da insistência, resolveu participar do desejo de Teotônio.

E o projeto saiu do papel. Ascendino solicitou ao jornalista paulista Samuel Wainer uma indicação de diagramador para desenvolver o projeto gráfico. Ao ligar para o colega, Wainer disse: “Só tem aqui o Nássara”. A partir dessas tratativas, deu tudo certo! No dia previsto, nasceu o Correio da Paraíba.

A primeira manchete do Correio dizia “Luto e silêncio na cidade serrana”, noticiando a morte do político e jornalista Félix Araújo, em Campina Grande.

A matéria da reportagem destacava que cinquenta mil pessoas participaram do velório do paraibano, nascido em Cabaceiras, mas que conquistou prestígio na Rainha da Borborema.

O início das atividades do jornal Correio da Paraíba foi num dia importante para João Pessoa. Ocorreu no dia 5 de agosto de 1953, data de aniversário da cidade. Foram quase setenta anos de circulação (em 2019) nas bancas de revistas e livrarias da Paraíba.

O surgimento de mais um jornal diário na década de 50 não apenas representou a chegada de mais um veículo de comunicação na cidade. A chegada do Correio foi o surgimento de uma nova opção de leitura na imprensa da Capital e do Estado, que iria dividir as atenções dos leitores.

A sua linha editorial e o seu comportamento diário diante dos problemas de uma sociedade certamente passariam, como passaram, a chamar as atenções dos paraibanos.

A importância do novo órgão de imprensa também despertou as atenções dos demais veículos. O Norte e A União dedicaram artigos sobre o novo periódico, mesmo em se sabendo que, a partir daquele momento, estava chegando ao mercado um concorrente. Não somente eles, os jornais da cidade, fizeram o registro. O surgimento do Correio da Paraíba foi motivo de notícia até mesmo em periódicos de outros Estados, como, por exemplo, do Diário Carioca, do Rio de Janeiro, e, em Recife, do Diário de Pernambuco.



ANO 1 – Nº 1 - 05.09.1953

FUNDADOR: Teotônio Neto – DIRETOR: Afonso Pereira - GERENTE: Gumercindo Cabral

**LUTO E SILÊNCIO NA CIDADE SERRANA**

7 ESCANDALO DO JORNAL «ULTIMA HORA»

CAUSADA REABREVIACAO E CRISE DE DESAPARECIMENTO DE

QUEIJEIRO FOLIO ADOTIVO — COM SUPPLICA

DO INVENIZ MERECELIANA DO PESSOAL

— LINDA A FANTASIA COM A SORTE DE

ELIX ARCAJA VISITADA A SOCIEDADE DE

DEUS — 30 MIL PESSOAS TRANSPORTADAS DE

DEUS MORTAIS DO EXERCICIO FELICIDADE

MOSESSE, A MORADA ELEGICA SEMA INTERAS

REINADA CONGRACAO PONTINA



**Correio da Paraíba**

O sr. Ruy Carneiro declinaria de sua candidatura



O sr. Ruy Carneiro, à esquerda, e o sr. José de Sá, à direita, em uma reunião.

Mas pode voltar-se de responsabilidade

LEIA NESTA EDICAO

5.000

1.00



## O fundador



Seu fundador, **Teotônio Neto**, natural de Santana dos Garrotes (PB), nasceu em 28.11.1918. Teotônio começou suas atividades logo cedo, como balconista de uma loja.

Como um inteligente e trabalhador sertanejo, tinha um objetivo: crescer. E cresceu. Em 1944, fundou sua primeira empresa.

Na década de 60, ele já estava engajado no mundo político. Foi quando criou a Cooperativa Mista do Vale do Piancó, mostrando sua visão de investidor. Consolidou a sua atuação nos negócios, mas, ao mesmo tempo, firmou-se na política, sendo um dos representantes da Paraíba na Câmara Federal, como deputado.

Foi considerado um dos mais atuantes representantes paraibanos, sempre preocupado com os interesses da economia estadual, numa luta permanente em prol do desenvolvimento da Paraíba. Na busca pela obtenção de mais conhecimentos, estudou Administração nos Estados Unidos, o que lhe proporcionou mais conhecimentos para chegar a ser um vitorioso administrador. Por isso, ocupou cargos importantes, como, por exemplo, diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

**Francisco Teotônio Neto** (Teotônio Neto) faleceu no dia 02.07.2021, aos 102 anos, no Rio de Janeiro. Quando completou cem anos, numa entrevista ao Correio da Paraíba, ele demonstrou o seu amor pela vida ao afirmar:



Sempre experimentei da vida o melhor. Prefiro viver sonhando acordado, sempre feliz e lembrando de várias passagens da minha vida, em que fui feliz e sempre fiz o bem.” (Teotônio Neto – novembro/2018)

---

Durante todos esses anos de história, o jornal Correio da Paraíba, além de um órgão formador de grandes profissionais para imprensa paraibana, o que fez até parar de circular, nasceu com a experiência de competentes administradores e jornalistas.

Foram testemunhas do seu surgimento, nomes como Biu Ramos, Gonzaga Rodrigues, Soares Madruga, Dorgival Terceiro Neto (ex-governador e ex-prefeito de João Pessoa), Dulcídio Moreira, Luiz Augusto Crispim, Luiz Ferreira, Carlos Roberto de Oliveira, João Manoel de Carvalho, entre outros.



O jovem Severino (Biu) Ramos no início de carreira como repórter, nos anos 50

**Severino Ramos** (mais conhecido como Biu Ramos) foi um dos jornalistas/repórteres que marcaram época na redação do Correio da Paraíba. Foi em 1954, no dia 24 de agosto, o início de sua vitoriosa trajetória no jornalismo.

Naquele dia, começava a trajetória de um grande jornalista. Na mesma data em que o país vivia momentos conturbados, pois morria no Rio de Janeiro, Getúlio Vargas. E, é claro, o movimento e agitação eram enormes na redação do Correio, localizada na Rua Barão do Triunfo. E Biu, como era conhecido, viveu esse momento.

Foi um momento que marcou a vida do jornalista, na época muito jovem, e que, ao longo de sua atuação, desenvolveria um belo e eficiente trabalho por onde passou. Mas, foi no Correio da Paraíba onde Biu Ramos viveu boa parte de sua vida jornalística. Severino Ramos, conhecido no mundo do jornalismo como Biu Ramos, foi, além de jornalista, um grande escritor paraibano.

Faleceu no 28 de julho de 2018, aos 79 anos, em João Pessoa. Nasceu em uma usina no município de Santa Rita. Aos dezessete anos, como repórter, começou no jornalismo. Durante sua atuação, foi destaque no jornalismo radiofônico e impresso. Foi o primeiro correspondente do Jornal do Brasil em João Pessoa, durante dez anos, entre 1965 e 1975.

Também marcou sua trajetória como correspondente de importantes veículos do jornalismo impresso nacional, como o jornal Folha de São Paulo e as revistas Veja e Realidade. Foi primeiro diretor sucursal do Diário de Pernambuco, em João Pessoa, e chefe de redação da Secretaria de Comunicação do Governo da Paraíba, em 1967.



Bibi Ramos entrevistando o governador João Agripino



Numa solenidade em lado do governador Tarcísio Burity, com Tarcísio Cartaxo e Sebastião Barbosa

**Severino Ramos** foi responsável pela estruturação da área de comunicação institucional do governo, até hoje utilizada. Ocupou ainda a presidência da Rádio Tabajara, secretária de Cultura Esportes e Turismo da Paraíba e foi diretor-geral d'A União.

Não apenas jornalista, mas um grande escritor, Severino Ramos publicou oito livros, entre eles “Arca dos Sonhos”, em 1985, seu primeiro trabalho; “Crimes que abalaram a Paraíba”, “Memórias de um Repórter”, “O Mago de Catolé” (biografia do ex-governador João Agripino Filho), “A verdade de cada um”, “Era uma vez um boêmio – histórias e fantasias de mesa de bar” e a biografia do ex-governador Tarcísio Burity, intitulada “Esplendor & Tragédia”. Severino Ramos testemunhou os acontecimentos políticos da Paraíba nos governos de Pedro Gondim, João Agripino, Ernani Sátyro, Ivan Bichara, Tarcísio Burity e Ronaldo Cunha Lima.

**Carlos Roberto de Oliveira** foi uma referência no jornalismo paraibano. Além do jornalismo, foi destaque no segmento publicitário/*marketing*, chegando, durante muitos anos, a desenvolver importantes trabalhos. Ao lado do irmão Roberto Carlos de Oliveira, foi proprietário de uma das mais importantes produtoras da Paraíba, a **Chroma Comunicação**.



Por sua competência na área, integrou a equipe de governo das administrações Burity I e II, como Secretário de Estado da Comunicação e Diretor Presidente da Empresa Paraibana de Turismo – PBTur. Morreu aos 75 anos, após sofrer um infarto, no dia 30 de outubro de 2016.



**Dorgival Terceiro Neto** nasceu no município de Taperoá, cidade do Cariri paraibano, no dia 12 de setembro de 1932. Seu nome por inteiro seria Dorgival Vilar de Carvalho Neto, mas, como foi o terceiro da família, ficou com o prenome do avô, recebendo o sobrenome Terceiro Neto. Foi residir na cidade Patos em 1945, onde foi aprovado no antigo Exame de Admissão do Ginásio Diocesano da cidade. Começou o curso ginásial em 1946, concluindo-o em 1949. No ano seguinte,

mudou-se para João Pessoa. Na Capital, cursou o curso clássico, no Liceu Paraibano, concluindo-o em 1952.

Com passagem pela redação do Correio da Paraíba, Dorgival Terceiro Neto iniciou sua trajetória no jornalismo em 1954.

Foi redator no jornal A União, órgão oficial do Estado, onde permaneceria até 1963. No jornal, atuou ainda como redator-chefe, secretário e diretor eventual desse órgão de imprensa do Estado.

Filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime militar instalado no país em abril de 1964, após a deposição do presidente João Goulart (1961-1964). Com a ascensão de Ernani Sátiro ao governo da Paraíba em 15 de março de 1971, Dorgival Terceiro Neto foi nomeado prefeito de João Pessoa, cargo por ele ocupado até julho de 1974. Isto ocorreu por conta de sua escolha para o cargo de vice-governador na chapa encabeçada por Ivan Bichara Sobreira.

Jornalista, advogado, político, Dorgival foi ainda governador do Estado da Paraíba. Eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa em setembro de 1974, foi empossado no cargo em 15 de março de 1975. Em junho de 1978, foi transferido da Procuradoria Judicial do DER para a Procuradoria-Geral do Estado. Assumiu o governo da Paraíba em 14 de agosto do mesmo ano, quando o titular se desincompatibilizou para concorrer ao Senado. Ficou à frente do Executivo paraibano até 15 de março de 1979, concluindo seu mandato. Passou o cargo ao novo governador Tarcísio Buriti, que governou a Paraíba no período 1979-1982.

---

**Dorgival teve uma atuação destacada no jornalismo paraibano, passando pelas redações do Correio e A União**



**Soares Madruga** integrou também a primeira equipe do jornal Correio da Paraíba. Foi um nome que se destacou não apenas como jornalista, mas, ainda, como político. Nos anos 60, atuou como jornalista político. Foi redator da 'Tribuna do Povo' e do jornal 'A Notícia', este, uma publicação do Partido Social Democrata – PSD, dirigido por Juarez da Gama Batista.

Conhecedor da política, com experiência na esfera estudantil e já tendo ocupado cargo de secretário da prefeitura de sua cidade, Itaporanga, Soares Madruga comentava com clareza e competência. E isso chamou a atenção da direção do Correio da Paraíba, jornal comandado pelo sertanejo Teotônio Neto. Madruga foi convidado e aceitou assinar a coluna "Diário da Política", no jornal que começava a chamar a atenção dos leitores paraibanos.

Como político, teve uma brilhante atuação e foi um dos maiores nomes da política sertaneja, especialmente do Vale do Piancó. Seu primeiro mandato de Deputado Estadual teve início em 1974, pela Aliança Renovadora Nacional – Arena. Reeleito em 1978, nos quatro anos seguintes assumiu a liderança da Arena e do PDS nas administrações de Tarcísio Burity e Clóvis Bezerra.

Em 1983, Soares Madruga é novamente reconduzido à Assembleia Legislativa, desta feita assumindo, também, a presidência da Casa de Eptácio Pessoa, no biênio 83/84. Por conta disso, chegou a assumir o Governo do Estado, durante oito dias, de 24 a 31 de outubro, no período de administração de Wilson Braga. Soares Madruga, jornalista e político, faleceu no dia 14 de dezembro de 1989.



**João Bosco Gaspar** - Como afirmamos no capítulo sobre A UNIÃO, João Bosco tinha menos de quinze anos quando entrou pela primeira vez numa redação de jornal. Isso aconteceu em 1961. Ingressou no jornal A União com o apoio de Hélio Zenaide, que atendeu uma solicitação do amigo José Arnaud.

Foram três anos no jornal do governo. Mudou de casa. Foi para o Correio da Paraíba, atendendo convite do conterrâneo José Soares Madruga. Foram 34 anos no jornal de Teotônio Neto, onde Bosco Gaspar foi quase tudo no periódico.



Bosco atuou como repórter policial, repórter político, redator, chefe de reportagem, secretário de redação, editor-chefe e diretor comercial.

Ainda ocupou a superintendência das rádios Arapuan AM e FM e a diretoria comercial de todas as emissoras do Sistema sediadas em João Pessoa. Foi quase tudo! Na década de 70, foi eleito para a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba e ainda para diretor da Federação Nacional dos Jornalistas e da Associação Paraibana de Imprensa – API.

O jornalista João Bosco, um dos fundadores do Sistema Correio de Comunicação, de uma visão jornalística aguçada, num tempo de transformações no rádio brasileiro, pensou numa rádio Correio AM diferente, mais informativa. E isso resultou na implantação da CBN na Paraíba.

Bosco nasceu no dia 28 de maio de 1947, na então cidade de Misericórdia, hoje Itaporanga. Aprendeu a gostar tanto de sua cidade e sua gente, que, nos jornais onde escreveu e noutras publicações em que teve participações, sempre procurou divulgar as coisas e as pessoas da terra onde nasceu. João Bosco Gaspar faleceu no dia 06 de julho 2012.

## **Outros nomes**

Com o passar dos anos, foram surgindo outros nomes no dia a dia do Correio da Paraíba. Profissionais que se destacaram rapidamente, alguns que já se foram, e muitos, ainda hoje, são referências positivas no jornalismo paraibano. Nomes como Agnaldo Almeida, Deodato Borges e o filho, o quadrinista Mike Deodato, Humberto Lira, Pedro Moreira, Lelo Cavalcante, Ivan Bezerra, Pedro Moreira, Humberto Lira, Hildeberto Barbosa, Nonato Guedes, Fábio Cardoso, Luiz Otávio Amorim, Lena Guimarães, Thereza Madalena, Anco Márcio, \*Nonato Bandeira, Werneck Barreto, Marcos Tavares, Antônio Vicente, José Carlos dos Anjos, Djane Barros, Walter Santos, Marcela Sitônio, Heraldo Nóbrega, Walter Galvão, Francisco Gomes Roberto, Gisa Veiga, Nonato Bandeira, Adelson Barbosa, Gerardo Rabelo, Abelardo Jurema, Marcos Tavares, Rubens Nóbrega, Hélder Moura, Giovanni Meireles, Wellington Farias, Luiz Otávio Amorim, Jamarri Nogueira, Land Seixas, Heron Cid, Josival Pereira, Eduardo Carneiro.



Jornalista e radialista  
Luiz Otávio, faleceu em  
12.03.2001

**Luiz Otávio Amorim** - Muitos leitores paraibanos lembram os primeiros momentos de Luiz Otávio na comunicação, no jornal O MOMENTO, em João Pessoa. No semanário da Capital, ele era o responsável pela coluna LUIZ OTÁVIO INFORMAL.

Depois se transferiu para o jornal Correio da Paraíba, quando ainda pertencente ao empresário e político Teotônio Neto, em 1974. Hilton Motta, que pertencera aos Diários Associados, passou a dirigir a empresa e, como conhecia Luiz desde o Recife, convidou-o para integrar o Sistema.

Ele passou a compor a equipe do jornal e da Rádio Correio AM. A Redação, a oficina do jornal e os estúdios da emissora funcionavam na Rua Barão do Triunfo, nas proximidades do quartel do Comando da Polícia Militar.

Continuou no jornal, mas, no rádio, a sua primeira incursão foi criar um programa, inicialmente na Rádio Arapuan AM, nos moldes do que ele ouviu em Cajazeiras – DISCOTECA DINAMITE – comandado por Zeilto Trajano. Com o sucesso alcançado, Luiz Otávio passou a apresentar o seu programa na Correio AM e, logo após, também na 98 FM Correio. Foi na época de popularização das emissoras de FM, numa ideia do comunicador TONY SHOW, responsável por essas mudanças na radiodifusão estadual, especialmente na Capital.

Com telefone no ar e participação dos ouvintes e as entrevistas e debates ao vivo, O CORREIO DEBATE comandado por Luiz Otávio, passou a tomar conta da cidade, a partir do meio-dia até às 14:00 h. Com o Lula, como era carinhosamente chamado pelos companheiros de trabalho, trabalharam nomes inesquecíveis, como Biu Batista, Otacílio Trajano, Tião Lucena, Vinícius Henrique, João Costa, Murilo Macedo, Padre Abeni Galdino, Rui de Sousa, Francisco de Assis Silva (Coquinho), C. Rodrigues, Maurílio Jamarri e Professor União.

Luiz Otávio continuou escrevendo por muito anos sua coluna no jornal Correio, mas o programa de rádio foi que o fez um comunicador respeitado e até temido por alguns políticos. Suas opiniões eram fortíssimas!



**Nonato Guedes**, um paraense que veio estudar e residir na Paraíba, aqui constituiu família e atuou durante muitos anos com jornalista, não apenas no Sistema Correio, mas com passagens em assessoria de órgãos públicos do governo e do município de João Pessoa.

Foi assessor, também, na Assembleia Legislativa, do então deputado, Ricardo Coutinho. Na época, durante a administração Rômulo Gouveia, foi um dos responsáveis para criação da TV Assembleia, integrando a equipe encarregada para esse fim.

Deixando quase que definitivamente a redação, partiu para o campo político, chegando a ser vice-prefeito da Capital numa chapa encabeçada por Luciano Cartaxo. Mas, enquanto jornalista, foi um destacado nome da área de comunicação na Paraíba.



Marcela Sitônio



Gisa Veiga



Djane Barros



Nonato Guedes



Land Seixas



Hélder Moura



**Agnaldo Almeida** é uma presença brilhante na história do jornalismo paraibano, não apenas no jornalismo impresso, mas na comunicação como um todo. Atuou no Diário da Borborema, no Correio da Paraíba, em O Norte, A União, no Jornal da Paraíba e em O Momento.

Foi chefe de redação da revista A Carta, com edição semanal, e no jornal Correio da Paraíba. Nele trabalhou durante anos. Em 1971, saiu e, em 1975, foi para A União.

Sempre mereceu as atenções dos leitores, quer por seus lúcidos comentários, como também pelo equilíbrio e jeito respeitoso de fazer jornalismo. Um jornalista ético, acima e tudo.

Começou sua carreira jornalística na cidade de Campina Grande, sua cidade de nascimento, na década de 70. Falamos sobre ele na página dedicada ao jornal A União. Na televisão, teve uma presença marcante na TV Tambaú, durante quatorze anos, dela se despedindo em 15 de julho de 2010.

Tendo exercido as funções de comentarista político, redator e editor nos diversos meios de comunicação do Estado, Agnaldo foi ainda Assessor de Comunicação da Assembleia Legislativa Paraíba e do Governo do Estado.



**Rubens Nóbrega** é um dos mais acreditados jornalistas da Paraíba.

Um comentarista de assuntos gerais. Por onde passou, deixou sua marca, apresentando opiniões sérias e inteligentes.

É natural de João Pessoa, onde nasceu no dia 26 de abril de 1957.

Boa parte de sua infância e adolescência viveu na cidade de Bananeiras, na região brejeira paraibana. O motivo: seu pai, o professor Vicente Nóbrega (in memoriam), por dezesseis anos ministrou aulas no curso de Técnico em Agropecuária, no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, da Universidade Federal da Paraíba.

Rubens iniciou-se no jornalismo em 1973, como revisor na gráfica INTERPLAN, do jornalista Jório Machado. Nela era impresso o semanário O Momento, no qual atuou quando de sua versão diária.

Em duas oportunidades, Rubens integrou o jornal dos Diários Associados, O Norte, de 1974 a 1977, quando começou verdadeiramente no jornalismo. Mudou de casa, em 1977. Foi para o Correio, mas voltou aos Diários Associados no ano 1992.

Passou pela redação do jornal estatal A União e, no Correio da Paraíba, trabalhou durante três períodos, onde foi secretário de redação redator, editor e ombudsman. Aliás, Rubens Nóbrega foi redator, repórter, colunista, secretário de redação e editor, não apenas no Correio, mas nos principais jornais da Paraíba.

Ainda fez parte da equipe da Rede Paraíba de Comunicação, no período de 12 abril de 2011 ao mês de julho de 2017. Na rede, fez jornal, o Jornal da Paraíba impresso e na versão online, como colunista, durante cinco anos.

Atuou com destaque no rádio, nas rádios Paraíba FM/AM, que depois passariam a ser CBN. Destacou-se, também, nas revistas semanais A Carta, do inteligente Josélio Gondim, e A Semana, do inesquecível Neno Rabelo.

Com brilhantismo, integrou a equipe da Rádio Arapuan FM-João Pessoa, no período 1999/2003. Rubens Nóbrega é autor do livro “História da Gente”, lançado no ano de 2013. Afastado do impresso, o jornalista continua sua vida na comunicação com o seu Blog do Rubão, um dos campeões de acesso nas redes sociais.



**João Manoel de Carvalho** (*in memoriam*)

foi um dos mais conhecidos nomes do jornalismo paraibano. Durante muitos anos, foi colunista político, atuando nos jornais O Norte, Correio da Paraíba e Jornal Contraponto, este, por muitos anos editado semanalmente e do qual ele foi um dos seus principais dirigentes.

Na história da Paraíba, no período do governo militar, destacou-se, na década de 60 por sua dedicação às lutas e reivindicações das ligas camponesas.



**Anco Márcio de Miranda Tavares** foi um dos mais brilhantes jornalistas que já passaram pelos nossos jornais. Era humorista, um grande humorista. Pertencido a geração “Pasquim”, foi o primeiro e único paraibano a escrever e a ter um espaço de página inteira no periódico que fez sucesso no Brasil.

Era apaixonado pelo teatro onde trabalhou por muitos anos. Era irmão do também jornalista Marcos Tavares, falecido em 22.06.2020.

Trabalhou durante muitos anos no jornal Correio da Paraíba, além de ter atuado em todos os jornais de João Pessoa. Sua coluna, “Romance da Cidade”, era uma das preferidas dos leitores paraibanos.

Em rádio, Anco trabalhou por mais de vinte anos no rádio da Capital, tendo atuado em todas emissoras de AM e em duas de FM de João Pessoa.

Anco Márcio publicou sete livros – dois de humor e cinco de literatura infantil – além de ter escrito cerca de cinquenta roteiros de teatro. Em seu currículo, há ainda roteiros de esquetes para a “Praça da Alegria” e “Os Trapalhões”.

O jornalista Anco Márcio faleceu aos 68 anos no dia 21 de junho de 2013, em sua residência em João Pessoa, no bairro dos Bancários, em decorrência de sequelas de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), sofrido um ano antes.



**Ivan Bezerra de Albuquerque**, natural de Itabaiana, foi um dos destaques do jornalismo esportivo, tanto no impresso como no radiofônico. Por muitos anos, foi uma leitura obrigatória nas páginas do Correio da Paraíba, escrevendo e comentando sobre futebol.

No Correio, foi responsável pelo surgimento de novos nomes, que o substituíram nas páginas do prestigioso jornal pessoense, hoje fora de circulação. Pessoa Júnior foi uma dessas descobertas do Ivan, no jornal e no rádio. Pessoa, atuou também na Rádio Tabajara, ao lado do Buranha, apelido dado pelos colegas ao grande e inesquecível comentarista esportivo paraibano.





Franco Ferreira e Pessoa Junior foram destaque por muitos anos no colunismo esportivo do Correio da Paraíba

Outros nomes que devem ser destacados e que atuaram com Ivan foram Pessoa Junior e Franco Ferreira. Franco passou pela A União, estando hoje atuando na Rádio Tabajara.

Considerado um dos grandes nomes do jornalismo esportivo paraibano, Ivan foi editor do caderno de Esportes do Correio da Paraíba e comentarista esportivo da Rádio Tabajara. Como comentarista, também passou por outros veículos, como 'FM O Norte', 'Rádio Sanhauá' e, ainda, jornais 'A União' e 'Tribuna do Povo'.

Iniciou a sua carreira na comunicação esportiva em 1952, na Rádio Arapuan, com a interveniência de Arnaldo Júnior e Otinaldo Lourenço. Tempos depois, passou a integrar os quadros da Rádio Tabajara como comentarista esportivo, onde permaneceu até a sua morte. Ivan Bezerra nasceu em Itabaiana, em 25 de novembro de 1932 e faleceu no dia 10.05.2018, em João Pessoa. Era funcionário aposentado do Departamento de Estradas e Rodagens (DER).



**João Costa** é um dos nomes mais representativos do jornalismo paraibano. Nasceu em Pombal, terra que tem revelado grandes nomes para a comunicação no Estado.

Não é apenas um jornalista com passagem no jornalismo impresso. É também um teatrólogo dos mais conceituados e nome de destaque na história do rádio.

Seu João, como é chamado carinhosamente pelos amigos, começou sua história de

comunicador em 1969, aos dezesseis anos, na Rádio Voz da Cidade e, em seguida, na Lord Amplificador. Começou como operador de áudio, mas foi logo para o microfone, que sempre o seduziu.

Após essa rápida passagem na comunicação pombalense, João Costa se mudou para o Rio Janeiro. Lá ficou até 1975, quando retornou à Paraíba, não mais para Pombal, mas para João Pessoa, onde permanece até hoje.

Na volta, o caminho foi a universidade. A partir de 1978, buscou ampliar seus conhecimentos, cursando, inicialmente, Comunicação Social, curso que abandonou, trocando-o pelo de Letras. Nessa sua indefinição sobre o que realmente desejava, o irrequieto João Costa, buscou o curso de Direito, mas terminou ingressando na Educação Artística. Este, sim, talvez, um curso que mais se adequava a um homem apaixonado pelo teatro, área em que foi responsável pela produção de diversas peças.

Mas a sua peregrinação nesses cursos também serviu para que o então jovem natural de Pombal mostrasse sua visão política e de profunda preocupação para com os problemas estudantis e sociais, por sinal, num momento de grande tensão política que dominava o país, desde 1964.

Integrou o movimento estudantil comandado na época pela UNE, na gestão de Juan Rafael Alfaia e do então jovem Aldo Rebelo, que seria, anos depois, destacado nome da política nacional, além de ex-ministro da Defesa no Governo Michel Temer (2016).

Nos anos 80, viveu os primeiros momentos da Rádio Universitária da UFPB, uma emissora administrada pela Fundação Virgínius da Gama e Mello. Nesse período, João Costa, como funcionário da UFPB, era responsável pela área de divulgação (Imprensa) da universidade, que se transformaria em Assessoria de Comunicação, posteriormente, tendo como responsável o amigo Rubens Nóbrega que, também como editor do jornal Correio da Paraíba, o levaria, em 1986, a exercer a função de pouteiro.

“Mas, eu me integrei definitivamente ao Correio em 1987, quando fui editor setorial – Cidade, Política, Nacional e Internacional – além do Caderno Especial” – ressalta João Costa, que viveu o dia a dia do Sistema Correio, em dois períodos: o primeiro, de 1987 ao ano 2000, e o segundo, a partir de agosto de 2017, quando voltou para fazer parte apenas da Rádio Correio, após passagem pelo Sistema Arapuan de Rádio.

Destacou-se também no rádio como um dos comentaristas no programa ‘Correio Debate’, que foi uma das primeiras atrações radiofônicas

jornalísticas do horário do almoço, na radiofonia da Paraíba. João Costa lembra esse primeiro momento de programas de debates da Rádio Correio, uma época por ele vivida, durante vários anos ao lado do famoso radialista, Luiz Otávio (*in memoriam*).



**Hélder Moura** - Natural de Campina Grande, Hélder Moura começou no jornalismo no ano de 1983, tendo como uma grande escola o jornal Gazeta do Sertão, que retornou às bancas em sua terceira fase, através do idealismo de Edvaldo do Ó. No Gazeta, chegou a ocupar o cargo de editor-chefe, mas sempre com marcante atuação no colunismo político.

Mudou-se para João Pessoa, onde a partir de 1991 atuou como colunista político do jornal Correio da Paraíba. No Sistema Correio, além da atuação no impresso, despontou positivamente como apresentador de Televisão, no programa Correio Debate, na TV Correio-Rede Record.

Hélder Moura permaneceu até 2012, quando se transferiu para a Rede Paraíba de Comunicação. O jornalista e escritor Helder é integrante da Academia Paraibana de Letras, onde ocupa a Cadeira de no. 26, que pertenceu ao escritor Juarez Farias. Ele foi eleito para ocupar essa Cadeira na APL no mês de setembro de 2021. (Mais sobre Hélder, no capítulo Jornal da Paraíba).



**Abelardo Jurema** - No final dos anos 70, aos 23 anos Abelardo Jurema Filho estava chegando para residir em João Pessoa. Chegou e nunca mais saiu da cidade. Gostou do lugar, e o povo pessoense também o recebeu com carinho.

Nasceu no Rio de Janeiro no dia 12 de junho de 1952. É um carioca de Botafogo, agradável recanto da Cidade Maravilhosa. Mas, hoje é um paraibano de coração.

Chegou por aqui já com uma experiência no jornalismo, apesar de jovem e ainda cursando o terceiro ano de Direito. Havia trabalhado no Jornal de Brasília, uma referência no jornalismo impresso do país.

Não atuou apenas no jornalismo da Capital federal. Escreveu para jornais do Sul, Folha do Norte e A Verdade.

O jornal O Norte foi a primeira casa, um endereço onde desenvolveu um excelente trabalho, comprovado pelo tempo de atuação à frente da página “STATUS”, um colunismo social moderno, final dos anos 70 e início dos anos 80. Aliava a típica informação social – os aniversários, os casamentos, as festividades diversas da sociedade –, mas, também, informações de interesse geral do público leitor.

Nos Diários Associados, Abelardo Jurema não foi apenas isso; foi mais: assumiu com visão de administrador a incumbência de gerir como superintendente, a partir de 1º de janeiro de 1987, os destinos da segunda emissora de televisão da capital, a TV O NORTE, hoje, Televisão Manaíra.

Fez colunismo social no jornal O Momento, no Sistema Correio, nas emissoras de televisão Correio e RCTV (Canal) e no jornal Correio da Paraíba, que encerrou suas atividades. Como um multimídia atento, tem sua coluna nas redes sociais, no portal que leva o seu nome, além de fazer um programa na TV Master, diariamente.

Abelardo Jurema Filho, hoje integrante da APL - Academia Paraibana de Letras - é jornalista, colunista, advogado, escritor, empresário, defensor público estadual, publicitário e promotor de eventos.

Com mais de quarenta anos de jornalismo, é ainda dedicado ao segmento cultural, sendo autor de vários livros, entre os quais: Paraíba Feminina (1992), Paraíba Masculina (1997), Paraíba Sim Senhor! (2002), Cesário Alvim 27 - Histórias do filho de um exilado (2011), Na Janela da Cidade (2014) e A Casa das Letras (2022).



**Gerardo Rabelo** - Bem relacionado nos meios sociais, com muitas amizades entre os jovens da cidade, Gerardo Rabelo foi chegando, organizando festividades e sendo bem recebido pela sociedade. Ele foi um dos responsáveis pelo sucesso das noitadas da Boite do Elite, um dos principais restaurantes da orla de João Pessoa durante muitos anos. Era o point das noitadas pessoenses. “Eu era um jovem bem relacionado, conhecia muita gente. Fui convidado pelo pessoal

do Elite para promover os eventos da boite. E, deu certo” – afirma.

Também colaborou com a revista A CARTA, de Josélio Gondim, assinando a coluna “Gente”, quando resolveu aproveitar uma chance que surgiu com a implantação da TV CABO BRANCO. Buscou a vaga e ficou.

A partir daí, no começo dos anos 80, Gerardo foi colaborar com Abelardo Jurema, em O Norte, na coluna “STATUS”, onde passou quase três anos.

Resolveu mudar e procurar os seus espaços. A partir de 1986, mudou-se para o jornal O MOMENTO, no período em que este periódico passou a ser impresso diariamente.

Durante muitos anos, foi uma presença importante do telejornalismo da emissora, atuando no quadro “Gente Fina”, no extinto programa “PARAÍBA MEIO-DIA”. Comandou um programa radiofônico na Cabo Branco FM e passou a assinar uma coluna no Jornal da Paraíba.

Ao deixar a Rede Paraíba, seguiu em 1998 para a TV Tambaú, onde apresentou, por algum tempo o programa “Gente Fina”. Posteriormente, foi atuar no Sistema Correio de Comunicação, no jornal impresso e na RCTV.

Em 2019, antes do fechamento do jornal Correio da Paraíba, resolveu despedir-se da mídia impressa, após mais de trinta anos, retornando para a televisão.

Passou a comandar o programa “MUITO MAIS”, na TV Manaíra. Para Gerardo Rabello, foram muitos sucessos profissionais, sucessivas vitórias e, como ocorre com todos, de algumas dificuldades. Segundo ele, o afastamento do jornalismo impresso diário foi tão somente para se dedicar a novos projetos de comunicação. Além de comandar o seu programa na TV Manaíra, o Portal do Gerardo é uma opção diária para quem sempre o acompanhou no jornalismo impresso paraibano.



**Josival Pereira**, destacou-se no jornalismo impresso como editor de política no Correio da Paraíba, durante dez anos e, paralelamente, atuou na TV Correio. Trabalhou no portal Tambaú 247 e, no vídeo, comandou o programa Tambaú Debate, da TV Tambaú. No impresso, iniciou sua trajetória, em Cajazeiras, no jornal GAZETA DO ALTO PIRANHAS, em 1º.01.1999.

Jornalista e advogado, passou pela conhecida escola sertaneja das principais emissoras de rádio de Cajazeiras e Sousa. Atuou como correspondente do Jornal Correio da Paraíba na região sertaneja e foi apresentador do programa Correio Debate, na rádio 98 Correio FM. Afastou-se para assumir a Secretaria de Comunicação (administração Luciano Cartaxo).



O jornalista **Heron Cid**, integrou a escola sertaneja da comunicação. Passou pelas emissoras de Sousa. Mudou-se para João Pessoa, na “invasão sertaneja ao rádio da Capital”: rádio e jornal Correio/TV e Sistema Arapuan, no Rádio e Televisão. Um trabalho marcado pela seriedade de um bom e inteligente profissional, que usa as ferramentas das redes sociais para conversar e comentar o dia a dia da política.

Tanto Josival Pereira como Heron se destacaram positivamente no impresso, revelando-se como colunistas que sempre abordaram os acontecimentos da política com muita imparcialidade.

**Eduardo Carneiro**, natural de Mulungu, formou-se em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1995. Trabalhou no jornal A União, no Sistema Correio de Comunicação, Cabo Branco FM, na Revista Nordeste e no jornal O NORTE. Atuou como Secretário Executivo de Comunicação da Prefeitura Municipal de João Pessoa, além de tornar-se empresário no segmento da alimentação. O jornalista Eduardo Carneiro, morreu aos 51 anos, no dia 1º.05.2021, por complicações da Covid-19, em João Pessoa.



**Humberto Lira** um nome forte e importante do jornalismo policial, mas, ainda, do jornalismo noutros segmentos.

Começou em Campina Grande, onde o Diário da Borborema, a Rádio e TV Borborema e O Norte o prepararam para a difícil vida dos que fazem comunicação.

Veio para a Capital e, aqui, firmou o seu nome. Sua trajetória no jornal Correio da Paraíba começou em 1984, com as mudanças do controle acionário do Sistema, vendido ao grupo de empresários, Roberto Cavalcanti, José Fernandes e Paulo Brandão. O jornalista Humberto Lira encerrou sua atuação no jornalismo integrando a equipe do Correio da Paraíba onde, mesmo aposentado, trabalhou até 17 de julho de 2015. Ele é também citado no capítulo sobre o jornal O NORTE.



Humberto Lira com mais de quarenta anos no jornalismo paraibano, entre Campina Grande e João Pessoa, faleceu no dia 31 de agosto, vítima do Covid-19, aos 77 anos. Era natural de Umbuzeiro. O jornal Correio da Paraíba foi o periódico onde atuou por mais tempo.



**Luiz Carlos do Nascimento Sousa**, entre 2010 e 2014 foi um dos nomes de destaque na equipe do jornal Correio da Paraíba, além de exercer atividades no jornal O NORTE e no Sistema Paraíba, como editor das Televisões Cabo Branco e Paraíba, entre 1987/1998.

Luiz Carlos do Nascimento Sousa é formado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo pela UFPB e, em Direito pela Universidade Maurício de Nassau.

Durante sua passagem pelo Sistema Correio, Luiz Carlos trabalhou com nomes de destaque no jornalismo estadual, além de jovens valores egressos do Curso de Comunicação. Muitos ainda estão atuando no Correio. Vamos lembrar alguns nomes?

Sony Lacerda, José Carlos dos Anjos Wallach, Ainoã Geminiano Álisson Arruda, Thadeu Rodrigues, Haryanne Arruda, Adriana Rodrigues, Lidiane Gonçalves, Ana Maria Felipe, Renato Felix, Andréa Batista, Júlio Silva, Aline Martins (*In memoriam* - 18.09.2022), Franco Ferreira, Pessoa Júnior, Amanda Carvalho, Aline Guedes, Allan Hebert, Horácio Roque, Efigênia Mendonça, Felipe Ramelli, Pessoa Junior, Lays Rodrigues, Nayanne Nóbrega, Astier Basílio, Renato Félix, Thiago Casoni, Anne Macedo, Mislene Santos, Edilma Mota, Angélica Lúcio, Andréa Batista, Fernando de Oliveira, Nelma Figueiredo, Marcelo Rodrigo, Michelle Sousa, Fábio Cardoso, Renata Ferreira, Alysson, Jamarri Nogueira, Stanley Talião (fotógrafo) e Elenildo do Nascimento.



Mislene, atuou no rádio e no impresso



Haryanne, uma década no jornal e na televisão



Elenildo é fotógrafo na Câmara Municipal



### **Ninguém jamais o esquecerá!**

**Paulo Brandão** era sócio proprietário do Sistema Correio de Comunicação. Foi assassinado no dia 13 de dezembro de 1984. Rajadas de metralhadora ceifaram a vida do empresário e jornalista, num episódio que manchou enormemente a história jornalística da Paraíba. Paulo Brandão tinha 35 anos, quando foi assassinado.

Nasceu no Rio de Janeiro. Era filho de Paulo Brandão Cavalcanti e Maria Gracinete Campos Brandão Cavalcanti. Criou-se no Recife, onde se formou em Direito, mas tinha uma forte vocação para a área de economia e finanças, tanto que escrevia bons artigos sobre esses temas nas páginas do Correio. Do casamento com Maria Taciana Melo Brandão Cavalcanti, teve dois filhos: Maria Tereza e Paulo Brandão Cavalcanti Neto.



**Regirlene Rolim Guimarães**, conhecida nos meios jornalísticos por Lena Guimarães, foi um dos mais destacados nomes do nosso jornalismo nas últimas décadas.

Natural de Cajazeiras, integrou uma família fundadora de cidade. Veio residir em João Pessoa e em pouco tempo brilhou no jornalismo, ocupando funções de destaque.

Foi tudo no jornalismo impresso: repórter, redatora e chefe de reportagem do jornal A União, editora de cultura, cidades, de economia e de política do Correio da Paraíba. Ainda ocupou a editoria-geral do jornal O Momento e foi repórter regional da Folha de São Paulo e do Jornal do Brasil. Lena Guimarães teve, ainda, a responsabilidade de implantar o jornalismo na TV Correio. Foi no Sistema Correio que viveu mais tempo, sendo considerada um dos expoentes da equipe dessa empresa de comunicação.

Há alguns anos, Lena mantinha uma coluna no jornal Correio da Paraíba, tida como uma leitura diária para os segmentos, empresários, intelectuais e políticos do Estado. Foi ainda Secretária de Comunicação do Estado, no governo José Maranhão (2009-2010).

Em maio de 2019, a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) concedeu, por unanimidade dos seus integrantes, a Medalha de Mérito Jornalístico a Lena Guimarães, como reconhecimento à sua atuação no jornalismo paraibano. Lena faleceu no dia 18 de novembro de 2019.



O jornalista **Walter Santos**, começou cedo sua carreira. Passou pelos jornais Correio da Paraíba, O Momento, O Norte e A União. Neles sempre se destacou como um bom profissional.

Diversas posições nos quadros do jornalismo impresso marcaram a presença desse grande jornalista na comunicação paraibana.

Na Paraíba, foi o primeiro a acreditar nas redes sociais e investir nelas. O seu WSCOM, hoje acreditado e lido, foi o primeiro passo na REDE.

Depois veio a revista Nordeste, projetando não apenas o seu nome como jornalista, mas colocando o nome da Paraíba no cenário nacional. Nos capítulos A União e Jornalismo Impresso – Revistas, destacamos a trajetória de Walter Santos, um dos bons valores da nossa imprensa, como jornalista e empresário.



**Edson Verber** começou na comunicação em Cajazeiras, uma terra de grandes jornalistas. O início foi no rádio, como um operador de áudio de muita categoria. Depois partiu para a redação nos informativos da emissora, a Difusora Rádio Cajazeiras. Veio morar em João Pessoa e mudou para o impresso.

No jornalismo, Verber atuou com nomes que sempre serão referências no jornalismo. Os leitores sempre se lembrarão desses nomes que fizeram o dia a dia da notícia, muitos não apenas no Correio da Paraíba, mas, também, noutros periódicos: Petrônio Torres, Roelof Sá, Geordie Filho, Janaína Araújo, Agenilson Santana, Marly Lúcio, Augusto Magalhães, Goretti Zenaide (in memoriam), Zé Marques, Fábio Bernardo, Kubi Pinheiro, Lidiane Gonçalves, Sérgio Botelho, Hermes de Luna, Henriqueta Santiago, Luiz Conserva, Patrícia Teotônio, Fernando de Oliveira, Assuero Lima, Stanley Talião, Nalva Figueiredo, Sebastian Fernandes, Paulo Maia, Romildo Lourenço, Jorjão, Klécio Bezerra, Ricardo Araújo, Vlamir Lima e Francisco Augusto.



**Kubitschek** - Nascido em São José de Piranhas, o jornalista Kubitschek Pinheiro é um dos muitos sertanejos que aportaram em João Pessoa, conseguindo se firmar no jornalismo paraibano como um dos seus maiores expoentes. Chegou à Capital em 1975 e passou pelos seus principais jornais: O Norte, O Momento, A União e Correio da Paraíba foram seus endereços de atuação profissional, sempre exercida com muita competência. Com o Correio parando as suas impressoras, onde por sinal Kubi colaborava na página de cultura, ele não parou. Buscou novo espaço e caiu no lugar certo.

Kubitschek, com os seus inteligentes textos, caiu de vez na REDE, abraçando um dos projetos mais sólidos do jornalismo digital da Paraíba – o Portal MaisPB – do jornalista Heron Cid, seu diretor-geral. Os internautas, antigos leitores do Kubi, agora têm a oportunidade de acompanhá-lo na coluna do menu de opinião do Portal, projeto por ele coordenado, com reportagens sobre literatura, música e cultura. “A COLUNA DO K”. Cá para nós, ótima!



**Adelson Barbosa** foi uma das boas referências que se pode ter no jornalismo. Fez o curso de Comunicação Social – Jornalismo, na UFPB. Atuou no jornal O Combate, em 1989, onde foi editor, atuando ao lado de nomes representativos do jornalismo paraibano.

Foram seus amigos de redação: Jório Machado, Maria José Limeira, Cristiano Machado, Oduvaldo Batista, entre tantos outros nomes de destaque do jornalismo. Após passar numa seleção para repórteres e redatores, em 1988, no jornal Correio da Paraíba, trabalhou ao lado de grandes valores do jornalismo impresso, entre eles Rubens Nóbrega e Walter Galvão, na época chefe de reportagem do jornal.

Por gostar de ser repórter, o destemido jornalista sempre foi escolhido para pautas importantes e até perigosas. Por conta disso, dessas pautas bem ‘carregadas’, como afirma o jornalista Rubens Nóbrega, num dos seus artigos (Blog do Rubão – 28.06.2020), “virou refém de um truculento deputado paraibano”.

Como repórter e editor de páginas, Adelson destacou-se no Correio da Paraíba como editor político. Sua atuação como jornalista também foi além da Paraíba. Atuou como correspondente do jornal Gazeta Mercantil, de Pernambuco e da Revista Piauí.

Adelson Barbosa faleceu aos 58 anos, em 27.06.2020. Estava acometido de um câncer no cérebro, que provocou uma parada cardíaca.



### **Marcus Aurelius de Mendonça Cavalcante**

- Simplesmente LELO, carinhosamente assim chamado pelos amigos, Marcus Aurélius foi um jornalista muito querido no ambiente jornalístico paraibano. Atuou por muitos anos no jornal Correio da Paraíba, nas décadas de 1970 e 1980.

No Governo Burity II, que teve início em 1987, integrou o time de jornalistas do governador, comandado por Martinho Moreira Franco. Lelo atuou no jornal O COMBATE, em sua terceira fase (1988), como colunista político.

O rádio também foi um dos caminhos percorridos por LELO, na Rádio Sanhauá, onde comandou o programa PARAÍBA EM FOCO. Nos anos 1990, coordenou a assessoria de imprensa do Comando-Geral da Polícia Militar. Nos últimos anos de sua vida, vivendo mais na tranquilidade de sua granja, no município de Pedra de Fogo, onde morava sozinho, o querido jornalista trabalhava no seu próprio site.

Foi na calma do campo que Marcus Aurelius silenciosamente partiu. Morreu no silêncio da noite, no dia 28.09.2021, quando dormia, vítima de um traiçoeiro infarto, segundo os laudos médicos.



**Hermes de Luna** já atuou em todos os grandes jornais do Estado, entre eles o Correio da Paraíba. Sua carteira profissional tem registro de 30 de janeiro de 1986. Registro de um jornalista de fato e de direito. Hermes é formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

São quase quarenta anos na comunicação da Paraíba, em televisão, rádio e portais de notícias – podemos afirmar – de um jornalismo político, respeitado e acreditado.

No impresso, tudo começou no jornal O Momento, quando este passou a circular diariamente em 1986, e para onde foi atendendo o convite do amigo Ivo Marques. Os jornais O Norte e A União foram importantes na sua passagem e formação na comunicação impressa.

No jornalismo televisivo, ele iniciou atendendo a um convite Alexandre Jubert, um dos diretores do Sistema Correio. Aceitou o convite e aprovou! Hermes foi um dos cinco finalistas do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, em 2002, atuando no programa “Correios Cidades”, da TV Correio de João Pessoa. Hoje, continua na TV, ancorando um programa político de notícias e entrevistas, no horário do almoço, o “CORREIO DEBATE”.

Os assuntos da política sempre chamaram sua atenção. “Foi pelas mãos de Lena Guimarães que me tornei colunista político, há muito tempo” – ressalta Hermes. Para ele, suas experiências em todas as mídias foram e são muito gratificantes. Ficou triste com a paralisação do jornal, mas continua fazendo jornalismo, agora na TV e redes sociais, onde mantém o Blog Hermes de Luna – Poder, Política & Cia.

Mas, também, mostrou a sua capacidade jornalística em assessorias. Foi muito atuante na coordenação de comunicação da Assembleia, nas gestões dos deputados Nominando Diniz, Gilvan Freire e Arthur Cunha Lina.

Substituiu o jornalista Agnaldo Almeida, no período administrativo de Cunha Lima, quando dedicou sua atenção aos importantes projetos “Memória da Assembleia Legislativa” e “Testemunhos da História”, produzidos pela TV Assembleia, que marcaram positivamente sua passagem à frente da Coordenação de Comunicação da Casa de Epitácio Pessoa.

---

**Hermes de Luna, após uma passagem exitosa no jornalismo impresso, destaca-se atualmente como um dos mais acreditados nomes da televisão paraibana, comandando o Correio Debate**





**Sony Lacerda**, integrou o último conselho editorial do jornal, com apoio de destacados e conhecidos jornalistas e colaboradores, como Gilberto Lopes, Dom Manoel Delson, José Carlos dos Anjos Wallach, Clóvis Roberto, Damásio Dias, Eliz Monteiro, Fábio Cardoso, Lílian Moraes, Renato Félix, André Gomes e Pessoa Júnior.

Como colunistas e colaboradores, destacaram-se, nas páginas do Correio da Paraíba, nomes como, Adriana Rodrigues, no Informe, Flávio Ricco (Televisão), Regina Rodrigues Bôtto Targino, Onélia Queiroga, Pr. Estevan Fernandes, Francisco Rosendo Rodrigues, Marcos Pires, Mário Tourinho, José Leite Guerra, Édson Verber, Messina Palmeira (Turismo e Lazer), Sandra Bastos, Eloísa França, Fábio Cardoso, Gabriel Botto, Franco Ferreira e Pessoa Júnior (Esportes), Abelardo Jurema (Social), Anchieta Maia (Social), Celino Neto (Social), Josinaldo Apolinário, Ivo Sérgio Borges, Renato Félix, Lucilene Meireles e Maria das Graças Santiago. No quadro de redatores, a equipe do Correio da Paraíba contou com nomes expressivos, como Renata Fabrício, Cassiana Ferreira, André Luiz Maia e Ellika Gomes.



Celino Neto



Adriana Rodrigues



José Carlos A. Wallach



Messina Palmeira



André Gomes



Pr. Estevan Fernandes



Marcos Pires



Onélia Queiroga



Mário Tourinho



**Uma imagem de 05 de agosto de 2013**

A editora do jornal Correio da Paraíba, Sony Lacerda, com amigos do querido jornal. Pessoa Júnior, Mislene Santos, Amanda Carvalho, Humberto Lira, Adelson Barbosa, Luiz Carlos do Nascimento, Walter Galvão, Edson Verber, Damásio Dias, Aline Guedes, José Carlos dos Anjos Wallach, Horácio Roque, Lílian Moraes, Fábio Cardoso, Lucilene Meireles, Anne Macêdo, Thiago Casoni, Haryanne Arruda, Luiz Conserva, Anne Macedo. Alguns nomes fugiram ao nosso controle, mas a quem estiver na foto e não teve o nome citado, as nossas desculpas.

## Últimos Anos

O jornal Correio da Paraíba contou, nos seus últimos anos de circulação, com uma equipe de dirigentes experientes, razão pela qual, apesar das dificuldades enfrentadas pelo jornalismo impresso, suportou por um bom tempo a crise que tomou conta desse segmento da comunicação no Brasil e no mundo. Mas, apesar dos esforços, não foi o suficiente para suportar por mais tempo.

A Presidência do Sistema Correio conta com um dos grandes executivos da Paraíba nos últimos tempos, Roberto Cavalcanti. Na diretoria do jornal, o Sistema contou até o encerramento de suas atividades com os seguintes diretores: Roberto Cavalcanti, José Fernandes, Beatriz Cavalcanti Alexandre Jubert.

### Diretores



Roberto Cavalcanti



José Fernandes



Beatriz Cavalcanti



Alexandre Jubert

## O último expediente

Paraíba | Sábado, 04 de Abril de 2020

---

# CORREIO DA PARAÍBA

Propriedade da Empresa Jornal Correio da Paraíba Ltda.  
Av. Dom Pedro II, 623 - CEP 58013-420 - João Pessoa - Paraíba  
Fundado em 1953 \* Filiação à ANJ e ao IVC

<b>Alexandre Jubert</b> Superintendente	<b>José Fernandes</b> Diretor Geral	<b>Beatriz Ribeiro</b> Diretora Executiva
<b>Sony Lacerda</b> Editora Geral	<b>Ricardo Ramos</b> Diretor Comercial	<b>Eribaldo Couto</b> Diretor Administrativo

---

CONSELHO EDITORIAL  
Sony Lacerda, Gilberto Lopes, José Carlos dos Anjos Wallach, Clóvis Roberto, Damásio Dias,  
Eliz Monteiro, Fábio Cardoso, Lilian Moraes, Renato Félix, André Gomes, Pessoni Junior

---

A capa do último exemplar

# CORREIO DA PARAÍBA

ORGANIZAÇÃO: FÍSICA E QUÍMICA

IMPRESSÃO: SÉRIAS, S/A. RUA DA BARRAGEM, 1300 - JARDIM BOTÂNICO - RECIFE, PE - 51100-000. FONE: (51) 3442-1111. FAX: (51) 3442-1112. E-MAIL: CORREIO@CORREIO.PB.COM.BR

## Aplicativo vai cadastrar para 'coronavoucher'

Os beneficiários poderão fazer um aplicativo lançado pelo Centro Econômico Federal que gerará um código de acesso para receberem a ajuda financeira emergencial, de R\$ 600 ou de R\$ 1.200 por mês, nas próximas semanas. O aplicativo também lançará uma página no Internet e outro central de atendimento telefônico para tirar dúvidas e a realização do cadastro. O próprio aplicativo também se conectará aos bancos para as operações exigidas, pelo fato de ser eletrônico e não físico.

15/05/2020 17:46:07



### Solidariedade na veia

Primeira contra mortalidade de doadores de sangue. Contingente de doadores para o mês de maio.

### PB realiza 45 testes rápidos da Covid-19 a cada dia

77 pontos de atendimento foram abertos em todo o Estado para realização de testes rápidos para o novo coronavírus. A rede de atendimento foi criada pelo Centro de Diagnóstico e Referências Epidemiológicas do Estado da Paraíba, em parceria com o Instituto de Saúde do Estado da Paraíba.

15/05/2020 17:46:07

### Prazos para recolher INSS e FGTS são prorrogados

Em decorrência da situação de emergência decorrente da pandemia de COVID-19, o prazo para recolhimento de INSS e FGTS foi prorrogado até o dia 31 de maio de 2020. O prazo para recolhimento de INSS e FGTS foi prorrogado até o dia 31 de maio de 2020.

15/05/2020 17:46:07

**CORREIO DA PARAÍBA**

**Uma história de lutas, conquistas, resistência e muitas vitórias.**

15/05/2020 17:46:07

**Quarentena.** Partidos se reúnem para garantir filiação e reforçar laços entre eleições municipais

15/05/2020 17:46:07

**Pleito municipal.** Unificação das eleições em 2022 deve ocorrer no mês de setembro

15/05/2020 17:46:07

**Compensação.** Governo mantém medidas fiscais de circulação e comércio fechado até dia 15

15/05/2020 17:46:07



### Aumenta circulação

Com o fim da quarentena e a retomada das atividades econômicas, a circulação de pessoas e veículos nas ruas da cidade aumentou significativamente. O comércio também voltou a funcionar normalmente.

### Pandemia faz Terra tremer menos, dizem cientistas

Estudo divulgado por cientistas da Universidade de Cambridge afirma que a pandemia de COVID-19 reduziu o número de terremotos registrados em todo o mundo. Isso ocorre devido à redução da atividade sísmica causada pela diminuição da circulação de veículos e pessoas.

**Juntos vencemos a Covid-19**

15/05/2020 17:46:07

**15 de maio**

15/05/2020 17:46:07

## CORREIO DA PARAÍBA

### Uma história de lutas, conquistas, resistências e muitas vitórias

Aos 05 de agosto de 1953 nascia um dos filhos do visionário e criativo líder político e empresarial Teotônio Neto: a empresa Jornal Correio da Paraíba Ltda. Durante estes 66 anos de longa existência, enfrentou todas as adversidades inerentes a uma empresa fruto da iniciativa privada. Conviveu e superou com galhardia dezenas de planos econômicos implantados em nosso País. Foi obrigado a ajustar seu planejamento financeiro em decorrência da adoção de muitas moedas. Liderou campanhas em prol de causas em defesa da Paraíba, dentre elas o combate sistemático e efetivo à corrupção. Pagou um preço imensurável com o sacrifício do seu diretor Paulo Brandão Cavalcanti, que, morto, tornou-se mártir dessa causa.

Ao longo desses 66 anos, prestou um serviço ao público leitor pautado pela ética e paixão. Divulgou e alavancou a economia da Paraíba veiculando publicidades em todos os campos econômicos através de espaços e cadernos especializados. Recebeu por parte de toda a população paraibana o reconhecimento pelo seu histórico trabalho. Foi carinhosamente recebido na intimidade dos seus valorosos assinantes. Enfrentou com sucesso, mantendo-se atualizado e atuante, os ajustes decorrentes de mudanças mundiais que atingiram o universo da comunicação, principalmente a mídia impressa. Manteve-se líder incontestado com sua circulação diária, aferida pelo IVC, por décadas seguidas. Nos últimos anos resistiu como o único jornal diário privado em circulação no nosso Estado.

Porém, o estado de calamidade que assola o mundo e o nosso País, já reconhecido pelo Congresso Nacional por meio do decreto legislativo número 6, de 20 de março de 2020, e também em razão dos decretos do governo do Estado da Paraíba números 40.134 e 40.135, que suspenderam o funcionamento de estabelecimentos comerciais, impediram a venda comercial e a distribuição jornalística, inviabilizando desta forma o funcionamento do Jornal Correio. Diante disso, comunicamos a todos os colaboradores vinculados à referida empresa, aos nossos leais leitores, assinantes, prestadores de serviços e ao público em geral que estamos encerrando nossas atividades neste sábado, dia 04 de abril de 2020. Ao povo paraibano, leitores, colaboradores, clientes internos e externos, nossa palavra hoje é GRATIDÃO por terem sonhado nossos sonhos e acreditado em nós. Um novo tempo se inicia. Novas histórias iremos construir juntos. Que Deus ilumine e proteja todos nós.





## O Momento



A história do jornal O Momento começou em 1973, estendendo-se até 1991. O seu fundador, **Jório de Lira Machado**, foi um dos mais combativos jornalistas que a Paraíba já conheceu.

Jório de Lira Machado nasceu em Teixeira, mas viveu maior parte de sua vida na Capital do Estado.

Jório faleceu em 21 de julho de 2003, num hospital de Campina

Grande, trinta dias após sofrer um acidente automobilístico na BR 230, no trecho Patos-Santa Luzia.



O Momento chegou às bancas, num período efervescente da vida jornalística do jornalismo impresso paraibano.

Foi numa época em que o Estado contava com jornais bem atuantes no dia a dia da Paraíba: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, em Campina Grande; Correio da Paraíba e O Norte, em João Pessoa, ambos já não mais em circulação, e este último, na época, o impresso de maior circulação na Paraíba.

‘O Momento’ surgiu com muita força e com circulação semanal, conseguiu em pouco tempo marcar época no jornalismo do Estado, especialmente de João Pessoa.

Sua atuação foi marcada pela coragem, determinação e a necessidade de esclarecimento dos fatos para a sociedade pessoense. O seu fundador, Jório Machado, foi um jornalista que marcou sua participação pela defesa dos problemas sociais do seu tempo, sendo por isso merecedor da simpatia e reconhecimento dos paraibanos. O Momento representou o ideal de um jornalista valente e destemido.

No jornalismo, a atuação de Jório foi das mais importantes. Ele foi tudo! Revisor, repórter, redator, redator-chefe, chefe de reportagem, secretário de redação e tradutor de mensagens telegráficas. Foi fundador

d'O Momento (dono do jornal) e responsável pelo retorno do jornal O Combate, o qual também destacamos neste trabalho. Foi, ainda, professor de Direito da Universidade Federal da Paraíba e, como não poderia deixar de ser, do Curso de Comunicação Social, \*Habilitação Jornalismo.

A vida jornalística de Jório de Lira Machado também é marcada por sua atuação em órgãos da imprensa de prestígio nacional. Ele pertenceu aos quadros do Jornal do Brasil, durante sete anos; à UPI - United Press International, por três anos, e à famosa revista Manchete, também por três anos.

No serviço público, Jório Machado ocupou a Superintendência do jornal A União, no segundo mandato do Governador Tarcísio Burity e as destacadas posições de Secretário de Justiça e Cidadania, no governo de Antônio Mariz; Secretário de Comunicação Institucional, e Consultor Jurídico no governo Maranhão I e II.



### Depoimento

Sobre o início de Jório no jornalismo, podemos destacar neste trabalho um depoimento dado sobre ele por parte do jornalista **Sérgio Botelho** (Blog do Botelho 25/01/2018), quando afirmou:

“Sobre Jório de Lira Machado posso dizer que sua vida começou dentro de jornal. Aos dezesseis anos já frequentava as redações dos matutinos O Norte, A União e Correio da Paraíba, em João Pessoa.”

Sobre O Momento, o jornalista Sérgio Botelho faz um comentário bem interessante, que eu faço questão de reproduzir.



**O Momento, que pontificou na chamada mídia impressa durante boa parte da década de 70 e início dos anos 80, empreendimento do jornalista do jornalista Jório Machado, nasceu debaixo de pompas e circunstâncias, em 1974, na festejada boate O Circo, localizada na Av. Ruy Carneiro, que era uma empreitada no campo do lazer pessoense, idealizada por gente muito amiga de “Jorinho”, nas pessoas de Adalberto Barreto e Pedro Santos”.**

---

E todos que estavam na festa de lançamento, naquela noite foram surpreendidos com a primeira edição de O Momento, inclusive com a solenidade, que ali se realizava devidamente registrada na primeira página do novo jornal. Um grande avanço para a época.

Muito envolvido com os movimentos sociais, inclusive como um dos membros da Frente de Mobilização Popular, que ajudou a fundar Ligas Camponesas, Jório foi ainda um batalhador pela reforma agrária, na década de 60. Os defensores dessa ideia terminaram por serem fichados como agitadores e comunistas, que procuravam com isso subverter a ordem instituída da época. Jório, como jornalista, viveu intensamente os opressores momentos do período militar.

O jornal do querido jornalista Jório Machado foi de uma influência significativa no cenário político da década de 70. A prova disso: o editor e proprietário do periódico foi eleito então PMDB, em 1982, deputado estadual. A atração política o levou a se candidatar pelo PMDB como candidato a deputado estadual. E foi eleito. Foram 15 mil votos, quase dez na capital (João Pessoa), cujo número de eleitores chegava aos 80 mil. Uma votação espetacular, que demonstrou o carinho do povo pela atuação do jornalista. Exatamente, com pouco mais de oito mil sufrágios, Jório conquistou dez por cento dos votos da cidade.

A Opressão dos Quartéis e Resistência ao Medo, foram livros que marcaram a história desse grande e saudoso jornalista, onde ele retratou com fidelidade, o período opressor de sua época, quando esteve preso em Fernando de Noronha, Recife e João Pessoa, justamente por seus ideais em defesa da democracia” - finaliza Sérgio Botelho.

### **Bons Momentos**

O Momento circulou semanalmente, com impressão em gráfica própria, localizada em prédio que ainda hoje existe, na esquina da Praça Dom Adauto com a rua Joaquim Nabuco, que dá acesso ao bairro do Roger. Aliás, a gráfica do jornal serviu para a impressão de inúmeros tabloides da chamada imprensa alternativa de nossa Capital, cujo trabalho era desenvolvido por jovens jornalistas da época. Isso ocorreu, por volta de 1974, quando o jornal impresso local, nos primeiros anos com as modernas impressoras em offset vivia um dos seus melhores momentos.

Foi a partir da metade da década de 70 que O Momento registrou em suas páginas um exitoso período do colunismo social, repercutindo os fatos da sociedade paraibana, especialmente a pessoense. Heitor Falcão foi um dos nomes da época. Mais conhecido como Agá, este fundaria, depois, o seu próprio jornal, que levaria o seu nome Jornal de Agá.



O Momento, também teve como colunista o jornalista e radialista **Luiz Otávio**. Posteriormente, esse mesmo Luiz Otávio Amorim (seu nome completo) fazia sucesso não apenas em sua coluna diária no jornal Correio da Paraíba, mas, também, na da Rádio Correio AM/FM-98. Ressalte-se que o conhecido jornalista começou no Sistema Correio, já período em que essas empresas ainda pertenciam ao empresário e político Teotônio Neto.



**Astrid Bakke** também integrou a equipe do jornal Momento. “Fui convidada pelo jornalista Jório Machado para assumir a coluna social do jornal, substituindo o amigo Abelardo Jurema, no que aceitei de imediato” – afirma Astrid, que atua no colunismo social há mais de quarenta anos.

Desde 2012, ela comanda o programa “Estilo A”, na TV MASTER, projeto desenvolvido por ela, Alex Filho e o amigo Juarez Guedes.

### **Nonato Nunes: Do balcão de uma farmácia à mesa de redação**



Natural de Santa Rita, mas com uma forte ligação com a cidade Guarabira, cidade onde residiu e trabalhou por muitos anos, **Nonato Nunes** é jornalista e escritor. Ele afirma que entrou no jornalismo por acaso. Diz que, em 1984, trabalhava no ramo de farmácia, em Guarabira. E destaca: “Certo dia lá apareceu o diretor da Rádio Cultura de Guarabira, o jornalista Humberto Araújo. E, enquanto eu o despachava, ele me fez o convite para fazer um teste na emissora”.

Segundo Nonato, Humberto disse saber do seu gosto pela leitura, acreditando, por isso, vê-lo com capacidade suficiente para ingressar no jornalismo radiofônico. Nonato afirmou ter amarelado, mas aceitou o convite. Dias depois, o amigo reaparece na farmácia, reforça o convite e, no dia seguinte, Nonato foi à redação da emissora – a Rádio Integração do Brejo – para fazer o “temido” teste.

“Fui muito mais com a certeza de que faria o teste, seria reprovado, e pronto! Nunca mais se falaria no assunto. Mas deu tudo diferente do que eu pensei. Apesar de nem saber para onde iam as técnicas de jornalismo, salvo por uma orientação rápida dada pelo próprio Humberto, fui para a máquina de escrever, datilografei algumas coisas, e pronto! Fiquei aguardando a reprovação por parte do mestre. E qual não foi a minha surpresa quando Humberto leu o texto, olhou para mim e fez a pergunta: Tens certeza de que nunca fizeste jornalismo? E, depois desse momento, lá se vão 35 anos de profissão”.

Nas mais de três décadas, Nonato Nunes passou pela Rádio Sanhauá, como redator, onde trabalhou durante um ano. Ao deixar a emissora, ingressou no jornal “O Momento”.

Primeiro, atuou como repórter de Geral, passando depois para a reportagem de política. Meses depois, o homem que dizia somente entender de farmácia foi promovido a editor de política. Ficou na função até o encerramento das atividades do mesmo jornal. “Passei por outros meios impressos. Ao final, porém, resolvi desenvolver outras atividades dentro do jornalismo, como, por exemplo, escrever livros, artigos e colaborar com algumas revistas paraibanas (“Tribuna – A Revista dos Municípios”, e “Espaço Ecológico”), escrevendo sobre temas diversos. UMA OBSERVAÇÃO PERTINENTE: sou apaixonado pelos impressos” – finaliza Nonato Nunes, um dos melhores textos do jornalismo paraibano.

O jornalista e escritor, Nonato Nunes já publicou os seguintes livros: A Câmara de Filipeia (1997) O legislativo em Verbetes (2004); Os Filhos da Virgem - O nascimento de Cristo à luz da razão (2008); João Pedro Teixeira - Um mártir do latifúndio (2013); Curiosidades das Copas (2014); Guarabira - Missão, vila, cidade - 1603-1887 (2015); Bandeira de Sangue - Nem heróis, nem vilões (2020).



## O Fotógrafo e o Impresso

Muitos repórteres fotográficos passaram pelo jornal O Momento. Um deles foi **Mirson Ribeiro**, bom não apenas com o manejo das lentes fotográficas. Ele também integrou a primeira equipe de cinegrafistas da TV O NORTE, hoje TV Manaíra. Nos anos 80, quem atuava atrás da câmera, segundo Mirson, era conhecido como camera-man.

Djalma de Góis, Antônio David e Antônio Ortilo também foram nomes importantes como repórteres fotográficos na história do jornal O Momento. Ambos tiveram passagens por outros veículos impressos de João Pessoa

Djalma de Góis, por exemplo, teve uma brilhante passagem pelo jornal Correio da Paraíba, com participações através imagens fotográficas de eventos jornalísticos importantes em nosso Estado. Foi responsável, ainda, por flagrantes fotográficos que valorizaram grandes reportagens não apenas n'O MOMENTO, mas em outros jornais da Capital. Djalma de Góis, um grande nome da fotojornalismo. Sua atuação profissional por mais tempo foi, sem dúvida, no jornal Correio da Paraíba.



Mirson, na TV O Norte (1987), cinegrafista, Hoje, proprietário de uma produtora



## Dinalva Araújo...começou n'O Momento



Dinalva Araújo, ao lado do pai Onildo Araújo (em memória) num momento importante de sua vida, a colação de grau em Comunicação Social – Habiitação Jornalismo. A partir daquele momento começava sua história na comunicação paraibana



Jornalista Dinalva Araújo, na época em que atuava no jornal A União (foto de 1992). Na imagem, pela ordem, Carlos Vieira, Giovanni Meireles, Costa Filho e Carlos Cavalcanti (Carlão)

Dinalva Martins, hoje (2022) estudando Direito, foi destaque no periodismo deste Estado. Sua atuação no jornalismo começou nos anos 80. Em 1987, concluiu o Curso de Comunicação Social, na UFPB, integrando sua segunda turma de novos jornalistas.

A data foi marcante e inesquecível, pois, no mesmo ano, nasceu sua primeira filha Nanaíra Carolinne. “Foi o dia a dia, no batente das redações, que me deu firmeza na profissão, e isso tenho que agradecer ao jornalista Jório Machado (in memoriam) que me proporcionou a primeira oportunidade, acolhendo-me no jornal O Momento” – ressalta. Isso ocorreu em 1988.

Ela faz questão de citar os amigos, entre os quais Joanildo Mendes e Ivani Leitão, amigos de um primeiro instante de sua carreira.

“Com muito autocrítica, digo que o meu primeiro dia de repórter foi marcado pela insegurança. Nenhum texto parecia servir para publicação, mas superei minha incipiência, graças ao apoio dos ex-colegas de jornalismo e também de veteranos, que entenderam minha fragilidade de início de carreira. Venci com o apoio deles” – destaca Dinalva Araújo, hoje (2020), aos 33 anos de profissão. Nesses anos de atuação profissional, Dinalva experimentou grandes momentos no jornalismo da nossa Capital.

Viveu ao lado de grandes profissionais no jornal O Norte, considerado por ela uma grande escola. Em A União, o mesmo sentimento de aprendizado constante, também, com a amizade e o carinho de grandes nomes do jornalismo impresso.

Durou menos de uma década sua presença no jornal oficial. Convocada, foi ser repórter do governo do Estado (1988-2015), passando por diversas assessorias de imprensa. Também atuou em assessorias de empresas particulares de grande porte. “Graças a experiência e ensinamentos adquiridos nos bancos universitários e no batente das redações” – afirma Dinalva Araújo.

## Dirigentes



Jonas Leite Chaves



Goretti Zenaide



Walter Santos



Lena Guimarães



Anco Márcio



Carlos Aranha



Abelardo J. Filho

O Jornal O MOMENTO, durante sua trajetória no jornalismo impresso da Paraíba, contou com os seguintes dirigentes: Jório de Lira Machado (fundador) e Jonas Leite Chaves (1973/1974), Jório de Lira Machado (1975/1985), Antônio B. Cabral Sobrinho e Luiz Carlos do Nascimento Sousa (1986/1987) e Goretti Zenaide (1987/1991).

Como editores, o jornal O MOMENTO também contou com destacados nomes do jornalismo estadual: Severino Ramos (1973/1975), Carlos Antonio Aranha, Anco Márcio e Djacy Andrade (1974), Oduvaldo Batista (1976/1978), Maria José Limeira (1975/1976-1980/1983), Abelardo Jurema Filho (1978), Lena Guimarães (1984/1986), Luiz Eduardo de Carvalho e Antônio Costa (1987) e Walter Santos, no período 1987/1991.

A impressão era da Editorial Serviços Ltda., com a publicação de O MOMENTO Serviços Ltda. A Empresa tinha como proprietários Carlos Vieira da Silva e Raimundo N. de Rezende. O MOMENTO teve circulação semanal até agosto de 1986 e, diário, de 1986 até agosto de 1991, mas já sem a participação do jornalista Jório Machado.

Durante dezoito anos de circulação, de 31 de dezembro 1973 a 5 de agosto de 1991, os leitores paraibanos tiveram ao seu dispor 1.401 exemplares de um jornal que foi um dos mais vibrantes que circularam no Estado.

Vale destacar que, após o arrendamento de prédio e equipamentos gráficos do jornal, no ano de 1983, ao senhor Walter Vinagre, um ano após, o jornal e gráfica seriam vendidos. Isto ocorreu em virtude da eleição do jornalista Jório Machado a deputado estadual. Sem tempo suficiente para marcar presença no dia a dia do veículo, ele preferiu dedicar-se ao seu mandato na Casa de Epitácio Pessoa.

## O Combate

1902-1904-1924-1928-1988-1994



A história do jornal O Combate pode ser contada em três fases: a primeira compreende o período entre 1902 e 1904, com o Brasil vivendo os primeiros anos de República. **Álvaro Pereira de Carvalho** foi um dos primeiros nomes desse jornal, num dos mais tumultuados períodos de sua história. Era um jornal de oposição. Órgão Literário, Noticioso, Crítico e Humorístico. Foi durante o governo de José Peregrino de Araújo, entre os anos de 1900 e 1904 (século XX), mais precisamente no mês de julho do ano de 1904, que o jornal teve suas atividades suspensas.

A responsabilidade do seu empastelamento também atingiu um outro famoso periódico da época, o Jornal do Comércio.

Segundo os dirigentes, coube ao chefe de polícia estadual, Antônio Simeão dos Santos Leal, a paralisação dos dois jornais.

Álvaro Pereira de Carvalho, nasceu em Mamanguape (PB) no dia 19 de fevereiro de 1885 e faleceu em 1952. Seus pais foram Manuel Pereira de Carvalho e de Francisca Leopoldina de Carvalho. Ele fez os estudos secundários no Liceu Paraibano. Álvaro foi deputado pelo nosso Estado, no período 1927-1928. Elegeu-se vice-presidente do Estado na chapa que tinha como nome principal João Pessoa. Com o assassinato deste, em julho de 1930, assumiu o governo, exercendo-o até o mês de outubro, quando foi deposto pelo movimento revolucionário encabeçado por Getúlio Vargas.

Álvaro Pereira de Carvalho foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico Geográfico Paraibano.

Com formação em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, em 1916, Álvaro era um homem culto, versado nos clássicos da literatura universal. Foi professor de Literatura e de Italiano do Lyceu Paraibano, além de jornalista, ensaísta, crítico e escritor. Nas suas atividades jornalísticas, consta que ele foi secretário do Jornal do Comércio (1918), dirigido por Arthur Aquiles.

Álvaro Pereira de Carvalho, publicou algumas obras: Ensaio de crítica e estética (1920), Revelações do Eu (1920), Ensaios de crítica (1924), Nas vésperas da Revolução (1932) e Augusto dos Anjos e outros ensaios (1946).

Uma segunda fase do jornal O Combate é atribuída a dois nomes de expressão da cultura e do jornalismo do nosso Estado.



**Osias Nacre Gomes** e Botto de Menezes foram responsáveis pela circulação desse jornal no período compreendido entre os anos de 1924 e 1928. Antônio de Aguiar Boto de Menezes nasceu na cidade da Paraíba, atual João Pessoa, no dia 26 de julho de 1897. Foi secretário da prefeitura de sua cidade, promotor público de Guarabira (PB), professor de agrimensura do

Liceu Paraibano e procurador dos Feitos da Fazenda do Estado.

Foi redator do órgão oficial A União, diretor e proprietário do jornal O Combate, redator dos jornais O Norte, O Povo e A Rua. Foi membro da Academia Paraibana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, dos institutos históricos de Sergipe e do Pará, da Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Faleceu em João Pessoa no dia 8 de março de 1971.

Alguns dos seus trabalhos publicados: “Minha terra — memórias e confissões” (1944); “Meu pai — notícia histórica sobre o desembargador Gonçalo Aguiar Boto de Meneses” (1949) e “O Canto do Cisne” (1957).



Diante disso, fica claro que o jornal O COMBATE não circulou pela primeira vez em 1903, conforme alguns pesquisadores, mas, em 25 de setembro de 1922.

O terceiro momento do jornal somente aconteceria anos depois, com \*O COMBATE, circulado não mais na cidade chamada Parahyba, mas, na cidade com um novo nome João Pessoa, no entanto, mantendo o mesmo estilo combativo, conhecido por suas ideias progressistas e sociais.

O COMBATE retornou às bancas de jornais e revistas da cidade no dia 19 de junho de 1988. Circulou, pela última vez, no dia 27 de junho de 1994.



Seu retorno deu-se graças aos jornalistas **Jório de Lira Machado**, à frente, como diretor superintendente; \*Oduvaldo Batista (1991), como Diretor responsável; e, como editores, \*Maria José Limeira (1988); \*Adelson Barbosa (1989) e \*Cristiano Machado (1990).

O jornal foi impresso e distribuído semanalmente pela Editora Promoções Ltda. Foram 216 exemplares avulsos, no período compreendido entre 1988 e 1994.



**Oduvaldo Batista** nasceu em 11 de maio de 1921, em Alagoa Grande. Veio morar na Capital aos quatro anos. Faleceu em João Pessoa, no dia 21.06.2008, aos 87 anos.

Por mais de cinco décadas, foi um comunista que marcou história na Paraíba e um jornalista atuante e agudo nas suas posições marcadas pela coragem.

Em 1944, ingressou no Partido Comunista, cujo líder na Paraíba era o advogado João Santa Cruz. Foi marinheiro, tendo integrado a Marinha do Brasil entre 1938 a 1942, período em que viveu em Recife e no Rio de Janeiro.



Facsímile do jornal O Combate – anos 80 – em sua terceira fase





O jornalista **Cristiano Machado** integrou, como editor, a equipe do jornal “O Combate”, em 1990, ainda muito jovem, aos 26 anos, mas com aquele espírito combativo herdado do pai. Ele nasceu em João Pessoa, no dia 7 de abril de 1964 e, segundo ele, num momento difícil para família, pois o pai, jornalista Jório Machado, perseguido pelo regime autoritário da época, foi preso um dia após

seu nascimento. “Para conhecer-me, meu pai se disfarçou com chapéu e capa, para não ser reconhecido.

Só assim pode me conhecer na maternidade” – diz Cristiano. O drama vivido pela família é tratado no livro do seu pai, “A Opressão dos Quartéis” (Editora O Combate – 1991), que trata da prisão dele, em Fernando de Noronha. Ressalta, ainda, a distância e ausência dos filhos, que viveram, por algum tempo, na casa dos avós além das dificuldades impostas à sociedade pelo regime militar.

Quando do lançamento do livro, Cristiano, aos 27 anos, foi, como já afirmamos, um dos editores do jornal O Combate, que teve o seu pai como superintendente, que retornava às lides jornalísticas após o fechamento do jornal O Momento. Cristiano Machado testemunhou esses dois períodos do jornalismo paraibano: o primeiro, quando ainda muito criança e jovem estudante: o outro período, apoiando e ajudando o seu pai com um dos integrantes do jornal, já como jornalista graduado pela Universidade Federal da Paraíba.



**Maria José Limeira** nasceu em João Pessoa. Começou a cursar Filosofia, na UFPB, mas não concluiu. Foi presa, em 1964, pelas forças da repressão, no quartel do 15RI.

Abandonou os estudos, transferindo-se para as cidades do Rio e São Paulo. Conviveu com os escritores Aguinaldo Silva, Vinicius de Moraes, Assis Brasil, José Edson Gomes.

No Rio de Janeiro, conheceu o poeta português e crítico literário Arnaldo Saraiva, da cidade do Porto, que dedicou a ela seu livro “Encontros/Desencontros”, amizade que perdurou por longos anos.

Regressou nos anos 70 à Paraíba, ingressando no jornalismo como repórter. Depois ocupou cargos de direção em vários jornais, entre eles o semanário “O Momento”, que ajudou a fundar.

A jornalista também foi secretária da API no mandato do presidente Carlos Aranha. Mãe de dois filhos, era irmã de Dorinha Limeira, professora de História e pesquisadora da UFPB. Maria José Limeira faleceu no dia 10 de julho de 2012, de insuficiência pulmonar, no Hospital Memorial São Francisco, em João Pessoa.

Em vida, teve uma intensa atuação, produzindo bons trabalhos literários, entre os quais, “Margem”, “Aldeia virgem além”, “As portas da cidade ameaçada”, “O lado escuro do espelho” (contos), além de “Olho no vidro”(novela) e “Luva no grito” (romance).

Escreveu também peças teatrais, com destaque para “Os Maloqueiros” que recebeu Menção Honrosa em concurso de âmbito nacional. Outros textos inéditos: “Contos da escuridão” (contos); “Todos os seres” (poemas longos) e “Crônicas do amanhecer” (crônicas). Foi uma das fundadoras, na Paraíba, do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA-PB), num esforço conjunto com outras entidades pela promulgação da anistia ampla, geral e irrestrita no Brasil.



**Adelson Barbosa** começou muito jovem no jornalismo. Sua passagem no jornal O COMBATE, em 1989, como editor, foi um aprendizado significativo para sua carreira profissional. Ao transferir-se para o Correio da Paraíba, solidificou o seu nome como jornalista, destacando-se como excelente repórter, que buscava e pesquisava os fatos para a elaboração da boa notícia.

O jornalista Adelson Barbosa morreu no dia 27 de junho de 2020, aos 58 anos, por conta de uma parada cardiorrespiratória, provocada por um câncer no cérebro, diagnosticado em 2018. Após atuar no jornal O Combate e em outros veículos de comunicação, destacou-se, por muitos anos, como um dos mais eficientes e corajosos repórteres do jornalismo impresso paraibano. Atuou durante muito tempo e viveu seus últimos anos como profissional do jornal Correio da Paraíba.



## A Tribuna

A Tribuna foi um dos muitos jornais de vida curta da Capital paraibana. De propriedade da EGNP - Empresas Gráficas do Nordeste Ltda., o jornal circulou de 06 de junho de 1987 a 30 de abril de 1988.

Integraram o seu quadro diretivo o professor e político Francisco Evangelista de Freitas e o jornalista e homem de teatro, Raimundo Nonato Batista, tendo como editor José Barbosa de Sousa Lima, além do também jornalista e teatrólogo Altimar Pimentel, responsável pelos trabalhos redacionais. Foi um jornal de circulação semanal e que, durante esse período de existência, apareceu nas bancas durante 21 edições.



**Francisco Evangelista de Freitas**, um dos responsáveis pelo surgimento desse periódico foi, ao longo de sua história, destacado nome dos meios políticos da Paraíba e um conceituado professor universitário, na UFPB.

Nasceu em Alexandria, cidade do vizinho Estado do Rio Grande do Norte, em 21 de fevereiro de 1937. No campo político, apareceu como um atuante deputado estadual, eleito pela primeira vez, em 1982, pelo Partido Democrático Social (PDS), sendo reeleito em 1986, através do PFL. Chegou à Câmara Federal pela Paraíba em 1991 onde permaneceu até 1995, desta feita pela legenda do PDT. Graduado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e com mestrado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, além de Especialização na Universidade de Madrid, Francisco Evangelista foi professor da UFPB durante vários anos.



**Raimundo Nonato Batista**, jornalista e teatrólogo, foi outro nome de destaque para a criação desse veículo impresso. Considerado um dos mais destacados nomes do nosso jornalismo, teve passagens por todos os veículos de comunicação da Capital paraibana.

No jornal A UNIÃO, órgão do governo estadual, chegou a ser seu superintendente, durante dois anos, na década de 1980, quando desenvolveu um eficiente trabalho. Era bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, curso concluído em 1981.

A primeira experiência com o teatro foi na década de 40, com as peças 'Os Transviados' (de Amaral Gurgel) e A Pupila dos Meus Olhos, de Viriato Correia, ambas sob a direção de João Ramalho, tio do cantor e compositor Zé Ramalho.

Nos anos 50, participou, como ator, de outros trabalhos teatrais, entre os quais 'Se o Guilherme fosse vivo', de A. Torrado' e 'O auto de João da Cruz', de Ariano Suassuna. Também foi responsável pela direção do espetáculo 'Cantam as harpas do Sião', de Ariano, além de produtor e assistente do trabalho de Garcia Lorca, 'A Casa de Bernarda Alba'.

Exerceu cargos importantes durante os governos de Tarcísio Burity e Wilson Braga, tendo sido responsável pela Instalação da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), da qual foi seu primeiro diretor-executivo. Raimundo Nonato Batista teve participação das mais importantes na criação e implantação da Lei Viva Cultura, que foi considerado pelos meios culturais como o melhor instrumento de apoio à produção cultural da cidade.

Como um jornalista que muito se dedicou ao meio cultural da Capital paraibana, Raimundo Nonato Batista foi homenageado pelo Conselho de Cultura do Estado, que lhe outorgou o título 'Homem da Cultura', concedendo-lhe a 'Medalha Ednaldo do Egipto' por relevantes serviços prestados ao teatro paraibano.



**Altimar de Alencar Pimentel** nasceu a 30 de outubro de 1936 na cidade de Maceió, capital de Alagoas, e faleceu 22 de fevereiro de 2008, em João Pessoa. Filho do comerciante Altino de Alencar Pimentel e de Maria das Neves Batista Pimentel, Altimar, aos nove anos, em 1945, perdeu o pai, sendo ele o primeiro dos seis irmãos. Sua mãe, paraibana, logo em seguida voltou para João Pessoa, onde criou os seus filhos.

Pela Universidade Federal da Paraíba, em 1971, concluiu o curso de Licenciatura em Letras – Vernáculo e, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília, bacharelou-se em Comunicação Social – Jornalismo, em 1976. Altimar fez curso de especialização em Direção Teatral na Federação das Escolas Isoladas do Rio de Janeiro e na Universidade Federal da Paraíba, em 1978.



Em 1975, ingressou no magistério do 2º grau, tornando-se professor de Educação Artística no Colégio Estadual da Paraíba, em Cabedelo. Depois, ingressou no magistério superior, lecionando as disciplinas Evolução do Teatro e Dança (1977) e Introdução às Técnicas de Comunicação (1979), na UFPB. No Teatro, entre as peças de sua autoria já encenadas na Paraíba e outros Estados, registramos vinte peças, entre elas 'Auto da Cobiça', 'Auto de Maria Mestra', 'Viva a Nau Catarineta', 'Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita' e 'Coiteiros'.

Registramos um destaque especial para a peça 'Como nasce um cabra da peste', adaptação da obra homônima de Mário Souto Maior, a qual conquistou mais de quarenta prêmios em festivais na Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e realizou vinte apresentações em Portugal e uma em Cabo Verde. Dirigiu o Teatro Santa Roza e foi Diretor do Departamento de Extensão Cultural do Estado, Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da UFPB e Diretor da Rádio Correio da Paraíba.

No jornalismo, por inteiro, também teve uma atuação brilhante. Participou de vários colegiados, entre eles o Conselho Estadual de Cultura, a Comissão Executiva do IV Centenário da Paraíba, o Conselho da Lei Viva a Cultura, na Paraíba, e foi Secretário do Conselho Consultivo de Alto Nível do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro. Como teatrólogo, produziu inúmeras peças, muitas delas reconhecidas nacionalmente, como também presidiu a Comissão Paraibana de Folclore.

Altimar Pimentel publicou dezessete livros sobre temas folclóricos, além de ter se dedicado aos fatos marcantes da história paraibana, com vários livros publicados, dentre os quais último foi – Cabedelo. Ingressou como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, no dia 22 de novembro de 2002, ocupando a cadeira n°. 10, sucedendo ao historiador José Pedro Nicodemos.



**Seu Adalberto de Figueiredo Martins**, um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira é um nome a ser sempre lembrado na história do jornalismo impresso do nosso Estado. Também foi músico, compositor e cantor, tendo atuado com competência em vários jornais da Capital e do vizinho Pernambuco.

Tipógrafo digitador, integrou as equipes de vários jornais, como A TRIBUNA, A NOTÍCIA, o jornal oficial A UNIÃO e, por um bom tempo, um dos primeiros jornais brasileiros, o Diário de Pernambuco, fundado na segunda década do século XIX.

Quem lembra esse período da vida de seu Adalberto é o filho Wandinho Figueiredo, um atuante e conhecido músico paraibano.

Para Wandinho, seu pai era um apaixonado pelo jornalismo e amava ser um tipógrafo, uma profissão que sempre procurou honrar, “trabalhando com muita dedicação e acompanhando os progressos enfrentados pelo setor” – ressalta o conhecido músico. Nascido em 21 de maio de 1925, Adalberto de Figueiredo Martins faleceu no dia 28 de julho de 2011.

# Jornal Contraponto

# CONTRAPONTO

**Essas Notícias**  
**João Marcelo de Carvalho**  
 A vida em um barco na República

**Maná**  
**Jose Tarciso Fernandes**  
 O que acontece com os USA?

**Rubens Piore Lima**  
 Pronto para ir para o céu? O que vem depois?

**Proton-FH**  
 meio do 8º mandato de negociação de dívidas

**Serão 3 trilhões**  
 volume de transporte escolar

**PIB tem mais**  
 empreendedores ativos do que governo, aponta Sebrae

**Técnicas de fertilização**  
 são cada vez mais comuns



## Desemprego segue alto, desalento e exclusão do mercado batem recorde

Para cerca de 11 milhões de brasileiros, a realidade do desemprego é a de um mercado que não oferece oportunidades reais de trabalho. Com isso, o desalento bateu recorde em setembro, e a taxa de exclusão do mercado chegou a 20,9%, o maior nível desde 2010, segundo o IBGE.

## Venda de refinarias aprofunda o desmonte da Petrobras

A venda, em até 1,5 bilhão de dólares, de uma refinaria da Petrobras para a estatal chinesa Sinopec aprofunda o desmonte da estatal brasileira.



## O Mundo leva nove anos para recuperar o nível de emprego anterior à crise de 2008

O relatório mostra que em 2017 o mundo ainda não conseguiu recuperar o nível de emprego que existia em 2008. Isso ocorreu devido à crise econômica global iniciada em 2008, que afetou profundamente o mercado de trabalho em todo o mundo.

## Acordo entre União Europeia e Mercosul não terá efeito imediato

Após negociações com a União Europeia, o Brasil não terá acesso imediato ao mercado europeu devido a questões relacionadas à proteção ambiental e aos direitos trabalhistas.

## Aumenta desmatamento da Amazônia no Brasil

O desmatamento na Amazônia brasileira continuou a crescer em setembro, atingindo o maior nível em 11 meses. Isso preocupa autoridades ambientais devido ao impacto ambiental e climático.

**TIGGO 1.0 VENCEDOR**

**Jornal do Carro**

**MATER ENDO RÁPIDO**

Superado o Honda Civic, Hyundai Corolla, Jeep Renegade e outros.

www.tiggo.com.br



O jornal *Contraponto* foi um semanário que circulou em nosso Estado, particularmente na Capital, durante dezesseis anos. Seu primeiro número chegou às bancas em 2003. Tendo como proprietário o jornalista **João Manoel de Carvalho**, *Contraponto* caracterizou-se por sua luta em defesa das classes menos favorecidas, visão social sempre demonstrada por toda sua equipe.

No dia de 12 de julho de 2019, após quase duas décadas de existência, a Paraíba perdeu mais um dos seus jornais impressos. O jornal *Contraponto* passou pelo segundo fechamento das suas atividades e, desta vez, segundo João Manoel, em caráter definitivo. “Estava impraticável custear a manutenção do jornal” – disse o jornalista.

Sobre o jornal, João Manoel sempre destacou a presença do semanário, afirmando que tudo foi feito com o propósito de oferecer à sociedade paraibana um instrumento de defesa contra essa onda devastadora que está assolando o País e destruindo os mais caros valores democráticos, políticos, econômicos e sociais da Nação. “Apesar de todos esses fatores negativos, cremos que a chama do CONTRAPONTO continuará viva” – concluiu.

Durante o período em que esteve circulando, muitos foram os colaboradores do jornal CONTRAPONTO que marcaram de forma positiva as colunas e os artigos que assinaram. Podemos destacar os professores Rubens Pinto Lyra, José de Oliveira Costa, Ítalo Fittipaldi, Rômulo Soares Polari, Nelson Rosas Ribeiro, Alexandre Luna Freire (Juiz Federal), Marcos William (Magistrado) Pe. Bosco, José Tarcízio Fernandes (advogado) entre outros.

O Conselho Editorial, revisão, reportagens, diagramação e arte e Cadernos, contaram com os trabalhos de João Manoel de Carvalho, Luiz Eduardo Teixeira de Carvalho, Ícaro Allende, Katarine Laroche, Adja Brito, Mirtes Oliveira, Chico Maia Sabino, Neide Medeiros Santos, Augusto Magalhães, Joel Falconi, Hélia Botelho, Saulo Mendonça, Hildeberto Barbosa, João Batista de Brito, Lígia Fernandes, Amador Ribeiro Neto, Sebastião Filho, Fernando Vasconcelos, entre outros.

Jornalista e intelectual, João Manoel de Carvalho foi colunista político do jornal O Norte, onde começou no jornalismo em 1957, e foi diretor do Correio da Paraíba. Destacou-se como um dos profissionais mais respeitados da imprensa da Paraíba. Faleceu em oito de julho de 2022, aos 87 anos. João Manoel sofria do Mal de *Alzheimer* e contraiu Covid-19, o que agravou seu estado de saúde.





## Campina Grande e os seus jornais

O jornalismo impresso em Campina Grande começou no dia 1º de setembro de 1888, com a Gazeta do Sertão, o primeiro jornal da cidade e um dos primeiros da Paraíba. Três fases marcaram a circulação desse periódico, cuja história será detalhada mais adiante. Mas, inúmeros foram jornais que marcaram o dia a dia da vida campinense, conforme lista a seguir:

Gazeta do Sertão (1888-1891– primeiro período); O Alfinete (1889), O Tempo (1890), \*O CAMPINENSE (1892), Gazeta dos Artistas (1894), A Gazetinha (1889), O Álbum (1894), Gazeta dos Artistas (1894), O Echo (1895), XV de Novembro (1908), O Prelúdio (1908), Campina Grande (1909), 15 de Novembro (1909-1912), Correio de Campina (1911/1916), Proêmio (1915-1917), Renascença (1915);, Gabinete (1916), Razão (1917-1919), O Democrata (1916), A Razão (1917-1919).

A década de 20 marcou a chegada de novos impressos: Novenário (1920), Revista Campinense (1920), O Clarão (1921), \*O Lidador (1922), O Comércio da Campina (1922), Gazeta do Sertão (1923-1924 – segundo período), O Suporte e o Anuário Campina (1925), O Século (1928), Brasil Novo e Revista Evolução (1931), O Rebate (1930-1932), Jornal de Campina – 1ª Fase (1933), O Farol, A Ordem, a Flâmula, A Batalha e A Frente, (1934), Evolução-Jornal (1934), O Comércio (1935), A Voz da Mocidade (1936), O Colegial e A Voz da Borborema (1937), Revista Idade Nova (1938), Revista O Norte (1940), Correio Campinense (1949), A Voz do Dia (06.05.1945), O Momento (1950), A Tribuna do Estudante (1951), Jornal de Campina 2ª Fase (1952), \*O Globo (1952), Diário da Borborema (1957-2012), Voz Bancária e Gazeta da Borborema (1957), Evolução (1959), O Século - 2ª Fase (1959 -1960), \*Jornal da Paraíba (1971-2016), Gazeta Campinense e Revolução Democrática (1976), Lembranças (1979), Gazeta do Sertão – (1981 - \*terceiro período), Mini Informativo Maçônico, por J. Leite Sobrinho, 1983.

---

LIDADOR - adjetivo masculino (substantivado), o mesmo que lutador, combatente, trabalhador e labutador. O nome deixava claro que o jornal seria um combativo órgão em defesa do povo.

---

O CAMPINENSE data de 08.04.1892, quando circulou seu primeiro número. Era uma publicação do Partido Republicano. Era impresso nas oficinas da tipografia da Gazeta do Sertão de propriedade de Irineu (Irineu) Joffily.

# Gazeta do Sertão

ASSIGNATURAS.	Orgão Democrático.	ASSIGNATURAS.
No Comércio	Publicação semanal.	Pião do comércio.
Annua ..... 62500	METROES - 1 Jullio e 7 Jann.	Annua ..... 35000
Mensuelle ..... 52500	Typographia e imprezãda = 2 <sup>a</sup> Fozca Handled <sup>o</sup> - n. 11.	Mensuelle ..... 25000
Deposito adiantado.		

Campina-Grande, Sexta-feira, 21 de Janeiro de 1890.

**AVISO IMPORTANTE.**  
Prezados os meus assignantes que é necessario mandarem retirar suas cartas antes das seis da tarde, para não serem suspensas a entrega.

**REPRESENTAÇÃO.**  
**Almanak**  
Anno III (de 1889 a 1890)  
NO. 100. SOUTHERS

1889-90	15	100
1890-91	15	100
1891-92	15	100
1892-93	15	100
1893-94	15	100
1894-95	15	100
1895-96	15	100
1896-97	15	100
1897-98	15	100
1898-99	15	100

Para informações, escreva para o Sr. J. J. Souza, Campina-Grande, Paraíba, 21 de Janeiro de 1890.

**ALBUQUERQUE**  
Carrão e Sals. Fozca. (p. 100).

**GAZETA DO SERTÃO**  
Campina-Grande, 11 de Janeiro de 1890.

**As Revistas do Brasil.**  
A revista da semana que se edita de governo provincial indica de que se trata de uma publicação de caráter fiscal. Não há de ser a revista de caráter fiscal, por ser de caráter de governo provincial. Não há de ser a revista de caráter fiscal, por ser de caráter de governo provincial. Não há de ser a revista de caráter fiscal, por ser de caráter de governo provincial.

**AVISOS E NOTÍCIAS**

7.850.512500  
55.380.500000  
271.860.000000  
243.760.000000  
1.072.122.000000

30.300.500000  
25.450.500000  
36.170.900000  
21.421.511555  
95.750.300000

**COLABORAÇÃO**  
Programas e propostas.  
(C. J. M. M. M. M. M.)

Devo dizer aos leitores que a imprensa do Brasil não tem sido a mesma desde a chegada da imprensa portuguesa em 1534. Desde então, a imprensa brasileira tem andado sempre em busca de um programa nacional, e não apenas de um programa provincial. Isso porque o Brasil é um país vasto, com muitas necessidades, e a imprensa deve servir a todos os brasileiros, não apenas a uma determinada região.

A imprensa brasileira tem sido sempre uma imprensa provincial, e não nacional. Isso porque o Brasil é um país vasto, com muitas necessidades, e a imprensa deve servir a todos os brasileiros, não apenas a uma determinada região. A imprensa brasileira tem sido sempre uma imprensa provincial, e não nacional. Isso porque o Brasil é um país vasto, com muitas necessidades, e a imprensa deve servir a todos os brasileiros, não apenas a uma determinada região.

Quando se trata de imprensa provincial, o objetivo é informar a população local sobre os acontecimentos da região. Isso é importante para que a população possa tomar decisões baseadas em informações locais. No entanto, a imprensa também deve ter um caráter nacional, para que possa informar a população de todo o Brasil sobre os acontecimentos nacionais e internacionais.

# O CAMPINENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO

Publicação semanal  
Redação Typographica  
Praça Hospital n.º 25  
Publicado por J. A. B. 1908

DIRECTOR - José Souto  
Campina Grande, 8 de Abril de 1908

ANNUARIO DE  
Ano ..... 1908  
Semana ..... 1908  
Numero geral 120 Ptas.

## O CAMPINENSE

### A NOSSA PAZIOÃO

Esta é a nossa realidade de 23 de março de 1908. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. O Brasil é uma grande terra, com muitas riquezas, e a sua realidade é a de ser um grande país. A nossa realidade é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano.

A nossa realidade política é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. A nossa realidade política é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. A nossa realidade política é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

A nossa realidade é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. A nossa realidade é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. A nossa realidade é a de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

partido republicano em suas graduações.

Não se pode dizer que o Brasil seja um país que não tenha a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano.

Para isto, porém, supõe-se a existência de um partido republicano em suas graduações. Para isto, porém, supõe-se a existência de um partido republicano em suas graduações.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

### Observação

Este jornal é publicado semanalmente. Este jornal é publicado semanalmente. Este jornal é publicado semanalmente.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

Estamos em uma época de transição e de mudança. Temos a honra de sermos a primeira cidade do Brasil a ter um governo republicano. Estamos em uma época de transição e de mudança.

# GAZETA DOS ARTISTAS

Propriedade do Artista Typographo Eleutherio Edaclio Escobar

ASSIGNATURAS Trimestre..... 1\$000 Anua..... 3\$000 Retardado	<b>Campina Grande</b> 8 de Julho de 1891	Publicada em parceria Colaboração franca Anuncios e publicações POR SEU
--	---	--

## Gazeta dos Artistas

As encarmos a publicação de nossa Gazeta, sem termos os recursos precisos, nos animava a esperança de que a classe artistica campinense não deixaria de nos coadjuvar numa empresa que era dedicada a esta mesma classe.

E como assim se viveu, não podemos deixar de manifestar a nossa gratidão aos collegas, especialmente aquelles que comprehendendo os embarcos com que lutam as empresas d'esta ordem, tem contribuido com o importe de suas assignaturas, tornando assim o elemento de viabilidade para a nossa Gazeta.

A todos os nossos assignantes um — Obrigado.

### A REVENÇÃO.

## A os artistas associados em não

Senhores collegas,

Vendo hoje da pliz da imprensa demonstrar a que ponto chegam os nossos sentimentos, vendo separados do grupo social muitos artistas, que são levados por suggestões de mandão de al-

deia, que procuram assim reduzi-los ao papel de verdadeiros escravos.

Em um país como o nosso, em que a opinião publica fez desaparecer da historia a insitira a pagina negra que privava os sentimentos dos seus filhos, quebrando os grilhões da escravidão; é impossível que aquelles mesmos que trabalharam pela santa causa da redenção dos captivos, hoje procurem ser arrojados a condicão precaria de escravos de seus collegas.

Deveis comprehender que pequenos grupos leitos por pessoas alheias a sociedade, não pode arrastar no estado de vos distanciar de vossos collegas e amigos.

Deveis ainda comprehender que quando o individuo faz um favor exigido do agraciado humilhação, elle não deve acreditar, porque expõe-se ao desprezo publico, tornando-se um este objecto ao ser da sociedade.

Poroi tem as minhas boas palavras, que fôrta e avencido da verdade de quem vos fallo passando dos sentimentos que constituem a nobreza de







A Gazetinha foi lançada em maio de 1889, em Campina Grande. Tinha como diretor Tito Silva, natural de Areia, e vários redatores/colaboradores. Tito trabalharia, anos depois, na primeira equipe de A UNIÃO, para onde foi em 02.02.1893, atendendo a um convite do Presidente da Província, Álvaro Lopes Machado, seu conterrâneo, responsável pela criação do jornal. A Gazetinha (1889) era impressa pelo pernambucano Eleutério Edáclio Escobar, falecido em 1917.

BRASIL. PARAHYBA.

# GAZETINHA

PERIÓDICO RECLAMATIVO.

---

**ADMINISTRATIVAS:**  
 Rua Nova, ..... 100 Rs.  
 — FUNDAMENTO ADMINISTRAÇÃO:  
 Bonfim e Tito — Preço de venda, 50 cts.  
 Director — Tito E. do Silva |

**ANNO I.**  
**N.º 5.**

**PUBLICAÇÕES:**  
 De Junho, ..... 100 Rs.  
 Annuo, ..... 200 Rs.  
 Preço public. Subscrição:  
 | Redactores — 40000

---

Recorreu a Tito E. do Silva | Congresso-Geral, Domingo, 29 de Setembro de 1889 | Redactores — 40000

---

**ALMANACK**

Sexteirono (1.º dia do mês)

**1889. em 1889.**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

DIAS SABBATICOS, 82.

FESTIVIDADES  
 1.º dia do mês  
 Outubro, a 7, 14, 21, 28, 29, 30, 31,  
 Novembro a 25.

NASCIMENTOS:  
 Correia e R. de Oliveira, (17 1889.)  
 Hoje dia de pagar-se as assigna-  
 ções da Gazetinha.

**COLLABORAÇÃO**

— Você hoje assim... não reclama-  
 rias?  
 — Não, o que quejas? não assigna-  
 ções se pagarem agora em outubro e  
 novembro, destando-se de pagão.  
 — De pagão o que?  
 — O que?! Como então tandem  
 dizes?  
 — Por Deus, Gervilão, não sei a  
 que te referes; só se a fazida era.  
 — Que coisa? não se me entende  
 com letras ou com papel e tinta?  
 E para isto choras, não sabes a que  
 se pagão?  
 — Não, por certo; eu nunca se fa-  
 zerem papel com tinta.  
 — Então muito interessante, mais de  
 que eu, que apenas sou empregado em  
 casa. Então, só sabes a que se pagão  
 para obter-se qualquer coisa, tendo  
 visto isso a?  
 — Eu, só.  
 — Então verdade. Já sei que te não  
 pertence esta digressão que fizeste; mas  
 não farei chapão!  
 — É' meu, respectivo.  
 — Bem; já sei que não fazes os  
 dias de abster-te em rancor; mas como  
 eu também comprou papel e tinta?  
 — É' bem possível.  
 — E donde me vão o dinheiro para  
 tal fim?  
 — Não desejo saber. Não tenho  
 para isto olhos.  
 — Mas, eu tenho gosto em ver-te de  
 a minha vida.  
 — Agora eu não abanço, não tenho  
 tempo de ver-te hoje.  
 — É' uma horribilidade, não?  
 — Embora; quando se tratarem a

deus de abster, não fazes mais, o  
 tempo por tanto como abster-te.  
 — Bem de certo.  
 — Bem de perder o tempo e o teu  
 bolso.  
 — Gervilão! Vem de qualquer parte  
 dinheiro que me pagares em outra assigna-  
 ção.  
 — Então fazendo letras, Gervilão, o  
 outro, que não sou.  
 — Não, eu estou com os olhos fe-  
 chados, volta a vista para o — MICRO-  
 RANIC M — e vê o que se está.  
 — Gervilão a d' de Gervilão, qual-  
 quer. Uma coisa; não é o teu.  
 — Não sabes, não sabes.  
 — Bem; já sei depois do abster; já  
 sei tal fazendo isto a vista.  
 — Compreendo, de logo.  
 — Se Deus quiser.

\*\*\*

**NA PHOTOGRAPHIA ALLEMÁ**

(Onde se vê, não se vê a coisa.)

"ALLEGORIA"

— Já fizeste, Sr. Max?  
 Para mim, senhor; pode saber.  
 — Por quanto me fizeste mais de  
 retratos em parafusos?  
 — Fizeste um retrato e o parafuso.  
 — Então; porém não me posso re-  
 tratar agora.  
 — Porquê não?  
 — Porque logo de láti que eu me  
 acho muito fealdade, não me dá esta  
 espelho.  
 O Sr. Max, depois de dizer eu fezo  
 retratos e não parafusos e parafusos.  
 — Não abanço; a sua retrato não  
 pertencem-me; não é, porque o fezo  
 que fez a sua parafuso.

**EMPONDENTI.**

Seu nome Agostino,  
 João Ribeiro, Sr. Sr.  
 Joaquim Arruda de Farias,  
 Antônio Dias de Araújo,  
 Antônio Douglas Cardoso e  
 Cassiano Fabiano Filho.  
 Rio Bonfim, o Sr. Antônio So-  
 breira.  
 Na cidade de Areia, o Sr. Antonio  
 R. de Azevedo.  
 Rio Paraíba, o Sr. Joaquim Este-  
 rinho de Araújo Freire.

Com qualquer destes nomes eu in-  
 teressado interceder, não só sobre  
 assignações, como sobre qualquer  
 publicação que esteja nos livros de  
 certos proprietários. Os nomes não  
 autorizados e receber assignações de  
 assignações e publicações e pagar  
 dellaes.



Fundado em 1922, teve como primeiros diretores, o Prof. M. de Almeida Barreto e o Tenente Alfredo Dantas. Foi do tempo em que Campina Grande era uma cidade da Paraíba do Norte.

# Comercio de Campina

ÓRGÃO DE INTERESSES SOCIAIS

Diretores — TUD N. DE ALMEIDA BARRETO e TH. ALFREDO DANTAS

---

NUM. 1 Campina Grande, (Paraíba do Norte) 28 de Março de 1927 ANO 1

---

## "Comercio de Campina" aos seus leitores

Para não fugir a propaganda e não se esquecer, em seus negócios e atividades, o leitor de "Comercio de Campina" deve lembrar-se de ler este jornal.

Primeiro, para saber o que está acontecendo no mundo e no Brasil, segundo, para saber o que está acontecendo em Campina Grande, e, terceiro, para saber o que está acontecendo em sua própria cidade.

Este jornal é o único que dá ao leitor a notícia de tudo o que acontece em Campina Grande, e, portanto, é o único que lhe dá a notícia de tudo o que acontece em sua própria cidade.

Para não fugir a propaganda e não se esquecer, em seus negócios e atividades, o leitor de "Comercio de Campina" deve lembrar-se de ler este jornal.

## "Banco dos Empregados no Comercio"

A forte estagnação no comércio obriga ao exodo a população faminta e andrajosa

Estabelecido em Campina Grande, o Banco dos Empregados no Comercio tem por finalidade a de proporcionar aos seus membros a possibilidade de obterem empréstimos para a compra de mercadorias para a venda em suas lojas.

O Banco dos Empregados no Comercio tem por finalidade a de proporcionar aos seus membros a possibilidade de obterem empréstimos para a compra de mercadorias para a venda em suas lojas.

### O COMERCIO DE CAMPINA

O comércio de Campina Grande está em estado de estagnação. A causa principal é a falta de liquidez no mercado. Os comerciantes não conseguem obter o dinheiro necessário para a compra de mercadorias para a venda em suas lojas.

Esta situação é muito grave e precisa ser resolvida. O governo deve tomar providências para facilitar o acesso ao crédito e para estimular o comércio.

### Armazem Oriente

(FEBRU)

Nicolão Mussa Zarzar & Cia.

Rua do Recife, 101 - Centro - Campina Grande

Evolução – Jornal (fac-símile abaixo), um jornal que circulou pela primeira vez em Campina Grande, em 17.06.1934, com um slogan bem interessante: **ÓRGÃO PARA FORMAÇÃO DE IDEIAS NOVAS**. Não imprime no primeiro exemplar o nome da cidade por inteiro, mas, apenas: "CAMPINA, 17 de junho de 1934.



# Evolução-Jornal

Órgão para a formação das ideias novas

Ano I | Campina, 17 de Junho de 1934 | No. 1

## QUEM SOMOS

Hoje, a luz da publicidade, o EVOLUÇÃO-JORNAL que se inscreve no âmbito intelectual desta glória...

Com o fim inconsciente de melhorar suas condições e atividades intelectuais no meio das boas letras, ele não tem outro propósito senão o de despertar, com eficiência, na sociedade capitalista, que que...

Como dentro o mundo de obstáculos que há de existir no path, muitas de caráter material, social, econômico, etc. as maiores relações se estabelecem e as dificuldades...

Seu caráter político, o caráter econômico que atrai as ideias intelectuais e...

A mesma ocasião, há de ocorrer, em cada um, a sua...

## Menina ingrata

Deje-me voltar ao mundo de si era feita, Eu, desolada, a primeira vez depois! Faltando estar com um deusinho, De quem sou o desolado e triste.

Eu sinto, o sonho, não quero acordar! Não quero, e sofrendo muito, Não quero saber qual dor me aguarda Quando eu voltar ao desolado e triste.

Alto da quem soude eu quero que me dêe, Tristes que um dia eu não mais, Jamais mais, e mais só eu que tu és.

Haja esperança sempre para quem sofrer, Para sempre ingratu, e que não tem, Eu quero não mais quando eu voltar!

M. FONTESLE

## Junho

Anteriormente era o quarto mês de um semestre por decreto. Era marcado a já se vê em...

Neste mês encontramos desde um tempo, em todo mundo, há muita coisa que se vê...

A notícia diz que o Brasil é o primeiro país a receber o telegrama...

História de tudo A poesia

## SINCRONISMO HISTÓRICO

- Quando o Brasil descobriu a grande terra...
- Da descoberta da América
- Da descoberta do Brasil
- Da descoberta da África
- Da descoberta da Índia
- Da descoberta da Oceania
- Da descoberta da Antártida

98723

Quando o Brasil descobriu a grande terra...

História de tudo

O Detetive foi um jornal humorístico que circulava nas festividades de final de ano

diretor secreto:  
zédagaira

# o detetive

ÓRGÃO HUMORÍSTICO. DOUS DE SI PRÓPRIA. QUE DIZ... GRANÇO POR APENAS CDS 0,90

Ano X      Campina Grande, 29 de Dezembro de 1960      N.º 1

### IDADE & EXPERIÊNCIA

Assim se passaram dez anos!...

O tempo se foi, pareceu ontem, que iniciávamos o trabalho para 1.ª Edição deste Jornal. As tipografias, sem no dizer de muitos, nunca se raro qualite. Não dispunhamos dos meios necessários para editá-lo e vimos a necessidade propaganda, aqui e acolá. Atravessamos essa fase de salicínio, estamos agora, mais valorizados, mais orientados e com a idade mais avançada é claro. Convencemo-nos de nossa indispensável presença nas festividades natalinas. A prova é, que já aumentamos o preço do jornalinho (Embora, com esta nossa vontade). O problema é a "inflação". O amor do azar, Tudo subiu, a juventude loquaz, também, subiu o vestido. Agora, não há a visão da rapaziada. O tempo, vai na conta. Acabou-se, aqui a história que "Ninguém conhece ninguém".

---

**J. LUCAS** — Engenharia e Comércio S. A.  
ESPECIALIZADO EM  
KUMAXEM POTY  
— O FATOR DAS PRODUÇÕES —  
Delegação em Juazeiro e Programas Mais Pícaros e Pícaros Juazeiro

---

**GRATIS!**  
Um livro eletrônico atualizado para quem quer saber  
as leis do Dezembro em retrograder "DE" em  
**J. MARCEL MOURÃO & CIA.**  
Rua Manoel de Barros, 31 - Campina Grande - PB

### ÚLTIMA HORA

**Flora** — Clemente-se nos circuitos políticos da cidade, que o Dr. José Laureiro, votou em Pedro Gusdin, visando ganhar uma promotoria. Dai os seus elogios gratuitos no prédio Severino Bezerra Cabral - Alunal de estudos, disse Gutemberg Uchôa: "A hora da virada chegou".

**Ené** — Toda juventude estudiosa comparece, conhece a imagem do professor Manoel Gusdin; por ter sido demitido da Escola Técnica. Mas, é isso mesmo. Manobristas, com muita satisfação quando Elpidio do meio João Viana.

---

### ACONTECEU

Raymundo Amora, JANISTA.  
Imagem de Cabral.  
Sendo ele, proibida.  
certinho o MARECHAL!...

---

**O DETETIVE, tom 1881**  
**Plantão: Jovino**

## COSTA SANTOS & CIA.

Autosociedade 11028 - Motors H & H - Motochela 11529 - Grupos Elétricos - Moto Banha - Motores Hélices  
Motos, Bateria, Radiolas, Televisões, Copiers, Arquivos, Motos de Auto  
Motores de Motores, Motores, Encanamentos, Motores, Motores, Motores de Motores  
Telefonia - Rádio - Fax, 104 - Rua João Paulo, 301 - Campina Grande - Paraíba  
TELE: Rua Sebastião Lima, 103 - Fax: 304 - TELEFON: Rua Manoel Costa, 301 - Fax: 301

O jornal CAMPINA GRANDE foi fundado em 1909. Tinha a direção de jovens campinenses, que estudavam em Pernambuco, entre eles Antônio e Protásio Sá, Virgílio Ribeiro Maracajá e Gilberto Leite. Outro estudante paraibano, o primeiro a fazer circular um jornal, mesmo residindo fora de Campina Grande, foi Irineo Joffily. Em 1866, quando cursava Direito em Recife, foi o responsável por editar o jornal Acadêmico Paraibano, com publicações de assuntos de interesse de Campina Grande da Paraíba.

Já o jornal “15 de Novembro”, fundado em data de 1910, tinha como responsável Severino Correia, funcionário da Coletoria Estadual (hoje Recebedoria de Rendas) da cidade.

Mas, o jornalismo em Campina Grande, somente no ano de 1912, passaria a contar com um jornal verdadeiramente estruturado, com a fundação do CORREIO DE CAMPINA. O jornal tinha como proprietário um grupo ligado ao prefeito de Campina Grande, Christiano Lauritzen.



Elpídio de Almeida

O CORREIO DE CAMPINA, que circulou por dezessete anos, foi editado pelo próprio Christiano Lauritzen, teve como colaboradores José Coêlho, João Suassuna, Lino Gomes da Silva, Antônio Farias, Lino Fernandes, José Alves, Raul Péricles, Albério Saldanha, Getúlio Amaral, Severino Pimentel, Hortênsio Ribeiro, Rafael Sefas, Júlio Maciel, **Elpídio de Almeida**, Octávio Amorim, Raul de Góes, Luis Gomes e Generino Maciel. Hoje, muitos desses nomes estão em placas de diversas ruas e logradouros da Rainha da Borborema.

A história da imprensa em Campina Grande começou em 1888. Entre 1888/1931, a cidade conheceu pelo menos dezessete jornais, segundo o historiador e pesquisador \*Rau Ferreira, cidadão esperancense, bacharel em Direito pela UEPB e profundo conhecedor da história de Campina Grande.

---

\*RAU FERREIRA é assim conhecido, mas o seu verdadeiro nome é Hasenclever Ferreira Costa. Ele, Rau ou Hasenclever, como queiram, é sócio correspondente do Instituto Histórico de Campina Grande

(IHCG) e sócio colaborador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - (IHGP). Formado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba é, além de historiador e pesquisador, um grande poeta.



**João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna** assumiu o posto de juiz nas cidades de Umbuzeiro e Campina Grande, período em que colaborou com o jornal *Correio de Campina*, ao lado de nomes de destaque da vida administrativa e cultural da cidade. Isto ocorreu em 1912, após regressar do Rio Grande do Norte,

onde atuou como advogado na cidade Mossoró.

Morreu assassinado, covardemente, com um tiro, pelas costas, próximo ao no. 111 da Rua Riachuelo, esquina com a Rua dos Inválidos, no Rio de Janeiro, no dia 9 de outubro de 1930. João Suassuna, casado com uma prima de João Dantas, eleito deputado federal com o apoio dos Dantas da cidade de Teixeira e do coronel José Pereira, ficou, injustamente, na mira dos familiares, amigos e correligionários do falecido João Pessoa.

Durante quase vinte anos, o jornal acompanhou o desenvolvimento da cidade, destacando as ideias de progresso e modernismo dominantes da vida de Campina Grande, através de crônicas e artigos diversos. O espírito de grandiosidade, de se inserir no contexto de cidades economicamente progressistas, sempre marcaram a presença do município, que hoje confirma a luta dos seus antepassados.

Campina é hoje uma cidade importante em diversos segmentos. Campina é Grande! No comércio, na indústria, cultura, educação e tecnologia. E os meios de comunicação foram e são, até hoje, responsáveis por isso.

Na década de 20, exatamente em 1925, a cidade recebeu o “Anuário de Campina”, com a participação e colaboração de expressivos nomes da cultura campinense. Eram nomes conhecidos da cidade, como José Pezzoli, no comando, ao lado de Joaquim Inojosa e João Mendes. Os artigos eram assinados por nomes de destaque dos meios culturais. Destacavam-se Severino Pimentel, João Vasconcelos, Mauro Luna,





Anésio Leão, Odilon Luna, Antônio Telha, Mário Gomes, José Cavalcante e João Vasconcelos, entre outros.

**Anésio Ferreira Leão** foi um dos mais expressivos nomes da educação campinense. Interessante: era uma autodidata, não chegando a concluir o curso primário. Teve como professor o educador Pedro Otávio, no Externato Campinense. Mesmo diante disso, foi um extraordinário conhecedor da gramática de Língua Portuguesa. Destacou-se, publicando várias obras, com destaque para “Aulas de Português.” Anésio Leão foi responsável pela formação de importantes nomes da vida campinense.

## O Rebate

Intelectuais e políticos de destaque de Campina Grande escreveram seus artigos nas páginas de um dos periódicos marcantes da vida da cidade. O Rebate foi um dos jornais de maior periodicidade na história da imprensa campinense, com presença nas bancas de revista da cidade até de 1960.



Ele passou a destacar o dia a dia da população campinense e da Paraíba, partir do dia 04 de outubro de 1932. **Luiz Gil de Figueiredo**, Pedro d’Aragão e Eurípedes Oliveira, expressivos nomes dos meios culturais da cidade, foram os responsáveis pelo seu surgimento.

Vale ressaltar que o jornal O REBATE começou a ser impresso na cidade Esperança, passando a circular em Campina Grande, após o retorno do professor Luiz Gil para residir de vez na cidade. Esse detalhe foi fruto de uma pesquisa nos trabalhos do grande historiador, pesquisador e escritor Rau Ferreira (Retalhos Históricos de Campina Grande).

O professor aposentado da UFPB, Afrânio Aragão, filho de um dos fundadores, Pedro d’Aragão, destaca que a atividade desse jornal que foi um dos primeiros periódicos de Campina Grande e que foi encerrada após vinte anos de atuação ininterrupta, após o falecimento do professor Luiz Gil.

Nomes de destaque na vida da cidade e do Estado escreveram



para O REBATE. Como seus colaboradores, expressaram os seus pontos de vista, abordando temas de interesse do dia a dia da comunidade paraibana.

Afora os seus fundadores, importantes nomes escreveram para o REBATE, entre eles Elpídio de Almeida, Abel Correia, Adauto Rocha, Carlos Agra, Antônio Mangabeira, Elísio Nepomuceno, Egídio Lima, Cristiano Pimentel, Epitácio Soares, William Tejo, Nilo Tavares, Wallace Figueiredo (filho do professor Gil), Osmário Lacet, Otávio Amorim, Epaminondas Câmara, Evaldo Cruz, Everaldo Luna, Hortênsio Ribeiro, Félix Araújo, José Leite Sobrinho, José Lopes de Andrade, Severino Procópio Lino Gomes e Mauro Luna.

O jornalista Gonzaga Rodrigues, um dos mais destacados nomes do jornalismo paraibano, foi outro jornalista que marcou presença nas páginas desse importante veículo do jornalismo impresso de Campina Grande.

### **Jornal de Campina**

Este impresso foi fundado em 23 de abril de 1933, tendo como diretor Ernani Lauritzen e redator-chefe, professor Manoel de Almeida Barreto. Foi a primeira fase do jornal, que saíria de circulação após algum tempo, retornando no ano de 1952.



**Ernani Lauritzen** nasceu no dia 5 de maio de 1886. Faleceu em 29 de novembro de 1955. Foi prefeito de Campina Grande de 1924 até 1928.

Filho do ex-prefeito Cristiano Lauritzen e de Elvira Cavalcanti, integrou o Conselho Municipal (Câmara Municipal de Vereadores) em 1924. Político, professor e jornalista, foi nomeado prefeito da cidade pelo então governador Sólon de Lucena, substituindo seu pai, que falecera no exercício do mandato.

Saiu do cargo em 13 de dezembro de 1928, por não seguir as diretrizes políticas de João Pessoa.

Após voltar a circular na cidade Rainha da Borborema, em sua segunda fase, o Jornal de Campina foi responsável pela publicação de um acontecimento que chamou a atenção da cidade e do Estado no começo dos anos 50: a morte de Félix Araújo, um jovem político da década, muito querido em Campina Grande, abalou a cidade. O assassinato foi estampado nas primeiras páginas do Jornal de Campina, nas edições de 14 e

28 de julho de 1953, com as seguintes manchetes:

Durante a administração do interventor Argemiro de Figueiredo, Campina Grande conheceu o jornal “Voz da Borborema”, fundado em 15



A foto é de 15 de julho de 1937, data da inauguração do jornal A Voz da Borborema. Sentados, da esquerda para direita: deputado estadual Aluísio Campos, Dr. Acácio Figueiredo, governador Argemiro de Figueiredo e Dr. Ascendino Moura. Na segunda fila (de pé): o poeta Murilo Buarque, professor Mauro Luna, jornalista Elísio Nepomuceno, acadêmico Anastácio Honório, professor Manoel de Almeida Barreto, poeta José da Luz, Dr. Luiz Gomes e jornalista Aduato Rocha. (Foto: acervo do blog Retalhos Históricos de Campina Grande)

A imagem abaixo, do jornal A VOZ DA BORBOREMA, mostra com destaque uma foto do importante líder campinense. É um fac-símile da edição de nº. 16, ano II, do jornal "A Voz da Borborema", de 09 de março de 1939. Uma página inteira é dedicada ao interventor Argemiro de Figueiredo que, ao longo dos anos, se tornaria um dos políticos mais respeitados da Paraíba. (leia)



de julho de 1937, que tinha como diretor o Dr. Acácio Figueiredo.

O jornal Voz da Borborema foi um grande defensor da administração do interventor Argemiro de Figueiredo. Não poderia ser diferente, pois, além de ter como fundador uma pessoa da família, Acácio Figueiredo, o periódico era um veículo de comunicação de Campina Grande, cujo povo, em sua maioria, se orgulhava em poder contar com o seu filho, Argemiro, à frente dos destinos da Paraíba.

Campina Grande conheceu outros periódicos. Podemos até dizer muitos jornais de vida curta, mas todos sempre defendendo os interesses da Rainha da Borborema, uma atitude que sempre caracterizou os campinenses, lutar pelas conquistas da cidade. O Momento foi um desses jornais, em 1950. Ele contou com uma equipe de bons jornalistas, entre eles, Celso Rodrigues, Jayme Menezes e Nilo Tavares.

Ainda em 1950, surgiram, nas bancas, os jornais “Batista Paraibano”, órgão informativo da Igreja Batista e “O Esporte”, um impresso que dedicava suas atenções ao futebol local e ao esporte de modo geral.

Ainda na década de 50, mais precisamente em 1953, circulou o jornal, “Tribuna do Estudante”, um órgão do Centro Estudantil Campinense, e o jornal “A Ordem”, da loja Maçônica, que funcionou até 1953.

Em 1957, além do Diário da Borborema, cuja história contaremos mais adiante, a cidade também conheceu “A Voz Bancária” e “Gazeta da Borborema.”

Nos anos 1979 e 1983, Campina Grande surgiram dois impressos de lojas maçônicas, o “Mini Informativo Maçônico”, que tinha à frente J. Leite Sobrinho (1976) e o “19 de agosto”, órgão oficial da Loja Maçônica Regeneração Campinense, que, em 1983, assinalava os seus sessenta



anos de fundação.

A Batalha foi o primeiro jornal de circulação diária em Campina Grande. Foi seu diretor o senhor Arlindo Corrêa da Silva, enquanto Izidro Aires de Castro atuou como redator-chefe. Órgão dos trabalhadores e de interesses gerais da comunidade, circulou pela primeira vez em primeiro



de setembro de 1934.

## O Globo

Campina Grande também teve o seu jornal “O Globo”, fundado no dia 7 de julho 1952. Não teve uma circulação duradoura, mas contou em sua diretoria, com nomes expressivos da cultura, jornalismo e movimento estudantil da cidade. Diretor-Responsável: Francisco Asfora (Chico Asfora); Redator-Chefe, José Elmano Cavalcanti; Redator-Secretário, Josué Silvestre, e, como gerente, Antônio Miranda. A Redação, Administração e gerência ficavam na Rua Marquês de Herval, nº. 11, no centro de Campina Grande.



**Francisco Yasbeck Asfora** – Chico Asfora, filho de Elias Hissa Asfora e Ormindia Yasbeck Asfora, nasceu em Fortaleza, Ceará, em 17/08/1929, e faleceu no dia 29/11/2013, aos 84 anos.

Foi casado com Margaret de Araújo Asfora, professora aposentada do Curso de Letras da UEPB e mestra em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal da Paraíba.

Da união com a professora Margaret, nasceram os filhos Bertrand de Araújo Asfora, Promotor de Justiça, que ainda exerceu o cargo de Procurador-Geral de Justiça do Estado da Paraíba, no período de 2013 a 2017, e Rachel de Araújo Asfora, formada em Enfermagem e concluinte de Medicina (em 2021), em Pernambuco.

Francisco Asfora, um dos fundadores de O Globo, em Campina Grande, mais conhecido como “Chico Asfora”, era jornalista, com expressiva atuação na imprensa campinense na década de 50. Sua vida pública foi ainda marcada pelo exercício da liderança estudantil. No campo político-partidário, foi candidatado ao Senado nas eleições de 1990 pelo Partido Democrata Cristão (PDC), quando recebeu mais de dezesseis mil votos e, nas eleições de 1998, também disputou uma vaga, desta feita

pelo Partido Nacional Liberal (PSL).

Chico era irmão de uma das maiores lideranças políticas de Campina Grande e da Paraíba, \*Raimundo Asfora, que se destacou como professor, vereador, vice-prefeito, vice-governador da Paraíba, deputado estadual e deputado federal.



### **Sobre Josué Silvestre**

Nasceu em Carpina (PE), em 16 de julho de 1937. Faleceu aos 83 anos, no dia 22 de junho de 2020. Escritor, jornalista e historiador, era diretor aposentado do Senado Federal. Integrava a Associação Nacional de Escritores, Academia Evangélica de Letras do Brasil (Rio de Janeiro), Academia de Letras de Campina Grande e Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande. Teve importante atuação na vida jornalística paraibana.

Ficou conhecido com obras sobre fatos e personagens da História de Campina Grande e da Paraíba, entre os quais; “Nacionalismo e Coronelismo”, “Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo”, “Tempo de rir”, “Meio século de vida pública sem mandato ou com?”, “Fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba” (1950-2000).

---

\* Raimundo Asfora (outros cargos) - Secretário-Geral do Ministério das Minas e Energia, 1961; Procurador da Fazenda do Estado da Paraíba; Secretário da Prefeitura Municipal de Campina Grande; Advogado da Cia. Vale do Rio Doce; Assessor Parlamentar do Ministério de Minas e Energia.



## A VOZ DO DIA

A VOZ DO DIA foi um jornal fundado no mês de janeiro de 1945, que teve como seu primeiro diretor o Juiz José Demétrio, cidadão de muito prestígio na sociedade campinense. Na primeira página do impresso, abaixo nome do periódico, figurava o slogan “ÓRGÃO ANTIFASCISTA”, o que já demonstrava a linha editorial do jornal.



A partir de 1949, “A VOZ DO DIA” passou por mudança em sua direção, por conta da posição de juiz ocupada por José Demétrio. Por isso, a senhora Nazir Pinto da Silva assumiu os destinos do jornal, como diretora proprietária, e um novo slogan ganhou o jornal: “ÓRGÃO DE INTERESSES POPULARES”, deixando claras as mudanças também na linha editorial.

Na imagem abaixo, do exemplar do dia 16 de outubro de 1949, o jornal já apresentava, na sua primeira página, o nome da nova diretora do jornal impresso campinense.

Além de destaque para a chegada de novos motores para a “USINA DE LUZ” da cidade, como assim era conhecida a geradora de energia, além de estampava matéria sobre a presença do general Eurico Gaspar Dutra em Campina Grande.

No ano de 1954, José Demétrio volta ao comando do jornal, não apenas como seu principal diretor, mas, ainda, como um candidato ao senado da república. E o jornal A VOZ DO DIA, que passou a ser uma tribuna do proprietário, passou a se utilizar de um slogan político, com o jeitinho de quem desejava agradar ao eleitorado: A VOZ DO DIA - REIVINDICA OS DIREITOS DO POVO.



## GAZETA DO SERTÃO

### Campina Grande - 1º. de setembro de 1888

A ideia para o surgimento da Gazeta do Sertão começou em 1887, quando de um encontro entre Irineu Joffily, com o amigo, engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba. Naquele ano, ocorreu a instalação da primeira tipografia da cidade. Retumba era um dos sócios. Foi um grande passo para a fundação do jornal, órgão republicano, que começaria a circular no ano seguinte, em 1º de setembro de 1888, tendo como idealizador e proprietário o Dr. Irineu Joffily. Seu primeiro endereço: Praça Municipal. Tiragem inicial de oitocentos exemplares.



#### Sobre Irineu Joffily

Irineu Ceciliano Pereira da Costa nasceu no dia 15 de dezembro de 1843, no distrito de Pocinhos, pertencente ao município de Campina Grande-PB, falecendo em 7 de fevereiro de 1902. Era filho José Luís Pereira da Costa e D. Isabel Americana de Barros. Hoje, o então distrito de Pocinhos é cidade, pertencendo a área metropolitana de Campina Grande.

Há quem afirme que Irineu Joffily tenha nascido na cidade Esperança. É o caso do historiador Rau Ferreira, no Blog História Esperancense.

Os primeiros estudos de Irineu começaram aos doze anos. A cidade escolhida foi a distante Cajazeiras, onde ele estudou em regime de internato, entre 1856-1857, num dos mais importantes educandários da região, o Colégio Padre Rolim, que hoje abriga um seminário (em anexo) e os cursos superiores da FAFIC - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.

A longa jornada até chegar a Cajazeiras fez despertar nele um interesse pela valorização da Paraíba, levando-o a investigar a geografia e história do Estado, desenvolvendo pesquisa, percorrendo toda a Paraíba.

Com o falecimento do pai, em 1857, completou o colegial na cidade do Recife. Mas os estudos em Cajazeiras fizeram desse ilustre campinense um pioneiro na divulgação dos aspectos topográficos do Estado, que seriam revelados posteriormente durante sua atuação como jornalista.

Essa inclinação para a atividade jornalística aconteceu quando cursava Direito num dos mais antigos e tradicionais estabelecimentos de

ensino superior no Brasil, a Faculdade de Direito do Recife, criada em 15 de maio de 1828. Joffily iniciou os seus estudos nessa faculdade em 1862, aos dezoito anos. Entre tantos nomes importantes da cultura nacional, ele teve como companheiro de curso, o escritor, orador, político e homem público Rui Barbosa.

No dia 7 de março de 1864, mudou o nome para Irineo Joffily, mais exatamente para Irineo Ceciliano Pereira Joffily. Seu nome de batismo era Irineo Ceciliano Pereira da Costa. Mas, na época, era comum fazerem-se mudanças nos nomes. Por sinal, o jornal Diário de Pernambuco, de 7 de março de 1864, divulgou essa mudança do nome do paraibano.

No dia 4 de julho de 1866, último ano do seu curso, \*Joffily fundou o jornal Acadêmico Paraibano, de caráter estudantil, no qual depositou toda sua atenção para as questões locais. Ao concluir o curso em 1866, já no ano seguinte (1867), no mês de janeiro, assumiu a promotoria pública de São João do Cariri, mas foi removido depois, no dia 3 de junho, para Campina Grande.

Três artigos por ele assinados foram publicados nesse periódico, mostrando o seu interesse pelo jornalismo e pela defesa do nosso Estado: “Os limites da Paraíba com Pernambuco”, de agosto de 1866; “Necessidade da criação de um bispado na Paraíba”, entre agosto e setembro, e “Barra de Mamanguape e navegação atual do rio deste nome”, de 11 de setembro de 1866, foram artigos que chamaram a atenção da população paraibana.

Esse interesse de Joffily pelo jornalismo ficou evidenciado em dois artigos escritos por ele em épocas distintas, dois quais o primeiro está no jornal político, literário e informativo O Despertador, periódico da Capital, edição do dia 13 de maio de 1870. Nele, Irineo Joffily defende a construção da ferrovia entre Campina Grande e o Porto de Cabedelo.

Segundo O Mercantil, outro periódico paraibano, de 17 de dezembro de 1883, Joffily apontou diversas propriedades do algodão, dezoito na verdade, evidenciando a importância de construir-se a ferrovia.

No ano de 1889, foi eleito deputado-geral e, no dia 19 de outubro daquele ano, partiu para o Rio de Janeiro, onde foi empossado, no dia 20 de novembro, como deputado pelo Estado da Paraíba.

---

O sobrenome Joffily foi adotado em março de 1864, antes de Irineo concluir os estudos em Direito. É uma adaptação para o Latim das palavras «filho de José», ou seja, Josephus. Naquele período, era comum se trocar de nomes e publicar essa mudança nos jornais. Assim aconteceu com ilustre campinense, nascido Irineo Ceciliano Pereira da Costa, que passou a ser conhecido como Irineo Joffily.

## **A GAZETA DO SERTÃO**

O jornal A Gazeta do Sertão, fundado em 1º de setembro de 1888, circulou, em sua primeira fase, até 15 de novembro de 1889. Retornou à sua normalidade em 3 de janeiro de 1890.

Essa rápida paralisação foi motivada pela ausência de seus dois diretores, um deles Irineo Joffily, afastado para tomar posse, no dia 20 de novembro, como deputado pela Parahyba, no Rio de Janeiro, no mês de janeiro, e do engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba, no mesmo período, que se afastou para tomar posse como Fiscal, na Estrada de Ferro Conde D'Eu. Foram quase dois meses de paralisação, o que provocou muitas reclamações de anunciantes.

A partir de outubro de 1889, Irineo Joffily retorna ao Rio de Janeiro, então capital da nova república, onde sofreria enorme frustração, com a perda da cadeira de deputado-geral.

Naquela oportunidade, não apenas este momento frustrante, mas, ainda, a própria confissão do ilustre advogado, político e jornalista de que estava de bolso vazio. Foi o começo das dificuldades que seriam enfrentadas por ele, um crítico do poder.

O primeiro número do jornal Gazeta do Sertão – 1º.09.1888





As dificuldades originaram-se com o regime monárquico e, depois, com os republicanos, a quem apoiou de início, afastando-se, no mês de agosto de 1890, ingressando no único posto de combate que lhe restava, o Partido Católico, e, por essas mudanças, passou a Gazeta a ser o único jornal de oposição ao governo.

Antes de sentir mais fortemente a perseguição do poder, não se pode deixar de lado a disposição de Joffily, mesmo sendo na época de lançamento da Gazeta do Sertão, em 1888, de ser um homem de posses, porém teve que enfrentar dificuldades para criar um jornal numa cidade, então pequena, com apenas 24 anos de emancipada. Ele bancou, praticamente sozinho, todas as despesas de impressão e distribuição de um jornal, ainda que se trata de um semanário. Campina Grande contava com poucos mais de dezesseis mil habitantes.

Quando cursava o último ano de Direito, no dia 4 de julho de 1866, Joffily fundou o jornal Acadêmico Paraibano (fac-símile abaixo).



Mas, o livro “Entre Monarquia a República – Ideias e Lutas de Irineo Joffily”, de autoria de \*José Joffily (neto de Irineo), destaca outros fatores que contribuíram para o fechamento da Gazeta do Sertão.

Contribuiu para isso incompatibilidade de Irineo Joffily com medalhões importantes da vida política, empresarial e social de Campina Grande, entre eles, Christiano Lauritzen, Alexandrino Cavalcanti e Probo da Silva Câmara, este último, juiz municipal.

Uma briga profunda contra três poderes de destaque na vida da comunidade, representados pelos poderes político, econômico e judiciário, foi de uma desigualdade sem tamanho.

Christiano Lauritzen, vale destacar, foi um dos homens de maior poder em Campina Grande do final do século XIX ao começo do século XX.

Ele foi prefeito da cidade, projetando-se ainda como comerciante, (vendedor de joias), desde que chegou para residir em Campina Grande.

A Gazeta do Sertão – afirma José Joffily, em seu livro – acusou Alexandrino e os seus dois genros, de TRINDADE DE LARÁPIOS.”



**José Joffily Bezerra de Mello** foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como político, empresário e historiador. Nasceu no dia 25 de maio de 1914, em Pocinhos, então Distrito de Campina Grande. Faleceu no dia 9 de janeiro de 1994, em Londrina, no Paraná. Foi um \*polímata brasileiro, mas que se destacou, principalmente, como político, empresário e historiador.



**Christiano Lauritzen** foi um político brasileiro nascido na Dinamarca, em 11 de novembro de 1847. Assumiu a prefeitura de Campina Grande de 14 de novembro de 1904 até 18 de novembro de 1923. Faleceu aos 76 anos, em 18 de novembro de 1923, quando ainda era prefeito. Quem completou o mandato foi o político e também empresário, Juvino do Ó, que administrou Campina Grande, de 23 de novembro de 1923 a 23 de maio de 1924.

## A história

Quando o jornal Gazeta do Sertão estava apenas com 120 dias de fundado, o pressentimento de Irineo Joffily é de que havia uma trama para silenciá-lo. Outras provas deixavam clara essa intenção. O conluio entre nomes de destaque da cidade, como Alexandrino Cavalcanti, o Juiz Espínola, Christiano Lauritzen e Clementino Procópio, inclusive, com este último destacando “que faria uma conferência, para quebrar a typographia da Gazeta”. (25.01.1889)

Nesse sentido, Irineo Joffily, usando o pseudônimo de Índio do Cariry, assinou artigos, a exemplo da seção intitulada “Cá e Lá”, de 18 de julho de 1890 e de 26 de dezembro de 1890. Seus textos no jornal refletiam as suas manifestações de oposição aos atos do governador. Neles, o Índio do Cariry atacava o poder, enfatizando as ameaças sofridas por se posicionar contra o governo.

O pseudônimo adotado por Joffily, Índio do Cariry, está relacionado aos índios que viviam lutando com os proprietários de terras da vizinhança pelo seu espaço de terra, no sítio Jenipapo, em terras paraibanas.

Foram quase três anos de uma luta enorme de Irineo Joffily contra o poder vigente. Uma luta difícil, que ficaria mais complicada com a perda, no dia 15 de setembro de 1890, da eleição ao senado pelo Partido Católico, ao qual se havia filiado um mês antes.

No mês de dezembro do mesmo ano, outra perda irreparável: a morte do amigo, engenheiro Retumba, um dos diretores e integrante da direção do Gazeta do Sertão. No dia 6 de maio de 1801, o Gazeta do Sertão deixou de circular.

A responsabilidade do seu empastelamento é creditada, por tudo que aconteceu anteriormente, ao então governador da Paraíba, Venâncio Neiva, afora outras violências que foram perpetradas contra o patrimônio do jornalista, político e advogado campinense, Irineo Joffily.



**Venâncio Augusto de Magalhães Neiva** nasceu em João Pessoa, em 21 de julho de 1849 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro de 1939. Foi político e magistrado.

Filho de Frederico Augusto Neiva e Maria Josepha Cirne Neiva, Venâncio iniciou seus estudos no Liceu Paraibano. na Capital do Estado. Em seguida, mudou-se para Recife, onde estudou na Faculdade de Direito.

Na Paraíba, advogou e conseguiu uma vaga de promotor público, mudando-se logo para Teixeira, primeira cidade na qual trabalhou nessa função. Foi juiz municipal na cidade de Pombal e, em Catolé do Rocha, exerceu a função de juiz de direito. Por um certo tempo, assumiu a comarca de Pombal.

Em 1881, com a emancipação política de vários municípios no Estado, Venâncio Neiva foi o primeiro juiz do município de Conceição, no vale do Piancó. Com a Proclamação da República, em 1889, foi o primeiro governador republicano do Estado da Paraíba, no período de 16 de novembro de 1889 a 27 de novembro de 1891. Posteriormente, ficou afastado da política até 1918, quando foi eleito senador, permanecendo no cargo até 1930.

Jornal do Commercio (primeira capa de 1827)



## Irinêo – O Exílio

Após o fechamento do jornal Gazeta do Sertão, no mês de maio de 1891, Irinêo Joffily parte para o seu exílio no Rio de Janeiro, integrando-se à equipe do jornal o BRAZIL, onde passou a escrever contundentes artigos, contra o governador paraibano.

A partir de setembro do mesmo ano, na coluna “Breve Notícias sobre a Paraíba”, no “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, escreveu vários artigos, também contra outro desafeto político, Epitácio Pessoa, que viria a ser presidente da república.

Texto abaixo anunciando Irineu Joffily como colaborador do Jornal do Commercio

Dr. Irineu Joffily

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que faz parte desta redação o Sr. Dr. Irineu Joffily, deputado pela provincia da Paraíba à câmara dissolvida pela rebelião de 15 de novembro.

Em seu Estado Natal, o Sr. Dr. Joffily briosamente dirigiu um jornal de opposição, quando silêncio lhe foi imposto pela ordem e progresso que ali se entrosaram. É, pois, um colega distinto pela sua honorabilidade, e de cujas luzes muito esperamos para o engrandecimento desse jornal.

O BRAZIL, jornal editado no Rio de Janeiro, foi um dos canais de comunicação que o paraibano Irineu Joffily encontrou para combater seus inimigos políticos e responsáveis pelo fechamento do jornal GAZETA DO SERTÃO.

Abaixo fac-símile da primeira página do Jornal do BRAZIL com exemplar do século XIX.





O Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro foi outro veículo impresso, que publicava os artigos de Irineo Joffily. (O fac-símile é do primeiro número da capa do jornal, no ano de 1827).







Abaixo, o texto original, com grafia do português do século XIX, apresentado na primeira página da última edição do GAZETA DO SERTÃO, representa o desabafo da direção do periódico, especialmente de Irineo Joffily, contra a perseguição política do então governador, Dr. Venâncio Neiva

## GAZETA DO SERTÃO Manifesto

Merecendo a confiança do grande partido oposicionista desta província, nacional ou **catholico**, como se queira chamar, confiança manifesta de um modo brilhante na eleição geral procedida o **anno** passado, e confirmada por incessantes provas de apoio, que tenho recebido como diretor da Gazeta do Sertão, é de meu dever levar ao conhecimento os motivos pelos **quaes** sou obrigado a suspender a publicação do dito jornal e a ausentar-me da **Parahyba**. O Dr. Venancio Neiva desde que assumiu o exercício do seu cargo de governador em 1889, querendo implantar um regime de trevas e de corrupção, tratou sem demora de aniquilar a imprensa.

Com efeito, usando de posicionamentos indecentes e de ameaças, levou à completa avante o seu intento conseguindo o desaparecimento sucessivo dos três órgãos de imprensa da capital, reduzindo-a à completa mudez como até hoje se conserva.

A Gazeta do Sertão, este modesto periódico, que fundei especialmente para defender os interesses da extensa zona que tem seu nome, ficou só em campo à profligar o erros do proconsul desta infeliz província; trabalho urgente, esforço temerário, na opinião de muitos; porque fazia convergir para um só ponto o ódios da turba, que tripudia no cadáver desta minha pobre pátria. Se a capital **calava-se**, quanto mais o centro, pensou o **dictador** da Parahyba; e por seus asseclas fez circular boatos aterradores, constantes de repetidas ameaças já de ser danificada a minha oficina gráfica e já de prisão contra mim. E chegaram **ellas** a tal ponto, que geralmente esperou-se a realização, em **rasão** de sua incontestável origem **official**.

Tudo porem despresei, e em artigo por mim firmado **responsabilisei** ao Dr. Venancio Neiva por qualquer ataque feito à minha propriedade e por qualquer desacato que sofresse em minha pessoa.

Colocado neste ponto a desigual luta, que eu sustentava; o manhoso capitão-mor da Parahyba recuou para não ficar tão descoberto. Mas a **resistencia** e valor **cívico** que patenteou a Gazeta do Sertão e o fez recuar ao Dr. **Venancio**, foi para formar um novo plano, próprio da **rabulice** em que tem a sua educação política. Preparou seu grito em corpo disciplinado para executar a sua vingança, as autoridades judicarias, **policiaes** e administrativas desta comarca e ordenou contra mim um ataque simultâneo e **continuo**.

As minhas propriedades invadidas e usurpadas, os meus amigos ameaçados de prisão e de processos, e outros muitos **actos** de violência proposital, provocam-me diariamente a usar da repulsa pela força.

Ostenta-se mesmo desde o juízo de direito até o último agente de polícia a guerra de extermínio a que estou submetido e os que me são dedicados.

Debalde tenho reclamado contra tantos abusos e violências indicando os crimes de todas essas autoridades e oferecendo provas; **ellas** escarnecem, dando a conhecer claramente que cumprem ordens superiores; e cada vez mais recrudescem os seus desatinos.

Neste meio asfíxiante em que me acho, sem as garantias da lei, porque ella é **letra** morta, seria necessariamente aniquilado, se não seguisse um dos dois alvitres: reagir com a força ou abandonar o estreito **circulo** com que me tenho debatido inutilmente.

**Collocado** neste **dilemma** prefiro a ultima proposição, porque o sacrificio só **recha**, isentando os meus amigos de maiores males. Escolho o exilio. Tenho a consciência de ter correspondido a confiança dos meus **co-religionarios** políticos, sustentando até agora **esta ultima vedetta** contra os abusos do poder, a Gazeta do Sertão; e se deixo o meu posto de combate é obrigado pela força, pela prepotência do execrado governo da Parahyba.

O Dr. Venancio Neiva cantará pelo seu vergonhoso triunfo e ouvirá **d'ora** em diante com maior deleite os panegyricos dos seus jernianos.

Silencio profundo se fará; e o jornal oficial será para esta pobre **povincia**, o que foi o Semanário para o ditador do **Paraguay**. Uma só vontade, uma só voz na imprensa, um só pensamento.

Separando-me da familia e retirando-me da **Parahyba** levo a convicção profunda, que será por pouco tempo aminha ausência.

Deus tem em **sí** os destinos dos povos; e não **hade** permitir que se prolongue esta época de provação por que passa o povo **parahybano**.

Os amigos **acceitem** um concelho com o abraço de despedida que à cada um desejo – **con-vem** ter fé e esperar.

Campina, 6 de maio de 1801

**Irinêo Joffily**

## NOTA

A GAZETA DO SERTÃO, primeiro jornal de Campina Grande, somente voltou a circular no ano de 1923, numa segunda fase, em ação capitaneada pelo grande campinense Hortênsio Ribeiro.

## O Retorno de Joffily



O retorno de Joffily à Paraíba aconteceu no dia 2 de setembro de 1892. Antes, em julho, após a admissão dele no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Irinêo Joffily veio ao nosso Estado, no entanto, aqui ficou por apenas três meses. Segundo os historiadores, uma passagem, talvez, para definir a volta definitiva para casa, para o seu lar. Mas, nessa oportunidade, o regresso ao Rio de Janeiro serviu para que ele publicasse o livro “Notas sobre a Paraíba”, em agosto. No mês seguinte, setembro, ocorreu a volta desejada.

No retorno definitivo, duas interrogações: o seu estado de saúde? o afastamento total do mundo político? O seu afastamento da política, deu-se em janeiro de 1893. O estado de saúde pesou na decisão, e as decepções do ambiente político serviram para colocar um ponto-final na atuação de um homem extremamente inteligente. Irineu Joffily foi um grande brasileiro.

Em 1894, Irineu, mesmo enfrentando problemas de saúde, vitimado pela lepra, terrível doença que lhe castigava o corpo, com dificuldades até para escrever, publicou um dos seus mais importantes trabalhos sobre o nosso Estado, intitulado “Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba”. Naquele mesmo ano, em dezembro, foi nomeado advogado do Conselho Municipal de Campina Grande.

Os problemas de saúde acompanharam esse grande paraibano durante muitos anos. Podemos afirmar que poucos suportariam as dificuldades por ele enfrentadas, diante de uma enfermidade que, na época, não tinha cura. Ele foi acometido da terrível lepra (hanseníase), quando ainda jovem.



**Embora o bacilo da lepra tenha sido descoberto em 1869, quando Irineu Joffily o contraiu, vinte anos depois, a moléstia ainda era mal classificada e de causas desconhecidas” – destaca \*José Joffily, neto de Irineu, no seu trabalho “Entre a Monarquia e a República”, onde relata detalhadamente a doença adquirida pelo seu avô.**

---

Ainda em 1901, Irineu, já com um quadro de saúde tremendamente abalado, escreveu as suas últimas crônicas sob o pseudônimo de Índio Cariry, matérias publicadas no jornal A UNIÃO, da Capital paraibana.

Os últimos anos de vida do grande paraibano Irineu Joffily foram, como já afirmamos, de muitas dificuldades, com as orelhas tumefactas, vermelhas, grossas, pesadas, lembrando orelhas de elefantes.

Mesmo assim, ele, com muita bravura, nunca se curvou diante dos seus inimigos políticos, a quem atacava com ideias, desde a época de estudante de Direito, em Recife e até anos depois, quando se utilizou do seu jornal Gazeta do Sertão, em Campina Grande. Em contrapartida,

de forma antiética, o atacavam, até por conta de seu quadro clínico. “Morfético, leproso”! Era assim tratado por alguns de seus oponentes políticos.

Mesmo diante de um problema dessa natureza, Irineo Joffily foi o que se poderia dizer, sem medo de errar, um sábio de sua época. Além de graduado em Direito, dedicou-se aos estudos da Geografia, História e Etnografia.

Publicou, em 1892, um interessante livro intitulado “Notas sobre a Paraíba” e, dois anos depois (1894), “Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba”, conforme já destacamos em trechos anteriores desta pesquisa.

Lutou contra os erros da monarquia, apoiou e depois, decepcionado, se afastou dos que estavam à frente do Partido Republicano, terminando no Partido Católico, onde ficou até os seus últimos dias de vida.

Ele morreu no dia 7 de fevereiro de 1902, aos 59 anos, em sua residência, na Praça Municipal, hoje Av. Marechal Floriano Peixoto, em Campina Grande. A sua vida pública foi marcada por grandes momentos, entre os períodos monárquico e republicano. Para alguns historiadores, a morte teria ocorrido no dia 8 de fevereiro.

Essa segunda data é contestada por alguns autores, que atribuem o dia da morte do ilustre paraibano como sendo, na verdade, 7 de fevereiro. Destacam que o dia oito é constante no inventário da família, segundo os seus netos, \*José Joffily, em seu livro “Entre a Monarquia e a República”, editado em 1982 pela Livraria Kosmos Editora, do Rio de Janeiro. Essa data também é confirmada no livro Irineo Joffily, “PRIMEIRO CENTENÁRIO DE MORTE”, de \*Geraldo Irineo Joffily, editado em 2004, pela Gráfica/UNIPÊ.

JOSÉ JOFFILY nasceu em 25 de março de 1914, em Pocinhos-PB (que, na época, pertencia ao município de Campina Grande). Faleceu no dia 9 de janeiro de 1994, em Londrina, Paraná.



Hortênsio de Souza Ribeiro, no livro **“Vultos e Fatos”**, presta sua homenagem ao ilustre paraibano Irineo Joffily, com o seguinte depoimento:

***“Era um dia de sábado triste e nevado, quando da porta da venda de molhados de meu pai, eu menino vi atravessar por debaixo das gameleiras que ensombravam a Praça da Independência, hoje Epitácio Pessoa, um enterro pobre, cujo modesto ataúde era conduzido por matutos de sacos às costas. Na minha curiosidade infantil, perguntei à minha mãe quem era o morto que ia sendo levado ao cemitério por caipiras de pés no chão. Minha mãe enxugando uma lágrima me segredou baixinho ‘que era o enterro de um dos maiores filhos da Paraíba’.***



**José Joffily Bezerra de Mello** nasceu em Pocinhos em 25 de março de 1914 (na época município de Campina Grande) e faleceu em na cidade Londrina, no Paraná, em 9 de janeiro de 1994. Foi um polímata brasileiro, tendo se destacado, notadamente, como político, empresário e historiador. POLÍMATA, indivíduo que estuda ou que conhece muitas ciências É uma pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área.



**Geraldo Irineo Joffily**, nasceu em 06 de julho de 1917, em João Pessoa-PB, e faleceu em 26 de setembro de 1985. Foi Juiz de Direito Substituto da Justiça do Antigo Distrito Federal, em 16/01/1947; foi promovido por antiguidade a Juiz de Direito da Justiça do Antigo Distrito Federal, em 04/08/1951; Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), em 11/05/1960, e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF), em maio de 1984, quando se aposentou.





### **GAZETA DO SERTÃO, num segundo momento**

Os historiadores relatam em pesquisas, que o jornal Gazeta do Sertão retornaria 35 anos depois. Na verdade, isto aconteceu graças a um grande campinense. O periódico viveu uma segunda fase, entre 1923/1924, sob a direção do advogado **Hortênsio de Souza Ribeiro**, então recém-formado em Direito, no Rio de Janeiro. Ele foi um dos mais importantes nomes da vida campinense, também escritor e jornalista. Nasceu em Campina Grande no dia 31 de janeiro de 1895. Assim fica claro: a Gazeta do Sertão, portanto, viveu três fases, tendo à frente esses nomes: Irineo Joffily/Francisco Retumba, Hortênsio Ribeiro e Edvaldo do Ó.

No ano de 1910, Hortênsio chegou ao para Recife para tentar reabrir as prensas do Gazeta, numa demonstração de muita vontade em fazer voltar a circular o jornal campinense. O seu esforço e dedicação, chegaram a merecer destaque no jornal “A Província de Pernambuco”, do Recife, edição de 20 de março de 1910, conforme texto original abaixo.

***Visitou-nos ‘hontem’ à noite o Sr. Hortênsio Ribeiro, que se acha há dias nesta cidade tratando de reunir elemento indispensáveis à publicação de um jornal em Campina Grande, onde reside.***

***Esse periódico que começara \*hebdomadário, denominar-se-á Gazeta do Sertão, empastelado em 06 de maio 1891.***

***O próximo número deverá surgir no domingo vindouro sob a exclusiva direção do Sr. Hortênsio Ribeiro, que à referida Gazeta pretende imprimir uma feição accentuadamente oposicionista, de combate franco às oligarquias. Ao Sr. Hortênsio Ribeiro agradecemos a visita e ao seu futuro jornal desejamos todas as prosperidades. (A Província de Pernambuco: 20/03/1910).***

Mas, o desejo de Hortênsio Ribeiro somente se concretizou em 1923, com o periódico circulando na cidade de Campina Grande, até 1924. O GAZETA DO SERTÃO - jornal político, commercial e noticioso - Segunda phase – teve como editor/diretor: Hortênsio de Souza Ribeiro e, Luiz de França Alves. O jornal, cuja história apresentaremos a seguir, voltaria a ser impresso em 1981.

---

\*HEBDOMADÁRIO – Adjetivo - relativo à semana, que se renova a cada semana. Substantivo masculino - publicação que aparece regularmente a cada semana; semanário. O significado hebdomadário, é, portanto: Semanal. Publicação semanal.



- **Edvaldo do Ó** -

### **GAZETA DO SERTÃO, numa terceira fase**

Finalmente, no dia 25 de maio de 1981, cem anos após a sua fundação, retorna às bancas, num terceiro momento, o jornal Gazeta do Sertão, com a direção de um dos mais empreendedores e destacados nomes de Campina Grande, **Edvaldo de Souza do Ó**. Ele liderava um grupo formado por outros nomes de destaque da vida campinense: Alberto Macedo, Silas Marinho e José Luiz Júnior.

Campina Grande deve muito a esse inesquecível filho. Dele, deve-se o surgimento da SANESA, concessionária de água; CELB – Companhia de Eletricidade da Borborema; além da TELINGRA, responsável pelas telecomunicações em Campina Grande.

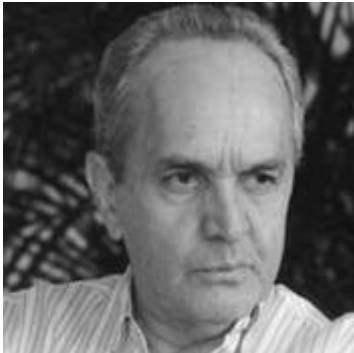
Sob influência e iniciativa dele, surgiu a Bolsa de Mercadoria de Campina Grande, a segunda do Brasil, com abrangência aos Estados do Nordeste, com sede na cidade Rainha da Borborema.

Num dos trabalhos do saudoso professor Itan Pereira, ele afirma que Edvaldo do Ó foi um verdadeiro tropeiro. O livro tem o título - “EDVALDO DO Ó: UM TROPEIRO DA BORBOREMA”. Nele um aspecto fica bem claro para os leitores, qual seja, a linha editorial do Gazeta do Sertão: um jornal com uma proposta reivindicatória e sempre atento aos problemas da cidade, defendidos diariamente, como sempre o fez, pelo economista Edvaldo do Ó.

O ressurgimento da Gazeta foi, portanto, por conta de uma vontade desse inesquecível campinense, o seu desejo em poder oferecer à sua cidade um veículo de comunicação que a defendesse verdadeiramente, inclusive no esporte.

Ele não via isso na mídia Associada, que levava tudo para a Capital, inclusive transferindo a impressão do Diário da Borborema para as oficinas de O Norte.

Edvaldo do Ó deixou isso bem claro numa matéria que foi publicada no jornal que estava retornando às bancas de Campina Grande, no histórico dia 25 de maio de 1981. A manchete afirmava: “Gazeta do Sertão: tudo começou por uma briga”



**José Luiz Junior**, jornalista, graduado pela URNe/UEPB, amigo e integrante da equipe de Edvaldo do Ó, viveu esse momento histórico do jornalismo campinense. Foi ao lado de Edvaldo, para ele um verdadeiro pai, diretor de vários empreendimentos por ele criado. Um grande amigo. Na vida da cidade, José Luiz tornou-se muito conhecido e querido, por sua passagem como excelente atleta dos maiorais do futebol paraibano, Treze e Campinense.



Prédio onde funcionou por muitos anos a Bolsa de Mercadorias, em Campina Grande, criada pelo grande campinense Edvaldo de Souza do Ó. Foi, também, o primeiro endereço de A Gazeta do Sertão (em sua 3ª fase), que surgiu no século XIX (1888), criado por um dos maiores defensores da cidade e região, Irineu Joffily.



**Hélder Moura** ingressou no jornalismo em sua cidade, Campina Grande, em 1983. A Gazeta do Sertão foi sua primeira casa, nesse ofício que o projetou no cenário do jornalismo e da comunicação na Paraíba.

No jornal Gazeta do Sertão, destacou-se numa coluna diária como um dos melhores analistas políticos do Estado, além de, rapidamente, ascender ao posto de editor-chefe do jornal. Em 1985, lançou o livro “Coração de Cedro”, início, também, de uma carreira vitoriosa como escritor. Vitoriosa, sim, pois chegou, muito jovem, a conquistar alguns prêmios de ensaios e poesia, além do prêmio sobre a obra do paraibano José Lopes de Andrade, importante nome da sociologia regional e nacional, promovido pela Bolsa de Mercadorias da Paraíba.

Mudou-se para João Pessoa em 1991, onde se destacou como colunista político do jornal Correio da Paraíba e apresentador do programa Correio Debate, na TV Correio, emissora afiliada da Rede Record, onde ganhou vários prêmios de imprensa. Atuou no Sistema Correio até 2012, quando passou a atuar no Sistema Paraíba de Comunicação.

Hélder Moura concluiu o Curso de Bacharelado em Informática no antigo Campus II da UFPB, onde também estudou pós-graduação em Engenharia de Sistemas. É professor universitário do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), disciplina Lógica e Algoritmos.

Hélder Moura, William Monteiro, Severino Medeiros, Maciel Gonzaga, Jesimiel Ferreira, Geovaldo Carvalho, Fernando Sinimbu e Evandro Reis (com rápida passagem/1983) são nomes que se destacaram nas páginas do jornal Gazeta do Sertão.



**Jesimiel Ferreira**, um repórter vibrador, que chegou ao jornal de Edvaldo do Ó, vindo de experiências na Rádio Borborema e no Diário da Borborema. Repórter do dia a dia do rádio, até como repórter esportivo, além de um bom redator.

Foi uma presença destacada na comunicação de Campina Grande, onde começou na metade dos anos 70.



**Maciel Gonzaga de Luna** nasceu em Pombal, mas foi em Campina Grande onde despertou para o jornalismo e revelou-se no rádio e no jornalismo impresso. Ele é irmão do jornalista e radialista e professor da UEPB, Massilon Gonzaga, este ainda hoje atuando em Campina Grande. Maciel trabalhou na imprensa escrita de Campina Grande e Natal, entre 1978 e 2000. Na cidade Rainha da Borborema, ele destacou-se

na Gazeta do Sertão e no Jornal da Paraíba.

Nesses dois jornais, atuou com muita competência e viveu momentos memoráveis da vida campinense nos seus mais diversos setores. Ele faz questão de nos contar sobre sua trajetória, além de nos subsidiar com imagens e informações marcantes de suas entrevistas e reportagens durante sua atuação como jornalista em Campina Grande. Para Maciel, a que mais marcou sua atividade jornalística foi entrevistar \*Ronaldo Cunha Lima, cassado em 14.03.1969, que, anistiado, em 1982, foi reconduzido à prefeitura de Campina Grande pelo voto popular.



Nesta imagem, o então jovem jornalista Maciel Gonzaga, num momento histórico de sua atuação e da política paraibana, particularmente de Campina Grande, entrevistando o líder político Ronaldo Cunha Lima. Foi a primeira entrevista de Ronaldo a um órgão de comunicação, após recuperar os seus direitos políticos, suspensos por dez anos.

**Ronaldo José da Cunha Lima** (Guarabira, 18 de março de 1936 – João Pessoa, 7 de julho de 2012) foi um advogado, promotor de justiça, professor, poeta e político brasileiro. Durante sua carreira política, foi vereador de Campina Grande, deputado estadual da Paraíba por dois mandatos consecutivos, prefeito de Campina Grande em duas ocasiões, governador da Paraíba, senador da república e eleito deputado federal por duas vezes.

Ele recorda sua trajetória: “Comecei no jornalismo impresso ainda na primeira metade dos anos 70, quando ingressei no Jornal da Paraíba pelas mãos do competente jornalista Marcos Marinho Falcão”. Maciel Gonzaga afirma que foram mais quatro passagens pelo Jornal da Paraíba que pertencia a um grupo de empresários locais, entre eles Humberto Almeida, Luiz Mota Filho, Otto Muniz - da Caranguejo – e Josusmá Viana.

No JP, trabalhou até 1978, ao lado de conceituados jornalistas. Afirma que foram muitos, mas faz questão de citar William Tejo, Fernando Maia, Robério Maracajá, Magidiel Lopes, Clóvis de Melo, Humberto de Campos, Francisco de Assis Nascimento e tantos outros.

Vejamos declarações de Maciel: “No início dos anos 80, fui para o jornal Gazeta do Sertão, jornal fundado por Irineu (Irineu) Joffily, em 1888, que voltou a circular em Campina Grande por conta da coragem do economista Edvaldo de Souza do Ó. Ali trabalhei ao lado dos competentes jornalistas Geovaldo de Carvalho, José Luiz Júnior, entre outros”.



**Ainda nos anos 80, retornei ao jornal da Paraíba para assumir a Editoria-Geral. Na segunda metade dos anos 80, fui trabalhar em Boa Vista-RR, na Folha de Boa Vista. No ano seguinte, retornei a Campina Grande e fui trabalhar no Diário da Borborema, como Secretário de Redação, atendendo a um convite de Geovaldo Carvalho, que era o Editor-Chefe. Na segunda metade da década de 80, houve o retorno ao Jornal da Paraíba, a partir daquele momento pertencente ao Grupo São Braz.”**

---

E prossegue: “Não posso deixar de afirmar que foi atendendo a um convite do saudoso jornalista Tarcísio Cartaxo, que assumi a Editoria-Geral” - destaca Maciel.

No final da década de 80, veio a transferência para Natal-RN. Novos desafios para Maciel. No jornalismo impresso, deu-se a passagem dele pelo Diário de Natal, O Grande Natal e Jornal Metropolitano.

Na televisão, ocorreram passagens pela TV Ponta Negra/SBT, TV Potengi/Band e TV Metropolitano/Rede Brasil. “Nelas exerci o cargo de Diretor de Jornalismo” – disse. Na década de 2000, Maciel se afastou do jornalismo. Passou a abraçar definitivamente a carreira jurídica, como advogado criminalista, hoje sua área de atuação.





**Wilson Barbosa** começou no jornalismo em 1982, no jornal A Gazeta do Sertão, em Campina Grande. Hoje, reside em Boa Vista, capital de Roraima. Desde maio de 2003, trabalha na Secom da Assembleia Legislativa do Estado de Roraima (ALE-RR). Em maio de 2021, completou dezoito anos de trabalho no legislativo daquele Estado.

“Trabalhei duas vezes na Gazeta do Sertão, entre os períodos de 1o. de novembro de 1982 até 30 de julho de 1985. Na Gazeta, comecei como revisor e, quando o colega Ubiratan Cirne deixou o jornal, o editor de então, Geovaldo de Carvalho, me convidou pra ficar quinze dias e atuar como repórter da área policial. Ao invés de quinze dias, fiquei quinze anos atuando no jornalismo policial” - lembra Wilson Barbosa. Num desses períodos no Gazeta do Sertão, na época um jornal de publicação semanal, ele lembra que teve como editor o jornalista Hélder Moura.

A passagem dele pelo Diário da Borborema (DB) foi de 1º de agosto de 1985 a 30 de dezembro de 1985. Foi período pequeno. Wilson e outros colegas da redação do DB foram demitidos pelo Sindicato da categoria porque não tinham o registro de jornalista. Mas, o retorno ao DB foi rápido. No mesmo dia, 1o. de agosto, foi readmitido. Ficou até o dia 05 de maio de 1994. Foi para o extremo Norte. Em 23 de fevereiro de 1995, foi ser Editor de Polícia no jornal O Diário em Boa Vista (Roraima) onde trabalhou até 20 de setembro de 1999. Mudou-se para São Luís, no Maranhão.

Ele não esquece um caso em que um cano de uma espingarda calibre 12 foi apontado para sua cabeça, quando fazia uma matéria para O IMPARCIAL, sobre invasão de terra no ano 2000, em São Luís. Ao lembrar suas atividades no jornalismo, Wilson Barbosa não esquece, igualmente, os momentos difíceis que passou como repórter policial. Cita as ameaças de morte no ano de 1984, em Campina Grande, quando teve que ser escoltado pela polícia, na Feira Central, ao lado do amigo Carlos Alberto: “Os marchantes queriam nos matar, após flagrarmos eles roubando no peso da carne, se utilizando de um imã na balança” – conta Wilson.

Com décadas na profissão, Wilson afirma que, apesar dessas dificuldades como editor e repórter policial, sua carreira também foi coroada bons momentos: “Em maio de 2012, fui agraciado com o título de

Cidadão Boa-vistense pela Câmara Municipal de Boa Vista – Roraima, cidade que me acolheu muito bem” - destaca.

Em 2001, retornou a Boa Vista (Roraima) e em 1º de fevereiro de 2002, começando a trabalhar no jornal Brasil Norte como editor de esportes: “Fiquei até 14 de setembro de 2006, quando a empresa parou suas atividades”.

Mesmo trabalhando no Brasil Norte (à tarde e à noite), pela manhã atuou na Secom da Assembleia de Roraima, a partir de maio de 2003, onde permanece até hoje.

Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – pela então Universidade Regional do Nordeste, hoje UEPB, Wilson Barbosa de Mello reside em Boa Vista, no extremo Norte, cidade que recebeu nos últimos anos um bom número de jornalistas paraibanos, muitos dos quais formados pela então URNE – Universidade Regional do Nordeste e hoje Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.



**Geovaldo Carvalho** ingressou no jornalismo impresso de Campina Grande, no Diário da Borborema, em abril de 1979.

Vindo das Rádios Borborema e Cariri, onde atuou como repórter, no período em que conciliava grandes reportagens com a coluna esportiva “Catimba”, muito lida pelos campinenses.

Em abril de 1981, Geovaldo Carvalho recebeu um convite de Edvaldo do Ó. Deixou o DB para integrar a equipe do jornal Gazeta do Sertão, em sua terceira fase. A segunda, como frisamos anteriormente, foi entre 1923/1924.

Na Gazeta, atuou entre 1981/1984. “Inicialmente como secretário de redação, mas logo assumi a editoria-geral. O jornal se destacou em Campina Grande, com grande aceitação na comunidade, principalmente em 1982, quando houve em Campina uma eleição municipal das mais acirradas, que teve como candidatos, Antônio Vital do Rego e Ronaldo Cunha Lima” – afirma Geovaldo.

Em 1984, procurou Edvaldo do Ó e disse que sua contribuição à Gazeta estava chegando ao fim. Iria deixar o jornal. “Nunca me esqueço quando ele perguntou: se um fizer dele um semanário, tem espaço? Disse que sim, desde que fosse um semanário, com os ingredientes típicos desse tipo de publicação e, não, um jornal que sai de oito em oito dias” – ressaltou.

Na Gazeta, além das tarefas diárias, Geovaldo ainda escrevia, como já relatado, a coluna de futebol “Catimba” e a crônica (com o pseudônimo “Baby Vieira”, que agradava à sociedade campinense ao ponto de ele haver escrito dois livros e, ainda hoje, muita gente o chama pelo pseudônimo. “Em determinados dias, antes de começar a trabalhar, eu tinha que escrever três colunas de gêneros diferentes, visto que, na maioria das vezes, escrevia também o editorial” – afirmou Baby Vieira, aliás, Geovaldo Carvalho.



Foi em 1979, no jornal O DIA, em Teresina, no Piauí, que **Fernando Sinimbu** começou sua caminhada no jornalismo. Iniciou essa trajetória como “aprendiz”, atuando na editoria nacional e internacional.

Como estudante de Comunicação Social – na URNE, hoje UEPB, o piauiense Fernando Sinimbu iniciou a carreira no jornalismo paraibano, o que ocorreu quando atuou como repórter da editoria-geral no jornal A Gazeta do Sertão, em Campina Grande. “Isto ocorreu, após ser selecionado entre alunos do curso de Comunicação Social da URNe, que tinha como Chefe de Departamento o professor e jornalista Gilson Souto Maior” – destaca Fernando.

Paralelamente, trabalhou em A Gazeta do Sertão e como Assessor de Imprensa da Bolsa de Mercadoria da Paraíba, que tinha como gestor principal o economista Edvaldo de Souza do Ó. Para esse piauiense que conquistou muitas amizades em Campina Grande, duas oportunidades marcantes para que ele se firmasse no jornalismo.

“Vivenciar a redação de um jornal para um estudante de jornalismo não deixa de ser uma chance sonhada para qualquer um que pensa nessa tão dignificante carreira – destaca ele –, além de uma oportunidade de sentir na prática do dia a dia de um jornal, como elaborar uma pauta e poder transformar o que foi trabalhado numa matéria. Unir a prática da redação, dos acontecimentos da cidade com a teoria da sala de aula” - diz Fernando.

Hoje, integrante da Assessoria de Comunicação Social da EMBRAPA, ele não esquece também o que aprendeu nos tempos em que atuou como assessor da Bolsa de Mercadorias da Paraíba, numa época em que esse seguimento jornalístico não tinha a força que tem atualmente no âmbito empresarial: “Tudo isso e os anos no curso de jornalismo foram importantes na minha formação como jornalista” – finaliza Fernando Sinimbu, hoje um experiente jornalista.

Jm novo marco

Em novo marco... A população vibrou com a inauguração do jornal... O Jornal preenche uma lacuna...

A POPULAÇÃO VIBROU COM A INAUGURAÇÃO DO JORNAL

PREZENTES AS MAIS ALTAS AUTORIDADES



Para a festa e recepção... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

SALUDAÇÃO DO GOVERNADOR

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Em pleno exercício do mandato de Senador o Sr. Assis Chateaubriand

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Obispo leva o novo jornal de C. Grande

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

50 leitava um jornal em Campina

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Novo empreendimento de 300 milhões

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Episódio de Almeida salda o "Diário da Borborema"

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Será lá o 2º mil sulhar sobre o termo

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Profiro os alagamentos que matam

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

Não haverá o refúgio

Para o Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna...

O Sr. Assis Chateaubriand... O Jornal preenche uma lacuna... O Jornal preenche uma lacuna...

## Diário da Borborema

O jornal campinense Diário da Borborema foi fundado pelo magnata das comunicações Assis Chateaubriand, natural da cidade de Umbuzeiro-PB, que viveu boa parte da sua juventude em Campina Grande. A primeira edição desse jornal, que marcou época no jornalismo campinense, foi publicada em 2 de outubro de 1957.

As manchetes de primeira página do Diário da Borborema demonstravam a alegria de uma cidade e dos que comandavam os Diários Associados, naquele 02 de outubro de 1957.

“A POPULAÇÃO VIBROU COM A INAUGURAÇÃO DO JORNAL” (manchete principal), seguida de colunas com saudações do governador do Estado, Flávio Ribeiro Coutinho e do prefeito da cidade Dr. Elpídio Josué de Almeida.



**Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello** (04.10.1892 – 22.04.1968), mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, foi um jornalista, escritor, advogado, professor de Direito, empresário e político brasileiro. Destacou-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. Era membro da Academia Brasileira de Letras.

Outras manchetes: “SÓ FALTAVA UM JORNAL EM CAMPINA” e “JORNAL PREENCHE UMA LACUNA.”

A tiragem inaugural impressa numa linotipo, foi feita em quinze minutos.

Imediatamente após, ocorreu o ato solene de corte da fita inaugural, na sede do jornal, localizada na Rua Venâncio Neiva, com a participação de autoridades locais, entre elas, o prefeito Elpídio de Almeida e o segundo Bispo de Campina Grande, Dom Otávio Aguiar.

Nos oito primeiros números do Diário da Borborema, cujo acervo, após o fim das atividades do jornal, está hoje em poder da Universidade Estadual da Paraíba, conseguimos com o apoio da professora/doutora e historiadora \*Luíra Freire Monteiro, da UEPB, informações muito interessantes.

Em nenhum desses primeiros exemplares do Jornal dos Diários Associados, observa-se a existência do expediente, nome de redatores, editor ou superintendente. “Apenas um pequeno quadro no alto das páginas de todos os cadernos, apresenta o nome do diretor do jornal, João Gusmão de Barros” – destaca a professora/Doutora Luíra Freire.

Diferentemente do que ocorre nas publicações de hoje, o editorial do primeiro número do DB não apresentava declinações partidárias ou qualquer teor político. A proposta do jornal, inicialmente, era de que ele chegara para suprir uma lacuna de publicações na cidade, sendo o editorial um pensamento do jornal e da empresa, como se faz hoje. O primeiro número foi marcado por mensagens de empresas locais, de representantes dos poderes públicos, então governador Flávio Ribeiro Coutinho, e prefeito da cidade, \*Elpídio Josué de Almeida, além do Bispo da Diocese de Campina Grande, Dom Otávio Barbosa Aguiar.



**Luíra Freire Monteiro** é mestra em Economia pela Universidade Federal da Paraíba, licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba, bacharel em Direito pela Fundação Universidade do Nordeste e doutora em História pela Universidade de Coimbra. Atua em temas da história local, da identidade e do patrimônio cultural. Dedicar-se, ainda, aos estudos sobre historiografia brasileira, história social da América portuguesa e hispânica. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL) da Universidade Estadual da Paraíba.





Gov. Flávio Ribeiro  
Coutinho (1956 -  
1958)



Prefeito Elpídio  
Josué de Almeida  
(1955 - 1959)



Dom Otávio Barbosa  
de Aguiar (1956 -  
1961)

Elpídio Josué de Almeida nasceu na cidade Areia, em 1º de setembro de 1893, e faleceu no dia 26 de março de 1971, em Campina Grande. Foi um renomado médico, historiador e político paraibano.

Foi eleito prefeito de Campina Grande em duas oportunidades, a primeira delas, pela legenda da UDN, gerindo os destinos da cidade de 30 de outubro de 1947 a 30 de novembro de 1951.

Em seguida, foi deputado federal, com uma brilhante atuação. Voltou a ficar à frente dos destinos de Campina Grande, de 30 de novembro de 1955 a 30 de novembro de 1959, tendo, em seguida, se afastado da política. Elpídio de Almeida formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1918. Mudou-se para Campina Grande em 1924 e, em 1929, foi eleito conselheiro municipal (equivale hoje a vereador), mas continuou atuando em sua profissão de médico.



“Diário dos Municípios”, por **Epitácio Soares**, “Medicina para todos”, Álvaro Vieira, “Cinema”, com os comentários de William Tejo e “Panorama Político”, assinada por Osmário Lacet, são comentários e colunas que constam no primeiro exemplar, também veiculados nos sete números posteriores.

A partir da oitava edição, o Diário da Borborema passou a contar com a coluna ‘Sociedade’, assinada por M. Coelho.

Antes disso, é apócrifa. Nos exemplares consultados, como não poderia deixar de ser, a coluna de Assis Chateaubriand era sempre postada na segunda página do jornal campinense, composto de sete cadernos. Somente no primeiro número, ele assinou um artigo impresso na primeira página com o título de PREFIRO OS ALAGOANOS QUE MATAM.

Duas matérias sem autores são destaques nos primeiros números do Diário da Borborema, sendo a primeira uma reportagem sobre o boom da construção civil, com destaque para vários edifícios construídos na área central de Campina Grande.

O Edifício Assú, na Marquês de Herval, onde funcionou por muitos anos A CASA BANCÁRIA MAGALHÃES FRANCO, proximidades da Praça da Bandeira, vizinho ao Edifício Esial, este, que acolheu a partir de 1944, a segunda difusora da cidade (Serviço de Alto), A Voz de Campina Grande, cujos equipamentos foram adquiridos pelo empresário \*Luiz Francisco da Motta e estavam instalados no primeiro andar, na sala 101. Seus primeiros locutores foram o pernambucano, Hilton Motta e o cearense José Jatahí.



Campina Grande, década de 50: Edifício ASSU (esquerda), tendo à direita o Edifício ESIAL, construído na década de 40. Na esquina, pequenos pontos de comércio (cafés e restaurantes)

O Edifício Esial, construído pelo empresário Luiz Motta proprietário do \*Curtume São José – CURTUME DOS MOTTA – e as edificações da esquina com a Av. Floriano Peixoto foram todas demolidas, dando lugar às Lojas Brasileiras e, hoje, funciona no local o Shopping Centro Edson Diniz.

O Curtume São José – Curtume dos Motta – como era mais conhecido, começou a funcionar na cidade na década de 20. Hoje, toda sua extensão é uma área de lazer denominada Parque da Criança. É um local de encontro das famílias campinenses, para prática de exercícios esportes e divertimento da meninada.

O empresário Luiz Francisco da Motta e a senhora Luiza Bezerra Motta foram os pais de Luiz Motta Filho, químico-industrial, que foi nomeado interventor federal em Campina Grande, exercendo o cargo de 15 de julho de 1970 a 31 de janeiro de 1973, hoje residindo em João Pessoa.



Centro comercial, mais conhecido como Shopping Edson Diniz

Sobre a construção do Shopping Centro Edson Diniz – Shopping Popular – não se pode negar a importância da escolha, um local digno para os comerciantes que atuavam nas ruas da cidade. Mas, para quem gosta da preservação do antigo patrimônio, a demolição do edifício Esial foi uma perda para a história de Campina Grande, pois foi o primeiro grande edifício da cidade.

A segunda matéria publicada sem nome do autor destaca a importância da Rádio Borborema como fator de desenvolvimento de Campina Grande. Mas, com o passar do tempo, nem isso foi capaz de fazer com que se preservasse o nome dessa importante emissora, um dos mais importantes nomes da radiodifusão regional e do Brasil.



Edifício São Luiz – Rua Cardoso Vieira, esquina com a Rua Venâncio Neiva, segundo grande prédio construído também pelo empresário Luiz Motta, que abrigou por muitos anos, a partir de 08.12.1949, a Rádio Borborema de Campina Grande e, a partir de 1960, também a Rádio Cariri, adquirida pelos Diários Associados. As emissoras e a Televisão Borborema, funcionaram depois, na Rua Venâncio Neiva, centro da cidade, durante muitos anos, em dois pavimentos Ed. Rique, - 1º e Andar Vazado.

O edifício foi construído também pelo empresário Luiz Motta, que abrigou por muitos anos, a partir de 08.12.1949, a Rádio Borborema de Campina Grande e, a partir de 1960, também a Rádio Cariri, adquirida pelos Diários Associados. As emissoras e a Televisão Borborema, funcionaram depois na Rua Venâncio Neiva, centro da cidade, durante muitos anos, em dois pavimentos do Edifício Rique - 1º e andar vazado.

Dois artigos interessantes constam na primeira edição do saudoso periódico campinense: um deles assinado por Antônio Moraes, comentando o banho de inverno no \*sangradouro do 'Açude de Boqueirão' (nome do artigo); o outro, comentando o filme Moby Dick, de Ramon Sandro.



Sangradouro: Substantivo. O que é Sangradouro: O mesmo que sangrador, por onde escoa a água de um açude que está cheio. Boqueirão tem até ilhas.

**BANCO DO POVO S/A**  
Um Banco a serviço de toda região

CAPITAL E RESERVAS: CR\$ 200.000.000,00  
CIENTOS MILHÕES DE CRUZEROS

Matriz: REOFE - Agência Urbana, Estrada Paulista,  
Casa Amarela, Avenida Longo de Paiz

FILIAIS: CAMPINA GRANDE - José Pessoa, Guadalupe, Salvador, Natal, Mossoró, Macaé (Centro), Macaé (Litoral), Casimiro Paschoa, Palmira, Curitiba, Vitória de Santo Antão, Assisvalde, Saranhá, Nazaré de Mata.

FILIAIS A INAUGURAR EM 1958:

Rio de Janeiro - (Centro)  
Rio de Janeiro - (Copacabana)  
São Paulo - (Centro)

PRÉTORIA - Av. de Albuquerque - Favela Artista - Bairro de Curitiba Longo (Luz Flaca - Avenida de Mello - 100 - N.º 300 - Av. de Paula Lima)

Superintendente: HIRNTO PIRES FERREIRA

**A Melhor Organização Bancária do Norte do País**

Filial em Campina Grande - Rua Visconde Nery, 157 - Caixa Postal 67

**NOVO PREÇO PARA O 'Jeep' Wilson**  
Para Pernambuco - Alagoas - Paraíba  
De Grande do Norte e Ceará de Aracaju

Jeep - novo 2.5 litros 4x4 - Com 60 - 70 - 80 - 90 - 100 Km/h - 295.000,00  
Jeep - novo 2.5 litros 4x4 - Com 60 - 70 - 80 - 90 - 100 Km/h - 300.000,00  
Jeep - novo 2.5 litros 4x4 - Com 60 - 70 - 80 - 90 - 100 Km/h - 310.000,00

MANEIRO DE PAGAR: 10% de entrada e o resto em 12 parcelas mensais de R\$ 20.000,00 + 1% de juros. (Cotação de Câmbio de 1:1000,00) - 2.5 litros 4x4 - 310.000,00

**CARVALHO S. A.**  
DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA  
(CAMARÁ - TORREALTA - LARANJEIROS)



Muitas propagandas marcaram o primeiro número do então novo veículo de comunicação dos Diários Associados, nos seus seis cadernos.

As grandes empresas campinenses veicularam suas matérias institucionais/publicitárias, dando boas vindas e o crédito do empresariado e do povo campinense ao novo jornal da cidade.



**Noujain Habib**, representante de veículos e peças da Ford, e Arthur Freire Comércio de Açúcar LTDA foram grupos empresariais que apoiaram, por muitos anos, não apenas o jornal que surgia naquele longínquo ano de 1957, mas outros veículos de comunicação que se instalaram na cidade.

Os dois empresários, Joseph Noujain Nacad El Koury e Arthur Freire foram empresários muito queridos em Campina Grande.



A última edição do Diário da Borboremna ocorreu no dia 1º de fevereiro de 2012, uma data até hoje não esquecida pela população paraibana, especialmente pelos habitantes de Campina Grande que sempre tiveram no querido DB um veículo responsável por muitas de suas conquistas, sempre lutando pelos interesses da cidade, reivindicando firmemente os seus direitos.



CAMPUS I da UEPB, em Campina Grande, no Bairro de Bodocongó



Amigão, em Campina Grande, em dia de CLÁSSICO DOS MAIORAIS - Treze x Campinense

No seu último dia de circulação, uma manchete que sempre será lembrada pelos campinenses, notadamente pela comunidade estudantil/universitária. “UEPB – ANTONOMIA AMEAÇADA”. Aliás, uma ameaça quase concretizada por um ex-governador, cujo nome preferimos não citar.

“CAMPINA PRECISA DE UM ESTÁDIO” foi uma outra luta dos campinenses e do DB, em prol do futebol da cidade. Campina Grande ganhou O AMIGÃO, na administração Ernani Sátyro.



## Primeiros nomes

Nomes importantes marcaram os primeiros momentos do Diário da Borborema. Não apenas o comandante maior dos Diários Associados, o paraibano de Umbuzeiro, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Não se poderia esquecer os seus primeiros diretores e redatores: Epitácio Soares, José Stênio Lopes, Nilo Tavares, Osmário Lacet, José Lopes de Andrade, Ramalho Filho, Eurípedes Floresta de Oliveira, (editorialistas e cronistas), que encantaram os leitores pelos seus excelentes produtos jornalísticos, crônicas, reportagens especiais e colunas,



**José Stênio Lopes**, jornalista, escritor e executivo foi ainda, grande um educador. Destacou-se como responsável pela consolidação do ensino profissionalizante em Campina Grande, nas décadas de 50 e 60.

Um homem culto e de muito conhecimento, ele atuou na imprensa dos Estados do Ceará e Pará e, em Campina Grande, nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, como editorialista. Dirigiu o Senai Paraíba durante muitos anos, além de ter sido diretor superintendente da Rádio Caturité, no final da década de 60.

Fez um belo trabalho, ao ponto de colocar a emissora da diocese de Campina Grande como um dos destaques da radiodifusão regional, com uma equipe formada por grandes nomes do radiojornalismo do Nordeste.

Como escritor, estreou na literatura com o pequeno livro “Roteiro de Eça de Queiroz”, em 1946, no ano de 1949, teve um conto publicado na “Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil”.

No ano 1961, publicou o livro “Velha Fazenda, Velhos Costumes”. Outros trabalhos escritos em nosso Estado foram voltados para estudos e pesquisas: “Um grande Esforço em Educação: município de Campina Grande (1964); “Um Fósforo na Escuridão”(1987); “Campina: luzes e sombras (1989); “Uma Saga da Criatividade Brasileira” (Senai 40 anos) 1982; “Escola Politécnica de Campina Grande: uma experiência de desenvolvimento tecnológico no Nordeste” (1992); “Senai 50 - Anos (1992). Em 2007, já aposentado, lançou o romance “Caminhos”. Morreu no dia 02 de julho, em Campina Grande, aos 94 anos.



O jornalista e poeta **Nilo Tavares** nasceu na cidade Penedo, interior de Alagoas. Logo cedo, ainda criança, foi com a família para Recife. Foi, segundo relato dos filhos e de histórias por eles contadas, um boêmio conhecido nos bairros da Torre e Madalena, nas décadas de 1930 e 1940.

Vindo residir em Campina Grande, cidade que ele aprendeu a amar, teve uma vida cultural muito ativa.

Atuou em diversos jornais, entre eles O REBATE e Diário da Borborema, além de haver participado de entidades como Rotary Clube de Campina Grande e

Associação Campinense de Imprensa. Em 1983, assumiu a Cadeira no. 25 da Academia de Letras de Campina Grande, cujo patrono é o compositor Rosil Cavalcanti. Como escritor, publicou as coletâneas de versos “Minha Vizinha Ivete” e “Sonetos de Natal e Outros Poemas”.



**Epitácio Soares** foi um dos nomes mais expressivos do jornalismo campinense e paraibano. Atuou em vários periódicos e, notadamente, foi nos Diários Associados onde mais pontificou. Foi encaminhado ao grupo de Chateaubriand pelo empresário Noujain Habib, com quem trabalhou um bom tempo como escriturário de suas empresas.

Epitácio nasceu no então distrito de Boa Ventura (hoje cidade), no dia 1º de janeiro de 1915, na época pertencente ao município de Misericórdia, atualmente Itaporanga, mudança de nome ocorrida

através de lei votada em 1959, na Assembleia Legislativa, e sancionada pelo então governador Pedro Moreno Gondim.

Epitácio Soares, além de uma efetiva participação no jornalismo e vida cultural de Campina Grande, notabilizou-se, ainda, como um grande defensor do municipalismo, ao lado do político Félix Araújo. Faleceu no dia 12 de abril de 1988.



**Felix Araújo** foi criador do programa “A Voz dos Municípios”, apresentado na Rádio Caturité, no início dos anos 50. Epitácio foi o responsável pela continuidade desse programa dedicado aos municípios, sendo seu produtor e apresentador durante vários anos, naquela emissora, e, depois, por um bom tempo na Rádio Borborema.

Félix de Souza Araújo nasceu em Cabaceiras, em 22.12.1922, e faleceu em Campina Grande, no dia 27 de julho de 1953.



José Lopes de Andrade (década de 1960) (Imagem: Blog Tataguaçú - Queimadas)

Faculdade de Ciências Econômicas da cidade, além de ter sido professor da Universidade Regional do Nordeste, atual UEPB, e da UFPB, em Campina Grande e João Pessoa.

Também teve destacada atuação na administração pública, como secretário da prefeitura de Campina Grande, chefe Casa Civil do Governador José Américo de Almeida e chefe do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas do governo federal.

Além de graduado em Estudos Sociais, Lopes de Andrade era pós-graduado em Geografia e Ciências Econômica.



Professor e jornalista Lopes de Andrade (vendo-se a esposa Letícia Camboim), numa solenidade em 1975, recebendo a bandeira de Campina Grande, das mãos do então prefeito campinense, Evaldo Cavalcanti Cruz

Lopes de Andrade era natural de Queimadas, na época pertencente ao município de Campina Grande. Nasceu no dia 28 de julho de 1914 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de abril de 1980. Era casado com a professora Letícia Camboim (in memoriam), e, dessa união, nasceram Maria Olenka, José, Maria Walesca Tizziana e Gianna.

Cursou o primário em Campina Grande, com o professor Clementino Procópio e, na Capital do Estado, estudou nos Colégios Pio X e Lyceu Paraibano. Na universidade, começou na Faculdade de Direito do Recife, mas não concluiu, preferindo cursar Estudos Sociais, ao lado da esposa Dona Letícia. Integrou a turma pioneira do Curso de História e Geografia da UFPB.



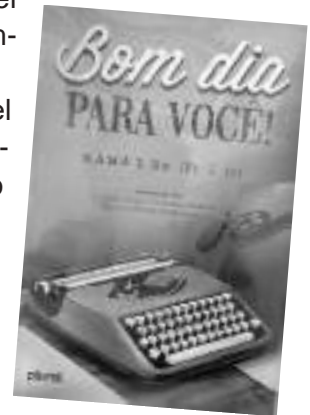
**Ramalho Filho** marcou de forma positiva sua presença no jornalismo campinense, especialmente nos Diários Associados. Começou na Rádio Borborema, uma das mais importantes emissoras do Nordeste, sendo a segunda rádio inaugurada em Campina Grande e a terceira da Paraíba. Depois, com a inauguração do Diário da Borborema, no dia 02 de outubro de 1957, ele passou a dividir sua atuação entre rádio e jornal.

Na radiofonia, destacou-se pelas crônicas, na época, apresentadas nos horários nobres. No caso da Rádio Borborema, os mais antigos lembram da crônica “Bom-dia para você”, durante muito tempo com a assinatura de Ramalho Filho e por outros grandes nomes do jornalismo da época, como Eptácio Soares, Fernando Silveira, Deodato Borges e Wilson

Maux. O saudoso Ramalho Filho foi, talvez, – é uma opinião do autor – o nome que mais identificou essa atração do meio-dia, na programação da Rádio Borborema.

No Diário, Ramalho viveu como destacado articulista/columnista desde as suas primeiras edições, nos primeiros momentos, desde o primeiro dia de circulação, quando o periódico foi inaugurado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Ao lado de nomes como Epitácio Soares, Nilo Tavares e José Stênio Lopes, entre outros, ele foi responsável por artigos e matérias, daquele que viria a ser um dos mais expressivos nomes do jornalismo impresso do Estado, o Diário da Borborema.

Homenagem ao querido e inesquecível Ramalho Filho, nos espaços a seguir. Uma lembrança das suas crônicas apresentadas no rádio e impressas nas páginas do DB, sob o título 'UM OLHAR SOBRE A VIDA', por ele escrita no dia 07 de julho de 1955. Nela, uma homenagem de um pai amoroso e cuidadoso, à sua filha Maria de Lourdes, na sua ida pela primeira vez à escola. Uma crônica atualíssima, escrita há mais de sessenta anos.



**Maria de Lourdes Guerra Ramalho**, hoje aposentada, foi quem nos enviou a crônica na qual recebeu homenagem do pai. Ele reside em Campina Grande.

Sobre o pai, ela destaca o lançamento no dia 19 de setembro de 2022, do livro BOM DIA PARA VOCÊ, numa homenagem ao centenário do jornalista Ramalho Filho. Os organizadores do livro foram Jilton Joselito Pereira de Lucena e Maria do Socorro Silva de Aragão.

**UM OLHAR SOBRE A VIDA  
CRÓNICA DE RAMALHO FILHO  
Campina Grande - 07.02.1955**

Estou ficando velho! É que hoje, minha filhinha Maria de Lourdes, já com cinco anos e meses, foi a primeira vez para a escola. Como estava linda, com a pastinha debaixo do braço e, dentro desta, os apetrechos e os livros que a sua professora pedira.

Confesso, meu ouvinte, que os meus olhos se encheram de lágrimas. É que já estava acostumado com a presença de minha filhinha, dentro de casa, esperando o papai, beijando-o com ternura e com alegria quando ele chega a casa. Saía somente acompanhada por mim ou de sua mãe para os passeios da praça ou para olhar encantada as vitrines da Maciel Pinheiro.

E o pai, que conhece o mundo lá fora e sabe como ele tem surpresas e emboscadas, está preocupado com essa primeira saída. A sociedade começa a exigir que a minha filha saia de casa.

Agora ainda está bem. Ela vai para a escola. A professora, moça distinta e competente dos seus deveres, vai inculcar, no espírito da minha filha, os ensinamentos do saber. Vai ilustrar o espírito da minha querida Maria de Lourdes que eu reputo uma das crianças mais inteligente do mundo. Claro, que eu sou papai coruja.

Mas, no futuro! Quando ela quiser mais; quando minha filha tiver de comparecer ao primeiro baile ou realizar o primeiro passeio sozinha? E quando o amor exigir que ela saia definitivamente da casa onde reinou durante anos e anos? Estes, os pensamentos que povoaram o meu cérebro quando minha filha saiu hoje, pela 1ª vez de casa, para a escola. Determinei que sua mãe gravasse isso, num instantâneo.

O pior, porém, é que minha esposa descobriu, na mesma ocasião quase, um cabelo branco em minha cabeça. E arrancou. Arrancou, com essa vaidade própria de mulheres. Protestei imediatamente, porque o cabelo branco, se é um sinal de velhice, é um sinal de respeito, também. Eu fico satisfeito, profundamente satisfeito.

Se a minha filha está saindo de casa para iniciar os seus contatos com o mundo exterior, precisa de um pai que tenha experiência dessa vida que a gente leva, fora dos lares, inteiramente diferente daquela que levamos dentro dos nossos lares. E o cabelo branco é, precisamente o sinal da experiência da vida.

Estou convicto das minhas responsabilidades. É uma pena, que muitas vezes, o esforço dos pais em preparar os seus filhos para a sociedade é desperdiçado pela sociedade. Não há uma colaboração recíproca. Mesmo assim, porém, continuo na disposição de fazer a preparação dos meus filhos para que eles consigam aquilo que é muito difícil nos nossos dias. Não ser um produto do meio; mas realizar alguma coisa em benefício do meio onde vivem. Olhando o meu cabelo branco e acompanhando a primeira ida de minha filha para a escola, tive a preocupação de preparar melhor, d'agora por diante, os meus olhares sobre a vida.





Orlando Tejo



Tarcísio Cartaxo



Bráulio Tavares

Lembrar o Diário da Borborema é não esquecer nomes como Josusmá Viana, Tarcísio Cartaxo, Joel Carlos, William Ramos Tejo, Bráulio Tavares, Nêumanne Pinto, Agnaldo Almeida, Orlando Tejo, Fernando Wallach, Antônio Alberto de Queiroz, Luiz Aguiar Aécio Diniz Almeida, Joel Carlos, Geovaldo Carvalho, Olga Barros, José Levino, William Monteiro, Assis Costa, Hugo Ramos, Jesimiel Ferreira, Ubiratan Cirne, Ronaldo Leite, Chico Maria, Adelma Irineu, Clóvis de Melo, Gonzaga de Andrade, Humberto de Campos, Francisco de Assis do Nascimento (Olé), William Monteiro, Geovaldo Carvalho, Germano Ramalho, Cícero Félix, Graziela Emerenciano, Sevy Nunes e Hermano José.

Falar sobre cada um desses jornalistas num só livro seria impossível. Seriam necessários vários livros.

Por isso, neste trabalho, citamos seus nomes, falamos um pouco sobre alguns. Na verdade, o objetivo maior do trabalho é lembrar os nossos periódicos, as épocas dos seus surgimentos e, principalmente, nomes que fizeram surgir e circular esses jornais.

Para falar na história do Diário da Borborema, é necessário ressaltar a participação e passagem de um Bráulio Tavares, jornalista, poeta e escritor que orgulha todos nós por sua projeção nacional, sempre em defesa da nossa cultura.

Sempre foi um apaixonado por cinema, pela cultura nordestina e pelo Treze. Pelo 'Galo', todos sabem que ainda o é. Um comentarista e crítico de cinema de muito valor. Um defensor fervoroso de Campina Grande, sua terra natal.

Na Rádio Caturité, em Campina Grande, apresentou o Sétima Arte, com muita competência, ao lado de nomes ligados ao Cine Clube de Campina Grande. Contava com a companhia de Rômulo e Romero Azevêdo, José Nêumanne Pinto e do professor Luiz Custódio, entre outros nomes, revezando no horário das 12 horas, todos os sábados, com o querido Aldo Porto, titular do programa.



**José Nêumanne Pinto**, jornalista, poeta e escritor, é hoje uma das referências do mundo jornalístico brasileiro. É destaque da mídia nacional, com participações no rádio, na televisão e jornais dos grandes centros brasileiros. Um jornalista premiado. Ele passou pelo Diário da Borborema.



**Humberto de Campos**, jornalista, advogado e professor de jornalismo (in memoriam), foi outro baluarte da imprensa escrita, radiofônica e televisiva paraibana. Bela voz e, por isso, um excelente locutor, grande comentarista, no rádio e jornalismo impresso, foi, certamente, responsável pelos picos de audiência da Rádio Borborema e dos muitos exemplares do DB, adquiridos pelos campinenses e paraibanos.

O seu comentário "Jogo Duro", nas páginas do Diário da Borborema, diariamente, e na Rádio Borborema, todos os dias, inclusive nos dias de jogos, era leitura diária no jornal; de ouvido colado ao receptor. Campina tem saudades dele.

Humberto de Campos nasceu em Cuité, no Curimataú paraibano. Veio, ainda criança, morar em Campina Grande. Faleceu em 22.10.2006. Sempre afirmava ser um apaixonado por Campina Grande. Em função desse amor por Campina, o qual defendia com muito ardor, recebeu, mercedamente, o título de Cidadão Campinense, no dia 07.08.1981. Um detalhe a ressaltar é que o autor da propositura para a outorga do título foi o seu colega de trabalho, jornalista/comentarista esportivo e advogado, na época vereador, Ari Ribeiro.



**Luiz Barbosa de Aguiar**, hoje aposentado como professor e jornalista, foi outro nome de relevância na história do nosso jornalismo.

Dirigiu, como diretor superintendente, nos bons tempos do rádio e do jornalismo impresso, em Campina Grande, os veículos dos Diários Associados, Diário da Borborema e Rádios Borborema e Cariri AM.

Luiz Aguiar - Filho de uma professora primária, Dona Etelvina Barbosa e do pequeno agricultor e negociante de gado, seu Solon Barbosa, nasceu no sítio Lagoa dos Marcos, localizado no atual município de Gado Bravo. Estudou na Ordem dos Salesianos, em Jaboatão dos Guararapes - PE e no Colégio Padre Rinaldo, em Carpina. Quase seria padre, mas mudou-se para Campina Grande, formou-se em Economia, pela FACE, antiga Faculdade de Ciências Econômicas (hoje pertencente a UFCG), e, depois, concluiu o curso de Direito na antiga URNe, atualmente UEPB.

Mas, ser economista, advogado e padre não eram os caminhos a serem seguidos pelo Luiz Aguiar. Preferiu ser jornalista, “uma profissão que não dá dinheiro, mas é muito divertida”, como assim dizia o saudoso Edmilson Antônio, famoso radialista campinense. Antes de fazer esses cursos, ele já mostrou o que queria.

No ano de 1967, após terminar o curso científico, já em Campina Grande, viu um anúncio no Diário da Borborema, que comunicava a necessidade de um repórter. “E eu me candidatei ao posto. Foi a minha entrada definitiva no jornalismo, um apaixonado pelo rádio e que, no interior, ouvia a programação diária da Rádio Borborema” - diz Aguiar.

Ao aceitar a oportunidade, Luiz começou auxiliando o jornalista Fernando Wallach, especializado em reportagem policial. “Era um foca, como se dizia, naquele tempo, onde éramos formados na redação, auxiliando um profissional” - afirma.

Com o passar do tempo, o “foca” foi dando lugar a um experiente jornalista que, passo a passo, foi buscando os seus espaços. Tornou-se repórter e, em seguida, foi chefe de reportagem, depois secretário de redação, editor, diretor comercial e superintendente do Diário da Borborema. Exatamente nesse momento, Luiz ingressou na luta de classe, tornando-se o titular da Delegacia do Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, seccional Campina Grande.

Foram os crescimentos normais de um profissional dedicado, que nunca se acomodou, buscando sempre novos desafios. Convocado pela direção dos Diários Associados na Paraíba, assumiu a direção das Rádios Borborema e Sociedade; esta voltaria depois a ser Rádio Cariri, seu nome de origem. Foi nesta época, com formação superior em Direito e com o reconhecimento da profissão de jornalista, que Luiz Barbosa de Aguiar foi ministrar aulas no Curso de Comunicação Social – Jornalismo, na URNe, hoje UEPB.

Sua primeira disciplina foi Ética e Legislação, um assunto muito bom para quem havia se graduado em Direito. Com a experiência do batente jornalístico, foi escalado também para ministrar aulas sobre técnicas de jornalismo impresso.

Aposentado pela Universidade Estadual da Paraíba, após vários anos preparando profissionais para a área, o jornalista e professor, Luiz Aguiar lembra os anos em que, como jornalista do batente, lutou pela criação do curso: “Antes de sua criação, participei juntos com outros jornalistas das reuniões para a sua concretização” – afirma. O jornalismo, antes, era apenas um ofício. O primeiro fruto dessa causa, surgiu dentro do Departamento de Filosofia da FURNE, que contratou professores de outros Estados para ministrar aulas para pessoas que atuavam na área, e Aguiar participou dessa turma.

Em 1973, o curso de Comunicação Social estava estruturado e, nos primeiros anos, a Lei das Diretrizes de Base possibilitou que profissionais lecionassem nas universidades, mesmo não sendo catedráticos. Luiz Aguiar foi um deles, formado em Direito, iniciou sua atuação no ensino. Engajar-se ao ensino do jornalismo, mesmo porque era dono de uma enorme bagagem obtida nas redações, marcou positivamente sua trajetória em sala de aula, até a aposentadoria. Foi uma dedicação enorme ao ensino do jornalismo, por mais de vinte anos, reconhecimento que é dado por todos quantos foram seus alunos.

Professor Luiz Barbosa de Aguiar, jornalista, com especialização em Educomunicação, além de formação superior em Economia e Direito, é um nome a ser sempre lembrado pelos que passaram pelo Curso de Comunicação Social da UEPB.



**William Monteiro** - Jornalista com passagem pelos jornais Diário da Borborema, onde começou sua carreira como profissional da imprensa Gazeta do Sertão e do Jornal da Paraíba, William Monteiro foi um dos nomes mais representativos que já passaram pela imprensa da Paraíba. Também fez jornalismo na Internet, colaborando com o PARAIBAOLINE.

Suas aptidões foram muitas, no dedicado trabalho do jornalismo, nas suas diversas áreas. Coordenou a Comunicação Social da prefeitura de Campina Grande, além de ter dirigido os destinos da Associação Campinense de Imprensa – ACI, com um trabalho sério e inteligente, sempre em defesa dos interesses da classe.

Para outras funções, foi chamado e atuou com competência. Atendendo a um convite do amigo Edvaldo do Ó, substituiu, na década de 70, o competente jornalista Marcos Marinho na Secretaria Executiva da Bolsa de Mercadorias da Paraíba.

Outra missão importante de William foi a de coordenar a assessoria de imprensa do então superintendente da SUDENE, Cássio Cunha Lima, com quem continuou trabalhando no período em que este foi senador pela Paraíba. Durante sua carreira jornalista, foi ainda assessor do ex-prefeito de Campina Grande e ex-governador Ronaldo Cunha Lima.

De uma forma muito amiga, o jornalista Marcos Alfredo assim o descreveu o amigo William Monteiro: “Era do bairro da Liberdade; era o encontro rotineiro no bate-papo do Café Aurora; era a visita às bancas de revistas do centro da cidade e sentia grande prazer em passear pelas ruas de Campina Grande”. “Ele sentia-se seguro e amado junto à família, mas gostava de respirar os ares de Campina em seus devaneios geográficos semanais. Acompanhou várias gerações de jornalistas e tinha um olhar desconfiado para as novas tecnologias, mas nunca fugiu ao desafio de fazer uso delas, na medida de sua capacidade. Era uma figura singular, inteligente, culto e espirituoso, mas, ao mesmo tempo, reservado, discreto e reflexivo”.

O jornalista William Monteiro faleceu aos 68 anos no dia 22 de novembro de 2019.



**Dr. Francisco Maria Filho** – o jornalista Chico Maria – foi uma presença forte no jornalismo paraibano. Passou pelas TVs Borborema, Paraíba/Cabo Branco e Assembleia. No impresso, foi leitura obrigatória nas colunas assinadas no Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e em A União, desde os anos 60. Um jornalista respeitado pela seriedade, ética e respeito diante da boa informação.

Começou no Diário da Borborema em 1º de setembro de 1964. Foi também nos Diários Associados que empolgou ouvintes (Rádio Borborema) e telespectadores (Tevês Borborema, Paraíba e Cabo Branco), com o “Chico Maria – Confidencial”. Seus comentários firmes e verdadeiros empolgavam os leitores do DB.

Antes, como redator e comentarista, em 1961 até 1962, integrou a sucursal de A UNIÃO, para onde retornaria anos depois, quando foi residir em João Pessoa.

Foi convocado pelo governo estadual, partir de 1o. de janeiro de 1973, para a área de segurança, onde se destacou como assessor e um respeitado delegado, que deu um ritmo diferente à vida campinense, sufocando a bandidagem.

Mas, se o Direito fez parte de sua vida até a aposentadoria, paralelamente o jornalismo também o acompanhou.

Assinou contrato com a Rede Paraíba de Comunicação, em 1o. de maio de 1993, como apresentador da TV CABO BRANCO, dando continuidade ao que fazia em Campina Grande, na TV Paraíba, com os seus abalizados comentários sobre a vida política do Estado.

O carinho de todos que conhecem Chico Maria é nítido, principalmente pelos seus amigos jornalistas que têm por ele uma especial atenção.

Num trecho de um seu comentário, o jornalista Geovaldo Carvalho – o nosso sempre Baby Vieira – apresenta uma homenagem feita por ele, ao nosso Chico Maria, quando afirma:

Como cronista, foi insuperável na cidade. Um poder de síntese incommum. Com uma boa formação humanista, seus textos, sempre conduzidos com a maestria lírica dos poetas, porém, sem perder a capacidade analítica de quem se aproxima da ciência, aliado a um toque de ironia,



deleitam seus leitores, o que ainda hoje pode ser visto nos livros publicados. Como entrevistador, no 'CONFIDENCIAL', [portava-se] sempre com uma postura inquisitorial sem ser agressivo, de modo a extrair o que houvesse de melhor do entrevistado.

Em um outro trecho da homenagem de Geovaldo, pode-se ler

[...] em 1994, quando fui recepcionar Chico Maria na Academia de Letras de Campina Grande, Hélio Bicudo me enviou uma carta para ser lida, dando o testemunho do talento do novel acadêmico, um documento histórico, que pode ser encontrado no livro "Confidencial Entrevistas", o último lançado por Chico.

Francisco Maria Filho – Chico Maria – além de escritor, poeta, jornalista e homem do Direito, também foi um dos imortais da Academia de Letras de Campina Grande. Nela ocupou a Cadeira no. 36, que pertencia ao tribuno Raymundo Yasbeck Asfora (Fortaleza, 26.11.1930 — Campina Grande, 06. 03.1987).

Marcos Freire, Dom Hélder Câmara, Ulysses Guimarães, Pelé, Hélio Bicudo, Frei Damião, Hélio Fernandes (irmão de Millôr Fernandes), foram nomes que desfilaram no CONFIDENCIAL, do grande jornalista Chico Maria.

Francisco Maria Filho morreu no dia 13 de fevereiro de 2022, aos tinha 92 anos, vítima de um infarto. Ele havia sido diagnosticado também com Covid-19, o que pode ter agravado sua saúde, porém ao morrer ele já estava sem a doença



Chico Maria, nos estúdios da TV Borborema, quando atuou nos Associados



### **Aécio Diniz – Uma história entre a Paraíba e Alagoas**

A história do jornalista Aécio Diniz na comunicação paraibana começou em sua cidade, Cajazeiras. Muito jovem, aos quinze anos, como locutor esportivo, na segunda metade da década de 50, sua colaboração se inicia junto a então Difusora Rádio Cajazeiras, um serviço de alto-falantes, que se transformaria, em 1964, na primeira emissora da cidade.

No início dos anos 60, resolveu se mudar para Campina Grande. Como não poderia deixar de ser, buscou uma oportunidade numa emissora de rádio. A Caturité foi o primeiro endereço a visitar. Com o aval dos amigos da Diocese de Cajazeiras, conseguiu uma entrevista com a direção da emissora campinense, que pertencia a Diocese da Rainha da Borborema, fez um teste, passou e ficou. Começava um novo tempo para o cajazeirense.

Após alguns meses, com a emissora da Diocese de Patos, A Rádio Espinharas, necessitando de reformulações, Aécio Diniz voltou ao Sertão, onde passou aproximadamente três anos na primeira emissora da região, retornando em seguida para Campina Grande. Não retornou mais para a Rádio Caturité, mas, desta feita, para os Diários Associados, a Rádio Borborema. “Era uma turma de muita qualidade: Humberto de Campos, Joselito Lucena, Joel Carlos, Severino Quirino, Ari Rodrigues, Mário Eugênio, Marília Manhães, entre outros” – afirma Aécio.

Mas, no jornal impresso, ele também integraria o Diário da Borborema, ao lado de grandes nomes do periodismo campinense, como, entre outros, Eptácio Soares, Nilo Tavares, Stênio Lopes, que formaram a primeira equipe do DB, e ainda Luiz Aguiar, Itamar Cândido, Joel Carlos, Humberto de Campos, Humberto Lira e Tobias Di Pace.

Com a chegada de Marconi Góes Albuquerque, no final dos anos 60, uma grande reformulação foi feita nos Associados, a começar pela Rádio Borborema e pelo Diário da Borborema. Este teve os seus equipamentos impressores destruídos, em virtude de um mal-entendido por parte de um cidadão da sociedade campinense que não gostou de uma notícia publicada, envolvendo o nome de sua esposa. O jornal então passou a ser impresso nas oficinas de O Norte, em João Pessoa. Por essa época, o DB passaria a viver um momento um momento difícil.



**Foi nessa época que muita coisa mudou na minha vida” – diz Aécio, destacando as oportunidades que lhe surgiram, a partir daquele ano de 1973. “Numa reunião, dei umas sugestões para o novo Diretor-Geral na Paraíba, Marconi e, de pronto, fui convidado a assumir a superintendência do jornal, o que para mim foi uma surpresa e, além do mais, como estava comandando um programa que fazia sucesso nas noites de Campina Grande, na Borborema, o AÉCIO DINIZ SHOW, também fui autorizado a continuar na rádio” – ressalta.**

---

Para Aécio Diniz, foi uma chance maravilhosa em sua vida. Ele afirma, que foi muito trabalho e esforço para alcançar os seus objetivos profissionais e os desejos da Direção Associada que, entre 1973 e 1979, viveu na Paraíba, enormes transformações, entre as quais a própria mudança da direção dos Diários Associados, de Campina Grande e João Pessoa. “No entanto, apesar dessas mudanças, que deixaram os campinenses chateados com a direção da empresa, conseguimos, com muito esforço, compensar essas perdas reclamadas pela sociedade local” – destaca Diniz.

Depois, fruto do seu bom desempenho à frente do Diário da Borborema, veio o reconhecimento da direção regional, em Recife, através do dirigente Nereu Bastos, designando-o, em 1979, para Direção dos Associados em Maceió, Alagoas – Rádio Progresso e Jornal de Alagoas – que não viviam um bom momento. Aécio confessa que ficou meio dividido, pois, apesar da grande oportunidade, ele sentia muito ter que deixar Campina Grande.

Mas, seguiu para Maceió e lá conseguiu realizar um belo trabalho de recuperação dos veículos Associados da “Terra dos Marechais”, merecendo o reconhecimento não apenas dos seus dirigentes, mas, de colegas de trabalho e da sociedade alagoana.

O grande presente que este paraibano ganharia em terras alagoas ocorreria precisamente no dia 09.09.1987: por conta de um projeto posto em prática com o objetivo de interiorizar a presença do jornal impresso nas diversas regiões do Estado, o jornalista Aécio Diniz, viu o Jornal de Alagoas ganhar o Prêmio Esso de Jornalismo – Melhor Contribuição à Imprensa, em 1987.

No encarte denominado “Jornais do Interior”, o leitor do Jornal de Alagoas passou a contar com as notícias das diversas regiões do Estado, impressas com nomes que identificavam a segunda cidade alagoana e

de outras regiões: Jornal de ARAPIRACA, Jornal do Norte, Jornal do Vale, Jornal do Agreste, Jornal do Sertão, Jornal de Integração, Jornal da Mata e Jornal dos Caetés.

O prêmio nacional outorgado ao Jornal de Alagoas e a esse jornalista paraibano, que marcou época naquele Estado, onde atuou por quinze anos, foi conferido por um júri composto pelos renomados jornalistas brasileiros Zeunir Ventura, Luciano Ornelas, Isaac Jardanowski, Francisco Bilas e Humberto Vasconcelos.

“Um prêmio, não para mim, mas para os meus amigos de equipe e para jornalismo alagoano e paraibano” – finaliza Aécio Diniz, que hoje, aposentado pela UEPB, reside em João Pessoa.

No encarte “Jornais do Interior” do Jornal de Alagoas, passou a figurar o dia a dia de todas as regiões, com uma verdadeira estadualização da notícia. Diariamente, esses encartes se juntavam aos acontecimentos da Capital e às informações nacionais e internacionais, fazendo circular um verdadeiro JORNAL DE ALAGOAS, nunca dantes visto no jornalismo local.



Para um paraibano que chegou pouco conhecido na região, com a incumbência de mudar a realidade e imagem de uma empresa, o cobiçado “Prêmio Esso de Melhor Contribuição à Imprensa – 1987”, ao Jornal de Alagoas, por ele dirigido, era algo extraordinário. “Era o prêmio pelo nosso trabalho e comprometimento da minha equipe” – acrescenta Aécio.

Foi um momento marcante para ele, por sua administração exitosa e para a existência de um periódico, que estava completando oitenta anos. Era a consolidação de um trabalho de recuperação de um jornal que estava prestes a ter que parar as suas máquinas impressoras.

A administração desse paraibano à frente do jornal mereceu elogios do então governador, que depois seria presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, nos anos 80, um jovem político, mais conhecido como Fernando Mello.

Disse Collor:

***A história do Jornal de Alagoas se confunde com a história de cada um dos alagoanos, que viveram e vivem esse século. Testemunhando e registrando os fatos, fazendo história, o velho JA fica cada vez mais jovem, porque sempre procura a sintonia dos novos tempos. No aniversário do Jornal de Alagoas, quem comemora é o povo.***

Até jornalistas de outros veículos enaltecem o trabalho do paraibano Aécio Diniz à frente do Jornal de Alagoas. Foi o caso do chargista Ênio Lins, do jornal GAZETA DE ALAGOAS: “Eu considero você, amigo Aécio, um ícone do jornalismo alagoano” – disse Ênio.

O jornalista, advogado e professor Aécio Diniz, natural de Cajazeiras, teve uma atuação de destaque na comunicação da Paraíba (Campina Grande e Patos) e de Alagoas (Maceió).

Além da passagem por órgãos de comunicação do jornalismo impresso e radiofônico, nesses Estados, foi professor de colégios estaduais em Campina Grande, além de responsável pelo envio de vários jornalistas para o mercado de trabalho, como professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Trata-se de um nome que honra as tradições do jornalismo paraibano e também de Alagoas.



**Adelma Irineu** sempre se destacou com uma presença importante e inteligente do jornalismo. Iniciou na profissão em 1972. Na Paraíba, atuou no Diário da Borborema, onde chegou a coordenar um suplemento dominical.

O Norte, também foi sua casa nos Associados. Passou ainda pelo jornal Correio da Paraíba e pelo jornal oficial A União.

Atuou no Jornal da Paraíba e, nele, apareceu com muito destaque. Criou e coordenou o suplemento especial denominado “PAINEL”, que circulava com dezesseis páginas. Marcou uma bela passagem por jornais que marcaram época, mas que encerraram suas atividades, com exceção de A União, o único jornal diário a circular na Paraíba.

Essa querida amiga ainda passou por dois jornais da Bahia nos quais assinou colunas: Folha do Norte e Feira Hoje, em Feira de Santana. Coordenadora de Pesquisa da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, ela também foi Relações Públicas do Centro das Indústrias daquela cidade.

Integrou o Departamento de Cultura e Recreação da Secretaria de Educação de Campina Grande e a comissão organizadora do primeiro “Maior São João do Mundo”. Adelma do Carmo Irineu Freire nasceu em Juazeirinho PB, em 20 de julho de 1947, e faleceu em 22 de outubro de 2014, aos 67 anos.



**Narriman Rosendo**, natural de Campina Grande, é jornalista formada pelo Curso de Comunicação Social da UEPB – Habilitação Jornalismo.

Começou no jornalismo no jornal Gazeta do Sertão, onde atuou de 1981 a 1986, como repórter e redatora.

“A minha passagem no jornal Gazeta do Sertão foi muito importante. Estava saindo do curso, cheia de teorias, mas precisando de prática, de viver o clima de uma sala de redação e, ainda, como repórter, sentir o clima das ruas, entrevistar e fazer matérias” – afirma Narriman. Ela ressalta que o jornal tinha

uma história bonita e que integrar a equipe de um veículo que chegava para mudar o jornalismo local era de fundamental importância para quem estava iniciando a carreira jornalística. Aprendi muito” – concluiu ela.

No Diário da Borborema, foram duas passagens, de 1986 a 1989 e de 1996 a 2010. Narriman ainda teve passagem pelo jornal A Palavra, mas apenas na área comercial.

Foi jornalista oriunda das primeiras turmas do Curso de Comunicação, que lançou no mercado bons jornalistas tanto no impresso como nas outras mídias.

O curso de Comunicação, em Campina Grande, contou com outros nomes importantes em sua equipe, vindos de outros Estados da federação: Olga Barros, por exemplo, nascida em Fortaleza, já com experiência no jornal impresso, resolveu fazer o curso superior de jornalismo na Rainha da Borborema, quando se mudou-se para a cidade.





Olga, entrevistando a atriz Regina Duarte



Ao lado do jornalista Hermano José, nos tempos do Diário

**Olga Barros** - “Em 1976, com 22 anos, eu trabalhava no Jornal O Povo, Birô de Imprensa do Grupo J. Macêdo e Norton Publicidade em Fortaleza. Preparando-me para o vestibular, resolvi prestar o exame em João Pessoa. Foi uma escolha por acaso. Uma amiga ia de férias e fez minha inscrição. Fiz as provas e fui classificada para Campina Grande” - diz Olga Barros.

Ela diz ainda que, antes do seu retorno a Fortaleza, resolveu conhecer Campina Grande. Afirma ter ficado encantada com a cidade. Ao retornar, com todo apoio da direção do Jornal o Povo, foi fazer o curso em Campina Grande com uma li-

cença de seis meses para, a partir daí, tentar transferência para uma Universidade do Ceará e reassumir o trabalho no periódico cearense.

Fez um teste na Redação do Jornal Diário da Borborema e foi admitida como repórter geral, até 1980. Olga, além de reportagens em geral, fez coberturas especiais e assumiu a editoria das páginas de Educação, Cinema, Sociedade e Juventude.

Não ficou por aí. Assumiu a editoria da Coluna Graziela e a Coordenação do Caderno de Serviços do DB. Organizou a Gincana do Repórter Estudante, realizado sempre no dia 11 de outubro, data do aniversário de Campina Grande, evento que mobilizava toda população estudantil.



**Foi uma grande experiência, somada a tantas outras como, por exemplo, ser cronista social interinamente, por uns tempos, sendo responsável pela coluna Graziela, uma colunista social muito querida na cidade” – afirma Olga Barros.**

---



Campina Grande foi importante na vida jornalística da querida jornalista cearense que, como muitos dos seus conterrâneos, aprendeu a amar a cidade. A televisão também faz parte do currículo de Olga Barros. No tempo em que atuou nos associados, foi repórter e apresentadora do jornal local da Televisão Borborema, a primeira da Paraíba

Concluiu o Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – na antiga URNe, hoje UEPB. Mudou-se para Brasília em 1980. Foi à Capital federal participar de um encontro de jornalistas e visitar um irmão que morava próximo a Brasília, na cidade de Cristalina de Goiás. Repetiu-se o mesmo que anteriormente: gostou da cidade e decidiu que ela seria sua próxima morada, até conseguir uma bolsa no CNPQ para fazer mestrado em ciências políticas na França.



Na Capital federal, **Olga Barros** trabalhou na Representação do Governo do Estado da Paraíba, como correspondente do jornal A União. Fazia cobertura diária da bancada federal na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Foi responsável pela assessoria de diversos parlamentares paraibanos, na Câmara e no Senado, entre os quais, Wilson Braga, Milton Cabral, Evaldo Gonçalves, Álvaro Neto, além do deputado Agnaldo Muniz, do Estado de Rondônia. Casada, mãe de dois filhos,

Olga Barros reside em Brasília. Foi, sem dúvida, um dos grandes valores que passaram pelo jornalismo paraibano.

## Sobre Ana Papes



“Fui aluna do curso de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, desde a época da Universidade, tinha como meta trabalhar em redação de jornal impresso. Era fascinada pelas atividades da reportagem e por colocar em prática o que havia aprendido nas salas de aula do Decom – Departamento de Comunicação da UFPB, de onde também guardo ótimas lembranças” – diz Ana Claudia Papes.

Em 1996 Ana concluiu o curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo. Resolveu passar uns dias em Campina Grande (onde mora parte da família da mãe dela), quando soube do surgimento de uma vaga de estágio na cidade. E foi no Diário da Borborema, na Av. Venâncio Neiva, pertinho do Calçadão, onde tudo começou em termos de jornalismo, “pra valer”, na vida de Ana. E havia sido apenas uma conversa com Cícero Dias, editor do jornal na época.

Ana diz que viveu as mudanças no DB, com a troca das velhas máquinas de escrever pelos computadores. Uma troca que não era bem vista por alguns profissionais. “Foi somente no início. Depois começaria uma saudável e respeitosa disputa pelos melhores computadores” – acrescenta Ana.

Ao lembrar o Diário da Borborema, Ana Papes afirma não esquecer, jamais, aquele local de trabalho e dos bons amigos Francisco José (Chico José), seu chefe de reportagem; Jorge Lobato, Narrimam Rosendo, Ionete Oliveira, Lauricéia Barros, Dilvani Alves, Tobias Di Pace e Gomes Silva (os dois últimos falecidos), amigos queridos do batente diário da redação. “Foram cinco anos de muito aprendizado, quando fui para o JP, em 2001” - lembra.

(Mais informações sobre Ana Cláudia Papes no capítulo Jornal da Paraíba)



Graziela Emerenciano

### Colunistas sociais

Graziela Emerenciano, Sevy Nunes e Hermano José foram três expoentes do colunismo social paraibano, especialmente de Campina Grande e região. Mas, tinham, na verdade o respeito de uma Paraíba inteira de leitores, que os acompanhavam no Diário da Borborema e em outros veículos dos Diários Associados. Graziela e Sevy, pelo menos, atuaram com muito destaque na Televisão Borborema. Hermano José, por sua vez, sempre foi mais dedicado ao jornalismo impresso.

Nenhuma dessas queridas amigas está mais conosco. Graziela Emerenciano nos deixou no dia 20 de maio de 2017, aos 92 anos.

Ela foi a segunda mulher a ficar diante das câmeras da TV Borborema, a primeira emissora de televisão do Estado. Interessante! Sua filha Glêdes Emerenciano foi a primeira a comandar um programa na emissora campinense.

Glêdes produziu um programa dedicado ao público jovem – “Juventude, Bossa e Balanço”, o que aconteceu na época da Bossa-Nova e da Jovem Guarda.

Graziela e Sevy – e isso não poderia ser diferente – apresentaram programas dedicados à sociedade, mas também com comentários sobre fatos de interesse da cidade e região, entrevistas e música.

Sevy Nunes, colunista social nas décadas 80/90, nasceu Severina Nunes de Farias, no município de Monteiro, no dia 21 de agosto de 1926, e faleceu no dia 8 de dezembro de 2016, aos noventa anos. Além de atuar no jornalismo, Sevy foi ainda professora nos tradicionais colégios campinenses, Damas e Alfredo Dantas.

Hermano José Bezerra de Lima (in memoriam) foi uma presença marcante nas páginas do Diário da Borborema. O seu espaço no jornal tinha



Sevy Nunes



Hermano José

seu nome. Era uma página prestigiada pelos leitores do DB, pois dava destaque às notícias da sociedade, mas comentava de forma inteligente (ele escrevia muito bem), assuntos de interesse geral. Era um jornalista muito querido.

Fez jornalismo social nos principais jornais do Estado. Além do Diário da Borborema, mostrou suas qualidades, escrevendo para o “O Correio da Paraíba”, “Jornal da Paraíba”, “A Palavra”, “O Momento”, “O Norte” e “A União”. No jornal oficial, assinou uma página dedicada às notícias de Campina Grande. “CAMPINA”, por Hermano José.

O jornalista Hermano José foi professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande. Ele faleceu em 24.11.2014, deixando uma lacuna enorme no jornalismo campinense.

Jornalista, professor, escritor, museólogo e teatrólogo, escreveu diversas peças, muitas premiadas nacionalmente. Foi diretor do Teatro Municipal Severino Bezerra Cabral, em Campina Grande, onde desenvolveu um trabalho até hoje reconhecido pelos que fazem teatro. Pertencia a uma família de radialista/jornalista. Era filho de José Bezerra, que foi diretor comercial e apresentador, na Rádio Borborema, e irmão de Stênio Mozart, que atuou na TV Borborema, como titular do Departamento Comercial (*in memoriam*).

## Outros nomes



O jornalismo social do Diário da Borborema ainda contou com outros nomes de destaque: **Glêdes Emerenciano**, que foi a primeira mulher a comandar um programa na televisão na Paraíba (TV Borborema, quando inaugurada oficialmente). A filha da inesquecível Graziela também escreveu para o DB e marcou sua presença nos momentos importantes da sociedade campinense.

Nativo Gomes, Edson Félix, Tavinho Miranda, Tamar Celino, Oliveira Filho e Carleusa Candeia também assinaram colunas no jornal dos Diários Associados.



Carleusa Candeia



Tavinho Miranda



Tamar Celino e Oliveira Filho

**Carleusa Candeia** foi responsável por página do Diário da Borborema, onde destacava as notícias da sociedade de Patos e ainda atuava como correspondente de O Norte.

Foi colaboradora do Jornal dos Municípios, em sua cidade, além de fundadora da revista A Cidade. Era muito querida pela sociedade das Espinharas, além de integrante de uma das mais tradicionais famílias da região serteneja. Carleusa Candeia faleceu no dia 1o.05.2009.

**Tavinho Miranda**, promotor, radialista e cronista social é outro nome querido do colunismo social de Campina Grande.

Iniciou sua atuação no mundo social campinense no Diário da Borborema, escrevendo para a Revista Tudo, um suplemento do jornal, com a coluna Gente de Sociedade.

**Tamar Celino**, nome de destaque da sociedade de Campina Grande, integrou os quadros de colunistas sociais do Diário da Borborema, assinando uma coluna diária. Estava sempre presente aos acontecimentos da cidade.

Maria do Socorro Tamar Araújo Celino, filha de Félix de Souza Araújo e Maria do Socorro Douettes. Félix de Souza Araújo foi político, crítico literário, escriturário, livreiro, radialista e jornalista, que faleceu em 27 de julho de 1953.



**Oliveira Filho** também passou pelas páginas do Diário. O querido e conceituado jornalista, atualmente, continua no colunismo social. É um dos mais queridos e lidos colunistas da Paraíba.

Oliveira, ainda hoje, recebe o carinho e apreço dos campinenses, por sua atuação no jornalismo social. Realizando programações para o mundo social e registrando o dia a dia da cidade, através do Jornal Vip, na versão online, ele destaca os acontecimentos de Campina Grande, cidade que aprendeu a respeitar e admirar o seu trabalho.

The image shows a screenshot of a social column page titled "OLIVEIRA FILHO" from "JORNAL VIP CAMPINA GRANDE". The page features a header with the author's name and a small portrait. Below the header, there are several sections, each with a title, a photograph, and a short text snippet. The sections include:

- # O VIP IMPRESSO!!**: A text block at the top left.
- # CASA FIOCCIA**: A group photo of a family.
- # LONG CLUBE**: A photo of two men.
- # GRACA BASTOS**: A photo of a woman.
- # FAZENDA SANTANA**: A photo of a man in a hat.
- # CEL. MÁRCIO B SOLANCE**: A photo of a man.

There are also several smaller photos and text blocks interspersed throughout the page, including a large photo of a man in a hat and a photo of a man in a suit. The text is in Portuguese and appears to be a mix of news snippets and social commentary.

**José Levino**, jornalista profissional com registro na DRT 338, de 07 de julho de 1970, foi um dos mais inteligentes textos do nosso inesquecível Diário da Borborema, no período 1967/1970. Editor, repórter e cronista dos bons, conviveu com gente importante do jornalismo, como bem ele faz questão de ressaltar. Também atuou no Jornal da Paraíba, em 1971.



Jornalista José Levino - no laboratório fotográfico do DB, numa imagem do final dos anos 60



**Trabalhei com jornalistas, como Josusmá Viana, Tarcísio Cartaxo, William Ramos Tejo, Orlando Tejo, Fernando Wallach, Antônio Alberto de Queiroz, Luiz Aguiar, Cícero Félix entre outros,” – afirma José Levino.**

---

Na década de 60, contando com três emissoras de rádio – Borborema, Caturité e Cariri, uma estação de Televisão – TV Borborema, além de um jornal com circulação diária, o nosso inesquecível Diário da Borborema. Campina Grande, naquela década já se destacava como um dos mais importantes centros jornalísticos do Nordeste.

Sem dispor de um curso superior de habilitação em jornalismo, que somente seria implantado nos anos 70, a cidade contava com profissionais dessas áreas, apenas provisionados (sem formação específica), mas com registros em suas carteiras trabalhistas.

Por conta disso, a especialização do pessoal de rádio, TV e jornal, a exemplo do que ocorria em outras cidades que não ofereciam cursos superiores, era feita através de cursos práticos oferecidos pelas instituições de ensino superior, com apoio de empresas de cada cidade.

Um desses cursos foi oferecido pela Fundação Universidade Regional do Nordeste – FURNe – com a coordenação e promoção do Instituto Central de Ciências Humanas, Associação Campinense de Imprensa – ACI e Diários Associados.

Segundo o amigo jornalista José Levino, que atuou em jornais de Campina Grande, o evento foi patrocinado pelo Banco do Comércio de Campina Grande S.A, que tinha como slogan – UM AMIGO ÀS SUAS ORDENS.

O Curso foi aplicado de 30 de setembro a 30 de outubro de 1967, em dois módulos: FORMAÇÃO TÉCNICA e FORMAÇÃO CULTURAL. O módulo FORMAÇÃO TÉCNICA compreendia as seguintes matérias: Administração Geral, Secretaria, Técnica em Jornal, Foto e Radiojornalismo. Já o outro módulo, FORMAÇÃO CULTURAL, compreendia as disciplinas Ética e Legislação de Imprensa, Psicologia Social, Seminários sobre realidades brasileiras, além de Realidade Política, Realidade Sociológica e Cultura Popular.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE  
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

## "CURSO PRÁTICO DE JORNALISMO"

De 30 de set. a 30 de out. de 1967.

**PROMOÇÃO:** - Instituto Central de Ciências Humanas da FURN  
- Associação Campesina de Engenharia (A. C. 13)  
- Edição Anônima.

### CURRÍCULO

**I. Formação Técnica**

1. Administração de jornal
2. Secretaria
3. Técnica de jornal
4. Foto e Edição noticiosa

**II. Formação Cultural**

1. Ética e Legislação de Imprensa
2. Psicologia Social
3. Seminários sobre realidades brasileiras:
  - 3.1 realidade política
  - 3.2 realidade sociológica
  - 3.3 realidade econômica
  - 3.4 cultura popular

GENTILEZA DO

**BANCO DO COMÉRCIO**  
DE CAMPINA GRANDE S.A.

UM AMIGO ÀS SUAS ORDENS

Mapa de Campina Grande com pontos de atendimento do Banco do Comércio.

Anúncio original do curso

Aprovado em concurso do Banco do Brasil, José Levino se afastou do jornalismo por um bom tempo, tendo deixado Campina Grande para residir em Macapá, no Amapá. Hoje, aposentado, reside em Cabedelo.



**Fernando Sinimbu** nasceu em seis de agosto de 1957, em Teresina, no Piauí. É graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Regional do Nordeste (URNe), em Campina Grande, Paraíba. Possui pós-graduação em Gestão de Comunicação Corporativa pela Universidade Federal do Piauí.

Começou a trajetória no jornalismo em janeiro de 1979, no jornal O DIA, em Teresina, como “aprendiz” na editoria nacional e internacional. Em seguida, passou a repórter de setor, no mesmo jornal. Transferiu-se para o Jornal da Manhã, também da Capital piauiense.

Após viver como estudante os primeiros momentos do Gazeta do Sertão, Fernando Sinimbu aportou, em 1982, no Diário da Borborema, jornal dos Diários Associados, em Campina Grande. Destacou-se como editor e repórter político.

“Tive a satisfação de produzir reportagens memoráveis, principalmente durante o período eleitoral de 1982, com o fotógrafo Nicolau de Castro. Hoje, com quarenta anos de estrada, confesso que a base de tudo que penso ter aprendido foi durante a minha passagem pelos dois jornais paraibanos. Produzimos também reportagens de fôlego na área Policial e de Cidades, cobrindo o noticiário de todo o Compartimento da Borborema” – lembra Fernando Sinimbu. Em 1984, Fernando concluiu o curso e retornou para Teresina. Voltou a integrar a equipe do Jornal da Manhã, como secretário de redação. Passou, ainda, pelas tevês Clube (Rede Globo), e, Antena 10 (então Rede Manchete), como editor de jornalismo.

Foi, também, secretário de redação do jornal O Dia e, no jornal Diário do Povo, foi editor-chefe. No mesmo cargo, trabalhou para o jornal O Estado (PI). Desde 1994, por meio de concurso público, trabalha como jornalista da Embrapa, atuando no Núcleo de Comunicação da Unidade em Teresina.



**Vanderley de Brito**, historiador e arqueólogo é presidente do Instituto Histórico de Campina Grande e Sociedade Paraibana de Arqueologia. Mas, é também uma presença de destaque na história do jornalismo impresso paraibano.

Nasceu na cidade Rainha da Borborema, em 13 de dezembro de 1965. Começou a escrever para jornal no ano de 2004, precisamente no dia 17 de julho daquele ano. Foi no Diário da Borborema começando como articulista.

Seus artigos eram direcionados aos temas arqueológicos e paleontológicos, do Estado. Para ele, assuntos instigantes. Seu primeiro artigo no DB foi sobre “Os fósseis da Paraíba”. O último foi na edição de 11 de maio de 2009, poucos dias antes do fechamento do jornal.

“Foi um total de 258 artigos, onde eu tratei de temas importantes como \*fauna pleistocênica cretácea, \*petróglifos e de povos paleoíndios, que habitaram e viveram na Paraíba, muito antes da colonização do Brasil” – destaca Vanderley. Os artigos, segundo ele, além de refletir suas andanças em pesquisas pelo Estado, contemplaram quase todos os seus municípios

Vanderley Brito ainda escreveu para os jornais da Paraíba e Correio e, atualmente (2019), escreve para o caderno ‘MEMORIAL’ do jornal A União.

É autor dos livros: A Serra de Bodopitá (2006); A Pedra de Ingá (2007) que já se encontra na nona edição); Arqueologia na Borborema (2009); Missões na Capitania da Paraíba (2013) e Passagem das Espinharas (2019).

---

\***Fauna pleistocênica cretácea** - período geológico da Era Mesozóica, que aconteceu aproximadamente entre 145 e 65 milhões de anos atrás, marcado pela expansão da fauna e flora pela Terra e total dominação dos dinossauros no planeta.

---

\***Petróglifos** - gravuras rupestres.

---

\***Povos paleoíndios** - membro do povo ou cultura dos ocupantes mais remotos da América.



**Fernando Wallach** é um pernambucano de árvore genealógica francesa, que iniciou sua vida no jornalismo paraibano, em Campina Grande, no Diário da Borborema. Sua chegada à Rainha da Borborema aconteceu no ano de 1966, tendo permanecido na cidade durante seis anos, quando, em 1972, se mudou para João Pessoa, para atuar no jornal O Norte, também pertencente aos Diários Associados. Sua transferência para a Capital paraibana ocorreu por conta de o Diário da Borborema

ter passado a ser impresso em João Pessoa.

Isso foi motivado pelo quebra-quebra nos equipamentos de impressão do DB por parte de um conhecido personagem da sociedade campinense, senhor Edson Gaudêncio. Ele se sentiu ofendido por conta de uma matéria publicada no jornal, quando trocaram a foto de uma senhora da sociedade por outra pessoa.

“Fui autorizado pelo jornalista Marconi Góes, que estava chegando ao Estado para dirigir os veículos Associados, a tomar conta do jornal, fazendo o seu fechamento, com as últimas notícias. Fiquei nessa função até 1977, quando fui substituído pelo amigo José Ferreira Cabral. A partir desse momento, passei a ser funcionário de O Norte” – conta Wallach.

Ainda falando sobre sua passagem no Diário da Borborema, ele conta que usou pseudônimos, a exemplo do que aconteceu em João Pessoa, oportunidade em que fez a coluna ENFOQUE e a página social, que era comandada por Abelardo Jurema. “Usei o pseudônimo de Mariano Estima. No Diário da Borborema, fui Mirabeau. Na verdade (risos), não queria mesmo ser cronista social” – ressalta Wallach.



**Gonzaga de Andrade** foi um nome de destaque na comunicação campinense. Atuou no Diário da Borborema e no Jornal da Paraíba. Nos dois veículos, realizou um bom trabalho, merecendo o respeito de todos pelo competente profissional que sempre foi.

Integrou as primeiras turmas do Curso de Comunicação Social da Universidade Regional do Nordeste – URNe, hoje UEPB.



Afora sua atuação nos jornais de Campina Grande, Gonzaga de Andrade também atuou na área de assessoria, em que se destacou como assessor de imprensa do Sindicato dos Comerciantes, quando da gestão Ivan Freire e, na Câmara de Vereadores, atuou com chefe de gabinete do vereador João Dantas.

Transferiu-se para Boa Vista, capital de Roraima, em 1993. Ao chegar a Boa Vista, integrou a equipe da Secretaria da Comunicação do governo do Estado e, em seguida, passou pelos jornais Tribuna do Estado de Roraima e Folha de Boa Vista. No ano de 1995, Gonzaga trabalhou no jornal O Diário, como secretário de Redação. Muito prestigiado, voltou a trabalhar na SECOM do Estado e em algumas secretarias do Poder Executivo. Mas, gostava do batente jornalístico e, por alguns anos, foi editor e colunista do Jornal Roraima, hoje, na versão online. Gonzaga de Andrade, em 2016, assumiu a Presidência do Sindicato dos Jornalistas do Estado de Roraima, em virtude do falecimento do então presidente, jornalista Humberto Silva. Ficou à frente do sindicato por alguns meses.

Gonzaga de Andrade faleceu no dia 29.10.2019 no Hospital Geral de Roraima. Tanto em Boa Vista, como em Campina Grande, ele desfrutou do carinho e respeito dos amigos, como reconhecimento pelo seu valor como cidadão e como profissional do jornalismo.



**Karina Paula Araújo** foi um nome de destaque no jornalismo de Campina Grande. No impresso, atuou no Diário da Borborema, Jornal da Paraíba e, na televisão campinense. Graduada em Comunicação Social pela UEPB, Karina foi docente do curso, como professora substituta. Destacou-se na área de assessorias no Batalhão de Polícia Militar da Paraíba (Campina Grande), no Campinense Clube, na Comunicação da Prefeitura Municipal de Campina Grande e secretarias de saúde do município e do governo da Paraíba.

A jornalista, que atuava na TV Borborema, afiliada do SBT, desde 2018, faleceu no dia 08 de setembro de 2020, vítima do COVID-19, aos 48 anos. Karina, que em muito contribuiu com a sociedade campinense prestando informações sobre a saúde pública, terminou sua trajetória, repentinamente, sendo uma das vítimas do coronavírus, deixando uma profunda consternação nos meios jornalísticos de Campina Grande. Era filha do ex-jogador de futebol, Ivan Lopes que, em 18.02.2021, também foi vitimado pelo COVID.



O jornalista **Anselmo Crispim Guimarães** iniciou sua carreira profissional em 1981, como repórter de policial do Jornal Diário da Borborema. Nos Associados, atuou até 1998. Nesse período, intercalou passagens pela assessoria de comunicação da vice-governadoria do Governo da Paraíba, pela editoria de esportes do Jornal Correio da Paraíba, na Capital, e no Jornal da Paraíba, onde ocupou a editoria-geral, em Campina Grande.

No Diário da Borborema, sua participação foi das mais positivas, ocupando quase todas as editorias. Chegou a ser chefe de reportagens e secretário de redação. Atuou com nomes de referência no jornalismo, entre eles Luiz Aguiar, Itamar Cândido, William Monteiro, Humberto de Campos, Assis Costa, Geovaldo Carvalho, Eurípedes Oliveira e Eptácio Soares.

Despediu-se das redações em 2002. Deixou o Jornal da Paraíba para ingressar na assessoria de imprensa do Ministério Público da Paraíba – MPM, onde permaneceu até 2019. Natural de Cabaceiras, é servidor efetivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, desde a década de 80.



**Antônio Ferreira Nunes** é natural de Itapetim, Pernambuco. Como muitos que vieram estudar em Campina Grande, passou a amar a cidade e terminou ficando. “Fui muito bem recebido, fiz amigos e gostei da Serra da Borborema” – afirma o jornalista que concluiu o seu curso de Comunicação – Habilitação Jornalismo e de Especialização em Comunicação Educacional –, na UEPB.

O ingresso para o jornalismo aconteceu no Diário da Borborema, onde atuou de 1980 até 1986. No Diário, atuou como repórter, chefe de reportagem e como secretário de redação. Ao deixar o DB, Antônio Nunes trabalhou no Jornal da Paraíba, onde foi editor. “Isso foi de 1986 a 1987, quando parti para atuar em assessorias na administração pública” – diz. Desde de 1987, está na Codecom – Prefeitura de Campina Grande, onde é redator.



**Na imagem, a minha satisfação e alegria maior, em receber o título de cidadania campinense das mãos ao vereador João Dantas. Sou Campinense, sim senhor” – afirma o jornalista Antônio Nunes.**

---

Ainda na área de assessoria, desenvolveu trabalhos jornalísticos na Polícia Civil, no período 1991 a 2017. Sócio fundador da Associação Campinense de Imprensa – ACI, diz-se muito feliz em ter sido eleito presidente da entidade, entre 1986 e 87 e, mais orgulhoso ainda, em ter merecido o reconhecimento da categoria jornalística campinense e sido reconduzido para a gestão de 2007-2011.

“Para completar ainda mais a minha felicidade, recebo a honrosa missão de conduzir os destinos da ACI, outra vez, de 2020 a 2021” – afirma Nunes. Ele, por sinal, vem ao longo dos anos sendo muito requisitado no meio jornalístico, pois foi vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas, entre’ 2014/2015; presidente; em 2017 e vice-presidente, no período 2017/2020.



Hugo Ramos



Ronaldo Leite



Gil Campos, começou no jornalismo em 1989, no Diário da Borborema

## Repórteres Policiais

Ser jornalista não é fácil. Ser jornalista policial é muito mais difícil. Mais do que qualquer outro segmento do jornalismo, o jornalista policial ou repórter policial (como queiram) desenvolve um trabalho em uma área extremamente perigosa.

O ambiente não é fácil. O cara a cara com elementos muitas vezes de alta periculosidade pode colocar em risco e integridade física do profissional dessa área. A aparente segurança pelas amizades criadas com as autoridades policiais, muitas vezes, não impedem acontecimentos trágicos, com os que militam no setor. O caso TIM MAIA, destacado nome do impresso no Rio de Janeiro é um exemplo, dentre muitos. Foi assassinado.

Ao folhear páginas de diversos exemplares do Diário da Borborema, encontramos nomes por demais conhecidos dos leitores do velho e querido DB. São amigos que jamais serão esquecidos, nomes que realizaram brilhantes trabalhos de coberturas policiais, sempre lembradas pelos que buscavam as bancas de jornais. Ronaldo Leite, Hugo Ramos, Assis Costa, Gil Campos são profissionais que merecem ser lembrados.

Assis Costa e Hugo Ramos tiveram atuação destacada não apenas no jornalismo impresso. Paralelamente, eles atuavam também no rádio.

Assis, durante muitos anos, foi apresentador e produtor do programa “PATRULHA DA CIDADE”, na Rádio Borborema, campeão de audiência no horário.

No período da Caturité AM, apresentou, por um bom tempo, um programa dedicado à música regional, intitulado “VIVA GONZAGÃO”. Mas, o seu destaque maior no jornalismo foi sua atuação como repórter policial, nos Diários Associados.

Hugo Ramos, por sua vez, atuou durante muitos anos na Rádio Caturité e, ao lado de Clóvis de Melo, produtor do “DRAMAS DA CIDADE”. Hugo foi ainda o fundador e produtor do programa “CATURITÉ NO MUNICÍPIOS”, e Clóvis (quem não lembra!), além das informações policiais, produzia o “FORRÓ DA TÁBUA LASCADA”, na liguagem matuta do apresentador “FORRÓ DA TÁBA LASCADA”.

Ronaldo Leite, com passagem pela redação da TV e Rádio Borborema, também se destacou no Diário da Borborema. Durante muitos anos, cobriu os acontecimentos policiais da cidade e região e viveu, também, os momentos difíceis para os repórteres da área, quando MÃO BRANCA aterrorizava toda a região. (Mais informações sobre Ronaldo Leite, mais diante, nesse capítulo)

Assis Costa, Ronaldo Leite e Hugo Ramos nasceram para atuar nessa área do jornalismo, pois eram destemidos, corajosos e enfrentavam situações difíceis. Na época do famoso “MÃO BRANCA”, esses jornalistas foram até alvo de ameaças morte, mas, nunca se intimidaram. Corriam atrás da notícia...e de MÃO BRANCA...também!

Gil Campos começou no jornalismo em 1989. Iniciou sua trajetória jornalística no Diário da Borborema. A reportagem policial foi o seu caminho inicial no periodismo. Aliás, poucos são os jornalistas que não tiveram uma passagem nos cadernos policiais. Principalmente para o “foca”, assim chamados os principiantes.



### **Ainda sobre Assis Costa**

Seu nome completo, \*Francisco de Assis Costa, nascido em 9 de maio de 1958, no Sítio “Pau Ferro”, zona rural do então Distrito de Lagoa Seca, na época município de Campina Grande é filho de pequenos agricultores.

Aos sete anos, vivendo na área rural, demonstrava o seu fascínio pelo rádio. A saudosa Rádio Borborema e sua fantástica programação, que agradava a todos os gostos e idades, era o seu grande amor de criança.



**Nas visitas aos estúdios da Promoson, na Rua Venâncio Neiva, centro de Campina Grande, do inesquecível Lourival Neiva Freire, me aproximei de influentes figuras de rádio e dos jornais campinenses” - afirma Assis.**

Num desses dias, um encontro casual com o então (na época) diretor comercial do DB, Luís Barbosa de Aguiar, Assis foi convidado a assumir uma vaga nos quadros do Diário da Borborema, como repórter policial.

A missão era substituir o querido Humberto Cosme de Lyra, conhecido como “Beto Papudo”, transferido para a equipe de O Norte, em João Pessoa. Assim, nasceu para o jornalismo e para o rádio. Assis Costa.

O então menino de Lagoa Seca, concretizava seu sonho, ser jornalista. No impresso, atuou ao lado de jornalistas de proa, logo se familiarizando com os veteranos repórteres, redatores, revisores, editorialistas, cronistas e articulistas renomados, entre eles Epitácio Soares, Eurípedes de Oliveira, Manoel Alexandrino Leite, Almeida Passos, José Itamar Cândido, Joel Carlos, Severino Machado, Willian Monteiro, Graziela Emerenciano, Humberto de Campos, Hermano José, Maria de Jesus Anselmo, Ronaldo Dinoá, Tobias Di Pace, Tarcísio Cartaxo (com sua coluna Visorama Político), entre outros valorosos.

Assis Costa nunca esqueceu nomes que marcaram época durante sua passagem no DB, entre os quais Geovaldo Carvalho, João Barros, Jânio Rêgo, Olga Barros, “Pilonzinho”, Paulo Bertrand, Tavinho Miranda, Antônio Marcos, Cicero Dias, Jesimiel Ferreira, Ubiratan Cirne, Anselmo Guimarães, Dagoberto Pontes, José Lucas de Moraes (o “Guerra Pinto”), Bastos Farias, Ronaldo Leite, Eudes Antônio, Ionete de Oliveira e Josusmar Barbosa.



Ionete Oliveira



Bastos Farias



Josusmar Barbosa



Jesimiel Ferreira





Tobias Di Pace



Ronaldo Dinoá



Humberto de Campos



Epitácio Soares



Repórter fotográfico,  
Nicolau De Castro

“E como não recordar as fotos geniais de **Nicolau de Castro**, Francisco Alencar, Francisco Morais, Carlos Alberto, excepcionais repórteres fotográficos” – destaca, ressaltando que, com esses e outros profissionais, foram feitos registros fotográficos que mexeram com as atenções e curiosidade da população de todo compartimento da Borborema e até fora da Paraíba!

“Era assombroso o morticínio bancado por silenciosos sicários do gatilho e ousados membros dos famigerados e temíveis ‘Esquadrões da Morte’”.

“Nas caladas da noite, raptavam e decapitavam inúmeras figuras do mundo do crime, cujos vulgos eram famosos nos arquivos e domínios policiais desde a velha Central de Polícia, localizada na Floriano Peixoto, em frente à Catedral, até o prédio da Av. Pedro I, no São José, nas dependências do antigo Pronto Socorro Municipal, o famoso HPSM” – lembra Assis Costa.

Ele cobriu desde o intenso “rosário” de crimes atribuídos ao ex-estudante Ataliba Arruda aos notórios fatos de grande repercussão, como os misteriosos assassinatos do pecuarista Zezito Ribeiro; de Mazinho Maciel, o Ligeiro; Luís dos Cintos, no Centro da Cidade; o caso Shopping Center, com o brutal assassinato do jovem Marcos Santos; o sequestro e a morte de “Djalma Leonardo”; e a “Saga dos Ciganos Cavalcante”, Clóves, “Bitó” e mais de uma dezena deles.

Outras coberturas policiais merecem destaque na história jornalística de Assis Costa, como o suicídio do tribuno, poeta e vice governador eleito, Raimundo Asfora; a morte do fotógrafo Vagner Pinto; o caso Margarida Maria Alves; e a execução do Policial Federal Edvaldo Ledo no Parque do Povo.

As visões do espirita Roldão Mangueira e suas “Borboletas Azuis”, de que o mundo iria se acabar com um tremendo dilúvio, no dia 13 de maio de 1980, são também evocadas por Assis Costa, um dos mais competentes e impetuosos repórteres policiais que já passaram pelo jornalismo impresso da Paraíba.

O jornalista e ex-vereador de Campina Grande Assis Costa morreu no dia 15.02.2021. De acordo com informações da família, ele estava internado na UTI de um hospital particular da cidade, tratando-se após complicações de uma cirurgia para retirada de um cálculo biliar na vesícula.

### **Ronaldo Leite viveu o período do MÃO BRANCA**



**Ronaldo** foi um dos mais destemidos repórteres da área policial, com atuação no jornalismo campinense, principalmente, como já afirmamos, no Diário da Borborema.

Mas, passou por outros periódicos da cidade; Jornal da Paraíba, Gazeta do Sertão, Semanário Folha de Campina e como jornalista da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado.

No setor policial, foi marcante sua atuação na época do vingador MÃO BRANCA. Ele estava presente, atuando pelo DB, quando o jornal divulgou, na edição do dia 13 de julho de 1980, com exclusividade, o listão que o Mão Branca havia divulgado, em que constavam 115 nomes daqueles que seriam suas vítimas. Nela figuravam nomes de advogados, políticos, intrujões, estelionatários, assassinos, traficantes de drogas e assaltantes. Começava, naquele momento, um período que manchou a história da cidade de Campina Grande.

Uma carta encaminhada ao DB e à Central de Polícia, segundo Ronaldo, e mais tarde com origem identificada, “partiu das entranhas da própria polícia” – diz o jornalista. Ele afirma que, de início, ninguém levou a sério a correspondência, acreditando tratar-se de mais uma brincadeira de pessoas que buscavam o anonimato para pregar peças e causar medo à população. Muitas imagens publicadas nesse período, nas páginas do Diário da Borborema, foram de autoria do repórter fotográfico Junot Lacet. “Mas, o que foi anunciado aconteceu” – ressalta Ronaldo Leite. Com a cidade vivendo o signo do medo, com o MÃO BRANCA tornando público a intenção de fazer uma limpeza, em virtude do alto grau de criminalidade que ocorria em Campina Grande, um dia após a publicação da lista negra, começaram as execuções.

O meliante Paulo Roberto do Nascimento, conhecido por Beto Fuscão, foi encontrado com um tiro de espingarda 12 no peito ao lado do estádio Amigão, no bairro do Catolé. Ronaldo Leite, então repórter do DB, recorda o telefonema que recebeu: “Tem um crioulo morto na torre do Amigão”.

Depois e durante muitos meses, o carrasco deu sequência ao prometido: tombaram sem vida Marcos Antônio da Silva, vulgo “Mocotó”, com várias perfurações a tiros – os marginais foram mortos com requintes de crueldade – dois corpos foram encontrados no sítio Velame e um outro, perto do hospital da FAP.

“Após as execuções, demonstrando muita ousadia, os matadores informavam suas ações criminosas em telefonemas à Central de Polícia e à Imprensa” - diz Ronaldo. Os marginais “Bermuda”, “Negro Rei”, “Pernambuco”, “Barrão” e “Paraibinha” também entraram na fatídica lista. O crime deste último ganhou ampla repercussão na imprensa, em função da “luva branca” deixada sobre o corpo e que deu origem à denominação – MÃO BRANCA - chegada posteriormente a Campina Grande.

Conta o jornalista Ronaldo Leite que a denominação “Mão Branca” foi copiada de um grupo de extermínio que atuava no Rio de Janeiro, que inclusive, foi responsável pelo assassinato do marginal conhecido por “Paraibinha”.

Foi um período de sequestros e mortes, de crimes terríveis, que projetaram negativamente Campina Grande. “Vivi esses momentos e cobri jornalisticamente esses acontecimentos policiais, ao lado de muitos colegas da imprensa campinense: Assis Costa, Jesimiel Ferreira, Hugo Ramos, Clóvis de Melo, Nicolau de Castro, Junot Lacet, Eudes Villar, Aluísio Alves do Nascimento, Marcos Marcelo, José Valdi de Lira, entre outros. Foram momentos terríveis, que marcaram sobremaneira a minha atuação na imprensa” - finaliza.

NOTA - Por sua vivência nesse momento difícil por que passou a sociedade campinense, Ronaldo Leite foi convidado e participou de palestras na cidade de Campina Grande, muitas delas no Curso de Jornalismo da UEPB. Conheceu e aprofundou-se em pesquisas realizadas sobre o que viu e acompanhou de perto, ao lado dos seus colegas de jornalismo da época. Hoje está aposentado. Ronaldo é filho do jornalista Manoel Alexandrino Leite, um dos primeiros colaboradores do Diário da Borborema, que atuou no periódico associado por muitos anos. Ele viajava pelos sertões e retornava das viagens, relatando fatos que serviram para grandes reportagens nas páginas do querido jornal campinense.



Mesmo não dependendo do jornalismo para viver, **Tobias Di Pace** foi um homem dedicado ao jornalismo. Atuou no rádio, mas também se destacou como um bom repórter nos jornais de Campina Grande.

O Diário da Borborema, onde permaneceu por quatorze anos, foi o jornal impresso a que dedicou grande parte de sua atuação. Era um apaixonado pelo esporte em geral, notadamente o esporte amador, sua grande paixão. Acompanhava com dedicação extrema as competições, cobrindo o campeonato amador e os jogos da área suburbana da cidade. Muitas foram as competições amadoras organizadas por Tobias, que também arrumava um tempinho para se dedicar aos trabalhos de arbitragem, como integrante da Liga Campinense de Futebol e Federação Paraibana de Futebol.

Os amantes das competições amadorísticas devem estar lembrados das inúmeras competições por ele organizadas, e que movimentavam Campina Grande. O resultado desse bonito trabalho de Tobias podia ser medido na busca pelos exemplares do DB e pela audiência das resenhas esportivas das emissoras de rádio, todas as segundas-feiras, com as matérias e os resultados dos jogos. Ele viveu o esporte amador. Foi um desportista e um desportista que amava fazer jornalismo.

Tobias Di Pace Maranhão, que faleceu aos 88 anos, em 1o.12.2014, iniciou sua carreira como árbitro de futebol em 1965, quando começou a atuar pela Federação Paraibana de Futebol (FPF) e Liga Campinense de Futebol (LCF). Tobias, que nasceu em João Pessoa, chegou para Campina Grande no ano de 1931, com apenas cinco anos de idade.

Após deixar a arbitragem, ele ingressou no jornalismo esportivo. Colaborou com o Diário da Borborema e com a Gazeta do Sertão, tendo trabalhado nas rádios Correio, Cariri, Borborema, Caturité, Campina FM e Panorâmica de Campina Grande, e na Rádio Cidade, de Esperança.

No dia 1o.04.2016 (segundo ano do seu falecimento) foi inaugurado o Parque Tobias Di Pace, pelo então prefeito Romero Rodrigues, numa homenagem e reconhecimento a quem tanto trabalhou em prol do esporte em Campina Grande.



Cláudio Goes é jornalista com formação Superior pela UEPB



Nicolau de Castro foi um excelente repórter fotográfico



Leonardo dos Santos Silva é da CODECOM da PMCG (Campina Grande)

## Repórteres fotográficos

No jornalismo impresso, uma profissão das mais importantes é, sem dúvida, a do repórter fotográfico. O Diário da Borborema contou com nomes expressivos neste segmento jornalístico: Eudes Villar será sempre um nome lembrado, como também Aluísio Alves do Nascimento, Marcos Marcelo, José Valdi de Lira, Carlos Tenório, Nicolau de Castro, Francisco Martins, Nilton Vanderley, Cláudio de Goes, \*William Cacho, Carlos Alberto Santos. Muitos desses trabalharam durante três gerações.

Numa outra geração, de 1986 a 2005, num período de transição dos equipamentos analógicos para os digitais, o jornalismo campinense passou por transformações importantes na sua impressão.

A fotografia jamais poderia ficar de fora dessas mudanças, com a aquisição equipamentos e máquinas mais modernas e, ainda, de uma melhor qualificação dos seus profissionais.

Nicolau de Castro pode ser considerado como um dos mais destacados nomes da reportagem fotográfica em nosso Estado. Sempre se destacou em qualquer tipo de reportagem, até mesmo em matérias que envolvessem os jogos de futebol, com imagens marcantes de gols memoráveis, nos jogos dos clubes campinenses, como também reportagens policiais, sem falar das imagens da cidade, quando fazia reportagens sobre Campina Grande.

Começou no Diário da Borborema, em 1972, e lá permaneceu até o ano de 1989. Foi também fotógrafo da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP e, ao deixar o DB, ingressou no Jornal da Paraíba, onde se aposentou, em 2012.



Junot Lacet Filho, da geração dos anos 1986-2005, no jornalismo



William Cacho atuou com repórter fotográfico

A importância desses profissionais foi enorme para o jornalismo impresso paraibano. Suas passagens pelos jornais foram responsáveis pelos registros das imagens do ontem que ficarão eternizadas para o amanhã, nos materiais impressos, em papéis e plataformas das redes sociais.

O Diário da Borborema representou o valor desses nomes ao conquistar o Prêmio Esso de jornalismo fotográfico, com a imagem do World Trade Center, na edição de 11 de setembro de 2001. O prêmio foi concedido ao jornalista Cícero Félix pela reportagem “Terrorista atacam os Estados Unidos.”

Foi uma geração de competentes nomes da fotografia que viveram, e alguns, até hoje, desenvolvem o belo trabalho da arte fotográfica com muita competência.

Dentre esses nomes não podem ser esquecidos Junot Lacet Filho, Francisco de Assis Medeiros, Leonardo dos Santos Silva, Francisco Antônio de Moraes, Augusto César Cunha Pessoa e Antônio Ronaldo Pereira da Silva. Todos passaram pelos jornais de

Campina Grande e neles marcaram suas histórias como excelentes repórteres fotográficos.

William Cacho atuou com repórter fotográfico para jornais e portais de notícias de Campina Grande. Profissional muito querido pelos amigos, pertencia a uma família de grandes fotógrafos que marcaram época na sociedade e jornalismo, entre os quais José, Severino e Agrício Cacho. William, era filho do saudoso mestre da fotografia, José Cacho, profissional pioneiro em Campina Grande, proprietário do Studio Cacho.

William Cacho faleceu aos 56 anos, no dia 19 de dezembro de 2017, vítima de câncer.

Nessa história sobre o jornalismo fotográfico na cidade, até mesmo nomes mais antigos da fotografia em Campina Grande colaboraram com jornais da cidade, nas décadas 30 e 40.





Sóter F. de Carvalho foi um nome de destaque da fotografia campinense

aprender a arte de fotografar, com o francês Maurice Lebental, de quem foi auxiliar no final dos anos 30, Cacho viajou, durante mais de um ano, com Maurice, visitando o Rio, Recife, Fortaleza e São Luiz. Dele (de quem?), José Cacho, pelos seus trabalhos, recebeu como retorno ao Rio de Janeiro.

Após tudo isso, José Cacho escolheu Campina Grande para morar. Na cidade, constituiu família e abriu seu Studio.

Foi, talvez, o fotógrafo que mais fotografou imagens da cidade e dos grandes nomes da política e da sociedade de Campina Grande, durante os anos 40,50,60 e 70. Hoje, muitos dos acervos fotográficos existentes sobre a antiga Rainha da Borborema têm a assinatura da família Cacho.

São nomes conhecidos, proprietários de estúdios fotográficos que atendiam à população campinense. Muitos devem lembrar-se de **Sóter Farias de Carvalho**, João Dias, Euclides Vilar, e os irmãos Severino, Agrício e José Cacho. Eles foram professores de muitos nomes citados neste trabalho.

**José Cacho** nasceu em São Bento do Norte, no Rio Grande do Norte, em 15 de março de 1917. Após



**NOTA** - Em Campina Grande, a fotografia chegou através do francês Louis Piereck, que possuía um ateliê em Recife. Ele se estabeleceu na cidade, em 1910, onde ficou até 1930, quando retornou à Capital de Pernambuco. (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015).



Maria Juliana Bezerra dos Santos



Nelsina Maria Vitorino de Araújo

### **As mulheres e a fotografia**

Entre as mulheres que atuaram no jornalismo fotográfico em Campina Grande, com atuação de destaque nos periódicos da cidade, podemos destacar Katharine Nóbrega da Silva, Nelsina Maria Vitorino de Araújo e Maria Juliana Bezerra dos Santos.

Elas foram as primeiras mulheres a atuarem na fotojornalismo campinense como profissionais contratadas pelo Diário da Borborema. Katharine Nóbrega se destaca como a primeira, enquanto que, no ano de 2011, a fotógrafa Juliana Bezerra dos Santos foi vencedora do prêmio AETC e jornalismo, na categoria fotojornalismo.

A imagem intitulada “Calçamento de areia” foi responsável pelo prêmio obtido.



Nos últimos anos de sua circulação, quase dez anos antes do seu último exemplar nas bancas e nas mãos dos leitores, exatamente no dia 11 de setembro de 2001, o Diário da Borborema, na sua primeira página, publicava: “TERRORISTAS ATACAM OS EUA”. Falava dos ataques perpetrados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center. Por conta dessa publicação, o nosso Diário da Borborema, concorrendo com grandes periódicos nacionais, ganhou o “Prêmio Esso Especial de Primeira Página”. Foi o primeiro jornal paraibano a ganhar essa comenda, numa reportagem do jornalista Cícero Félix. O World Trade Center era um grande complexo de sete edifícios na região de Lower Manhattan, em Nova Iorque. Suas “Torres Gêmeas” foram inauguradas em 4 de abril de 1973, com 110 andares.



## Jornal da Paraíba

O dia 05 de setembro de 1971 foi uma data inesquecível para o jornalismo de Campina Grande. Foi a data de fundação do Jornal da Paraíba – sem ‘y’ e sem ‘h’ – e sem nenhuma ligação histórica com o jornal editado no século XIX, a não ser pela homenagem ao Estado, nossa querida Paraíba.



O jornal nasceu por iniciativa de dez empresários campinenses: Humberto César de Almeida, José Carlos da Silva Júnior, Maurício Almeida, João Rique Ferreira, Ademar Borges da Costa, Artur Monteiro Viana, João Batista Dantas, Raimundo Lira, Júlio Costa e seu genro, jornalista Josusmá Coelho Viana, com expressiva passagem pelos Diários Associados, onde atuou como comentarista esportivo da Rádio Borborema e como diretor do jornal Diário da Borborema.

A ideia dos seus fundadores não seria apenas de um jornal com visão dos fatos locais. O jornal seria de Campina Grande, mas, por levar o nome da Paraíba, teria, também, uma circulação estadual, consequentemente, com uma carga informativa de interesse de todo o Estado.



Humberto Almeida



José C.da S. Jr



Artur Monteiro



João Batista Dantas



Ademar Borges



João Rique



Maurício Almeida



Raimundo Lira



Júlio Costa



Josusmá Viana

## Os dez fundadores do Jornal da Paraíba

O primeiro Conselho Superior do Jornal da Paraíba ficou formado pelo empresário Humberto Almeida, como presidente, tendo como membros de diretoria os empresários Raimundo Lira, Ademar Borges, Júlio Costa, Josusmá Coelho Viana, João Batista Dantas, João Rique Ferreira, Maurício Almeida, José Carlos da Silva Júnior (que passaria a ser proprietário do jornal, anos depois) e Artur Monteiro.

Eles foram os responsáveis pelo surgimento do Jornal da Paraíba.

O objetivo do surgimento do Jornal da Paraíba na vida jornalística campinense era proporcionar ao leitor um bom veículo impresso que fosse produzido por uma equipe qualificada.

Durante sua história, o Jornal da Paraíba viveu momentos interessantes que precisam ser contados. O primeiro foi a necessidade de sua criação, com o envolvimento desses empresários acima citados. Campina Grande, como ficou claro, queria um periódico feito, pautado e impresso na cidade.

A inauguração de sua sede na Rua João Suassuna, com suas oficinas e redação, foi o segundo passo, com a concretização dos seus idealizadores. A solenidade de inauguração foi transmitida pela Rádio Caturité, tendo como mestre de cerimônias o autor desse trabalho (Gilson Souto Maior), naquele momento prestes a assumir uma posição nos Diários Associados.





Armando Lira



Apolinário Pimentel



Maciel Gonzaga



Robério Maracajá



Tarcísio Cartaxo



Arimatéa Souza



Eneida Maracajá



Ubiratan Cime



Dagoberto Pontes



Josildo Albuquerque



Antônio Nunes



Araújo Neto

O Jornal da Paraíba teve como um novo local de redação, posteriormente, salas de um prédio localizado na Rua Major Juvino do Ó - a também conhecida Rua 4 de Outubro. Com o passar do tempo, o jornal que passou a ter uma visão mais estadual, ganhou uma redação também em João Pessoa.

Com o surgimento da Rede Paraíba de Comunicação – emissoras de rádio e televisão e a conseqüente presença da direção-geral do Sistema em João Pessoa, as oficinas do JP passaram a funcionar também na Capital, onde sua impressão passou a ser feita.

Com o tempo, não se pode negar, houve um esvaziamento na redação de Campina Grande e, ainda, uma diminuição no número de jornalistas, até ficar restrita apenas à presença de poucos profissionais na cidade que, por sinal, ficaram até os últimos momentos de circulação do periódico, trabalhando numa das salas da TV Paraíba. Diante disso, o JP passou a contar com um maior número de profissionais contratados em João Pessoa, o que não poderia ser diferente, pois a impressão já estava na Capital, além da própria direção geral do Sistema.

Durante as mudanças introduzidas no transcorrer dos anos, o Jornal da Paraíba, que trazia em sua capa o nome de Campina Grande, data e número do exemplar de cada dia, passou a circular com as informações

de primeira página, amplamente conhecida dos leitores, desta forma: Paraíba, data e número do exemplar do dia.

Muitos foram os bons nomes que passaram pela redação do JP: Ismael Marinho, Nilo Tavares, William Tejo, Marcos Marinho, Magidiel Lopes, José Levino, Hugo Ramos, William Monteiro, Maciel Gonzaga, Raimundo Rodrigues, Ana Luíza (primeira mulher a atuar como editora de um jornal no Estado), Maria de Lourdes Dantas, Eneida Agra Maracajá, Armando Lira, Fernando Sinimbu, Hélder Moura, Ivan Sodré, Fernando Couto, Antônio Alberto de Queiroz, Francisco de Assis Nascimento (Olé), Evandro Reis e os excelentes repórteres fotográficos, Aluízio Alves do Nascimento (este o primeiro fotógrafo do jornal), Eudes Vilar e Leonardo Silva.



Magidiel Lopes destacou-se no início de sua carreira na Rádio Caturité, no segundo endereço da emissora, na Peregrino de Carvalho, pertinho da rodoviária antiga de Campina Grande. O primeiro endereço da emissora foi na Maciel Pinheiro.

Foi responsável pela redação de informativos gerais da rádio da Diocese, inclusive de programas esportivos. Destacou-se como um dos melhores plantonistas esportivos do rádio paraibano e, ainda, como um bom noticiarista e apresentador de programas musicais, no final dos anos 60 e alguns anos da década de 70.

Após atuar no rádio, Magidiel teve a chance de passar pelo jornalismo impresso, sendo o Jornal da Paraíba sua primeira casa no periodismo, onde também se destacou. Atuou ao lado de grandes nomes do impresso campinense, o que o qualificou, ao se transferir para João Pessoa, para atuar noutros jornais, entre eles o Correio da Paraíba. Com o passar dos anos, outros nomes de destaque e amigos queridos do jornalismo passaram a integrar o Jornal da Paraíba. E, como no começo, sempre com um objetivo da direção: de proporcionar um trabalho de muita qualidade.

Alguns destaques dessa época: Araújo Neto, Josildo Albuquerque, Ubiratan Cirne, Inise Machado, Antônio José, Alberto Macedo, Mozart Santos, Júnior Rangel (superintendentes), Marcos Cartaxo, Arimatea Souza, Clóvis de Melo, Eraldo Silva, Fred Oliveira, José Levino, Onias Xavier, Gomes Silva, Claudécir Ribeiro, Adelma Irineu, Gonzaga de Andrade, Josumar Barbosa, Ana Lúcia Monteiro, Francinete Silva, Josusmar Barbosa, Ana Cláudia Papes, Apolinário Pimentel, Hacéldama

Borba, Karina Araújo, Gil Campos, Bastos Farias, Aguinaldo Miguel, Celino Neto, Gerardo Rabelo, Marcos Tavares, Angélica Lúcio, Suetoni Souto Maior, Andréa Alves, Expedito Madruga, Elizângela Monteiro, Severino Machado, Robério Agra Maracajá, Marcos Cartaxo, Armando Lira, Josué Cardoso, Amaury Capiba, Antônio Nunes e Dagoberto Pontes.

Tarcísio Cartaxo teve uma participação importante na história do jornalismo campinense. Não apenas do impresso, mas, ainda, no rádio e na televisão, com um dos melhores comentaristas políticos do Estado. Foi, também, comentarista esportivo na Rádio Caturité, ao lado de nomes como Ari Ribeiro, Edmilson Antônio, Alberto de Queiroz, entre outros. Mas, foi no impresso onde fez o seu nome no jornalismo, passando, além do JP, pelas redações do Diário da Borborema e de A UNIÃO, do qual foi chefe da sucursal em Campina Grande, instalada na Rua Maciel Pinheiro, durante muitos anos. Apesar de titulado em Ciências Jurídicas, Tarcísio Cartaxo foi responsável pela formação de vários profissionais no jornalismo de Campina Grande, no jornal A União (Sucursal – CG). Também o fez durante os primeiros anos do Curso de Comunicação – Habilitação Jornalismo, fundado no ano de 1974 pela – URNe, hoje UEPB.

Dagoberto Pontes e Araújo Neto também fizeram nome na radiofonia paraibana. Brilharam no rádio como repórteres nas áreas policial e geral. Depois, encontraram os caminhos do impresso e impuseram seus nomes. Dagoberto Pontes veio do Sertão e Araújo Neto, do Curimataú, regiões de grandes jornalistas.

## Ana Cláudia Papes



Pelas reportagens sobre exploração de minérios na Paraíba, a jornalista Ana Cláudia Papes recebeu até votos de aplauso. Os trabalhos nas minas de caulim, bentonita e outros minérios explorados na região do Cariri paraibano foram destaques nas reportagens da jornalista.

Após quase cinco anos no Diário da Borborema, Ana Papes foi convidada para trabalhar no Jornal da Paraíba, tendo como desafio ser repórter do caderno Cidades. “Não pensei duas vezes em aceitar a mudança” - ressalta. Segundo Ana, o ano era 2001 e, na época, o Jornal da Paraíba estava na fase de expansão das suas atividades, com investimentos nas redações de Campina Grande e João Pessoa. “Lembro que a redação contava com muitos profissionais recém-contratados” – destaca Ana.

Ela lembra que o editor era Geovaldo Carvalho. Outros nomes importantes passaram a integrar o JP: Chico José havia sido contratado para a chefia de reportagem e lá estavam, também, Bastos Farias, Francinete Silva, Timóteo de Sousa, Josusmar Barbosa, Cláudia Oliveira, Rosângela Araújo, Adriana Braz, Carla Borba, Viviane Marinho, André de Sena e Karina Araújo (in memoriam), e os fotógrafos eram Nicolau de Castro e Leonardo Silva.

Ana Papes recorda as reportagens das festas de São João, Micarande, Encontro para a Nova Consciência, eleições, greves, eventos da empresa. “E até a área policial, nos finais de semana” - afirma. Até hoje, ela diz que o trabalho realizado para a página Cidades foi importante para sua afirmação. “Acabei por conhecer quase todas as fontes de notícia da cidade” – diz. E acrescenta: “Dessa época, destaco uma reportagem polêmica, ocorrida em fevereiro de 2005, durante o Encontro para Nova Consciência, quando entrevistei um pastor participante do Encontro para a Consciência Cristã. O tema da sua palestra: “As aparições de Maria”. Em entrevista (felizmente, gravada), o reverendo afirmou para mim que as aparições de Maria eram um “perigo espiritual” para os católicos e que as pessoas que tinham essas visões estavam, na verdade, se comunicando com demônios. Nossa!!! Imagina a polêmica ocorrida em um encontro que, naquele ano, estava voltado à temática da Cultura de Paz!”

Durante sua passagem pelo JP, atuou na editoria de economia, substituindo Timóteo de Sousa, transferido para a reportagem de política. Para Ana, esse foi o meu melhor período no jornalismo impresso, quando teve liberdade para sugerir pautas especiais. O setor lhe proporcionou a satisfação de entrevistar pessoas da área e escrever também sobre Turismo, Ciência e Tecnologia.

“Nessa editoria, comecei a trabalhar mais com a equipe de João Pessoa: Anísio Neto era o editor de Economia, e Carolina Barroca era a repórter dessa área” – afirma Ana. Nessa área do jornalismo, ganhou alguns prêmios como reconhecimento pelo trabalho realizado e conheceu cidades como Cabaceiras, a Roliúde Nordestina, que depois seria tema de sua dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional.

Teve ainda como editores gerais no Jornal da Paraíba os jornalistas Valquíria Maria, Luiz Carlos de Sousa e Roelof Sá. Sua história no Jornal da Paraíba, iniciada em 2001, foi até 2007, quando resolveu desenvolver outros projetos em sua vida profissional.



**Josué Cardoso**, jornalista desde o começo dos anos 80, diz sentir muitas saudades daquela época e guarda na lembrança a aprovação num teste para ser desenhista do Jornal da Paraíba. E como não lembrar que o querido JP era editado nas máquinas linotipo?... Mas, era o que tínhamos na época”. – diz.

Ele lembra que na redação ainda se vivia o barulho das conversas de jornalistas e das máquinas de datilografia REMINGTON e OLIVETTI. Um barulho gostoso, que não impedia a boa produção das matérias e cumprimento das pautas.

“E como não recordar os bons amigos do batente, amigos que conquistei, a exemplo de Maciel Gonzaga (editor); Fátima Melo (diagramadora, e hoje cantora no RN), Válter Lopes, Gurgel Júnior (superintendente), Perônico, Jorge Lobato, William Tejo, Tarcísio Cartaxo, Seu Félix, Tó, Ivan Sodré, Lourdinha Dantas e Lourdinha (revisora). Como lembrar Antônio Nunes, Socorro Lima, Alberto Macedo, Gil Campos, Adelmá Irineu, George Thomaz, Josildo Albuquerque, Austriclínio e tantos outros cujos nomes me fogem da memória”.

Depois, Josué Cardoso passou por vários veículos de comunicação, impresso, de radiodifusão e assessorias.



**Vivi o dia a dia do Diário da Borborema, da Campina FM, a antiga Rádio Cariri, a Correio FM, a Panorâmica FM, o jornal A Palavra, e depois na assessoria da CDL, na gestão da empresária Zouraide Silveira” – destaca.**

---

No serviço público, teve uma grande experiência, como gerente de imprensa da Prefeitura Municipal de Campina Grande, na gestão do então prefeito Veneziano Vital do Rêgo. Cumpriu essa importante tarefa até 31 de dezembro de 2012. É um dos mais atuantes e respeitados jornalistas de Campina Grande.





José Levino Barbosa



William Tejo faleceu aos 81 anos



Maria Juliana Bezerra dos Santos

**José Levino** atuou no Jornal da Paraíba como colunista, dividindo o seu tempo de bancário, no Banco do Brasil, com a redação do jornal. Antes, passou pelo Diário da Borborema, começo de sua atuação jornalística, como um dos seus mais respeitados editores e articulistas.

**William Ramos Tejo** (26.12.2019-17.11.2000), natural de São João do Cariri, teve uma participação brilhante no jornalismo campinense. Atuou em diversos periódicos da cidade, como Jornal de Campina, Diário da Borborema, Gazeta do Sertão, entre outros. Foi formador de vários nomes do jornalismo da cidade, como um dos primeiros professores do Curso e Comunicação - Habilitação Jornalismo – da URNe/UEPB.

**Nilo Tavares**, que também era um excelente poeta, teve uma história bonita no jornalismo impresso campinense. Passou a residir em Campina Grande em 1946. Segundo sua filha, professora Clotilde Tavares, atuou como tipógrafo na Livraria Pedrosa. Em 1950, Nilo Tavares trabalhou no jornal de nome O MOMENTO, que circulou por pouco tempo em Campina Grande. Depois foi redator das Rádios Borborema e Cariri e do Diário da Borborema.



Marcos Marinho



Ismael Marinho, irmão de Marcos, integrou o JP



Josusmá Viana

## Contando a história do JP

Para o conceituado jornalista Marcos Marinho, o Jornal da Paraíba foi criado há décadas por um abnegado grupo de empresários campinenses, como uma resposta à paralisação das oficinas do Diário da Borborema, quebradas pelo senhor Edson Gaudêncio, pessoa muito conhecida na sociedade campinense. O quebra-quebra fez com que o jornal passasse a ser impresso no parque gráfico de 'O Norte', em João Pessoa.

Marcos Marinho, ao lembrar a chegada do JP, destaca a insatisfação da população campinense, que entendeu como “deprimente e insultuosa”, aquela situação. Para ele, “o surgimento ‘Jornal da Paraíba’ foi, por assim dizer, a resposta campinense pelo fechamento definitivo das portas do DB para o povo que tudo lhe deu e lhe fez imponente”.

O Jornal da Paraíba foi a resposta que faltava à desatenção dos Diários Associados para com a cidade.

“Assim, surgiu o Jornal da Paraíba, com novos equipamentos, linotipos e impressoras que foram adquiridos por Josusmá Viana, a quem coube também empreender esforços para a formação de uma grande equipe, com nomes famosos do jornalismo da época” - diz Marcos Marinho.

No ano de 2012, como integrante de um projeto do jornal em parceria com o G1 (Globo Esporte.com), Marcos foi mais uma vez contratado. Viveu mais quatro anos o dia a dia do JP. Passou a escrever para o jornal e para o site.

“Fiquei até fevereiro de 2016, quando a Diretoria-Geral decidiu encerrar a edição impressa do jornal e ficar com a edição online” – finaliza.

Marcos Marinho atuou por vinte anos no Jornal da Paraíba. Seguiu a carreira do irmão Ismael, um dos mais competentes jornalistas que já passaram pela Paraíba. Deixou o impresso e empolgou-se com o rádio. Fez sucesso e deixou sua marca na radiodifusão campinense. Com as mudanças tecnológicas, buscou as redes sociais. Seu site é um dos mais acessados. É um dos nomes importantes do nosso jornalismo.



**Inise Machado** começou sua trajetória jornalística no ano de 1981, no Jornal da Paraíba, mesmo ano em que começava a cursar Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na URNe, hoje UEPB.

Segundo ela, o jornal se utilizava do sistema linotipo e, somente em 1983, inaugurou uma forma mista de impressão mais moderna, passando a ser impresso em offset.

Após essa primeira experiência, Inise passou a integrar o jornal Gazeta do Sertão e, naquele momento, já vivendo outros avanços da tecnologia do setor, com as informações nacionais, locais e internacionais, chegando via Telex. “Após Gazeta do Sertão (1983-1984), tive uma experiência no Diário da Borborema, (1984-85)” - afirma Inise, destacando que, antes de residir em João Pessoa, trabalhou na sucursal do Correio da Paraíba (1986-1989) e atuou em rádio, mais precisamente na Caturité, ao lado de Juarez Amaral, no programa Rádio Verdade

Inise Machado tem registrado em seu currículo uma passagem por muitas assessorias e outros setores, como Gabinete do Governador do Rio Grande do Norte – Assessora (1990-1992); Secretaria de Segurança Pública, como coordenadora de Comunicação Social (1995); Prefeitura Municipal de Bayeux – Chefia de Gabinete (2008-2009) e Prefeitura Municipal de Catolé do Rocha, na Assessoria de Comunicação (2006)..

Inise ainda teve experiências importantes no jornalismo, trabalhando para o Grupo O Estadão, de São Paulo, em parceria com a Reuters Consultora (1993-95), Revista RN Econômico – Natal, Rio Grande do Norte, e, ainda, na Capital potiguar, no Jornal Dois Pontos, no período 1990-1993. Inise Machado de Lima, pernambucana de Recife, que viveu sua infância no Sertão da Paraíba e, quando jovem, em Campina Grande, onde estudou jornalismo, atualmente reside em João Pessoa.

**Evandro Reis** começou no jornalismo, no Diário da Borborema, por intermédio de Tony Mário, chefe do setor de diagramação, em 1978.

“Recebíamos o material produzido pelos repórteres, junto com as fotos escolhidas, e distribuíamos no diagrama. Antes, contávamos os números de linhas escritas, os toques (letras) e depois fazíamos os cálculos com o tipo de letra, para distribuímos nas páginas. O diagramador era o responsável pelo, digamos assim, desenho das páginas. Foi assim o meu começo no jornalismo impresso” – ressalta.



Jornalista Evandro Reis: uma imagem do começo de carreira, o jovem jornalista Evandro Reis, na redação do Jornal da Paraíba, na Rua Major Juvino do Ó, antiga Rua 4 de Outubro, centro de Campina Grande, na companhia de sua ferramenta de trabalho, uma máquina de datilografia

Ele ficou no Diário da Borborema até 1984, mas afirma, que ao deixar o DB ficou parado por pouco tempo. “Tive uma passagem relâmpago pela Gazeta do Sertão (fiz algumas diagramações). Depois, ingressei no Jornal da Paraíba em 84, então vivendo na era da linotipo” – ressalta Evandro.

No Jornal da Paraíba, Evandro lembra grandes nomes e amigos com quem trabalhou: Lourdinha Dantas, Antônio Nunes (Toinho Manzuá), Dagoberto Pontes, Tarcísio Cartaxo, Hélder Moura, Willian Tejo, Armando Lira, “Com muitos deles, vivi os diversos momentos do jornal, desde a linotipo, até as diversas mudanças ocorridas com o avanço tecnológico” – diz Evandro.

De diagramador até redator, assim foi a vida jornalística de Evandro Reis, que não esquece os tempos em que foi colaborador do então editor de esportes do jornal, Francisco de Assis (Olé), tendo a difícil missão de substituí-lo na editoria de esportes, quando de sua saída.

No jornal da Paraíba, foram 22 anos. Saiu em 2007 e retornou no final do mesmo ano, como freelance.



**Francisco de Assis do Nascimento**, conhecido nos meios de comunicação pelo apelido de ‘Olé’, nasceu na cidade Jardim do Seridó, no Rio Grande do Norte, filho de Pedro Marinho do Nascimento e de Hozana Teixeira do Nascimento. “Eles eram agricultores, nascidos no meio rural, mas que, pensando no melhor para os filhos, resolveram levar a família para a cidade de Parelhas, onde vivi dos três aos onze anos” – diz Olé.

Mas, Campina Grande, em 1952, seria a próxima cidade a acolher o nosso Olé, mesmo com um breve período de residência em Patos, entre 1954 e 57, com a morte do irmão Geraldo, o que traumatizou muito seu Pedro e família.

O retorno a Campina Grande proporcionou mudanças na vida Francisco de Assis Nascimento. Inicialmente, foi estafeta esportivo, coletando informações das atividades do Treze e do Campinense, atendendo convite do Lindemberg Alves, conhecido como Pai Velho. “Todo o material colhido era encaminhado ao jornalista Josusmá Viana. Observando o meu interesse, colocou-me como operador de som da Rádio Borborema, substituindo Elias Lélis que viajara para o Rio de Janeiro. Foi meu primeiro emprego com salário, após seis meses de experiência” – afirma.

Vieram novas oportunidades. O nosso Olé passou a ser plantonista esportivo e trabalhou com muita gente de destaque no departamento de esportes da Rádio Borborema. “Posso citar, por exemplo, Joselito Lucena e Haroldo Lessa, que foi morar em Maceió, a quem substituí como comentarista; Levy e Clélio Soares, Humberto de Campos e Gilson Souto Maior. Depois da Borborema, vieram as Rádios Caturité e Cariri, e outros amigos estiveram comigo. Lembro Martin Lutero (*in memoriam*), Romildo Nascimento, Adalberto Alves, Chico Alemão, Paulo Roberto, Rostand Lucena, Batista de Brito, entre outros” – finaliza.

Após a experiência no rádio, passando por todas as emissoras de Campina Grande (as que faziam futebol), como comentarista dos mais laureados, foi a vez do jornalismo impresso. Nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, foi um competente editor esportivo, sempre merecendo o elogio dos leitores. Hoje, Francisco de Assis do Nascimento, graduado em Direito pela URNE/UEPB, é um atuante advogado no Fórum de Campina Grande.

## A polivalente Michelle Sousa

Com larga experiência no jornalismo, iniciada na década 90, Michelle Sousa cursou Comunicação Social na UFPB. Com passagem por outras mídias, o jornalismo impresso também marcou a sua atuação na comunicação.

O começo ocorreu em 1994, no jornal impresso A União, logo que concluiu o curso superior de Comunicação. De junho a outubro daquele ano, cumpriu seus primeiros passos no jornal mais antigo em circulação no Estado: “Lá aprendi na prática os ensinamentos da Academia” – afirma Michelle.



Após o jornal estatal, Michelle passou pela redação do Jornal da Paraíba. Sediado em Campina Grande, o periódico passou a contar com uma segunda redação, desta feita na Capital. Foi onde ela passou mais tempo no jornalismo impresso. “Fui contratada para produzir os conteúdos de João Pessoa, diariamente, como repórter. De novembro de 1994 a abril de 2001 cumpri mais essa missão” – diz ela.

Meses antes dessa despedida, ela participou do processo de transformação do jornal, do formato tabloide para o standard, bem como da formação da equipe ampliada na sucursal da Capital, onde teve a oportunidade de pautar os repórteres da coluna Cidades. Depois, partiu para novos desafios.

Michele Sousa sempre gostou de produzir conteúdo. No rádio, iniciou carreira quando ainda era estudante.

Passou pelas Rádios Sanhauá, Tabajara, 98 FM, CBN e, também, pelas TVs Cabo Branco, Tambaú, O Norte, TV Manaíra e TV Justiça.

Na televisão, ela apareceu brilhantemente: repórter, apresentadora e redatora foram segmentos de destaque dessa grande profissional.



**Inquieta, sempre quis também experimentar todas as plataformas jornalísticas. Parecia que adivinhava o futuro. Passei pelo online (Portal Terra, Psonlinebr, Portal Correio)” – ressalta Michelle.**

---



Os trabalhos de assessoria sempre chamaram a atenção dessa jornalista. Atuou na @pbturgovpb e seguiram-se experiências no extinto #intermareswaterpark, @game\_station, inúmeros eventos culturais, @brasil\_mostra\_brasil há 24 anos, na @academianacionaldeetiqueta, no @forrodaquipb e até no #cartorioazevedobastos.

Estudar, obter novos conhecimentos, na busca de um aperfeiçoamento profissional, são marcantes na vida de Michelle.

No ano de 2020, mesmo com muita experiência adquirida ao longo dos anos, ela ainda se aperfeiçoava em Marketing Digital. “Meu objetivo é agregar valor ao que ofereço aos meus clientes” – ressalta Michele Sousa, uma profissional dedicada e, até hoje, admirada e respeitada.

### Hacéldama Borba



A jornalista Hacéldama Borba é uma maranhense de Bacabal, que chegou à Paraíba para estudar jornalismo, curso concluído na UEPB, em Campina Grande, onde residiu por um bom tempo. Passou a residir em João Pessoa, casou e, hoje, além de uma experiente jornalista, é uma senhora dona de casa e uma mãe apaixonada pelos filhos e pelo esposo.



**Pelas mãos da amiga Ivani Leitão fui apresentada ao jornalista Erialdo Pereira, que me convidou para trabalhar no Jornal da Paraíba”, afirma Hacéldama.**

---

Hacéldama diz que o ambiente do JP foi para ela de muito aprendizado, pois encontrou muitos nomes de destaque e experiência que a ajudaram a se firmar na redação do jornal.

“Tempos depois acabei na Coordenação de Imprensa da antiga SETRAS, onde o destino ali me colocou e, interessante, fui chefe de Ivani, uma jornalista, que muito me ajudou no início de minha carreira profissional” – destaca Hacéldama Borba, atualmente um conhecido nome do jornalismo paraibano.



**Expedito Madruga** tem vários anos de experiência jornalística na Rede Paraíba de Comunicação. Coordenador do Departamento de Esportes da Rede durante um bom tempo, adquiriu experiência, viveu o jornalismo impresso, escrevendo nas páginas do então Jornal da Paraíba, quando este circulava nas bancas de revista.

Hoje, não mais na versão papel, mas na Internet, a empresa continua com o excelente profissional, que escreve para o jornal online, e integra a equipe de esporte da Rádio CBN, como seu comandante. Sendo egresso de jornalismo impresso, Expedito Madruga não teve dificuldades em passar a usar o microfone e, atualmente, destaca-se como um bom comentarista esportivo. Acostumou-se rapidamente com o rádio.



Jornalista há mais de trinta anos, **Arimatéa Souza** é um dos mais conceituados e acreditados comentaristas políticos e homens de comunicação na Paraíba. Sereno e de uma ética como poucos, tem o respeito dos leitores e amigos de profissão. É o que podemos chamar de um multimídia. Durante muitos anos, foi comentarista político na Rede Paraíba de Comunicação, com coluna diária no Jornal da Paraíba e comentários

nas emissoras de televisão, Paraíba e Cabo Branco.

Atualmente, atua na Rádio Caturité (104.1) e TV Itararé (Canal 18.1 – HD), em Campina Grande, emissora afiliada à Rede Cultura de Televisão.

É editor do PARAIBAONLINE e escreve todos os dias na coluna APARTE, destacando e atualizando os internautas paraibanos sobre a política estadual e nacional. Há quatro anos, Arimateia Souza é integrante da Academia de Letras de Campina Grande, ocupando a Cadeira 17, antes ocupada pelo professor José Stênio Lopes (*in memoriam*).



**Hélder Moura**, professor, jornalista e escritor, foi e continua sendo um expressivo nome não apenas por passagem pelo Jornal da Paraíba, mas por outros periódicos paraibanos. Integrou o Gazeta do Sertão e o Correio da Paraíba, destacando-se como um excelente analista político do nosso Estado.

Nasceu em Campina Grande, onde surgiu para o jornalismo em 1983, no Gazeta do Sertão. Projetou-se no jornalismo como um dos mais eficientes comentaristas políticos da Paraíba, assinando uma coluna diária e como editor-chefe do importante jornal campinense.

Chegou ao Sistema Paraíba de Comunicação em 2012 como editor de blog e comentarista político do Jornal da Paraíba e da Rádio CBN. Permaneceu no Sistema até 2015, onde ganhou vários prêmios.

Como escritor, tem sido uma referência na vida cultural paraibana. Seu primeiro trabalho foi lançado em 1985, o livro “Coração de Cedro”. Depois vieram outros, entre eles, em 2012, seu primeiro romance, “O Incrível Testamento de Dom Agápito”, já com várias edições e traduzido para o inglês, italiano e espanhol, lançado em Lisboa e Óbidos, em Portugal.

Helder Moura integra a Academia Paraibana de Letras, onde ocupa a Cadeira 26 recentemente ocupada por Juarez Farias, e que tem como patrono o Padre Inácio Rolim.



Capa do livro em português



Capa do livro em espanhol

O livro foi ainda apresentado na Alemanha, França e Noruega.



Josildo Albuquerque, ladeado pelo ator Lauro Corona e Márcia Gabrielli, Grandes nomes da televisão brasileira que sempre prestigiavam as festas organizadas pelo colunista paraibano, fossem em João Pessoa ou Campina Grande.

**Josildo Albuquerque** foi um dos mais queridos colunistas sociais de Campina Grande que, com o passar dos anos, conquistou também a Paraíba. Nas décadas de 1980/1990, ele marcou sua presença nas páginas do Jornal da Paraíba, divulgando as notícias da sociedade. Foi primeiro cronista social de Campina Grande a conseguir espaços e ser bem recebido e reconhecido pela sociedade de João Pessoa

Nos anos 70, antes de entrar para o colunismo social, Josildo Albuquerque foi professor de natação. Em 1994, tomou uma atitude para todos inesperada: jovem alegre e divertido, e que movimentou o mundo social paraibano, cometeu suicídio. Uma forte depressão motivada por problemas de saúde o fez pular do último andar do edifício do Hotel Serrano, em Campina Grande.

## Momentos históricos do Jornal da Paraíba

Transcrevemos, abaixo, o primeiro editorial do Jornal da Paraíba, no dia de seu primeiro número, em 05.09.1971. Observem que a grafia das palavras, inclusive quanto à acentuação, está exatamente dentro das normas estabelecidas pelo Português da época.

JORNAL DA PARAÍBA

Campina Grande – Paraíba, 5 de setembro de 1971

### IMPrensa QUE SE RENova

Estamos aí – nas ruas de Campina Grande, João Pessoa, de muitas outras cidades paraibanas, do Brejo, do Sertão, do Cariri.

Estamos em suas mãos, leitor!

E somos o resultado de um esforço extraordinário. Foram meses de lenta maturação da idéia. Meses de estudada e metódica transformação da idéia na realidade de hoje.

Era o apelo de Campina Grande por mais este jornal, reflexo das aspirações, das lutas e das vicissitudes, da hora presente.

Hoje, estamos circulando em toda Paraíba.

Não somos apenas mais um jornal diário no Estado – e isto já por si muito significa. Não somos apenas mais um jornal diário em Campina Grande - e isto significa muito mais.

Somos sobretudo um jornal novo em idéias e em propósitos. Queremos ser um veículo de comunicação com todo o Estado sem perder a autenticidade de nossa origem campinense.

Campina Grande, João Pessoa, a Paraíba em todos os seus rincões se uniram e tornaram-se cada vez mais homogêneas no mesmo ritmo de progresso econômico, social e cultural.

Estamos aqui para expressar êsse momento histórico. O Brasil se renova e cresce em todos os sentidos. A Paraíba acompanha o mesmo compasso. Campina Grande não poderia ficar à margem. Eis a razão porque surgimos. Somos uma voz de Campina Grande na nova Paraíba e desejamos ser uma voz sonora, vibrante e altiva, lançada no alto da Borborema, num convite de fraternal comunicação com todos os paraibanos.

Surgimos na hora exata.

Nem mais cedo nem mais tarde do que o requeria a fase de transformação por que passa a nossa cidade, o nosso Estado. E provamos vindo a lume, que Campina Grande não estagnou.

Estamos felizes de podermos participar das ações inesquecíveis desta hora do nosso País. E o fazemos com tanto maior alegria e entusiasmo, quanto sabemos que, na caminhada a enfrentar, estaremos com a fraternal compreensão dos nossos irmãos da valorosa imprensa paraibana e campinense.

Estamos convictos que viremos fortalecer, apesar de toda modéstia de nossa empresa iniciante, a poderosa frente de combate em prol do nosso desenvolvimento, que representam na cidade e no Estado, os jornais e emissoras de rádios e televisão da Paraíba, juntamente com os jornais e emissoras de rádio e televisão de nosso poderoso vizinho, o Estado de Pernambuco.

Editando o nosso primeiro número, na Semana da Independência, prestamos nosso preito de veneração e amor à Pátria de que nos orgulhamos.

(Obs.: Em todo o texto, estão observadas as normas gráficas ditadas pelo Português da época).



### **Humberto Almeida recorda a criação do Jornal da Paraíba**

O industrial **Humberto César de Almeida** (13.12.1925 –11.01.2013) foi um dos fundadores do Jornal da Paraíba e o seu primeiro presidente, tendo sido também diretor-presidente de uma das mais importantes empresas do Distrito Industrial da Rainha da Borborema, a \*CANDE – Campina Grande Industrial SA, fabricante de tubos de PVC.

Em 08.09.1996, ele concedeu uma entrevista, recordando a fundação do Jornal da Paraíba, tendo afirmado que “o Jornal da

Paraíba nasceu com a finalidade de servir a Campina Grande, de ser um instrumento de defesa dos campinenses”.

Entre os anos 1970/71, a cidade não tinha mais um jornal. O Diário da Borborema havia sido transferido para João Pessoa. Em Campina Grande, havia apenas a redação, e o jornal estava sendo editado nas oficinas de O NORTE, na Capital.

“Um movimento liderado pelo jornalista Josusmá Viana, funcionário do DB, seu sogro, empresário Júlio Costa, proprietário de uma gráfica na Rua Venâncio Neiva, e Ademar Borges da Costa Santos, reivindicava a criação de um jornal em Campina Grande” – disse Humberto Almeida.

Como é do conhecimento de todos que viveram esse momento da história do jornalismo paraibano, outros empresários, já citados neste trabalho, apoiaram a decisão, e o periódico campinense chegou às bancas de todo o Estado, permanecendo por muitos anos na cobertura dos acontecimentos do dia a dia da Paraíba.



**Contagiei-me de tal maneira,  
que terminei aderindo grupo.  
E assim nasceu o Jornal da  
Paraíba” – acrescentou.**

---

---

\* A CANDE – Campina Grande Industrial S.A. – foi fundada em 11.12.1962 e encerrou suas atividades no dia 15.12.2009. Seu fundador e diretor-presidente, industrial Humberto César de Almeida, foi um dos maiores incentivadores da industrialização campinense e um nome que jamais será esquecido, pois dedicou sua vida ao trabalho, como um grande defensor das causas de Campina Grande.





Na primeira diretoria do JP, o empresário Humberto César de Almeida foi o seu primeiro diretor-presidente, enquanto Ademar Borges, ocupou a direção financeira, e **\*Josusmá Coelho Viana** foi o seu diretor administrativo.

Destacou Dr. Humberto Almeida, durante sua entrevista, que a implantação do jornal foi motivo de aplausos e reconhecimento dos campinenses e que foi um periódico com uma linha de inteira independência. “Essa linha de independência por parte dos que se sentiam prejudicados com as críticas do jornal, principalmente a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba e o prefeito da época, porque o jornal batia muito em cima de suas falhas e apontava os seus desacertos” - disse.

Uma das indagações do repórter que entrevistou Dr. Humberto César de Almeida, na edição daquele dia da entrevista, foi a seguinte: Como é que foi a criação do nome JORNAL DA PARAÍBA?

“Essa pergunta é interessante, porque tive o privilégio de batizar o jornal. Nessa ocasião, estando em dúvida quanto ao nome, encontrei no bar do Hotel Serrador, no Rio de Janeiro, com o então Governador Ernani Sátyro, pessoa do meu relacionamento e com uma intimidade suficiente para pedir a sua opinião. Perguntei: ‘Ernani, estou diante de uma dúvida: com qual nome devo batizar o jornal?’ Ele disse: ‘Quais são os nomes, que você pensa em batizá-los?’ Digo – ‘O Jornal da Paraíba ou O Correio do Estado da Paraíba?’ Ele disse: Se eu fosse o dono do jornal, eu batizava Jornal da Paraíba, tirando esse “O”, porque Correio já existem muitos e eu não gostaria de ter mais um Correio na Paraíba’. E assim eu tomei a decisão e ficou JORNAL DA PARAÍBA, que está até hoje”.

---

Josusmá Coelho Viana – um dos criadores do Jornal da Paraíba, faleceu no dia 04.04.2021, vítima de um infarto fulminante. Natural de Alagoa Nova, veio cedo para Campina Grande. Destacou-se no rádio, jornal e na educação. Além de jornalista era formado em Direito. Foi professor no Colégio Estadual da Prata, onde lecionou várias disciplinas e no Curso de Comunicação – Habilitação Jornalismo, na URNE, hoje UEPB. Trabalhou nos Diários Associados – Rádio Borborema (comentarista esportivo) e Diário da Borborema.

## Homenagem

Após os momentos marcantes de sua fundação, no mês de setembro de 1971, Campina Grande acompanhou, no dia 26 de agosto do mesmo ano, uma homenagem do Poder Legislativo ao seu novo órgão de imprensa – JORNAL DA PARAÍBA. A Casa de Félix Araújo concedeu a Medalha de HONRA ao jornal, comunicado que foi levado ao conhecimento dos seus diretores através do jornalista e bacharel Josusmá Viana.

Com sede na cidade Rainha da Borborema, o periódico, após dezesseis anos, mudou de dono, adquirido que foi pelo empresário José Carlos da Silva Júnior, pai do atual presidente da Rede, Eduardo Carlos.

Assim, a partir do ano de 1987, passou a integrar o grupo da Rede Paraíba de Comunicação, formado, também, pelas TVs Paraíba (afiliadas da Rede Globo), emissoras de rádio, três FM e uma AM, hoje, CBN-João Pessoa e CBN-Campina Grande (programação jornalística), Cabo Branco (musicalíssima e prestação de serviços). Além disso, os portais do Jornal da Paraíba, do G1 Paraíba e Globo Esporte.com – Paraíba.



Um nome de destaque na história do Jornal da Paraíba é o de **Arlindo Pereira de Almeida**. Na década de 70, ele assumiu uma diretoria da Campina Grande Industrial – CANDE – empresa dirigida pelo industrial Humberto César de Almeida e, convidado pelo conhecido empresário, passou a integrar o JP, como seu primeiro Diretor Superintendente. “O Jornal da Paraíba acabara de ser fundado por grupo de empresários campinenses, entre os quais, o Dr. Humberto, seu primeiro presidente. Ao lado dele, lembro nomes, como José Carlos da Silva Júnior, Raimundo Lira, Maurício Almeida, Júlio Costa, Josusmá Viana, entre outros” – destaca o Arlindo Almeida.

Para ele, o Jornal Paraíba surgiu num momento dos mais difíceis da vida brasileira, numa época em que o país era comandado pelo regime militar. Fazia-se necessário um trabalho jornalístico cuidadoso, não apenas por isso, mas, ainda, para oferecer a Campina Grande, um jornal que atendesse aos anseios dos leitores e da comunidade.

“Podemos afirmar que o nosso JP era o que se poderia chamar de um veículo verdadeiramente campinense. O outro órgão de comunicação, o Diário da Borborema, por não ter mais oficinas na cidade, pois era impresso na Capital, não era tido como um meio comunicação verdadeiramente da Rainha da Borborema” – ressalta Arlindo.

No ano de 1981, Arlindo Almeida deixa a CANDE e passa a dirigir administrativamente o Grupo São Braz, do empresário José Carlos da Silva Júnior. Continuou, ainda, a ser o superintendente do JP, noutro momento importantíssimo do periódico. “Foi um tempo de muitos progressos, com a informatização de todos os serviços de redação e nova fase do jornal e, ainda, das modernas instalações na Rua Jovino do Ó, no centro de Campina Grande, muito conhecida, também, como Rua 4 de Outubro” – diz Arlindo Almeida.

Em 1983, o Governo Federal publicou edital para concessão de novos canais de TV aberta para todo o Brasil. Campina Grande e João Pessoa foram contempladas. Campina Grande, com mais uma emissora, A TV Paraíba, que entrou no ar em 1987, e João Pessoa, com a TV Cabo Branco, que foi ao ar no segundo semestre de 1986, tendo como dirigentes da Paraíba e Cabo Branco, respectivamente, José Carlos da Silva Júnior e o ex-governador Wilson Leite Braga. Na verdade, a história das emissoras de TV e rádios que surgiriam, AM/FM, é para ser contada noutra oportunidade.

No entanto, não podemos esquecer que, na época, Arlindo Almeida passou a ter um importante papel em toda essa história, pois, com a aquisição do controle acionário da TV Cabo Branco por José Carlos da Silva Júnior, o empresário campinense passou a ser o diretor presidente do Jornal da Paraíba e das emissoras de TV, além das Rádios Cabo Branco FM, Cidade Verde AM-920 e Paraíba FM (CBN), do Grupo. E o jovem Arlindo, continuou sua missão de superintendente da REDE.

“Para quem viu surgir todos esses meios de comunicação, nada melhor do que os ver servindo à Paraíba” – diz Arlindo Pereira de Almeida. Ele afirma que sua presença nessas empresas foi uma experiência de vida, de aquisição de conhecimentos e muito amigos.

Arlindo afirma ter muitas saudades do Jornal da Paraíba, que foi o começo de sua atuação na Rede, presidida por muitos anos pelo inesquecível José Carlos da Silva Júnior, um empresário que, em vida, muito colaborou para o progresso da Paraíba.



No dia 7 de abril de 2016, a direção da Rede, já sob o comando do seu novo presidente, **Eduardo Carlos**, comunicou a suspensão da versão impressa, ressaltando para isso a crise econômica, aliada ao crescimento das mídias digitais, fato, segundo o dirigente, “que vem ocorrendo em outros centros”.

A última edição impressa do jornal, que tinha redações nas cidades de Campina Grande e João Pessoa, ocorreu no dia 10 de abril de 2016. Hoje, o Jornal da Paraíba continua sua trajetória informativa na versão online. Com essa mudança, os produtos oferecidos pelo jornal, podem ser destacados pelos seus colunistas e blogueiros, muitos dos quais, com passagem na versão impressa.

O Jornal da Paraíba TV representa uma oportunidade de atendimento aos deficientes visuais, que, através desses arquivos eletrônicos, podem ouvir todas as notícias em áudio.

O Jornal da Paraíba é ainda hoje uma ausência sentida pelos leitores, especialmente os mais idosos, resistentes às mudanças provocadas pelo avanço tecnológico. Para os mais novos, uma transformação natural diante dessas mudanças impostas pela tecnologia.

O começo de tudo ocorreu em 05 de setembro de 1971, na Rua João Suassuna, no térreo de um edifício da família Motta, prédio ainda inacabado. Foi o início da bonita história de um veículo de comunicação que em muito contribuiu para o progresso de Campina Grande e da Paraíba. Veículo integrante de uma organização que cresceu e se tornou um motivo de orgulho para todos os paraibanos, o Jornal da Paraíba, hoje, na versão *online*, continua sua missão de informar os paraibanos. Nele destacam-se seus colunistas e blogueiros. Na *Internet*, o internauta (leitor) conta também, no seu Jornal da Paraíba TV, com uma sessão de vídeos exclusivos, disponibilizando todas as edições do jornal desde sua fundação.

O Jornal da Paraíba online conta com quatro repórteres em João Pessoa e Campina Grande, dois em cada cidade. João Paulo Medeiros, na Rainha da Borborema, fala sobre política na região e no Estado.



O editor, **jornalista Jhonathan Oliveira**, é formado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) há onze anos.

Está na Rede Paraíba de Comunicação desde 2011, tendo passagens pelos portais Paraíba 1, G1 Paraíba e pelo Jornal da Paraíba, tanto na versão impressa como na online, onde atua desde 2014. O jornalista assumiu o cargo de editor do veículo em de-

zembro de 2019.

O jornal tem blogs sobre política com a participação competente de Angélica Nunes e Laerte Cerqueira (Conversa Política) e João Paulo Medeiros. Sílvio Osias, Renata Uchôa e Fábio Bernardo também marcam presença no JP Online.

Ao longo tempo, muitos são os nomes de colaboradores que passaram e que ainda continuam vivendo o Jornal da Paraíba Online. Eduardo Varandas e Celeste Maia são nomes que não podem ser esquecidos; Suetoni Souto Maior foi uma presença marcante na informações políticas da Rede Paraíba e no Blog do Suetoni. Continua na área de comunicação, dedicando-se aos trabalhos de assessoria no serviço público.

Outro destacado valor da Rede Paraíba de Comunicação é o jornalista e radialista Raniery Soares. Polivalente, homem de comunicação, natural de Patos, ele iniciou sua trajetória no jornalismo na Rádio Sertão AM, antiga Itatiunga AM. É o responsável pelo conteúdo esportivo, no rádio, TV, G1 e Jornal da Paraíba Online. Raniery integra a nova safra de bons jornalistas saídos dos nossos cursos de comunicação.

Sílvio Osias, por sua vez, experiente jornalista com passagens por diversas emissoras de televisão, rádio e jornais impressos – O NORTE, A UNIÃO e o próprio JORNAL DA PARAÍBA – escreve sobre cultura, entretenimento e informações de interesse geral. Sua coluna no JP versão online é uma das mais lidas pelos internautas.

Ao longo tempo, muitos são os nomes de colaboradores que passaram e que ainda continuam vivendo o Jornal da Paraíba Online.



Suetoni Souto Maior



Angélica Nunes



Renata Uchôa



Laerte Cerqueira



João Paulo Medeiros



Fábio Bernardo



Eduardo Varandas



Sílvio Osias



Raniery Soares



## Homenagem

### JOSÉ CARLOS DA SILVA JÚNIOR

Empresário, nome de comunicação e político



**José Carlos da Silva Júnior**, um empresário. Sim, um nome importante do empresariado paraibano. Foi diretor-presidente do Grupo Braz e da Rede Paraíba de Comunicação. Seus investimentos também assinalam uma presença destacada na revenda de automóveis.

O quadro diretivo da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP - também contou com o seu nome e sua experiência. Dela foi um dos fundadores. Presidiu por muitos anos a Associação Brasileira da Indústria do Café – ABIC.

Como industrial, projetou o nome da Paraíba no Brasil inteiro, projeto que continua, mesmo com sua ausência, através dos seus familiares, por ele preparados para dar continuidade ao seu trabalho, que começou em Campina Grande, com o seu pai, Seu Zé Carlos, na conhecida fábrica de café da Rua Almeida Barreto.

E suas ideias se solidificaram. A sede da indústria, atualmente em Cabedelo, conta com uma empresa de torrefação de café e outros famosos produtos alimentícios, conhecidos nacionalmente. São mais de duzentos itens alimentícios produzidos em doze linhas industriais.

Na comunicação, José Carlos apresentou sua cidade, Campina Grande, com uma segunda emissora de televisão em 1987 e, posteriormente, mais uma emissora a rádio CBN-FM. Em João Pessoa, implantou a TV Cabo Branco, que foi a primeira da Capital (1986), com outros empresários, como também uma rádio AM (inicialmente Cidade Verde e após Rádio Paraíba AM) e uma FM – hoje CBN-João Pessoa.

O empresário querido de todos os paraibanos, nascido em Campina Grande, em 16.06.1926, que nos deixou no dia 05.03.2021, aos 94 anos, foi, portanto, um expressivo nome da comunicação. Sua história na área começou no dia 5 de setembro de 1971, com a fundação do Jornal da Paraíba, ao lado de outros empresários campinense. José Carlos foi, sim, um homem de comunicação, um empresário ligado ao jornalismo.

Em sendo o principal nome na criação da Rede Paraíba de Comunicação, José Carlos da Silva Júnior jamais será esquecido pela classe jornalística. Além das mídias rádio, TV, Jornal e canais nas redes sociais (Internet), colocadas aos dispor dos paraibanos, ele criou oportunidades de emprego para muitos jornalistas, ensejando o surgimento de novos e valorosos nomes na comunicação do Estado.

A Paraíba não esquecerá José Carlos da Silva Junior, o também político, vice-governador da Paraíba (de 1983 a 1986) e senador pelo PDS (1996 a 1999). Neste segmento, realizou um grande trabalho em prol de sua terra. Mas, foi político por pouco tempo, pois, na verdade, o seu maior desejo sempre foi a vida empresarial.

## A PALAVRA - Riqueza e abundância

Jornalismo com paixão, ética e um só norte: Campina Grande

### Lula bate Collor em Campina

**A** imprensa local tem recebido e divulgado todo um espírito de luta e de coragem, tornando-se um dos pontos fortes da cidade.

É comum encontrar-se em qualquer parte da cidade um grupo de pessoas, jovens e velhos, que se reúnem para discutir assuntos políticos, econômicos e sociais, e para expressar suas opiniões e ideias.

Essa situação é muito boa para a cidade, pois ela se torna mais ativa e participativa, e isso é muito bom para o desenvolvimento econômico e social da cidade.

Além disso, a imprensa local tem desempenhado um papel muito importante na divulgação das notícias e na formação da opinião pública.

Por isso, é muito bom que a imprensa local continue a trabalhar com paixão e ética, e que continue a ser um ponto de encontro para a comunidade.

**A PALAVRA**

Outubro 1979 - Edição Semanal - Nº 17 - Anos 4 - 1966 - Nº 121

# O GRITO É DE GUERRA: CAMPINA UNIDA...



Um grupo de jovens, liderados por um dos membros da imprensa local, organizou uma manifestação pública em Campina Grande, exigindo a renúncia do presidente Collor.

A manifestação contou com a participação de milhares de pessoas, que se reuniram em frente ao Palácio do Governo do Estado. Os manifestantes carregavam bandeiras e cartazes com mensagens de protesto.

Os líderes da manifestação afirmaram que a população de Campina Grande está cansada da corrupção e do autoritarismo que caracterizam o governo atual. Eles exigem a abertura de um processo de impeachment contra o presidente Collor.

A imprensa local desempenhou um papel fundamental na divulgação das notícias sobre a manifestação e na formação da opinião pública. Os jornais e revistas locais publicaram reportagens detalhadas sobre o evento, incluindo fotos e depoimentos dos participantes.

Essa situação demonstra o alto nível de engajamento cívico da população de Campina Grande e a importância da imprensa local na formação da opinião pública e na defesa dos interesses da comunidade.

**Um grupo sério - vídeo crítica**  
**e inovadora - dá a melhor**  
**gente engraçada - dita da televisão**

Uma conversa com o jornalista José Marcos Marinho Falcão, no dia 26 de novembro de 2020, sobre o jornal A Palavra, veículo de comunicação fundado por ele e Atalmir Araújo Guimarães (*in memoriam*), em 16 de setembro de 1989, na cidade de Campina Grande. Uma conversa agradável com um dos mais qualificados jornalistas paraibanos. Hoje, apenas na versão online, A PALAVRA continua firme, com a verdade e a ética fazendo parte do seu dia a dia.



**Contar a história d'APALAVRA é fácil e rápido: como tudo em Campina Grande, ela nasceu embalada pelo forró! A afirmação é de um dos mais destacados nomes do jornalismo paraibano, José Marcos Marinho Falcão, mais conhecido como Marcos Marinho.**

---



Marcos, ao lado de Ronaldo Cunha Lima, entregando o primeiro número do jornal A Palavra



Atalmir Guimarães - MICA

Ele e Mica, (o saudoso Atalmir Araújo Guimarães) eram assessores de gabinete de Cássio, o jovem prefeito da época que sucedia no cargo o pai, Ronaldo Cunha Lima.

Segundo **Marcos Marinho**, “foi num desses dias, pertinho do São João, já na segunda ‘saideira’, que o velho Mica perguntou se eu topava fazer ‘jornalzinho’ para distribuir no Parque do Povo”.

“Na condição e na intimidade de compadre do prefeito (Cássio é padrinho de Elvis, filho de Mica), ele confidenciou já ter tratado do assunto com ele e garantiu que dinheiro para o projeto a prefeitura bancaria. Portanto, à sua ótica, era somente botarmos mãos na massa” – destacou.

Prontamente, Marcos disse para **Mica** que a ideia era boa e que lhe interessava, mas que precisava de um encontro sem álcool para amadurecer a coisa. “E nem preciso dizer que esse segundo encontro quase não acontecia, ante a possibilidade de não ter bebida na mesa”, (risos).

Na verdade, não precisou muito álcool. Com uma única dose de co-nhaque Domeck, foi fechado o projeto na mesa da cozinha da casa de Mica, pertinho da residência de Marcos, ambas nas proximidades do estádio O Amigão.

Ao concordar que a PMCG veiculasse algum anúncio, uma ou duas páginas talvez, a ideia é de que jamais se poderia aceitar que ela pagasse integralmente os custos do jornal.

Para eles, assim ocorrendo não haveria liberdade na escrita nem o leitor se interessaria em ler as matérias. “Não queríamos um órgão oficial da festa” – afirmou Marcos Marinho. Foi assim nasceu a FOLHA JUNINA, que circulou durante as cinco semanas d’O Maior São João do Mundo e que fez muito sucesso, dada a sua excelente qualidade editorial. “A FOLHA JUNINA” foi, portanto, o embrião de A PALAVRA. Para o jornalista Marcos Marinho, esse impresso mereceu tanto destaque que encerradas as festividades, essa repercussão foi enorme também nos segmentos classistas e empresariais de Campina Grande.

Os jornalistas Marcos Marinho e Atalmir Guimarães (Mica) receberam ofícios da presidência da Câmara Municipal, do reitor da Universidade Regional do Nordeste (hoje UEPB), das presidências da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) e da Associação Comercial e do então Clube de Dirigentes Lojistas (CDL), além de políticos e outros líderes classistas, para que o jornal mantivesse circulação mesmo fora do período junino.

O pedido mexeu com ego de Marcos e Mica. “E – é ótimo confessar - foi o pagamento que recebemos pela trabalhosa empreitada (o salário moral)”, destaca Marcos, ressaltando com emoção “a ausência do amigo que se foi mais cedo e que, hoje, poderia me ajudar a contar essa bonita história”.

“E não deu outra” - diz Marcos. “Novamente, no Bar de Seu Elísio, batemos o martelo e elencamos vários nomes para o futuro jornal, sendo escolhido A PALAVRA, num ‘estalo’ de Mica que o justificou, argumentando que o bom jornalismo se faz com interrogações (que, quem, quando, onde, como?...). Até a arte do logotipo foi de Mica: o ‘P’ invertido transformado em interrogação. Aí nasceu enfim o jornal A PALAVRA, focado em fazer jornalismo com ética e paixão.”

Desde então, lá se vão mais de três décadas, o amor que nutre e dá norte ao seu trabalho, que é um só: Campina Grande. Para o seu único fundador vivo, a história d’A PALAVRA, começando na sua versão impressa, é realmente apaixonante. “Forjada pelo profissionalismo da



O humorista Shaolin



Josildo Albuquerque



Jornalista William Monteiro



Humberto de Campos



Hugo Ramos



Ana Luíza

equipe, jamais baixou a guarda quando golpes se arquitetaram, traições se afirmaram nem quando afiadas lâminas de despudoradas guilhotinas foram elevadas para cortar suas verdades” - acentua Marcos Marinho.

Para ele, poderia hoje ser um império de comunicação na Serra da Borborema. Poderia muito mais: ter dado à sua diretoria, ou mesmo aos seus colaboradores, bastante poder material - riqueza em abundância! Mas, A PALAVRA optou pelo seguro caminho do dever cumprido. Pela missão sacerdótica de defender o amado chão. E por essas trilhas, já se sabe que o dinheiro é curto.

Para Marinho, A PALAVRA nunca se ajoelhou. Chegou a cair várias vezes, mas sempre se ergueu. Fechou suas portas em alguns momentos de intensas nebulosidades, mas abriu-as tão logo brisas de paz sopraram nos céus da Rainha da Borborema. Por isso, quem nela continua e quem por ela “passou, só orgulho pode carregar” - diz “Salários, para os seus trabalhadores? foram mais valorosos e perenes os ditos “morais”. Esses em que cédulas torpes e vis não são contadas nem depositadas nas contas-correntes de cada um. Salários que a inflação não come, que a avareza não destrói, que a ganância não sepulta” – afirma, emocionado, o jornalista.



Marcos Marinho, ex-vereador em Campina Grande, é jornalista, radialista e diretor do portal A PALAVRA.

E **Marcos Marinho** continua: “Escuta, Gilson! Aprofundar a história d’A PALAVRA e contar os vários exemplos da íngreme caminhada é mergulhar em febris situações. É apreciar as calosidades das mãos de todos quantos se dispuseram até aqui em levantar a sua bandeira. ‘A PALAVRA’ é parte intangível e inapagável dos anais de Campina Grande e da Paraíba.” Durante sua fala na elaboração desse nosso trabalho, o jornalista sempre demonstrou sua gratidão a Deus, pelos momentos vividos, enquanto jornal impresso, pel’A PALAVRA, sem esquecer, ainda, o apoio do leitor, que sempre acreditou na linha editorial desse veículo.

Os agradecimentos de Marcos Marinho se estendem, também, aos dois queridos e inesquecíveis Shaolin e Mica Guimarães. Ele destaca que, sem eles - e sem Josildo Albuquerque, Sevy Nunes, Otílio Rocha, Ana Luiza Rodrigues, Humberto de Campos, William Monteiro, Hugo Ramos (todos *in memoriam*) - a luta continua, mas o fardo se tornou bem mais pesado.

A versão impressa d’A PALAVRA circulou inicialmente a cada mês, depois passou à periodicidade quinzenal. Foi mantida semanalmente por mais de dois anos. “Virou revista mensal, mas só pudemos bancar uma única edição, tendo em vista os altos custos gráficos, que nos obrigaram a abandonar de vez a parte impressa”.

Com a versão *\*online*, o inteligente jornalista José Marcos Marinho conserva as mesmas pautas investigativas do passado, com o mesmo foco sobre as coisas prioritariamente de Campina Grande, utilizando-se de um jornalismo profissionalmente ético.

---

\*Sobre o vocábulo online ou on-line - O termo é uma expressão do - idioma inglês que significa “na linha.” Os termos podem tanto conservar a sua grafia original quanto ser adaptado ou “aportuguesado”. Foi o caso da palavra “online”. De acordo com o Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa, a forma correta de escrever-se o termo em português é “on-line”, com hífen. Esse é um dos motivos pelos quais muitas pessoas fazem confusão, pois nem sempre a expressão aparece traduzida. Contudo, há muitos gramáticos e dicionaristas que, pelo uso consagrado da expressão, aceitam a versão “online” (sem o hífen) também no vernáculo.



## Cajazeiras e o seu jornalismo

A conhecida cidade sertaneja, presença marcante no jornalismo paraibano, sempre foi destaque através de seus veículos de comunicação. Não se pode negar, Cajazeiras é um dos mais importantes centros de veículos de comunicação, não apenas da Paraíba, mas da região nordestina. Destaca-se, ainda, por suas mídias, radiofônicas e televisiva (conta com a primeira emissora de TV na WEB do Estado), além de ser berço de importantes nomes do jornalismo estadual regional. Cajazeiras ainda marca sua história no jornalismo impresso. E não é de hoje!

Desde os anos 20, a cidade já contava com jornais impressos: em 1923, com o PÁTRIA JORNAL e o Alvorada; no ano de 1924, surgiu o Rio do Peixe; em 1925, circulou O Rebate; em 1926, O SPORT; em 1928, a Penna; entre 1934 e 1937, foi a vez da Centêlha; e, entre 1939 e 1943, o ESTADO NOVO.

Com periodicidade mensal, O Correio do Sertão, atuou de 1948 a 1953; em abril de 1953, foi a vez do Tribuna do SERTÃO; já o Observador foi outro jornal de pouca circulação, impresso entre os anos de 1955 e 1956.



Professor José Antônio, Diretor Presidente do Grupo Alto Piranhas

Hoje, apenas circula em Cajazeiras a Gazeta do Alto Piranhas, jornal fundado, em 1º de janeiro 1999, pelo jornalista José Antônio de Albuquerque, também professor da UFCG, historiador e membro fundador da Academia Cajazeirense de Artes e Letras. Além de fundador do jornal, o único veículo impresso em circulação na

cidade de Cajazeiras e no interior da Paraíba, **José Antônio** preside a Rádio Alto Piranhas, uma das mais importantes emissoras de rádio da Paraíba. Nas páginas a seguir, falaremos sobre a história de todos esses veículos impressos que circularam na cidade.

## Patria Jornal



**É considerado o primeiro jornal da cidade, embora fosse impresso em Fortaleza” – destaca o professor Francelino.**

---

Nas minhas pesquisas, com o apoio do amigo e confrade professor Francelino Soares, localizei um nome bem patriótico de um jornal. PATRIA JORNAL.

Sua primeira edição é de 1923, com circulação do primeiro número no dia 4 de novembro daquele ano. “É considerado o primeiro jornal da cidade, embora fosse impresso em Fortaleza” – destaca o professor Francelino.

O primeiro jornal cajazeirense teve como seu principal diretor o senhor Júlio Moésia Rolim, um homem de imprensa, portanto um jornalista de ofício, farmacêutico, orador e – ele mesmo assim se considerava – comunista. O jornal tinha um caráter cívico, informativo e literário.

O Alvorada foi outro jornal que circulou em Cajazeiras, também no mesmo ano do PATRIA JORNAL, 1923. O responsável pelo seu surgimento foi o também farmacêutico, professor e poeta, Cristiano Cartaxo. Pelo que se nota, os farmacêuticos cajazeirenses tinham um amor pelo jornalismo. O Alvorada, que teve um curto período de circulação, contou com os trabalhos redacionais (redator titular) de Emídio Assis.

## Rio do Peixe

O jornal Rio do Peixe surgiu como órgão literário, noticioso, de orientação católica, com a primeira edição datada de 16 de novembro de 1924. Sua fundação é creditada ao bacharel Dr. Manoel Ferreira Andrade Júnior, na época, Promotor Público de Cajazeiras, muito conhecido pela sua religiosidade. Ele foi responsável pela direção do periódico, tendo como gerente o Sr. Pedro Dantas.

Muitos foram os nomes que colaboraram com as edições do jornal, como redatores e articulistas, dentre os quais, Padres Manoel Octaviano, Adonias Vilar, Constantino Vieira, Gervásio Coelho e Carlos Coelho.

Educadores de renome na cidade e região também colaboraram com o jornal Rio do Peixe, entre eles, Cristiano Cartaxo (Redator-Chefe), Hildebrando Leal (Redator-Gerente), José dos Anjos, Antônio José de Souza e José Saldanha. A gerência do jornal estava localizada na Rua Padre Manoel Mariano e sua circulação ocorria todas às quintas-feiras. Sua impressão era em gráfica e oficina próprias.

Um dos maiores entusiastas do impresso era o Bispo da Diocese, Dom Moysés Coelho, que foi responsável por encampar toda estrutura física e cultural do jornal, que circulou durante duas décadas.

Foi nomeado Bispo de Cajazeiras, em 1º de novembro de 1914, pelo Papa Bento XV, e ordenado em 2 de maio na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves.



Dom Moysés Sizenando  
Cøelho - Cajazeiras (08.04.1877  
- João Pessoa, 18.04.1959)  
foi sacerdote e bispo da  
Igreja Católica na Diocese de  
Cajazeiras e Arquidiocese da  
Paraíba, ambas da Província  
Eclesiástica da Paraíba.

## **Ação**

Na rica história do jornalismo impresso cajazeirense, fala-se sobre a existência desse jornal – A Ação, sobre o qual poucas são as referências, tinha como principal diretor o Dr. Celso Matos Rolim. Seus redatores foram Luiz Sobreira Cartaxo e João Mendonça Júnior. Segundo o professor Francelino Soares, sabe-se que sua circulação ocorreu em duas fases: a primeira no ano de 1924, e a segunda, no ano de 1930; portanto, houve uma paralisação de seis anos em sua distribuição ao público leitor.

## **O SPORT**

O dia 11 de julho de 1926 foi um dia marcante para os amantes da prática esportiva de Cajazeiras. Foi nessa data que circulou o primeiro exemplar do jornal O SPORT, para muitos, um jornal que despontou na vida da cidade, sob os auspícios da mocidade cajazeirense. Jornal semanal, ele circulava todos os domingos, até 1929. Era um “Orgam Sportivo, literário e Humorístico”, assim denominava-se (respeitada a grafia da época).

Sua criação partiu de uma ideia do professor Antônio José de Souza, que foi seu diretor, com assessoria de do bacharel Lauro Nogueira, advogado com atuação em São João do Rio do Peixe. Outros cargos de direção eram ocupados por Antônio Pereira da Silva (Chefe de Redação) e Antônio Bezerra. A coincidência onomástica levou o poeta e Dr. Cristiano Cartaxo a batizar o corpo de direção de “TRINDADE ANTONINA” – Antônio José, Antônio Pereira e Antônio Bezerra.

A gerência do jornal, posteriormente, passou para o comando de Clóvis Serra França. O quadro redacional contou com nomes expressivos da vida cultural da cidade, como Edson Almeida Leite, Alcebíades Sobreira Rolim e José Carneiro Neto, com colaboradores de primeira linha, a exemplo do Monsenhor Constantino Vieira, Prof. Hildebrando Leal, Padre Adonias Vilar, professor e poeta Cristiano Cartaxo, Luís Sobreira Cartaxo e José Carneiro Sobrinho.

## **O Rebate**

Ele cognominava-se com um “órgão político e anticlerical”. Assim era conhecido O Rebate, cuja primeira edição circulou nas terras cajazeirenses e região no dia 29 de junho de 1925. Circulava somente aos sábados. Foi um veículo de oposição, com o objetivo de rebater as ideias propagadas pelo Rio do Peixe, estas de vinculação nitidamente católicas.

Três nomes despontavam com destaque para essa linha editorial do jornal O Rebate: Coronel Marcolino Dinis, proprietário e diretor, na época um influente lojista do ramo de tecidos, com ingerência na social, esportiva e política da cidade; o Dr. Praxedes Pitanga, Redator-Chefe; e José Galdino de Souza (Gerente). Dentre os colunistas do jornal destacavam-se Dr. Otacílio Jurema, Barreira Cravo, bacharel Lauro Nogueira, os jornalistas cearenses Demócrito Rocha, Júlio Matos Ibiapina, além do poeta Emídio Miranda.

Circulou até 1930, cessando suas atividades quando da “Revolução de 30”, pois o Coronel Marcolino era ligado ao grupo do Coronel José Pereira, de certa forma, o estopim do movimento, que mexeu com toda a estrutura da vida política brasileira.

## **A Penna**

Com a primeira edição datada de 7 de setembro de 1928, o periódico A Penna foi um jornal cajazeirense tido, como assim se intitulava, um “Orgam Humorístico do Instituto São Luiz” de propriedade do fundador do colégio, professor Hildebrando Leal, que contou para a fundação do mesmo, com a participação de sua esposa, professora Odília Formiga Leal, que mais tarde viria a criar a Revista Flor de Liz.

O nome para o jornal referia-se ao instrumento de trabalho dos alunos, a pena, nome primitivo dado à caneta, hoje lápis esferográfico. Como foi dito, o jornal surgiu em 1928, porém não se tem notícia de edições posteriores. Sabe-se apenas que, no primeiro número do jornal, pontificaram nomes, como diretor J. Batista Leite, redator-chefe F. Pires, gerente A. Dias, e, como colaboradores, Ruth Maria, Argentina Cearense e Marta Serrano, provavelmente, colunistas, todas alunas do Instituto São Luiz.

## **Centêlha**

O que se pode dizer do surgimento do jornal a Centêlha? “Para alguns pesquisadores, ele nasceu na mesma trilha editorial do impresso A Penna e, provavelmente, dava continuidade ao modelo já existente com o seu congêneres” – afirma o professor Francelino Soares, também radialista e jornalista cajazeirense.

A Centêlha foi um pequeno jornal destinado a apresentar os trabalhos dos alunos que faziam parte da então Arcádia Padre Rolim, existente no Colégio do mesmo nome. Sua periodicidade não era constante. Acredita-se que deve ter circulado de 1934 a 1937.

## Estado Novo

O impresso em Cajazeiras marcou presença na vida da cidade em momentos importantes, como durante o período da Segunda Guerra Mundial, com a publicação semanal do jornal ESTADO NOVO.

Ele começou a ser impresso, com circulação semanal, em 7 de junho 1939, e apresentou, em sua primeira edição, os seguintes créditos ao seu corpo editorial: diretor – Dr. João Jurema; redator-chefe – Dr. Celso Matos; gerente – Antônio Caralho; secretário – Antônio Assis Costa (Tota Assis).

O ESTADO NOVO tinha uma linha editorial aberta, simpatizante do regime ditatorial estado-novista do Presidente Getúlio Vargas. Na verdade, mantinha uma linha mais informativa e publicitária.

Abaixo a imagem da primeira página desse periódico, ANO II, número 72, edição do dia 25 de dezembro de 1940. A manchete principal é sobre a guerra, citando um trecho de um discurso de Adolf Hitler: “NÃO TEMOS DINHEIRO, MAS NOSSA FORÇA PRODUTIVA É NOSSO CAPITAL E COM ESTE OURO TRIUNFAREMOS SOBRE O MUNDO INTEIRO”. Destaque ainda, na primeira página, para a mensagem publicitária da firma Carvalho & Dutra, cujos acionistas seriam, anos após, sócios majoritários da hoje Difusora Rádio Cajazeiras, esta inaugurada em 19 de março de 1964. Atualmente, a DRC pertencente ao grupo Cavalcanti Primo, que tem, como presidente, o empresário José Cavalcanti da Silva.





Possivelmente, o ESTADO NOVO e o Correio do Sertão tenham sido os dois jornais de Cajazeiras de periodicidade mais longeva. O primeiro circulou até o ano de 1943.

Seus principais redatores eram nomes conhecidos dos cajazeirense, entre eles, Dr. Otacílio Jurema, Luiz Sobreira Cartaxo (Laíres) e João Mendonça Júnior. O quadro editorial do jornal apresentou algumas alterações ao longo dos anos, e ainda integraram seu corpo redacional e diretivo o vice-diretor, Dr. Otacílio Dantas Cartaxo e o redator-secretário Antônio José de Souza.

### **Correio do Sertão**

Com periodicidade mensal, o Correio do Sertão teve seu primeiro número lançado em agosto de 1949. Foi um jornal que teve como mensagem ser um “Mensário de Orientação Diocesana”, sendo assim, administrado pela Diocese de Cajazeiras, sob a orientação do Bispo da época, Dom Luís do Amaral Mousinho, gestão 1948 a 1953.

No editorial do seu primeiro número, em 1949, o Bispo Dom Luís assim traçou o perfil do jornal diocesano: “Ele apareceu porque é uma imperiosa necessidade da Diocese, considerada na sua acepção de uma grande família sobrenatural. [...] O Correio do sertão será um encontro fraterno das paróquias e almas sertanejas. [...] O Correio existe para o Sertão. Interessar-se-á por tudo o que venha a contribuir para a grandeza, felicidade e prosperidade de nossa terra”.

O Monsenhor Abdon Pereira era o diretor-gerente do jornal, enquanto o Pe. Américo Sérgio Maia era o seu redator-chefe. Dom Mousinho deixou a Diocese em 10 de maio de 1952, sendo substituído por Dom Zacarias Rolim de Moura, vindo de Patos, onde era Vigário-Geral. O jornal Correio do Sertão circulou até o ano de 1953.



Dom Luís do Amaral Mousinho



Dom Zacarias Rolim de Moura

## **Tribuna do Sertão**

Foi graças ao espírito de vanguarda, combativo, ousado e inovador do Dr. Júlio Maria Bandeira de Mello, que surgiu o Tribuna do Sertão, Ele, como fundador, classificava o jornal como “um concorrente atrevido do jornal da Diocese”. Mas, o editor do Correio do Sertão, na edição deste, datada de maio de 1953, por ocasião do primeiro número da Tribuna do Sertão, em abril, saudou a nova publicação, escrevendo:

“[...] surgiu, nesta cidade de Cajazeiras, um órgão noticioso, intitulado Tribuna do Sertão. Os nossos votos de que possa servir aos interesses da terra.”

Nota-se, nas saudações da Diocese, que a mensagem não era apenas de boas-vindas, mas de uma “política de boa vizinhança”. A referência era feita ao jornal Correio do Sertão, o periódico da Diocese, que adotava uma linha editorial de cunho mais espiritual e orientadora, evitando bater de frente nos problemas sociais, enquanto o novo veículo impresso – Tribuna do Sertão –, enveredava por um caminho mais de natureza política e social. O corpo redacional do novo jornal contava, em seu corpo de redatores, além do Dr. Júlio Bandeira, com a verve sarcástica dos advogados Dr. José Rolim Guimarães e Dr. Lácio Alves Cavalcanti, este, filho do conhecido proprietário da Livraria Rio do Peixe, Horácio Alves Cavalcanti.

Com um inteligente tom de humor e crítica, e com uma orientação do Dr. Júlio, o jornal Tribuna do Sertão, em sua linha editorial, enfrentou muitos problemas, mas sempre afirmava que “não se curvaria à subserviência política”.

Foi um jornal que assumiu atrevidamente uma verdadeira linha polêmica. Aliás, um jeito polêmico que tem caracterizado a atuação de muitos jornalistas cajazeirenses até hoje. Mas, por ter sido atrevido em demasia, o jornal dos ariscos e críticos jornalistas, teve uma vida efêmera, circulando por apenas um semestre.

## **O Observador**

O mês de maio de 1955 marcou um momento importante na história do jornalismo da cidade de Cajazeiras: entrou em circulação o jornal O Observador, órgão noticioso e literário, com informações sobre Cajazeiras e região sertaneja, especialmente do Alto Piranhas, do Brasil e do mundo. O seu fundador foi José Pereira de Souza, conhecido professor e agente fiscal da Coletoria Estadual da cidade.



José Pereira de Souza Filho



José Pereira Souza Filho, um paraibano na Nacional de Brasília

Quem conta com muito orgulho a história desse periódico é o amigo radialista Pereira Filho, cajazeirense que morou em Brasília. Na Capital da República, o filho do fundador do periódico atuou por muitos anos na Rede Globo e Rádio Nacional.

“Meu pai foi professor e coletor de tributos na cidade Cajazeiras, na minha terra, nos anos 50. O jornal O Observador, fundado por esse homem, um autodidata, sem formação jornalística, chamou a atenção de todos pela qualidade de sua produção. Tinha dimensões de 48 por 33 centímetros de largura, medidas iguais às do Globo, Correio da Paraíba e tantos outros grandes jornais do país” – destaca Souza Filho, que também foi radialista em Cajazeiras, no começo dos anos 70, quando seguiu para Brasília.

Ele e mais quatro irmãos trabalharam em Cajazeiras, nos anos 60, na Difusora Rádio Cajazeiras e Rádio Alto Piranhas, mas somente Pereira Filho seguiu a carreira de radialista, na qual se manteve durante quarenta anos. “Rádio Alto Piranhas, TV Globo Brasília, EBN Empresa Brasileira de Notícias (extinta no governo Sarney), RADIOBRAS, que em 2007 passou a se chamar EBC (Empresa Brasil de Comunicação), foram os meus caminhos na comunicação” – diz Souza Filho, o menino de Zé Pereira.

Segundo ele, José Pereira de Souza (seu pai) era o diretor responsável e também o redator. Contava com correspondentes em São José de Piranhas (Jatobá), Pedro Lins de Oliveira e, em Campina Grande, J. Mendes Rolim.

O jornal era impresso na Gráfica Rio do Peixe, na Rua Dr. Aprígio Sá, nº. 24, fone 409, em Cajazeiras, que tinha como proprietário o senhor Horácio Alves Cavalcante, como informado antes. Além das notícias do mundo político e administrativo, como todo jornal que ainda circula por este Brasil, trazia uma página dedicada às notas sociais (aniversários, casamentos), além dos destaques para pessoas em trânsito pela cidade, etc. “Uma coluna social, sim senhor” – diz Pereira Filho.

Na parte publicitária, um importante apoio do empresariado cajazeirense. Pela novidade que representava um jornal na cidade, este apoio era dos mais significativos.

De Cajazeiras, havia anunciantes, como Oficina Rádio Técnica de Galdino Vilante (com montagens, ajustes e recuperação de rádio e amplificadores e cine-sonoro); SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A (com compra da rama de mamona e algodão); Mercearia Sertaneja, de Domício Braga (com ferragens, louças, vidros, perfumes, bebidas); Couros e Peles, de José Alencar; A Pernambucana (com tecidos); BAR E SOVETERIA ALOMA, de José Moreira; ARMAZÉM OURO BRANCO, organização Américo Almeida; ARMAZÉM SÃO PAULO, de Francisco Rolim & Irmãos - tecido em grosso e a varejo.

O comércio de Campina Grande também investiu fortemente no jornal “O Observador”, de José Pereira de Souza. A cidade, na década de 50, já possuía, como hoje, um comércio forte, que vendia para todo Nordeste. Uma mídia para divulgar os produtos e serviço da Rainha da Borborema, era muito importante, até para facilitar a vida dos representantes comerciais que viajavam por toda a região.

Muniz & Cia (armazém de estivas e cereais por atacado), M. Lira Braga (matriz em Campina Grande e lojas em Patos e Sousa – Peças para caminhão), Armazéns Ouro Branco (com filiais em Cajazeiras, Patos e Guarabira), Drograria Fernandes, Faustino de Sousa Carvalho (estivas e combustíveis, mamona e cereais), J. Camboin & Cia (fábrica de pregos SANCA e PELES, COUROS E CÊRA DE CARNAÚBA), entre outras, foram empresas campinenses que investiram no jornal O OBSEVADOR.



**José Pereira de Souza Filho**, mais conhecido como Souza Filho, no âmbito da radiofonia brasiliense, diz ter muito orgulho do pai, por ter sido um dos batalhadores pelo jornalismo impresso na cidade.

“Eu imagino que era muito difícil fazer a impressão e circulação do jornal funcionar de forma satisfatória. Não se dispunha de tantos recursos tecnológicos, a exemplo de hoje, quando a Internet facilita enormemente a obtenção da informação. Orgulho-me pelo o que meu pai foi: um bravo, guerreiro e, pela sua força de vontade, conseguir fundar esse jornal. Ele foi um homem de conhecimento, que adquiriu como professor. Certamente, isso facilitou muito. Tinha domínio fluente do grego, latim, francês e inglês, além exercer atividade de agente fiscal e jornalista. Orgulho-me de ter seu nome, com o acréscimo do termo FILHO”.

Souza Filho, o filho de Zé Pereira, encaminhou para este nosso trabalho algumas manchetes do jornal O OBSERVADOR, de uma das edições (a de número 8) do longínquo ano de 1955.

“Soberania e Feudalismo Internacional”: fala sobre a guerra fria entre a Rússia e os Estados antimarxistas na disputa de extensão comercial; “Mensagem do senador eleito Dr. Otacílio Jurema ao povo cajazeirense”; José Américo de Almeida foi condecorado pelo Governo Francês com a Medalha de Chambord - por ocasião da inauguração da Universidade da Paraíba; “Soerguimento das Cidades” - destaca as cidades no Brasil e no mundo, com relação aos arranha-céus.



Quirino foi prefeito de Cajazeiras entre 1973 a 1977, deputado estadual de 1979 a 1991 e vice-prefeito de 93/96

## Nova Era

Nova Era, nome dado a um jornal oficial do município de Cajazeiras, criado pela Lei Municipal nº. 617, de 30 de janeiro de 1977. O veículo impresso tinha como objetivo promover as publicações periódicas de atos das prefeituras municipais de outras comunidades, mas, e principalmente, de Cajazeiras.

O projeto de lei, iniciativa do então prefeito **Antônio Quirino de Moura**. O nome Nova Era foi sugerido pelo ex-prefeito Celso Matos Rolim. A lei contou com a assinatura do bacharel Heraldo Maciel Braga (in memoriam) e que – dizem os historiadores – foi um discreto servidor público, eficiente e correto.

O Nova Era somente começou a circular na gestão de Francisco Matias Rolim, em 17 de setembro de 1977. Rolim foi eleito, pela segunda vez, nas eleições de 1976.

## Gazeta do Alto Piranhas

**8 ANOS** **Gazeta** do Alto Piranhas **R\$ 1,00**

**Curso de Medicina da Faculdade Santa Maria é reconhecido pelo MEC com nota 4**

**Cajazeiras com o nome limpo**

**Museu de Cajazeiras vai funcionar no casarão da Epifânio Sobreira**

**Festival de Cinema foi realizado com sucesso em Cajazeiras**

**Menor de 15 anos é executado a bala em Cajazeiras**

**Apresentação de Bomas**

**hortifrut**

**Roma**





Professor José Antônio,  
Diretor Presidente do Grupo  
Alto Piranhas



Jornalista Josival Pereira



Jornalista Christiano Moura

Hoje, quando muitos centros importantes fecham os seus jornais diários, Cajazeiras mostra a sua força com o Jornal Gazeta do Alto Piranhas que, embora tenha circulação semanal, vem divulgando a cidade e região.

Não deixa de ser, também, a determinação e vontade de fazer acontecer de um empresário, que gosta e ama o que faz ciente da importância para a cidade e sua população de um veículo de uma mídia tão expressiva como é um jornal.

O responsável por isso é o jornalista e professor \*José Antônio de Albuquerque, fundador desse veículo de comunicação, que apareceu nas bancas de jornais e revistas da cidade, pela primeira vez, em 1º de janeiro 1999, data de sua fundação.

O jornal Gazeta do Alto Piranhas, da cidade de Cajazeiras, foi fundado no dia 1º de janeiro de 1999, pelo professor e historiador José Antônio de Albuquerque. Com ele, lutaram pela viabilidade desse projeto, muitos amigos, entre eles, os jornalistas Josival Pereira e Christiano Moura.

José Antônio de Albuquerque é professor aposentado pela UFCG, historiador e jornalista. Além de fundador do jornal Gazeta do Sertão, atualmente o único veículo impresso da cidade de Cajazeiras, ainda está à frente da Radio Alto Piranhas, uma das mais importantes emissoras de rádio da Paraíba.

## História

Josival foi seu primeiro editor, e Christiano, responsável pela diagramação. “O GAZETA DO ALTO PIRANHAS é o mais longo jornal impresso da cidade e o único em circulação, não apenas em Cajazeiras, mas no Sertão paraibano”, diz Josival.

Christiano Moura, jornalista, publisher do blog “Coisas de Cajazeiras” e membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL – conta um pouco de sua chegada e a de Josival Pereira ao Gazeta do Alto Piranhas.

“Em meados de 1998, estava assistindo a um concerto da Orquestra Sinfônica da Paraíba no patamar Matriz de Nossa Senhora de Fátima, em Cajazeiras, quando fui abordado pelo professor José Antônio de Albuquerque que me sondou acerca da possibilidade de integrar a equipe de um jornal por ele idealizado” – afirma Cristiano.

Ele ressalta que, dias antes, o jornalista Josival Pereira havia sinalizado com tal expectativa na feitura de um jornal semanal. Christiano foi receptivo à ideia, pois já contava com certa experiência na área, fruto dos inúmeros jornais e revistas por ele produzidos para as administrações públicas da região.

Algumas semanas após, segundo Christiano, o professor Zé Antônio iniciava seu grande sonho, com a criação de um jornal semanal, feito e impresso em Cajazeiras. “E lá estávamos nós, eu e Josival. Eu, com a incumbência de criar, em pouquíssimo tempo, um projeto gráfico para as doze páginas do hebdomadário, enquanto Josival, ficou responsável pela editoria geral. Em 1º. de janeiro de 1999, sem que tivéssemos feito nenhuma edição zero, o Gazeta do Alto Piranhas ganhava as ruas de Cajazeiras e das cidades da sua região metropolitana” – afirma.

A repercussão foi imensa. O jornal começou a ser diagramado na Mídia XXI e impresso em gráficas locais, “mas logo ganhou redação própria e, mais importante, parque gráfico próprio, fruto da coragem do professor Zé Antônio” – destaca Christiano.

“Ao longo das duzentas edições em que trabalhei no Gazeta, até meados de 2002, produzi primeiras páginas inesquecíveis, fruto da capacidade profissional do editor Josival Pereira e com a devida anuência do seu proprietário. Publicamos matérias quentes, manchetes fantásticas, histórias incríveis, tendo o suporte de outros colegas jornalistas que integravam a equipe. Também fui colunista do jornal – ora ácido, ora inconsequente, mas nunca indiferente aos fatos cotidianos” – finaliza.



**Fernando Caldeira**



**Francisco Sales Cartaxo**



**Jornalista José Ronildo**



**Jornalista Mariana Moreira é professora da UFCG**

Em 2001, após finalizar a 200ª edição do Gazeta do Alto Piranhas, o inteligente Christiano Moura partiu em voo solo para dirigir e fazer circular uma revista mensal. E foi com o apoio de sua irmã, jornalista Cristina Moura, que Cajazeiras conheceu uma revista – OBA! - que marcou época na cidade e região. Uma outra revista, de ação social, católica e feminina, FLOR DE LIZ, também marcou a vida dos leitores cajazeirenses. Sua primeira edição foi em 1930, circulando, acreditem, até 1937.

Sobre essas publicações falaremos no o capítulo MÍDIA IMPRESSA – Revistas.

Ao longo dessa história bonita do jornal Gazeta do Alto Piranhas, outros nomes merecem destaque pelo bonito trabalho jornalístico desenvolvido nesse periódico. Além do professor José Antônio de Albuquerque (presidente), de Maria Antonieta Cavalcante Albuquerque (diretora administrativa) e do jornalista Fernando Caldeira (editor responsável), podemos citar colaboradores, como Reudesman Lopes, José Ronildo, George Sandro, Mariana Moreira, Francisco Sales Cartaxo, Francelino Soares de Souza, Saulo Pércles Brocos, Pires Ferreira (Pepé), Alexandre Costa, redatores, colunistas e responsáveis pelos diversos cadernos, além de Isabelle Albuquerque Assis (projeto gráfico e editoria, arte e informática) e José Cavalcante Júnior (fotógrafo). A redação, administração e departamento comercial do Jornal Gazeta do Alto Piranhas funcionam na Rua Cel. Justino Bezerra, 41 – 2º andar – centro- telefax (83) 3531-15335 – e-mail [altopiranhas@uol.com.br](mailto:altopiranhas@uol.com.br). Parque Gráfico – Rua Samuel Duarte – 1100 – Bairro da Esperança – Cajazeiras-PB.

José Antônio Albuquerque (diretor do Gazeta), Francisco Sales Cartaxo (presidente



Reudesman Lopes é responsável editoria de esportes do Gazeta do Alto Piranhas



Maria Antonieta Cavalcante –Diretora Adaministrativa

da ACAL), Reudesman Lopes, Mariana Moreira e Josival Pereira integram a Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL.

“Nem os avanços da tecnologia com a chegada da Internet e suas ferramentas, conseguiram parar esse periódico, motivo de muito orgulho não apenas para nós da equipe GAZETA, mas para seus assinantes, na cidade, região sertaneja do Estado e espalhados em outros centros” – diz Maria Antonieta, sua diretora.

Além dos residentes em Cajazeiras e em cidades como João Pessoa, Recife, São Paulo, Fortaleza, Rio de Janeiro e Brasília, muitos são os cajazeirenses e sertanejos que recebem o jornal em suas residências pelos Correios e acompanham os fatos da cidade e região.

Data marcante na história do periódico cajazeirense foi o dia 02.02.2018.

Nessa data, o semanário editou o seu milésimo número, mostrando a capacidade de uma equipe que, desde 1999, vem registrando o dia a dia do município, da região e do Estado.

“

**Hoje, o Gazeta do Alto Piranhas é um jornal sólido e fonte de pesquisa das mais respeitáveis” – diz o seu fundador e presidente do Sistema Alto Piranhas, professor e historiador José Antônio de Albuquerque.**



## JORNAL “O Zangão” - Cajazeiras

Não diferentemente do que acontece na quase totalidade das comunas regionais, a cidade de Cajazeiras também sempre teve a sua Festa da Padroeira. Já se vai longe, porém, o tempo em que essas festas traduziam um evento enormemente cativante para os que dela participavam. E uma boa Festa da Padroeira, ao lado dos pavilhões, que chamávamos de “barracas” azul e encarnado, sempre havia o jornal da festa, que era disputado pelos que, avidamente, buscavam se divertir com as sadias, às vezes sarcásticas fofocas... Com Cajazeiras, não era diferente: nas décadas de 40 a 70 – ao que sei – circulava o jornalzinho “O Zangão”, evidentemente com circulação temporária, mas ininterrupta nos três dias em que, anualmente, se organizavam as quermesses. Há notícias de que, ao longo do tempo, foram os seus editores, em épocas distintas, o Pe. Vicente de Freitas, o Mons. Abdon Pereira e o Cônego Américo Sérgio Maia, que contavam com engraçados fatos do cotidiano citadino que lhes eram narrados por “suas fontes especiais”.

O fato é que jovens e/ou adultos, ávidos pela leitura do jornalzinho, se divertiam com as gozações, fofocas e piadas, algumas vezes picantes, inseridas em suas poucas páginas. “Mas, o curioso é que muitos, ao folhearem O Zangão, antes de lê-lo por completo, buscavam-se como personagens de alguma de suas tiradas humorísticas – diz o professor



Francelino Soares, destacando que a impressão, por aquelas épocas, sempre era confiada ao livreiro/editor **Horácio Alves Cavalcante**. “Em meados da década de 60 (1966/1967), ainda tentamos – eu e Ju Coelho – ressuscitar o jornalzinho, de forma meio precária, imprimindo-o ao antigo processo de estêncil/mimeógrafo. Até que ele ainda continuava sendo disputado pelos leitores/festeiros, porém – ao que me consta – não houve quem preservasse a sua vivência. Bons e saudosos tempos!...”

## O jornalismo impresso em Patos

A história do jornal impresso começou cedo na cidade Patos. O início ocorreu com a Voz do Sertão, nos anos 1914-1915. Ainda na mesma década, surgiria O Jornal do Sertão, com circulação nos anos 1916-1917.

O SERTÃO, por sua vez, seria outro periódico a destacar-se no jornalismo impresso, nos 70, na hoje conhecida capital do Sertão da Paraíba. Foi editado precisamente em 1974. Seu diretor presidente foi o então jovem Gilvan Freire, hoje, um conceituado advogado paraibano, que, após exercer o cargo de vereador, foi deputado estadual, deputado federal em nosso Estado.

O primeiro editor do Jornal O Sertão foi o radialista e jornalista Marcos José Lemos. Sua circulação foi quinzenal, durante um curto período, de junho a agosto de 1974.



GILVAN FREIRE, filho de Maria Guilhermina e Siro Medeiros, foi aos seis anos para a cidade de Patos, onde estudou na Escola Profissional Miguel Sátyro, Colégio Comercial Roberto Simonsen e no Ginásio Diocesano. Nesse período, já despontou como uma grande liderança estudantil.

Gilvan foi um dos fundadores da Casa do Estudante, do Havaí Cultural Clube, Teatro Amador, Jornal do Sertão, Centro de Estudos do Menor e Integração da Comunidade – CENIC. Em 1968, já era membro ativo da Comissão de Desenvolvimento, eleito por seiscentos votantes. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilvan\\_Freire](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilvan_Freire) - cite\_note-livro-2 Ainda em 1968, no dia 15 de novembro daquele ano, disputou vaga para vereador em Patos, pela ARENA, conseguindo 598 sufrágios, mantendo-se na primeira suplência e exercendo o mandato em decorrência da renúncia de José Ribamar Brito.

Gilvan Freire foi ainda, um atuante nome na política da Paraíba. Vereador em Patos, onde se destacou ainda no apoio aos movimentos culturais da cidade e participação neles. Brilhou intensamente como deputado estadual e como um combativo deputado federal, representando o povo paraibano. Tem sua vida marcada no jornalismo paraibano. Hoje, destaca-se na comunicação como um dos mais acreditados



comentaristas e analista político. Gilvan Freire estreou na mídia paraibana em 2009, na bancada do programa Conexão Master (TV Master), apresentado na época pelo jornalista Luiz Torres, ao lado do cientista político Lúcio Flávio e do jornalista Tião Lucena. Participou do programa no final de 2012. É reconhecido pela perfeição linguística, falando ou escrevendo. É palestrante nas áreas de Direito e Liberdade de Expressão. Ao lado do jornalista Marcelo José, Gilvan freire participa do programa INTROMETIDOS pela Internet, o qual pode ser assistido através do [intrometido.com.br](http://intrometido.com.br).

Ainda circularam em Patos os seguintes jornais: O INFORMATIVO, Enfoque Saúde, Folha Patoense, A Voz do Povo, Jornal das Espinharas, Jornal O Sertão, O Jornal e Jornal Oficial do Município.



Miguel Sátyro (Major Miguel), pai do governador Ernani Sátyro, foi um dos pioneiros da imprensa no sertão paraibano. Ele foi um dos primeiros a editar um jornal na região sertaneja, entre eles, “Jornal O Sertão” que circulou entre 1916 a 1918 e, em segunda fase, de 1924 a 1926.

## **Sousa - “A Cidade Sorriso e o jornalismo impresso”**

Como cidade vibrante e voltada para as letras e cultura, “A Cidade Sorriso”, assim conhecida, ganhou o seu primeiro jornal em 1911, o “Imprensa do Sertão”, que teve como dirigente o senhor Genésio Gambarra. O “GAZETA DE SOUSA” foi outro impresso que circulou na cidade, em 1920, tendo à frente, como diretor e editor, Carlos Meira, de tradicional família local.

No ano de 1930, um dos nomes mais conhecidos da história de Sousa, professor Virgílio Pinto de Aragão (Prof. Senhorzinho) e Otávio Mariz fundaram o “Jornal de Sousa”. Foram jornais de vida curta, mas que cumpriram o seu papel na arte de informar.

Somente em 1951, surgiria mais um jornal, com o título de “LETRAS DO SERTÃO” e, na mesma década, outros impressos, entre os quais o “LUTA”, cuja finalidade era mais de natureza política do que voltado para os temas sociais. Ainda, na década de 50, mais exatamente em 1957, como porta-voz do PSD local, circulou na cidade e região o “SPUTINIK”.

O jornal “GAZETA DE SOUSA” foi outro periódico conhecido pela sociedade sousense que chamou muito as atenções da cidade, pois era um porta-voz do Governo do município. O “TASAT”, orientado pelos componentes do Teatro de Amadores de Sousa, também circulou na cidade, com o objetivo de difundir a arte teatral.

A revista “Fatos” foi outro impresso que marcou época em Sousa. Seu lançamento/primeiro número, ocorreu no dia 25 de dezembro de 1975, editada pela Gráfica E. Rocha Pinto, com a venda do capital de \*Evilásio Marques Pinto (Seu Vila), de sua participação na sociedade Marques & Filhos.

Não se pode deixar de registrar a importância histórica do professor Virgílio Pinto de Aragão (Prof. Senhorzinho) e do filho Evilásio Marques Pinto (Seu Vila) no jornalismo impresso em Sousa.

O professor Senhorzinho, pela fundação de um dos primeiros jornais da cidade (1930), e, o filho, não somente pelo lançamento da primeira revista de Sousa, mas por ter sido um dos responsáveis pelo surgimento do Serviço de Alto-Falante Voz da Mocidade, em 1954, demonstrando sua preocupação com a informação para a comunidade.

Foi uma mídia que contou com os severos e cáusticos comentadores e críticos, como “Marcelo”, “Zé da Boa Vista” e o famosíssimo, na época, “Léo-Dênis”, este, que provocou censura e intervenção policial na programação da “Voz da Mocidade”, que serviria de incentivo para o aparecimento de outros veículos impressos.

Sobre a importância de Evilásio Pinto na vida cultural de Sousa e sua importância para o jornalismo local, transcrevo, a seguir, um trecho do texto - (Sousa, 28 de junho de 2007) - do historiador, acadêmico, escritor, historiador e memorialista Eilzo Nogueira Matos, cujas colocações são merecedoras da atenção dos leitores deste trabalho.

### **Texto de Eilzo Matos**

Tenho em mãos os originais, em dois volumes, de um trabalho elaborado por Evilásio Marques Pinto, que trata do resgate literário de aspecto interessante da memória sociocultural da nossa cidade de Sousa: o jornalismo de uma época.

Meticuloso e cuidadoso, como fazia o seu falecido pai, o emérito Professor Virgílio Pinto de Aragão, em relação à vida de sua cidade, narrada e descrita em textos e documentos, Evilásio assume a herança intelectual, elabora o seu livro. O título da obra “A crônica que não foi lida” alude a fatos destacados pela sua reconhecida importância, quando aconteceram, reais, dominando, certamente, o painel das ideias da nossa urbe, da nossa gente e, supostamente, guardados.

Não se tendo tornado os fatos convencionalmente públicos, isto é, através do seu Serviço de Alto-Falante Voz da Mocidade – modo e meio competente na época –, sabiam os interessados que tais lembranças desapareceriam com a memória pessoal de cada um. Para sorte de todos, Evilásio quer salvá-los, levá-los mais longe no tempo, reduzindo-os à forma escrita e impressa. Pois aqui está o livro, revelando as “crônicas não lidas”, este veraz e delicioso saltério sousense.

Farta é a documentação reunida em textos autênticos colhidos pelo serviço de alto-falantes, que tratam do cotidiano de uma comunidade como outras: da administração pública, das atividades empresariais urbanas e rurais, da educação, da cultura, da saúde, do urbanismo, do esporte, do lazer, da política, enfim. Oportuno o esforço, melhor o resultado. Inclusive a reprodução de jornais do passado, e a Portaria 65 do Serviço de Censura e Diversões Públicas, autorizando o funcionamento da “Voz da Mocidade”, com estatuto publicado no Diário Oficial, devidamente apresentado no Cartório do Registro de Títulos, tudo com data e chancela. Como não? Posso afirmá-lo como sousense, contemporâneo das vivas ocorrências, e está no livro, para conhecimento geral.

O autor goza entre os seus conterrâneos o prestígio de iniciativas e realizações no ambiente da cultura, criando um cadastro de dados acessível à população, podemos dizer. A sua vocação para o jornalismo nos presenteou com o “Serviço de Alto-Falante Voz da Mocidade”, de que tratamos, e a revista literária “Fatos” que, durante largo espaço de tempo, existiram e serviram de meio e apoio na divulgação de notícias e debates, desempenharam relevante trabalho no campo da Comunicação Social no nosso meio.

**EILZO NOGUEIRA MATOS**, escritor, advogado, político e acadêmico, nasceu no sítio Gato Preto, localizado nos arredores do Município de Sousa, Paraíba, em 23 de junho de 1934. Como político, Eilzo foi eleito para Deputado Estadual, em duas Legislaturas, em 1971 e em 1979; Secretário de Segurança Pública, em 1976 e Secretário do Interior e Justiça do Estado da Paraíba, em 1978. Ocupa a Cadeira no. 3 da APL - Academia Paraibana de Letras, cujo Patrono é Albino Gonçalves Meira, que teve como ocupante anterior, o jornalista Luiz Augusto Crispim.

### Sobre Seu Vila



**EVILÁSIO MARQUES PINTO**, filho de Virgílio Pinto de Aragão (Prof. Senhorzinho) e Olindina Marques Pinto, nasceu no dia 31 de janeiro de 1927, na fazenda Goiabeira, hoje pertencente ao município de Santa Cruz-PB. Em 2021, quando concluíamos esse trabalho, Seu Vila (ainda vivo) estava com 94 anos.

## O jornalismo impresso em outras cidades

### Mamanguape

O século XXIX marcou o surgimento de diversos jornais em muitas cidades paraibanas. “A COMARCA” foi um periódico que circulou pela primeira vez no dia 07 de setembro de 1890, na cidade de Mamanguape, com redação localizada na Rua Marechal Deodoro, nº. 33.

A cidade também conheceu “A INFÂNCIA”, com seu primeiro número circulando no dia 29 de julho de 1894, que teve como diretor responsável o senhor Álvaro Bezerra, além de um proprietário cujo nome não foi possível identificar. (A imagem do exemplar (fac-símile) que conseguimos não nos permitiu uma boa visualização). A mesma traz um carimbo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. O jornal, por algumas informações que conseguimos apurar, se apresentava como um veículo de comunicação de informações gerais, incluindo crônicas e poesias.

Aconteceu no ano de 1900 o início das atividades do jornal O ARAUTO, naquela comarca. As informações que conseguimos em nossas pesquisas apontam para a circulação desse periódico até o ano de 1902, em seu ano III, com a impressão de 96 números que eram colocados à disposição de seus leitores de toda região.



## Areia

A cidade de Areia conheceu seu primeiro jornal em 1877, o “Areiense”, dirigido por Júlio Silva, filho do latinista ilustre, \*Joaquim José Henrique Silva, que foi um colaborador do jornal. Órgão oficial da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o periódico teve ainda como um dos fundadores o Cônego Rui Barreira Vieira e seu diretor-redator, Manoel Garmeia da Costa.



Outros jornais surgiram. O Século circulou em Areia. Chegou às mãos dos leitores em 1883. Tinha como diretor Dr. Alfredo Moreira Gomes, que era Juiz de Direito da cidade. Com circulações esporádicas, o Século também foi editado, no século XX, entre os anos de 1946 e 1949, e, ainda, entre 19 de novembro de 1979 e 20 de março de 1984. O jornal Educação, dirigido por Xavier Júnior, circulou pela primeira vez no ano de 1886. Dois anos após, em 31.03.1888, a terra de Pedro Américo viu nascer o jornal “Verdade”, fundado por Manuel da Silva, um órgão abolicionista e noticioso. O “Democrata”, em 1892, dirigido por Firmino Costa, e, depois, O Mosquito (1894), que era impresso na mesma gráfica que a do jornal Democrata.

O século XX também marcou a vida dos areenses, com o surgimento das seguintes mídias impressas: Natal, em 1910; Correio da Serra, durante dois anos (1909-1910); o Centro (1911-1913); “Evolução” entre os anos 1916-1917; O COMETA (1954) e “Brejo de Areia” (2011).

### O COMETA - 04.12.1954 – ANO I - número 2



**Joaquim José Enrique Silva** foi um dos homens mais cultos da Paraíba. Nasceu na cidade de Areia, em 1820, e faleceu na Cidade da Parahyba, em 1889. Professor e autor de uma gramática da Língua Latina, ele foi formador de grandes nomes da cultura do Estado. Casado por duas vezes, teve uma prole de 26 filhos. Um deles, um jornalista muito conhecido, Tito Enrique da Silva, trabalhou na Gazeta do Sertão, quando de sua fundação, em 1888. Em seguida, com a chegada de Álvaro Machado para governar a Parahyba do Norte, integrou a primeira equipe de A União, como seu primeiro diretor, quando de sua fundação, em 02.02.1893. Também foram seus irmãos o professor Abel Silva e Horácio da Silva (Fonte: Brejo de Areia, livro escrito por Horácio de Almeida).

**AGRADECIMENTOS do autor:** ao amigo Moacir da Costa Machado, pelas informações que enriqueceram a nossa pesquisa. Durante muitos anos, ele foi colaborador de vários jornais paraibanos.





## Guarabira e os bons momentos do jornalismo impresso

Vários jornais impressos marcaram os primeiros anos da história da comunicação impressa da querida Capital do Brejo. Tendo como responsável o jornalista, escritor, poeta e teatrólogo \*Alfeu Rabelo, Guarabira ganhou o seu primeiro jornal impresso, A ESTRELA. Isto aconteceu no ano de 1910. Circulou apenas um número, com a impressão de somente trinta exemplares, segundo o historiador e professor Vicente Barbosa, que ressalta a colaboração do Dr. Durval de Almeida para que o jornalista Alfeu pudesse realizar o seu sonho. “O mesmo Dr. Durval fundaria o jornal O ASTRO, em 1911, que também teria vida curta” – acentua.

Entre 1910/1911, o jornalista \*Alfeu Rabelo insistiu na atuação jornalística, criando o periódico A Época. Para marcar mais uma vez sua presença na história do jornalismo paraibano, ele contou com a colaboração de intelectuais da cidade, entre os quais o professor Augusto Virgílio, Dr. Durval de Almeida e Meno de Sá e Benevides.

No ano seguinte (1912), Guarabira ganharia o “Correio do Interior, tendo à frente o Dr. Antônio Galdino que, em 1930, seria eleito deputado estadual. Depois, em 1916, surgiu o jornal “Correio de Guarabira” e, “A Luz”, com o Pe. João Gomes Maranhão, como responsável, inicialmente em 1918 e, depois, com circulação entre 1920 e 1922.

O ano de 1921 marcou o surgimento do Jornal de Notícias, impresso na tipografia do Sr. José Barbosa da Silva, com o professor Cleodon Coelho como redator titular. O Dr. Antônio Galdino Guedes voltaria a marcar presença na vida jornalística de Guarabira entre 1925 e 1928, desta feita contando com o apoio da prefeitura municipal. Durante esse período, ele foi responsável, como editor, pelo jornal O Município.



A década de 40, durante as noites de Festa da Luz, dois jornais brigavam (no bom sentido), pela preferência dos leitores guarabirenses e da região. O Jornal da Luz era um deles. Tinha como diretor Alfeu Rabelo e, entre outros colaboradores, contava com expressivos nomes da sociedade local, entre os quais, Dustan Miranda, Abdias Almeida, João Pimentel, Santiago Filho e Waldemir Miranda.

Outro jornal chamou a atenção dos leitores da Festa da Luz. O seu título: JORNAL DAS MOÇAS,

---

\*Alfeu Rabelo, formado em Engenharia, foi poeta, jornalista, professor e dramaturgo. Em 1926, já sonhava criar uma Academia de Letras em Guarabira-PB.

comandado por Silvino Santos, com a destacada colaboração dos amigos Ademar e Milton Bandeira, Cleodon Coelho, Clodoaldo Maia, Afrísio Barros e João Leite.

O professor e historiador Vicente Barbosa destaca, num dos seus trabalhos, que o primeiro jornal da Festa da Luz circulou em 1914.

O seu nome, acreditem, “O NÓ” que, pelo título, deixa claro que o humorismo aflorava em suas páginas, com picantes editoriais e colunas, mas, ainda, com sonetos, glosas e quadras.



Não faltaram outros nomes interessantes: O Riso (1937), criação do Sr. José Sales; O Curioso (1938), de Calcides Toscano e João Travassos; O Taradinho, entre 1960/70, de João Alverga e Dedé Lira; O Espeto; O Falador; O Chicote; O Mucuím; O Vendaval; O Linguarudo; O Fuxico e O Bocão.

Raminho Talibã, personagem muito conhecido no dia a dia de Guarabira, também faz parte dessa história: foi o responsável pelo surgimento e lançamento anual do jornal O Sarcástico.

Na rica história do jornalismo impresso guarabirense, destaque para o lançamento, em 1981, do Jornal do Brejo. Este foi o primeiro jornal impresso em offset em Guarabira, porém teve editados apenas dois números. A ideia partiu de nomes muito conhecidos na cidade, o professor José Barbosa e o jornalista/radialista Humberto Araújo. O primeiro exemplar circulou no mesmo dia em que a cidade participou da posse do seu primeiro Bispo Diocesano, Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

O ano de 1987, por sua vez, marcou a publicação de um pequeno jornal, O Centenário, cujo lançamento coincidiu com os festejos alusivos ao centenário de Guarabira. Para o professor Vicente Barbosa, o título não poderia ter sido melhor. A iniciativa de sua criação partiu da conhecida escritora e poetisa Marisa Alverga, com a ilustração da capa do artista plástico Elias dos Santos.

Antes, em 1985, merece destaque o surgimento de um dos bons jornais editados em Guarabira, O PIEMONTE, em tamanho tabloide, impresso nas oficinas da UNIGRAF, em João Pessoa. Seus editores eram o jovem Giovanni Meireles e a poetisa Marisa Alverga. A revista AFINAL, sob a responsabilidade do jornalista Nonato Nunes, foi outro meio impresso de destaque na vida jornalística da cidade. (Sobre a revista, falaremos no capítulo dedicado às revistas editada na Paraíba).



Folha do Brejo - O ano de 2005 marcou os meios jornalísticos guarabirenses e da região brejeira com a chegada do jornal Folha do Brejo, que teve como responsável o jornalista e radialista Célio Alves. O impresso circularia até 2009, com uma boa aceitação dos leitores da região, especialmente de Guarabira.



**Célio Alves**, que ainda hoje é um nome de destaque na comunicação paraibana, além de sua participação no jornalismo impresso, passou pela radiofonia na cidade de Guarabira, nas Rádios Constelação FM, Rural e Cultura, além da Rádio Tabajara, quando atuou na assessoria do Governo Ricardo Coutinho



O Professor, historiador e jornalista Vicente Brabosa da Silva nasceu em Guarabira, em 15.09.1954. Após cursar as primeiras letras, ginásio e científico, foi de uma dedicação enorme aos estudos, em busca do saber. Cursou Farmácia na Universidade Federal da Paraíba, em 1976, além de Licenciatura em História e Bacharelado em Direito, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Foi fundador do Grêmio Cultural de Guarabira (1975). Ao lado do professor Josemar Emídio Leite, reativou a vida teatral guarabirenses, com o retorno do Grupo Teatral Matulão. Lecionou em vários educandários da cidade, atuou como radialista ao lado de nomes de destaque da radiofonia local e colaborou como redator, editor e colunista em vários jornais da cidade e do Estado, entre os quais o jornal A UNIÃO. Na política, foi membro fundador da criação do Partido dos Trabalhadores e PMDB Jovem de Guarabira.

Vicente Barbosa, uma presença marcante na vida cultural de Guarabira, ao lado do amigo, jornalista, escritor e historiador Nonato Nunes, foi um dos fundadores do Clube da Cultura de Guarabira e um dos principais responsável pela implantação do Memorial do Cordel, do qual foi diretor. \*Dos seus trabalhos publicados, destaques para as seguintes obras: MEMORIAS DO FUTEBOL GUARABIRENSE (1998); PLAQUETE Nº 21- Paraibanos do Século – OSMAR DE AQUINO – Editora A União; CASA OSÓRIO DE AQUINO – História de Um parlamento (2006) – Editora Sal da Terra e ILUSTRES GUARABIRENSES – Perfis Biográficos (2017) – Editora A União.



O jovem Giovanni, nos anos 80 ao lado de Roberto Paulino



**Giovanni Meireles**, na imagem ao lado, entrevistando o importante nome da política de Guarabira, Roberto Paulino, hoje um político de destaque em âmbito estadual. Nos anos 80, começava a carreira brilhante de Giovanni, que depois passaria pelo rádio, televisão e jornal na Capital do Estado.

A poetisa **Marisa Alverga** foi uma das primeiras radialistas de Guarabira. Contribuiu positivamente com o jornalismo local. Sempre se destacou pelo seu amor à cultura, sendo responsável por bons momentos, não apenas do jornalismo, mas, ainda, pelo movimento teatral da cidade. Marisa faleceu no dia 18.09.2021, aos 83 anos.

A equipe d'O PIEMONTE contava, ainda, com os trabalhos de revisão de Homero Bezerra e, como fotógrafo, tinha Melquíades Nascimento. O colunista político era o então vice-prefeito, Antônio do Amaral (2021 – juiz da 10ª Vara Cível da Família da Comarca da Capital), enquanto Narriman Xavier, hoje advogada, atuava como colunista social.

\*Narriman Xavier, uma das mais destacadas, destemidas e atuantes radialistas que passaram pelo rádio guarabirense. Comandou programas de grande audiência. Na Capital do Brejo, brilhou como jornalista, no rádio e jornal, mas também enveredou pelos caminhos da política. Foi atuante vereadora na cidade e, por pouco, não chegou a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa, perdendo a vaga após uma recontagem votos, até hoje tida como muito estranha. Durante sua presença na Câmara Municipal de Guarabira, contou com a companhia de um outro grande radialista da cidade, Cassiano José.

---

\*MARISA teve uma vida voltada para a produção literária, teatro, comunicação, educação e esporte, pois, durante muito tempo, gerenciou o SESC, entidade pela qual desenvolveu importantes projetos voltados para a classe comercial e sociedade guarabirense. Em 2014, Marisa lançou seu livro "Encontro e Desencontros", em Manhattan, Estados Unidos da América, atendendo ao guarabirense Gerlúcio, que vive naquele país e promove eventos voltados para os brasileiros ali residente.



Nesta imagem, a capa da Edição nº. 2, Ano 1 do mês de julho de 1985, que nos foi cedida pelo jornalista Giovanni Meireles

# O PIEMONTE

ANO 1 - Nº 02

EDIÇÃO Nº 02

JULHO-85

R\$ 1,000

## Pedro Adelson na AMPIB

Entre presentes, de qualidade de cores, está a edição nº. 2, Ano 1 do mês de julho de 1985, que nos foi cedida pelo jornalista Giovanni Meireles



AMPIB reunião em sessão

### ENTREVISTA

Passado um retrospecto de tudo a sua vida política, um trabalho que culminou em sua atuação no cargo de Prefeito de Gramma, Dr. Augusto de Almeida comenta sua atuação e o papel do socialismo em sua realidade de vida. Um diálogo com João Paulo, fundador do Partido Socialista, sua atuação como Presidente do Conselho Municipal, sua atuação como Prefeito, suas duas eleições para o Executivo. Augusto de Almeida, ainda enquanto um dos alunos, conversando a público garantindo a liberdade crítica e uma República.

(Página 6 e 7)

### REURBANIZAÇÃO

Por iniciativa do Partido de esquerda, representado pelo Dr. Augusto de Almeida e Antonio Dias Pedro, o Dr. Augusto de Almeida, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

(Página 10)

### EDITORIAL

No caso português de quem a situação política brasileira, infelizmente, não permite a liberdade de imprensa, a situação é a mesma. O Dr. Augusto de Almeida, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

Ofício de João Paulo, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

João Paulo, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

em 11/11/85

### ESPORTES

O SESC de Gramma tem promovido uma série de eventos, a fim de promover o esporte e a cultura. Um dos eventos mais recentes foi a realização de uma competição de futebol de salão, sob a presidência do Dr. Augusto de Almeida, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

(Página 11)

### DENÚNCIA

A denúncia de João Paulo, fundador do socialismo, para passear junto ao Rio de São João, a mara que preside a Associação São João, em João Paulo, além de membros de sua comissão, quando de visita e por ocasião da Associação dos Pedreiros do Centro de João Paulo, sob a presidência de João Paulo.

(Página 12)



# JORNAL DO BREJO

**Crasa**  
Diário Faltado da Cidade

Publicado em: FORTALEÇA DO SOBERBO, FORTALEZA DE SÃO JERÔNIMO, 28 de Setembro de 1997, Nº 31 - Guarabira - Paraíba - R\$ 1,00

## ELIÇÕES '98

**PMDB homologa nome de Maranhão em pré-convenção**

A PMDB homologa a pré-convenção e reconhece ao nome do governador José Maranhão como candidato à reeleição. Segundo Paulo Lima e José Carlos Soares, o PMDB não vai apoiar o nome de quem não for José Maranhão.

**Página 4**



**José Maranhão**  
Candidato à reeleição do PMDB

### Anciã era mantida em cárcere privado por casal em Guarabira



**Uma mulher de 74 anos, portadora de doença grave, permaneceu em cárcere privado por um casal de Guarabira. Segundo a Coordenadora Municipal de Defesa Social, a mulher sofreu um acidente e ficou com fraturas e paralisadas. Foi mantida em cárcere privado por um casal de Guarabira, que tentou sequestrar a mulher para cobrar um resgate de R\$ 50 mil.**

**Vá mais na página 10**

### TRB fará reconstrução em municípios do Brejo

O Tribunal Regional Eleitoral (TRF) fará reconstrução do prédio em 1998 e 1999, em 20 municípios do Brejo: São José de Bonfima, São José do Bonfim, São José do Bonfim, São José do Bonfim, São José do Bonfim, São José do Bonfim, São José do Bonfim, São José do Bonfim.

**Destaque na página 25**

**CIURIO** Opção da pre-estatização de São José do Bonfim é o caso. **Página 23**

**INCÊNDIO** Na Viana vai à Brasília em busca de mais recursos. **Página 27**

**NO TINTO** Festa da "Ecologia" é realizada em Barra de Mamanguape. **Página 25**

**CAPIÃO** CPJ descobre um "tantauma" da Caeterylora Tala Lala. **Página 2**

**ITABAIANA** Câmara autarca e prefeito alinham ações de Saúde e Tráns. **Página 27**

**SAIA** Prefeito assina projeto de um novo estado para o ribeirão. **Página 24**

**ALAGO & SOLANGE** Paço e curule recebem renovação e beleza atualizada. **Página 21**

**ARRIA** Festival da Cachoeira deverá atrair milhares de pessoas. **Página 29**

### Clube paralisado da Ciência em Guarabira

A Fundação de Cultura de Guarabira (FUC) e o Clube de Cultura de Guarabira (CCG) estão em situação de paralisação. Segundo Vitor Otonari, o clube não tem recursos para manter suas atividades.

**Página 14**



**Cardiologia Pedro Alves**

### Insuficiência cardíaca tem grande incidência no Brejo

O médico cardiologista Pedro Alves Alves, de Guarabira, afirma que a insuficiência cardíaca tem uma grande incidência no Brejo. Segundo ele, a doença é causada por problemas de pressão arterial, diabetes, colesterol elevado e hábitos de vida sedentários.

**Página 16**

### CONCURSO

Estão abertas as inscrições para o Concurso Público de Provas e Exercícios para o cargo de Técnico Administrativo do Município de Guarabira.

**Página 28**

**Grave da UEPS - prolença e pode inviabilizar o semestre -** **Página 25**

Mas, seria graças ao experiente jornalista Francisco Gomes Roberto que O Jornal do Brejo, que surgiu nos anos 80 (mais precisamente 1981), voltaria a circular. Isto aconteceu em 1995. Durante treze anos (até 2008), foi um meio periódico atuante, que divulgou com responsabilidade Guarabira e região.

Após muitos anos nos jornais de João Pessoa, Correio da Paraíba e O Norte, o jornalista **Francisco Gomes Roberto** dedicou, ainda, e com muito profissionalismo, sua larga experiência ao jornalismo guarabirense.

Durante os treze anos no jornal impresso, Roberto foi responsável pela divulgação de notícias não apenas de Guarabira, mas dos diversos municípios por ela polarizados. O rádio da “Capital do Brejo” também o conheceu por sua atuação competente nas ondas do rádio.

Com o avanço da tecnologia, após retornar a João Pessoa, Francisco Roberto transformou-se num multimídia. É âncora de programas e proprietário do ‘Blog do Roberto Notícias’, além apresentar no Youtube, “A Hora da Verdade”. Francisco Roberto passou pela Miramar FM e Cruz das Armas FM, na Capital.



Francisco Gomes Roberto

## **Santa Rita - poucos jornais**

SANTA RITA, mesmo sendo o terceiro mais populoso município do Estado, a cidade não contou, ao longo de sua história, com grande número de veículos impressos, como deveria, por sua reconhecida importância econômica.

Isto se deve à proximidade com João Pessoa que, como Capital, exerceu forte influência sobre os municípios da chamada área metropolitana. Mesmo assim, nos primeiros anos do século XX, a chamada “Cidade dos Canaviais” conheceu o jornal “O Rabate”, que circulou apenas no ano de 1915.

Mas, Santa Rita marcou e vem marcando sua presença na comunicação paraibana, no jornal impresso, na televisão e no rádio, através de grandes nomes da comunicação. Severino Ramos (Biu Ramos), um dos mais consagrados nomes do jornalismo paraibano, que faleceu em 2018, nasceu no município de Santa Rita, tendo começado como repórter aos dezessete anos.

## Solânea

A cidade de Solânea também está inserida na história do jornalismo impresso paraibano. Não temos muitas informações sobre o periodismo na importante cidade do Brejo. As nossas pesquisas apontam para a existência do jornal Correio Moreno, que circulou na então localidade de Moreno, nos anos de 1927/1929. A fundação de Moreno é datada entre os anos 1750 a 1800, com a chagada na região da família Soares Cardoso Moreno, que fixou morada na área.

Emancipada em 1953, Moreno passou a chamar-se Solânea, atualmente, uma bonita e progressista cidade paraibana, com aproximadamente 30 mil habitantes. O Correio de Moreno circularia, posteriormente, em 1984/85/86 e 1987 (UFPB - CCHSA - informações dos acervos pessoais de Ednaldo Cordeiro Pinto Júnior e Wolfhagon Costa de Araújo).

**SOLÂNEA RECEBE DESTAQUE DO MEC**  
O Estado de São Paulo...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...

**Correio de Moreno**  
TRANSPORTE GRATUITO PARA ESTUDANTES  
O Estado de São Paulo...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...

**VACINAÇÃO EXITO TOTAL**  
O Estado de São Paulo...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...

**NOTA**  
GRUPO MORGANSTERN DE ECONOMIA APLICADA  
O Estado de São Paulo...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...

**TENDÊNCIA**  
O Estado de São Paulo...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...  
...destaque do MEC...

## Itabaiana – A cidade Rainha do chamado Vale do Paraíba

Itabaiana foi uma das mais prósperas cidades paraibananas até a década de 1950. O seu primeiro jornal circulou na primeira década do século 20. **“O Município”** foi o seu primeiro periódico, que chegou às mãos dos seus habitantes, em 1908. A circulação ocorreu com uma certa alternância entre os anos 1908, 1911 e 1913. Mas, não parou aí!

Outros jornais marcaram a vida jornalística da comunidade, até a segunda década do século passado. **“O Anthelio”** foi um deles, em 1912. Mas, no mesmo ano, também surgiu o **“Correio da Semana”**, que circulou até 1913. **“Gazeta da Manhã”** apareceu nas bancas no ano de 1914, mas, também, não teve vida longa. Circulou apenas no primeiro ano.

Um impresso que surgiu em Itabaiana foi **“O Jornal”**. Circulou de 1915 até 1917. Ele teve como diretor e redator-chefe o Dr. Henrique de Figueiredo, sendo um órgão político-oficial do município. (Imagens cedidas pelo pesquisador, historiador, colecionador **Sonaldo Vital**.)





No ano de 1955, a cidade ganhou um jornal cheio de humor, “**O Gafanhoto**”, que ficou sendo editado no mês de dezembro, todos os anos. A sua última impressão aconteceu no dia 7 de dezembro de 1960.

O bom humor do jornalzinho itabaianense podia ser notado até mesmo no expediente: **Tesoureiro - Dr. Pindaíba; Redator - Pompeu Fuxico**. Preço: CR\$ 5,00 (Uma pechincha).

Até o corpo diretivo tinha uma constituição *sui generis*. Era formado por **Diretor: Mexerico Saladino; Secretário: Pataleão P. Saco e Redação: Rua das Casas, nº. 0 (zero)**. O patrocínio era do “Gafanhoto” e de várias empresas, como Lojas Paulista, Moinho Cristo Redentor de João Vieira da Rocha & Filho), na Praça Epitácio Pessoa, 23 e Abílio Dantas – Comércio e Indústria S.A - (compradores e exportadores de algodão e agave), entre outras.



Em 1918, "O DIA" foi outro jornal circular na cidade. Órgão independente, era noticioso, mas também humorístico e literário da então progressista ITABAYANNA (isso mesmo), com Y e NN. Era a grafia da época.

Folha de publicação semanal e periódica a uma circulação superior.

O DIA

Toda a semana acompanhando com seu artigo a Garcia Ferraz.

**Órgão Independente, Literário, Humorístico e Noticioso**

---

ANNO—NUM. 14

ITABAYANNA, 6 de Janeiro de 1918

Paralyza de Noite

---

## 1918

Estamos em pleno 1918: e malá que a nossa feição das primeiras nos esteja aguardando.

Ja o povoamento temo abrigamento: e a sua alegria trazem a ideia de uma quadra realmente feliz para a nossa cidade que em velho costume, evolver-se actualidade um molles ferrugem de suas metrificas similitudes. O crime da braca, passando momentaneamente pela curiosa accorrida, ferros éres no amaisor. Aa herbariedade progressiva, rajas elibitas malitiosas, serom temo a nossa integridade.

Comos e zomias veidodolomente por nossas, mictoras matriculas, que nos fiores e bono mictas na de comissos, fante, na salvagda de nossa Patria adorsada, por amos talos e herissos.

A nova era está de grande suprema para o Brasil e as nações vizinhas, porque ellas tentam compensar-se com a mesma idea contra a seleparia e ambigão incoaditas de Guillermo II, que, cruel e espihissimamente, procura diminuir a mictas mictas, e como vidimas peticionis vai confidido mictas e mictas de honras, sem sentir na sua hedonida coação a suas lora recursos.

Luctar e sentir é o nosso dilemama, suposto pelas nossas loras como independentes filhos da mais preciosa joia do Novo Mundo.

O novo anno, que se nos amitta mais cheio de esperanças signaturas, virá, por certo, trazer ao Brasil querido e aos seus allibos da grandiosa zom



De esquerda para a direita, Helena Arago, não identificada, Lúcia Braga, Cleonora Rodrigues de Albuquerque e não identificada.

mandado de leticia e harmonia de rotas, a paz, mas a paz largos para a maior grandios de sua mente que ambece o dante e a vida.

Salve 1918

**Eleição da nova directora da Sociedade "União de Artistas e Operarios" de Itabayanna**

Com a vitoriosa candidatura, logo depois do domingo passad

de, em sua sede propria, pelas 12 horas, a eleição para a nova directoria, que tem de providir os destinos desta importante sociedade em 1918.

Aberto, feita a chamada dos Sues, senos, e Ser Presidente e duas loras elegidas ha sentar o todos, a mictas situação ha escola de mictas, de que dependem todo o progresso e empulso de nossa vida civil da mesma sociedade.

Tambem pelo presidente ha declarado, presumpcionadamente não haver, mictas mictas, a mictas cabida, por grande vaid



“**A FOLHA**” também circulou na cidade de Itabaiana. Teve como diretor o senhor José D. Oliveira e como gerente, Edmilson B. do Nascimento. Não contava com redatores fixos e, segundo informações, recebia colaborações diversas de escritores e intelectuais da cidade. A exemplo dos jornais do século XIX e de alguns do século passado, havia a inserção de um pensamento na primeira página, como no exemplo:

**“É pior ter a alma doente do que o corpo, porque os doentes do corpo apenas sofrem, ao passo que os doentes da alma, além de sofrer, fazem mal”. (Plutarco)**

Exemplar d'A FOLHA, 12.05.1974 – Nº 3



Nas nossas pesquisas, com o apoio do pesquisador e historiador Sonaldo Vital, conseguimos esse valioso exemplar do jornal “**A FOLHA**”, de Itabaiana, o nº. 3, de 10 de março de 1961.

Dele recebemos um grande apoio, com a doação de imagens, não apenas de periódicos que circularam em Itabaiana, mas de outros municípios paraibanos.



**Sonaldo Vital de Oliveira**, pesquisador e historiador, é natural de Juazeirinho-PB. É bacharel em Direito pelo UNIPÊ, especialista em Direito Penal e Processual Penal. Delegado da Polícia Civil da Paraíba – aposentado – é advogado inscrito na OAB-PB. Durante exercício da profissão de delegado, foi titular em diversas delegacias especializadas, entre as quais a do DOPES e Crimes contra as Pessoas; Superintendente Regional de Polícia Civil na Capital e em Patos; corregedor, diretor de disciplina e coordenador regional de polícia civil. Foi um cidadão que atuou

na segurança pública do Estado, mas sem deixar de ser um estudioso da história do nosso Estado.

“**O POVO**” foi outro jornal que circulou na cidade, nos anos 60, mas sem periodicidade definida. Definido na verdade era o interesse político. O texto em 1ª. página, mostra uma briga familiar, com apoio a outro candidato.

**Maria do Carmo Luna**  
**Missa do BOM DIA**

Manoel Feliciano de Luna, irmão, compõe a Missa sempre de espírito de paz e de amor de vez durante Missa do Carmo Luna, para a qual, de 10<sup>h</sup> às 11<sup>h</sup> são cantadas músicas em celebração de sua vida. A 7 horas da Tarde, no Agreste, na Mansão, cidade.

Atenciosamente agradecemos por sua presença e por ser do grande povo.

---

**O POVO**

Um Jornal para os brasileiros de Alagoas

---

**Minha Mensagem ao Povo**



Declaro aqui que não estou apoiando o meu genro José Allencar de Araújo, politicamente, bem como todos da minha família, que sufragarão no dia 11, para Vereador, um candidato do Partido Social Democrático. 25.07.1963-JOÃO MARQUES DE SOUZA

Certo de contar com a devotida ajuda e colaboração de todos os brasileiros, aguardo sua participação e presença de maneira mais agradável possível, no dia 11 de agosto, para o meu genro, que o seu irmão está candidatando ao cargo de Vereador. Colaboração feita pelo PSD e PPS, com Hugo Lacerda para o Partido Democrático. Presente para Manoel Feliciano e este agradeço por sua presença.

MANOEL FELICIANO DE LUNA

---

**RENATO, Para Vereador**  
**Com o Deputado Raimundo Asfora, construirá a grandeza do Itabalano.**

José Nunes Machado

Antigo militante do Partido Social Democrático, desde 1948, e sua inclinação à Câmara é um impulso como praticado em seus legítimos serviços prestados ao partido majoritário.




---

**Manoel Feliciano de Luna**  
**(MANOELZINHO)**

Amigo do Exequente, seu genro José Allencar de Araújo, é conhecido a todos, representado pela família de João - Campesinista. Todos os brasileiros de Alagoas, juntamente com o Exequente, a sua esposa e 11 de agosto.

---

**Definição**

Declaro que não estou apoiando o meu genro José Allencar de Araújo, politicamente, bem como todos da minha família, que sufragarão no dia 11 de agosto, para Vereador, um candidato do Partido Social Democrático. 25.07.1963.

JOÃO MARQUES DE SOUZA

GRANDE COMICIO

Hora, em Campo Grande do PSD, sendo a primeira a 14h, do dia 11 de Agosto de 1963.

Tiragem: 3.000

Preço: 5,00

Próxima edição: Terça-feira

**DEFINIÇÃO**

“Declaro que não estou apoiando o meu genro José Allencar de Araújo, politicamente, bem como todos da minha família, que sufragarão no dia 11, para Vereador, um candidato do Partido Social Democrático.” 25.07.1963-JOÃO MARQUES DE SOUZA.

## Pombal

A cidade de Pombal uma das mais importantes do Sertão paraibano, terra de grandes poetas, teatrólogos, escritores, historiadores, políticos e homens de comunicação, também está presente na história do jornalismo impresso.

Quem lembra o dia de lançamento de um periódico na cidade é um famoso nome da radiofonia da Terra de Maringá, **Clemildo Brunet de Sá**. Ele fala sobre isso, na página 69 do seu livro “Memoriais & Legados”. (Editora Imprell – João Pessoa-PB – 2017)

A criação do projeto, em 2011, segundo Clemildo, foi do advogado e jornalista **Maciel Gonzaga de Luna**, filho de Pombal, que foi residir e estudar em Campina Grande.

Na cidade Rainha da Borborema, Maciel Gonzaga de Luna formou-se em Comunicação Social (Jornalismo) e Direito e atuou, brilhantemente, nas Rádios Caturité e Borborema e nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. Hoje, reside no Rio Grande do Norte. O nome escolhido para jornal pombalense foi “Alto Sertão”. Os envolvidos no projeto: Gonzaga Maciel, Clemildo Brunet e o professor universitário Dr. José Cezário de Almeida.

Como não poderia deixar de ser, a notícia tomou conta da cidade sertaneja, e a primeira tiragem do “Alto Sertão” aconteceu no dia 05 de outubro de 2013, com uma edição especial comemorativa ao mais importante evento do calendário de festas do município, a Festa do Rosário. “Não poderíamos ter escolhido uma data melhor, pois a Festa do Rosário é, sem dúvida, um acontecimento marcante, não apenas para a cidade, mas para a região” – afirma Clemildo Brunet. Com relação ao jornal, segun-

do ele, ficou acertado pelo seu corpo diretivo e redacional, para circular nas datas comemorativas da cidade, ou seja, aniversário de Pombal, Festa do Rosário e festividades de final de ano.



Clemildo Brunet



Maciel Gonzaga de Luna



## **Ingá**

No começo do século XX, outras cidades paraibanas, mesmo pequenas, levavam notícias à população através do jornal impresso, mídia que predominava na época.

Ingá, por exemplo, na região de Campina Grande, teve o seu jornal impresso, denominado “Ingaense”, que circulou apenas entre os anos de 1914 e 1915. Natuba, outro pequeno município paraibano, contou com o seu jornal, o “Natuba Jornal”, que circulou em 1965.

Nessas pequenas cidades, os jornais, na verdade, tinham curto período de circulação, geralmente vendidos ou distribuídos durante as festividades de fim de ano, festa da padroeira, ou nas festividades alusivas aos aniversários de emancipação política dos municípios.

## **Alagoa Grande**

O “Monitor”, em 1917, foi o primeiro jornal de Alagoa Grande. Mas, a cidade contou ainda com o “Gazeta do Paó”, de circulação mensal, entre março e outubro de 1984.

Desse periódico, foram apenas sete exemplares. Sua fundadora foi Maria de Lourdes de Araújo, enquanto a direção comercial contou com os trabalhos de Javancy Celso de Lima. A editoria da “Gazeta do Paó” teve como responsável Orlando Ângelo da Silva, cabendo a parte administrativa a Walcides Ferreira Muniz.

## **Bananeiras**

Bananeiras, principal centro turístico da região do Brejo, contou com alguns veículos impresso: “O Lápis” foi um desses. Teve como redatores José Melo, Octavio de Novaes, João Cirne e Ascendino Filho.

Do seu primeiro ano de circulação até dezembro de 1901, o jornal editou 22 números e mais oito, até 30 de abril de 1902. Não conseguimos apurar, através das nossas pesquisas, a continuidade de sua impressão nos anos seguintes.

“O Lápis” era publicado bimensalmente, em dias indeterminados. Os preços por assinatura: trimestral – 2\$000 (dois mil réis); por ano – 5\$000 (cinco mil réis). Não conseguimos descobrir o tempo de circulação desse jornal de nome curioso.





“O LABOR” circulou no século XIX. Seu primeiro número chegou às mãos dos bananeirenses no dia 05 de setembro 1896 e tornou-se um destaque no jornalismo da região brejeira.

Em 1896, mesmo período em que circulou “O LABOR”, a cidade também conheceu “O REBENTO”, de propriedade da COMPANHIA TYPOGRAPHICA BANANEIRENSE.

# O LABOR

<b>PROPRIETARIE</b>	
<b>COMPANHIA TYPOGRAPHICA BANANEIRENSE</b>	
<b>ANO I</b>	<b>N. 1</b>
<b>LISTADO DE ASSINANTES — CILMADO EM BANANEIRENSE, 5 DE SETEMBRO DE 1896</b>	
<p><b>EXPEDIENTE</b></p> <p><b>ASSINATURA</b></p> <p>Por trimestre, .....28000</p> <p><b>Publicação sem interrupção</b></p> <p><b>O LABOR</b></p> <p>O primeiro número de fevereiro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896. Este primeiro número foi publicado em 05 de setembro de 1896.</p> <p>O primeiro número de fevereiro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896.</p> <p>O primeiro número de fevereiro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896.</p>	<p>90 de setembro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896.</p> <p>O primeiro número de fevereiro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896.</p> <p>O primeiro número de fevereiro de 1896, com quadra de assinantes de 120 exemplares, chegou ao porto de Bananeirenses no dia 05 de setembro de 1896.</p>

Abaixo o exemplar nº, 10, do mês de agosto de 1899.

# O R E B E N T O

PROPRIEDADE da COMPANHIA TYPOGRAPHICA BANANEIRENSE N.º 30 ANNO IV - ESTADO DA PARAIBA - CIDADE DE BANANEIRAS, 12 DE AGOSTO DE 1899

**O CORREIO**

Não foi de todo a 1.ª vez que se viu a imprensa em ação no nosso país, mas a primeira vez da correspondência postal-telegráfica.

De nossas janelas legias, educando a polia intelectual da Parahyba, a cada momento se abrem as portas do Edifício Administrativo do Governo, onde se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Levada ao tempo a educação como a ciência, a arte e a indústria, de hoje em dia, com os conhecimentos da medicina, engenharia e outras de muitas.

Por isso que, por intermédio de um serviço de correio, a correspondência que, até hoje, se fazia por meio de cartas e telegramas, agora se faz por meio de cartas e telegramas, e a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Os serviços que, por intermédio de um serviço de correio, a correspondência que, até hoje, se fazia por meio de cartas e telegramas, agora se faz por meio de cartas e telegramas, e a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Mas o que impetrou do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

O movimento socializador que se dá no Brasil, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Em termos de correspondência, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Acorda o Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

facilmente extrair-se a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

É um produto socializador que se dá no Brasil, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Mas a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

O processo socializador, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Como se vê, este novo processo socializador, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

## BARRACHA DE MALHO

Trata-se de um estabelecimento socializador, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Em termos de correspondência, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Acorda o Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

## LITERARIA DE BANANEIRAS

Trata-se de um estabelecimento socializador, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Em termos de correspondência, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

Acorda o Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva, a cada momento se lê, o nome do Ilustrado Dr. Antonio Soares da Silva.

As nossas pesquisas também apontam para a existência de mais alguns jornais na cidade de Bananeiras. Um com o nome do importante município brejeiro, o “Cidade de Bananeiras”, fundado em 1908; o “Pharol” foi outro que circulou entre os anos de 1909/1910. Destaque-se a “Era Nova” editada em 1916, uma revista que, anos depois, seria publicada em João Pessoa, sobre a qual falaremos no capítulo Revistas.

Jornais com nomes engraçados não faltavam: "O DISCO VOADOR" foi um desses, cujo primeiro número circulou em Bananeiras, no dia 02.02.1955. O slogan era bem interessante: ÓRGÃO DEPENDENTE DE ESMOLAS E CONTRIBUIÇÕES. Diretor: Anatomico; Secretário: Marciano, e Tesoureiro: Troglodita. Seus redatores: Anacretina, Chicotarado e Fulano de Tá-Pa-Lo.

**O DISCO VOADOR** Ano I N.º I  
ÓRGÃO DEPENDENTE DE ESMOLAS E CONTRIBUIÇÕES

Bananeiras, 2 de Fevereiro de 1955

Director: Anatomico — Secretário: Marciano — Tesoureiro: Troglodita  
Redatores: Anacretina — Chicotarado — Fulano de Tá-Pa-Lo

---

**CRONICA**  
APRESENTAÇÃO

Povo de Bananeiras! Daniel Cavalheiro! Raposo, Bonfins, Felício, Timóteo, Galvão, Inácio...

Mocinhas Beneditas, Felícia, Geltona. Bem feitas de corpo. Mal feitas de alma, e até vocês, moçosinhos obrigados, dos lábios pintados com papel encolado, venha o prazer de apresentar-lhes: O DISCO VOADOR.

Chegou lá pouco. Não tem valor, não fundo, não misterioso, nem trapalhões falsas distâncias interplanetárias como os seus homônimos de Marte ou Vênus. O nosso Disco é palpável, simples, viável apenas um pequeno trecho do M. P. S., modesto, agradável, sendo criado para Vagão da Corrida do Bateria, criado por uma benedita Maria Fomaga, vagarosa, vestalegante, a soltar toda fumaça de que um pequeno lançamento na Moto dos Caralhões, e distribuído para todos quando o ferro de engomar de Manoel Rodrigues quando está esquecido na calçada.

Também o nosso Disco não é de Marte. Mas, o de Marte. Não alguma escapa. Mas, esta coisa, conhecida com qualquer um, como o GYRON, custa apenas 2000 que você consegue facilmente e sem prejudicar nas suas relações de amizade.

Afinal, o nosso Disco é mais um disco dentro de outros, graças pelo Adonildo Fomaga, a manter mal feitos o a dano inferior e desaloca a com quilômetros por hora.

Além disso amigos, em suma, o que é o Disco Voador que você tem nas mãos. Vai aproveitar as dicas de festa, engraçadas e Virgem do Livro para brincar, se o senhor a ninguém, e aguarde a todos.

Por outro lado, a nossa intenção, valente do nosso, para fazer chegar ao povo, em geral, todos os seus benefícios, e a desejo de todos de que, este ano de 1955, ao contrário do que passou, que foi tão produtivo em Discos Voadores (de qualidade), tenhamos também o mesmo, seja para de agora, e Deus nos ajude e que se faça um bem de sua vontade.

**Dr. Antonio Coutinho**  
Envia por intermédio deste jornal, aos seus amigos e parentes muitas prosperidades no decorrer do Ano Novo.

**A Construtora Nobrega & Machado**  
por todos intermédios apresenta ao povo de Bananeiras em geral os melhores votos de Feliz Ano Novo.

**O Sr. Belino Patrio**  
por intermédio deste jornal envia a todos os seus parentes e amigos desta cidade, votos de Boas Festas em 1954 e muitas felicidades no decorrer de 1955.

**Feliz Natal e Próspero Ano Novo**  
E o que deseja a todos os seus amigos e amigos, os proprietários da

**Padaria H. Araújo & Cia.**  
Lembrando a todos, que para as festas de fim de ano, recebeu todo o seu estoque, vendendo agora pelos mais baixos preços da cidade, artigos relacionados com as festas de fim de ano, como sejam: Biscoitos finos, Queijão, Doces, Beldias estrangeiras e nacionais, passas, frutas finas e etc.

**HEC. Col. Antonio Passa**  
BANANEIRAS - PB

**Mário Marx de Farias**  
Por intermédio das páginas deste jornal, envia a todos os seus parentes e amigos de Bananeiras, os seus melhores votos de um feliz fim de ano, e muitas prosperidades durante o Ano Novo.

**A Mercadoria de Maria Lindalva Rocha**  
diante de um completo acúmulo de artigos de Mercadoria para vendê-lo por preços sem competir.







Jornalista Gonzaga Rodrigues



José Leal, numa imagem de 1918,  
aos 27 anos

## Alagoa Nova

Alagoa Nova, no Brejo paraibano, também contou com jornais impressos no seu dia a dia. Foi uma cidade onde nasceram e viveram importantes nomes da comunicação paraibana.

Natural da querida cidade brejeira, Gonzaga Rodrigues deu seus primeiros passos no jornalismo em Campina Grande, onde foi estudar. Posteriormente, foi residir em João Pessoa.

O primeiro jornal da cidade de Alagoa Nova foi “O Progresso”, que circulou no ano de 1917.

Lá também viveu José Leal que, nos anos 30, já atuava como correspondente de diversos jornais do país, entre os quais A UNIÃO, em nosso Estado. Em Alagoa Grande, fundou o jornal “O MOMENTO”.

Nascido em São João do Cariri (16.07.1891), José Leal faleceu em João Pessoa (25.10.1976). Jornalista e historiador, ocupou a Cadeira nº 19 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

## Juazeirinho

Três jornais marcaram o dia a dia de Juazeirinho, cidade localizada a 84 km de Campina Grande e a 209 da capital, João Pessoa. A população daquela município, segundo o IBGE (2016), é de aproximadamente vinte mil habitantes. A cidade foi emancipada de Soledade no dia 25 de julho de 1957, por força da Lei nº. 1.747.

Para o historiador, colecionador e pesquisador Sonaldo Vital, o “CORREIO de JOAZEIRO”, Órgão Independente e Noticioso – como assim se apresentava – foi o primeiro jornal da cidade. Seu primeiro exemplar circulou no dia 05.04, 1931, tendo como diretor responsável, Vicente Paiva Neto.

O jornal recebeu o nome da localidade conhecida como Vila Joazeiro, a Juazeirinho de hoje. O nome da Vila surgiu em virtude da fazenda Joazeiro, cujo nome data de 1753.

A propriedade serviu como marco inicial para o surgimento de um aglomerado que, tempos depois, se tornou, obviamente, a hoje cidade de Juazeirinho.





O segundo jornal da cidade foi o “**Gazeta do Cariri**”, lançado justamente nos setenta anos de fundação da cidade, no dia 4 de novembro de 1983. O seu fundador foi Leomarques Silva.

**“GAZETA DO CARIRI”**

Nº 1 Fundador: LEOMARQUES SILVA - Juazeiro em 4 de novembro de 1983

**JUAZEIRINHO 70 ANOS DE FUNDAÇÃO**

**Poesia**

**Resposta a indolência**

Já o terceiro jornal impresso do município, “**JORNAL DA CIDADE**”, circulou durante os festejos dos 85 anos de Juazeirinho, no dia 4 de novembro de 1998, numa edição única, ao preço de R\$ 0,50 (cinquenta centavos).

Ano 1 - Nº 001      Preço R\$ 0,50      04/novembro/98

**JORNAL DA CIDADE**  
ÓRGÃO INFORMATIVO INDEPENDENTE DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO - PB

**Juazeirinho completa hoje 85 anos de fundação**



Prefeitura municipal de Juazeirinho '98



Pedro Paschoal de Oliveira  
★ 29/06/1940 + 31/10/1998

Para comemorar o aniversário de 85 anos de Juazeirinho, preparamos um presente muito do que especial. Durante meses tivemos envolvidos numa busca incessante de fragmentos da nossa história, bem como, de fatos e acontecimentos relevantes que, de algum modo, podemos celebrar e demonstrar a importância desta data. Num trabalho exaustivo e cuidadoso, entrevistamos algumas personalidades e autoridades municipais, reavivamos arquivos, conversamos com algumas pessoas que viveram nos primórdios de toda esta trajetória. Enfim, mergulhamos fundo ao longo de quase um centenário de história para filtrarmos um conteúdo interessante, jornalístico e, acima de tudo, real e coerente com a vida da nossa gente. O resultado de todo esse trabalho você vai encontrar distribuído através das páginas do Jornal da Cidade, Edição Histórica. O nosso presente ao município pelos seus 85 anos de fundação. Esperamos que os leitores possam compartilhar conosco o, sobretudo, consigam perceber a necessidade gratuita e fundamental da existência de um órgão informativo independente em nosso município capaz de difundir e fomentar opiniões, fatos e acontecimentos diversos.

Com amor: João Manoel  
Jornalista, redator e idealizador do JC

**JUAZEIRINHO COMPLETA ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO ENVOLTO EM GRANDE TRISTEZA PELA PERDA DO MAIOR LÍDER POLÍTICO DE SUA HISTÓRIA**

LEIA MATÉRIA ESPECIAL SOBRE OS 85 ANOS DE HISTÓRIA E A TRAJETÓRIA DE PEDRO PASCHOAL. **Página 3 e 4**

**FOSTI UMA ROCHA NA DEFESA DOS NOSSOS IDEAIS. PEDRA FUNDAMENTAL DA NOSSA HISTÓRIA. SUA VIDA, SUA LUTA, CONQUISTAS E GLÓRIAS FICARÃO PARA SEMPRE NA MEMÓRIA DE UM POVO QUE NÃO TE ESQUECERA JAMAIS!**

**CONFIRA MATÉRIA EXCLUSIVA NA PÁGINA CIDADE 2**

**4** EXCLUSIVO: **A morte de um líder.**

**6** Juazeirinho: **um reflexo de cultura.**

**7** Entrevista histórica com **João Vital Greedes.**

**8** Ponto de Vista: Dr. **João Machado de S. Bialor.**

**12** Ensaio: **Os reis do Brasil grande**

**FATOS, ACONTECIMENTOS, ANÁLISE, OPINIÃO E TUDO QUE É NOTÍCIA, VOCÊ ENCONTRA AQUI.**

**JORNAL DA CIDADE. UM JORNAL INDISPENSÁVEL.**



## Monteiro

Monteiro é a mais importante cidade do Cariri paraibano, que revelou e continua revelando grandes nomes no segmento musical e radiofônico. O município também contou com vários jornais.

É claro que, seguindo os passos dos menores centros, seus veículos impressos não tiveram periodicidades definidas. Mas esses veículos sempre circularam, aproveitando momentos festivos ou reivindicatórios dos poderes públicos e da população. O jornal “Correio do Cariri” foi um deles.

Na primeira página de um dos números desse jornal, no final da década de 1950, observe-se abaixo o destaque para um momento importante para a vida da cidade e do povo de Monteiro.

O governador do Estado da Paraíba, Pedro Moreno Gondim, que governou a terra tabajarina entre os anos 1958-1960, chegou à cidade para inaugurar a energia de Paulo Afonso. Com o governador autoridades do Estado e da região, além dos representantes da terra, os deputados Arnaldo Lafaiete e Inácio Feitosa.



A conservação do casario da cidade de Monteiro é algo que chama a atenção dos que a visitam. Com os seus quarenta mil habitantes, a cidade se destaca por sua vida cultural e pelos músicos que a projetam nacionalmente. É a terra do poeta Pinto de Monteiro e de Dejinha (ambos in memoriam), e do compositor e cantor Flávio José.

‘A PAZ’ foi um periódico quinzenal com circulação em duas sextas-feiras, mensalmente. Foi fundado na então Alagoa do Monteiro, hoje cidade de Monteiro, em 1º.04.1898. Tinha como proprietários o senhor Amaro Pereira Lafayette e, como redator, Ivo Pinto de Miranda. Alagoa do Monteiro foi distrito criado em 1865, e o município, com o mesmo nome, em 1872, desmembrando-se de São João do Cariri e passando à cidade em 1873. Em 1921, recebeu foros de cidade e passou a chamar-se apenas de Monteiro.

Como colaboradores, o jornal contava com o apoio do Reverendo Vigário, Padre Manoel Ubaldo da Costa Ramos, Drs. José Joaquim das Neves, Carlos Frederico Costa Ramos, Domingo da Costa Ramos, Herculano d’Oliveira Torres Galindo e Augusto Santacruz Oliveira.

Não temos maiores informações sobre a periodicidade do jornal “A PAZ”. Com relativa dificuldade, conseguimos este fac-símile da primeira página do periódico, que surgiu quando a hoje cidade de Monteiro era Alagoa do Monteiro. Apresentamos alguns trechos (apesar das dificuldades de leitura) do artigo da primeira página, escrito na grafia da época.

O que queres que se diga mais de ti Alagoa do Monteiro? Quero que digão ao mundo quem sou, e onde vivo, para que não se diga como outrora disseram – Alagoa, aldeia pouco importante, da Província da Parahyba do Norte, districto da Villa Real de São João. Sim, o teu interesse estava imperiosamente reclamando que surgisse um jornal, que levasse ao conhecimento do mundo, não uma notícia ligeira d'esta ou d'aquela de tuas qualidades, mas sim uma descrição minuciosa e circunstanciada de todas as tuas grandesas; e este jornal que se exhibe, devido a paciência e força de vontade, digna dos maiores elogios do cidadão Amaro Pereira Lafayette, um dos teus abençoados filhos, que não sendo indiferente aos teus sofrimentos vai acusar os homens do poder perante o tribunal da opinião pública, para que te fação a devida justiça . Alagoa do Monteiro, hoje villa, está situada a 72 léguas da capital deste estado a margem direita do rio Parahyba, ficando a sudoeste da referida capital, e da villa de S. João, da qual dista vinte e duas léguas [...]

(PARTE DO TEXTO EDITORIAL DO JORNAL)

Ano I, número I, do jornal **A PAZ**, de Alagoa do Monteiro, sexta-feira, 1º.04.1898



No fac-símile abaixo, em melhores condições visuais, o exemplar número 9, ANO I, do jornal A PAZ, de 22 de julho de 1898, da então vila Alagoa de Monteiro, hoje cidade de Monteiro.



Na edição acima, 08.07.1898, aparece como redator o nome do Dr. José Joaquim das Neves. “Órgão de Interesses Sociais” era o slogan do jornal que sempre teve como proprietário o Sr. Amaro Pereira Lafayette.



## As Revistas

Há vários anos, tem sido difícil a vida das empresas que trabalham com a mídia impressa. Não é apenas um fenômeno brasileiro. No mundo inteiro, foram muitos os veículos dessa área de comunicação que pararam suas impressoras.

Na Paraíba, jornais como Gazeta do Sertão, O Combate, A Tribuna, O Momento, Contraponto, A Palavra, Diário da Borborema e O Norte (fevereiro de 2012) e o Jornal da Paraíba (em 2016) pararam suas máquinas nos últimos anos. O dia 04.04.2020 foi a vez do Correio da Paraíba, fundado em 5 de agosto de 1953, pelo empresário Teotônio Neto.

E as revistas? Muitas circularam em nosso Estado desde o século XIX. Pararam por problemas diversos: nos últimos tempos, pela substituição do gosto dos leitores, notadamente os mais jovens, apegados aos avanços da tecnologia; hoje, quase tudo é *online*. Vamos conhecer um pouco da história das revistas na Paraíba.

### HISTÓRIA

As revistas começaram a circular muito cedo na Paraíba. De início, voltadas para o entretenimento e a cultura. Depois, a política o esporte e a vida social passaram também a integrar a produção desse segmento jornalístico.

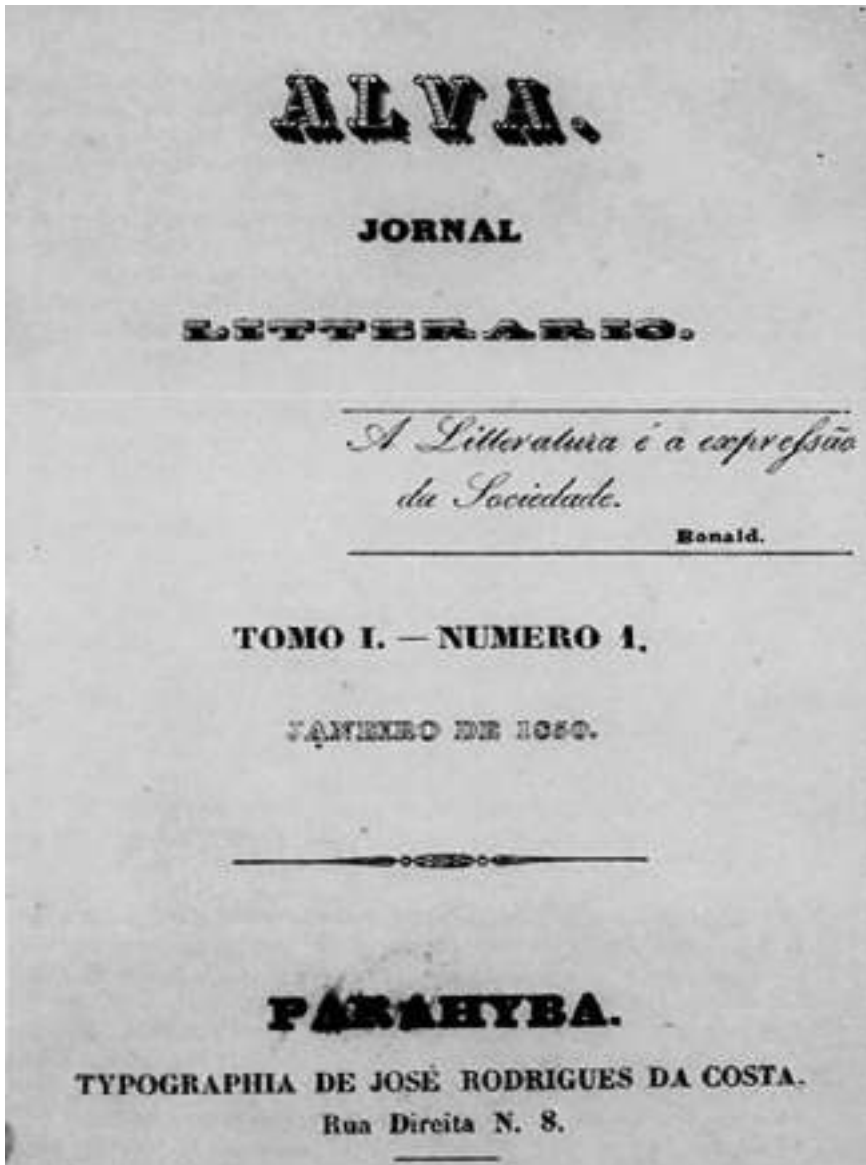
Sobre as revistas que circularam nas diversas cidades paraibanas, encontramos informações e um significativo número e títulos de revistas e jornais/revista editados em João Pessoa, Campina Grande, Areia, Itabaiana, Patos, Sousa, Cajazeiras e outras cidades.

Podemos citar algumas: Alva (jornal/revista), A Ideia, Boletim Eclesiástico, Nova Era, Mensagem, Jornal do Agá, Revista Fisco, A Carta; A Semana; Tambaú, Perspectiva, Horizonte, Educação e Cultura e Revista Extraordinária, O Sol, Letras do Sertão e Fatos (Sousa), Revista Campinense de Cultura, Ariús, Medicina, Revista Facma, Flores de Junho, Panorama, Revista do NEL, Evolução, TREZE Futebol Clube e O FLAMA (Campina Grande).

Completam a lista: Patos em Revista (Patos), Flor de Liz, OBA! e CZN (Cajazeiras), Gleba (Areia), A Cidade (Itabaiana) e Arco Iris (Guarabira).

A impressão do Jornal/Revista Literário ALVA era feita na TYPOGRAPHIA de José Rodrigues da Costa, na Rua Direita, nº. 8 (hoje Rua Duque De Caxias).

Fac-símile da primeira página, volume I, nº. 1 de ALVA e capa do jornal/revista literário.



**ALVA.**  
**JORNAL LITTERARIO.**

*A Litteratura é a expressão  
da Sociedade.*

Bonalá.

---

VOL. I.                      JANEIRO DE 1850.                      N. 1.

**INTRODUÇÃO.**

As vantagens, que produz o jornalismo litterario, são ja ho-  
 je tam manifestas, que dispensam longas provas. Reconhecido  
 geralmente como o meio mais proficuo, que podia a imprensa of-  
 ferecer em beneficio da instrucção e moralidade do povo, poisque  
 é elle o mais facil de pôr ao alcance de todos uma variedade de  
 conhecimentos que aliás á poucos chegaria—o jornalismo litterario,  
 representante do caracter, das idéas, do estado d'um paiz, e indi-  
 cadôr dos passos dados na carreira do Progresso, tem-se tornado  
 um elemento indispensavel da civilisação.

Fôra portanto um absurdo intoleravel negar a necessidade  
 urgente que d'elle se faz sentir em uma terra como ésta, onde  
 pouco se cultivam as letras, onde a industria é nenhuma, o commer-  
 cio padece tristemente na falta de medidas acertadas e conveni-  
 entes ao seu incremento, e a agricultura não tem modificado pa-  
 ra seu aperfeiçoamento aquella rude trilha que a necessidade fê-  
 la seguir.

Duas vezes porém temos testemunhado aqui a nobre tenta-  
 tiva d'uma publicação periodica respectiva tam somente á scien-  
 cia e a litteratura; e duas vezes temos tido o dissabôr de vê-la des-  
 fallecer ante os graves obstaculos deparados em o seu anda-  
 mento. (\*)

Si impresas d'este genero não exigissem mais que os pre-  
 cisos cabedães da intelligencia, persuadimo-nos de que ha muito  
 não contaríamos similhante falta. Mas é que não basta só isso.

Tristes são certamente algumas circumstancias, cujo peso é  
 necessario confortar, senão longo e aturado esforço impregar em  
 combater. O que porém nos dóe fundo, e tem sido a causa  
 principal de muitos de nossos atrasos, ja não são ellas—inda  
 mal: é esse fatal indferentismo tam gelido, o tam arraigado, o

(\*) Fallamos do *Tapuya*, e do *Investigador*.

qual infelizmente s'extende a muitos respeito, e parece em fim, como se fosse fado d'esta infeliz provincia, pesar em tudo que podia tender á sua prosperidade.

E' este um dos mais fortes inimigos que ella tem, e que todavia nos não parece mui difficil de vencer-se.

Cumpre guerria-lo. Convem, intendemos nós, qualquer esforço produzido com similhante proposito.

Não hesitámos pois — comquanto poucos e fracos, mas levados do amor do estudo, e instigados pelo desejo de ver melhorada um dia a sorte de nossa terra, e desobstruido o caminho que deve de leva-la ao templo da civilisação — não hesitamos em imprehender a presente publicação, com a esperanza d'estimular outras pennas mais habilmente aparadas, e que com mais destreza e proveito possam ser manejadas — áfim d'hir despertando o gosto da leitura, adormecido sob a influencia d'hâbitos máus, que a ociosidade alimenta.

Attento o que levamos ditto, não s'espere portanto uma obra de grande vulto. São intelligencias que começam á desinvolver-se agora: apresentam apenas um humilde insaio litterario. Outra cousa não indica o titulo do presente jornal.

### NOTAS

O fac-símile acima é texto introdutório do primeiro número do Jornal Literário ALVA, na verdade uma revista, que circulou em sua primeira edição, no mês de janeiro de 1850. É uma reprodução original. Leiam os textos e vejam as diferenças para a grafia do Português vigente hoje.

Alguns exemplos a observar: tam manifesta; offerecer; pôvo; d'hair; d'hâbitos; attento; não s'espere, s'extende, ditto, imprehender, etc. .

A IDEIA, com circulação entre 1879 a 1880, foi uma revista Crítica, Noticiosa e Literária, como nos mostra o fac-símile do exemplar nº. 3, ano I, dessa publicação quinzenal, do dia 1º. de dezembro de 1879.

O número 1 dessa revista foi publicado no dia 05 de outubro daquele ano. Tanto ele, como o número 3, com melhor qualidade de imagem, conseguimos no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, material que também pode ser obtido junto ao CCHLA da UFPB.





As pesquisas apontam para uma outra revista na então Cidade da Parahyba. Ela circulou entre 1921 e 1926, inicialmente, na cidade de Bananeiras, e, pouco tempo depois, passou a ser editada na Capital. Trata-se da revista ERA NOVA, fundada pelo jornalista e literata Severino Lucena, em 27 de março de 1921, quando circulou seu primeiro número.

Tanto essa, como a revista IDEIA, que fazem parte desse trabalho, são, na verdade, as mais antigas encontradas nas pesquisas realizadas. Acreditamos serem as únicas que devam ter circulado nesses dois períodos.



Capa da Era Nova de 15.07.1925, Edição n º 83 - Ano V, com a foto da senhorita Victoria Ribeiro, da elite areiense



Embora não tivesse foco específico no público feminino, foi através da revista *Era Nova* que as amantes da literatura começaram, mesmo timidamente, a participar do projeto, com suas crônicas, artigos e poemas rompendo com a ordem do modelo social vigente.

*Era Nova* tinha uma publicação quinzenal. Participavam de suas edições escritores e intelectuais do Estado e região. A novidade da época era o uso da fotografia na ilustração de suas páginas. Durante muitos anos, as pinturas e desenhos haviam sido os meios usados para os antigos jornais. A partir do século XX, principalmente, a foto passou a ser uma novidade, sendo os retratos muito usados pelas pessoas, principalmente pelas mulheres, nas páginas sociais dos impressos.

A década de 20, na Parahyba, notadamente na revista *Era Nova*, marcou positivamente a presença feminina, através de uma participação mais intensa de seus textos. Podia-se destacar, por exemplo, a coluna “*Cartas de Mulher*”. Não havia, porém, na época, uma imprensa feminina que proporcionasse uma maior abertura para a mulher. Aliás, uma abertura que, até hoje, continua relativamente muito difícil.



## O Espaço poético da Revista *Era Nova*

A proposta da revista *Era Nova*, para o seu fundador e redator-chefe, Guimarães Sobrinho, segundo os pesquisadores, tinha como objetivo inaugurar um novo tempo nos meios da literatura e da intelectualidade do Estado.

A revista era impressa na oficina gráfica da Imprensa Oficial. Sua assinatura podia ser feita anual ou semestralmente.

O exemplar também poderia ser adquirido avulso, pelo preço \$600 réis (seiscentos réis).

## O FLAMA no Rádio e revista em quadrinhos

Depoimento do autor do livro  
Gilson Souto Maior



Deodato, numa imagem dos tempos em que atuava na Rádio Borborema

Deodato Taumaturgo Borges foi o responsável pela criação do super-herói, O FLAMA. O surgimento desse herói aconteceu, inicialmente, através das ondas do rádio, mais precisamente a partir de 1960, por meio da Rádio Borborema de Campina Grande.

Depois, ainda na mesma década, ao ser transferido para a Rádio Caturité, em 1968, O FLAMA foi ao ar não apenas através da emissora da Diocese campinense, mas, também, pela Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras.

Esta última emissora pertencia à Diocese de Cajazeiras, o que facilitou a apresentação desse seriado produzido por Deodato.

DÉO, como era carinhosamente chamado pelos amigos das emissoras por onde ele passou, produzia o seriado (novela no rádio) e interpretava FLAMA, que foi sem dúvidas o grande herói das crianças, numa época de ouro do rádio paraibano.

Num primeiro momento, na Rádio Borborema, Deodato Borges contou com nomes importantes da radiodifusão campinense e radioatores de primeira grandeza, como Ari Rodrigues, Silvinha de Alencar, Benjamim Blay, Nelson do Amaral, Walmir Chaves, Eraldo César e Walmir Chaves. Ari fazia o papel como o primeiro Cicatriz, o maior inimigo do FLAMA; Silvinha de Alencar, a Eliana, a esposa do herói; e Benjamim e Walmir Chaves, num primeiro e segundo momentos, o Zito, o filho do FLAMA.

No segundo momento d'O FLAMA no rádio, desta feita na Rádio Caturité, tive a oportunidade de encontrar-me com o grupo e passar ser amigo do extraordinário profissional Deodato Borges. Trabalhei com ele no rádio e aprendi bastante. Além de noticiarista, disc jockey e narrador/comentarista esportivo, fui preparado por ele para ser radioator. Participei de muitas novelas produzidas por ele e tornei-me muito conhecido das crianças, por conta do seriado O FLAMA, produzido pelo querido e inesquecível Deodato Borges. Fiz o papel de CICATRIZ, d'O MONSTRO DE



Deodato ... o pai...



Deodato ...o filho, o hoje Mike Deodato

FERRO e de outros personagens, até o final das apresentações no rádio, quando Deodato se transferiu de vez para João Pessoa, após trabalharmos juntos nos Associados, na TV Borborema em 1973, respectivamente no Rede Tupi de Notícias (Paraíba) e Revista da Cidade.

Trabalhei no seriado O FLAMA, com Deodato, Enildo Siqueira, Antônio Costa, Dora Guimarães, Carmem Cícera (Eliana), Joacir de Oliveira (Zito), Magidiel Lopes, José Tenório, Batista Wanderley e Bartolomeu Cavalcanti. Ainda hoje, quando visito Cajazeiras e Campina Grande, os ouvintes mais idosos – crianças da época – lembram o FLAMA e reconhecem-me. Isso é muito gratificante e mostra a força do rádio.

Certa vez, perguntei ao Deodato: “Por que você resolveu criar esse herói?” “Ora, Gilson, quando trabalhei na Rádio Clube de Pernambuco, anos 60, deixar a Rádio Borborema (1963), me inquietava saber que, uma emissora local, a Jornal do Comércio, apresentava um seriado denominado - JERÔNIMO O HERÓI DO SERTÃO. Era um personagem criado pela turma do Sul. Como não deu tempo criar um herói nordestino, na Clube de Pernambuco, pois tive que voltar para Campina Grande, fiz acontecer na Paraíba. Nasceu O FLAMA. E foi um sucesso” – respondeu o amigo. Primeiro surgiu como novela radiofônica, num período em que as radionovelas faziam um sucesso enorme.



Por fim, com a saída do rádio, o nosso Deodato Taumaturgo Borges fez acontecer a revista em quadrinhos, feita toda por ele – as histórias e os desenhos perfeitos. Ele foi um dos mais brilhantes desenhistas que o Brasil já conheceu. E esse professor nos presenteou não apenas, com a revista O FLAMA. Deixou como presente para o Brasil e para o mundo \*Deodato Taumaturgo Borges Filho, mais conhecido como Mike Deodato, desenhista brasileiro de história em quadrinhos. Um dos melhores quadrinistas do mundo.

Deodato Taumaturgo Borges foi um jornalista, radialista e quadrinista brasileiro, criador da radionovela e revista em quadrinhos O Flama. Nasceu na cidade de Campina Grande, no ano de 1934. Faleceu no mês de agosto de 2014, em João Pessoa, aos oitenta anos.

Deodato Taumaturgo Borges Filho - Mike Deodato Jr. - nasceu em Campina Grande no dia 23 de maio de 1963. Seus principais trabalhos: Mulher Maravilha, Thor, Hulk. Prêmios “Best Moment Of The Year” (2009), por Tanderbolts #120, Autopsy Awards.



Mozart Montenegro, jornalista e publicitário morreu no dia 28 de março de 2016. Sua esposa, Izabel Montenegro, também falecida, foi uma das grandes colaboradoras da Revista FISCO.

## Revista do FISCO

A Revista Fisco, fundada em dezembro de 1969, foi uma das mais longevas publicações em nosso Estado. Foi originada do Jornal do FISCO, editado pela AFRAFEP até 1968. Com circulação mensal, era impressa nas oficinas do jornal A IMPRENSA, este, um periódico da Arquidiocese da Paraíba.

A revista teve como fundadores o publicitário e jornalista, \*Mozart Montenegro e o jornalista Hélio Zenaide, que foram seus diretores boa parte do tempo de sua existência. Não se pode esquecer a valiosa participação, durante vários anos, do jornalista Marcos Tenório, destacado colaborador na diagramação e elaboração de matérias dela.

Durante muitos anos, a Revista Fisco contou, ainda, com a diagramação e projeto gráfico da comunicadora e designer Ilka Cristina, titular da empresa Estampa PB.

Durante os períodos em que esteve na revista, Mozart Montenegro procurou publicar não apenas as atividades do fisco estadual, mas, também, divulgar e promover os empresários, destacando-os anualmente, através de diversos eventos entre os quais “OS CEM MAIORES CONTRIBUINTES DE ICMS”. Esta era uma festa para homenagear aos maiores contribuintes de impostos do Estado.

Ressalte-se que a revista também teve como editora responsável, mas, já sem o Mozart Montenegro à frente, a competente jornalista Naná Garcez. Por sua vez, o jornalista e publicitário Mozart foi responsável, durante quase sete anos, pela editoração da Revista Resumo, publicação que destacava, prioritariamente, os grupos empresariais paraibanos.



Emanuel Montenegro diretor da revista Painel Empresarial

## **Revista Painel Empresarial**

Seguindo os caminhos do pai, Mozart, que sempre dedicou uma especial atenção aos seus trabalhos nas revistas em que atuou, Emanuel Montenegro é responsável pela revista PAINEL EMPRESARIAL.

Promover o empresariado paraibano e suas ações, em prol do Estado da comunidade tem sido o objetivo de Emanuel que, como publicitário e advogado, segue os caminhos do pai. “Os Cem Maiores contribuintes do ICMS foi um trabalho realizado por Mozart Montenegro, o qual terá continuidade com a revista que eu comando” – afirma Emanuel.





Naná Garcez, natural de Sergipe é um nome de destaque no jornalismo estadual

## Revista EDIFICAR

Naná Garcez, destacado nome do jornalismo da Paraíba, foi responsável pela publicação da Revista EDIFICAR, um dos mais bonitos trabalhos editoriais realizados já desenvolvido em nossa Capital.

Como citamos, no capítulo A UNIÃO, a jornalista desenvolveu esse trabalho durante alguns anos, com a participação do filho Victor de Castro Dória, diretor executivo, e do esposo, o renomado e competente jornalista Agnaldo Almeida, supervisor editorial.

EDIFICAR tinha como foco a área da construção, mas destacou-se pelos diferenciados temas apresentados e que interessavam ao público em geral.

Foi, até quando circulou, uma leitura obrigatória dos empresários do setor da construção, mas, também, dos amantes de uma boa leitura.

A EDIFICAR circulou até o mês de agosto de 2019.



Josélio Gondim

## A CARTA

A revista A CARTA foi, certamente, uma das mais importantes publicações impressas da Paraíba. O seu fundador foi o jornalista Josélio Gondim, um dos mais representativos valores da história do jornalismo paraibano e com projeção nacional. Atuou no jornal O Norte, ao lado de nomes de destaque do periodismo da Paraíba.

**Josélio Gondim** foi um nome de destaque no cenário nacional do jornalismo em revista, sendo responsável pelo surgimento das revistas A CARTA, em João Pessoa, O Espelho e O Sol, que circularam respectivamente em Brasília e Recife.

O também escritor iniciou suas atividades no jornalismo na década de 50, em São Paulo, onde cursou jornalismo na Fundação Cásper Líbero.

Ainda muito jovem, começou no jornalismo, atuando em jornais como Diário de São Paulo, onde foi repórter, e, logo depois, no Rio de Janeiro, em O Jornal.

Os dois periódicos pertenciam aos Diário Associados.



O jovem Josélio Gondim  
Foto: Blog Duasestradas-PB

Na Paraíba, onde exerceu a profissão por um bom tempo, Josélio trabalhou em O Norte, atuando como subsecretário.

Destacou-se, sobremaneira, como jornalista e proprietário da revista A CARTA, publicação, inicialmente, em âmbito local e, depois, regional. O que chamava a atenção dos leitores era seu variado conteúdo, mas com ênfase para com as matérias dos meios políticos. Com uma boa equipe, A CARTA conseguiu conquistar o leitor paraibano e fez falta quando deixou de circular.



Nonato Guedes (pintura do artista, Marcos Pinto)

**Nonato Guedes**, um dos mais consagrados nomes do jornalismo da Paraíba, além do primeiro jornalista contratado para a revista, ao destacar a importância d'A CARTA, lembra nomes que trabalharam com ele na famosa mídia impressa: Martinho Moreira Franco, Agnaldo Almeida, Biu Ramos, Cláudia Gondim, José Euflávio, Carlos César, Fernando Moura, Djacy Andrade, Sebastião Nery, Oduvaldo Batista, José Nêumane Pinto, Rubens Nóbrega e Gonzaga Rodrigues. “Nomes de peso do jornalismo somente poderiam fazer uma revista de qualidade” – destaca Nonato.

Solicitado para nos contar o começo de tudo, o jornalista cajazeirense não se fez de rogado, afirmando a satisfação em poder relatar um pouco da história da revista do amigo Josélio.

“Tudo começou em 1986, ano em que a Paraíba viveria o grande embate entre Tarcísio de Miranda Burity e Marcondes Benevides Gadelha, na disputa para governador do Estado” – conta Nonato.

No encontro entre Josélio e Nonato, aconteceu o acerto para o cajazeirense trabalhar no projeto d'A Carta: “Nonato, eu quero fazer um trabalho jornalístico com imparcialidade, uma revista que tenha credibilidade dos políticos e dos leitores” – destacou Josélio Gondim, que recebeu, de imediato, o “sim” do jornalista, que teve como primeira incumbência idealizar a primeira capa da revista.

Para um momento de ebulição política, quando se defrontavam dois nomes que até pouco tempo integravam as mesmas lides partidárias e, naquele momento, se apresentavam com ferrenhos adversários, por que não recordar?



Sebastião Nery



José Euflávio



Martinho M. Franco



José Nêmanne



Biu Ramos



Rubens Nóbrega



Gonzaga Rodrigues



Aginaldo Almeida

O primeiro número de A CARTA, nos momentos que assinalavam o início de uma campanha com destino ao Palácio da Redenção, chega às bancas com uma inteligente escolha do jornalista sertanejo. Uma foto e, que foto! Tomando todo o espaço da capa: MARCONDES e BURITY... abraçados.

“De quem é a revista, quem está por trás do projeto? A imparcialidade será sua marca?” Eram essas, mais ou menos as indagações dos dois candidatos, que viam nas matérias publicadas na nova revista, um jornalismo diferente, pois outra parte da imprensa local se pautava, como sempre o fez, sem um comportamento jornalístico definido: imparcialidade!

Assim foi a linha editorial d’A CARTA: do jeito que queria Josélio Gondim e com o apoio de sua equipe de jornalistas.

Dois momentos importantes da história da revista uma de suas edições: primeiro do que qualquer outra publicação no país, o jornalista Josélio Gondim falou sobre o impeachment do presidente Fernando Collor. Previu e aconteceu. Ele, por sinal, trata detalhadamente desse assunto num dos seus livros. Josélio era muito amigo de Collor e da família dele; o outro momento aconteceu quando do encerramento das atividades jornalísticas d’A CARTA, numa ocasião jamais esperada. Ao ser

homenageado pela Assembleia Legislativa, que tinha como presidente o então deputado estadual Gilvan Freire, durante o seu discurso de agradecimento ao receber a Comenda Assis Chateaubriand, Josélio anunciou o encerramento das atividades da revista. Foi uma surpresa para todos os presentes.

Por fim, perguntamos ao jornalista Nonato Guedes: A CARTA teve substituta? “Era insubstituível” – respondeu ele. A famosa revista de Josélio Gondim encerrou definitivamente as suas atividades em 1993.

Como escritor, Josélio publicou vários trabalhos. Entre eles, citamos “Sob o Sol do Nordeste”, em que ele faz revelações sobre os bastidores e episódios do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, de quem era amigo, como já explicitado antes. Outros livros também marcaram sua trajetória: “Eu nu a Caminho dos Elefantes”, “Sacudindo a Poeira” e “CADEIRAS DE RODA – nas antessalas da morte”.



Josélio Gondim, jornalista, escritor e empresário nasceu no antigo distrito de Duas Estradas, do então município de Caiçara, em 1934. e faleceu no dia 07 de agosto de 2010, em João Pessoa, aos 76, em decorrência de problemas cardiovasculares.



Jornalista Neno Rabello  
(10.11.1953-11.07.2016)

## A Semana

Humberto Flávio Rocha Rabello, mais conhecido como Neno Rabello, jornalista e empresário, foi o responsável pela criação da revista A Semana. Durante muitos anos, foi uma das leituras prediletas dos leitores paraibanos. Neno Rabello iniciou suas atividades na comunicação em 1992, assumindo a direção da Rádio Arapuan FM. Em seguida, foi convidado e assumiu o departamento comercial dos Diários Associados – Diário da Borborema, O Norte e emissoras de rádio e televisão do Sistema.

### Sobre A Semana

O primeiro número circulou no dia 14 de maio de 1999 e apresentava uma linha editorial voltada para os segmentos político, econômico e comportamental. “Ela circulou semanalmente, ininterruptamente, por dezessete anos. Foram mais de novecentas edições” – informa-nos o jornalista Jorge Rezende, que foi um dos seus editores durante vários anos.

Jorge ressalta que, na história da imprensa brasileira (e paraibana), foi a revista semanal mais longeva das regiões Norte-Nordeste.





Joanildo Mendes



Rosa Aguiar



Jacinto Barbosa



André Cananéa

Ela deixou de circular no início de 2016, meses depois do falecimento de Neno Rabello, que morreu no dia 11 de julho de 2016, aos 62 anos.

O comunicador era filho de Humberto Lins Rabello e Adylla Rocha Rabello, e irmão do também jornalista Gerardo Rabello. Além de diretor-presidente e fundador da revista *A Semana*, nos últimos anos de atividade na comunicação, atuou como radialista nas rádios Sanhauá e Nova Correio AM 1340. Deficiente visual, Neno, irrequieto e dinâmico, como sempre foi, lançaria no dia 2 de agosto de 2016 o livro ‘Ponto de Vista. Crônicas de um cego que vê’.

Nos seus dezessete anos de existência, *A Semana* contou em seu corpo editorial com os melhores e mais expressivos nomes do jornalismo impresso e do segmento da comunicação no Estado – (e nomes até nacionais) –, a exemplo dos jornalistas Agnaldo Almeida, Nonato Guedes, Cláudio Humberto, Giovanni Meireles, Petrônio Souto, Paulo Santos, Rubens Nóbrega, Gerardo Rabello, José Euflávio, Genésio de Sousa Neto, Marconi Ferreira, Vanderlan Farias, Gílton Lira, Cristovam Tadeu, Augusto Magalhães, Hellen Almeida, Clóvis Roberto, Wellington Farias, Emanuel Noronha, entre tantos outros.

Outros nomes de destaque do jornalismo ocuparam a editoria-geral da revista, entre eles, profissionais como Joanildo Mendes (seu primeiro editor), Walquíria Maria, Jorge Rezende (editor-geral, em duas oportunidades, mas que atuou na revista por mais de doze anos), André Cananéa, Luciana Oliveira, Kaylle Vieira, Jaquilane Medeiros, Jacinto Barbosa (in memoriam), Luiz Carlos Souza e Rosa Aguiar (a última editora).



**Jorge Luís Rezende do Carmo** milita na imprensa paraibana há mais de trinta anos, com passagens por vários meios de comunicação (principalmente jornais, revistas e portais de notícias), além de assessorias de comunicação.

Nascido em Três Corações (MG), é hoje um paraibano de coração. Casou com a paraibana de Itabaiana, Fabiola Meira Rezende do Carmo, que atuou ao seu lado durante muitos anos, responsável pela área administrativa e comercial da revista A Semana. Jorge viveu quase toda a existência da revista, sendo redator/repórter, também editor. É filho de Jorge Severino do Carmo (Alagoa Grande – PB) e Elza Rezende do Carmo (Campanha – MG).

Formado Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, integrou o Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH), no início dos anos de 1980, e passou pela Faculdade de Ciências Físicas e Biológicas de Três Corações, com habilitação em Matemática.



Jornalista Cristina Moura)

## Revista Oba!

Foi em 2001 que uma revista marcou um importante período no jornalismo cajazeirense e paraibano. Um ato de coragem e amor ao jornalismo, por parte dos irmãos jornalistas, Christiano Moura e Cristina Moura. Coragem, pelas dificuldades que se tem em fazer circular uma revista em cidades até dos grandes centros nacionais. E o que dizer de um projeto desse, numa cidade pequeno porte? Sem dúvida, muita coragem, pois aconteceu num período quando os jornais e revistas no mundo inteiro já começavam a sentir o peso da competição dos avanços da tecnologia com a chegada da Internet. É claro que não tão forte como atualmente, mas com a perspectiva de um grande avanço, como aconteceu. E Christiano Moura fala um pouco sobre essa história.



**O jornalista Christiano Moura** não é apenas um apaixonado pelo impresso. A comunicação é a sua verdadeira paixão. As redes sociais, o rádio e também a televisão fazem parte da vida desse inteligente comunicador. A TV Diário do Sertão é outro meio onde esses cajazeirense escolheu para fazer o que gosta, o jornalismo.



“Oba! foi uma publicação diferenciada, com apurada qualidade técnica, editada pela jornalista Cristina Moura, minha irmã”, – diz Christiano. E ele acrescenta; “Uma aventura que durou cinquenta edições mensais, mais ou menos, algumas especiais, entre dezembro de 2001 até janeiro de 2008, com circulação na cidade/região e entre os filhos de Cajazeiras, por todo o Brasil”.

Na opinião do nosso hoje acadêmico da ACAL - Academia Cajazeirense de Artes e Letras de Cajazeiras, Christiano Moura, a revista Oba! foi algo diferente no jornalismo até então feito em Cajazeiras.

“Foram capas belíssimas, entrevistas bombásticas, perfis inusitados e uma coluna social badaladíssima” – diz ele, acrescentando que grandes colaboradores se revelaram nas páginas da revista Oba!

“E, acreditem! A revista teve uma carteira de assinantes que deixava a então poderosa revista Veja em segundo plano na nossa cidade” – finaliza.

Nos momentos finais de conclusão deste trabalho (dezembro de 2019), Oba! - A revistas de Cajazeiras, retornou (imagens abaixo), mas, na versão online, seguindo o caminho de muitas publicações pelo mundo afora. Mais um tento do jornalista Christiano Moura, que solidifica definitivamente todas a tendência cajazeirense em fazer bom jornalismo e, também, formar bons jornalistas, além de seguir os avanços do tempo!



Uma imagem de senhoras da sociedade cajazeirense, integrantes da ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA, no final dos anos 20. Elas foram responsáveis pela criação e fundação da revista Flor de Lys. Atuaram como jornalistas e ativistas culturais femininas da cidade, numa época em que a mulher não tinha quase nenhum espaço para expor suas ideias.

### **Cajazeiras e a sua FLOR DE LIZ**

FLOR DE LIZ foi uma Revista Mensal e Ilustrada – da Ação Social Catholica Feminina, impressa nas “Officinas Graphics D’O Rio do Peixe”. Uma revista de moda, arte, família, religião, liberdade, temas abordados em suas edições, no final dos anos 20, até 1937.

Uma imagem de senhoras da sociedade cajazeirense, integrantes da ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA, no final dos anos 20.

Elas foram responsáveis pela criação e fundação da revista Flor de Liz, e atuaram como jornalistas e ativistas culturais femininas da cidade, numa época em que a mulher não tinha quase nenhum espaço para expor suas ideias.

De ação social, católica feminina e de orientação diocesana, a revista contou com a participação efetiva e permanente da professora Odília Formiga Leal, no linguajar atual, uma “ativista cultural e religiosa”. Ela, esposa do professor Hildebrando Leal, natural de São João do Rio do Peixe, provinha de família tradicional do Sertão. Dois nomes que também viveram os momentos dessa revista foram os das professoras Aline Rolim e Oscarina Coelho, respectivamente, secretaria e gerente da Flor de Liz.

Ao lado delas, também integraram a revista, como fundadoras, mulheres de destaque da vida social de Cajazeiras, entre as quais, Fortunata Assis, Cecília Pegado, Maria Tavares, Tarquínia Albuquerque, Júlia Tavares, Sinhazinha Ramalho, Adalgisa Reis. Santa Ribeiro, Izabel Cartaxo (esposa do poeta cajazeirense Cristiano Cartaxo), Odília Leal, Rosa Tavares, Cynthia Matos e Rosa David.

A revista circulou mensalmente, chegando às mãos do público leitor por mais de dez anos. A primeira edição data de 1926, tornando-se uma leitura obrigatória dos cajazeirenses e das cidades da região, até 1937, quando Odília e o professor Hildebrando foram residir em Campina Grande.

Numa época em que a mulher não tinha tanto espaço na velha sociedade patriarcal, essa revista feminina foi produzida por um grupo de mulheres católicas, que fizeram um jornalismo diferente e audacioso para os costumes da época. Escreviam sobre os mais variados assuntos: moda, beleza, família, casamento, trabalho, educação, religião, culinária, cuidados com a casa, com o marido e os filhos; enfocavam a modernidade e as mudanças comportamentais da época, estilo de vida, costumes.

O cotidiano, tendo como personagem principal a mulher, marcou fortemente a força e a luta dessas cajazeirenses, vistas de soslaio pelos machistas da época. Não foi um trabalho fácil, mas as mulheres cajazeirenses, professoras e escritoras da Paraíba do começo do século XX mostraram força e união, e a revista FLOR DE LIZ é, ainda hoje, uma boa lembrança de Cajazeiras e do seu povo.





Jornalista Walter Santos

## Revista Nordeste

A Revista Nordeste foi criada pelo jornalista, multimídia e analista político Walter Santos, que traz no seu currículo passagens pelos principais jornais do Estado. Correio da Paraíba, A União, O Norte e O Momento foram veículos do jornalismo impresso que conheceram o dia a dia de um dos mais competentes jornalistas paraibanos.

Depois da passagem por esses jornais, Walter Santos buscou novos caminhos na Internet, numa época em que ninguém acreditava nas ferramentas do novo meio.

Então, para alguns, um Walter foi/é sonhador; para outros, um homem de visão jornalística e empresarial. Buscando o novo momento que se descortinava na comunicação em todo o mundo, ele foi em frente. Assim nasceu o Portal WSCOM, em 1999, pioneiro na Paraíba e no Nordeste.

O Portal começou e, aos poucos, foi encontrando o seu espaço junto aos que viam a boa nova da informação. Até as emissoras de rádio passaram, logo cedo da manhã, a fazer leituras das manchetes não apenas dos jornais impressos, mas dos portais, e o idealizado por Walter Santos, o WSCOM, passou a ser acessado. Hoje é um dos mais vistos da Internet. Foi um sucesso! E Walter Santos foi em frente. Veio uma revista.

## **A Revista**

Nasceu a Revista Nordeste, em 2004, o novo projeto de jornalismo impresso com uma ampla visão em que, inicialmente, o Nordeste passou a ser visto e lido em nove Estados, através da boa notícia, “[...] mostrando os fatos e tendências contemporâneas do nosso país e do mundo” – diz Walter.

Durante esses anos (dezesseis anos completados em 2022), impressa e, agora, também na versão online, a Revista Nordeste passou a ter uma visão internacional, com a participação do fundador do polo digital de Lisboa, Rui Coelho. Ele assina (desde 2020) uma coluna, mostrando a realidade e as perspectivas do nosso país irmão, Portugal.

Desde o seu surgimento, a Revista Nordeste recebeu diversos reconhecimento através de inúmeras premiações regionais e nacionais. No ano de 2007, foi uma das vencedoras do “Prêmio AETC de Jornalismo”, um dos mais importantes da mídia paraibana. Apresentou a matéria “A Viena Brasileira”, mostrando a importância da Orquestra Sinfônica da Paraíba; foi uma das finalistas do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, em 2008, com a reportagem “O Be-a-bá da gestão escolar”, sobre a administração e a gestão de escolas nordestinas de excelência.

O trabalho ficou entre as cinco melhores publicações em revista entre mais de mil concorrentes brasileiras.

## **Sobre Walter Santos**

WALTER CÂNDIDO DOS SANTOS tem formação superior em Comunicação Social, pela Universidade Federal da Paraíba (1984) e especialização em Marketing (1993-1996).

No jornalismo, tem uma vasta experiência. Foi editor-geral nos jornais Correio da Paraíba (1990-1994) do jornal O MOMENTO (1988-1990), de A UNIÃO (1985-1987). No jornal O NORTE, foi chefe de redação (1983-1984) e editor internacional (1982-1983); já no Jornal Correio da Paraíba, foi repórter geral - (1979-1982). Atuou como Secretário de Comunicação do Estado da Paraíba no governo de Antônio Mariz (1994-1995); Gerente de Comunicação do SEBRAE/PB (1994-1999); Presidente da Associação Paraibana de IMPRENSA - API (2000-2004); Presidente fundador da Associação Folia de Rua (2000-2002); Vice-presidente Nordeste da Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ (1986-1988); fundador da STARTUPS: NORDESTEBR.COM (2017); Fundador e Diretor da Revista NORDESTE (2006); Fundador e Diretor Presidente do Portal WSCOM, pioneiro na Paraíba e no Nordeste do Brasil (desde 1999).



Jornalista Manoel Raposo

## REVISTA TRIBUNA

### Mais de duas décadas a serviço da cidadania

A TRIBUNA - A Revista dos Municípios da Paraíba, começou a circular em 1998. Já são mais de duas décadas, divulgando as atividades dos municípios paraibanos. A revista, que é dirigida pelo jornalista e editor Manoel Raposo, tem se constituído um valioso instrumento de leitura para quem se interessa por um segmento do jornalismo pouco explorado pelos grandes veículos de comunicação do Estado e, até mesmo, do país.

“A longevidade da Tribuna, por si só, já revela a sua importância para os 223 municípios do Estado da Paraíba, uma vez que disponibiliza ao cidadão de cada uma dessas unidades territoriais uma informação direcionada no sentido de estabelecer um canal de comunicação entre cada uma delas e o cidadão” – afirma o seu fundador Manoel Raposo.

Para o experiente jornalista e escritor **Nonato Nunes**, “nessas duas décadas de existência, a revista já se impôs como um veículo cuja importância transcende o seu próprio conteúdo”.



Nonato ainda acentua que, em sendo uma publicação impressa, já se configura, por si só, como um poderoso instrumento de estímulo à leitura, colaborando, como tal, no sentido de estabelecer pontos de conexão direta do leitor com o texto.

“Alguns jornalistas defendem a opinião de que nenhum outro meio de comunicação – afora o impresso – estabelece uma conectividade tão integral com a língua materna, uma vez que o leitor se põe em contato direto com o texto, pelo qual ele [o leitor] pode estabelecer laços cognitivos com o próprio autor” - afirma o jornalista e autor Nonato Nunes, que há anos assina a coluna “Que história é essa”, na mesma revista.

Ele acredita que apenas o impresso [livro, jornal, revista] tem o condão de abrir a mente das pessoas, liberando, em cada uma delas, não apenas o seu senso crítico, mas também as estimulando a escrever com o zelo que a Língua Portuguesa exige.

“**No meu entender, esse é um dos mais importantes papéis não apenas da revista Tribuna, mas também de todos os veículos de comunicação impressos” - finaliza.**

---



São colaboradores da Revista, nomes como o Desembargador Serpa, Dr. Klécio Leite Fernandes, Assis Camelo Júnior, Nena Martins, Cleanto Gomes, Nonato Guedes, Nonato Nunes, Assis Cordeiro, Ilka Cristina, Fred Menezes. Entre estes, quem colaborou por muito tempo foi o jornalista **\*Rogério Almeida.**

---

Rogério Almeida faleceu no dia 03 de julho de 2021, aos 65 anos. Ele integrava o Departamento de Fisioterapia do Centro de Ciências da Saúde CCS) e a Assessoria de Imprensa da Reitoria da UFPB. Natural de Pacajus, no Ceará, ele vivia há bastante tempo na Paraíba. Era muito conhecido na área do turismo e tinha uma Coluna que tratava sobre o tema. Foi presidente da Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo (Abrajat-PB). Era graduado em Comunicação Social pela UFPB (1983), em Direito (2008-João Pessoa) e Fisioterapia (1976-Fortaleza). Tinha mestrado em Terapia Física, pela Universidade de New York 1989) e doutorado em Biociências (2010), pela UNESP, em São Paulo.

Redatores: Assis Cordeiro, Nena Martins, Sandro Galvão, Nonato Guedes e Nonato Nunes, tendo como editor responsável Manoel Raposo. O projeto gráfico e diagramação da revista Tribuna é de Ilka Cristina da EstampaPB, com fotos de Nyll Pereira e assessorias SecomPB, SecomJP e ALPB. A tiragem da revista é de cinco mil exemplares. A revista, com circulação estadual, tem a responsabilidade da MR Comunicações Ltda.



**Ilka Cristina** é natural de Recife, mas veio muito criança para João Pessoa. Aqui estudou e concluiu curso superior de Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba.

A comunicação como um todo é sua paixão. Durante muitos anos, integrou a equipe da revista Fisco, como redatora e diagramadora. Hoje, titular da empresa EstampaPB, comanda o projeto gráfico da Revista Tribuna entre outras, desenvolvendo ainda projetos para outras publicações, incluindo livros de diversos autores paraibanos e da região Nordeste. Na verdade, pela qualidade dos seus trabalhos, os seus projetos gráficos e de diagramação de revistas e livros têm merecido as atenções dos buscam a sua empresa.



O fotógrafo **Nyll Pereira**, sertanejo de Nova Olinda, por sua vez, representa uma experiência de vários anos no jornalismo impresso da Paraíba (jornais e revistas), não apenas pelos seus conhecimentos das artes gráfica, mas, também, no campo fotográfico. Há quase trinta anos atua no jornalismo fotográfico.



Jornalista Nonato Nunes

## Revista AFINAL ..., um sonho de um jornalista

A revista AFINAL foi um projeto de vida de Nonato Nunes, um dos mais competentes jornalistas da Paraíba. Com passagens na comunicação paraibana, no rádio e jornalismo impresso, esse amante da comunicação conseguiu, com muita luta e determinação, fazer circular entre 2012 e 2013 essa revista, impressa no formato 20,5cm x 26,5cm.



**Esse formato sempre foi o meu predileto, tanto pela comodidade de suas dimensões técnicas, quanto pela facilidade de manuseio na hora da leitura” - afirma Nunes.**

---

A predileção de Nonato Nunes pelos impressos não é novidade para quem o conhece. Ele já escreveu sobre o tema em diversas ocasiões. Com base nesse pensamento, fez algumas tentativas de criação e publicações impressas, tanto em João Pessoa quanto em Guarabira, onde viveu boa parte de sua vida e iniciou sua trajetória no jornalismo.



Ao pensar alguns títulos, tentou até emplacar o tabloide “HOJE”, do qual, segundo ele, somente um número foi impresso. “Em seguida, editei o GAZZETA DO BREJO (2012), também em formato tabloide, e este teve uma longevidade maior: conseguimos mantê-lo por algum período, mas também se mostrou inviável” – afirma Nonato.

A revista AFINAL foi a continuidade do sonho desse grande jornalista. Também um sonho não concretizado por inteiro. Não teve condições de prosseguir. Não faltou competência ao conceituado profissional para a revista emplacar definitivamente. A falta do sustentáculo financeiro fundamental em qualquer empreendimento, além da força da Internet, por ele reconhecida, foram razões que contribuíram para a descontinuidade desse impresso.

**“** Hoje, apesar dessa minha paixão pelos impressos, sobretudo pelos formatos acima descritos, reconheço que a Internet conseguiu dominar todos os quadrantes da leitura. Tanto é assim que muitos dos jornais e revistas, que em épocas passadas eram símbolos de status para uma determinada parcela da população, foram sucumbindo à tentação da ‘comodidade digital’. O resultado não poderia ser outro.” – finaliza Nonato Nunes.

---

## Portal CZN



A revista Portal CZN surgiu em 2003. Anteriormente, ela era impressa em outros formatos, que não o atual. Trata-se de um projeto que busca resgatar e preservar um pouco da história de Cajazeiras, bem como homenagear figuras colaborativas que, de certa forma, se tornaram importantes na memória cidadina e merecem destaque.

Sobre a revista, o professor Francelino Soares, profundo conhecedor da história de Cajazeiras, afirma que as matérias sempre procuram apresentar fatos ocorridos no passado, oferecendo relevância aos que

merecem destaque na sociedade sertaneja, seja no mundo empresarial, como no social, econômico e político.

Hoje, dentro dos padrões que nortearam a sua existência, o Portal CZN prima por dar relevância aos textos daqueles que participam do universo literocultural da região, alguns, inclusive, membros fundadores da Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL.

Os custos das edições, que sempre circulam por ocasião das festividades anuais do Dia da Cidade – 22 de agosto – são bancados por amigos estabelecidos no comércio local, bem como por profissionais liberais e entidades afins. A distribuição é gratuita e, em caráter extraordinário, a revista também é, eventualmente, editada em momentos especiais, como, por exemplo, no Carnaval.

Além de sua edição impressa, agora o Portal CZN circula na forma digital.

Conforme consta do seu expediente gráfico, têm sido colaboradores constantes do Portal CZN, o professor Francelino Soares, Francisco Sales Cartaxo, Reudesman Lopes, Chagas Amaro, Ubiratan di Assis e Wanderley Figueiredo.

A direção é do conceituado radialista Jota França, homem de muitos instrumentos na linha de frente do jornalismo, da radiofonia e, em ocasiões propícias, de atividades vinculadas à política local. Tem sido impressa, ultimamente, na Gráfica IDEAL.

## Referências Bibliográfica

ARAÚJO, Maria de Fátima. Paraíba, Imprensa e vida: jornalismo impresso 1826 a 1986

COSTA, Cláudio Santa Cruz. O Campinense Hortênsio Ribeiro. In: Revista da APL, nº. 8. João Pessoa-PB – 1978.

FERREIRA Rau. Pesquisador/ Historiador – Esperança e Campina Grande-PB

LEAL, José. Vale da Travessia, João Pessoa, API, 1972.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA Tânia Regina de - Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In: História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Eduardo. A UNIÃO – Jornal e História da Paraíba – Sua Evolução Gráfica e Editorial – João Pessoa-PB – 1977.

MEDEIROS, Mário Vinícius Carneiro. Brejo de Areia nos jornais do Século XIX – Ideia Editora – João Pessoa-PB – 2021.

MELLO ARRUDA, José Octávio de – História da Imprensa na Paraíba, João Pessoa: A UNIÃO – Superintendência de Imprensa e Editora, 2011.

NETO CORREIA, Alarico/ PONTES, Juca – organizadores – A UNIÃO, 120 anos – Uma viagem no tempo – A UNIÃO EDITORA– João Pessoa-PB, 2013.

RAMOS, Adauto; “Edmundo do Rego Barros Filho – O Poeta” – João Pessoa PB: Sal da Terra, 2016.

SOARES de Souza, Francelino. Portal da Memória – Um passeio pelo passado de Cajazeiras. Arribaça – Cajazeiras, 2020.

TOSCANO, Eudes Moacir – Tirando de Letra – Histórias e Estórias no Esporte e no Rádio – Editora A UNIÃO - João Pessoa-PB – 2016.

VITAL, Sonaldo, Advogado, Pesquisador/ Historiador –João Pessoa.

## Mídias Eletrônicas

AEDOS REVISTA DO CORPO DISCENTE DO PPG HISTÓRIA DA UFRGS (2019)

- A violência simbólica e o antifeminismo: uma análise da revista Era Nova - (Parahyba, 1920) - Vitória Diniz de Souza - Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Arquivo do IHGP; Curriculum Vitae. DUARTE, Waldemar. Bibliografia.

Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.

Blog do Rubão – jornalista Rubens Nóbrega.

Blog do Pedro Marinho – advogado e jornalista.

COBRACRIADA – memórias do Jornalismo Impresso paraibano –

programa apresentado pela TV CÂMARA DE João Pessoa, com produção e apresentação do jornalista Rubens Nóbrega.

Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG.

Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP.

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares

da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015.

Lúcia Gaspar - Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco

pesquisaescolar@fundaj.gov.br – Recife-PE

[www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/diversos.html](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/diversos.html)

“Revista” O Itaporanguense do Século”, junho de 2001.

[www.ebc.com.br/educação/.../biblioteca-nacional-lanca-hemeroteca-digital-brasileira](http://www.ebc.com.br/educação/.../biblioteca-nacional-lanca-hemeroteca-digital-brasileira)

## **SOBRE O LIVRO**

**Autor** | *Gilson Souto Major*  
**Revisão** | *Francelino Soares*  
**Capa** | *Nonato Nunes*  
**Diagramação** | *EstampaPB/Ilka Cristina*